O ANTIGO TESTAMENTO INTERPRETADO

VERSÍCULO POR VERSÍCULO

Autor
R. N. Champlin, Ph. D.

LEVÍTICO

HAGNOS

LEVÍTICO

O Livro do Culto a Yahweh

Porei o meu tabernáculo
no meio de vós,
e a minha alma não vos
aborrecerá.
Andarei entre vós,
e serei o vosso Deus,
e vós sereis o meu povo.

Levítico 26.11,12

Levítico

27 Capítulos
859 Versículos

INTRODUÇÃO

Levítico é o terceiro livro do Pentateuco, chamado em hebraico *Wayyiqra*, que é a palavra inicial do livro e significa "Ele chamou". O título "Levítico" derivou-se da Vulgata Latina *Leviticus*, que por sua vez emprestou o vocábulo da LXX grega *(Leuitikon)*. O nome Levítico foi atribuído ao livro devido ao fato de que nele é descrito o sistema de adoração e conduta levítica. Por outro lado, este nome é enganoso, pois as funções sacerdotais eram exercidas por um grupo seleto que se proclamava descendente de Arão, irmão de Moisés. Levítico está muito mais associado a este grupo do que aos levitas propriamente ditos. Na *Mishnah*, o livro é também chamado de "lei dos sacerdotes", "livro dos sacerdotes" e "lei das oferendas"; no *Talmude,* de "lei dos sacerdotes", e na *Pesh,* de "o livro dos sacerdotes". Esses títulos indicam com mais precisão o conteúdo do livro.

Esboço

I. Caracterização Geral
II. Autoria e Data
III. Propósitos
IV. Conteúdo
V. Notas sobre as Leis e a Expiação
VI. A Importância do Livro

I. Caracterização Geral

Levítico é o terceiro dos cinco livros do *Pentateuco*; encerra principalmente a legislação sacerdotal sobre um considerável número de assuntos, conforme se pode ver na lista a seguir:
1. Os sacrifícios (1.1-6.7). 2. O sacerdócio (6.8-10; 21.22). 3. As purificações (caps. 11-15). 4. As estações sagradas (caps. 16 e 23). 5. O preceito acerca da ingestão de carnes (cap. 17). 6. As questões que envolvem o casamento e a castidade (cap. 18). 7. O ano sabático e o ano do jubileu (cap. 25). 8. Os votos e os dízimos (cap. 27).

Os eruditos liberais não acreditam na autoria mosaica desse tipo de material. Ver no *Dicionário* o artigo intitulado *Pentateuco*, com sua discussão acerca da autoridade. Eles pensam que o livro representa os labores do sacerdócio, no decurso de muitos séculos. Os sacerdotes levíticos teriam reunidos e compilado esse material, com base em costumes posteriores. Aqueles eruditos designam fontes de materiais como esses de *P*, a forma inglesa abreviada de *priestly*. Nós traduzimos essa abreviatura por *S*, do termo português "sacerdotal". Ver no *Dicionário* o artigo sobre as alegadas fontes informativas do Pentateuco, *J.E.D.P.(S.),* que procura aclarar e descrever essa teoria. Os estudiosos liberais datam esse material no século VI A.C., quando o sacerdócio levítico consolidou sua organização e sua produção literária. O código de santidade seria o verdadeiro responsável pelos caps. 17—26 do livro de Levítico. Ver no *Dicionário* o artigo *Santidade, Código da*, quanto a completas explicações sobre essa questão.

Acredita-se que o livro de Levítico, em sua forma presente (resultante de compilação), veio à tona tão posteriormente quanto 500 A.C. Discuto a questão da data do livro na seção seguinte. O judaísmo ortodoxo e os historiadores encontram muito valor no livro de Levítico, mas, no tocante à aplicação de princípios ali exarados, há pouca utilidade em nossos dias, exceto no que diz respeito aos tipos simbólicos. Isso serve de ilustração sobre como algo importantíssimo na fé e na prática religiosa pode vir a tornar-se obsoleto, conforme o avanço no conhecimento.

II. Autoria e Data

A autoria do livro não é atribuída a Moisés em nenhuma passagem do livro. Aqueles que acreditam na plena inspiração das Escrituras dizem: "Devemos o conteúdo do livro à divina revelação dada a Moisés no Sinai". Essa atitude não resolve o problema da autoria de Levítico, mas serve como base para a teoria conservantista que tenta resolvê-lo. Para os críticos, a questão da autoria do livro se esclarece através da teoria documentária que envolve a composição do Pentateuco como um todo.

1. *Ponto de Vista Conservantista.* Embora o livro não registre o nome de seu autor, uma comparação entre Êxo. 40.1-17 e Núm. 1.1 sugere que essas leis pertencem ao primeiro mês do segundo ano depois do êxodo. Por conseguinte, o contexto dessas leis é claramente a revelação dada por Deus a Moisés no Sinai. Por outro lado, a declaração de Lev. 16.1, de que a lei para o Dia da Expiação fora dada depois da morte de Nadabe e Abiú, recontada no capítulo 10, mostra que o material não fora organizado com ênfase na cronologia, mas na lógica. Talvez um escritor posterior tenha organizado o material mosaico do qual Levítico é constituído, mas não há razão para acreditar que o próprio Moisés não tenha preparado as leis. Os conservantistas acrescentam que o ponto de vista crítico envolve a existência de um autor posterior, de caráter fraudulento, que inventou um cenário histórico para todas as leis e narrativas a fim de atingir seus objetivos (z,p. 916).

2. *Ponto de Vista Crítico.* Segundo a teoria documentária, Levítico é inteiramente produto de *P*, a fonte mais recente do Pentateuco, e de *S*, o Código de Santidade. O documento *P(S)*, ou Código Sacerdotal, originou-se por volta de 500 A.C., mas sua redação prolongou-se até o século IV A.C. Os documentos *J,E* e *D*, juntamente com P, que serviram de base para a composição do Pentateuco, não foram usados pelo compilador de Levítico. Ver no *Dicionário* o artigo sobre a teoria *J.E.D.P (S).* O documento *S* originou-se por volta de 570 A.C., por um autor "semelhante a Ezequiel em pensamento e forma de expressão".

Devido ao fato de que Ezequiel trata, até certo ponto, do tema da santidade, o de que muitas das leis de *S* são paralelas às leis encontradas no livro de Ezequiel, alguns eruditos sugerem que Ezequiel tenha compilado *S*. Não obstante, há mais probabilidade de que ambos, Ezequiel e *S*, tenham sido derivados das mesmas fontes de leis e costumes para satisfazer circunstâncias semelhantes. As leis de *S*, como as de *P*, consistem na compilação de leis conhecidas e na classificação de costumes existentes, que até aquela época não haviam registrados na literatura. Muitas das práticas legais são conhecidas de outros códigos mais antigos, embora os detalhes variem em alguns pontos. A data de *S* (570 A.C.) mencionada anteriormente é uma sugestão baseada nas evidências internas e na íntima associação com Ezequiel, todavia a questão da prioridade em tempo entre Ezequiel e *S* não é definida. O material de *S* foi incorporado a Levítico pelo compilador de *P* por volta de meados do século V. A.C., que adicionou ao material, comentários e notas próprias, a fim de atribuir a *S* o estilo de *P*. A despeito disso, os capítulos 17—26, que constituem o Código de Santidade, distinguem-se do Código Sacerdotal em muitas formas. No material de *S* as leis são colocadas num quadro de exortação no qual as passagens têm por tema a santidade de Jeová e a necessidade de santidade por parte de Seu povo, que deve guardar seus estatutos. Israel deve lembrar-se da intervenção divina e evitar a infiltração de coisas impuras, principalmente a idolatria cananita. O tema da santidade é tratado também em outros códigos, mas em nenhum outro é tão difundido como nessa passagem de Levítico.

Alguns problemas discutidos em *P* são também encontrados em *S*, ocasionalmente com tratamentos diferentes. Os capítulos de *S* possuem uma estrutura unificada: iniciam com leis de sacrifícios e terminam com uma exortação. Os assuntos tratados nesses capítulos são extremamente variados, estendendo-se de comida animal, pureza sexual, santidade sacerdotal e calendário festivo, a detalhes de sacrifícios e de leis morais e religiosas (EA. p.322).

Examinando o livro de um ponto de vista formalista, alguns críticos concluem que Levítico é o resultado de estágios sucessivos de composição. M. Noth afirma que somente os capítulos 8—10 pertencem ao documento *P*. O restante do livro pertence ou à tradição oral, ou a outras fontes desconhecidas. Noth declara que há numerosos detalhes no livro que diferem drasticamente dos relatos do documento *P*. Ele acrescenta ainda que tais diferenças o levam a concluir que

as porções não-narrativas do livro possuem história independente, tendo sido inseridas posteriormente nas partes narrativas. Noth e outros críticos que defendem esse ponto de vista atribuem as regulamentações culturais e rituais à tradição oral (*z. p.* 915).

III. Propósitos

Levítico expõe um conjunto de leis e regulamentos que devem ser seguidos pelos israelitas como condição para que Jeová habite no meio deles. Com esse propósito o livro apresenta uma série de leis cultuais, civis e morais. Outros assuntos, como relações sociais, higiene e medicina, são trazidos a esfera da religião nesse livro. Lev. 26.11 e 12 asseguram que o povo desfrutará da companhia de Jeová se obedecer a Seus estatutos e guardar Seus mandamentos. Portanto, o objetivo de Levítico era regular a vida nacional em toda a sua conduta e consagrar a nação de Israel a Deus.

IV. Conteúdo

Levítico contém um registro mais prolongado e desenvolvido da legislação sinaítica, cujo início se acha em Êxodo. O livro exibe um progresso histórico da legislação, conseqüentemente não se deve esperar uma exposição sistemática da lei nesse material. Há, contudo, certa ordem a ser observada, que se fundamenta na natureza do assunto em questão. De modo geral este livro está inteiramente associado ao conteúdo do livro de Êxodo, que conclui com a descrição do santuário ao qual está associada toda forma de culto externo descrita em Levítico.

A. Direções para Aproximar-se de Deus (1.1-16.34)
1. Direções para os sacrifícios sacerdotais (1.1-7.38)
   a. Holocaustos (1.1-17)
   b. Oferta de manjares (2.1-16)
   c. Sacrifícios de paz (3.1-17)
   d. Sacrifícios pelos erros dos sacerdotes (4.1-12)
   e. Sacrifícios pelos erros do povo (4.13-21)
   f. Sacrifícios pelos erros de um príncipe (4.22-26)
   g. Sacrifícios pelo erro de uma pessoa comum (4.27-35)
   h. Sacrifícios pelos pecados ocultos (5.1-13)
   i. Sacrifícios pelo sacrilégio (5.14-16)
   j. Sacrifícios pelos pecados de ignorância (5.17-19)
   l. Sacrifícios pelos pecados voluntários (6.1-7)
   m. Lei acerca dos holocaustos (6.8-13)
   n. Lei acerca da oferta dos manjares (6.14-18)
   o. A oferta na consagração dos sacerdotes (6.19-23)
   p. Lei acerca da expiação pelo pecado (6.24-30)
   q. Lei acerca da expiação pela culpa (7.1-10)
   r. Lei acerca dos sacrifícios pacíficos (7.11-21)
   s. Deus proíbe comer gordura e sangue (7.22-27)
   t. A porção dos sacerdotes (7.28-38)
2. Direções para a consagração sacerdotal (8.1-9.24)
   a. A consagração de Arão e seus filhos (8.1-36)
   b. Arão oferece sacrifícios por si mesmo e pelo povo (9.1-24)
3. Direções sobre a violação sacerdotal (10.1-20)
   a. Nadabe e Abiú morrem diante do Senhor (10.1-11)
   b. Lei sobre as coisas santas (10.12-20)
4. Direções para a purificação sacerdotal (11.1-15.33)
   a. Animais limpos e imundos (11.1-47)
   b. A purificação da mulher após o parto (12:1-8)
   c. Leis acerca da praga da lepra (13.1-59)
   d. Leis acerca do leproso depois de curado (14.1-32)
   e. Leis acerca da lepra numa casa (14.33-57)
   f. Leis acerca das excreções do homem e da mulher (15.1-33)
5. Direções para o Dia de Expiação (16.1-34)
   a. Instruções sobre como Arão devia entrar no santuário (16.1-10)
   b. O sacrifício pelo próprio sumo sacerdote (16.11-14)
   c. O sacrifício pelo povo (16.15-28)
   d. Festa anual das expiações (16.29-34)

B. Direções para Manter um Relacionamento com Deus (17.1-27.34)
1. Direções para preservar a santidade (17.1-22.33)
   a. O lugar do sacrifício (17.1-9)
   b. A proibição de ingerir sangue (17.10-16)
   c. Casamentos ilícitos (18.1-18)
   d. Uniões abomináveis (18.19-30)
   e. Repetição de diversas leis (19.1-37)
   f. Penas para diversos crimes (20.1-27)
   g. Leis acerca dos sacerdotes (21.1-24)
   h. Leis acerca de comer e oferecer sacrifícios (22.1-33)
2. Direções acerca das festas religiosas (23.1-44)
   a. As festas solenes do Senhor (23.1-25)
   b. O Dia da Expiação (23.26-44)
3. Direções para o tabernáculo e para o acampamento (24.1-23)
   a. Lei acerca das lâmpadas (24.1-4)
   b. Pães da proposição (24.5-9)
   c. Pena para o pecado de blasfêmia (24.10-23)
4. Direções sobre a terra (25.1-55)
   a. O ano sabático (25.1-7)
   b. O ano de Jubileu (25.8-22)
   c. Redenção da terra (25.23-34)
   d. Não tomar usura dos pobres (25.35-38)
   e. Escravidão (25.39-55)
5. Promessas e advertências (26.1-46)
6. Instruções sobre votos e dízimos (27.1-34)

V. Notas Sobre as Leis e a Expiação

Leis Sacrificiais

1. *Holocaustos.* O holocausto era um sacrifício voluntário oferecido com a finalidade de assegurar ao ofertante o favor de Jeová. A oferenda consistia na queima de um animal. Exemplos do seu uso encontram-se em I Sam. 13:9; 17.9; Sal. 20.2. 2. A *oferta de manjares*, similarmente ao holocausto, era um sacrifício voluntário. Assim como um inferior oferece um presente a seu superior, como expressão normal de sua submissão e lealdade, também o devoto piedoso fazia ofertas a Deus. A eficácia do ato, no entanto, consistia no envolvimento de renúncia por parte do ofertante, daí a razão de ofertar comida. 3. A *oferenda de par* era também voluntária e expressava a humildade e submissão do ofertante em relação ao seu divino Senhor. Esse sacrifício, o único que podia ser comido por um sacerdote leigo, era motivado por um sentimento de apreciação e servia como expressão pública e moral de gratidão. Peculiar a esta oferenda era o fato de que o animal não fazia expiação (4.20,26,31,35 etc). 4. A *oferenda do pecado* visava a expiação pela transgressão de algum mandamento e designava o sacrifício oferecido. Sangue era o preço exigido para acalmar a ira divina. 5. A *oferta da culpa* envolvia a compensação de um dano causado pelo pecado. A compensação deveria ser feita diretamente à pessoa prejudicada ou ao santuário, por ocasião do sacrifício.

Leis de Purificação:

1. *Animais puros e impuros.* Essa era uma lei dietética que classificava como puros os alimentos considerados benéficos à saúde, como impuros os considerados nocivos. 2. *Regulamentações sobre a lepra* encontram-se nos capítulos 13 e 14. Médicos modernos argumentam que a doença descrita nesses capítulos não é exatamente o mal de Hansen atualmente conhecido.

O Dia da Expiação. A expiação anual ensina que a culpa não é removida pela purificação individual dos vários pecados e impurezas. Um grande sacrifício cobrindo todas as impurezas deveria ser feito para acalmar a ira divina.

VI. A Importância do Livro

Levítico é um livro valioso como fonte informativa dos costumes nacionais, sagrados e seculares, e abrange boa parte da história hebraica. Como documento religioso Levítico é um livro

indispensável para o judaísmo pós-exílico. Mesmo atualmente, os judeus ortodoxos aí encontram suas regulamentações. Levítico, segundo Harford-Battersby, é o monumento literário do sacerdócio hebreu.

Este livro fornece também um alicerce para todos os outros livros da Bíblia. Quaisquer referências a oferendas sacrificiais, cerimônias de purificação ou regulamentações sobre o ano sabático e o ano do jubileu são explicadas em Levítico. Em Mat. 22.40, Jesus disse que toda a lei e os profetas dependiam de Deu. 6.5 e Lev. 19.19. Ao curar o leproso, Jesus o instruiu a seguir a lei concernente a lepra (Lev. 14). Os apóstolos consideravam Levítico um livro divinamente inspirado, relacionado (profeticamente) à doutrina cristã. Por exemplo, os sacerdotes e sacrifícios associados ao tabernáculo prenunciaram o trabalho de Cristo em relação ao céu (Heb. 3.1; 4.14-16; caps. 9 e 10). A afinidade entre Levítico e o Novo Testamento se torna óbvia no livro de Hebreus, considerado por alguns um comentário sobre Levítico no Novo Testamento. De modo geral, os rituais e as idéias do livro influenciaram profundamente o cristianismo, e mesmo uma leitura casual do Novo Testamento evidência tal influência. (ALB AM ANET BA E I IB IOT WBC WES Y Z).

Ao Leitor

"Levítico era o primeiro livro estudado pelas crianças judias; no entanto, com freqüência, é o último dos livros da Bíblia a ser estudado pelos cristãos. Todavia, um livro citado por cerca de quarenta vezes no Novo Testamento deveria revestir-se de grande significado para todo o crente do Novo Pacto. Mesmo desconsiderando o sentido dos tipos dos sacrifícios de Levítico, este livro contém extensas revelações acerca do caráter de Deus — mormente de sua santidade, de Seu amor selecionador e de Sua graça. Ademais, provê ricas lições acerca da vida santificada que Deus espera de Seu povo. Muitas passagens do Novo Testamento, incluindo alguns conceitos-chaves da epístola aos Hebreus, não podem ser devidamente avaliadas se não tivermos um claro entendimento de suas contrapartidas no livro de Levítico" (E. Duane Lindsey, *in loc.*).

A Convicção

O santo Deus de Israel, Yahweh, falou ao povo de Israel, através de Moisés, e proveu a Sua presença no tabernáculo (Êxo. 40.34-38). A proximidade de Deus exigia todas essas normas, para que houvesse orientações e disciplina. Havia expiação, para que houvesse perdão, e havia a presença divina, para que houvesse comunhão com Deus. Em Cristo, porém, tudo isso foi substituído pela encarnação do Logos (João 1.1,14,18), e essa é a mensagem que o Novo Testamento atribui ao antigo livro de Levítico.

Citações de Levítico no Novo Testamento

Mateus:

5.43 (Lev. 19.18); 8.4 (Lev. 13.49); 19.19 (Lev. 19.18); 22.39 (Lev. 19.18)

Marcos:

1.44 (Lev. 13.49); 12.31 (Lev. 19.18); 12.33 (Lev. 19.18)

Lucas:

2.22 (Lev. 12.6); 2.24 (Lev. 12.8); 5.14 (Lev. 13.49); 10.27 (Lev. 19.18); 10.28 (Lev. 18.5); 17.14 (Lev. 13.49)

Atos:

3.23 (Lev. 23.29)

Romanos:

13.9 (Lev. 19.18)

II Coríntios:

6.16 (Lev. 26.11 ss.)

Gálatas:

3.12 (Lev. 18.5); 5.14 (Lev. 19.18)

Hebreus:

6.19 (Lev. 16.2,12); 13.11,13 (Lev. 16.27); 13.15 (Lev. 7.12)

Tiago:

2.8 (Lev. 19.18)

I Pedro:

1.16 (Lev. 11.44 ss; 19.2; 20.7)

Apocalipse:

8.5 (Lev. 16.12); 15.1 (Lev. 26.21); 15.6 (Lev. 26.21); 15.8 (Lev. 26.21); 18.2 (Lev. 17.7); 21.9 (Lev. 26.21)

SACRIFÍCIOS E OFERTAS - TRÊS TIPOS GERAIS

Tipo de Ofertas	*Dedicatórias*			Amizade Comunal	*Expiatória*	
	Queimadas	**Grãos**	**Bebida**		*Pecado*	*Culpa*
Animais e Materiais	Lev. 1.3-17 6.8-13	Lev. 2; 6.14-23	Núm. 15.1-10 Lev. cap. 23	Lev. 3; 7.11-36	Lev. 4.1 – 5.13 6.24-30; Núm. 5.7	Lev. 5.14 – 6.7 7.1-10
Atos de Louvor	touro, carneiro, bode, pomba (animais diferentes eram usados para diferentes propósitos)	Grãos	1/2 him (touro) 1/3 him (carneiro) 1/3 him (cordeiro) him = 1/2 litro	touro, cordeiro, bode (macho ou fêmea)	touro, bode, cabra, cordeiro, pomba	carneiro não-castrado, cordeiro
Atos dos Sacerdotes	- apresentação do animal - sobreposição das mãos - sacrifícios, exceto o de aves - preparação da oferta: retirada do pele, desmembramento, lavagem	- preparação dos grãos de diferentes maneiras - grãos preparados com antecedência	- apresentação de líquidos	- apresentação do animal - sobreposição das mãos - saorifício na entrada do santuário	- apresentação de animais para diferentes propósitos - sobreposição de mãos na identificação e confissão - sacrifício no núcleo do altar (Lev. 7.2)	
Significados	- coleta e manipulação do sangue - animal queimado por completo - retirada da carcaça	- parte queimada, para sacerdotes - parte não queimada, alimento para sacerdotes - ritos de amizade: adoradores e sacerdotes	- libação derramada (Núm. 28.7)	- sangue coletado e jogado - víscera queimada no altar - peito rejeitado e comido por sacerdates - refeição comunal para a família do adorador	- respingar do sangue - víscera queimada no altar - alimento para sacerdotes	- sangue coletado e aspergido - víscera queimada no altar - alimento para sacerdotes
Tipos Cristãos	expiação	dar graças, consagração comunhão	dedicação, dar graças	expiação, dar graças, comunhão, dedicação	expiação, comunhão, restauração	
	O sistema sacrificial como um todo e os diversos tipos de ofertas cobriram e tipificaram a Expiação - missão e provisão de Cristo, em relação às quais o cristão mostra sua gratidão.					

RITOS ESPECIAIS PARA PROPÓSITOS ESPECIAIS

SACRIFÍCIOS, OFERTAS E CERIMÔNIAS

TIPOS

1. Consagração de sacerdotes: Êxo. 29; Lev. 8	carneiro não-castrado queimado; carneiro para ordenação e rituais para oferta de pecado
2. Consagração do templo: II Crô. 29	70 touros; 100 carneiros não-castrados; 200 cordeiros machos para ofertas queimadas; 7 touros; 7 ovelhas etc. para ofertas de pecados
3. Desconsagração do nazireu: Núm. 8.14-17	cordeiro de um ano de idade queimado; diversas ofertas de grãos; ovelha fêmea de um ano de idade para oferta de pecado
4. Purificação - juramento quebrado: Núm. 6.9-12	diversas aves sacrificadas; aves e um cordeiro macho sacrificial de um ano de idade para ofertas de pecado
5. Purificação — leprosos: Lev. 14.12-20	aves sacrificadas para ofertas queimadas e o mesmo para ofertas de pecado
6. Purificação — pessoas com hemorragias: Lev. 15.14-15; 29-30	cordeiro de um ano queimado (ou aves para os pobres); o mesmo para ofertas de pecado
7. Purificação após o nascimento de crianças: Lev. 12.6-8	1/10 de efa de cevada oferecido em ritual, sem óleo e sem incenso. Efa = aproximadamente 4 litros
8. Teste do ciúme: Núm. 5.15-16	1/10 de efa de farinha de trigo fina, ofertas de grãos
9. Ofertas diárias de grãos para sacerdotes: Lev. 6.19-23	1/10 de efa de farinha de trigo fina, sem óleo e sem incenso, para ofertas de pecado
10. Ofertas de pecado para os pobres: Lev. 5.11-13	1/10 de efa de farinha de trigo fina; duas rolas ou dois pombinhos

Consultar o artigo detalhado *Sacrifícios e Ofertas,* no *Dicionário.*

EXPOSIÇÃO

Capítulo Um

Normas para Aproximar-se a Deus (1.1 — 16.34)

Orientação para os Sacrifícios Sacerdotais (1.1 — 7.38)

Os Holocaustos (1.1-17)

Muitos temas desenvolvidos no livro de Levítico tiveram origem no livro de Êxodo. Todavia, Levítico exibe certa progressão histórica. O início do livro é a continuação do final do livro de Êxodo. No fim deste último, foi-nos dito como a presença de Deus encheu o tabernáculo, o que foi um incidente coroador acerca da expressão religiosa original do judaísmo. E o livro de Levítico trata da questão do que deveria significar essa presença entre o povo de Israel, e de como os filhos de Israel deveriam conduzir-se no tocante às leis divinas dadas por Yahweh.

O livro de Levítico mostra-nos como o povo de Israel aproximava-se primitivamente de Yahweh, abordagem essa que acabou totalmente anulada e substituída por Cristo, em Sua encarnação (João 1.14,18 e a mensagem geral da epístola aos Hebreus). A seção frisa essa abordagem mediante holocaustos, e os capítulos primeiro a sétimo dão-nos muitos preceitos acerca dos sacrifícios em geral. O próprio Yahweh deu detalhes sobre os sacrifícios, conforme o primeiro versículo enfatiza. E isso dá continuidade à mensagem do Êxodo, de tal modo que por muitas vezes achamos até o mesmo fraseado. Levítico é uma espécie de manual de sacrifícios. O primeiro capítulo enfoca as leis entregues a Moisés à entrada da tenda da congregação (o tabernáculo) (ver Êxo. 25.22; 26.1-37), durante as vagueações de Israel pelo deserto (Lev. 7.37,38; Êxo. 40.16-18).

"A adoração do sistema religioso do Antigo Testamento tomava a forma de sacrifícios, acompanhados por oração, louvor e dança sagrada. O primeiro capítulo de Levítico trata do sistema de sacrifícios. Os crentes do Novo Testamento não precisam preocupar-se em demasia com os *detalhes* do sistema, e, sim, em *entender* qual era o *sentido* dos sacrifícios, pois isso é importante tanto para a teologia quanto para a religião cristã. Lemos sobre o abate de ovelhas, bodes e pombos, sobre o oferecimento de bolos e de frutos; e, visto que não compreendemos bem essas coisas, elas podem parecer-nos barbáricas e de pouca significação, exceto em um sentido metafórico. No entanto, a idéia de *sacrifício* percorre todo o Novo Testamento. . . e reaparece constantemente na poesia devocional e na literatura teológica da Igreja cristã" (Nathaniel Mickiem, *in loc.*). Ver no *Dicionário* o artigo geral intitulado *Sacrifícios e Ofertas*, bem como os gráficos dados nas páginas anteriores.

Levítico é um livro que ensina como Israel podia aproximar-se de Yahweh. Em *primeiro lugar* (caps. 1-6) temos essa abordagem mediante sacrifício. Em *segundo lugar* (caps. 17-27) descobrimos como o povo de Deus deveria conduzir-se diariamente. A conduta de um homem, como é claro, é um aspecto vital de sua abordagem, pois sem a santificação "ninguém verá o Senhor" (Heb. 12.14). O livro de Levítico, pois, reflete uma abordagem antiga, primitiva, que prefigurava o que, finalmente, nos foi provido em Cristo. A espiritualidade é uma questão de evolução *interminável*, tanto no espírito quanto na conduta do homem (ver II Cor. 3.18).

1.1

Chamou o Senhor. O Pentateuco reflete um marcante *teísmo* (ver a esse respeito no *Dicionário*), pois Yahweh figura como alguém que tem contato constante e familiar com os líderes, mormente com Moisés. Por muitas vezes, a palavra do Senhor fora dirigida a Moisés, de um modo ou de outro, geralmente envolvendo notáveis experiências místicas. Ver no *Dicionário* o artigo intitulado *Misticismo*. Achamos de vez em quando a expressão "disse o Senhor a Moisés", a qual devemos entender não apenas como um artifício literário de introduzir material. Antes, cumpre-nos supor que Moisés era homem que tinha contato quase constante com Yahweh, e aquilo que ele escreveu foi inspirado pelo Espírito de Deus, ainda que tenha sido retocado, aqui ou ali, por outros homens igualmente impulsionados pelo Espírito, tudo o que foi incorporado nos Livros Sacros. Essa expressão também enfatiza o ofício mediatorial de Moisés. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Mediação (Mediador)*. Ver os seguintes exemplos de como Yahweh falou com Moisés: Êxo. 6.2,10; 7.22; 12.1; 13.1; 14.1; 20.1; 31.1; 33.11; 40.1; Lev. 1.1; 4.1; 5.14; 7.22,28; 8.1; 10.3,8,12; 11.1; 12.1; 13.1; 14.1,33; 15.1; 16.1; 17.1; 18.1; 19.1; 20.1; 21.16; 22.1,17,26; 23.1,9,23,33; 24.1; 25.1; 27.1. E o que sucede nos livros de Êxodo e Levítico é típico do Pentateuco todo.

"O Senhor falou" é uma espécie de fórmula de introdução de matérias reveladas ou orientações, conforme muitos autores judeus têm observado; e isso pressupõe o teísmo e o misticismo, conforme declarei antes. Yahweh chamou Moisés da sarça ardente (Êxo. 3.4); quando lhe transmitiu a lei (Êxo. 20); e agora do tabernáculo, levantado ainda tão recentemente (Êxo. 25 ss.).

Tenda da congregação. Ver essa expressão em Êxo. 27.21; 28.43; 29.4,10,11,30,32,42; 30.16,18,20,26,36; 38.8,30; 39.32; 40.2,12,22; Lev. 1.1,3,5; 4.4 etc. A presença de Yahweh tomou conta do tabernáculo (Êxo. 40.34 ss.), e isso o tornou a "igreja" dos hebreus, no deserto. Cf. Êxo. 25.22, sobre o *lugar de encontro* de Yahweh com o Seu povo.

1.2

Quando algum de vós. O texto provê instruções para indivíduos particulares. "Os sacrifícios abordados neste capítulo são tidos como ofertas ou dádivas a Deus, tiradas dentre os bens do ofertante" (*Oxford Annotated Bible, in loc.*).

Oferta ao Senhor. Os capítulos 1-16 oferecem-nos um complexo sistema de ofertas, com intermináveis regulamentos, abrindo uma via de acesso do povo de Israel a Yahweh. Os capítulos 1-7 deste livro oferecem-nos o mais completo e detalhado registro de rituais de sacrifício. E suplementando isso, temos os trechos de Números 28-29 e Deuteronômio 16, que fornecem aspectos especiais de sacrifício e adoração. Ver o artigo detalhado no *Dicionário*, chamado *Sacrifícios e Ofertas*.

Os animais que podiam ser usados nesses sacrifícios eram: o touro, o novilho, a novilha, o carneiro, a ovelha, o bode e algumas aves (vs. 14). Ver os gráficos anteriores, que nos dão idéias gerais sobre o uso desses animais.

1.3

Holocausto de gado. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Holocausto*.

Tipologia: 1. Cristo ofereceu-se como Cordeiro sem defeito. 2. Cristo fez expiação por nós. 3. A pessoa do ofertante era substituída pelo animal sacrificado, sendo esse um dos aspectos da expiação. 4. O sacrifício franqueava o acesso a Deus (Heb. 9.11-14; 10.5-7). 5. As ofertas eram voluntárias, aceitáveis a Yahweh (Lev. 1.3-5).

Estamos tratando aqui de ofertas pelo pecado. Um homem de consciência pesada trazia o animal para ser sacrificado como expiação por seu pecado. Ver no *Dicionário* o artigo intitulado *Expiação*. Os animais assim oferecidos não podiam ter defeito nem doença. Oferecer um animal defeituoso era um insulto a Yahweh. Ver Mal. 1.14. O próprio ofertante trazia o animal a ser sacrificado até o altar de bronze. Ver as notas sobre o *Altar de Bronze*, em Êxo. 27.1.

Os holocaustos, ou seja, sacrifícios totalmente consumidos nas chamas. 1. De gado graúdo (vss. 3-9). 2. De gado miúdo (ovelhas e bodes; vss. 10-13). 3. De cereais, também chamados *ofertas de manjares* (cap. 2). De todas essas ofertas, o touro era o preferido, por ser o animal de maior preço.

Para que o homem seja aceito. Algumas traduções dizem aqui "voluntariamente". Ambas as traduções são possíveis, com base no original hebraico. Mas a forma dada por nossa versão portuguesa parece ser a que tem o apoio da grande maioria dos estudiosos.

"Os *cinco sacrifícios* aqui descritos são: holocausto, de manjares, pacíficos (de comunhão), pelo pecado e pela culpa. Não temos nisso a ordem em que os sacrifícios eram usualmente oferecidos, mas antes uma ordem lógica ou didática, em que os sacrifícios são dispostos de acordo com associações conceituais. Assim, as ofertas de cereais são apresentadas após os holocaustos, pois normalmente os acompanhavam (Núm. 14.15; 28.27,28; Lev. 7.12-14). As ofertas pelo pecado e pela culpa aparecem juntas, porquanto havia entre elas certo número de similaridades, sendo prescritas para determinadas situações que requeriam remédio" (F. Duane Lindsey, *in loc.*).

Os gráficos anteriores ilustram esses vários tipos de ofertas.

1.4

E porá a mão. A imposição de mãos era obrigatória por parte dos ofertantes, tanto no caso dos holocaustos quanto no das ofertas pacíficas. Cf. Lev. 3.2,8,13 e 8.22 (ofertas pacíficas) com Lev. 4.4,15,24,29,33 e 8.14 (holocaustos). O indivíduo que assim oferecia um sacrifício transferia para este o intuito (ou propósito) que tinha em mente, o que envolvia um ato vicário. O ofertante impunha ambas as mãos entre os chifres do animal, quando este ainda estava vivo; e ninguém podia fazer isso em lugar do ofertante. Ao impor as mãos, pois, ele estava confessando seus pecados e pedindo que prevalecesse o poder da expiação. Desse modo, o ofertante identificava-se com a vítima. O ofertante "morria", mas dessa maneira vicária. A vítima era aceita em lugar dele e perdia a sua vida em total dedicação à causa do ofertante.

Para que seja aceito. Yahweh aceitava o sacrifício, e, por via de conseqüência, o seu ofertante, pois, no ato vicário, essas duas coisas eram inseparáveis — o ofertante e o seu sacrifício. Isso possibilitava o *acesso* (ver sobre isso no *Dicionário*), sendo esse o tema principal do livro de Levítico. Ver II Cor. 5.21 quanto à aplicação cristã dessa verdade. Em Cristo, o crente recebe a *justificação* e a *santidade* positiva, e não somente a cobertura do pecado. Pois em face da obra de Cristo, ocorre a obra do Espírito.

Para a sua expiação. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Expiação*. No hebraico, o termo *kipper* significava, originalmente, *esfregar;* mas acabou adquirindo o sentido de *cobrir, limpar, apagar*. A verdadeira cobertura do pecado é obra de Deus (Jer. 18.23; Sal. 78.38), mas isso era simbolizado pelo ato expiatório com

o animal. O homem é aceito pela vontade de Deus, e assim seus pecados são cobertos, limpos e apagados. Naturalmente, em Cristo, temos a realidade, realidade essa que era representada por aqueles atos simbólicos. O valor expiatório é expresso neste versículo e em Lev. 14.20; 17.24; Miq. 6.6; Jó 1.5 etc. Dentro da teologia dos hebreus, os holocaustos tinham esse valor. Ver também Lev. 3.2,8,12; 4.4,15,24; 6.18.

1.5

Depois imolará. Quem executaria o animal? O ofertante. O ofertante não abatia o sacrifício somente no caso de aves. Ver o gráfico antes da exposição de 1:1. O *sangue,* considerado a *vida* do animal, era derramado para que houvesse a morte. Esse sangue era aspergido sobre o altar, diante de Deus. Ver Lev. 17.11; Gên. 9.4; Deu. 12.23. O sangue era o princípio vital do animal, de acordo com um aspecto biológico, mas não a essência que controlava o seu corpo. Outro tanto era dito a respeito do homem, de acordo com a antiga teologia dos hebreus. Houve indícios dessa noção desde bem cedo, como na criação do homem segundo a imagem de Deus (Gên. 1.26,27, onde há notas expositivas). "O homem não *tem* uma alma, e, sim, *é* uma alma. E essa alma tem *dois aspectos:* um visível, e outro invisível. O segundo aspecto é a *vida* (*leven*); e o primeiro é o *corpo* (*lijf*)" (Nordtzij, citado por Nathaniel Micklem, *in loc.*). Nesse sentido, um animal também tem alma, por ser uma criatura portadora de vida. E o sangue, que é o princípio vital biológico, fazia expiação sobre o altar, por ser isso agradável diante de Yahweh. A vida era entregue à morte, vicariamente, por causa do pecado do ofertante, mas isso somente anulava os pecados mediante cobertura, ocultando-os dos olhos de Yahweh. Ver no *Dicionário* o artigo *Alma.*

"O sangue, sede do mistério da vida, era reputado peculiarmente sagrado diante de Deus. Logo, com base no princípio do sacrifício de vida por vida, o derramamento do sangue era eficaz para obtenção do perdão dos pecados e para a reconciliação do homem com Deus. O ato de lançar o sangue contra o altar simbolizava a participação de Deus na cerimônia de expiação (Êxo. 24.6-8)" (*Oxford Annotated Bible, in loc.*). Ver no *Dicionário* os artigos intitulados *Sangue* e *Expiação pelo Sangue;* e na *Enciclopédia de Bíblia, Teologia e Filosofia,* o artigo *Expiação pelo Sangue de Cristo.*

O ofertante sacrificava o animal seccionando sua garganta, no lado norte do altar (vs. 11), enquanto os sacerdotes aparavam o seu sangue. Os sacerdotes serviam de testemunhas e participantes, que aparavam e aspergiam o sangue.

1.6

O ofertante também esfolava o animal e o partia em pedaços (vs. 12). Cf. Lev. 8.20 e Êxo. 19.17. O sacerdote recebia o couro por seus serviços (Lev. 7.8), mas o resto tinha de ser totalmente queimado, se fosse holocausto, para que fosse eficaz no perdão de pecados. Alguns estudiosos vêem os grandes sofrimentos de Cristo simbolizados no ato de esfolamento e de despedaçamento do animal.

1.7

Os filhos de Arão. . . porão. A *preparação* para a queima do animal era feita pelos sacerdotes. A lei do vs. 7 foi formulada quando os sacrifícios ainda eram efetuados em muitos lugares diversos, e não somente no tabernáculo, e antes dos dias quando o altar único tinha seu fogo perpétuo (Lev. 6.13). Alguns eruditos pensam que o ato mencionado neste versículo se aplicava somente aos holocaustos, no grande altar de bronze, do tabernáculo, e que posteriormente não se apagava mais o fogo desse altar.

Lenha sobre o fogo. Madeira era o único combustível permitido sobre o altar de bronze, e era mister que fosse lenha provinda da congregação (Nee. 10.34; 13.31), e não lenha que alguém trouxesse de sua casa. Era mister que fosse madeira de primeira qualidade, não defeituosa ou apodrecida. O povo havia trazido tal madeira, como uma de suas muitas dádivas (Nee. 10.34; 13.31); e trazia-se madeira tirada do depósito de madeira, para as oferendas individuais. No caso do templo de Jerusalém, havia um depósito de lenha, no lado nordeste, no átrio das mulheres, em tempos posteriores, com essa finalidade. No caso do tabernáculo, porém, não somos informados sobre onde era guardada a lenha.

1.8

Várias porções do animal sacrificado eram postas sobre a lenha, a fim de serem queimadas, incluindo a *gordura,* sempre tão escolhida para propósitos de oferta. Os sacerdotes tinham de fazer esse trabalho, visto que estava diretamente ligado ao serviço do altar. Alguns eruditos pensam que isso representa a crucificação de Jesus. O vs. 12 deste capítulo mostra que os pedaços do animal eram postos sobre o altar em determinada ordem. Aqui não nos é dada nenhuma informação a esse respeito; mas, quanto a tempos posteriores, os pedaços eram postos mais ou menos na mesma posição que tinham ocupado no animal vivo. O despedaçamento do animal servia para que a queima fosse mais fácil. Um animal inteiro precisava de muito mais tempo para ser consumido no fogo.

1.9

As entranhas e as pernas do animal tinham de ser lavadas do sangue e da sujeira porventura acumulada. Nos dias do segundo templo, essa lavagem precisava ser repetida por três vezes, e esse excesso de lavagens subentendia que o ato tinha um propósito simbólico de purificação, não se devendo pensar apenas na remoção de sangue e de sujeira. A oferenda precisava estar limpa, antes que fosse apresentada a Yahweh.

Queimará tudo isso sobre o altar. O holocausto era uma queima total, excetuando o couro, que era dado aos sacerdotes, como uma espécie de salário por seus serviços (Lev. 7.8). Assim acontecia porque havia o envolvimento de pecado nessa oferta, e o sacrifício precisava ser consumido totalmente. O ato simbolizava tanto *expiação* quanto *santificação* (ver sobre ambos os ensinos no *Dicionário*).

Aroma agradável ao Senhor. O holocausto tornava-se uma espécie de *incenso,* e esperava-se que o cheiro de carne queimada fosse agradável a Yahweh, que era concebido como quem postado perto, observando e sentindo o aroma. Alguns intérpretes, porém, objetam a esse primitivismo e supõem que a *fumaça-incenso* só tivesse um significado simbólico, tal como o incenso é usado em alguns segmentos atuais da cristandade. Ninguém deveria imaginar que Deus realmente viesse cheirar e gostar do cheiro de incenso. Mas sabe-se que o *incenso* é um emblema da oração. Porém não parece haver tal significado vinculado à fumaça do incenso.

A declaração de que o aroma era agradável a Yahweh, seja como for, é uma expressão antropomórfica. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Antropomorfismo.* Está em foco a idéia de *aceitação* do sacrifício terminado, por ter Yahweh ficado satisfeito em que o homem reconhecera sua culpa e pedira perdão. Assim também, em Cristo, o sacrifício é, ao mesmo tempo, completo e aceitável, e Nele temos vida, e não morte. No trecho de Efésios 5.2, lemos que o sacrifício de Cristo foi, para Deus, um "aroma suave", em um simbolismo tomado diretamente por empréstimo deste versículo e de outros, que lhe são paralelos. Ver as notas sobre Efé. 5.2 no *Novo Testamento interpretado,* onde há uma completa explicação sobre esse simbolismo. Ver também a expressão *aroma suave* em Gên. 8.21; Êxo. 29.18,25,41; Lev. 1.9,13,17; 2.2,9,12; 4.31; 6.15,21; Núm. 15.3,10; 18.17; 28.2; 29.2,36; Eze. 6.13; 20.28; Dan. 2.46; II Cor. 2.15; Fil. 4.18.

1.10

Bodes e carneiros também eram empregados em holocaustos, embora o touro fosse o animal de maior preço, preferido por isso mesmo. Mas a economia do ofertante é que determinava qual animal era oferecido. *Aves* (vs. 14 ss.) também eram permitidas, para o caso dos mais pobres, que não podiam gastar mais do que isso. Ver o gráfico na introdução a este livro, sobre os animais e materiais dessa e de outras ofertas. Se fosse trazido um bode ou um carneiro, precisava ser macho sem defeito. Nesse caso, um homem já estava fazendo uma oferenda inferior, portanto, no mínimo, deveria ser um animal perfeito. Seria um insulto a Yahweh apresentar um animal defeituoso em sacrifício. No caso desse gado miúdo, o ritual era o mesmo que sucedia no caso de gado graúdo, embora o autor não se dê ao trabalho de repetir detalhes. Ver os vss. 3-9 quanto ao modo de proceder, refletido em Efé. 5.2. Ver no *Dicionário* o artigo *Cordeiro de Deus,* onde são anotados os sentidos simbólicos envolvidos. Cf. João 1.29, anotado no *Novo Testamento interpretado.*

1.11

Para a banda do norte. Os intérpretes têm buscado razões para essa declaração de sua localização, razões simbólicas ou não. Mas parece que o local foi escolhido apenas por ser mais aberto e menos atravancado. As cinzas eram postas no lado oriental do altar (vs. 16), e os vasos usados nas lavagens, no lado oeste (Êxo. 30.18), ao passo que a rampa ficava no lado sul. Isso deixava o lado norte como o mais favorável para o ato de abate do animal.

Espargirão. Isso também era feito pelos sacerdotes, nos casos de carneiros e bodes. No quinto versículo deste capítulo é dito outro tanto no caso de touros. Nossa versão portuguesa usa o verbo "espargir", mas o original hebraico indica mesmo "esparramar" o sangue. O sangue era jogado ao pé do altar, estando em baldes, e dificilmente esse ato pode ser chamado de aspersão. No entanto, a *aspersão* ocorria no caso das ofertas pelo pecado, conforme se vê no gráfico na introdução a este livro. Ver as referências dadas nesse ponto; mas, nos casos de ofertas *dedicatórias* e *comunais,* o sangue era derramado ou esparramado.

1.12,13

Esses versículos duplicam, no caso dos carneiros e dos bodes, o que foi dito sobre os outros. Ver os vss. 6-9 quanto a explicações sobre o modo de proceder que o autor duplicou neste ponto.

1.14-16

Um homem mais abastado trazia um touro; um homem de classe média um carneiro ou um bode. Mas um homem pobre tinha de contentar-se com uma ave, ou seja, uma rola ou um pombinho. Mas ninguém estava isento de pecado; e ninguém podia deixar de fazer seu sacrifício. Todavia, o sistema não tinha por intuito empobrecer o adorador.

Essas criaturas eram permitidas nos holocaustos e nas ofertas pelo pecado (Lev. 1.14 ss.; 5.7). Também podiam ser usadas em certas ofertas de purificação (Lev. 15.14,15; Núm. 6.10,11). Devido ao tamanho das aves somente o sacerdote fazia o trabalho todo, incluindo o abate. O homem abria a cabeça da ave com a unha do polegar, perto da nuca, passando pela coluna vertebral, pela traquéia-artéria e pela goela. Desse modo, o sangue era totalmente drenado. O papo, com seu conteúdo, era jogado fora, como inútil para o sacrifício. Essa porção era posta onde também ficavam as cinzas. E a ave, parcialmente aberta desse modo, era queimadá totalmente sobre o altar. O sangue era derramado ao lado do altar. A oferenda era ligeiramente diferente, devido à pequena quantidade de sangue e às pequenas dimensões da ave, mas a *essência* era idêntica ao que se via em outras oferendas.

Os Cinco Animais Próprios para os Sacrifícios. O touro, o carneiro, o bode, a rola e o pombinho, em ordem decrescente de seu valor econômico. Ver Gên. 15.9, onde estão envolvidas as mesmas criaturas. Assim, desde tempos mais remotos, esses eram os animais oferecidos em sacrifício.

Naturalmente havia mais de cinco variedades, se levarmos em conta questões como sexo e idade, como o touro em contraste com a vaca; ou o novilho (de três anos), em contraste com o bezerro (até um ano). Mas havia três animais maiores, o touro, o carneiro e o bode, e havia duas espécies de aves, a rola e o pombinho — *cinco* criaturas ao todo.

A rola e o pombinho eram espécies abundantes na Terra Santa, assim oferecer uma delas não era financeiramente pesado para ninguém. Essas aves chegavam regularmente à Palestina e áreas adjacentes, em revoadas (Can. 2.11,12; Jer. 8.7). Os judeus costumavam criar pombos, portanto havia um bom suprimento doméstico dessas aves (II Reis 6.25; Isa. 60.8; Josefo, *Guerras*, v.4.4). Também havia aqueles que vendiam essas aves. Nos dias de Jesus, chegaram a armar sua feira nos próprios átrios do templo de Jerusalém (Mat. 21.2; João 2.13-16). Devido à pobreza constante em que viviam as massas, as aves oferecidas em sacrifício eram muitas vezes mais numerosas do que os animais de maior porte.

1.17

Este versículo é equivalente aos vss. 12,13, que dizem respeito aos animais maiores. A carcaça tinha de ser dividida. Não é mencionado o ato de lavagem, visto que seria inconveniente lavar algo tão pequeno como uma ave. Aos sacerdotes cabia a tarefa de abater, cortar, pôr sobre o altar e queimar a ave. Incisões eram feitas nas asas, mas sem separá-las totalmente do resto do corpo. A queima era facilitada por esses golpes.

A queima completa do animal significava: 1. A total erradicação do pecado; 2. a total identificação do ofertante com o sacrifício; 3. a total dedicação do ofertante a Yahweh. Nesse tipo de oferta, Yahweh recebia tudo, e o adorador recebia liberdade de seu pecado, o que garantia a reinstauração da comunhão com Yahweh. Ver II Crô. 29.27-28.

Tipos. Aroma Agradável. Ver Lev. 1.9. Cristo dedicou-se inteiramente à Sua missão salvatícia; efetuou total expiação; e livrou os arrependidos de modo absoluto. Cristo era o sacrifício sem defeito, como também a oferta de aroma suave. Ver Efé. 5.1,2; Fil. 2.8; Heb. 10.5-7.

Capítulo Dois

Oferta de Manjares (2.1-16)

As ofertas de manjares ou de cereais antecediam à época de Moisés. Lemos acerca delas em conexão com Melquisedeque (Gên. 14.18) e mesmo antes, nos dias de Caim (Gên. 4.3). Logo, era um rito pré-hebraico, que veio a fazer parte do sistema sacrificial mosaico. Ver o artigo geral no *Dicionário, Sacrifícios e Ofertas*, D. 1,2,3 e E (ponto este que aborda os tempos pré-mosaicos).

"Assim como a oferenda de Abel foi tirada dentre o rebanho, a de Caim foi uma típica oferta de manjares, 'do fruto da terra' (Gên. 4.3-5). Ambos os tipos eram expressões de gratidão e louvor. As ofertas de cereais, com freqüência, acompanhavam os sacrifícios de animais (Lev. 7.11-14; 8.26; 9.4; Núm. 15.1-10)" (*Oxford Annotated Bible, in loc.*).

Três Oferendas de Manjares. As leis atinentes a esse tipo de oferenda estavam divididas em consonância com diferentes modos de preparação: 1. Não cozidas (Lev. 2.1-3). 2. Cozidas (Lev. 2.4-10). 3. De grãos esmagados e tostados, oferecidas com as primícias (Lev. 2.14-16).

Os adoradores traziam essas coisas, que representavam o mantimento de boca para sua sobrevivência, os frutos da terra, os seus produtos agrícolas. Parte servia de provisão para os sacerdotes, e parte era distribuída entre os pobres, sem faiar naquela porção que, naturalmente, era sacrificada nos ritos. Portanto, a totalidade da vida é sacramental no sentido espiritual, pois nada escapa ao serviço de Yahweh. Ver Col. 3.22-24 quanto ao princípio neotestamentário. "Tudo devia ser feito por amor a Cristo, oferecido a Ele. As ofertas de cereais. . . devem ser consideradas símbolos da dedicação e do oferecimento de nossa renda e de nosso trabalho a Deus. . ." (Nathaniel Micklem, *in loc.*).

2.1,2

Ofertas Não-Cozidas (vss. 1-3). *Modus operandi.* 1. O ofertante preparava a sua oferta (vss. 1,4-7). Ver o gráfico antes da exposição de 1.1, quanto aos atos efetuados pelo ofertante e pelos sacerdotes, quanto aos vários ritos. 2. Ele trazia a oferta, provavelmente em um vaso, e apresentava-a ao sacerdote (Núm. 7.13). 3. O sacerdote separava uma porção como memorial (vss. 2,9,16). 4. Essa porção era então sacrificada sobre o altar do Senhor. Uma vez queimada, tornava-se aroma suave, agradável a Yahweh e, assim, era aceita. Essas oferendas exprimiam gratidão e louvor, por ter Deus dado liberalmente, e agora Lhe era devolvida uma porção simbólica.

Ingredientes. Farinha de trigo bem moída, azeite de oliveira, incenso. Este último ingrediente distinguia a mistura de qualquer preparo de alimento, pois ninguém misturaria incenso à sua comida. As ofertas feitas pelos pobres, porém, não incluíam incenso; e à porção que cabia aos sacerdotes também não se adicionava incenso. Ver no *Dicionário* os artigos separados intitulados *Azeite e Incenso.* A farinha de trigo (Êxo. 19.2) tinha o dobro do valor da farinha de cevada (II Reis 7.1,16,18). Para os israelitas, o azeite de oliveira era o que para nós é a manteiga, um ingrediente comum adicionado aos alimentos. O incenso contrabalançava o cheiro picante da carne sendo queimada. Os vss. 4-10 falam de ofertas sem incenso. Em Êxodo 29.38-42, temos a adição de uma libação que acompanhava as oferendas, mas não se menciona incenso ali.

Memorial. Cf. I Cor. 11.24,25, onde aprendemos que a Ceia do Senhor lembra Cristo, o Cordeiro de Deus. A presença de Yahweh era buscada nessas oferendas. Havia um memorial de Seu senhorio e de Sua provisão. Cf. Sal. 20.4 e Atos 10.4. Nesse memorial de Yahweh e de Suas provisões, o Pacto Abraâmico era relembrado. Ver as notas sobre Gên. 15.18.

Oferendas de produtos agrícolas eram universais. Plínio (*Hist. Nat.* liv.xviii. c.2) menciona essas oferendas, "oferecendo frutos aos deuses" com súplicas, mediante o uso de vários tipos de cereais. Os costumes romanos também prescreviam vários modos de preparar, como tostar os grãos. Os *deuses* (de acordo com as idéias gregas e romanas) requeriam essas coisas comuns dos homens, uma porção daquilo que era útil para a vida e a sobrevivência, uma atitude que também prevalecia na legislação mosaica.

2.3

Será de Arão e de seus filhos. Essa era porção dos sacerdotes. A classe sacerdotal era materialmente sustentada em troca de seu serviço espiritual, e uma maneira era receber uma parcela das ofertas, animais ou cereais, para se alimentarem. Ademais, era-lhes permitido ficar com o couro dos animais oferecidos em holocausto (Lev. 7.8), material esse que podia ser usado para várias finalidades.

Cf. I Cor. 9.13,14, onde se vê que a essência do espírito dessa questão passou para o cristianismo. Um ministro é digno de seu salário, que deve provir diretamente de seu trabalho. Ministros que trabalham apenas parte de seu tempo sempre se sentiram embaraçados pela necessidade de dividir o tempo entre o que é sagrado e o que é profano. E também existem aqueles ministros que são preguiçosos ou desmotivados, e trabalham apenas parte de seu tempo útil, quando deveriam estar trabalhando por tempo integral. Mas os abusos não devem ser prejudiciais para um bom princípio.

Cousa santíssima. "As oferendas consistiam em duas categorias: as coisas *santas* e as coisas *santíssimas*. Coisas que eram consideradas *santas*: as ofertas

movidas (Lev. 23.20; Núm. 6.20), os primogênitos sacrificados dos animais limpos (Núm. 18.17), as primícias do azeite, do vinho, do trigo e do sacrifício pascal. Essas coisas podiam ser comidas parcial ou inteiramente, em qualquer lugar limpo, dentro dos limites da cidade, pelos sacerdotes oficiantes e seus familiares (Lev. 10.12-14). E as que eram consideradas *santíssimas* eram: as ofertas de incenso, os pães da proposição (Êxo. 30.26; Lev. 24.9), as ofertas pelo pecado e pela transgressão (Lev. 6.25-28; 7.1,6; 14.13) e as ofertas de manjares, aqui descritas. Essas oferendas só podiam ser comidas no átrio do santuário, e somente pelos sacerdotes" (Ellicott, *in loc.*).

As porções que sobrassem eram comidas pelo ofertante e seus familiares (cf. Lev. 7.15-27). Essas oferendas eram consideradas *santíssimas* por só poderem ser comidas por membros qualificados da casta sacerdotal.

2.4-7

Asmos. . . sem fermento. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Fermento,* bem como as notas sobre o vs. 11 deste capítulo. Passamos aqui para o *segundo* tipo de ofertas de manjares, ou seja, as oferendas *cozidas* (vss. 4-10). Ver os primeiros parágrafos na introdução ao primeiro versículo, bem como o penúltimo parágrafo, quanto aos *três* tipos de ofertas de manjares.

Os ofertantes preparavam bolos asmos ou obréias (bolos muito finos) untadas com azeite (vs. 4); ou mesmo misturas preparadas na assadeira, amassadas com azeite (vss. 5,6); ou, finalmente, misturas preparadas na frigideira, com azeite (vs. 7). Portanto, havia três tipos de misturas assadas ou fritas, e quatro tipos de pães. Independentemente de como um ofertante preparasse suas oferendas de manjares, elas eram aceitáveis. A lei mostrava-se liberal quanto a isso, e não requeria normas especiais que tivessem de ser seguidas à risca pelos adoradores. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Forno.* E nas notas sobre II Sam. 12.31, ver *Forno de Tijolos.*

"O azeite denotava a graça do Espírito de Deus, em Cristo e em Seu povo, e, visto que essas oferendas eram sem fermento, eram assim representadas a sinceridade e a verdade de que nos alimentamos de Cristo, nossa oferta de manjares" (John Gill, *in loc.*).

Vs. 5. Na assadeira. Um tipo de panela ou grelha para frigir. Alguns preferiam usar um forno; outros, uma panela. Uns usariam um modo de preparo; outros, outro modo. A lei permitia certa variedade, e isso encorajava a participação de todos. Os adoradores poderiam assar ou fritar, mas sempre usando os mesmos ingredientes.

Vs. 6. Em pedaços. Isso envolvia o modo final de preparação, que envolvia bolos feitos de vários modos. Os bolos tinham de ser divididos em pedaços, como também sucedia aos animais sacrificados (Lev. 1.6,12). "O pão, partido em pedaços e empapado em azeite, manteiga, leite ou sucos de frutas, ainda constitui um prato favorito entre os árabes beduínos" (Ellicott, *in loc.*).

Vs. 7. A mistura podia ser frita, mas o ingrediente básico tinha de ser sempre o mesmo. O receptáculo envolvido, ao que parece, era mais fundo que uma frigideira comum, e alguns estudiosos insistem em que o bolo era cozido, e não frito. Os bolos eram cozidos em azeite. Assim disse Maimônides (*Mishn.* e *Masseh Hakorbanot,* c. 5, sec. 7). Há uma controvérsia em torno do modo exato de preparação, sugerido no sétimo versículo. Adam Clarke apresentou o equivalente a seis páginas datilografadas sobre a questão! Podemos pensar desde o ato de frigir até o de cozer e o de assar, em vasos de tipo desconhecido, quanto a um ou outro desses modos sugeridos.

2.8

O adorador trazia seus bolos já preparados. Isso não era parte do trabalho dos sacerdotes. O que o adorador trazia, era para Yahweh, por ser Ele o destinatário da oferenda. O sacerdote recebia a oferta e levava-a ao altar. Um leigo não podia aproximar-se do altar. No entanto, no segundo templo, o modo de proceder foi um tanto modificado. Os pedaços de bolo eram postos em um vaso; eram salpicados sobre eles azeite e incenso; e o sacerdote levava a mistura até o altar.

2.9

A porção memorial. Quanto a isso, ver Lev. 2.1,2. Uma mão-cheia do material era tirada, e era queimada sobre o altar. Essa porção cabia a Yahweh como ato de gratidão e reconhecimento por Seu suprimento e bondade. Era-Lhe agradável porque, uma vez queimada, soltava um aroma suave. Quanto a essa questão, ver Lev. 1.9, onde são considerados os sentidos literais e simbólicos. Cf. Gên. 8.21; Êxo. 29.18,25,41; 30.7; Lev. 2.2. Ao sentir o aroma suave, Yahweh ficava satisfeito com a oferta e aceitava o homem que a tinha trazido. E o louvor era assim aceito.

2.10

O que ficar. Essa parte ficava com Arão e seus filhos, para servir de suprimento alimentar. Era a porção *santíssima,* reservada exclusivamente à casta sacerdotal. Ver sobre as ofertas *santas* e *santíssimas,* nas notas sobre o terceiro versículo.

2.11

Nenhuma oferta. . . se fará com fermento. Era proibido o uso de fermento em qualquer das ofertas de cereais. Ver na *Enciclopédia de Bíblia, Teologia e Filosofia* os artigos chamados *Fermento* e *Fermento e Seus Simbolismos.* Usavam-se pães asmos na páscoa e em outras festas separadas, associadas à páscoa. Ver no *Dicionário* o artigo *Pães Asmos,* como também nas notas sobre Êxo. 12.8 ss. O fermento sugeria corrupção, por isso não fazia parte das ofertas de cereais apresentadas a Yahweh. Todavia, podia haver fermento nas ofertas pacíficas e nas ofertas movidas (ver Lev. 7.13 e 23.17). Mas não podia haver fermento em qualquer oferenda que fosse trazida ao *altar,* mas as que não tivessem de vir ao altar, podiam conter fermento.

E de mel nenhum. Ver no *Dicionário* o artigo intitulado *Mel.* O mel pode exercer certa ação fermentadora, e ao que tudo indica era proibido pelo mesmo motivo pelo qual não se podia usar o fermento. Contudo, oferecia-se mel juntamente com as oferendas das primícias (II Crô. 31.5), mas nunca com as ofertas trazidas ao altar, onde havia fogo. Maimônides sugere que o mel fosse proibido por causa de seu uso nas ofertas pagãs (*O Moreh Nevohim,* par. 3, c. 46, par. 481). Homero referiu-se a oferendas aos deuses que continham mel, chamando isso de "doce fruto dos deuses" (*Hino a Mercúrio*). Os egípcios usavam mel em seus sacrifícios (*Misn. Middott,* c. 5, sec. 2). Práticas similares prevaleciam entre os cananeus e os assiro-babilônicos.

Baal Hatturin raciocina que a corrupção da natureza é doce para o homem; o homem ama os seus pecados, e o mel pode servir de símbolo da natureza humana corrupta. Daí, é mister evitar o mel nos sacrifícios. O versículo à nossa frente, pois, adquire certo sentido moral, contra as corrupções interiores. O sacrifício agradável a Deus, o sacrifício de um homem totalmente dedicado ao Senhor, é isento desses elementos comprometedores.

Queimareis por oferta ao Senhor. Ou seja, não podia haver fermento misturado com as ofertas trazidas ao altar de bronze, com os holocaustos. O fermento e o mel eram proibidos nessas ofertas.

2.12

Ver também os vss. 14-16 deste capítulo e Êxo. 23.19 e 34.22. Fermento e mel podiam ser oferecidos com essas ofertas, mas não no caso de ofertas trazidas ao altar de bronze, onde eram queimadas. O Targum de Jonathan diz-nos que os sacerdotes usavam essas ofertas em sua alimentação.

2.13

Temperarás com sal. Ver o artigo detalhado sobre Sal, no *Dicionário.* O cloreto de sódio tem muitos símbolos na Bíblia. O sal emprestava sabor às oferendas que eram dadas, em parte ou integralmente aos sacerdotes, como parte de sua alimentação. Mas também servia de preservativo e de símbolo de comunhão. O trecho de Núm. 18.19 fala em *aliança perpétua de sal,* o que aponta para a comunhão entre Yahweh e Seu povo. Ver também II Crô. 13.5. Os orientais faziam pactos em torno de refeições temperadas com sal, sendo provável que a menção ao sal, neste ponto, indique que todos os sacrifícios e ofertas descritos fizessem parte do *Pacto Mosaico,* conforme comentei longamente nas notas introdutórias a Êxo. 19.1. Ver também, no *Dicionário,* o artigo chamado *Pactos.*

No Oriente Próximo pensava-se que o sal não podia ser destruído pelo fogo. Logo, ficava entendida a sua indestrutibilidade, um apto símbolo das alianças que deveriam perdurar perpetuamente. Sem dúvida, os hebreus não esperavam que seu sistema e suas alianças tivessem fim. Eles imaginavam que Deus já houvesse dito a última palavra. Isso constitui um erro comum na maioria dos sistemas religiosos, que gostam de tentar confinar aquilo que não pode ser confinado, e limitar o que não pode ser limitado. Mas esses limites são impostos somente pelas limitações da mente humana.

No templo de Jerusalém havia um depósito onde o sal, ali guardado, era considerado sagrado. Também podemos dizer que havia algum depósito similar no tabernáculo, embora não haja informações a esse respeito. Os poderes preservadores do sal representavam a natureza pura dos sacrifícios, bem como o próprio Pacto Mosaico. Os antigos pensavam que a vida humana, física, precisa de sal para seu bem-estar e preservação. "Tão essencialmente necessário é o sal que, sem ele, a vida humana não pode ser preservada. . ." (Plínio, *Hist. Nat.* extraída do sétimo capítulo de seu trigésimo primeiro livro). Virgílio comentou sobre o sal e seu valor (*Eneida,* livro iv. vers. 517). Outro tanto fez Homero (*Ilíada,* liv. ix. vers. 214). Ambos falaram dentro do contexto das oferendas feitas aos deuses.

2.14-16

Estes versículos instruem-nos quanto às ofertas de cereais ou de manjares das primícias, oferecidas na época da colheita. Seus ingredientes eram espigas de trigo tostadas ao fogo, ao que se adicionavam azeite e incenso. A partir dessa mistura, uma *porção memorial* (vs. 16) tinha de ser queimada sobre o altar, tal como no caso de outras oferendas. Ver sobre essa questão nas notas sobre Lev. 2.1,2, onde se explica de que modo as ofertas serviam de *memorial* a Yahweh. As oferendas de cereais eram incruentas. Algumas eram feitas sem envolveu o altar e o fogo, mas em outras havia a participação desses elementos. A apresentação de oferta de manjares indicava o senso de gratidão pela provisão dada por Yahweh, bem como a generosidade para com os Seus sacerdotes, que recebiam essas oferendas como porções alimentares. O sistema envolvia a idéia inerente de afirmação de lealdade a Yahweh e ao seu sistema, bem como a idéia de afirmação do Pacto Mosaico. Ver Deu. 26.9,10.

Tipologia. Cristo é o nosso Cordeiro, o nosso sacrifício. As ofertas de cereais simbolizavam a nossa gratidão pelas bênçãos espirituais, recebidas através Dele. O *trigo,* aqui referido como "espigas verdes", talvez aluda à perfeita humanidade de Cristo; o azeite representa o Espírito Santo; o incenso alude à Sua fragrância moral; e a ausência de fermento, indica Sua impecabilidade. O grão que caiu no solo, morreu, para então viver eternamente (ver João 12.23-25).

Os *três* tipos de ofertas de cereal são descritos nas notas introdutórias ao segundo capítulo deste livro, no seu penúltimo parágrafo. Os vss. 14-16 nos dão o *terceiro tipo:* os grãos esmagados e tostados, oferecidos juntamente com as primícias, ou primeiros frutos da colheita do ano.

"Espigas verdes ou meio-verdes de trigo tostado ao fogo é uma espécie de alimento usado pelos pobres da Palestina e do Egito até hoje. Deus aparece como quem está servindo um banquete a Seu povo, pois o tabernáculo era Sua casa. . . e assim Ele se apresenta como quem *compartilhava com eles* de todos os alimentos que eram usados, chegando mesmo a sentar-se junto com os pobres, a comer seu trigo tostado!" (Adam Clarke, *in loc.*).

Vs. 15. Ver Lev. 2.1,2,4,5,7, onde obtemos a mesma informação, juntamente com notas expositivas.

O *vs. 16* é paralelo ao vs. 2, onde são dadas as notas expositivas. As normas sobre o terceiro tipo de oferendas (vss. 14-16) eram as mesmas que as referentes aos outros dois tipos de oferendas incruentas. "Grãos tostados (de vários tipos) eram e continuam sendo um item favorito na alimentação do Oriente (Lev. 23.14; Jos. 5.11; I Sam. 17.17; 25.18; II Sam. 17.28; Rute 2.14)" (Ellicott, *in loc.*).

O sacerdote queimará. Um símbolo da santidade de Deus, a qual requer julgamento. Três coisas são aqui destacadas: 1. Julgamento (Gên. 19.24; Mar. 9.43-48; Apo. 20.15). 2. Deus manifesta-se por meio de Seu poder, e aquilo que Ele aprova, torna-se manifesto (Êxo. 3.2; Êxo. 13.21 e I Ped. 1.17). 3. Purificação (I Cor. 3.12-14; Mal. 3.2,3). No livro de Levítico, o fogo, que produzia o aroma suave a Yahweh também consumia totalmente as ofertas pelo pecado.

Capítulo Três

Sacrifícios de Paz (3.1-17)

"Este capítulo contém a lei das ofertas pacíficas, ensinando-nos no que elas consistiam, e quais os vários ritos e cerimônias ligados a essas oferendas, como era o caso da oferta de alguma cabeça de *gado* e os ritos apropriados (vss. 1-5); ou de *gado miúdo,* como um cordeiro, e os ritos apropriados (vss. 6-11); ou como de uma cabra, e os ritos apropriados (vss. 12-16). O capítulo se encerra com a lei que proibia que se consumisse a gordura e sangue (vs. 17)" (John Gill, *in loc.*).

As ofertas queimadas (primeiro capítulo) envolviam as idéias de expiação e louvor. As ofertas pacíficas, por sua vez também um tipo antiqüíssimo de oferta (ver Êxo. 24.11; Deu. 12.7,18; I Sam. 9.11-14, 22-24), eram uma refeição de pacto, na qual o ofertante se declarava misticamente relacionado a Yahweh, com a comunhão daí resultante.

Josefo chamava as ofertas pacíficas de *ofertas de agradecimento, e não* de ofertas pacíficas (*Antiq.* III.9.2). Mas parece que essa designação é muito estreita, visto que essa oferenda tinha uma aplicação mais ampla do que tal nome parece indicar. Saul ofereceu uma oferta pacífica antes de entrar em batalha (I Sam. 13.9). Algumas dessas oferendas estavam ligadas a festividades (Juí. 20.26). Esse era o tipo mais comum de oferenda, e provia uma refeição comunal, emblema de unidade com Deus no pacto divino, de onde resultavam benefícios. Havia *comunhão* com Yahweh e com o Seu povo, do que resultava a paz.

Ver no *Dicionário* o artigo geral chamado *Sacrifícios e Ofertas,* especialmente sob D.3. Yahweh e Seu povo, unidos mediante o pacto, estavam *em paz e harmonia.* Por isso mesmo, alguns chamam essa oferenda de "oferta de comunhão". As palavras hebraicas *zebah selamim,* traduzidas por *ofertas pacíficas,* têm sido interpretadas como *ofertas de comunhão,* em face da natureza da festa, embora *de paz* pareça uma tradução mais apropriada do próprio original hebraico.

Três Categorias de Ofertas Pacíficas (ver Lev. 7.12-16)

1. *De agradecimento,* com confissão e reconhecimento (o motivo mesmo da oferenda), que era o tipo mais comum (Lev. 7.12-15; 22.29. Cf. II Crô. 29.31; Jer. 17.26).
2. *Votivas* (Lev. 7.16). Um rito que incluía algum *voto* (Lev. 27.9,10) ou o cumprimento de um voto (Núm. 6.17-20). Podia ter a forma de uma oferta queimada (Lev. 22.17-20).
3. *Voluntárias.* Esse tipo exprimia devoção, agradecimento e dedicação. E também podia ter a forma de uma oferta queimada (Lev. 22.17-20). Ver Lev. 7.16 e 22.18-23 quanto às ofertas voluntárias, com esse propósito.

Essas três modalidades de ofertas utilizavam os mesmos animais usados nas ofertas queimadas, excetuando ofertas de aves, que eram consideradas pequenas demais para as refeições comunais que acompanhavam a questão.

Tipologia. Cristo, em Seu sacrifício, trouxe até nós paz e comunhão. Col. 1.20; Efé. 2.17. Ele *é* a nossa paz (Efé. 2.14). Nele reconciliam-se o pecador e Deus. E assim como as ofertas pacíficas forneciam alimentos para os sacerdotes (Lev. 7.31-34), assim também, em Cristo, todas as nossas necessidades nos são supridas. Ver II Cor. 9.8.

3.1

Sacrifício pacífico. Ver a introdução a esta seção, acima, quanto a informações completas sobre a natureza das oferendas descritas no terceiro capítulo de Levítico. Ver também, no *Dicionário,* o artigo chamado *Sacrifícios e Ofertas.*

Se a fizer de gado. Eram empregados os mesmos animais usados nas ofertas pacíficas, essencialmente com as mesmas exigências e ritos, tal como no caso das ofertas queimadas, excetuando que não se usavam aves. O pequeno tamanho as tornava inapropriadas para alguma refeição comunal. Ademais, nessas oferendas, havia a participação dos ofertantes na refeição, o que já não sucedia no caso das ofertas queimadas. Ver meu gráfico sobre os sacrifícios e ofertas do livro de Levítico, na porção introdutória, nas notas antes de Lev. 1.1. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Comunhão.*

O animal, nessa oferenda, podia ser macho ou fêmea. Mas no caso de ofertas queimadas, só podia ser macho. Ver Lev. 1.3,10. Mas em nenhum caso o animal podia ser defeituoso (cf. Lev. 1.3 e 22.17-25).

3.2

E porá a mão. A cerimônia de imposição de mãos era a mesma do que no caso das ofertas queimadas, embora não houvesse confissão de pecados, pois essa confissão não fazia parte da idéia. Ver Lev. 1.3-5 quanto a informações que se aplicam a este versículo. O sacrifício e a aspersão de sangue eram idênticos. O adorador abatia o animal; os sacerdotes cuidavam do resto.

Modos de proceder idênticos quanto a ofertas queimadas e ofertas pacíficas: 1. O ofertante trazia o animal a ser sacrificado. 2. Havia imposição de mãos. 3. O adorador matava o animal na parte frontal do átrio do tabernáculo. 4. O sacerdote punha o animal sacrificado sobre o altar e derramava o sangue em seus lados. No caso das ofertas pacíficas, o adorador reconhecia ou dizia *por que* estava fazendo a oferta, de acordo com as suas possibilidades ou categorias por esse tipo de oferta. Ver as notas de introdução a este terceiro capítulo, com o nome de *Três Categorias de Ofertas Pacíficas.*

3.3,4

Certas Porções Eram Queimadas. Eram queimadas sobre o altar de bronze, pois pertenciam a Yahweh, e os vss. 3 e 4 nos fornecem a lista dessas porções: a gordura, que era considerada um acepipe, pelo que pertencia a Yahweh e era consumida no fogo. Então os vários itens alistados no vs. 4 também destinavam-se ao fogo e a Yahweh. O resto era poupado para a refeição comunal, enquanto o couro do animal ficava com o sacerdote oficiante (Lev. 7.8). Ver Êxo. 23.18; 29.13; Lev. 7.15,16 quanto à gordura que precisava ser queimada. O trecho de Êxodo 29.13 dá-nos praticamente a mesma informação. O sangue, como é óbvio, era aspergido sobre o altar, pois também pertencia a Yahweh. O sangue repre-

sentava a *vida* do animal, e essa vida era entregue a Yahweh, o que indica que a *vida* do adorador era substituída pela vida do animal sacrificado, e o adorador dedicava-se assim a Yahweh.

3.5

Tal como no caso das ofertas queimadas, as porções queimadas das ofertas pacíficas emitiam um aroma suave e agradável que deleitava a Yahweh, produzindo a Sua aceitação. Sobre esse particular, ver as notas em Lev. 1.9. Este versículo tem paralelo em Lev. 1.6,7, novamente duplicado em Lev. 1.17. Os animais (usados nas ofertas pacíficas) não eram divididos em pedaços, pois não podiam ser totalmente queimados. E era a queima total que requeria que o animal fosse partido em pedaços.

3.6

Este versículo repete o primeiro onde aparecem as notas expositivas, exceto pelo fato de que agora temos cordeiros e cabras como os animais próprios para serem sacrificados. No caso das ofertas pacíficas, *cinco animais* podiam ser usados: o touro, o cordeiro, o bode, a rola e o pombinho, e esses animais eram oferecidos na ordem descendente do poder aquisitivo das pessoas. Os ricos traziam um touro, muito mais dispendioso; os homens de classe média um cordeiro ou um bode; mas os pobres a rola ou o pombinho, isto é, aves. Ver Gên. 15.9 quanto aos mesmos animais mencionados naqueles sacrifícios. No caso das ofertas pacíficas, não eram usadas aves, porque seu pequeno tamanho não as tornava apropriadas para refeições comunais. Quanto às ofertas queimadas, somente machos podiam ser usados. Mas fêmeas podiam ser abatidas no caso das ofertas pacíficas. Tal como no caso dos touros, o animal sacrificado precisava ser sem defeito, visto que oferecer um animal defeituoso era um insulto a Yahweh (ver Mal. 1.14).

"O ritual era o mesmo quando se oferecia um touro ou um cordeiro, exceto o fato de que, no caso deste último, a cauda gorda inteira (vs. 9) era incluída com a gordura incinerada sobre o altar" (F. Duane Linsey, *In loc.*). Ver as notas sobre o nono versículo deste capítulo, quanto a essa questão.

3.7

Um cordeiro. Ver no *Dicionário* o artigo com esse nome; e no *Novo Testamento Interpretado*, em João 1.29, ver os comentários. O cordeiro devia ter de um ano de idade para baixo, conforme disseram Maimônides e toda a tradição hebraica (*Maaseh Hakorbanot*, c. 1, sec. 14). Ver as notas sobre Lev. 1.10 quanto a detalhes. Todas as ofertas eram oferecidas *perante o Senhor*, e tudo feito de acordo com Suas orientações, se tivessem de ser-Lhe aceitas. Elas faziam parte das ordenanças que haviam sido acrescentadas ao *Pacto Mosaico*, o que se comenta nas notas introdutórias a Êxo. 19.1.

3.8

Este versículo é igual ao segundo versículo deste capítulo, onde damos as notas expositivas.

3.9,10

Estes versículos são iguais aos vss. 3,4, excetuando-se o fato de que temos aqui instruções que a *cauda gordurosa inteira* devia acompanhar as porções oferecidas a Yahweh. As ovelhas achadas no Oriente Próximo podem ter caudas que pesam até trinta e três quilogramas, e, assim, a cauda era reputada parte das ofertas que eram postas sobre o altar de bronze, a fim de serem queimadas.

"A principal variedade de ovelhas na Palestina era a ovelha oriental, de cauda gorda (*Ovis laticaudata)*, que tinha várias vértebras caudais extras para suportar a gordura acumulada na cauda, a qual, em um animal maduro, pode pesar até trinta e três quilogramas" (Harrison, *Leviticus*, citado por F. Duane Lindsey, *in loc.*).

3.11

Aquilo que não era oferecido e queimado sobre o altar ficava com os sacerdotes. Mas primeiramente servia-se a Yahweh o *Seu alimento*. Cf. a expressão "o pão do teu Deus", em Lev. 21.8,22; Núm. 28.2. A grande antiguidade do rito é confirmada pela palavra aqui traduzida por *manjar*, a qual, no hebraico, com o tempo veio a significar apenas "pão".

Deus aparece aqui como quem se banqueteava com Seu povo, pois está em pauta uma refeição comunal divina. Isso, como é claro, é uma expressão antropomórfica. Ver no *Dicionário* o artigo intitulado *Antropomorfismo*. Cf. Deu. 32.38, onde se lê que havia deuses que comiam os alimentos e bebiam o vinho posto sobre os altares.

3.12

Seguindo uma ordem econômica descendente, chegamos agora à *cabra*. Os ricos geralmente traziam um touro como ofertas; a ovelha, pelos homens de classe média alta; a cabra, pelos homens de classe média baixa; e as aves (rola e pombinho), pelos homens da classe mais pobre. Mas todas essas eram oferendas válidas como ofertas pacíficas, tal como eram válidas como ofertas queimadas.

O bode era oferecido no mesmo lugar e do mesmo modo que o era o touro e o carneiro, conforme vemos no sétimo versículo deste capítulo. Não se faz aqui distinção entre macho e fêmea, pois devemos entender que animais de ambos os sexos eram aceitáveis nas ofertas pacíficas, embora somente animais machos pudessem ser usados nas ofertas queimadas.

3.13

Este versículo é igual ao segundo versículo deste capítulo, onde há notas expositivas a respeito.

3.14,15

Estes dois versículos são iguais aos vss. 3,4 deste capítulo, onde há notas expositivas. À cabra faltava a cauda pesada do carneiro, sendo possível que o único motivo pelo qual a cabra não foi mencionada juntamente com o carneiro é que neste último caso faz-se menção à sua cauda gorda. Mas tirando isso, as descrições são idênticas. Ver os vss. 9 e 10, que repetem os vss. 3 e 4.

3.16

Este versículo repete o vs. 11, onde há notas expositivas, exceto o fato de que aqui se menciona a questão do *aroma suave*, emitido pelas partes queimadas sobre o altar, em honra a Yahweh. Isso é comentado em Lev. 1.9. A expressão *aroma agradável* também figura em Gên. 8.21; Êxo. 29.18,25,41; Lev. 1.9,13,17; 2.2,9,12; 3.5; 6.15,21; 8.21,28; 17.6; 23.13,18; 26.31.

3.17

Estatuto perpétuo será. Uma fórmula muito usada pelo autor do Pentateuco, expressando assim sua convicção de que os ritos religiosos dos hebreus, bem como sua fé religiosa, eram algo final, que perduraria para sempre. Usualmente, os limites impostos pelos homens são apenas os limites de sua própria mente. Todos os grupos religiosos e denominações individuais caem nessa armadilha do "somente nós" e de "nosso sistema é perpétuo". São vícios que se apegam aos sistemas religiosos e, de fato, à própria mente religiosa. Ver a noção de "estatuto perpétuo" também em Êxo. 3.15; 12.14,17; 16.32,33; 27.21; 29.42; 30.8,10,21; 31.13,16; 40.15; Lev. 3.17; 6.18; 10.9; 17.7; 23.14,21,31,41; 24.3; 25.30; Núm. 10.8; 15.15,38; 18.23 e 35.29.

Novos começos vêm anular, substituir ou modificar antigos sistemas. Novos começos (como é a nossa era do Novo Testamento) são sempre considerados heréticos, quando surgem em cena. Com o tempo, porém, as heresias tornam-se novas ortodoxias, e a estas é atribuída alguma qualidade de *perpetuidade.* Mas alguma nova revelação está sempre a caminho.

A gordura e o sangue eram porções que pertenciam a Yahweh. A gordura, por ser considerada muito gostosa; e o sangue, por ser a sede da vida biológica, e uma vida podia ser oferecida a Yahweh, e não bebida! A vida humana, assim substituída ou resgatada, emprestava eficácia ao sacrifício ou oferenda, dotada de valor vicário. Ver as proibições contra a ingestão de sangue, em Gên. 9.4; Lev. 3.17 e 7.26. O primeiro concílio ecumênico da Igreja cristã reiterou a proibição que temos aqui a fim de agradar ao segmento judaico da Igreja cristã. Ver Atos 15.20. Essa questão é comentada no *Novo Testamento Interpretado* (*in loc.*). Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Sangue*, em seu segundo ponto, onde isso é ventilado. Minhas notas sobre Gên. 9.4 dão alguma informação adicional e referências à lei do sangue. Ver Lev. 7.23-27 quanto às leis atinentes à gordura e ao sangue, no que tange aos sacrifícios. Yahweh ficava com a *gordura*: no caso das *ofertas pelo pecado* (Lev. 4.8-10,19,26,31,35); no caso das *ofertas pela culpa* (Lev. 7.4,5); e no caso das *ofertas pacíficas* (o presente texto). Ver também, abaixo, sobre *Sangue e Vida*.

Distinções. As ofertas pacíficas (de comunhão) eram refeições comunais das quais Yahweh participava. Participavam, igualmente, o adorador e seus familiares (Lev. 7.15). As notas-chave eram as idéias de comunhão e agradecimento.

Tipologia. Comunhão com Deus e com o povo de Deus; agradecimento; ação de graça. Ver I João 1.3; Col. 1.20; Efé. 2.14. Na comunhão há paz.

Sangue e Vida. Solicito ao leitor que examine as notas sobre Lev. 17.11, que expõem *duas razões* para a lei que proibia o uso de sangue na alimentação dos israelitas. Essas notas adicionam detalhes e substância ao que foi escrito neste versículo.

Capítulo Quatro

Sacrifício pelos Erros dos Sacerdotes (4.1-12)

É significativo que, para o pecado *deliberado,* ou seja, o "pecado de atrevimento" (*com arrogância e vontade e desígnio perversos*), *não* havia sacrifício estipulado (Núm. 15.30). O autor da epístola aos Hebreus, no Novo Testamento, abordou essa questão em Heb. 6 e 10.26. O poder de Cristo, como é óbvio, é mais amplo e maior do que o autor antecipara. Discuto sobre as questões envolvidas no *Novo Testamento Interpretado, in loc.*, expondo as muitas idéias que circundam esses textos. É claro que o povo de Israel pecou atrevidamente no caso do bezerro de ouro (Êxo. 32). E foi necessária a intercessão pessoal de Moisés para poupar Israel de ser destruído. As elaboradas leis de sacrifício, além da questão do pecado atrevido, para o qual não havia sacrifício, mostram-nos claramente com que seriedade o Antigo Testamento encarava o pecado.

Quatro Classes Por Quem se Faziam Sacrifícios. A seção à nossa frente trata do problema nestes casos: 1. Quando o próprio sacerdote era o ofensor (vss. 2-12). Alguns eruditos dizem que está em pauta o *sumo sacerdote,* como a primeira dessas classes, por ser um *ungido* de Deus (vss. 3,5). Segundo essa opinião, o sumo sacerdote fazia parte da primeira classe, e os sacerdotes seriam incluídos na quarta classe, a classe dos homens comuns. 2. Quando o povo, como um todo, era o ofensor (vss. 13-21). 3. Quando um líder era o ofensor (vss. 22-26). 4. Quando uma pessoa ordinária era a ofensora (4.27 - 5.13). Há aqui leis grandemente elaboradas que, provavelmente, resultaram de um processo de crescimento e evolução. O trecho de Núm. 15.22 ss. é mais simples, e talvez reflita o sistema mais antigo. Ver os gráficos que ilustram os vários tipos de ofertas, na introdução a Lev. 1.1.

"A oferta pelo pecado (Lev. 4.1-5.13) e a oferta pela culpa (Lev. 5.14-6.7) eram oferendas facilmente distinguíveis, embora tivessem pontos de semelhança bem definidos. Tradicionalmente chamadas de *ofertas não de aroma suave,* essa descrição não é totalmente adequada, em vista do fato de que Lev. 4.31 indica que a gordura da oferta pelo pecado era queimada "sobre o altar como aroma agradável ao Senhor". . . As ofertas pelo pecado e pela culpa seriam mais bem descritas como oferendas expiatórias" (F. Duane Lindsey, *in loc.*).

4.1

Disse mais o Senhor. Essa é uma fórmula usada nas transcrições literárias do Pentateuco, embora o autor também tivesse falado na convicção de que as orientações que recebia eram divinamente inspiradas, mediante algum tipo de manifestação da presença de Yahweh. Ver no *Dicionário* os artigos chamados *Misticismo; Inspiração* e *Revelação.* Ver Lev. 1.1 quanto a comentários adicionais sobre a *fala do Senhor,* quando Ele baixava instruções. Naquela referência, ofereço uma longa lista de citações que ilustram essa questão no Pentateuco. No *Dicionário* ver o artigo chamado *Teísmo.*

4.2

Quando alguém pecar por ignorância. Estão incluídas diversas classes abordadas neste capítulo, segundo vimos nas notas introdutórias ao capítulo, em seu segundo parágrafo.

Já ouvimos sobre as ofertas queimadas (Lev. 1.1-17); sobre as ofertas de manjares ou cereais (Lev. 2.1-16) e sobre as ofertas pacíficas (Lev. 4.1-17). E agora passamos para as ofertas pelo pecado e pela culpa, sob a fórmula de introdução "disse o Senhor" (vs. 1). Estamos agora tratando das oferendas *necessárias,* pois todos os homens são pecadores habituais (Rom. 3.23). Algumas oferendas eram voluntárias (Lev. 1.2; 2.1 e 3.1), mas não as que estamos ventilando agora.

Pecar por ignorância. Isso contrastava com os pecados de atrevimento (arrogantes) (Núm. 15.30), para os quais não havia sacrifício prescrito. E nisso vemos a seriedade do pecado, refletida pela mente do autor sagrado. Os trechos de Heb. 6 e 10.26 devem ser ligados a esses pecados deliberados de Núm. 15.30. Ver as notas de introdução ao presente capítulo, em seu primeiro parágrafo. Cf. este versículo com Lev. 4.13,22,27; 5.18; 22.14.

Definições. Essa questão toda já estava bem definida na época do segundo templo, como segue:

1. Para que um pecado fosse expiado, era mister que fosse de ignorância ou involuntário (Núm. 15.30).
2. Tinha de ser um pecado contra um mandamento negativo, que proibisse algo.
3. Um pecado manifestado por ação, e não por palavra ou pensamento, o que fica implícito nas palavras "por fazer contra algum deles o que não se deve fazer".
4. Pecados intencionais que os homens castigavam de forma sumária (Núm. 15.29,30), mediante execução, porque o ofensor era considerado um caso perdido. Mas os israelitas, como todos nós, pecavam intencionalmente todos os dias, portanto deveria haver uma aplicação um tanto frouxa das leis, permitindo a mistura dessa legislação com o princípio da graça divina.

O autor da epístola aos Hebreus, ao tentar incorporar os pecados intencionais em seu tratado, causou toda espécie de dificuldades para os intérpretes cristãos que defendem o princípio da graça. Quanto a isso, poderíamos considerar sua teologia como defeituosa, e não tão iluminada como a teologia paulina, por exemplo. A verdade é que a *maioria* dos pecados humanos compõe-se de pecados voluntários, e o princípio da graça precisa ser suficiente para *todos* os pecados e atos pecaminosos.

Quando Davi cometeu seu pecado intencional de adultério com Bate-Seba, envolveu-se em rebelião contra o Senhor, e precisou depender da *misericórdia de Deus* (Sal. 51.1,3,16,17). E é nessa situação em que todos estamos, pois, de outra sorte, o evangelho não teria significado. Embora muitos pecados voluntários não sejam rebeldes e arrogantes, continua sendo verdade que até os de arrogância têm perdão em Cristo, pois, de outro modo, o evangelho não seria eficaz. Ver no *Dicionário* o artigo geral intitulado *Perdão.*

Se a passagem à nossa frente salienta a excessiva pecaminosidade do pecado, ela é fraca no tocante ao princípio da graça, e cria certos problemas teológicos que só foram resolvidos pelo evangelho cristão. Onde o Antigo Testamento mostrou-se *defeituoso,* o Novo Testamento mostrou-se *eficaz.* Meditemos nisso! Todo o elaborado sistema sacrificial do livro de Levítico não fazia provisão para aqueles pecados que são cometidos o tempo todo! Moisés não se mostrou realista em suas expectativas. As pessoas são muito piores e mais fracas do que ele estava pensando; pois, de outra maneira, parece que ele teria sido obrigado a dizer muito mais sobre as oferendas e sobre o perdão divino.

Adam Clarke tentou tirar-nos dessas dificuldades ao supor que a pessoa voluntariosa e arrogante nem ao menos traria uma oferenda para expiar pela sua culpa, e esta ficaria sem expiação. Mas o texto diante de nós está falando de *tipos* de pecados que não podiam ser perdoados, e de *tipos* de pecados que podiam ser perdoados. Quanto a certos tipos, simplesmente não havia nenhuma provisão sob a forma de sacrifício. Não estava em foco apenas a falta de vontade de um homem trazer ao altar uma oferenda ou sacrifício.

4.3

Se o sacerdote ungido pecar. Alguns eruditos pensam aqui no sumo sacerdote, por causa das palavras "sacerdote ungido". Ver as notas introdutórias a este capítulo, em seu segundo parágrafo, quanto às diferentes classes de pessoas que precisariam das ofertas expiatórias realizadas em favor delas. O primeiro lugar, nessa lista, é ocupado pelos *sacerdotes.*

Os Targuns de Onkelos e de Jonathan, bem como a versão da Septuaginta, dizem aqui *sumo sacerdote.* No começo, todos os filhos de Arão foram ungidos, mas isso foi uma cerimônia efetuada de uma vez para sempre. Mas cada sumo sacerdote recebia sua unção pessoal, ao ocupar seu ofício. Por isso, ele era chamado de *sacerdote ungido,* ao passo que os demais sacerdotes não recebiam uma unção pessoal, mas serviam sob a autoridade da unção original dos filhos de Arão. Ver Lev. 21.10. Mas Cristo, o nosso Sumo Sacerdote, não tinha pecado, portanto não precisava fazer oferendas expiatórias. Ver II Cor. 5.21.

Quando um *sacerdote* pecava, escandalizava o povo todo, por ser o homem que, supostamente, ensinava a outros. Ver II Cor. 6.3 quanto a um paralelo no Novo Testamento. Ver também o trecho de Tiago 3.1, onde lemos que os líderes receberão juízo mais severo. O sacerdote que pecasse trazia pecado sobre todos, por ser um representante de todos.

As Ofertas pelo Pecado. Ver no *Dicionário* o artigo geral chamado *Sacrifícios e Ofertas,* bem como os gráficos na introdução a Lev. 1.1. As ofertas pelo pecado tinham força expiatória, vicária, e eram eficazes (Lev. 4.12,29,35). A lei era vindicada pelos sacrifícios, ficando assim demonstrado no que consiste o pecado, e o que se deve fazer a respeito. O próprio Cristo tornou-se nossa oferta pelo pecado, porquanto ficou sobrecarregado com nossos pecados, tendo sofrido a pena que nos cabia sofrer. Ver Isa. 53; Sal. 22; Mat. 26.28; I Ped. 2.24; 3.18. Ver também II Cor. 5.21.

Um novilho. O pecado de um sacerdote era uma falta grave, e exigia que se oferecesse em sacrifício o mais caro dos animais, um touro. Não podia trazer os animais de menor valor, o carneiro e o bode, e muito menos as aves, a rola e o pombinho, que podiam ser oferecidos por outros israelitas. O novilho precisava ter dois anos de idade; o touro, três e a novilha, um.

Sem defeito. Ver Êxo. 12.5; 29.1; Lev. 1.3,10; 3.1 etc. Seria um insulto trazer a Yahweh um animal defeituoso (Mal. 1.14).

4.4

Este versículo tem paralelo em Lev. 1.3,4, onde são dadas as notas expositivas. Até o ponto da aspersão do sangue sobre o altar de bronze, os regulamentos acerca das ofertas pelo pecado eram iguais àqueles relativos a outros sacrifícios.

4.5

A garganta do animal era golpeada pelo adorador; o sangue era aparado em um balde, pelo sacerdote; o balde era levado ao altar, e o sangue era aspergido nos lados do altar. Somente um sacerdote ungido estava qualificado a fazer esse serviço, embora o animal fosse abatido pelo ofertante, exceto no caso de aves. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Unção*. Ver Êxo. 28.41 e 30.30 quanto à unção dos sacerdotes. Ver Lev. 1.5 quanto a um versículo paralelo a este.

O manuseio do sangue era um tanto diferente no caso das ofertas pelo pecado, conforme depreendemos dos vss. 6 e 7 deste capítulo.

Ungido. Tal como no vs. 3, "sacerdote ungido". Talvez esteja em foco o *sumo sacerdote*. Nesse caso os sacerdotes ordinários estariam incluídos na *quarta classe* (vss. 27-35), o que também deve ser dito sobre os levitas etc.

4.6

O sacerdote usava o dedo indicador de sua mão direita para imergir no sangue e aspergir por sete vezes diante da cortina que separava o Lugar Santo do Santo dos Santos. Isso se fazia "defronte" do propiciatório, a tampa da arca da aliança, lugar do sacrifício anual. Os sacerdotes não entravam no Santo dos Santos, pois somente o sumo sacerdote podia fazê-lo, uma vez por ano, para oferecer a expiação anual em favor de todo o povo, no Dia da Expiação (ver a respeito no *Dicionário*).

Sete vezes. Número da perfeição divina. Não alisto aqui os vários *setes* simbólicos, visto que fiz isso no *Dicionário*, no artigo intitulado *Número (Numeral, Numerologia)*, onde ofereci exemplos adequados (ver III.1). E na *Enciclopédia de Bíblia, Teologia e Filosofia* apresentei artigos separados sobre certo número de "setes" usados na Bíblia.

Perante o Senhor. Ou seja, Yahweh, no Santo dos Santos, onde a arca servia de trono de Deus, e Ele se manifestava de modo especial. Cf. Êxo. 25.22; 27.21; 28.34; 30.8; 34.34.

Diante do véu do santuário. A cortina pesada que separava o Lugar Santo do Santo dos Santos. O tabernáculo contava com três desses véus: aquele que separava o átrio do exterior e servia de *entrada* para o átrio; aquele que separava o átrio do Lugar Santo; e aquele que separava o Lugar Santo do Santo dos Santos. Ver as notas sobre Êxo. 27.16. O terceiro véu é mencionado e comentado em Êxo. 26.21. Em Êxo. 27.16 dou os tipos e simbolismos desses três véus. Eles falavam acerca de um acesso limitado a Deus. Em Cristo, porém, obtemos total acesso. Ver no *Dicionário* os artigos intitulados *Acesso* e *Véu (no Tabernáculo e no Templo)*, quanto a um artigo detalhado sobre o terceiro véu. Ver Heb. 10.19,20 quanto a uma aplicação cristã.

4.7

Os chifres do altar do incenso aromático. Temos aqui menção ao altar de ouro. Ver Êxo. 30.1-6, e, no *Dicionário*, o artigo *Altar de Incenso*. O sacerdote aplicava o sangue aos chifres ou pontas superiores desse altar. Esses chifres eram concebidos como dotados de poder, portanto o sacerdote tocava na ponta de poder. O resto do sangue era vertido à base do altar, ou seja, o grande altar ou *Altar de Bronze*, cujas notas expositivas são dadas em Êxo. 27.1. Ver o gráfico sobre a *planta* do tabernáculo, nas notas sobre Êxo. 26.1, nas notas introdutórias àquele capítulo.

Os Três Atos Sangrentos. Esses, juntamente com a aspersão do sangue por sete vezes, a aspersão do sangue sobre as pontas do altar de ouro e o derramamento do sangue à base do altar de bronze, eram atos que distinguiam as ofertas pelo pecado dos demais sacrifícios. Ver no *Dicionário* o artigo detalhado intitulado *Tabernáculo*.

Não há que duvidar de que a noção mais primitiva acerca dos ritos cruentos era que o sangue, visto que contém a vida da carne, tinha propriedades místicas e mágicas. Mas os eruditos conservadores duvidam de que essa fosse a crença nos dias de Moisés. A graça de Yahweh era o motivo por trás desses atos, e não algum poder mágico.

"Na época do segundo templo, havia no chifre sudeste desse altar (o grande altar) duas perfurações, como se fossem narinas, por meio das quais o sangue escorria até um dreno, que o levava ao ribeiro do Cedrom" (Ellicott, *in loc.*). Nos dias do tabernáculo, os sacerdotes sempre tinham de lavar tais móveis, desfazendo-os assim do sangue e dos fragmentos dos animais sacrificados. E esses fragmentos eram incinerados fora do acampamento.

4.8-10

Ver os versículos paralelos a este em Lev. 3.3-5, onde são dadas as notas expositivas. O modo de proceder era idêntico ao que se fazia nas ofertas pacíficas e pelo pecado. Quanto à *gordura* e ao *sangue* oferecidos a Yahweh, um tema constante, ver as notas sobre Lev. 3.17. O vs. 10 é uma observação, feita pelo autor sagrado, para lembrar-nos de que ele já havia dado orientações no caso das ofertas pacíficas.

4.11,12

"A disposição da carcaça seguia dois tipos de ritual, dependendo apenas de uma coisa: se o sacrifício era em favor de um sacerdote (ou da comunidade inteira que ele representava) ou em favor de outras pessoas. A um sacerdote era vedado comer da carne de seu próprio sacrifício (ou do sacrifício em favor da comunidade) (Lev. 6.30). Portanto, todas as porções que não eram consumidas sobre o altar de bronze (*o novilho todo*) eram levadas *para fora do acampamento*, a algum lugar cerimonialmente limpo (um montão de cinzas ritual), onde tudo era queimado em uma fogueira a lenha. Embora a disposição da carcaça não seja mencionada no caso de um dos líderes do povo (Lev. 4.26), ou de uma pessoa comum (Lev. 4.31,35), é claramente dito, em Lev. 6.26, que ela era dada ao sacerdote oficiante para servir-lhe de alimento, para ser comida em um lugar santo. E embora também não se faça menção à *expiação* ou ao *perdão*, sem dúvida estas eram concedidas sob as mesmas condições impostas ao povo (cf. Lev. 4.20,26,35)" (F. Duane Lindsey, *in loc.*).

Deveríamos lembrar que o quarto capítulo nos instrui acerca de sacrifícios em favor de *quatro* classes de pessoas: o próprio sacerdote; o povo como um todo; um dos líderes do povo; uma pessoa ordinária. Ver as notas de introdução a este capítulo, em seu segundo parágrafo.

O couro do touro não era tirado nem era entregue ao sacerdote, como no caso das ofertas queimadas (Lev. 7.8), mas ao que parece era deixado intacto e cortado em pedaços com o resto da carcaça, para então ser queimado.

O Senhor Jesus foi crucificado fora do acampamento (Heb. 13.11,12), de cuja circunstância temos um tipo de oferendas descrito neste texto.

Lugares de Resíduos. Na época do segundo templo, havia três lugares de queima de restos ou resíduos: 1. No átrio, onde sacrifícios impróprios e rejeitados eram queimados. 2. No monte da casa, chamado *Birah*, onde os sacrifícios que sofriam acidentes eram enterrados. 3. Em um lugar fora de Jerusalém, chamado lugar das cinzas, onde os resíduos eram consumidos a fogo.

Queimará com fogo sobre a lenha. Usava-se uma lenha especial para essa queima, conforme aprendemos em Lev. 1.7, *se* tal lugar ficasse *dentro* do átrio do tabernáculo. Fora dali, entretanto, qualquer madeira servia. O combustível usado era a *lenha*, e não azeite, palha, feno ou algum outro tipo de combustível.

Sacrifícios pelos Erros do Povo (4.13-21)

Quatro Classes pelas quais eram oferecidos sacrifícios:

1. Um sacerdote ofensor (vss. 3-12). Alguns eruditos opinam que está aqui em foco o sumo sacerdote, ou seja, o *sacerdote ungido* (vss. 3,5).
2. O povo como um todo (vss. 13-21)
3. Um líder do povo (vss. 22-26)
4. Uma pessoa comum (4.27 - 5.13)

Portanto, chegamos aqui à segunda classe em favor de quem eram feitas ofertas pelo pecado: o povo como um todo. Cf. Núm. 15.22-26.

"A Igreja como um todo, como um corpo coletivo, não está mais isenta da fragilidade humana que seu mais alto chefe espiritual. A lei agora prescrevia as ofertas pela culpa em favor da *congregação*" (Ellicott, *in loc.*).

4.13

Se toda a congregação de Israel pecar. A nação de Israel certamente pecou no caso do bezerro de ouro (Êxo. 32). E outros pecados coletivos ainda seriam cometidos. Ver as notas em Êxo. 16.1, sobre a *Congregação*. As nações

têm pecados específicos que as caracterizam, como um espírito de mentira, a desonestidade, a violência, a sensualidade etc. É possível que alguns desses pecados, se devam a tendências genéticas, mas de outras vezes devemos pensar no desenvolvimento cultural e institucional. Sobre os *cretenses,* dizia-se que eram glutões preguiçosos (Tito 1.12); e os atenienses eram dados a uma idolatria muito elaborada, mais do que se poderia esperar de qualquer outro povo (Atos 16.16 ss.). Entre as tribos esquimós é comum a negociação de esposas. Ver I Sam. 14.32 quanto a um conspícuo pecado nacional de Israel. Por certo, quando Jesus foi crucificado, esse foi o mais grave pecado nacional de Israel. Naturalmente, em todas as gerações há exceções. Ver o capítulo catorze de Números quanto a outro lapso nacional de Israel.

Pecar por ignorância. Tal como no caso de pecados individuais, somente os pecados cometidos na ignorância podiam ser expiados. Ver Lev. 4.2 quanto a notas detalhadas acerca disso. No caso da adoração ao bezerro de ouro, somente a intercessão intensa e pessoal de Moisés evitou a total destruição da nação inteira de Israel.

A grande complexidade da lei, com seu grande desdobramento em muitas subleis, ritos, cerimônias e sacrifícios tornava *inevitável* que Israel, como um povo, sofresse quedas e transgressões; mas suponha-se que essas coisas fossem motivadas pela ignorância, não que fossem erros voluntariamente praticados. Os sacrifícios apropriados obteriam o perdão para um povo em erro.

4.14

Nos casos de lapsos ou *pecados nacionais,* a congregação de Israel ofereceria os sacrifícios apropriados *por meio de seus anciãos* (vs. 15), os quais agiriam como representantes autorizados do povo. Excetuando essa diferença, o sacrifício então oferecido era idêntico aos sacrifícios oferecidos em favor de um sacerdote que pecasse.

4.15

Os anciãos da congregação. Na prática, pelo menos em número de dois, ainda que alguns intérpretes judeus tenham dito que eram necessários nada menos de cinco (*Misn. Sotah,* c. 9, sec. 1). O número de anciãos geralmente mencionado é de três (Maimônides e Bartenora em *Misn. Menachot,* c. 9, sec. 7 etc.). O Targum de Jonathan, entretanto, insiste sobre o número de doze anciãos, a fim de que cada uma das doze tribos fosse representada por um ancião. O número, ao que parece, variava, visto que o texto diante de nós não estipula um número específico de anciãos.

Novilho. Ver as notas sobre o quarto versículo.

4.16

O sacerdote ungido. Ou seja, aquele designado para receber o animal a ser sacrificado, que ele recebia das mãos dos anciãos. Daqui ao vs. 22, temos repetições como as que foram dadas antes, acerca das ofertas em favor dos sacerdotes ofensores. O vs. 16 tem como paralelo o vs. 3 deste capítulo. Nada é dito sobre a necessidade de o animal oferecido não ter defeito, mas isso fica entendido, pois a questão não podia mesmo ser diferente. Ver as notas expositivas sobre o terceiro versículo deste capítulo.

4.17

O paralelo deste versículo é o vs. 6.

4.18

O paralelo deste versículo é o vs. 7.

4.19

O paralelo deste versículo são os vss. 8-10.

4.20

O autor sacro lembra-nos aqui de que já havia dado antes essas instruções, e que aquilo que fora dito acerca das ofertas em favor dos sacerdotes estava sendo repetido no caso das ofertas pelos pecados nacionais. Em outras palavras, o trecho de Lev. 4.13-21 tem paralelo em Lev. 4.1-12, exceto quanto a alguns pequenos detalhes.

Fará expiação. Ver no *Dicionário* o artigo *Expiação.*

Serão perdoados. Ver no *Dicionário* o artigo *Perdão.*

4.21

Este versículo tem paralelo no vs. 12, embora deixe de lado alguns detalhes, que devemos adicionar com base no que foi dito no vs. 12.

Oferta pelo pecado da coletividade. Ver o gráfico na introdução a Lev. 1.1, que ilustra os vários tipos de sacrifícios e ofertas que este livro apresenta. Ver também, no *Dicionário,* o artigo chamado *Sacrifícios e Ofertas.* Quanto a detalhes, ver a introdução a este quarto capítulo, bem como as notas sobre Lev. 4.1.

Sacrifício pelos Erros de um Príncipe (4.22-26)

Ver a introdução ao vs. 13 deste capítulo quanto às *quatro classes* em favor de quem os sacrifícios eram feitos. Chegamos aqui à *terceira classe:* pecado cometido por um *rei* (que Israel, finalmente, chegou a ter; I Reis 11.34; Eze. 34.24; 46.2); um *chefe* de tribo (Núm. 1.4-16); divisão de uma tribo (Núm. 34.18); ou de um *juiz* (civil ou religioso), como no tempo dos juízes. Tal líder teria pecado contra o *seu Deus,* uma frase peculiar deste capítulo (vs. 22), visto que, como líder que era, tinha um lugar especial e era mais responsável diante de Deus do que outras pessoas.

4.22

Quando um príncipe pecar. (Ver o parágrafo anterior, quanto a definições.) Quando um líder em Israel viesse a pecar contra o "seu Deus", esse pecado seria reputado como mais grave que o de outras pessoas, conforme este versículo deixa claro. Ele havia sido levantado a uma posição de liderança, por ter-se distinguido entre as demais pessoas. Seu pecado, pois, tornava-se mais conspícuo que de outras pessoas. Tal pecado era tido como escandaloso. Ele era um líder e um mestre de outras pessoas. Ver II Cor. 6.3 quanto a um paralelo do Novo Testamento. Ver também Tiago 3.1. Quando erram, os líderes recebem uma mais grave condenação; assim, é melhor não buscarmos posição de liderança, a menos que sejamos sérios sobre a questão. Quando o representante de uma comunidade peca, a comunidade toda se entristece.

Por ignorância. Conforme é dado e comentado no segundo versículo deste capítulo. Pecados deliberados ou arrogantes não podiam ser expiados, de acordo com o sistema sacrificial de Levítico. Abordo no vs. 2 os problemas criados por tal circunstância.

4.23

Lhe for notificado. Por ser um pecado resultante de ignorância, e não *um pecado voluntário, segundo se entende no vs. 22, mediante as palavras por ignorância.* A complexidade da lei, em seus desdobramentos, apanharia na rede a qualquer homem, sem importar quão bem intencionado ele fosse. O sistema inteiro tornou-se uma carga que ninguém era capaz de suportar (Atos 15.10).

Um bode. No hebraico, *saer,* o bode de pêlo eriçado. Quando esse mesmo animal era chamado de *athud,* então estava em pauta um animal mais jovem e vigoroso, o que aumentava seu preço como oferta. Os animais mais velhos não eram usados nem na alimentação nem nos sacrifícios (Lev. 16.9,15; 23.19; Núm. 28.15,22,30; 29.5,11,16). Mas os de menos idade eram mortos para servir com alimento (Deu. 32.14; Jer. 51.40) ou como sacrifício (Núm. 7.17,23,29; Isa. 1.11; Eze. 39.18; Sal. 50.9,13).

Ao *líder* competia trazer um *bode,* e não um touro; e isso fazia contraste com o *touro,* oferecido pelas pessoas das duas primeiras classes, a dos sacerdotes e a de toda a congregação. Ver as notas de introdução a Lev. 4.13, quanto às *quatro classes* em favor das quais eram feitos sacrifícios.

Sem defeito. Ver sobre isso no final dos comentários sobre Lev. 4.3.

4.24

Este versículo tem paralelos nos vss. 4 e 5, cujas notas expositivas aplicam-se aqui.

4.25

A manipulação do sangue vertido em favor de um líder era algo mais complexo do que se requeria no caso de um sacerdote. Ver os vss. 6 e 7 deste capítulo quanto ao rito mais complexo. Esse rito mais complexo envolvia *três* manipulações do sangue (ver sobre o vs. 7, onde alisto essas manipulações). Este versículo fala em somente *duas* variações. Mas aqui também é requerido que o sangue fosse posto sobre as pontas dos chifres do *altar de bronze* (ver

Êxo. 27.1), e não sobre o altar de ouro (ver no *Dicionário* sobre o *Altar de Incenso*). Ver o diagrama da *planta* do tabernáculo, em Êxo. 25.1, em suas notas introdutórias.

4.26

Quanto à *gordura* e ao *sangue* oferecidos a Yahweh, não consumidos pelos sacerdotes ou ofertantes, ver Lev. 3.17. O sangue era vertido e aceito por Yahweh, mas o homem o perdia. A gordura era totalmente consumida no fogo, sobre o altar de bronze. Ver Lev. 3.5 quanto a um versículo paralelo, onde são dadas explicações adicionais.

Fará expiação por ele. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Expiação*. Este versículo é paralelo ao vs. 20 deste capítulo.

E este lhe será perdoado. Ver no *Dicionário* o artigo intitulado *Perdão*. O trecho de Lev. 6.26,29 mostra-nos que o sacerdote oficiante e seus familiares recebiam o restante do animal sacrificado como alimento.

Sacrifício pelo Erro de uma Pessoa Comum (4.27-35)

Ver as notas introdutórias a Lev. 4.13, onde alisto as *quatro classes* de pessoas em favor de quem os sacrifícios eram feitos. A seção diante de nós (vss. 27-35) apresenta a *quarta* dessas classes, o indivíduo comum. Era mister que ele fosse membro da congregação de Israel (ver sobre Êxo. 16.1 quanto a essa expressão). Não era sacerdote nem líder. Uma expressão alternativa nas Escrituras é "qualquer dos filhos de Israel" (Lev. 20.2,4; II Reis 9.18,19; 16.15). Se a *primeira classe se* referia somente ao sumo sacerdote (o *ungido*, vss. 3,5), então essa quarta classe incluía os sacerdotes comuns, os levitas etc. Ver as notas em Lev. 4.3 quanto ao sacerdote *ungido*.

4.27

Pecar por ignorância. Estipulação que aparece pelo trecho inteiro. Um pecado voluntarioso ou arrogante não contava com expiação na forma de sacrifício. Já mostrei essa questão, com seus problemas teológicos, em Lev. 4.2.

Por fazer alguma das cousas. Estão aqui em pauta os *Dez Mandamentos* (ver no *Dicionário*), bem como os grandes *desdobramentos* das leis e ordenanças que vieram a ser adicionadas aos dez mandamentos originais. O homem mais cuidadoso, sem dúvida, quebraria um ou outro desses inúmeros preceitos, e assim os sacrifícios pelo pecado eram freqüentes e intermináveis. Cristo, porém, livrou-nos de tudo isso (Rom. 6.14). Há pecados de comissão e de omissão. Este versículo frisa os pecados em que a pessoa fazia algo proibido. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Pecado*.

4.28

Uma cabra. A fêmea do bode era o sacrifício que devia ser oferecido pelo indivíduo comum, sendo esse o único detalhe diferente acerca desse sacrifício. O resto do rito seguia exatamente o que havia sido prescrito em relação a um príncipe (vss. 22-26). Os intérpretes, sem dúvida, estão com a razão ao reputarem a *cabra* como o animal de menor valor, entre os que podiam ser oferecidos. Portanto, nessas ofertas pelas quatro classes de pessoas temos uma gradação descendente de pecadores: o sumo sacerdote; a congregação toda; um príncipe do povo; uma pessoa comum. Correspondendo a isso, temos gradações do valor dos animais trazidos: o touro, o bode, a cabra (ou a cordeira, vs. 32). O *suplemento* (Lev. 5.7-13) adiciona as aves e as ofertas de cereais, que podiam ser trazidas pelos mais pobres.

Sem defeito. Ver a esse respeito nas notas expositivas sobre Lev. 4.3.

4.29

Este versículo é paralelo ao vs. 24, o qual, por sua vez, tem paralelo em Lev. 4.4,5, onde são dadas as notas expositivas.

4.30

Este versículo tem paralelo no vs. 25, que, por sua vez, é essencialmente paralelo a Lev. 4.6,7. Ver as notas em ambos os trechos. Havia três diferentes modos de manipular o sangue envolvido nas ofertas em favor do sumo sacerdote, mas apenas dois no caso de um príncipe ou líder. As ofertas que envolviam pessoas comuns seguiam o modo mais simples.

4.31

Este versículo é essencialmente paralelo ao vs. 26 deste capítulo, exceto pelo fato de que adiciona a expressão *aroma agradável*, que aquele outro, por nenhuma razão evidente, omitiu. Ver sobre Lev. 1.9 quanto a isso. Nesse ponto, dou uma lista de referências que contêm a expressão.

4.32

A *cordeira* também era permitida no caso de sacrifício oferecido em favor de um homem comum. Ver as gradações de preço dos sacrifícios, correspondentes ao prestígio descendente e sucessivo das ofertas, nas notas sobre o vs. 28. A cordeira também precisava ser sem defeito (ver sobre Lev. 4.3). O ritual atinente ao carneiro era idêntico ao do bode, exceto pela questão da *cauda gorda*, do carneiro, que precisava ser queimada (ver sobre Lev. 3.9). E é provável que somente por essa razão que achamos aqui novas instruções, distinguindo um animal do outro. A cauda gorda não é mencionada nesta seção, mas sem dúvida fica entendida como uma das partes que eram oferecidas a Yahweh. O que se aplicava às ofertas pacíficas também se aplicava às ofertas pelo pecado, quanto ao uso e ao ritual apropriado.

4.33

Este versículo tem paralelo no vs. 24, o qual, por sua vez, tem paralelo nos vss. 4 e 5, onde são dadas as notas expositivas.

4.34,35

Esses versículos têm paralelo nos vss. 25,26, onde dou a exposição. A questão da *cauda gorda* é deixada de lado sem nenhuma razão aparente, mas sem dúvida fazia parte do rito. Ver sobre essa questão nas notas sobre Lev. 3.9, com comentários adicionais em Lev. 4.32.

Capítulo Cinco

Sacrifício pelos Pecados Ocultos (5.1-13)

O *capítulo 4* descreve elaboradamente como deveriam ser feitas oferendas em favor de quatro classes de pessoas: 1. O sumo sacerdote; 2. a congregação inteira de Israel; 3. os príncipes; 4. o indivíduo comum. Ver sobre as três classes na introdução a Lev. 4.13. Nesse quarto capítulo é salientado que os sacrifícios eram acerca de *pecados de ignorância* (ver as notas em Lev. 4.2) e não acerca de pecados voluntariosos, arrogantes, a respeito dos quais não havia provisão de sacrifícios nas leis levíticas. O *quinto capítulo* dá-nos exemplos daqueles tipos de pecados, cometidos na ignorância, que exigiam sacrifício. O autor identificou pontos difíceis.

Os vss. 1-6 deste capítulo identificam quatro pecados que requeriam ofertas pelo pecado. Todos os quatro casos envolviam pecados resultantes da negligência ou do esquecimento. Eram erros não-premeditados, não-intencionais.

5.1

Os intérpretes não concordam quanto à natureza exata do *pecado* referido neste versículo. Há diversas opiniões: 1. Talvez um homem tivesse sido convidado a prestar depoimento de algo de que fora testemunha, mas declinou fazê-lo. 2. Ou, então, ele tinha sido testemunha de uma maldição proferida pela vítima contra um ladrão, mas não quisera denunciá-lo. 3. Ou, então, ele reteve informações sobre alguma ofensa que alguém havia cometido, e assim havia ameaçado, mediante o seu ato, a devida administração da justiça. Lemos em Mateus 26.63 uma adjuração: "Eu te conjuro pelo Deus vivo que nos digas se tu és o Cristo, o Filho de Deus". Isso impunha uma solene obrigação de ser dada a resposta. O homem referido neste versículo, seja como for, era um homem negligente. Por causa de sua negligência, a justiça não seria aplicada, mas abortaria. Ele tinha *retido o seu testemunho*, que poderia ter feito uma diferença.

Levará a sua iniqüidade. Tal homem tornava-se culpado de negligência pecaminosa. Para livrar-se de tal culpa, ele tinha de trazer sua oferta pelo pecado. Também fica entendido que ele teria de fazer *restituição* até onde fosse possível. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Reparação (Restituição)*. Não somos informados sobre o que aconteceria se ele não cumprisse o seu dever, trazendo seu sacrifício ou fazendo reparação. Talvez ser excluído da congregação fosse o castigo imposto. Ver na *Enciclopédia de Bíblia, Teologia e Filosofia* o verbete intitulado *Exclusão*.

5.2

Quando alguém tocar em alguma cousa imunda. Ver o artigo detalhado chamado *Limpo e Imundo,* acerca das coisas consideradas imundas, de acordo com as leis do Antigo Testamento. Este versículo dá-nos vários exemplos, todos envolvendo animais imundos, mas há muitos outros. Sob o ponto quinto do mencionado artigo, mostro os modos de purificação. Por certo, em tudo isso, está envolvido um símbolo de *pureza moral.* Yahweh requeria santidade da parte das pessoas. Mas não podemos esquecer que os hebreus levavam muito a sério as suas leis cerimoniais, e não estavam em foco meros tipos. Para eles era um *pecado* tocar na carcaça de um daqueles muitos animais tidos por imundos, e não estava em pauta apenas uma questão simbólica.

Quando uma pessoa tocava em uma carcaça de animal imundo, ela ficava *imunda,* ou seja, desqualificada para a adoração ou o serviço divino, até a noite. Tinha de tomar um banho e também lavar suas roupas (Lev. 11.24,31), para ficar isenta de sua maldição. Ver também Lev. 11.2-8. "Jarchi e Gersom interpretam essa *culpa* dizendo que não se podia entrar no santuário, comer das coisas sagradas, estando assim contaminado" (John Gill, *in loc.*). Um homem que tivesse ficado imundo com qualquer coisa imprópria não ousava entrar no tabernáculo por motivo nenhum. Sendo *culpado,* ele teria de *levar* sobre si a sua culpa, conforme se vê no vs. 1, onde a questão é interpretada. Ver Lev. 11-15 e Núm. 19.1-13, quanto às leis da imundícia.

"Em adição à impureza ritual, ele incorria em culpa por haver negligenciado em desfazer-se da impureza ritualmente contraída" (Nathaniel Micklem, *in loc.*).

5.3

A imundícia dum homem. Outra forma de imundícia, além da dos animais (vs. 2). Estão aqui em foco coisas como tocar no cadáver de uma pessoa ou no sangue da menstruação de uma mulher. O trecho de Lev. 12-15 fornece todas as informações necessárias sobre essa questão. O parto envoivia uma mulher em imundícia ritual, durante algum tempo. A própria menstruação fazia a mulher tornar-se ritualmente imunda. A lepra e outras enfermidades também eram formas humanas de imundícia. Preceitos intrincados governavam a questão toda, incluindo as purificações rituais. Sacrifícios precisavam ser realizados.

5.4

Fazer juramentos era algo permitido, e até mesmo exigido, mas ninguém deveria fazê-lo de forma impulsiva e impensada. Era mister evitar atos precipitados. O homem precisa ser sóbrio e manter seu espírito sob controle (I Tes. 5.6; I Ped. 4.7). Ou, então, uma pessoa podia fazer um voto acerca de algo positivo, mas depois esquecer-se, caindo assim em pecado de negligência. Disse Jarchi: "Proferindo algo com os lábios, mas não no coração". O Targum de Jonathan fala em *juramentos falsificados.* A pessoa que chegasse a perceber que tinha feito um juramento de modo tolo ou errado, então, em face de seu novo discernimento de que errara, confessaria e faria reparação, sempre que isso fosse possível. Ver no *Dicionário* o artigo *Reparação (Restituição).* E um israelita teria de fazer o sacrifício apropriado, como parte de sua reparação. Ver no *Dicionário* o artigo detalhado chamado *Juramentos.*

5.5

O indivíduo culpado *dessas coisas* (ou seja, das *quatro*) descritas nos vss. 1-4, ou de outras coisas similares, primeiro deveria confessar e fazer reparação, e, então, trazer o sacrifício apropriado (vss. 6 ss.).

Confessará. Era mister fazer alguma confissão pública, formal, embora não nos seja informado que confissão seria essa. Nos tempos do segundo templo, a questão se resumia no seguinte: O ofensor impunha suas mãos entre os dois chifres do animal sacrificado, enquanto este ainda estivesse vivo, e então dizia: "Pequei; cometi iniqüidade; transgredi e fiz isto ou aquilo. Mas arrependo-me diante de Ti, e esta é a minha expiação".

Os autores judeus também dizem algo similar, de diferentes modos e com diversas fórmulas, incluindo a promessa de não repetir a infração. As palavras-chave, nesses casos, eram: confissão, restituição e humildade.

5.6

A oferta pelo pecado requeria o sacrifício de uma cabrita ou de uma cordeira, animais dos menos valiosos, que só eram mais valiosos que as aves. Nos casos de ofertas pelo pecado, ilustrados no capítulo 4, temos as seguintes: Por um sacerdote, o touro; pela congregação inteira, o touro; por um líder ou príncipe, o bode; pelo indivíduo comum, uma cabra ou cordeira. Gradações de pecadores requeriam gradações de tipos de animais oferecidos, do mais para o menos valioso. Ver notas expositivas sobre isso em Lev. 4.28. Ver as notas introdutórias a Lev. 4.13, a respeito das quatro classes pelas quais eram feitas ofertas.

Não nos são dados aqui pormenores sobre as ofertas, mas podemos pensar que seguiam os mesmos ritos dados no quarto capítulo. Visto que temos a cabra e a ovelha para essa oferenda, então é provável que os ritos descritos em Lev. 4.23-26 ou Lev. 4.32-35 fossem seguidos, dependendo de qual animal era oferecido, a cabra ou a ovelha.

Alguns eruditos pensam que havia uma diferença nas ofertas (entre os capítulos 4 e 5). Portanto, ficamos sem poder saber no que consistiriam essas oferendas. Mas o quinto capítulo talvez esteja apenas sugerindo os *tipos* de pecados de ignorância ou negligência que podiam ser cometidos e precisavam ser expiados, de acordo com as normas dadas no quarto capítulo.

5.7-9

As ofertas pelo pecado em favor dos *pobres,* que não eram capazes de oferecer os animais maiores, aparecem nos vss. 7-13 deste capítulo. Tais pessoas podiam trazer as duas aves — a rola ou o pombinho —, as quais estavam ao alcance de qualquer bolso. O quarto capítulo não inclui as aves, mas é provável que devamos transferir para esse capítulo o fato de que os pobres podiam oferecer aves, embora isso não seja dito especificamente. O trecho de Lev. 1.14-17 fornece-nos o ritual associado ao oferecimento de aves, que, segundo supomos, era seguido no caso presente. As aves prestavam-se tanto para as ofertas pelo pecado quanto para as ofertas queimadas, esta última requerendo a queima total da ave, e aquela primeira, não. O ritual descrito neste texto é virtualmente igual ao que aparece no trecho de Lev. 1.14-17, exceto pelo fato de que parte do sangue era aspergido contra os lados do altar, no caso das ofertas queimadas, ao passo que nas ofertas pelo pecado, além desse ato, o resto do sangue era drenado à base do altar (vs. 9). Mas alguns eruditos opinam que o rito era igual, embora as duas descrições sejam ligeiramente diferentes, de modo não-intencional. O décimo versículo, naturalmente, que descreve uma *segunda ave,* era um item peculiar às ofertas pelo pecado.

5.10

E do outro. Está em pauta aqui a *segunda ave,* a qual era oferecida como oferta queimada, sem dúvida à maneira descrita em Lev. 1.14-17. Portanto, eram feitas duas ofertas, a oferta pelo pecado e a oferta queimada, em que a segunda era totalmente consumida nas chamas. As *duas aves,* de alguma maneira, ao menos simbolicamente, compensavam pelo fato de que não fora trazido um dos animais de maior preço. Mas alguns eruditos pensam que não temos aqui dois tipos de oferta. Antes, crêem que as duas aves substituíam a provisão concernente à *gordura,* porção tão importante nas ofertas. Seria impossível separar a porção gorda das aves, assim, em vez de ser feita essa separação, eram oferecidas duas aves. Ver Lev. 3.17 quanto às normas atinentes à gordura e ao sangue. A gordura e o sangue pertenciam a Yahweh, como as porções mais preciosas dos sacrifícios de animais e aves. A segunda ave era *totalmente consumida* nas chamas, tomando o lugar da gordura dos sacrifícios de maior valor.

A primeira ave das ofertas pelo pecado pertencia ao sacerdote e podia ser comida por ele, uma vez usado cerimonialmente o sangue. Mas a segunda pertencia totalmente a Yahweh.

5.11

Se as suas posses não lhe permitirem. Havia pessoas tão pobres que não podiam gastar nem mesmo com as duas aves. Mas nem por isso ficavam fora do sistema. Bastava que oferecessem *ofertas de manjares,* ou seja, de cereais. Cada qual oferecia aquilo do que era possuidor. Se fosse pessoa abastada, podia oferecer um touro; se fosse remediado, podia oferecer um bode ou carneiro; os pobres podiam oferecer duas aves; e os extremamente pobres podiam oferecer uma oferta de cereais. Ver o gráfico que há antes da exposição de Lev. 1.1, que ilustra os vários tipos possíveis de oferendas, bem como os rituais que as circundavam.

Um homem drasticamente pobre podia fazer uma oferta de cerca de um litro de farinha de trigo, ou seja, a décima parte de um efa. Em Lev. 2.1-3, temos a descrição das ofertas de cereais, e a descrição desta passagem segue aquela em seus contornos gerais, embora não quanto a cada detalhe. Nesse caso, nenhum azeite ou incenso era misturado com o cereal.

Esta seção (vss. 7-11) é suplementar à de Lev. 4.27-35, que cobre o caso dos pobres e dos extremamente pobres, que as descrições do capítulo quarto deixaram de fora.

Oferta pelo pecado. Certas diferenças eram feitas, porque esta passagem descreve uma oferta pelo pecado, ao passo que o trecho de Lev. 2.1-3 descreve a *minchah,* ou seja, as ofertas de cereais ou de manjares. Os propósitos diferiam. A primeira passagem aborda as questões de agradecimento, gratidão e dedicação. A segunda aborda a expiação pelo pecado. Meu gráfico, apresentado imediata-

mente antes dos comentários sobre Lev. 1.1, deixa claras essas distinções. Ver no gráfico sob *Dedicatórias* (subtítulos: queimadas, cereais, libação) e *Expiatórias* (subtítulos: pelo pecado e pela culpa).

5.12

Este versículo é similar, mas não absolutamente igual a Lev. 2.2. Deixa de lado a observação sobre o azeite, o incenso e o *aroma agradável*. Ambos os trechos falam sobre a porção *memorial*, que deveria ser dada a Yahweh, ponto esse comentado em Lev. 2.2. Ambas eram oferendas oferecidas no *fogo*, ou seja, queimadas sobre o *altar de bronze* (ver as notas sobre Êxo. 27.1). Aqui somos novamente informados (cf. o vs. 11) que está em vista uma *oferta pelo pecado*, e não uma oferta de cereais. Ver Lev. 4.35, quanto às ofertas que passavam pelo *fogo*.

Tipologia. Tal como no caso das passagens que tratam dos sacrifícios e das ofertas, os eruditos vêem aqui tipos que prefiguram a pessoa de Cristo. Ver II Cor. 5.21; Efé. 1.7 e 5.2 quanto a típicas referências neotestamentárias. Ver João 1.29, bem como a exposição desse versículo, no *Novo Testamento Interpretado*, quanto a detalhes completos.

5.13

Fará oferta pelo pecado. Temos aqui, em nossa versão portuguesa, *um erro de revisão*. O hebraico diz aqui "fará expiação pelo pecado", conforme se vê em todas as outras versões, em português e em outros idiomas. Ver no *Dicionário* o artigo *Expiação*.

Em alguma destas cousas. Ou seja, os tipos de pecados especificados nos vss. 1-4, e outros semelhantes a esses versículos, cometidos por pessoas extremamente pobres, que só podiam oferecer cereais como sacrifício.

E lhe será perdoado. Ver no *Dicionário* o artigo intitulado *Perdão*.

O restante. Aquelas porções dos sacrifícios que não eram usados no rito, tornavam-se alimento dos sacerdotes. Aquilo que era levado ao altar, a fim de ser submetido ao fogo, pertencia a Yahweh. Mas o que não fosse levado ao altar de bronze pertencia aos sacerdotes, servos de Yahweh. No caso das ofertas de cereais, somente um punhado (tomado dentre a décima parte do efa) pertencia a Yahweh, e as outras nove décimas partes pertenciam ao sacerdote oficiante. Outro tanto sucedia no caso dos dízimos: uma décima parte pertencia ao Senhor; e os nove décimos ficavam com o homem. Ver Lev. 2.3 quanto à mesma norma.

Sacrifício pelo Sacrilégio (5.14-16)

O autor sacro continuava a alistar aqueles tipos de pecados pelos quais ofertas ou sacrifícios tinham de ser feitos. No quarto capítulo, o autor nos deu as *quatro classes* de pessoas que cometiam *pecados involuntários*. Ver Lev. 4.13 quanto a isso. Em seguida, ele forneceu os vários tipos de sacrifícios requeridos, desde o touro, o mais dispendioso, passando pela cordeira, dependendo da situação econômica do ofertante. A essa lista, já neste capítulo, ele adicionou a oferta de aves (vss. 7-9), feita pelos pobres; até chegar às ofertas de cereais, feitas pelos mais pobres (vss. 11,12). Ver Lev. 4.28 quanto a oferendas de vários valores.

Oferta pela Culpa. Alguns eruditos vêem uma diferença entre as ofertas pela culpa e as ofertas pela transgressão. Algumas versões dizem aqui "oferta pela transgressão". Mas se existe alguma diferença entre essas duas ofertas, isso envolve somente a questão da *reparação* (vs. 16). Entretanto, cabe-nos supor que qualquer pecado devesse incluir reparação juntamente com confissão, até onde essa reparação for possível. Portanto, essa distinção não parece ter razão, motivo talvez pelo qual nossa versão portuguesa diga aqui "oferta pela culpa", e não "oferta pela transgressão".

Talvez a verdade da questão seja que as ofertas pela transgressão (ou *ofertas pela culpa*, conforme alguns as chamam) fossem uma *espécie* de oferenda que enfatizasse a idéia de *reparação*, visto que algum valor monetário podia ser vinculado à perda incorrida pelo ofensor. Cf. este texto com Núm. 5.12ss.; Jos. 7.1; 22.20; II Crô. 26.16,18; 28.22,23. "Quando um pecado podia ser calculado quanto a seu valor monetário, o ofensor precisava apresentar não somente o carneiro como oferta pela culpa, mas também compensação sob forma de propriedade ou prata, além de uma multa de vinte por cento (Lev. 5.16; 6.5)" (F. Duane Lindsey, *in loc.*). Os exemplos dados neste texto (exemplos esses que podem ser multiplicados por via de analogia) são de pecados não-intencionais, apropriações indébitas de propriedade sagrada (Lev. 5.14-16) e de serviços (cf. Lev. 4.12,24), suspeitas de transgressões de mandamentos divinos (Lev. 5.17-19) e a violação de direitos alheios (Lev. 6.1-7; cf. Lev. 19.20-22; Núm. 5.6-10). O pecado causou à vítima uma perda, pelo que seria mister fazer reparação.

5.14

Disse mais o Senhor. Temos aqui uma fórmula literária do Pentateuco que introduz alguma nova seção, mas também reflete o teísmo (como também o misticismo e a revelação). Ver no *Dicionário* os três artigos com esses títulos. Dou uma nota detalhada, com muitas referências, que incluem essa expressão, em Lev. 1.1 e 4.1.

5.15

Nas cousas sagradas. Talvez o indivíduo tenha deixado de pagar a taxa do tabernáculo (Êxo. 30.13 ss.); talvez tenha deixado de redimir seu primogênito ou tenha retido os seus dízimos; talvez se tenha mostrado negligente em sustentar o tabernáculo com suas dádivas ou em apresentar os sacrifícios apropriados. Não parece estar em pauta a falta de observância do descanso sabático, porque, então, o ofensor seria executado por tal falta. Ver Êxo. 31.15. Quanto a falhas possíveis no tocante às coisas santas, ver estas referências: Lev. 2.3,10; 14.24; 22.14-16; 27; Núm. 2.3,10; 6.11,12.

Um carneiro. Esse era o animal que devia ser oferecido diante da ofensa aqui abordada. Ver Lev. 5.15,18 e 6.6 quanto às normas concernentes a seu uso nos sacrifícios. Cf. Êxo. 29.15-20 etc. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Ovelha*. O animal precisava ser *sem defeito*, um requisito constante, em todas as ofertas de animais. Ver sobre isso nas notas relativas a Lev. 4.3.

Como oferta pela culpa. Ver as notas de introdução a esta seção (antes das notas sobre o vs. 14), quanto a amplas descrições do tipo de oferenda em mira, em contraste com as ofertas comuns, pelo pecado. As ofertas pela transgressão (ou pela culpa, conforme lemos em nossa versão portuguesa) eram uma espécie de oferenda pelo pecado que salientava a idéia de reparação. Ver no *Dicionário* o artigo intitulado *Reparação (Restituição)*.

As ofertas pela culpa têm em vista a *ofensa* causada pelo pecado, e não, especificamente, a sua *culpa;* mas as ofertas pelo pecado enfatizam a *culpa*. Por causa dessa confusão causada pelo nome "ofertas pela culpa", algumas versões preferem "ofertas pela transgressão". Em Sal. 51.4 temos uma perfeita expressão dessa questão. Um pecado contra o homem, é, na verdade, um pecado contra Deus.

Vale a pena ressaltar que essa confusão de nomes, neste caso, não se deve a nenhuma confusão mental no original hebraico. A confusão fora criada no momento da tradução. O leitor terá sanadas quaisquer dúvidas se examinar o gráfico intitulado *Sacrifícios e Ofertas*, nas notas introdutórias a 1:1. Vemos ali três tipos gerais dessas oferendas: Ofertas dedicatórias; ofertas comunais e ofertas expiatórias. Essas ofertas expiatórias subdividem-se em "ofertas pelo pecado" (Lev. 4.1-5.13; 6.24-30; Núm. 5.7) e "ofertas pela culpa" (Lev. 5.14-6.7; 7.1-10).

A Multa. "O carneiro tinha de ser crescido o bastante para valer, no mínimo, *dois siclos*. No início, cabia a Moisés fazer a avaliação, mas depois isso foi transferido para o sacerdote oficiante. Ver Lev. 27.8,12; Núm. 18.16" (Ellicott, *in loc.*).

Há notas expositivas sobre o *siclo do santuário* em Êxo. 30.13. Permitia-se que um leproso purificado de sua lepra oferecesse um cordeiro (Lev. 14.12,21), ao passo que os pobres podiam oferecer uma ave (Lev. 14.30), e outro tanto se oferecia quando da reconsagração de um nazireu que se contaminara (Núm. 6.12). Em adição ao valor do animal, havia uma multa de vinte por cento, o que é descrito no vs. 16 deste capítulo.

O valor de *dois siclos* fazia parte das tradições judaicas comuns, confirmadas pelos Targuns, por Aben Ezra, por Ben Gersom e por Jarchi.

5.16

Acrescentará o seu quinto. Essa era uma multa, que se acrescia ao prejuízo causado a alguém, bem como ao preço do animal dado como reparação. Essa restituição, juntamente com a multa, era entregue ao sacerdote, representante de Yahweh, que administrava Seus interesses. O homem havia provocado algum *dano*, e agora fazia uma reparação de acordo com esse prejuízo. Se o ofensor tivesse consumido coisas santas (como sacrifícios, cereais etc.), teria de restituir o dinheiro equivalente a isso, acrescentando vinte por cento de multa. Poderiam estar em pauta sacrifícios indevidamente apropriados (animais, cereais), que deveriam ter sido encaminhados ao serviço do tabernáculo. A restituição ultrapassava o valor do animal sacrificado em um quinto de seu valor. Ou o ofensor não havia trazido suas primícias (Lev. 27). Ou poderia não ter pago seus dízimos; ou deixara de cumprir um voto (Núm. 6.11,12), ou não fizera algum serviço que deveria ter sido feito (Lev. 14.24). Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Reparação*

(Restituição). Todos os pecados que causassem prejuízo a outrem deveriam incluir a restituição como parte integrante do arrependimento. Em caso contrário, o arrependimento seria considerado falso.

Sacrifício pelos Pecados de Ignorância (5.17-19)

Um homem podia transgredir um dos mandamentos do Senhor, mostrando-se omisso ou cometendo algum mal positivo, devido à sua *ignorância,* conforme fica estipulado por todo este capítulo quinto. Um pecado voluntarioso não está em vista aqui, uma vez que não havia expiação para tal pecado, dentro do sistema levítico. Ver as notas sobre o segundo versículo deste capítulo. Os Dez Mandamentos originais (ver a respeito deles no *Dicionário*) foram desdobrados em inúmeros estatutos e preceitos, em leis e ordenanças, de tal maneira que ninguém era capaz de lembrar-se da legislação inteira, nem de cumpri-la totalmente. Por conseguinte, sacrifícios contínuos estavam sempre fazendo expiação por novas infrações.

5.17

Há pecados de comissão e de omissão, e o número imenso de leis fazia com que os israelitas estivessem cometendo ambas essas formas de pecados o tempo todo. Não se conseguia atingir algo que se parecesse com a perfeição. Portanto, eles viviam de consciência culpada. Examinando a legislação, cada israelita veria que tinha cometido alguma infração. O texto pressupõe o que deveria ser *ensinado* ao povo acerca do que a legislação mosaica requeria, e sua consciência seria ativada por meio de tal conhecimento. Nenhuma reparação é mencionada nos vss. 17-19, pelo que supomos que os pecados cometidos não fossem de natureza prejudicial a outrem ou ao serviço santo do tabernáculo. Talvez a apropriação indébita de *coisas santas* (vs. 14) esteja em vista, e, então, as palavras "e fizer contra algum algum dos mandamentos do Senhor", que lemos neste versículo, se referiam a isso. Mas talvez o homem nem se lembrasse mais no que consistia a sua transgressão. Todavia, para certificar-se de que nada estava devendo diante da lei, trazia a sua oferenda. Contudo, se a questão fosse por demais *vaga,* então não saberia como fazer reparação. Cf. esta seção com Lev. 4.27-35. Ver também Luc. 12.48.

5.18

Este versículo é igual ao vs. 15 deste capítulo, embora não seja determinado aqui de qual valor deveria ser o carneiro. Mas isso fica entendido. A palavra *avaliação* mostra-nos que deveria ser feita restituição, embora, ao que pareça, de forma um tanto vaga, visto que o homem não estava certo se tinha causado prejuízo a alguém ou se se tinha apropriado de modo indevido de *coisas santas.* O homem, pois, estipulava um valor arbitrário. Coisa alguma é dita sobre o seu quinto, pois, nesse caso, essa multa não era cobrada. Alguns estudiosos pensam que a palavra *avaliação se* refere ao preço do carneiro, e não ao fato de a restituição a ser feita. Nesse caso, não haveria nenhuma restituição a ser feita.

5.19

Oferta pela culpa. Em contraste com as ofertas pelo pecado, acima referidas (cap. quarto), embora também fossem uma espécie de ofertas pelo pecado. Ver as notas introdutórias a Lev. 5.14 sobre essa questão. O versículo forma uma conclusão da seção de Lev. 5.14-18. E também encerra a pequena seção dos vss. 17-28, dizendo-nos que, embora não fosse feitá restituição nem houvesse a multa do quinto, ainda assim as oferendas aqui descritas eram tidas como ofertas pela culpa.

Capítulo Seis

Sacrifício pelos Pecados Voluntários (6.1-7)

Achamos aqui instruções acerca dos pecados voluntários, em contraste com os pecados involuntários (e seus sacrifícios), que foram ventilados no capítulo quinto de Levítico. Esses pecados envolviam prejuízos causados ao próximo (cf. Êxo. 22.7-15). Ver suplementos a esta passagem em Núm. 5.5-10. Está particularmente em mira a violação dos direitos de propriedade. O trecho de Lev. 5.14-19 falava da violação das propriedades de Yahweh, bem como de mandamentos acerca do serviço sagrado (Lev. 5.17). Aquele que defraudasse a um homem defraudava também a Yahweh, por ser Ele o Pai de todos. Os vss. 2 e 3 incluem pecados que envolviam fraudes, furto e extorsão, injustiças que os homens geralmente cometem contra os seus semelhantes.

6.1

Falou mais o Senhor. Uma fórmula literária que dá início a alguma nova seção do Pentateuco, mas que também serve para lembrar-nos de que Moisés estava recebendo ensinamentos divinamente inspirados. Também outras coisas ficam entendidas nessa declaração, pelo que dou notas expositivas detalhadas sobre essa questão em Lev. 1.1, com adições em Lev. 4.1.

6.2,3

Tipos de Pecados Envolvidos. Faia-se aqui em pecados como fraude, furto, extorsão, apropriação indébita (não devolver ao dono alguma coisa achada) e falta de fidelidade na guarda de objetos. Todos os pecados assim arrolados têm algo a ver com a obtenção de propriedades ou valores, mediante métodos desonestos ou extorsivos. Os bens envolvidos podiam ser dinheiro, animais domésticos e os mais variados itens de propriedade pessoal. O termo aqui traduzido como penhor (vs. 2) envolve violações referentes à confiança que deve haver entre sócios. Portanto, está em foco alguma desonestidade praticada contra um sócio, em algum negócio ou empreendimento, com o intuito de fraudá-lo quanto à parte que lhe cabe legitimamente. Mas há eruditos que pensam que está em pauta a idéia de depósito, ou seja, algo que foi entregue a alguém para que o guardasse, mas que não foi devolvido no tempo certo. Em casos assim, um homem, embora culpado, poderia afirmar a sua inocência com o apoio de um juramento (vs. 3).

Poucas pessoas sentem a necessidade de tentar achar algo que foi perdido por outrem, e menos pessoas ainda pensam em devolver propriedades perdidas, sejam elas grandes ou pequenas. É uma cena particularmente desagradável ver pessoas pilhando coisas de um veículo acidentado, como se aquilo que ficasse espalhado pela estrada lhes pertencesse automaticamente, apenas porque o proprietário sofreu um golpe adverso da sorte. Maimônides lembra-nos de que da próxima vez quiçá nós é que venhamos a perder algo de valor, tendo de depender da honestidade de outras pessoas para que nos devolvam as coisas perdidas (Moreh Nevochim, par. 3, c. 40). Mas um caráter bem formado nem ao menos precisa de tal motivação. Se em nosso peito houver amòr ao próximo, devolveremos os objetos achados. Mas aquele que age desse modo, neste nosso mundo perdido, chega a tornar-se uma figura curiosa. Para o homem de natureza corrompida, o furto é algo natural. A espiritualidade é que vence essa tendência universal dos seres humanos.

6.4

O homem que se mostra desonesto quanto a coisas materiais, e que costuma defraudar ao próximo, torna-se culpado. Dentro do sistema mosaico, isso requeria uma oferta regular de um carneiro (vs. 6). Mas o culpado também tinha de fazer devolução de um quinto, como multa por haver cedido à tentação de causar prejuízo ao próximo (vs. 5). Talvez ele viesse a negar sua transgressão por meio de um juramento (vs. 3), mas a verdade finalmente viria à tona, ou porque outros homens arrancassem a verdade do homem, ou porque o próprio indivíduo viesse a arrepender-se.

6.5

E o restituirá por inteiro, e ainda a isso acrescentará. Esse acréscimo era uma multa de um quinto (ver o vs. 16). O trecho de Êxo. 22.1-15 mostra-nos que a restituição poderia ser em dobro; e, em algumas culturas, essa restituição era muito mais pesada. Portanto, os vinte por cento acrescidos à restituição constituíam-se em uma multa extremamente modesta. O trecho de Êxodo 22 também trata das propriedades furtadas, pelo que muitos eruditos não entendem a lei separada e mais lenitente deste sexto capítulo de Levítico. Alguns pensadores opinam que temos aqui duas legislações separadas que não foram combinadas para produzir uma única norma acerca da questão.

Outros estudiosos sugerem que o caso abordado no capítulo vinte e dois de Êxodo fosse o de uma pessoa em falta que tivesse sido surpreendida e condenada em um tribunal de justiça, ao passo que este capítulo de Levítico falaria sobre um homem culpado que se entregasse voluntariamente às mãos da justiça e, mesmo sem passar por julgamento, dispunha-se a corrigir seu erro. No entanto, o texto não estabelece essas distinções, pelo que não sabemos como resolver o problema. Ver sobre a questão do quinto, nas notas sobre o vs. 16 deste capítulo.

6.6,7

E por sua oferta pela culpa. Além de fazer devolução, acrescida da multa, o indivíduo culpado deveria trazer um carneiro para fazer expiação por sua culpa. Estes dois versículos são essencialmente iguais ao trecho de Lev. 5.18,19, os quais, por sua vez, têm paralelo no vs. 15 deste capítulo, embora alguns detalhes sejam passados por alto, aqui.

"A *característica distinta* das ofertas pela culpa era o pagamento de restituição e de multa à vítima da fraude, sem importar se esta fosse Deus ou um ser humano. O carneiro das ofertas pela culpa não fazia parte da restituição, mas era a expiação pelo pecado, diante de Deus" (F. Duane Lindsey, *in loc.*).

Tipologia. Em Jesus Cristo têm cumprimento todos os tipos de ofertas e sacrifícios. Sua morte expiatória, na cruz, corrige todos os prejuízos e injustiças. O trecho de Isaías 53.10 apresenta Sua expiação como um ato efetuado em favor de *culpados.*

Lei acerca dos Holocaustos (6.8-13)

O trecho de Lev. 1.1-6.7 é uma espécie de manual dos sacrifícios. E o trecho de Êxo. 6.8-7.38 consta de material suplementar que cobre muitos ritos, cerimônias e sacrifícios. Esta seção foi dada diretamente a Arão, embora dita a Moisés, o qual transmitiu a informação. A preocupação deste segmento é identificar quais pessoas, lugares e porções eram aceitáveis a Deus como refeições sacrificiais. Neste trecho, os sacerdotes receberam instruções vitais, capacitando-os a realizar sua tarefa em harmonia com a vontade de Yahweh.

Classes e Ordens de Sacrifícios:

1. A ordem didática (ofertas queimadas, de manjares, de comunhão, pelo pecado e pela culpa).
2. A ordem administrativa (ofertas queimadas, de manjares, pela culpa, de comunhão) (Lev. 6.8-7.34; cf. Núm. 7.87,88).
3. A ordem de procedimento (ofertas pelo pecado, pela culpa, queimadas, de manjares, de comunhão) (Lev. 8.14-32; cf. Êxo. 29.10-34; Lev. 14.12; 15.14,15,29,30; Núm. 6.16,17).

"Visto que nenhuma porção das ofertas queimadas era comida pelo sacerdote ou pelo ofertante, esta breve seção (Lev. 6.8-13) trata somente dos cuidados apropriados com as cinzas e o fogo do altar" (F. Duane Lindsey, *in loc.*).

6.8

Disse mais o Senhor. Uma fórmula literária que introduz uma nova seção do Pentateuco, de ocorrência muito freqüente, mas que também visa relembrar o leitor de que Moisés estava recebendo instruções inspiradas da parte de Yahweh. A fórmula também envolve outras implicações. Ver as notas detalhadas sobre a expressão, em Lev. 1.1, com comentários adicionais em Lev. 4.1.

6.9

Dá ordem a Arão e a seus filhos. A seção inteira foi endereçada à casta sacerdotal.

A lei do holocausto. Ver no *Dicionário* sobre esse termo. Ver Gên. 8.20; 22.2; 38.24; Êxo. 10.25; 18.12; 20.24; 24.5; 29.18; 30.9; 31.9; 35.16; 38.1; 40.6,10; Lev. 1.3,4,6; 2.12; 3.5; 4.7,10,12,18,24; 5.7; 6.9; 7.2; 8.18; 9.2; 12.8; 13.52 etc.

O trecho de Êxo. 29.38-42 mostra-nos que essa oferta era realizada duas vezes por dia, pela manhã e à tardinha. O sacrifício ficava a queimar, e, considerando-se que havia dois desses sacrifícios, o altar vivia fumegante. O *fogo* não podia apagar-se. Alguns vêem nisso um tipo da devoção imorredoura que caracterizou o sacrifício de Cristo (as chamas eternas), a mesma atitude que deve caracterizar a nossa devoção (Rom. 12.1,2). Pela manhã, o altar de bronze devia ser limpo, mas logo um novo sacrifício era posto sobre ele. Alguns estudiosos supõem que os sacerdotes, por turnos, pusessem a intervalos os pedaços do sacrifício sobre o altar, garantindo assim que sempre houvesse algo queimando. Mas considerando-se que o combustível era somente a lenha, o sacrifício ficaria *requeimando durante a noite inteira, sem nenhuma ajuda. No entanto, parece que* na época do segundo templo, ficar alimentando as chamas fazia parte da prática dos sacerdotes. Os pedaços de gordura começavam a queimar à meia-noite, e mais iam sendo postos sobre as chamas conforme a noite avançava.

6.10

Havia a determinação de que o sacerdote usasse seus trajes oficiais enquanto estivesse realizando seus serviços no tabernáculo: mas fora daqueles momentos, ele vestia-se como qualquer outro homem. Os trechos de Êxo. 28.39,40 e 29.5-10 dão-nos os itens do vestuário deles (o que é repetido em parte neste versículo). Ali forneço completas notas expositivas. O texto faz-nos lembrar Efé. 6.11 ss. Para que sua guerra espiritual seja bem-sucedida, o crente precisa de *cada peça* da armadura de Deus.

O altar precisava ser limpo a cada manhã. As cinzas eram removidas. Em caso contrário, visto que havia dois sacrifícios diários (um pela manhã e outro à tardinha), haveria grande acúmulo de fragmentos de animais, que o fogo a *lenha não tinha podido consumir. Podemos supor com segurança que a maior* parte de um animal, na verdade, não era consumida, mas apenas ficava fumegando. O trabalho da queima continuava fora do átrio, no santo montão de cinzas. O fogo a lenha jamais poderia consumir tudo, embora ao menos se fizesse essa tentativa.

Nos tempos do segundo templo, os sacerdotes eram incumbidos de suas tarefas mediante o lançamento de sortes, sobre uma base rotativa. As cinzas eram primeiramente juntadas no átrio, mas, ao acumularem-se, eram removidas para fora do acampamento. Lemos aqui que o holocausto seria posto "junto" ao altar. Mas no vs. 11 lemos sobre a total remoção das cinzas.

6.11

Quando se preparava para sair fora do átrio, o sacerdote punha suas vestes comuns e levava para o santo montão as cinzas e os restos de ossos e carne, que o fogo a lenha não tinha podido consumir. Esse lugar era *cerimonialmente limpo,* embora de modo algum fosse fisicamente limpo. Ali continuava o processo da queima. As vestes santas dos sacerdotes dispunham de lugares próprios onde podiam ser guardadas (Eze. 44.19; Esd. 2.69; Nee. 7.70). Essas vestes sacerdotais não podiam ficar espalhadas ou deixadas ao léu. Era mister cuidar muito bem delas. A disposição das cinzas cabia aos sacerdotes, e nenhum leigo podia envolver-se em tal função.

6.12,13

O fogo. . . sempre arderá sobre o altar. As chamas sobre o altar eram perenes. Esses dois versículos dão-nos *duas* afirmações garantindo-nos que não podiam apagar-se as chamas sobre o *altar de bronze* (ver sobre isso no *Dicionário*). Os sacerdotes estavam encarregados de garantir que essas chamas nunca se apagassem. O vs. 9 deste capítulo já deixara isso entendido, onde comentei sobre a questão e seus possíveis simbolismos. O sacerdote tinha de usar de cuidado ao remover as cinzas, a fim de não perturbar os pedaços de gordura que *continuassem queimando. Pela manhã, o fogo era avivado com lenha, para que* as chamas não se apagassem Uma madeira santa era escolhida para esse mister, pelo que sempre havia em depósito bastante lenha com esse propósito. Ver Lev. 1.7 e suas notas expositivas.

O vs. 13 repete a questão do fogo santo. Foi o Senhor quem enviara o fogo do céu (Lev. 9.24), e o homem era agora responsável por sua continuidade. Durante os dias do segundo templo, o fogo perpétuo consistia em três partes ou pilhas separadas de lenha sobre o altar, mas isso representava uma complicação da ordenança original. As maiores fogueiras eram usadas nos holocaustos diários; a segunda fogueira suprIa os incensários e a queima do incenso; e a terceira era o fogo perpétuo, que alimentava continuamente as outras duas fogueiras. Esse fogo nunca se apagava, até que Nabucodonosor forçou o fim desse fogo contínuo, devido ao cativeiro babilônico. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Cativeiros.* A mitologia diz que os sacerdotes judeus foram capazes de manter as chamas vivas em algum lugar oculto, e que, nos dias de Neemias, elas foram renovadas publicamente. Ver II Macabeus 1.19-22.

Várias outras nações mantinham a tradição do fogo perpétuo em seus altares. Isso acontecia na Pérsia (Curt. Hist. 1.4, c. 14), na Grécia (*Arcadica sive,* 1.8 par. 469, 516), em Roma (*His. Animal.* 1.10, c. 50, Aelianus). Virgílio referiu-se ao fogo eterno das virgens vestais (Vos aeterni, igneis, *Aeneid.* 1.2). *Vesta* era a deusa da lareira, protetora do estado, e suas chamas eternas eram mantidas pelas virgens vestais, suas devotas.

Lei acerca da Oferta de Manjares (6.14-18)

Estes versículos atuam como suplemento da informação sobre o mesmo assunto, no segundo capítulo de Levítico. O segundo capítulo inteiro consagra-se à questão das ofertas de manjares, também chamadas de cereais. Ver o *gráfico* que ilustra as ofertas e rituais de Levítico, antes dos comentários sobre Lev. 1.1. Os versículos que ora ventilamos adicionam bem pouco ao segundo capítulo do livro. As palavras *cousa santíssima* (Lev. 6.17) indicam a porção da carne dos sacrifícios que os sacerdotes, descendentes de Arão, podiam comer (vs. 18). Qualquer oferta da qual não se podia comer nunca era chamada de oferta queimada.

6.14-16

Estes versículos têm paralelo em Lev. 2.1-3, com poucas variações. As notas expositivas devem ser examinadas ali. Lemos que Arão e seus filhos faziam a oferenda, mas devemos entender aqui seus descendentes. O que não era queimado sobre o altar devia ser comido pelos sacerdotes. Isso fazia parte do suprimento alimentar dos sacerdotes, como paga pelo trabalho deles no tabernáculo, pelo tempo que devotavam ao culto divino. Eles comiam no Lugar Santo, e não no átrio. Quanto à expressão "no pátio da tenda da congregação", ver Êxo. 27.21 e suas notas. Ver comentários adicionais em Lev. 1.1; e, quanto à *congregação,* ver Êxo. 16.1.

O *pão asmo* aqui mencionado é comentado em Lev. 2.4.

6.17

Todo fermento era proibido nessa oferenda, conforme se vê em Lev. 2.4 ss. Ver também o vs. 11 daquele capítulo, onde explico minuciosamente a questão. Mas os sacrifícios que eram levados ao *altar de bronze* não podiam levar fer-

mento. No entanto, o fermento não era vedado para todo tipo de oferenda. Os sacerdotes deviam viver do altar, dali extraindo seu suprimento alimentar, sob a forma de carne e de cereais; e suas roupas eram feitas por aqueles encarregados da tarefa, de tal modo que um sacerdote não tinha despesas com seu vestuário. As ofertas eram *santíssimas* quando se tornavam parte do sustento de um sacerdote.

As *ofertas pelo pecado* (ver o capítulo quarto inteiro, quanto às suas quatro classes diversas). Também havia as *ofertas pela culpa* (Lev. 5.15 ss.). Ver as notas introdutórias a Lev. 5.14, quanto a distinções e a completos detalhes a respeito.

Provisões para os Ministros. O princípio de que um ministro deve viver de seu trabalho religioso é transportado para o Novo Testamento. Ver Luc. 10.7 e I Cor. 9.9 ss.

6.18

"As ofertas pelo pecado, as ofertas pela culpa e o restante das ofertas pacíficas, por serem *santíssimas*, só podiam ser comidas pelos membros masculinos das famílias dos sacerdotes, dentro do átrio do santuário. Mas as ofertas sob a forma de frutos dados como dízimos, o ombro e o peito dos animais sacrificados, bem como as ofertas pacíficas, por serem apenas *santas,* eram comidas não somente pelos sacerdotes oficiantes em Jerusalém, mas também por seus filhos incapacitados, por suas filhas etc., contanto que estivessem cerimonialmente limpos. Todo sacerdote que comesse das coisas santíssimas *fora* das paredes do átrio, ou das coisas santas fora das muralhas de Jerusalém, recebia quarenta açoites, menos um" (Ellicott, *in loc.*).

O Toque e a Pureza Cerimoniais. Cf. Lev. 22.6,7. Ver também Êxo. 29.37 quanto a algo similar, com notas que também se aplicam aqui. O trecho de Êxo. 30.29 é outro versículo paralelo. "Qualquer leigo ou qualquer utensílio ordinário etc. tornava-se sagrado se tocasse em alguma coisa santíssima" (Ellicott, *in loc.*). Os utensílios sagrados só podiam ser usados no tabernáculo, uma vez purificados para tanto, do ponto de vista cerimonial. Os sacerdotes também precisavam submeter-se às purificações necessárias, para que estivessem santos para seu serviço (Lev. 22.6,7).

Estatuto perpétuo. Ver as notas em Lev. 3.17 quanto à esperada perpetuidade das ordenanças e preceitos levíticos. Os limites que os homens vêem são apenas os limites de sua própria mente, e não limitações reais da espiritualidade e sua progressão, as quais jamais poderão cessar.

A Oferta na Consagração dos Sacerdotes (6.19-23)

Esta breve seção suplementa a lei atinente à ordenação de sacerdotes, descrita com detalhes no capítulo 29 do livro de Êxodo. "A oferta de cereais regular (ou seja, *diária*) dos sacerdotes (cf. Heb. 7.27) não foi mencionada no segundo capítulo de Levítico. Devia ser preparada pelo *herdeiro presuntivo* do sacerdote ungido (o sumo sacerdote), segundo se vê em Lev. 6.22, e oferecida metade pela manhã e metade à tardinha (vs. 20). Visto que um sacerdote não podia comer de sua própria oferta, era mister queimá-la totalmente sobre o altar (vs. 23)" (F. Duane Lindsey, *in loc.*). Lemos no vigésimo versículo: "no dia em que aquele que for ungido", ou seja, *na oportunidade de sua consagração.* Essas palavras dizem respeito às cerimônias reafirmadas nos capítulos oitavo a décimo. Essas ofertas eram *perpétuas*, ou seja, efetuadas na consagração de cada sucessivo sumo sacerdote, ou mesmo de cada sacerdote, na opinião de alguns. Ver os vss. 20-22 deste capítulo.

Se alguns estudiosos vêem aqui uma oferta diária para os sacerdotes comuns, o próprio texto não parece dar apoio a essa noção. Devia ser uma oferenda *regular,* isto é, observada de cada vez em que um novo sacerdote começava a oficiar, ou de cada vez em que os sacerdotes eram consagrados para seu serviço. Mas o sumo sacerdote oferecia diariamente essa oferenda, conforme se vê no versículo 22 deste capítulo.

6.19

Disse mais o Senhor. Achamos aqui, uma vez mais, a fórmula literária usada pelo autor do Pentateuco para iniciar alguma nova seção. E assim ele também nos relembra de sua convicção de que escrevia sob a inspiração de Yahweh. Há notas detalhadas sobre essa expressão em Lev. 1.1, com comentários adicionais em Lev. 4.1.

6.20

No dia. Ou seja, quando um novo sacerdote fosse consagrado ou no dia em que um novo sumo sacerdote iniciasse seu ministério (este nunca era reconsagrado). *Naquele dia,* a oferta aqui descrita tinha lugar, em uma cerimônia efetuada tanto pela manhã quanto à tardinha. Alguns estudiosos, porém, vêem aqui uma oferta *diária,* e parece que há alguma evidência de que essa cerimônia era repetida diariamente, no caso do *sumo sacerdote* (posto que não no caso dos sacerdotes comuns). Assim sendo, a cerimônia ocorria após o holocausto diário, com suas ofertas de manjares, mas antes da oferta de libação (Eclesiástico 45.14; Josefo, *Antiq.* III. x. par. 7). Parece que esse é o sacrifício mencionado em Heb. 7.27, onde se lê: ". . .que não tem necessidade, como os sumos sacerdotes, de oferecer todos os dias sacrifícios. . ."

Jarchi pronunciou-se sobre isso dizendo que essa era uma oferta de manjares oferecida por ocasião da consagração de um sacerdote; mas que o sumo sacerdote oferecia tal oferenda todos os dias. E essa parece ser a mensagem geral dos escritos da Mishnah (*Misn. Menachot.* c. 6, sec. 5, com o que Maimônides e Bartenora concordavam).

Oferta de manjares contínua. Ver as notas sobre Lev. 3.17 quanto à antecipada perpetuidade dos ritos levíticos. Ver também as notas sobre o vs. 18 deste capítulo.

Metade. . . metade. Os holocaustos também eram oferecidos pela manhã e à tardinha, pelo que parte das atividades do sumo sacerdote consistia em oferecer as ofertas de cereais, pois fazia-o duas vezes por dia. Sua consagração era assim enfatizada duas vezes por dia, e ele era assim continuamente relembrado do fato. Os eruditos cristãos vêem nisso a *eficácia contínua* da morte expiatória de Cristo. A oferenda, a cada dia, consistia na décima parte de um efa, ou seja, um *ômer* a cada dia, metade pela manhã e metade à tardinha.

6.21

Essa oferta de cereais consistia em pequenos bolos fritos ou assados: a farinha era posta em uma assadeira, com azeite, dividida então em pequenas partes. A oferta, pois, parecia representar os membros da vítima do holocausto, que também eram divididos, postos sobre o altar de bronze, e queimados (ver Lev. 1.8). O Targum de Jonathan diz-nos que a assadeira não dispunha de tampa nem beirada, mas era chata como se usa hoje em dia para fazer panquecas. Os Targuns, de modo geral, dizem que eram preparados doze bolos, e seis eram oferecidos pela manhã, e seis à tardinha. Como é lógico, esse número representa as doze tribos de Israel. Os estudiosos cristãos vêem nos pedaços o emblema do corpo partido de Cristo. *Cf. a divisão dos pães da proposição em doze* (Lev. 24.5).

6.22

O Sacerdote Ungido era o sumo sacerdote. Ele era ungido de uma vez para sempre, ao ser iniciado o seu ministério. Dali por diante, nenhum sumo sacerdote precisava ser ungido de novo. Mas os sacerdotes recebiam uma nova unção, anualmente. O sumo sacerdote, porém, tinha de oferecer sua oferta de manjares duas vezes por dia. Isso fazia parte de seus deveres.

Por estatuto perpétuo. Cf. Êxo. 27.21; 28.43; 29.9,28; 30.31; Lev. 3.17; 6.18,22; 7.34; 10.9; 16.29,31,34; 17.7; 23.14,21,31; 24.3,9; Núm. 18.11,19; 27.11; 35.29 etc. Ver a expressão similar, "durante as vossas gerações", em Lev. 3.17. Israel não antecipava o fim de seus ritos, preceitos e cerimônias, mas pensava que eles haveriam de chegar aos fins do tempo. Mas o Novo Testamento pôs fim a todo o sistema judaico com uma palavra: *Cristo.* Novas revelações não suplementam meramente as mais antigas. Em sua maior parte, substituem-nas. Então as coisas mais antigas ou se tornam totalmente obsoletas, ou se tornam símbolos do que viria.

Diferente das oferendas de cereais, essa era feita em favor do sumo sacerdote, e por ele mesmo, e era totalmente queimada. Nem o sumo sacerdote nem os sacerdotes comuns podiam comer uma porção qualquer dessa oferenda.

6.23

Este versículo reitera a informação de que a oferta de consagração do sumo sacerdote tinha de ser totalmente queimada e não podia ser usada na alimentação, conforme já vimos nas notas sobre o versículo anterior. "Os sacerdotes, ao comerem as ofertas do povo, tomavam sobre si as iniqüidades deles e faziam expiação *por eles* (Lev. 10.17); *mas o sumo sacerdote não comia o seu próprio sacrifício, a* fim de demonstrar que não podia levar sobre si seus próprios pecados nem fazer expiação em proveito próprio. E isso demonstra a insuficiência dos sacrifícios legais e a necessidade que havia de surgir algum outro tipo de sacrifício, a fim de levar os pecados" (John Gill, *in loc.*).

Lei acerca da Expiação pelo Pecado (6.24-30)

Temos aqui instruções sobre como devia ser consumida pelos sacerdotes a carne das *ofertas pelo pecado* (vs. 26) e por seus parentes masculinos (vs. 29).

Também nos é descrito o ritual relativo à reconsagração de vestes acidentalmente tocadas pelo sangue de um animal sacrificado, ou de utensílios que fossem tocados pela carne dos sacrifícios (vss. 27,28). Ademais, a carne dessas ofertas podia ser comida pelo sacerdote ou pela comunidade (vs. 30).

Estes sete versículos servem de suplemento a Lev. 4.1-5.13. Os vss. 27 e 28 parecem refletir o antigo conceito de que a santidade, através de algum meio místico, pode ser transferida por meio de contato (cf. o vs. 18). Portanto, vasos que fossem *tocados* precisavam ser totalmente limpos. Mas um vaso de barro, por ser um tanto absorvente, precisava ser destruído.

6.24

Disse mais o Senhor. Uma fórmula literária que introduzia alguma nova seção, mas também um modo de exprimir que Moisés escrevia uma obra divinamente inspirada. Anotei amplamente essa expressão e seus sentidos possíveis em Lev. 1.1, com idéias adicionais em Lev. 4.1.

6.25

A oferta pelo pecado e a oferta queimada eram abatidas na parte norte do *altar de bronze* (ver a esse respeito em Êxo. 27.11). Ver Lev. 1.11, onde essa normativa foi dada. Assim, era idêntico o modo de proceder quanto a ambas essas ofertas.

Cousa santíssima é. Ver as notas sobre isso em Lev. 2.3. Ver o diagrama da *planta* do tabernáculo, na introdução a Êxo. 25:1.

"A *oferta pelo pecado* não era um holocausto, nem era seguida por uma refeição comunal compartilhada pelo ofensor. A parte do sacrifício que não era consumida sobre o altar tinha de ser comida pelos sacerdotes. A carne do sacrifício não só era *santíssima*, mas também qualquer coisa que tocasse naquela carne tornava-se *santa*, isto é, separada do uso comum" (Nathaniel Micklem, *in loc.*).

6.26

Somente quem pertencesse à casta sacerdotal, e seus familiares, podia comer dessa oferta, segundo se vê nas notas sobre o versículo anterior. Comia-se da mesma no átrio do tabernáculo. Ver o diagrama da *planta* do tabernáculo, na introdução a Êxo. 26.1, onde um gráfico mostra os detalhes. O ato de *comer* o sacrifício indicava o fato de que o animal morto levava vicariamente os pecados do ofertante (Lev. 10.17), e assim fazia expiação, tal como Cristo ao tomar sobre Si os nossos pecados (João 1.29). Cf. Lev. 10.17; Osé. 4.8. Os membros masculinos da família imediata do sacerdote ajudavam-no a comer o sacrifício. Os eruditos cristãos vêem nisso a doutrina dos *crentes como sacerdotes*, participantes dos benefícios de Cristo, juntamente com Ele, tudo prefigurado pela participação da família do sacerdote naquela refeição. Ver Apo. 1.6.

Oito tipos de ofertas deviam ser comidos no Lugar Santo, a saber: 1. Ofertas pelo pecado (Lev. 4.26); 2. ofertas pela culpa (7.6); 3. o restante da oferta de manjares (23.10,11); 4. as ofertas de manjares em favor de Israel (2.3-10); 5. cereais (2.3-10); 6. os pães das primícias (23.20); 7. os pães da proposição (24.9); 8. a oferta pelo pecado em favor dos leprosos (14.10-13).

6.27

Será santo. Alguns tomam aqui o adjetivo "santo" em seu sentido literal. De alguma forma mística, a santidade seria transferida para um objeto, uma pessoa, um peça de roupa etc., se entrasse em contato com elementos da oferta, como o sangue ou a carne. É provável que essa fosse a idéia mais primitiva; e alguns estudiosos supõem que continuasse vigente nos dias de Moisés. Mas outros tomam a palavra *santo*, aqui usada, para indicar que tal objeto ou pessoa ficaria potencialmente separada de qualquer uso comum, ou que participava dessa propriedade enquanto não fosse lavada. Tal explicação, todavia, não parece ajustar-se ao texto.

Um vaso de metal ou uma peça de roupa, que tocasse no sangue, precisaria ser lavado. Talvez tudo quanto esteja em vista, nesse caso, é que tal objeto não podia reter devidamente a coisa *santa*, pelo que também se tornava santo. Logo, precisaria ser lavado. Outra idéia é que o sangue santo seria profanado por ter entrado em contato com um objeto que pudesse contê-lo. Também havia o perigo de tal objeto ser tirado para fora dos limites do tabernáculo, e assim o sangue poderia entrar em contato com coisas profanas. O sangue, sede da vida biológica, a fonte misteriosa da vida, era algo sagrado, de acordo com o pensamento dos hebreus. Ver em Lev. 3.17 e suas notas acerca do sangue e da gordura, onde comento sobre a questão.

Lavarás aquilo. Provavelmente na *bacia de bronze* (Êxo. 30.18 ss.). Ver sobre esse objeto do tabernáculo nas notas acerca de Êxo. 30.17. Somente um sacerdote podia fazer esse trabalho de limpeza, visto que somente ele podia manusear os instrumentos e as vestes sagrados.

6.28

Um vaso de barro é um tanto absorvente. Logo, não podia ser lavado devidamente. O único recurso era quebrá-lo, excluindo-o assim do serviço sagrado. Não mais poderia ser usado, pois o sangue sagrado tinha sido absorvido por ele. O vaso de bronze, porém, teria de ser apenas lavado, visto que não absorveria nenhum sangue. Ver as notas sobre o versículo anterior quanto às razões propostas sobre por que essa lavagem tinha de ocorrer, e como tais objetos podiam tomar-se *santos*, ao entrarem em contato com um sacrifício e seu sangue.

Os hebreus usavam vasos de barro não-esmaltados, os quais, portanto, eram porosos. Esses vasos de barro não eram caros, pelo que quebrar um vaso desses não representava uma perda financeira apreciável. Cf. Lev. 11.33,35. Durante o tempo do segundo templo, os fragmentos de tais vasos eram cuidadosamente enterrados no chão. Mas não somos informados sobre como essa questão era resolvida nos dias de Moisés. Os objetos de metal, porém, eram lavados com água quente e, então, enxaguados com água fria.

6.29

Todos os membros *masculinos* da família de um sacerdote podiam ajudar a comer o que restasse dessa oferta, bem como de vários outros tipos de sacrifícios. Ver os oito tipos de sacrifícios comestíveis, alistados nas notas sobre Lev. 6.26. Mas ninguém que não pertencesse a uma família sacerdotal podia entrar no átrio do tabernáculo a fim de participar dessa refeição.

Cousa santíssima é. Quanto a essa expressão e àquela outra, *santa*, ver as notas sobre Lev. 2.3. O trecho de Heb. 13.10 alude a este versículo, conferindo-lhe um sentido cristão típico.

6.30

Certas ofertas pelo pecado não podiam tornar-se refeições comunais, a saber, aquelas cujo ritual requeria que o sangue fosse trazido para dentro do tabernáculo com propósitos ritualísticos. Essas ofertas eram: as ofertas pelo pecado de um sumo sacerdote (Lev. 4.3,12); as ofertas pelo pecado da congregação de Israel (Lev. 4.13-21); a oferta pelo pecado do Dia da Expiação (Lev. 16.27). As referências dadas acima mostram quais tipos de manipulação com o sangue eram efetuados. As ofertas que envolvessem tal manipulação não podiam ser consumidas. Em contraste, as ofertas pelo pecado que fossem incruentas (sem sangue) podiam ser incluídas nas refeições comunais. As ofertas pelo pecado referidas em Lev. 6.26 ss. eram efetuadas em favor dos leigos, e nada tinham a ver com a oferta pelo pecado do Dia da Expiação. Assim sendo, aquela era uma das ofertas que podia ser consumida em uma refeição. Ver as notas sobre o vs. 26 deste capítulo quanto aos vários tipos de ofertas, porções das quais podiam ser servidas como refeições.

O que restasse daí, ou seja, fragmentos de carne, de ossos etc., teria de ser queimado fora do arraial. Ver Heb. 13.11-13 quanto a uma aplicação cristã.

Capítulo Sete

Lei acerca da Expiação pela Culpa (7.1-10)

Os vss. 1-10 deste capítulo atuam como suplemento de Lev. 5.14 - 6.7. Ver as notas introdutórias àquela seção que têm aplicação aqui. Aqui temos apenas vários detalhes, pelo que, quanto à substância e ao significado dos tipos de sacrifício aqui ventilados, ver aquelas outras notas, anteriores.

Paralelos:

1. O lugar de abate (Lev. 7.2) tem paralelo com os holocaustos (Lev. 1.11).
2. A manipulação ritual do sangue (Lev. 7.2) e a queima sobre o altar (vss. 3-5) têm paralelos com as ofertas de comunhão (comunais) (Lev. 3).
3. A ingestão da carne dos sacrifícios (Lev. 7.6) tem paralelos com a oferta pelo pecado (Lev. 6.26,29).

7.1

A lei da oferta pela culpa. Ver as notas sobre Lev. 5.15 quanto a amplas explicações. Ver as notas introdutórias a Lev. 5.14.

Cousa santíssima é. Quanto às ofertas consideradas *santíssimas* e *santas*, ver Lev. 2.3.

O Que Qra Santo e o Que Era Tabu. Mesmo admitindo-se a natureza primitiva da antiga fé dos hebreus, em contraste com o imenso avanço que há no Novo Testamento, não deveríamos pensar que o que era *santo* na fé hebraica era tabu. Um objeto considerado tabu era concebido como se envolvesse algum poder sobrenatural, que podia ser mal manuseado, tornando-se então perigoso. Mas esse conceito é inadequado quanto às coisas *santas* da fé dos hebreus. Esta dera largos passos na direção da compreensão da santidade de Deus, e de como Deus exigia essa mesma qualidade de santidade por parte do homem, embora fizesse isso através de tipos e sombras. Os tabus geralmente são criados pela mera imaginação supersticiosa. Mas a santidade, de acordo com a fé dos hebreus, de fato aproximava-se (posto que emblematicamente) da santidade de Yahweh. Ver na *Enciclopédia de Bíblia, Teologia e Filosofia* o verbete intitulado *Tabu.*

7.2

Ver Lev. 1.11 quanto a um versículo paralelo. As notas dali têm aplicação aqui. O ritual da manipulação do sangue tem paralelo nas ofertas comunais do terceiro capítulo de Levítico. O ofensor abatia o animal (Lev. 1.5), mas o manuseio do sangue e todo o trabalho sobre o altar eram feitos pelo sacerdote. O sangue da oferta pelo pecado era posto sobre os chifres do altar (Lev. 4.25,30,34), mas o da oferta pela culpa era simplesmente lançado aos lados e à base desse altar (Lev. 5.9). "Durante o tempo do segundo templo, havia uma linha escarlate em torno do altar, exatamente à meia altura. O sangue das ofertas pela culpa e das ofertas pacíficas era lançado em redor, *abaixo* daquela linha central, enquanto o das ofertas queimadas era lançado em redor, *acima* daquela linha central" (Ellicott, *in loc.*).

7.3,4

Estes versículos têm paralelo em Lev. 3.3,4,8,9, onde o leitor deve consultar as notas expositivas.

7.5

Este versículo tem paralelo em Lev. 4.26,31, onde as notas expositivas devem ser consultadas. As mesmas regras aplicavam-se à oferta pela culpa e às ofertas pacíficas.

7.6

A gordura e o sangue pertenciam a Yahweh; mas, no caso das ofertas pela culpa (Lev. 7.11), o que restasse do animal sacrificado tornava-se a substância de uma refeição comunal dos sacerdotes. Isso era comido no Lugar Santo do tabernáculo. Cf. Lev. 6.16,26,29.

7.7

Este versículo repete a informação dada em Lev. 6.27,28, onde aparecem as notas expositivas. As normas ensinadas nos versículos referidos aplicavam-se tanto às ofertas pelo pecado quanto às ofertas pela culpa, e aquilo que foi omitido na descrição de uma delas pode ser suprido pelo leitor na descrição da outra, pois o autor sacro não repetiu todos os detalhes, ficando eles subentendidos.

7.8

No caso das ofertas queimadas ou holocaustos, ocorria a queima total da carcaça do animal e não havia banquete comunal. Mas o couro do animal sacrificado ficava com o sacerdote oficiante. Era o "salário" por ter efetuado seu dever. Esse couro podia ser usado na confecção de tendas ou de roupas pesadas. Na época do segundo templo, o couro dos animais oferecidos pelo pecado ou pela culpa dos leigos pertencia aos sacerdotes, mas o couro das ofertas pacíficas pertencia àqueles que trouxessem os animais para serem sacrificados, isto é, os proprietários dos animais que faziam tais sacrifícios. Esta última prática parece ter entrado em choque com o costume original, conforme o registro de Lev. 4.11,12. Era coisa comum, em outras culturas antigas, que os sacerdotes ficassem com o couro dos animais sacrificados.

7.9,10

As ofertas de manjares, ou ofertas de cereais, eram preparadas de *três maneiras* diversas, segundo vemos nas notas sobre Lev. 2.4-7. Ver o penúltimo parágrafo das notas dadas na introdução a Lev. 2.1. Eis as três maneiras: 1. Não cozidas (Lev. 2.1-3); 2. cozidas (Lev. 2.4-10); 3. esmagadas e tostadas, e oferecidas juntamente com as primícias (Lev. 2.14-16). Havia uma porção *memorial*, reservada a Yahweh (Lev. 2.2); mas o resto das oferendas cozidas ficava com o sacerdote oficiante. Porém, (vs. 10), no caso das oferendas não cozidas de cereais, não misturadas com azeite (Lev. 2.1), ou da oferta pelo pecado, apresentada pelos pobres, que não levava azeite (Lev. 5.11), ou da oferta chamada de "manjares de ciúmes" (Lev. 5.15), o resto ficava com os filhos de Arão, isto é, cabia aos sacerdotes em geral, igualmente compartilhada por eles. Mas somente os membros masculinos das famílias recebiam tal benefício, pois as crianças e as mulheres, mesmo as que fossem descendentes de sacerdotes, não podiam participar do resto dessas ofertas.

Lei acerca dos Sacrifícios Pacíficos (7.11-21)

Os vss. 11-36 deste sétimo capítulo de Levítico suplementam o trecho de Lev. 3.1-17. "A característica que distinguia as ofertas de comunhão (ofertas pacíficas) era a refeição comunal. Visto que as normas dirigidas ao sacerdote diziam respeito, primariamente, à distribuição da carne dos animais sacrificados, é natural que muitos dos detalhes dessa refeição só sejam vistos ali" (F. Duane Lindsey, *in loc.*).

"São especificadas três classes de ofertas pacíficas, a saber: 1. em reconhecimento das misericórdias recebidas; 2. alguma oferenda votiva; 3. alguma oferenda voluntária" (Ellicott, *in loc.*). Ver Êxo. 3.1-17, bem como a introdução a Êxo. 3.1.

7.11

Lei das ofertas pacíficas. Alguns intérpretes também designam essas ofertas de "ofertas de comunhão", descritas em Lev. 3.1-17, às quais descrições esta passagem adiciona alguns detalhes.

Tipologia. Primeiro temos as ofertas pelo pecado (vss. 7 ss.) e depois as ofertas pacíficas ou de comunhão. Temos aí uma seqüência natural. Os intérpretes cristãos vêem nisso um tipo de Cristo. Ver João 20.18; II Cor. 5.18-21, ou seja, paz com Deus mediante a reconciliação. Cf. Efé. 2.13.

7.12

Ações de graça. Uma expressão usada em um sentido geral. Uma pessoa sentia-se agradecida por qualquer benefício ou bênção recebidos, e assim trazia sua oferenda para expressar gratidão. Essa era a primeira das *três classes* de oferendas feitas neste texto, alistadas no fim das notas introdutórias a Lev. 7.11. Ver uma lista de possíveis coisas pelas quais podemos sentir-nos agradecidos, no Sal. 107. Jarchi falava em livramento de perigos nas viagens, por mar ou por terra; livramento de aprisionamento; e livramento de doenças e aflições de toda modalidade. Aben Ezra referia-se aos benefícios comuns diários de que todos desfrutamos, resultantes da *bondade divina,* tão óbvios em nossas vidas. O Novo Testamento fala em "sacrifício de louvor" (Heb. 13.15).

Com a oferta. Essa oferta era alguma cabeça de gado (touro, carneiro ou bode; Lev. 3.1), ao que se acrescentava uma oferta de cereais. O sacrifício, nesse caso, poderia ser macho ou fêmea, conforme se vê em Lev. 3.1.

Bolos asmos. . . obréias asmas. . . bolos de flor de farinha. Apesar dessa variedade possível de ofertas de cereais, não há estipulação quanto ao seu número ou à quantidade de azeite. Parece que, no caso dessas oferendas, cada indivíduo escolhia à vontade as proporções dos ingredientes.

No entanto, nos dias do segundo templo, as regras tinham-se tornado mais específicas. O ofertante trazia dois *ômeres* (um quinto de um efa), um dos quais era usado para fazer bolos asmos, e o outro para obréias asmas ou bolos de flor de farinha (vs. 13). O número dessas obréias ou de bolos de flor de farinha era dez; mas os bolos asmos eram trinta. Isso dava um total de quarenta. Esse número era subdividido em quatro porções de dez, preparados de modo levemente diferente. Dos quarenta bolos assim preparados, o sacerdote recebia um de cada tipo, ou seja, uma décima parte do total. O efa era uma medida com cerca de dez quilogramas. Ver as notas em Êxo. 16.36.

7.13

Com os bolos. Ou seja, além dos trinta preparados sem fermento (para os quais metade da farinha de trigo fora utilizada), e dos dez bolos adicionais, feitos com fermento (feitos pela outra metade da farinha). O assar dos bolos era feito pelo ofertante, e os bolos eram trazidos já prontos, e isso antes que o animal a ser sacrificado fosse abatido. A única outra ocasião em que se permitia fermento em um item sacrificial era a oferenda no dia de Pentecoste (Lev. 23.17). Se a oferta levasse fermento, não podia ser queimada no altar de bronze como um memorial a Yahweh. Nenhum fermento podia ser levado para perto do altar (Lev. 2.11,12).

Vários motivos têm sido aventados para o fato de que o fermento podia ser usado em alguns tipos de pão ou bolos, contanto que não fossem levados ao altar. Talvez a opinião correta seja a mais simples de todas. O pobre sacerdote precisava receber pães novos. Ocasionalmente, ele podia comer o pão com fermento, mais macio e saboroso. Os intérpretes cristãos vêem a nossa ampla provisão em Cristo nessa variedade de alimentos com e sem fermento. O pão com fermento era evidentemente usado na refeição comunal da qual participavam

o sacerdote e seus familiares do sexo masculino, e da qual também participavam o ofertante e seus familiares. Os pobres também podiam ser incluídos nisso, como uma medida humanitária (Deu. 12.12; 18.19). Essa refeição precisava ser comida no lugar que o Senhor havia determinado (Deu. 12.6-26).

7.14

Trará um bolo por oferta ao Senhor. Em outras palavras, um de cada tipo de bolos, totalizando quatro bolos conforme disse Maimônides (*Masseh. Hakorbanot,* c. 9, sec. 17,18,21). Ver nas notas sobre o vs. 12 deste capítulo, como os quarenta bolos foram divididos em quatro grupos de dez bolos cada. Esses quatro pães ou bolos eram *movidos* diante do Senhor, a fim de atrair a Sua atenção e pedir a Sua bênção. O ato talvez fosse igual ou similar ao descrito em Lev. 7.30, acerca das ofertas movidas. Mas alguns eruditos pensam que, neste versículo, temos um movimento para cima e para baixo, ao passo que no vs. 30 se tratava de um movimento ondulante. A porção *movida* pertencia ao sacerdote, o qual, incidentalmente, é aqui identificado com aquele que manuseava o sangue do sacrifício, em conjunto com a cerimônia inteira da ação de graças. (Assim pensava *Misn. Menachot,* c. 9, sec. 3.) Os trinta e seis bolos restantes pertenciam ao homem que havia trazido o sacrifício, tornando-se a sua porção para ser comida junto com membros de sua família.

7.15

... se comerá no dia do seu oferecimento. Várias pessoas podiam comer do sacrifício: o sacerdote oficiante; o ofensor ou adorador; os membros de sua família; talvez pessoas pobres que fossem convidadas (Deu. 12.11-18). Além disso, era mister comer tudo até o amanhecer do dia seguinte. Nos dias do segundo templo, porém, o prazo ia somente até a meia-noite. Limitações, como é claro, eram impostas, a fim de que os ofertantes distribuíssem do alimento a pessoas pobres, em vez de deixarem que os restos fossem queimados. Essas limitações também lembravam os adoradores que eles estavam participando de um banquete sagrado, e não de um banquete profano, que poderia ser consumido dentro de qualquer prazo de tempo. Este versículo nem admite que alguma coisa sobrasse da refeição; mas, se porventura isso chegasse a suceder, então devemos pensar que se aplicava a injunção constante no vs. 17, abaixo. E então, o fogo consumiria o que ainda sobrasse.

7.16,17

A segunda classe de ofertas pacíficas era a que envolvia algum voto. Ver Êxo. 3.1-17 e suas notas quanto a essas três classes, bem como as notas introdutórias ao vs. 11 deste capítulo. Discuto sobre essas três classes, com maiores detalhes, na exposição da introdução a Lev. 3.1. Temos aqui uma cerimônia que envolvia um voto (ver Lev. 27.9,10), ou, então, o cumprimento de um voto (Núm. 6.17-20). Esse rito poderia ser um holocausto, seguindo seus requisitos (Lev. 22.17-20). Um voto (no hebraico, *neder*) era uma obrigação a que alguém se obrigava voluntariamente. Um homem poderia estar enfrentando um problema especial, que queria ver resolvido; ou talvez tivesse de tomar uma decisão difícil acerca de alguma coisa. Tal homem fazia voto e pedia ajuda e iluminação. O voto do nazireado (ver Núm. 6.13-20) era uma espécie particular de oferta voluntária. Seu voto envolvia sua consagração e dedicação espiritual, para que fosse um *homem espiritual ideal,* durante certo tempo, e não a fim de que viesse a obter algo material. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Nazireado (Voto do).*

Esse voto permitia um segundo dia para que os participantes consumissem o que restasse do animal sacrificado, mas não um terceiro dia (vs. 1). Se se ultrapassasse do segundo dia, o voto e a oferta estariam ambos anulados. O banquete não podia ser postergado para além disso; o banquete sagrado não podia ser profanado, por ser assim transformado em uma longa festa, conforme as festas profanas tendem por prolongar-se. Os participantes estavam ali para cumprir uma cerimônia sagrada, e não para se entregarem à glutonaria e à orgia, conforme tantas vezes sucedia no caso das festividades pagãs.

Alguns estudiosos pensam que a extensão a um segundo dia tornavam menos sagrado o sacrifício, provavelmente porque tivesse em vista algum ganho, a ser obtido por meio do voto, e que a extensão a um segundo dia exibia uma devoção não tão decidida.

7.18

Se qualquer porção do animal sacrificado fosse deixada até o segundo dia, essa porção era totalmente queimada nas chamas. Qualquer coisa que restasse até o terceiro dia profanava tudo, anulando tanto o voto quanto a sua oferenda. Naturalmente, qualquer carne deixada por tanto tempo acabaria estragando, transformando-se assim em uma abominação tanto física quanto espiritual. O que tinha começado como uma coisa santa acabara corrompido, e o sacrifício perderia seu valor. O ofensor, pois, teria de trazer uma nova oferenda, e, *dessa vez,* ter mais cuidado a respeito das regras prevalentes.

O ofertante tinha-se tornado um ofensor, ao comer carne estragada, e teria de levar sua culpa e sofrer alguma espécie de castigo da parte de Yahweh. Mas não somos informados sobre que punição seria essa; mas o castigo antecipado certamente era mais do que a anulação do voto feito. Talvez fossem impostas certas penas, como uma multa, ou então o ofensor ficaria cerimonialmente imundo durante algum tempo. Mas estamos aqui apenas especulando.

7.19

Ver no *Dicionário* o artigo geral chamado *Limpo e Imundo.* Antes de chegar ao altar, o sacrifício poderia sofrer alguma espécie de impureza ritual. Talvez um animal imundo, como um cão, se chegasse a lamber a oferta. Talvez a esposa do ofertante, estando ela no seu período de menstruação, tocasse no sacrifício antes de seu marido levá-lo ao tabernáculo. Talvez houvesse um funeral na casa, e o ofertante tivesse tocado no cadáver. Qualquer dessas coisas (e havia inúmeros itens dessa natureza) poderia anular totalmente um sacrifício.

A *segunda parte* deste versículo parece dizer que, se parte da oferenda não tivesse sido tocada por algo imundo, então *essa* parte podia ser usada, e o restante podia ser comido. No entanto, o mais certo é que, *se* tivesse sido feito um sacrifício apropriado, não havendo poluções com nenhuma coisa imunda, então todas as pessoas que estivessem ritualmente puras, visto que não tinham contraído poluição, podiam participar do resto do sacrifício, bem como do ritual.

Por conseguinte, o que o texto está dizendo aqui é que, para que houvesse um sacrifício e um cerimonial apropriado, tanto o animal sacrificado quanto todos os participantes do rito e do banquete tinham de estar cerimonialmente limpos. O trecho de Lev. 12-15 aborda o tema da impureza ritual.

7.20

Será eliminada do seu povo. Temos aqui uma lei severa. Se algum homem estivesse imundo, sem importar a razão de sua imundícia, e ousasse participar do ritual e do banquete comunal, então cometeria um crime e teria de ser punido por isso. Seria *eliminado* ou *excluído,* o que, quase sem dúvida, significava a punição capital. Ver Lev. 9.8-24; 11 e 15.1-33, quanto a questões relativas a coisas imundas. Quanto à noção de que ser *eliminado* significa, aqui, a punição capital, ver Lev. 7.21,25,27; 17.4,9; 18.29; 19.8; 20.3,17,18; 22.3 etc.

Alguns estudiosos pensam estar aqui em foco um ato de exclusão, mas essa opinião tem menos a seu favor. Quanto à contraparte cristã dessa severidade, ver I Cor. 11.29. A morte, por decreto divino, também podia (e pode) ocorrer se a Ceia do Senhor for profanada. Ver na *Enciclopédia de Bíblia, Teologia e Filosofia* os verbetes chamados *Exclusão* e *Excomunhão-Expulsão.*

7.21

Este versículo é uma expansão do vs. 20, encerrando a mesma mensagem. Passagens como Lev. 9.8-24 e 15.1-33 enumeram aquelas coisas que, de acordo com a legislação mosaica, podiam poluir um homem, tornando-o ritualmente imundo. Quanto a um sumário e descrição, ver no *Dicionário* o artigo chamado *Limpo e Imundo.* A ameaça da pena de morte é aqui reiterada para efeito de ênfase, e isso empresta uma nota solene ao sistema de sacrifícios levíticos inteiro. Essa é uma questão grave, segundo a mentalidade dos hebreus. Talvez estejam aqui em pauta as intervenções divinas. Deus haveria de impor miséria e destruição contra os sacrílegos. A legislação mosaica estava recheada de ameaças contra os ofensores, e tornava-se questão relativamente fácil executar a um homem. Ver meu gráfico nas notas sobre o capítulo 18 de Levítico, onde mostro como era solucionado o problema de incesto, geralmente com execução.

Deus Proíbe Comer Gordura e Sangue (7.22-27)

Para os hebreus, a gordura era um acepipe, e a gordura dos animais sacrificados pertencia a Yahweh. O sangue, por sua vez, era a sede misteriosa da vida biológica; e Yahweh é quem dava e tirava a vida, pelo que o sangue de um animal oferecido em sacrifício Lhe pertencia, com exclusividade. Ver as leis atinentes à gordura e ao sangue, nas notas sobre Lev. 3.17, onde são dados pontos detalhados.

7.22

O princípio exarado em Lev. 3.17 é aqui expandido. *Yahweh falou* era uma expressão usada para introduzir alguma nova seção do Pentateuco, pelo que era um artifício literário. Mais do que isso, porém, também lembrava que o autor escrevia sob o impulso da inspiração divina. Ver essa expressão comentada detalhadamente em Lev. 1.1, havendo comentários adicionais em Lev. 4.1.

7.23,24

Nenhuma gordura, em absoluto, podia ser usada como alimento, porquanto era uma porção sagrada para Yahweh, não podendo ser usada para nenhum fim profano, como uma simples refeição. Essa regra foi ressaltada mediante a listagem dos vários animais cuja gordura era usada nos sacrifícios, queimada sobre o altar de bronze.

O vs. 24 expande esse preceito, cobrindo possíveis casos duvidosos. Talvez um animal tivesse perecido de alguma doença, ou por outra causa, conhecida ou não; talvez o animal tivesse sofrido um acidente ou ataque por parte de alguma fera. Nesses casos, a gordura continuava vedada para consumo humano? A resposta é que tal gordura *não* podia ser comida, embora se pudesse fazer algum outro uso dela, como fabricar sabão ou velas, para exemplificar. Isso pode parecer uma contradição, mas o ponto é que tal animal se tornava inútil em face de sua morte inesperada, e não servia para ser oferecido em sacrifício. Assim, de qualquer modo, a gordura estava perdida para Yahweh. Ademais, seria um sacrilégio comer de tal gordura; mas ela podia ser utilizada de alguma outra maneira.

Os animais que morressem de alguma enfermidade, acidente ou ataque de feras tornavam-se imundos, pelo que não podiam ser usados nos sacrifícios. Ver Lev. 17.15 e 22.8. Isso posto, tornavam-se inúteis tanto como alimento quanto como sacrifício. As circunstâncias de sua morte não tinham permitido a devida drenagem do sangue dos corpos desses animais. Não haviam sido abatidos da maneira correta, pelo que sua carne não podia ser usada nem nos sacrifícios nem como alimento.

Os animais poluídos podiam ser vendidos ou dados a pessoas não-israelitas (Deu. 14.21), que então os usariam conforme melhor lhes parecesse. Cf. Êxo. 22.31 com o versículo 24 deste capítulo. Os cães podiam comer de carnes contaminadas ou ritualmente imundas. Mas tais carnes eram consideradas inteiramente perdidas, e não uma provisão geralmente dada aos cães.

7.25

Os animais limpos, sacrificados, eram dedicados a Yahweh. Nem sua gordura nem seu sangue podiam ser usados para proposito humano. A gordura era queimada sobre o altar, e o sangue era vertido à base do altar, pelo que Yahweh recebia ambas as coisas. Mas se alguém fosse tão presunçoso que se apropriasse dessas coisas para si mesmo, fazendo delas artigos de sua alimentação, então seria executado, ou seja, *eliminado* dentre o povo. Alguns pensam que ainda estão em foco, neste versículo 25, os animais impróprios, mas o autor sacro parece já ter passado desse particular, e agora falava sobre animais limpos e apropriados, tão-somente repetindo as regras acerca da gordura e do sangue, comentadas em Lev. 3.17. O presente versículo faz-nos recuar ao vs. 23 deste mesmo capítulo.

7.26,27

A lei sobre o sangue é reiterada; e minhas notas sobre Lev. 3.17 fornecem detalhes sobre a questão que não repito aqui. Incluída nessa lei havia a provisão de que a carne de um animal, se não fosse devidamente drenada de seu sangue, de acordo com as leis do abate de animais, não podia ser usada na alimentação humana, porque essa era uma forma de ingerir sangue. Um animal sufocado poderia ser um caso desses; ou então, um animal que tivesse morrido por doença ou acidente, ou mesmo morto por uma fera. Visto que, em todos esses casos, o sangue não teria sido devidamente drenado, os filhos de Israel não podiam comer da carne desses animais, pois tal carne continha o sangue proibido.

O homem que quebrasse essas regras seria executado. A prática judaica, porém, variava quanto à pena imposta. Se o homem fizesse tal coisa inadvertidamente, ou seja, na inocência, então era açoitado. Comer sangue *contido* na carne era reputado um crime menos sério do que beber o sangue diretamente. O homem que comesse tal carne era espancado e, depois, tinha de trazer uma oferta pelo pecado. Modificações na legislação e nos castigos foram resultantes da passagem do tempo, e a prática foi-se distanciando dos preceitos conforme originalmente escritos.

A Porção dos Sacerdotes (7.28-38)

Esta seção serve de suplemento ao trecho de Lev. 7.11-21, conferindo-nos alguns detalhes adicionais sobre as questões da porção dos sacerdotes e da refeição comunal. "Tal como no caso de outras ofertas (excetuando os holocaustos), o sacerdote recebia porções designadas como seu alimento. O *peito* da comunhão (das ofertas pacíficas) devia ser movido diante do Senhor, como *oferta movida*. . . A coxa direita era dada ao sacerdote oficiante (vss. 32,33), mas o peito era entregue aos sacerdotes em geral (vs. 34) e a seus familiares, tanto filhos quanto filhas (Núm. 18.11,12)" (F. Duane Lindsey, *in loc.).*

7.28

Disse mais o Senhor. Temos aqui um familiar artifício literário para introduzir alguma nova seção do Pentateuco. Mas essa expressão também lembra-nos de que Moisés escrevia pelo impulso da inspiração divina. Ver as notas sobre Lev. 1.1, onde comento sobre essa expressão. E Lev. 4.1 contém idéias adicionais.

7.29

As ofertas pacíficas, também chamadas de comunhão, eram de *três classes* diversas. Ver as notas introdutórias sobre isso, em Lev. 3.1. Ver Lev. 3.1-17 quanto a descnções dos tipos de ofertas pacíficas e das leis que as regulamentavam. O vs. 29 leva-nos de volta ao vs. 11, suplementando a questão.

O ofertante participava da refeição. Yahweh ficaria com a parte que Lhe cabia (incluindo a gordura e o sangue). Os sacerdotes também ficariam com o que era deles. O ofertante e seus familiares também ficariam com sua parte. *Ofertas de manjares,* também chamadas de "cereais", acompanhavam o rito e faziam parte integrante dele. Havia pães ou bolos asmos, obréias e bolos fritos. Ver as notas sobre os versículos 12 a 14 deste capítulo quanto a detalhes.

7.30,31

Por oferta movida perante o Senhor. Certas porções dessas ofertas eram queimadas a fogo, conforme descrito em Lev. 3.3,4. A gordura era queimada, mas antes o peito era usado como *oferta movida.* A oferta tinha esse nome porque essa porção do animal sacrificado era balançada para frente e para trás, e assim era *simbolicamente* apresentada e sacrificada a Yahweh, que se agradava ao ver como o sacerdote estava fazendo sua apresentação. Alguns eruditos têm imaginado que a carne era segurada pelas mãos do ofertante, e o sacerdote segurava as mãos do ofertante e fazia o movimento juntamente com ele. Seja como for, o que era assim dado simbolicamente a Yahweh era retido, como se fosse um presente devolvido. Em seguida, essa porção tornava-se parte da alimentação dos sacerdotes (vs. 31). Ver Êxo. 29.24 quanto a outros detalhes sobre as ofertas movidas. O trecho de Números 18.11,12 mostra-nos que os familiares dos sacerdotes também participavam da refeição comunal da qual o peito do animal era a porção preparada. Isso tomou-se um dos meios de manutenção dos sacerdotes e seus familiares. O trecho de Êxo. 29.25-28 dá detalhes que não são mencionados neste texto. A oferenda era de "aroma agradável" (Êxo. 29.25). E era parte de um esperado estatuto *perpétuo* (Êxo. 29.28). Os sacerdotes, em Israel, viviam do altar. Esse princípio foi transferido para o Novo Testamento (II Cor. 9.9 ss). Ter um ministério de tempo integral é melhor para todos os envolvidos. Ver no *Dicionário* o verbete intitulado *Ofertas Movidas.*

7.32,33

Essa *coxa direita* podia ser do touro, da vaca, do carneiro ou do bode. O peito era tido como a sede da sabedoria, e a coxa, a sede da força física. Os eruditos evangélicos vêem nisso certas qualidades de Cristo, em Sua Pessoa e em Sua morte expiatória.

Alguns pensam que a oferta movida era balançada para cima e para baixo, conforme parece indicar o vs. 14 deste capítulo, e onde a questão foi comentada Nesse caso, temos aqui um movimento diferente daquele com que estamos acostumados a imaginar. A gordura e o sangue (vs. 33) eram oferecidos a Yahweh. Dei informações acerca da lei sobre a gordura e o sangue, em Lev. 3.17. A Yahweh, pois, eram dados o sangue e a gordura; mas os sacerdotes e seus familiares ficavam com o peito, ao passo que o sacerdote oficiante ficava com a coxa direita. O restante, além da oferta de manjares, tornava-se alimento para o ofertante e seus familiares. Portanto, havia aí a celebração de uma festa comunal, onde cada pessoa ficava com sua porção devida. Ver no *Dicionário* o artigo intitulado *Sacrifícios e Ofertas.*

7.34

Por direito perpétuo dos filhos de Israel. O povo de Israel não esperava que seu sistema religioso chegasse ao fim. As fés religiosas e as denominações estão sempre dizendo que elas representam o ponto *final* da revelação divina. Mas isso só reflete as limitações de sua própria mente. A epístola aos Hebreus, no Novo Testamento, proclamou o *fim* (o que para os judeus deve ter parecido uma "blasfêmia") dos ritos e sacrifícios do Antigo Testamento, tudo substituído por uma única palavra: *Cristo.* Mas a espiritualidade continua, expressando-se sob novas formas; e assim sempre sucederá. Sempre haverá novas revelações que tornarão incompletas e até obsoletas as revelações mais antigas. Novos começos sempre serão considerados heresias, até que, com o tempo, se tornam novas ortodoxias. Ver sobre a expressão *estatuto perpétuo,* nas notas sobre Lev. 3.17, que nos mostram que sempre haverá uma renovação, a despeito das expectações de um povo estagnado em suas idéias. Ver também Êxo. 29.42 e 31.16 quanto a uma esperada mas baldada *perpetuidade.*

Enquanto permanecesse o sacerdócio levítico, porém, permaneceriam também as normas relativas à porção dos sacerdotes, bem como inúmeras outras regras, que também pareciam intermináveis. Mas algum dia, um grande Novo Dia faria o sol descer sobre o Dia Antigo.

7.35

Os vss. 35 e 36 deste capítulo constituem uma espécie de sumário da seção inteira de Lev. 6.8-7.34. Assim que os sacerdotes fossem consagrados para sua tarefa, começavam a receber certa porção dos sacrifícios que realizavam, como sustento alimentar. Portanto, os sacerdotes viviam do altar. Eles eram dignos de seu salário. Mediante a expressão "esta é a porção", nossa mente é conduzida de volta às descrições que acabamos de repassar. Cada participante do sistema sacrificial de Israel tinha sua participação, com exceção somente no caso dos holocaustos, os quais pertenciam por inteiro a Yahweh, com o reparo de que o couro do animal sacrificado ficava com o sacerdote oficiante (Lev. 7.8). Este sétimo capítulo de Levítico confere-nos detalhes sobre a distribuição de várias porções das ofertas, como segue: à casta sacerdotal; ao sacerdote oficiante; e ao ofertante e seus familiares. Mas a gordura e o sangue pertenciam sempre a Yahweh, e eram oferecidos a Ele.

7.36

A qual o Senhor ordenou. Yahweh falou (ver as notas sobre isso, em Lev. 1.1, com idéias adicionais em Lev. 4.1).

Estatuto perpétuo. Ver as notas em Lev. 3.17.

Pelas suas gerações. Ver as notas em Êxo. 29.42 e 31.16. Parecia haver estabilidade no sistema mosaico. Mas quando veio a dispensação do Novo Testamento, a estabilidade e a perpetuidade foram achadas em Cristo, o qual é o mesmo ontem, hoje e o será para sempre (Heb. 13.8).

7.37

Tendo declarado a *perpetuidade* do sistema, o autor passou a repetir os principais aspectos e características das ofertas de manjares, pelo pecado e pela culpa, que havia descrito mais no começo deste sétimo capítulo de Levítico. Talvez sua conclusão deva ser interpretada como uma espécie de sumário dos sete primeiros capítulos do livro. O trecho de Lev. 1.1-6.7 é uma espécie de manual sobre sacrifícios. Já o trecho de Lev. 6.8-7.36 oferece vários suplementos a isso. E então temos a adição da oferenda de ordenação (vs. 35), que antecipa o conteúdo do nono capítulo. A oferta de ordenação provavelmente fosse uma oferta pacífica especial, que envolvia o sacrifício de um carneiro (Lev. 8.22-29).

Lei do holocausto. Ver Lev. 6.9-13. Ver também Lev. 1.3-17.

Oferta de manjares. Ver Lev. 6.14-18. Ver também Lev. 2.1-16.

Oferta pelo pecado. Ver Lev. 6.25,30. Ver também Lev. 4.1-35.

Oferta pela culpa. Ver Lev. 7.1-7. Ver também Lev. 5.1-13 e 6.1-7.

Da consagração. Ver Lev. 6.20-23.

Do sacrifício pacífico. Ver Lev. 7.11-21. Ver também Lev. 3.1-17.

Portanto, em um único versículo temos a recapitulação de todas essas questões de ofertas, mas sem a repetição de detalhes.

7.38

O fato de Yahweh ter ordenado essas coisas é repetido (vs. 36). O autor sacro deixou claro que ele não havia criado nenhuma daquelas coisas que tinha descrito com detalhes, e isso sem muita repetição. Ver no *Dicionário* os verbetes *Revelação* e *Inspiração*.

Ver Lev. 1.1 quanto à nota original sobre a inspiração divina, neste livro. O *Sinai* (ver no *Dicionário*) foi o lugar dessa revelação, a qual foi dada depois de o povo de Israel ter sido livrado do Egito, tendo começado o seu Novo Dia como uma nação. Ver nas notas introdutórias a Êxo. 19.1 sobre o *Pacto Mosaico*, bem como o artigo geral sobre os *Pactos*, no *Dicionário*.

Capítulo Oito

Direções para a Consagração Sacerdotal (8.1 — 9.24)

A Consagração de Arão e Seus Filhos (8.1-36)

A passagem de Lev. 8.1-10.20 mostra-nos a complexidade das leis e ordenanças que governavam o ministério. Já o trecho de Lev. 8.1-36 informa-nos acerca de como Arão, os sacerdotes e o santuário (o tabernáculo) foram consagrados. Este oitavo capítulo pode ser comparado com o capítulo 29 de Êxodo. Este capítulo, pois, provê uma espécie de manual sobre a ordenação de ministros.

Sumário. A congregação reunia-se no local da ordenação; os que deveriam ser ordenados também faziam-se presentes; os vários equipamentos, como as vestes sacerdotais, o azeite da consagração, o novilho a ser sacrificado (a oferta pelo pecado); dois carneiros (um como holocausto e outro como oferta pacífica) e uma cesta de pães asmos (vss. 1-3). Essas eram as coisas necessárias. O capítulo diante de nós mostra como era executado o que fora determinado no capítulo 29 do Êxodo. Logo, esses dois capítulos são paralelos próximos.

Levítico 8-10 e 24.10-23 representam as únicas porções puramente narrativas de Levítico. Para aproximar-se de Yahweh, os hebreus precisavam de uma oferenda (caps. 1-7); de um mediador (um sacerdote, Heb. 5.1-4); de regulamentos que governassem a questão inteira (que estão no livro de Levítico, o manual de instruções sacerdotais). Um sacerdócio hereditário preenchia o posto de mediação. Ver no *Dicionário* o artigo intitulado *Mediador*.

"Os capítulos oitavo a décimo estipulam as regulamentações da consagração do sacerdócio aarônico e incluem a história do pecado e da condenação de Nabade e Abiú. Se nada aprendemos nesses capítulos acerca do formulário propriamente dito da ordenação de ministros na Igreja cristã, contudo os princípios espirituais subjacentes à antiga lei são de validade permanente. Se for objetado que a Igreja do Novo Testamento desconhece qualquer coisa paralela ao sacerdócio dos filhos de Arão... então será conveniente relembrar que a dedicação e consagração ao ofício sacerdotal pertence a cada membro de igreja recebido em plena comunhão e que o ministério cristão é uma vocação dentro do sacerdócio universal da igreja cristã inteira" (Nathaniel Micklem, *in loc.*). Cf. Rom. 12.1,2.

8.1

Disse mais o Senhor. Temos aqui, uma vez mais, a fórmula literária que marca o início de alguma nova seção, e uma vez mais somos lembrados sobre a inspiração das informações dadas no Pentateuco. Ver sobre essa mesma frase em Lev. 1.1, com notas adicionais em Lev. 4.1. Essa declaração, no Pentateuco, também lembra-nos do ofício medianeiro de Moisés. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Mediação (Mediador)*.

8.2,3

O oitavo capítulo de Levítico fornece-nos uma espécie de diretório de ordenação de ministros na congregação dos hebreus. Cf. isso com o vs. 29, pois há muitos paralelos. Os vss. 2 e 3 dão-nos os ingredientes básicos da preparação para o culto de consagração: as vestes sacerdotais eram preparadas; o azeite da consagração também; um novilho era trazido como oferta pelo pecado; um carneiro como holocausto; outro carneiro como oferta pacífica; e uma cesta de pães asmos era trazida como oferta de manjares. Ver Lev. 7.37 quanto às oferendas mencionadas, e onde damos os artigos que explanam cada uma delas.

Quanto às *vestes* sacerdotais, ver Êxo. 28.2 ss.; 29.1 ss. Quanto ao azeite da consagração, ver Êxo. 30.23 ss; 37.29 ss.

Toda a congregação. Esta última palavra é usada para indicar a nação inteira de Israel, mas, no caso presente, precisamos supor que esteja em pauta uma seleção, pois não havia modo como todo o povo de Israel, vários milhões de pessoas, poderia reunir-se em torno do tabernáculo. Os anciãos, chefes tribais etc. é que estão aqui em pauta. Cf. Lev. 9.1, onde achamos a mesma idéia. Ver as notas sobre *Congregação*, em Êxo. 16.1.

À porta da tenda. Ou seja, a *primeira cortina* que fechava o átrio do tabernáculo do exterior. Havia três cortinas ou véus, ao todo. Ver Êxo. 26.36 quanto a notas sobre as *três cortinas;* e ver Êxo. 27.16 e 35.17 quanto à cortina mencionada neste versículo.

8.4

Moisés cumpriu as instruções que Yahweh lhe dera, realizando a reunião de pessoas e de materiais diante da entrada do átrio, a *primeira cortina* do tabernáculo (ver a esse respeito no *Dicionário*), conforme vemos nos vss. 2 e 3.

Os sacerdotes não se consagravam a si mesmos; tudo era feito por outrem; Moisés era o instrumento, atuando em favor de Yahweh. Cf. Rom. 12.1,2 quanto a um paralelo espiritual no Novo Testamento.

8.5

Este versículo age como breve introdução à realização mesma do rito da ordenação ou consagração. Enfatiza que Yahweh tinha transmitido tudo; coisa alguma fora feita pela sabedoria humana. Ver sobre a idéia que *o Senhor falou*, em Lev. 1.1, com notas adicionais, em Lev. 4.1.

Os vss. 5-9 deste capítulo têm como paralelo o trecho de Êxo. 29.4-6, com alguma diferença de ordem de itens e quanto a pequenos detalhes. Os paramentos sacerdotais são descritos no vigésimo oitavo capítulo de Êxodo.

Isto é que o Senhor ordenou. Ou seja, as instruções dadas por Yahweh, as quais são detalhadas em Êxo. 29.1-37.

8.6

Este versículo tem paralelo em Êxo. 29.4, onde há notas expositivas. Em primeiro lugar, havia *grandes tanques de água*, onde o corpo inteiro do homem a ser consagrado podia ser imerso. Então havia tanques menores, para lavagem de mãos, pés etc. As notas referidas dão detalhes, incluindo tipos e símbolos envolvidos. Ver Apo. 1.5,6 e, no *Dicionário* o artigo chamado *Batismo Judaico;* e, na *Enciclopédia de Bíblia, Teologia e Filosofia*, ver o verbete chamado *Batismo*.

Ver Lev. 16.4; Gên. 19.2; 24.32; Êxo. 30.19,21; Deu. 21.6. Está em foco um banho de corpo inteiro. O batistério (a bacia de bronze) ficava defronte da cortina, dentro do átrio. Durante os dias do segundo templo, foi feito no chão um buraco que continha no mínimo 6.800 m³ de água. Nessa época, o sinédrio realizava o ritual, tomando o lugar e a autoridade de Moisés. Está aqui simbolizado o batismo por imersão.

8.7

A Investidura. Todos os detalhes deste texto têm paralelos em Êxo. 29 e outras passagens, e o volume maior das notas expositivas é dado nesses outros textos.

"As vestes sumo sacerdotais eram um uniforme que chamava a atenção para a função ou ofício medianeiro de Arão, e não para a sua pessoa. Os trechos de Êxo. 28.1-39; 29.5,6; 39.1-26 explicam o vestuário do sumo sacerdote" (F. Duane Lindsey, *in loc.*).

Este versículo tem paralelo em Êxo. 29.5, onde alisto cada item juntamente com referências que indicam onde cada coisa é comentada. Havia *cinco passos* na consagração ritual, e discuto sobre eles nas notas de Êxo. 29.1. Não repito aqui esse material, mas ele é útil para compreendermos melhor o texto que ora ventilamos.

A investidura indicava uma roupagem de santidade e autoridade, como também de ser nomeado para o serviço de Yahweh. Ninguém chamava a si mesmo; ninguém vestia a si mesmo. O processo todo funcionava como uma espécie de parábola espiritual. Cf. Efé. 6.10 ss.

8.8

Ver Êxo. 29.5,6 e suas notas quanto a todos os itens do atual versículo, bem como referências dadas sobre onde esses itens estão comentados. Ver Êxo. 29.1 quanto aos *cinco passos* da consagração, bem como os versículos anteriores quanto a sentidos envolvidos na cerimônia.

O trecho de Hebreus 10.1 fala sobre as cerimônias da congregação hebréia como sombras de realidades vindouras. E isso é o que eram aquelas cerimônias. Todavia, não eram apenas emblemas. Elas eram uma maneira de Deus manifestar-se, própria para a época, santa em si mesma, útil para o propósito a que servia. A adoração levítica era autêntica adoração, embora preparatória para algo melhor. A espiritualidade, individual e comunal, segue uma linha evolutiva, e assim sempre haverá de ser. Os *fins* são instrumentos para *novos começos*, e não finalidades. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Evolução Espiritual*.

8.9

Este versículo tem paralelo em Êxo. 29.6. Ver Êxo. 29.5,6 quanto a todos os itens mencionados; e as referências dadas ali indicam onde esses itens são comentados.

8.10

A unção era o *terceiro* dos cinco passos do processo de consagração. Ver Êxo. 29.1 quanto aos cinco passos. As notas em Êxo. 29.7 são completas. Falam somente sobre a unção do sumo sacerdote; mas os trechos de Êxo. 28.41; 30.26-30 e 40.9-11,15 incluem todos os sacerdotes e os itens do tabernáculo, que também foram ungidos. Ver no *Dicionário* o artigo *Unção*. Os trechos paralelos informam-nos que Moisés ungiu, *primeiramente*, o tabernáculo, seus móveis e seus utensílios, como a arca da aliança, o altar de incenso, o candelabro, a mesa dos pães da proposição e todos os utensílios que seriam usados no culto santo; e *só então* ele ungiu o sumo sacerdote e os sacerdotes comuns.

Quanto aos ingredientes do azeite da unção e suas misturas com outros elementos, ver Êxo. 30.23-25. Esse azeite era chamado de "óleo sagrado para a unção", e não podia ser usado para uso profano.

A unção santificou o sumo sacerdote e as outras pessoas e coisas ungidas para serviço santo, *separando-os* assim do que era profano e conferindo-lhes autoridade especial. Desse modo, devotaram-se ao seu trabalho, que era uma tarefa de tempo integral.

8.11

Este texto concorda com a ordem de unção determinada em Êxo. 30.26-30 e 40.9-11,15: as coisas eram ungidas primeiro, e só depois as pessoas. Ver as referências dadas quanto às notas expositivas. As *sete* unções do altar, dadas aqui, não foram especificamente mencionadas nos textos paralelos. Ver a importância do número *sete* em Lev. 4.6. Naquele ponto, refiro-me a artigos que abordam a numerologia bíblica.

O *altar* em questão é o grande altar ou *altar de bronze* (ver as notas a respeito em Êxo. 27.1). Esse altar, uma vez santificado, ficava então pronto para receber os sacrifícios constantes, e, devido à sua santidade, tornava santos os sacrifícios. Ver a observação de Jesus sobre isso, em Mat. 23.19. Ver Êxo. 30.29 quanto ao esperado poder santificador das coisas ungidas. Tudo quanto *tocasse* nessas coisas passava a ser santo. Ver Êxo. 29.37 quanto a isso, dito especificamente a respeito do altar.

8.12

Uma vez ungidos os móveis e utensílios do tabernáculo, o passo seguinte foi a unção do sumo sacerdote propriamente dito, conforme já vimos e comentamos em Êxo. 29.7. Mais tarde ocorreu a unção dos sacerdotes comuns (Êxo. 30.30; 40.15). O sumo sacerdote era o *sacerdote ungido* (Lev. 4.3,5,16). Ele recebeu uma unção de uma vez por todas. Os sucessores de Arão precisavam ser ungidos pessoalmente, para compartilharem do augusto ofício aarônico. Os sacerdotes comuns, entretanto, doravante, não precisavam receber unções separadas para iniciarem seu trabalho. Eles participavam da unção original dos filhos de Arão. Ver as notas em Êxo. 4.3 quanto a essa questão.

Tipologia. "Duas importantes distinções foram feitas no caso do sumo sacerdote, confirmando assim sua relação típica com Cristo, o antítipo: 1. Arão foi ungido antes de os sacrifícios serem mortos, ao passo que no caso dos sacerdotes comuns a aplicação do sangue antecedeu à unção. Cristo, o impecável, não requeria preparação para o recebimento do azeite da unção, símbolo do Espírito Santo. 2. Somente sobre o sumo sacerdote era derramado o óleo da unção. 'Deus não dá [a ele] o Espírito por medida' (João 3.34). 'O teu Deus, te ungiu com o óleo de alegria como a nenhum dos teus companheiros' (Heb. 1.9)" (*Scofield Reference Bible, in loc.*).

Houve um derramamento profuso de azeite sobre o sumo sacerdote; os sacerdotes comuns, entretanto, eram apenas aspergidos com azeite.

"As tradições informam-nos que, durante o segundo templo, a pessoa que ungia o sumo sacerdote primeiramente vertia o azeite sobre a sua cabeça e, então, com seu dedo, traçava a letra hebraica *caph*, inicial de *Cohen*, isto é, *sacerdote*, entre as sobrancelhas do pontífice recém-consagrado" (Ellicott, *in loc.*). Assim disse Maimônides (*Misn. Ceritot*, c. 1, sec. 1).

8.13

A investidura dos sacerdotes comuns é descrita em Êxo. 28.40,41; 29.30 e 40.14, onde são descritas, nas notas expositivas, as várias peças do vestuário deles. Coisa alguma é dita acerca da *unção* deles, mas os trechos de Êxo. 30.30 e 40.15 dão-nos essa informação.

8.14

Os diversos animais próprios para sacrifícios tinham, cada qual, um significado especial no culto geral de consagração. Ver isso comentado em Êxo. 29.19. Ver Êxo. 29.1 quanto aos vários passos do rito. Ver no *Dicionário* o artigo geral intitulado *Sacrifícios e Ofertas*.

Oferta pelo pecado. Ver Lev. 4.1-35 e 6.25,30. Ver Lev. 7.37 quanto a uma lista dos vários tipos de oferendas e os textos onde esses tipos são comentados.

"Embora devidamente consagrados, Arão e seus filhos tinham primeiramente de ser expurgados de seus pecados, antes de poderem iniciar suas funções sacerdotais no santuário. Assim, Moisés, como mediador do pacto, delegado por Deus para realizar o ato de consagração, também efetuou os ritos sacrificiais, enquanto

os sacerdotes, recém-instalados, faziam o papel de pecadores penitentes, ao lado de suas ofertas pelo pecado, que eram agora oferecidas pela primeira vez. Quanto à imposição de mãos do ofertante sobre a vítima, ver Lev. 1.4" (Ellicott, *in loc.*).

Cf. os vss. 14-17 com Êxo. 29.10-14, que são trechos paralelos e onde há notas completas. Ver também Lev. 4.1-12. O trecho de Lev. 29.10-14 descreve o oferecimento do novilho, bem como a imposição de mãos. Ver Lev. 29.19 quanto aos vários animais usados na cerimônia de consagração. Quanto aos *cinco animais* usados como sacrifício, ver Lev. 1.14-16. O tipo de animal usado era geralmente determinado pela situação econômica do ofertante. O touro era o mais caro; as aves eram mais baratas, e eram oferecidas pelas pessoas mais pobres. Cf. Gên. 15.9.

8.15

Este versículo tem paralelo em Êxo. 29.11,12, onde há notas expositivas. Nessa referência dou localizações onde podem ser obtidas informações adicionais. Moisés, mediante o seu primeiro sacrifício, santificou o altar, fazendo dele um meio de reconciliação, visto estar em vista a expiação. Ver no *Dicionário* o artigo intitulado *Expiação,* e, na *Enciclopédia de Bíblia, Teologia e Filosofia* o verbete chamado *Reconciliação.*

Moisés abateu o primeiro sacrifício. Dali por diante, o ofertante efetuava o ato (Lev. 1.5). "O rito dessa oferta pelo pecado geralmente seguia o que tinha sido estabelecido em Lev. 4.3-12, exceto o fato de que ali o sangue era bezuntado sobre os *chifres* do altar dos holocaustos, e não sobre o altar de incenso (Lev. 4.6-7). Como era usual, no caso da oferenda feita em favor de cada sacerdote, o *couro* restante, a carcaça e as entranhas eram queimadas *fora do arraial"* (F. Duane Lindsey, *in loc.*). Ver Êxo. 29.35-37 quanto à santificação do altar.

8.16

Este versículo tem paralelo em Êxo. 29.13, onde dou as notas expositivas. Cf. também Lev. 3.3-5. Os persas (Estrabão, *Geogr.* 1.15, par. 504), os romanos (Persius, *Styr.* 2) e os gregos (Aristóteles, *Animal.* 13. 1.3, c. 17) dispunham de ritos sacrificiais similares, que podem ter-se desenvolvido de modo independente, ou mesmo podem ter sofrido a influência do culto dos hebreus.

8.17

A oferta pelo pecado requeria que a oferta fosse totalmente queimada. Nenhuma refeição comunal era incluída no rito, visto que o pecado tinha de ser eliminado de forma absoluta, e o animal, que levava sobre si o pecado, não podia ser usado legitimamente como alimento. Este versículo tem paralelo em Êxo. 29.13,14, onde são dadas as notas expositivas. Ver também Lev. 4.35.

8.18

Dois carneiros estavam envolvidos nessa complexa consagração de sacerdotes, com seus vários sacrifícios. Ver o segundo versículo deste capítulo. Ver Lev. 1.14-16 quanto aos *vários animais* que eram sacrificados, começando pelo dispendioso touro, e descendo até as duas aves bem baratas, formando um total de cinco oferendas possíveis. O segundo sacrifício era o do primeiro dos dois carneiros. As mãos do sacerdote eram impostas sobre esse animal, tal como no caso do touro, e os pecados eram simbolicamente transferidos para a vítima. Ver Lev. 1.4 quanto ao papel da imposição de mãos.

O rito realizado aqui concorda com as regras baixadas em Lev. 1.3-9, onde são dadas notas expositivas completas.

"O segundo sacrifício de ordenação era uma oferta queimada (Lev. 1.10-13); ver Êxo. 29.15-17. . . Um dos carneiros era distinguido do carneiro da ordenação, e era uma oferta queimada (Lev. 1)" (*Oxford Annotated Bible, in loc.*).

8.19

Quem abateu o animal foi Moisés, nesse primeiro sacrifício, e não aquele que tinha trazido o animal, conforme dizia a lei que prevaleceu dali por diante. O trecho de Lev. 1.5 mostra-nos que o ofertante era usualmente aquele que abatia o animal. Ver o vs. 15 quanto ao mesmo modo de proceder.

A gordura e o sangue pertenciam a Yahweh, em qualquer oferta, e a oferta pelo pecado e o holocausto não estavam isentos dessa regra. Cf. os vss. 16 e 25. Ver Lev. 3.17 quanto às leis que governavam o uso da gordura e do sangue.

8.20

Quanto ao *despedaçamento* da vítima, ver Êxo. 29.17 e Lev. 1.6,12.

8.21

Este versículo tem paralelo em Êxo. 29.17,18, onde são dadas as notas expositivas. Ver Lev. 1.9 quanto ao *aroma agradável.* O oferecimento do *fogo* era a oferta queimada, na qual o animal inteiro era consumido. O Senhor é *Yahweh* (ver a esse respeito no *Dicionário*). Ver também ali o artigo chamado *Deus, Nomes Bíblicos de.*

8.22

O terceiro sacrifício era o *segundo carneiro.* Ver o vs. 2 quanto ao material do culto, e ver Lev. 1.14-16 quanto aos cinco animais do sacrifício. Este versículo tem paralelo em Êxo. 29.19, onde são dadas as notas expositivas. A *consagração* continuava com o sacrifício ainda de mais animais. O mundo inteiro soltou um suspiro de alívio quando Cristo pôs fim à matança. O segundo carneiro era morto especificamente para efeito de *ordenação.*

"Esse sacrifício final, em cuja forma assemelhava-se à oferta de ação de graças e à oferta pacífica, tinha por desígnio expressar a gratidão que Arão e seus filhos sentiam por terem sido escolhidos para o ofício de sacerdotes, bem como sua paz e comunhão com Deus" (Ellicott, *in loc.*).

8.23,24

Esses dois versículos são paralelos a Êxo. 29.20, onde aparecem as notas expositivas. Estes versículos deixam de lado a informação dada em Êxo. 29.21, a aspersão do sangue sobre as vestes dos sacerdotes, mas a questão é adicionada no trigésimo versículo deste capítulo.

"Nesse rito, o corpo inteiro do sacerdote era simbolicamente consagrado pela unção com sangue na orelha direita, na mão direita e no artelho maior do pé direito (vss. 23,24). E suas vestes também eram consagradas, tal como o seu corpo (vs. 30)" (Nathaniel Micklem, *in loc.*). Minhas notas sobre Êxo. 29.20 apresentam outras idéias e símbolos.

Ver Êxo. 29.1 quanto aos vários passos do culto de consagração; ver Êxo. 29.19 quanto a como os vários animais sacrificados, isto é, *diferentes* animais, cada qual tinha um sentido específico no tocante à consagração dos sacerdotes. O segundo carneiro representava o ato específico da ordenação (vs. 22).

O *ouvido* devia ouvir e obedecer a Yahweh! A *mão* devia cumprir a Sua vontade! O *pé* devia correr na direção determinada pelo Senhor! Ritos como esses que estamos considerando tinham poderosos símbolos psicológicos, e quase todo o nosso conhecimento alicerça-se sobre símbolos e parábolas. O corpo é o instrumento do espírito *e* do Espírito, e deve ser santificado em símbolo e de modo factual.

8.25

Este versículo tem paralelo em Êxo. 29.22 onde são dadas as notas expositivas. Ver também Lev. 3.9.

8.26

Ver o segundo versículo deste capítulo quanto aos ingredientes do sacrifício e o seu ritual. Este versículo tem paralelo em Êxo. 29.23, onde são dadas as notas. A *coxa direita* do segundo carneiro era usada como representante do animal sacrificado, e a isso era adicionado o item da oferta de manjares. Esses itens eram movidos como oferta movida (vs. 27). Os significados tencionados são dados nos lugares aos quais me referi como paralelo deste trecho.

8.27

Este versículo é paralelo ao de Êxo. 29.24, onde são dadas as notas expositivas. Essa oferenda era chamada de *encher as mãos,* um tipo de final do serviço totalmente realizado. Deus nos deu tudo; agora o sacerdote Lhe devolvia tudo. Total dedicação e serviço completo são assim simbolizados. Expandi essas idéias naquela referência. O sacerdote tinha autoridade; tinha dons; tinha abundância; e tinha de usar tudo em *favor de outros,* por isso mesmo que ele era um sacerdote, um mediador. Ver no *Dicionário* o verbete intitulado *Mediação (Mediador).*

E o moveu por oferta movida. Ver sobre esse tipo de oferenda nas notas sobre Êxo. 29.23,24. Ver também no *Dicionário,* dentro do artigo geral, *Sacrifícios e Ofertas,* em seu ponto III.D.3, *Ofertas Movidas.*

8.28

Os itens postos nas mãos dos sacerdotes, o *enchimento,* eram agora tirados novamente por Moisés (que estava cumprindo o primeiro ato do que depois os sacerdotes fariam) e postos sobre o altar como holocausto. O todo tornava-se uma oferenda de aroma agradável, que Yahweh podia notar e apreciar. Ver sobre *aroma agradável* em Lev. 1.9 e 23.18, onde a questão é comentada, incluindo seus simbolismos e referências no Novo Testamento. O aroma suave, neste caso, referia-se ao culto de consagração dos sacerdotes. Yahweh haveria de aceitar a eles e às suas oferendas, e em seguida empregaria os sacerdotes em seus ofícios. Este versículo tem paralelo em Êxo. 29.25, onde são dadas notas adicionais.

8.29

O peito era movido como oferenda a Yahweh, e, então, dado a Moisés como suprimento alimentar. Posteriormente, o peito era entregue ao sumo sacerdote. O trecho de Êxo. 29.26 é paralelo a este trecho, e ali foram dadas as notas expositivas. A coxa direita e um bolo de cada um dos três tipos de bolos asmos tornaram-se a porção do sacerdote oficiante (Lev. 7.12,23), e isso era comido juntamente com os membros masculinos da família. Naquela *primeira* ocasião, essa porção foi queimada sobre o altar. Yahweh havia dado ordens; era uma ordenança divina que devia ser fielmente seguida.

8.30

Ver Êxo. 29.21, que é o trecho paralelo a este, e onde também aparecem as notas expositivas. Não sabemos dizer se o sangue e o azeite eram misturados e usados na aspersão, ou se cada uma dessas substâncias era aspergida separadamente. As vestes sagradas eram um sinal do ofício e da autoridade dos sacerdotes, pelo que tinham de ser consagradas juntamente com eles. Diz o trecho de Hebreus 9.22 que *quase todas as coisas* são purificadas com sangue, de acordo com a lei. Cristo tomou esse lugar mediante seu único e grande ato expiatório, e assim simplificou e fez avançar a causa espiritual. O sangue já havia sido derramado à base do altar de bronze (Lev. 3.2).

8.31

As porções que cabiam ao sumo sacerdote e aos sacerdotes comuns, ou seja, o peito, além de partes das ofertas de cereais, tornavam-se uma refeição comunal para os sacerdotes. Ver Êxo. 29.31,32 quanto ao paralelo e as notas expositivas naquele trecho. Mais tarde, a coxa direita também passou a ser usada nessa refeição, conforme já vimos no versículo 29 deste capítulo.

A refeição era tomada dentro do átrio, diante da entrada ou *primeira* cortina. O tabernáculo tinha *três* cortinas, cada qual representando uma limitação de acesso. Ver as notas sobre Êxo. 26.36 quanto a essas cortinas.

A cerimônia final era uma refeição comunal (vss. 31,32). A celebração durava uma semana (vss. 33-36) e presumivelmente terminava no sábado seguinte. "Os dias de vossa consagração" (vs. 33) literalmente são: "os dias de vosso enchimento". Mas não sabemos exatamente por que "encher as mãos" significava consagrar. Talvez refira-se isso ao ato de manusear os símbolos de autoridade.

O que era posto nas mãos dos sacerdotes era em seguida dado a Yahweh como sacrifício. Assim, eles recebiam e davam de volta, e assim cumpriam a função de seu ofício sacerdotal como medianeiros. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Mediação (Mediador).*

Azeite. Símbolo do Espírito Santo, sendo Ele o agente que ungia e conferia poder.

Sangue. Era o sangue que retinha o poder de *expiação* (ver sobre isso no *Dicionário*). Em Cristo, ambos os símbolos tiveram cumprimento, e a espiritualidade recebeu uma natureza mais vital.

8.32

Nenhuma porção de um sacrifício, que não fosse queimada sobre o altar, e não fosse consumida pelos sacerdotes, podia ser deixada ao léu. Isso profanaria o ritual todo. Por isso, era mister que houvesse a queima total do que sobrasse. Este versículo tem paralelo em Lev. 7.15,17 e Êxo. 29.34, onde são dadas notas adicionais. Instruções similares são dadas no tocante à páscoa (Êxo. 12.10). Os fragmentos das ofertas não podiam ser usados de maneira comum, profana ou supersticiosa, nem podiam ser deixados em campo aberto, permitindo que algum animal viesse comê-los.

8.33

Por sete dias. Esse era o número total dos dias da cerimônia, um longo tempo, a fim de ressaltar questões importantes. Ver as notas sobre *Sete,* no artigo chamado *Número (Numeral, Numerologia)* III.1, na *Enciclopédia de Bíblia, Teologia e Filosofia.*

A cada dia era mister realizar os mesmos sacrifícios, isto é, pelo pecado, o holocausto e as ofertas de consagração. Ademais, o ritual do sangue e do azeite aspergidos era repetido diariamente. Ver Êxo. 29.35,36, onde ofereço comentários adicionais. *Ver Êxo. 29.30 quanto a ainda outros detalhes. Já que animais* eram oferecidos a cada dia, então vinte e um animais eram sacrificados naquele período de sete dias. E então, no oitavo dia (Lev. 9.1-4), diversos outros animais eram sacrificados, mas dessa vez em favor do povo (Lev. 9.7). Mais *cinco* animais eram oferecidos, perfazendo assim, no oitavo dia, desde o início, o grande total de vinte e seis animais. Ao ler sobre isso, chegamos a ficar estonteados, e suspiramos de alívio diante do livramento e do cumprimento desses símbolos na pessoa de Cristo. Na verdade, era uma carga mais pesada do que a humanidade era capaz de suportar (ver Atos 15.10).

8.34

O cerimonial tinha o duplo sentido de consagração e expiação. Livres do pecado, energizados pelo Espírito (simbolismo do sangue e do azeite), os sacerdotes então ficavam aptos para as suas funções. Ver no *Dicionário* os seguintes artigos: *Expiação; Azeite (Óleos)* e *Espírito de Deus.* O sacerdócio precisa ser composto por pessoas especiais, separadas e consagradas devidamente. Assim sucede ao sacerdócio de Cristo, do qual participam todos os que Nele *confiam* (Apo. 1.6). Ver *na Enciclopédia de Bíblia, Teologia e Filosofia* o verbete *Sacerdotes, Crentes como.*

8.35

Observareis as prescrições do Senhor. Temos aqui a solene incumbência divina. Cf. isso com Êxo. 20.19; 28.35,43; 30.20,21. Ser sacerdote nos tempos da lei mosaica era um coisa muito séria. O cumprimento devido do rito consagratório era imposto mediante a ameaça de morte. Obedecer aos mandamentos de Yahweh não era uma questão de opção individual. O vs. 31 diz: "como tenho ordenado". E o vs. 35 diz: "porque assim me foi ordenado". E lemos no vs. 36: "todas as cousas que o Senhor ordenara".

E tu, ó Timóteo, guarda o que
te foi confiado.

(I Timóteo 6.20)

Combate. . . o bom combate.

(I Timóteo 1.18)

"*Cada um de nós* tem alguma *incumbência* a *cumprir, um Deus eterno a* glorificar, uma alma imortal para dela cuidar; um dever necessário a ser realizado; a sua própria geração a servir. E nosso cuidado diário deve ser *cumprir essa incumbência,* pois assim no-lo ordenou o Senhor, nosso Mestre, que em breve haverá de chamar-nos a prestar conta a esse respeito, e será para nosso grande perigo se a negligenciarmos. . . pelo que devemos estar sempre em estado de profundo respeito" (Matthew Henry, *in loc.*).

"Não é através da arqueologia, mas através da *experiência cristã* que podemos esperar compreender a *religião* do Antigo Testamento" (Nathaniel Micklem, *in loc.*).

Congregação. Ver as notas sobre isso, em Êxo. 16.1. Ver no *Dicionário* o verbete intitulado *Tabernáculo.*

8.36

Fizeram todas as cousas. As orientações eram complexas; o labor era árduo; o período de espera era longo. Mas Arão e seus filhos cumpriram tudo e mantiveram sua incumbência, e então iniciaram seus anos de serviço, preparação e entusiasmo.

Uma observação sobre a *obediência* demonstrada pelos sacerdotes conclui este capítulo, onde o rito de consagração é descrito.

Quando andamos com o Senhor
À luz de Sua Palavra,
Quanta glória vem iluminar-nos o caminho!
Se fizermos isso de boa vontade,
Ele prosseguirá conosco,
E com todos quantos confiam e obedecem.

. . . .

Nunca provaremos o sabor de Seu amor,
Até jazermos sobre o altar;
Pois o Seu favor e a alegria que Ele dá
São para aqueles que confiam e obedecem.

(J. H. Sammis)

Capítulo Nove

Arão Oferece Sacrifícios por Si Mesmo e pelo Povo (9.1-24)

Foram necessários sete dias de ritual e sacrifícios repetidos para consagrar o primeiro sumo sacerdote e os primeiros sacerdotes comuns. Mas uma vez feito

isso, Yahweh de pronto ordenou que Arão oferecesse mais sacrifícios, por si mesmo e pelo povo. Um total de vinte e seis animais foi sacrificado naqueles oito dias envolvidos. Arão teve de primeiro fazer um sacrifício por si mesmo, e, em seguida, em favor do povo de Israel (ver Heb. 9.7).

Alguns eruditos pensam que a oferta de Arão, em favor próprio, *incluiu* os seus filhos, os sacerdotes comuns. Mas outros opinam que os sacrifícios feitos em favor do povo incluíram os sacerdotes. O texto não deixa a questão esclarecida, mas é óbvio que os sacerdotes tiveram de ser incluídos em um sentido ou em outro.

"Essa descrição (cap. 9) da inauguração formal do sistema sacrificial inteiro dos israelitas faz lembrar a prescrição para o ritual do Dia da Expiação, visto que em ambas as ocasiões sacrifícios eram trazidos tanto em favor dos sacerdotes quanto em favor do povo. Porém, *aqui* as oferendas pacíficas do povo substituem a cerimônia do bode expiatório, fazendo da ocasião um banquete, e não um jejum" (F. Duane Lindsey, *in loc.*).

O cumprimento dos deveres sacerdotais começou com a convocação da congregação inteira de Israel (mediante representantes, anciãos, chefes tribais etc.). A comunidade toda viu-se envolvida na inauguração, visto que haveria de beneficiar-se com a passagem dos anos. Arão devia sacrificar por si mesmo e sua casa, os sacerdotes que o ajudavam (vss. 8-14). Em seguida, cumpria-lhe oferecer sacrifício em favor do povo (vss. 15-21). O ritual terminaria com a bênção sumo sacerdotal (vs. 22). Então apareceria a glória do Senhor, e a oferenda seria consumida pelo fogo divino (vss. 23,24). Isso serviria de *autenticação* do sistema sacrificial de Israel com seus ritos. E assim Israel tornar-se-ia um povo *distinto*. Ver Êxo. 19.1 quanto ao *Pacto Mosaico*.

9.1

Ao oitavo dia. A dedicação ritual perdurou sete dias (ver Lev. 8.33,35). Cada dia era um dia de sacrifício, em ritos ligados exclusivamente aos sacerdotes. Mas o oitavo dia esteve ligado *primariamente* aos sacerdotes, e, em *segundo lugar*, ao povo em geral (vss. 8-14 e 15-21, respectivamente). Esse oitavo dia foi aquele subseqüente aos sete dias de consagração sacerdotal (Lev. 8.33-35). As tradições talmúdicas dizem que esse período de sete dias estendeu-se desde o vigésimo terceiro dia até o final do décimo segundo mês. Nesse caso, o oitavo dia era também o último dia de nisã (março), o primeiro mês do calendário religioso dos judeus.

Moisés. Antes da instituição da função sumo sacerdotal, e como principal delegado de Deus, foi quem pôs em operação o sacerdócio. Após isso, o sacerdócio tornou-se autoperpetuador, de acordo com as leis que Yahweh dera a Moisés. Uma assembléia especial de representantes de Israel foi chamada para dar início à obra.

Anciãos de Israel. Cf. Lev. 8.3, onde são dadas as notas expositivas. Aqueles mesmos que foram testemunhas dos ritos de consagração agora também foram testemunhas dos sacrifícios finais, que deram início à vida sacerdotal ativa. Em Lev. 8.3, encontramos a palavra *congregação*, embora devamos entender ali os representantes do povo. Ver Êxo. 3.16,18; 4.29; 12.21; 17.5,6; Lev. 4.15 quanto aos *anciãos*. Os chefes tribais, homens proeminentes em sentido religioso e civil, estão em pauta.

"Como crianças recém-nascidas, que permaneciam por sete dias em estado de imundícia e entravam nos privilégios do pacto da congregação ao oitavo dia (ver Lev. 12.2,3), assim também acontecia ao sacerdócio recém-criado, após um expurgo de sete dias, iniciando seus deveres sagrados e participando dos privilégios daquele dia simbólico" (Ellicott, *in loc.*).

9.2

Oferta. A vítima era levantada para ser sacrificada, levada até o altar de bronze, e ali consumida a fogo. De acordo com uma antiqüíssima tradição estaria aqui em foco o bezerro de ouro (Êxo. 32.4-6). Tal pecado, especificamente, foi anulado mediante o sacrifício do *bezerro* aqui mencionado. Arão foi o cabeça no pecado do bezerro de ouro; e assim, foi mister que ele o anulasse, juntamente com todos outros possíveis pecados semelhantes, antes que estivesse apto para servir.

Oferta pelo pecado. Ver Lev. 6.25,30 e informações adicionais em Lev. 4.1-35.

Holocausto. Ver Lev. 6.9-13, com informações adicionais em Lev. 1.13-17. Quanto aos *cinco animais* que eram sacrificados, ver Lev. 1.14-16. Havia mais de cinco tipos, se incluirmos distinções de idade e de sexo. Mas três animais maiores eram usados: o touro, o carneiro e o bode. Também havia duas espécies de aves: a rola e o pombinho.

Ambos sem defeito. Quanto a essa questão, ver as notas sobre Lev. 4.3.

Esse sistema sacrificial do oitavo dia de consagração dos sacerdotes assemelha-se aos ritos do Dia da Expiação, embora com uma grande diferença. Quanto a isso, ver a introdução ao primeiro versículo deste capítulo, segundo parágrafo.

De acordo com a lei canônica, o *bezerro* deveria estar com dois anos de idade, ao passo que o novilho deveria estar em seu terceiro ano (ver Lev. 4.3). Essa é a única instância em que um bezerro era designado como oferta pelo pecado; e o ofertante era Arão, o sumo sacerdote, cujo primeiro sacrifício foi em favor de si mesmo e de seus filhos, os sacerdotes. A oferenda pelo povo foi um bode (vs. 15). O carneiro também seria um animal a ser sacrificado em favor do sacerdócio. Em favor do povo, também havia o envolvimento de uma oferta de manjares (vs. 17).

9.3

Um bode. O bode de pêlo hirsuto (ver Lev. 4.23).

Um bezerro. Já mencionado no versículo anterior. Tinha de ser novo, com não mais de um ano de idade.

Um cordeiro. Também com apenas um ano de idade.

Sem defeito. Ver as notas sobre isso, em Lev. 4.3.

Como holocausto. Ver as notas sobre Lev. 9.1, quanto a referências.

9.4

Um boi. De três anos de idade (Lev. 4.3).

Um carneiro. Ver Êxo. 29.15,17-20 etc.; Lev. 5.15,16,18; 8.18 e 9.2.

Os Animais Abatidos Nesses Sacrifícios:

1. Um bode, como oferta pelo pecado.
2. Um bezerro de um ano e um carneiro, como holocausto.
3. Um boi e um carneiro, como ofertas pacíficas.

A esses animais eram acrescentadas ofertas de cereais, com a adição de azeite, excetuando aquela pequena porção que ia para Yahweh, queimada sobre o altar. Ver as notas sobre Lev. 2.1 ss. quanto a detalhes. Ver no *Dicionário* o artigo *Sacrifícios e Ofertas*, ponto terceiro, D.2., *Oferta de Manjares*.

Hoje o Senhor vos aparecerá. Temos aí a promessa da *glória do Senhor*, logo no primeiro dia dos sacrifícios feitos pelos sacerdotes. Levítico 9.23,24 nos mostra que isso, de fato, sucedeu. Essa exibição da glória divina serviu de autenticação do sistema sacrificial, mostrando a aprovação de Yahweh. O fogo descido do céu consumiria os primeiros sacrifícios; fogo aceso pelo homem atuaria dali por diante.

9.5

Os elementos dos vários sacrifícios foram trazidos, em harmonia com as instruções dadas pelo Senhor. A congregação toda (ou seja, os *anciãos* como representantes de Israel, vs. 1) reuniu-se para testemunho. A companhia inteira foi assim posta em ordem diante do Senhor, visto que estavam no átrio de Seu tabernáculo, onde Deus achou por bem manifestar a Sua presença. O Targum (comentário) de Jonathan diz que eles estiveram ali com um *perfeito coração*, uníssonos e em atitude de expectativa.

9.6

O que Yahweh tinha ordenado estava sendo feito e teria pleno cumprimento; e, então, desceria *a glória do Senhor*. O fogo divino haveria de consumir os primeiros sacrifícios, posto que dali por diante os sacerdotes teriam de acender o fogo (vss. 23,24). "A manifestação da glória do Senhor não consistiu em uma visão de Sua Pessoa, porque ninguém pode ver ao Senhor e viver; mas era *como* vê-Lo: era uma tomada de consciência da presença de Deus. Não diferiu muito de certas experiências místicas cristãs. A glória do Senhor, que posteriormente manifestar-se-ia 'na face de Jesus Cristo', em certa medida realizou-se na adoração do Antigo Testamento. Os serafins, na visão de Isaías (6.3), declararam que a terra inteira está tomada pela glória de Deus. A todo o tempo, e em todos os lugares, há a glória de Deus; mas somente em ocasiões especiais a glória ou presença de Deus chega a ser percebida e reconhecida pelos homens. E mesmo quando 'o Verbo se fez carne' (João 1.14), para muitos essa glória esteve *oculta*, pois 'os seus olhos estavam como que impedidos de o reconhecer' (Luc. 24.16)" (Nathaniel Micklem, *in loc.*).

> *... ele mesmo resplandeceu em nossos corações,*
> *para iluminação do conhecimento da*
> *glória de Deus na face de Cristo.*
>
> (II Coríntios 4.6).

Os homens substituem a glória de Deus por símbolos religiosos, doutrinas e ritos. Apesar de essas coisas serem necessárias para a fé religiosa, elas não dispensam a necessidade do toque místico. Ver no *Dicionário* os artigos chamados *Misticismo* e *Shekinah*. O trecho de Êxo. 29.42 ss. é uma passagem paralela que vale a pena ler nesta altura.

9.7

O que fora preceituado (vss. 2 ss.) agora era determinado que Moisés fizesse. As oferendas fariam expiação pelo sacerdócio, e, então, pelas pessoas descritas especificamente, a saber, nos vss. 8-14 e 15-21. Ver no *Dicionário* o verbete intitulado *Expiação*.

"Diferindo da lei ordinária da oferta pelo pecado pelo sumo sacerdote e pelo povo, cujo sangue era levado ao interior do tabernáculo (ver Lev. 4.7,16-18), Arão, *nessa* ocasião, simplesmente pôs algum sangue sobre os quatro chifres do altar de bronze, conforme Moisés fizera com a oferta pelo pecado da consagração (Lev. 8.15), pois, embora fosse ele o sumo sacerdote, Arão, até então, não tivera acesso ao Lugar Santo do santuário, enquanto não se tornara qualificado a tanto por meio *desse* sacrifício no átrio" (Ellicott, *in loc.*).

Arão, pois, ofereceu uma oferta pelo pecado (Lev. 4.1-12) e um holocausto (Lev. 1.3-13) a fim de fazer expiação por si mesmo.

9.8

O bezerro da oferta pelo pecado (ver os vss. 2 e 3). Esse foi o sacrifício *feito por Arão, ele que antes fora o líder no culto falso ao bezerro de ouro. Com* esse ato, ele reverteu aquele grave ato de idolatria, fazendo expiação por todos os seus outros pecados, tornando-se assim digno de ocupar seu ofício de sumo sacerdote. Ver as notas sobre o segundo versículo deste capítulo, que se aplicam aqui. De acordo com o sistema sacrificial dos hebreus, só os ofensores abatiam pessoalmente o animal do sacrifício; e assim Arão pôs-se no lugar de um pecador ordinário. Ver Lev. 1.5. Isso foi feito no lado norte do altar (Lev. 1.11). Ver também Lev. 6.25.

O ritual aqui descrito seguiu aquilo que foi prescrito em Lev. 4.3-12, exceto o fato de que o sangue foi novamente aspergido (ver Lev. 8.15) sobre os chifres do altar dos holocaustos, o altar de bronze, e não sobre o altar do incenso. Arão também ofereceu seu próprio holocausto (Lev. 8.18-21), como aqui, e ofereceu sua oferta pelo pecado.

O ato de Arão, que teve primeiro de oferecer um sacrifício por si mesmo, demonstrou a imperfeição do sistema sacrificial levítico. Mas Cristo, o nosso Sumo Sacerdote, não tinha pecado pelo qual tivesse que oferecer sacrifício. Ver Heb. 5.3; 7.26-28 e 9.7-11 ss., que nos mostram as aplicações neotestamentárias do ato de Arão.

9.9

O resto do sangue derramou à base do altar. O sangue pertencia a Yahweh. Parte do sangue foi posta nos chifres do altar de bronze. Os *chifres* representavam o poder do altar, tal como os chifres de um touro indicam onde está o seu poder. E o resto do sangue foi derramado à base do altar, pois pertencia a Yahweh. Quanto à lei acerca da gordura e do sangue dos animais sacrificados, ver Lev. 3.17, onde há notas expositivas detalhadas.

Ver as notas sobre como o sangue foi manuseado de modo diferente, neste caso, em confronto com os sacrifícios subseqüentes, quando Arão já tinha acesso ao Lugar Santo e ao Santo dos Santos, em Lev. 9.7, segundo parágrafo. Ver também as notas sobre o vs. 8 quanto à natureza geral do ritual, em seu segundo parágrafo. Ver no *Dicionário* o artigo *Expiação pelo Sangue*. E na *Enciclopédia de Bíblia, Teologia e Filosofia,* ver o artigo *Expiação pelo Sangue de Cristo*, onde se vê a aplicação cristã de toda essa questão.

9.10

Mas a gordura. Os hebreus consideravam a gordura uma delícia; essa, pois, pertencia a Yahweh. Ver Lev. 3.17 e suas notas expositivas quanto à lei sobre a gordura e o sangue. Yahweh recebia a *gordura* — Lev. 3.17; 4.8-10,19,26,31,35; 7.4,5 — de todos os animais sacrificados. A gordura nunca fez parte da refeição comunal que acompanhava alguns dos sacrifícios. Ver também Lev. 8.14-16, 20, 26.

9.11

Subseqüentemente, a carne e o couro dos animais sacrificados tornaram-se possessão do sacerdote oficiante (Lev. 6.26; 7.8). Nessa *ocasião,* porém, foram totalmente queimados porque um sacerdote não podia participar da oferta pelo pecado que oferecesse *em favor próprio*. Ver Lev. 4.35. Os restos das ofertas pelo pecado eram queimados fora do arraial, conforme se vê em Lev. 4.11,12,20,21 e 8.17.

9.12

Imolou o holocausto. Ver Lev. 1.3-17 e 6.9-13 quanto a detalhes sobre esse tipo de oferenda. A ordem de tipos de sacrifícios seguiu aqui a usual. Ver Lev. 8.18-21. O *carneiro* foi usado nessa ocasião. Ver o segundo versículo deste capítulo. Era morto pelo ofertante (neste caso, o próprio Arão), no lado norte do altar (Lev. 1.11). O sangue foi recolhido em baldes por seus filhos. Ele então usou o sangue para derramá-lo em redor da base do altar. Cf. Lev. 8.19. Alguns eruditos pensam que devemos entender aqui que o sangue foi aspergido sobre o topo do altar; mas parece que isso não concorda com o que era costumeiro. Ver Lev. 3.13. A aplicação do sangue sobre os chifres do altar estava incluída no ritual. Ver as notas sobre Lev. 9.7.

9.13

O animal sacrificado era cortado em pedaços, conforme comento em Lev. 1.6,8. Ver também Lev. 8.20. Esse despedaçamento facilitava a queima da carcaça do animal. Os filhos de Arão entregavam-lhe os pedaços, um por um, e ele, cuidadosamente, arrumou-os sobre o altar de modo a ocuparem as posições que tinham no animal vivo.

9.14

Ver Lev. 8.21 quanto à lavagem dos vários elementos da oferenda. O holocausto era posto por cima da oferta pelo pecado, que já estava queimando. Ver também Lev. 4.35. Desse modo Arão, o sumo sacerdote, fez expiação por si mesmo, com a ajuda de seus filhos, que estavam iniciando seus serviços como sacerdotes comuns. Essa expiação foi também pela sua *casa,* ou seja, por todos os sacerdotes (ver Lev. 8.18).

9.15

Depois fez chegar. Estes versículos (15-21) descrevem os sacrifícios e os ritos envolvidos na expiação pelo povo. Temos aí uma espécie de dia preliminar de expiação, a iniciação das funções sacerdotais. Arão tinha terminado de fazer expiação por si mesmo, e assim estava qualificado a agir em favor de outrem. Devemos contrastar isso com Cristo, o nosso Sumo Sacerdote, o qual, por não ter pecado próprio, não teve necessidade de oferecer expiação primeiramente por Si mesmo (Heb. 7.26-28). O ritual da expiação pelo povo foi igual ao da expiação de Arão por si mesmo. Isso é frisado por meio das palavras "como fizera com o primeiro", as quais aludem aos sacrifícios *inicialmente* oferecidos por si mesmo. "A oferta pelo pecado em favor do povo, o holocausto e a oferta pacífica foram apresentados de acordo com o que fora estipulado nos capítulos primeiro a sétimo" (*Oxford Annotated Bible, in loc.*).

Alguns estudiosos supõem que os sacrifícios feitos por Arão em favor do povo *incluíssem* os sacerdotes. Mas outros opinam que os sacerdotes foram incluídos nos sacrifícios que Arão fez por si mesmo. O próprio texto não deixa claro o que sucedeu. Mas como é óbvio, os sacerdotes foram incluídos de um modo ou de outro.

Visto que Arão ofereceu um bode (como oferta pelo pecado, vs. 15), um bezerro e um cordeiro (como holocausto, vss. 3,16) e uma oferta de manjares (vs. 17), além do boi e do carneiro como oferta de comunhão (vs. 18), Arão terminou oferecendo, virtualmente, todos os animais próprios para sacrifícios, excetuando as duas espécies de aves, que os mais pobres dentre o povo podiam oferecer. Ver sobre os *cinco* animais sacrificáveis, nas notas em Lev. 1.14-16. Se levarmos em conta questões como sexo e idade, então havia mais de cinco tipos de animais. O touro (com três anos de idade) ou o novilho podem ser contrastados com o bezerro e a novilha (ambos de um ano de idade). Na verdade, contudo, somente três espécies de animais de maior porte eram usados: o touro, o carneiro e o bode. E havia duas espécies de aves: a rola e o pombinho. Ver Lev. 9.3 quanto aos animais específicos usados em cada sacrifício específico.

9.16

O holocausto. Ver Lev. 6.9-13 e as notas adicionais em Lev. 1.13-17. As palavras "segundo o rito" significam conforme o autor já havia descrito nos vss. 12-14, quando Arão sacrificou em favor próprio. Mas a referência, mui provavelmente, é mais ampla do que isso, referindo-se às intrincadas instruções que Yahweh havia dado quanto a tais sacrifícios, contidas nas referências dadas acima. Os capítulos primeiro a sétimo de Levítico abordam essas instruções.

9.17

Este versículo é paralelo ao trecho de Lev. 2.1-3, onde as notas devem ser consultadas. Essa oferta de manjares era feita juntamente com o *sacrifício matinal,* pelo que, naquele tempo, começaram as oferendas regulares a cada manhã e

cada tarde. Ver Êxo. 29.39,40 quanto a notas expositivas completas sobre a questão. Dois cordeiros eram sacrificados diariamente. Deviam ter um ano de idade. Juntamente com eles eram oferecidas as ofertas de manjares (Êxo. 29.41). O todo tinha de ficar queimando (vs. 42), provavelmente mediante a contínua colocação de novos pedaços das vítimas. O fogo só podia ser apagado a fim de que o altar fosse limpo, o que era necessário de vez em quando.

Foi assim que Arão deu início aos sacrifícios diários, e, paralelamente a eles, aos sacrifícios extras em favor do povo, dos cultos de inauguração.

9.18

O que Arão fizera por si mesmo (vss. 8-15), ele teve repetir em favor do povo (vss. 15-21). Parte disso era o sacrifício do novilho de três anos e do carneiro; e nisso constituía a *oferta pacífica* (ou comunal). Ver Lev. 3.1 ss. quanto a esse tipo de oferenda e seus requisitos. Ver o gráfico na introdução a Lev. 1.1 quanto aos vários tipos de oferendas e as cerimônias que as acompanhavam. Ver Lev. 7.37 quanto aos vários tipos de ofertas, onde são dadas referências às notas sobre cada um desses tipos. Ver Lev. 3. 1-17 e 7.11-33 quanto à oferta mencionada neste versículo.

9.19

A gordura. Esta pertencia a Yahweh e era queimada sobre o altar, tal como sucedia à cauda gorda do carneiro. Ver Lev. 3.16,17 quanto às leis levíticas sobre a gordura e sobre o sangue. O trecho paralelo é Êxo. 29.11, onde há notas expositivas sobre os itens mencionados neste versículo. Ver também Lev. 3.9 ss. quanto a detalhes adicionais. A *repetição* é um estilo literário distinto do autor sacro, que vemos por todos os seus escritos. Em conseqüência, muitos versículos são repetições do que já tinha sido dito, de tal modo que se quisermos entender o fluxo do assunto teremos de voltar a passagens que já foram comentadas.

9.20,21

A gordura do boi e a do carneiro, além das outras porções, eram movidas e então postas sobre o altar, a fim de serem queimadas. O vs. 21 informa-nos que a coxa direita e o peito eram movidos diante do Senhor; e o vs. 20 diz que a gordura era posta sobre esses pedaços, a fim de que tudo fosse queimado. Quanto a notas sobre as *ofertas movidas,* ver Êxo. 29.23,24. Essas ofertas manifestavam gratidão pelo suprimento recebido, pois Yahweh era a fonte originária de todas as coisas, o qual merece o nosso constante agradecimento. As porções mencionadas posteriormente passaram a ser dadas para sustento dos sacerdotes, excetuando a gordura, a qual sempre precisou ser queimada sobre o altar, pois pertencia a Yahweh. Ver Êxo. 28.27,28; Lev. 7.34-36. Era uma oferenda de agradecimento e de comunhão.

9.22

Os *três tipos* de ofertas eram estas: pelo pecado, o holocausto e de comunhão. O ato final consistia na bênção sacerdotal, quando o sacerdote erguia as mãos e proferia bênção sobre o povo. Uma segunda bênção era proferida, conforme a descrição do vs. 23. No ato inaugural, desceu então o fogo celeste, que consumiu os sacrifícios, como sinal da bênção e da aprovação de Yahweh (vs. 24).

Ver Núm. 6.24-26 quanto à bênção sacerdotal. É provável que houvesse outras bênçãos proferidas, de natureza similar. Cf. Deu. 10.8 e 21.5. "Os descendentes de Arão, até o dia de hoje, proferem essa bênção sobre a congregação, nas sinagogas, em certos períodos do ano. De acordo com esta passagem, eles eram obrigados a voltar o rosto para o povo. Ao erguerem as mãos acima dos ombros, estendendo-as na direção dos adoradores, cada sacerdote se dava as mãos pelos polegares e pelos dedos indicadores, separando assim os outros dois dedos, desse modo produzindo uma tripla divisão" (Ellicott, *in loc.*).

É possível que diferentes modos de abençoar tenham sido usados no decorrer da história de Israel. A moderna prática judaica parece ser a seguinte: eles erguem as mãos até a altura dos ombros; a mão direita é mantida ligeiramente mais alta que a esquerda; as mãos são espalmadas; os dedos; fazem-se cinco aberturas nas mãos: entre dois dedos e outros dois, um espaço; entre o indicador e o polegar, outro; entre os dois polegares, outro espaço. Então espalham as mãos de tal modo que a palma de uma das mãos volta-se para o céu, ao passo que a palma da outra mão volta-se na direção da terra, juntando assim, em um gesto, o céu e a terra.

Os gestos e as bênçãos de Arão levavam o povo, de modo simbólico, à presença de Yahweh, para o Senhor abençoá-los. E isso era feito no interesse da eficácia dos ritos sacerdotais, então instituídos.

Tipologia. Em Cristo Jesus, a bênção de Deus chega aos crentes, por ser Ele o Mediador entre Deus e o homem. Ver no *Dicionário* o artigo *Mediação (Mediador).* Em Sua ressurreição, Jesus abençoou desse modo aos Seus discípulos (Luc. 24.50,51). Cristo abriu-nos uma via de acesso que nos põe em contato com as bênçãos celestiais (Efé. 1.3; Gál. 3.13,14; Atos 3.26). A morte expiatória de Cristo substituiu o complexo ritual do Antigo Testamento. Ver Heb. 5.3; 7.26-28; 9.7 ss. quanto à aplicação neotestamentária.

E desceu. Aben Ezra informa-nos que o altar de bronze original (ver as notas a respeito em Êxo. 27.1) ficava sobre um lugar elevado de cerca de 1,40 m de altura. Quando o templo de Jerusalém foi construído, havia degraus que levavam ao altar dos holocaustos (Eze. 43.7). Mas nos dias de Moisés não se permitia nenhum degrau, conforme aprendemos em Êxo. 20.3. Nos dias do segundo templo, havia uma rampa que subia até uma altura de cerca de 1,40 m, mas não havia degraus.

9.23

Entraram. . . na tenda da congregação. Entraram no Lugar Santo, a fim de queimar o incenso sobre o altar de ouro (ver no *Dicionário* o artigo chamado *Altar de Incenso*). Ver Êxo. 30.7 ss. Talvez os pães também tivessem sido arrumados sobre a mesa dos pães da proposição. Ver no *Dicionário* o artigo intitulado *Pães da Proposição.* Também foi iniciado o serviço no candelabro. Ver no *Dicionário* o verbete *Candeeiro de Ouro.* Orações especiais eram oferecidas durante o culto no tabernáculo. As tradições dizem-nos que as orações também solicitaram que viesse fogo divino, autenticando a aprovação divina, como parte final do cerimonial de inauguração.

Uma vez realizadas todas essas coisas, Moisés e Arão saíram do interior do tabernáculo e proferiram a segunda bênção sobre o povo.

Foi aberto o acesso a Deus, visto que o tabernáculo representava um meio de acesso a Yahweh, ainda que cada uma de suas três cortinas (ver as notas expositivas a respeito em Êxo. 26.36) também indicasse limitações a esse acesso. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Acesso,* e também Efé. 2.18; 3.12 e I João 1.3, quanto a aplicações neotestamentárias.

A glória do Senhor apareceu. Ver as notas a respeito disso no vs. 24 deste capítulo.

9.24

Saindo fogo de diante do Senhor. Esse fogo consumira os sacrifícios que haviam sido postos sobre o altar. Dois versículos, neste capítulo, mencionam o fenômeno (vss. 6 e 24). No vs. 6 há comentários que cabem aqui.

A Deus seja a glória - grandes coisas Ele tem feito!
Amou de tal modo o mundo que deu Seu Filho;
O qual deu Sua vida como expiação pelo pecado,
E abriu o portão do céu, para todos poderem entrar.
. . . .
Grandes coisas Ele nos ensinou!
Grandes coisas Ele tem feito!
Grande é nosso júbilo
por Jesus, o Filho.

(Fanny J. Crosby)

O fogo sobrenatural que caiu sobre o altar testificou da presença e da aprovação de Yahweh. Seguiu-se a glória *Shekinah.* Ver no *Dicionário* acerca dessa glória.

Chamas sobrenaturais sobre altares formam um tema comum na literatura antiga de vários povos. Assim, Solinus falou sobre as manifestações de Vulcano na Sicília (*Pobyhistor.* c. 11); Servius referiu-se a altares que tinham fogo que nenhum homem havia aceso (Virgílio, *Aeneid.* 1.12, vs. 200). Outras tradições também são mencionadas, em minhas fontes informativas, embora não dêem referências literárias que eu possa passar adiante para o leitor.

Relatos posteriores do Antigo Testamento têm incidentes similares ao do presente texto. Ver Juí. 6.20,21 (envolvendo Gideão); I Reis 18.28 (envolvendo Elias); II Crô. 7.1 (envolvendo Salomão). As tradições judaicas dizem que o fogo celeste provocou uma chama perpétua sobre o altar, mas não há nenhum indício sobre essa idéia no próprio Antigo Testamento. Ver Lev. 6.12,13 quanto ao fogo perpétuo do altar, o fogo santo que não se podia deixar apagar.

Jubilaram e prostraram-se sobre os seus rostos. Em um misto de alegria exaltada e temor profundo, que as experiências místicas com freqüência causam. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Misticismo.*

Para nos desenvolvermos espiritualmente, precisamos de estudo, aprendizado, conhecimento, oração e meditação. Também precisamos de boas obras práticas, sem as quais não teremos como expressar a lei do amor. Sem o *amor,* nada seremos, sem importar o que mais possamos ser ou ter. Esse é um ensino de Paulo, no capítulo 13 de I Coríntios. Mas também carecemos do toque místico, o fogo divino, a presença de

Deus, que nos confere avanço espiritual, poder e força. Ver no *Dicionário* os artigos intitulados *Desenvolvimento Espiritual, Meios do* e *Amor.*

O clamor de júbilo do povo estava carregado de louvor e adoração, conforme aprendemos nos comentários sobre II Crô. 30.21, que deveriam ser comparados com os que temos neste versículo.

Tipologia. O fogo divino era um emblema do Espírito Santo, bem como de Sua presença iluminadora e de Seu poder todo-consumidor. Ver Mar. 9.49; Mat. 3.11 e Atos 2.3,4. Ver no *Dicionário* o verbete chamado *Espírito de Deus.*

Capítulo Dez

Direções sobre a Violação Sacerdotal (10.1-20)

Nadabe e Abiú Morrem Diante do Senhor (10.1-11)

Toda a alegria e o senso de triunfo que assinalaram o início dos serviços sacerdotais (Lev. 9.23,24) foram maculados pelo ato imprudente de Nadabe e Abiú, filhos mais velhos de Arão, os quais contaminaram o tabernáculo ao efetuarem um rito que não concordava com as instruções elaboradas dadas por Yahweh. Nenhuma instrução *específica* havia sido dada sobre *como* deveria ser queimado o incenso (embora essa instrução tenha sido dada mais tarde, em Lev. 16.12), mas provavelmente devamos entender (mesmo sem uma declaração específica) que Nadabe e Abiú não agiram baseados na ignorância. As regras baixadas eram intrincadas, mas divinas, e ninguém tinha o direito de profaná-las. A profanação, pois, foi punida pela execução divina dos dois culpados. O *fogo estranho* refere-se ao incenso que foi oferecido em um presunçoso desafio às regras que tinham sido estabelecidas (ver Êxo. 30.34-38; Núm. 16).

10.1

Trouxeram fogo estranho. O ato insensato e rebelde atraiu fogo consumidor da parte de Deus. A obediência às ordens divinas (caps. 8 e 9 de Levítico) tinha resultado na descida de fogo divino, que era um sinal de aprovação, consumindo os sacrifícios de dedicação dos sacerdotes. Mas o fogo estranho de Nadabe e Abiú produziu um resultado desastroso, e Arão precisou absorver o golpe de perder seus dois filhos mais velhos, logo no primeiro dia do ministério sacerdotal.

Nadabe. Ver no *Dicionário* o detalhado artigo sobre esse homem. Ver também Êxo. 6.23, que menciona os quatro filhos de Arão, sendo que os dois que figuram neste texto eram os mais velhos.

Abiú. Ver as notas sobre ele no *Dicionário.* Ele foi o segundo dos quatro filhos de Arão.

Qual o Pecado de Nadabe e Abiú?

1. Cada um deles tomou seu próprio incensário, e não o sagrado utensílio do santuário.
2. Ofereceram incenso ao mesmo tempo, quando um só deles deveria tê-lo feito.
3. Não tinham o direito de oferecer incenso, pois essa tarefa competia ao sumo sacerdote. Lev. 16.12,13; Núm. 7.11.
4. Ofereceram incenso em uma hora não-autorizada, estando isso limitado aos sacrifícios da manhã e da tardinha. Ver Êxo. 30.7-9.
5. Encheram seus incensários com fogo comum, e não com fogo tirado do altar, o único que podia ser usado com esse propósito (Lev. 9.24; 16.12). O fogo sobre o altar tinha descido da parte de Deus e era mantido aceso mediante a regra das chamas perpétuas (ver as notas em Lev. 6.12,13). O trecho de Apo. 8.5 encerra uma alusão neotestamentária a esse fato.
6. Tradições judaicas acusam-nos de beberem muito vinho e de prestarem *embriagados* o seu serviço desvairado e desautorizado. A versão caldaico-palestina adiciona essa tradição ao vs. 9 deste capítulo; mas embora ela seja muito antiga, o próprio Antigo Testamento em hebraico faz silêncio a esse respeito. Ver Lev. 10.9.
7. Alguns eruditos supõem que *fogo estranho* (literalmente, "fogo profano") indique incenso não preparado de acordo com as intrincadas regras para seus ingredientes e fabrico, segundo se vê em Êxo. 30.34-38.

Pode-se dizer com justeza que pelo menos *parte* dos itens mencionados dos sete pontos acima era conhecida pelos filhos de Arão, tomando-os culpados de pecado de presunção, ainda que parte das instruções possa ter sido dada mais tarde. Portanto, parte desse pecado consistiu em agir sem buscar a orientação divina.

Metaforicamente, *fogo estranho* passou a indicar aquele fervor, zelo, sistema religioso e práticas místicas e religiosas que são estranhas ao cristianismo bíblico. Podemos pensar em Mat. 7.21 ss. como uma passagem do Novo Testamento que comenta sobre essa atitude errada.

O que lhes não ordenara. Essa afirmativa indica que os dois filhos de Arão não agiram às cegas, ou, então, que deveriam ter esperado por maiores instruções. Logo, como já dissemos, eles pecaram por presunção. O mais provável é que estivessem ambos informados *e* deveriam ter esperado por maiores instruções. Cumprir a vontade de Deus da maneira certa e no tempo certo é uma questão séria.

10.2

Nadabe e Abiú morreram diante do Senhor, em Sua presença, no interior do tabernáculo, pois o fogo divino mostrou o seu lado fatal. O mesmo poder que havia abençoado (Lev. 9.23,24) agora tirava a vida. "Por meio do fogo, pecaram; por meio do fogo, morreram" (Ellicott, *in loc.*). Por semelhante modo, o evangelho é, para uns, cheiro de vida, mas para outros, cheiro de morte (II Cor. 2.16). Cf. este texto com aquele sobre Ananias e Safira, em Atos 5. Ver sentimentos similares expressos em Deu. 4.2; Pro. 30.6 e Apo. 22.18,19.

10.3

Isto é o que o Senhor disse. Veio uma divina comunicação a fim de explicar *por que* aquela tragédia ocorrera, e assim Arão veio a tomar conhecimento da violação do tabernáculo perpetrada por seus dois filhos mais velhos. Yahweh não poderia ser *glorificado* por meio de atos impróprios, e Arão reconheceu isso e não defendeu seus filhos, nem teceu comentário algum.

"Foi grande graça, da parte de Arão, que ele se manteve calado. Não se queixou de Deus. 'Emudeço, não abro os meus lábios porque tu fizeste isso' (Sal. 39.9). 'Pois tudo quanto outrora foi escrito, para o nosso ensino foi escrito, a fim de que, pela paciência, e pela consolação das Escrituras, tenhamos esperança' (Rom. 15.4)" (Nathaniel Micklem, *in loc.*).

"Essa narrativa esclarece por que a linha sacerdotal passou para o *terceiro* filho de Arão, Eleazar (Êxo. 6.23-25)" (*Oxford Annotated Bible, in loc.*).

Mostrarei a minha santidade. *Santificação.* Essa foi a palavra-chave no processo de ordenação de Arão e seus filhos. Yahweh deve ser santificado em Seus servos, e eles, Nele. Os dois filhos mais velhos de Arão haviam violado esse ideal, e não eram mais dignos de continuar no serviço divino. Ver Lev. 8.10,12 quanto à santificação dos ministros. Visto que Yahweh deveria ter sido *glorificado* mediante o serviço fiel deles, mas não o foi, então foi glorificado por meio do juízo que arredou os dois para um lado. E assim Yahweh glorificou a Si mesmo como o Santo de Israel.

10.4

Uziel. Ele era filho de Coate, que era o irmão mais jovem de Anrão. Este era o pai de Arão. Logo, Uziel era tio de Arão. Ele tinha três filhos, e Misael e Elzafã eram dois deles (Êxo. 6.18,22). Eleazar e Itamar poderiam ter sido chamados para remover os cadáveres de seus dois irmãos mortos, mas isso teria sido uma tarefa muito desagradável, por causa da proximidade de parentesco. Assim, a tarefa foi entregue a parentes mais distantes. Dois outros tios, Izar e Hebrom, também poderiam ter sido convocados; mas ao que parece foram deixados de lado por causa do descontentamento de seus filhos com a escolha de Arão e seus filhos para o sacerdócio, descontentamento esse que mais tarde irrompeu sob a forma de rebeldia franca por parte de Coré (Núm. 16 e 17). Aqueles que sepultaram aos ofensores precisavam ter uma lealdade imaculada à ordem que havia sido estabelecida por meio de Moisés e Arão.

Misael. Ver Êxo. 6.22 quanto às notas sobre ele. Ele era sobrinho de Moisés.

Elzafã. Ver Êxo. 6.22. Outro sobrinho de Moisés.

Uziel. Ver acerca dele no *Dicionário.* Várias outras pessoas foram convocadas. Ele aparece em primeiro lugar na lista dos convocados.

Vossos irmãos. Um pronome de tratamento usado entre parentes chegados, não envolvendo somente irmãos literais. Ver Gên. 13.8; 14.6; 24.48; 29.12-15.

De diante do santuário. Nadabe e Abiú morreram no Lugar Santo, diante do véu que separava o Lugar Santo do Santo dos Santos. Era diante do altar do incenso que se oferecia o incenso. Ver as notas sobre as três cortinas do santuário em Êxo. 26.36.

Para fora do arraial. Para longe do santuário, e onde acabaram sepultados. Desse modo, foi ressaltada a importância da tragédia. Eles, que tinham o direito de servir no Lugar Santo, terminaram sepultados fora do acampamento, onde coisas profanas e restos de sacrifícios eram lançados e queimados (Lev. 4.12; 6.11; 8.17; 13.46).

10.5

E os levaram nas suas túnicas. Suas *túnicas* serviram de meio conveniente para transportar para fora os seus cadáveres. Eram as túnicas especiais de sacerdotes, agora reduzidas a uma tarefa tão má afamada. As túnicas eram longas e brancas, com as quais ministravam, e eram as peças mais características do vestuário dos sacerdotes (Êxo. 28.40). O Targum de Jerusalém diz que foram usados ganchos de ferro que, prendendo as túnicas, ergueram os corpos, os quais foram sepultados em campo aberto. Ver Gên. 23.9,17; Mat. 27.61; Luc. 8.27. Ver no *Dicionário* o artigo intitulado *Sepultamento, Costumes de.* Adam Clarke apreciava o costume de sepultar os cadáveres nos campos, e abominava o costume inglês de sepultar homens santos no interior dos templos e até debaixo de altares. "Diante do que estremece tanto a piedade quanto o bom senso!"

10.6

Lamentação pelos Mortos Proibida. Moisés, sem dúvida por ordem de Yahweh, não permitiu que Arão e seus dois filhos mais jovens, Eleazar e Itamar, lamentassem por seus dois profanos irmãos falecidos. Não podiam deixar soltos e desgrenhados seus longos cabelos; nem podiam rasgar suas vestes, ambos sinais comuns de luto, nos dias antigos de Israel. *Se* chegassem a lamentar assim por seus irmãos mortos, dando a entender que não concordavam com o severo juízo que haviam recebido, também morreriam. No entanto, os parentes mais distantes (mas que não eram sacerdotes do tabernáculo), e o povo de Israel, em geral, podiam efetuar os ritos normais da lamentação pelos mortos. Arão e seus filhos mais jovens achavam-se em estado de pureza ritual e, se tivessem alguma coisa que ver com os mortos, perderiam essa pureza e ficariam cerimonialmente imundos. Mas a razão da proibição envolvia mais do que isso, segundo vimos acima. Ver o vs. 7 deste capítulo e o trecho de Lev. 21.10-12. Eles deveriam ocupar-se de seus deveres regulares como sacerdotes, ignorando tudo mais.

O ato de *descobrir* a cabeça deixaria soltos os seus longos cabelos, que logo estariam desgrenhados, um sinal de luto. Os que choravam por seus mortos deixavam soltos os seus cabelos, e a maioria dos homens usava então cabelos longos. Por ocasião de luto, permitia-se que esses cabelos longos ficassem soltos e desgrenhados. Ver Lev. 13.45; 21.10; II Sam. 15.30; 19.4 etc. Os sacerdotes não deviam rapar a cabeça; e, em tempos posteriores, suas mechas não podiam crescer muito (Eze. 44.20). O que mantinha os cabelos no lugar era o turbante. Em outras palavras, os sacerdotes não deveriam tirar seus turbantes, mas continuar trabalhando com eles. Quanto ao ato de rasgar as roupas, em sinal de luto, ver Gên. 37.29,34; Jos. 7.6; II Sam. 13, etc.

10.7

Para que não morrais. Outra ameaça de morte. Não podiam lamentar por seus mortos, e, sob pena de morte, não podiam sair do tabernáculo, descontinuando o serviço sagrado. Tinham de agir como se nada tivesse acontecido. Tinham de continuar consagrados, pois sobre eles estava o azeite da unção. Isso tinha a primazia, e outras pessoas que cuidassem de outras coisas.

"Os laços terrenos não podiam interferir nos deveres para com Deus. Assim, seria um pecado um sacerdote lamentar-se, enquanto ministrava diante do Senhor (ver Lev. 21.10-12). Essa norma era estritamente observada durante os dias do segundo templo. Quando um sacerdote oficiante ouvia da morte de um parente, não abandonava o santuário, a fim de que não parecesse ter maior afeto pela pessoa morta do que pelo Deus vivo" (Ellicott, *in loc.*). Cf. isso com a declaração de Jesus, em Lucas 9.60: "Deixa aos mortos o sepultar os seus próprios mortos".

O óleo da unção. Ver no *Dicionário* o artigo intitulado *Azeite (Óleos).*

10.8,9

Falou também o Senhor. Um artifício literário para introduzir material novo no Pentateuco, e que também serve para lembrar que as normativas sobre o tabernáculo e seu culto haviam sido dadas por inspiração divina. Ver as notas sobre essa expressão em Lev. 1.1, com idéias adicionais em Lev. 4.1. Dois sacerdotes tinham sido feridos de morte; e os que restavam foram mantidos em atitude de temor. Mas o ministério divino precisava prosseguir. Ademais, certas instruções adicionais precisavam ser transmitidas.

Vinho nem bebida forte. Israel era uma nação de vinho e de cânticos; mas os sacerdotes não podiam tocar em bebidas alcoólicas quando estivessem em serviço. Isso equivalia a outra ameaça de morte, a terceira deste capítulo (vss. 6,7,9). A condenação caracterizava a dispensação da lei, ao passo que a vida é a grande bênção da missão de Cristo. Ver Gál. 3.10 ss. Ver no *Dicionário* os verbetes *Bebida Forte e Bebida, Beber.* O capítulo 44 do livro de Ezequiel baixa uma série de normas para o sacerdote, entre as quais temos aquela que vedava o uso de bebidas alcoólicas (vs. 21). Mas essa proibição dizia respeito aos sacerdotes em serviço, e não quando estivessem de folga.

De acordo com alguns estudiosos, o *pecado* de Nadabe e Abiú tinha incluído a embriaguez. Todavia, não há evidência bíblica quanto a isso, embora este versículo pareça sugerir tal coisa. Ver as notas sobre Lev. 10.1 quanto a *sete idéias a respeito do que teria sido o pecado deles;* e o sexto ponto destaca a alegada embriaguez deles. A versão caldaico-palestina acrescenta aqui: "como fizeram teus filhos quando entravam no átrio interior", glosa que contém uma antiga tradição, que pode ter ou não alguma verdade. O Targum de Jonathan perpetuou essa tradição.

O Novo Testamento não requer abstinência total da parte dos ministros, e, sim, moderação (ver I Tim. 3.3,8). Sem embargo, a abstinência total evita o surgimento eventual de vícios e excessos. Outrossim, agrada àqueles crentes que objetam a qualquer uso de bebidas alcoólicas. Os estudos científicos mostram que o álcool, uma vez na corrente sanguínea, destrói células do cérebro. Por outro lado, a ciência também tem comprovado que, em pequenas quantidades, o álcool prolonga a vida, por agir como tranqüilizante moderado, além de ser um agente anticolesterol. A consciência cristã, pesando todos os prós e contras, que tome a decisão. Opto pela total abstinência. E não criticarei o uso moderado que outro ministro queira fazer de bebidas alcoólicas, especialmente se ele estiver agindo no espírito de moderação, ensinado em I Tim. 5.23.

10.10,11

Os capítulos 11 a 15 de Levítico expandem a distinção entre o santo e o profano, o limpo e o imundo. Em sua primeira aplicação, o vs. 10 increpa o uso de bebidas alcoólicas por parte dos sacerdotes oficiantes. Em estado de intoxicação alcoólica, como poderia ele cumprir direito os seus deveres no tabernáculo, dando bom exemplo à congregação de Israel? Um sacerdote precisa ter pensamentos claros para poder agir e ensinar (vs. 11). Era o sacerdote quem ensinava ao povo a diferença entre o santo e o profano, e o sistema mosaico era complicado e exigente. Antes de tudo, o sacerdote precisava de *conhecimento.* Yahweh falava. E o sacerdote precisava saber o que tinha sido dito. E, então, precisava de toda a sua habilidade para transmitir a mensagem e para dar bom exemplo. O serviço prestado pelos sacerdotes era complexo e preciso. Para tanto, eles necessitavam de mente clara. Êxodo 20, 22 e 23 mostram-nos a complexidade das instruções. Ver Eze. 44.23 quanto a um comentário sobre os elementos dos versículos à nossa frente. Quanto ao ensino da lei, ver Deu. 33.10; Eze. 22.26 e Mal. 2.7. A referência em Ezequiel contém a queixa desse profeta de que os sacerdotes já não sabiam distinguir entre o santo e o profano, entre o limpo e o imundo. Ver na *Enciclopédia de Bíblia, Teologia e Filosofia* os artigos intitulados *Ensino* e *Ensinos de Jesus.*

Lei sobre as Coisas Santas (10.12-20)

Moisés dá aqui instruções a Arão e a seus dois filhos sobreviventes acerca das porções dos sacrifícios que lhes cabiam como porção alimentar, porquanto convinha que vivessem do altar. Cf. Lev. 6.26 e 7.12-15, onde já lemos sobre tais provisões. Os vss. 12-15 são essencialmente paralelos d Lev. 7.28-36. Parece não haver nenhum traço de união entre esta seção e a seção anterior.

10.12

Este versículo alude aos sacrifícios oferecidos no oitavo dia, o dia subseqüente ao término da consagração dos sacerdotes. Ver as notas sobre Lev. 9.1 quanto a essa questão. A oferta de manjares era oferecida pelos sacerdotes no dia seguinte ao de sua consagração. Ver Lev. 9.17. Excetuando o punhado de cereal que cabia a Yahweh, que era queimado sobre o altar, o resto pertencia ao sacerdote oficiante. Ver as notas acerca de Lev. 2.1-3 e 6.14-18 quanto a detalhes a respeito.

Sem fermento. Ver no *Dicionário* os artigos *Fermento* e *Fermento e Seus Simbolismos.* Ver Lev. 6.16, que é um versículo essencial paralelo a este.

Cousa santíssima é. Era assim chamada porque só podia ser comida por membros masculinos da casta sacerdotal, e isso mesmo dentro dos limites do santuário. Ver Lev. 6.18. As coisas *santíssimas* são contrastadas com as coisas *santas.* Ver essa distinção nas notas sobre Lev. 2.3, em seus parágrafos terceiro e quarto.

10.13

Essa porção era *santíssima* e precisava ser comida no átrio do tabernáculo. As coisas meramente *santas,* por seu lado, podiam ser comidas em qualquer lugar limpo, dentro da cidade. Ver Lev. 2.3 quanto à distinção e às regras que se aplicavam aos vários sacrifícios. Os sacerdotes viviam do altar, e esse princípio foi transferido para o Novo Testamento. Ver I Cor. 9.9 ss. Somente os membros masculinos da família de um sacerdote podiam participar dessa porção. Outras provisões cuidariam das necessidades de outros membros.

10.14

Estão aqui em pauta as porções das ofertas pacíficas (ou de comunhão) que ficavam com os sacerdotes. Ver Lev. 9.18-21 quanto a um paralelo, onde também são dadas notas que se aplicam aqui. As partes dos animais mencionadas serviam para sustento dos sacerdotes e seus familiares (Lev. 7.4), incluindo as mulheres. Essas porções podiam ser consumidas em qualquer lugar cerimonialmente limpo, dentro do acampamento ou da cidade. Era considerado *limpo* o lugar que não tivesse sido contaminado por coisa alguma considerada cerimonialmente imunda. Logo, essas porções eram apenas *santas*. Ver as notas sobre Lev. 2.3 quanto à distinção entre *santíssimo* e *santo*.

Ver Êxo. 29.23,24,27 quanto a comentários sobre as ofertas movidas. Na introdução a Lev. 1.1 apresento um gráfico que mostra as diferentes espécies de oferendas, com os rituais que as acompanhavam e seus sentidos e simbolismos. Ver Lev. 7.29,30.

10.15

A coxa direita e o peito eram primeiramente movidos em uma oferenda feita a Yahweh; e, então, tornavam-se porções alimentares da casta sacerdotal, com seus familiares masculinos e femininos. Ver Lev. 7.29,30 quanto ao versículo anterior. Este versículo adiciona o conceito de *estatuto perpétuo*, atrelado ao tabernáculo e todo o seu culto, visto que os hebreus não antecipavam o fim de sua modalidade de adoração. Ver sobre *estatuto perpétuo* em Lev. 3.17; Êxo. 29.42 e 31.16, onde aparecem as notas expositivas. Examinar também a declaração que isso seria por *todas as gerações*, em Êxo. 29.42 e 31.16. Cf. Lev. 7.33,34.

10.16-20

A essência dos vss. 16-20 é a seguinte: Moisés procurara pelo bode da oferta pelo pecado em favor do povo, e não o achara. Os novos sacerdotes, tendo tomado o lugar de seus irmãos mortos, Nadabe e Abiú, temendo o desprazer divino, não haviam consumido o resto. Antes, tinham queimado tudo. Mas isso era contra os regulamentos. Os sacerdotes, tendo comido a porção que lhes cabia, sem nenhum incidente, davam assim testemunho do fato de que Yahweh havia *aceitado* o sacrifício, e isso se revestia de magna importância. O sangue da oferta pelo pecado do povo, nessa ocasião, não fora trazido para o interior do santuário, pelo que uma porção do sacrifício devia ser comida (vs. 18; ver também Lev. 6.30). Mas o vs. 19 frisa que a regra era que, quando um sacerdote ouvisse falar da morte de um parente, estando ele em serviço, embora não pudesse abandonar o recinto do santuário, não estava em condições de participar da porção que lhe cabia do animal sacrificado. De fato, um sacerdote não podia oferecer nem comer; o sumo sacerdote, por sua vez, podia oferecer, mas não comer (conforme *Misn. Moyrayot*, c. 3, sec. 5; *Maimônides* e *Bartenora in ib.*). E assim sucedeu que, nessa ocasião, quem estava com a razão era Arão, e não Moisés, e o vs. 20 mostra-nos que Moisés admitiu humildemente o fato. Os críticos salientam que a regra a que se refere o vs. 19 pertence a um período posterior, mas que a fizeram retroagir aos dias do tabernáculo. Mas se é verdade que essa regra era aplicada em tempos posteriores, é possível que isso viesse sendo posto em prática desde antes mesmo da formalização das leis sobre o culto no tabernáculo. Podemos supor que muitas leis sacrificiais fossem anteriores ao tabernáculo, tendo sido depois incorporadas ao seu culto.

Capítulo Onze

Direções para a Purificação Sacerdotal (11.1 — 15.32)

Animais Limpos e Imundos (11.1-47)

A legislação mosaica foi-se desdobrando em complexidades e multiplicação de preceitos. Foi mister o advento de Cristo para incorporar, simplificar e definir espiritualmente toda essa legislação. Talvez somente a mente de um judeu possa ler a seção à nossa frente sem sentir certo desconforto a respeito de uma carga que nem o povo judeu nem seus antepassados podiam suportar (ver Atos 15.10). No *Dicionário*, no verbete chamado *Limpo e Imundo*, há um comentário sobre o sumário de regras que figura nesta seção de Lev. 11.1-47.

Nathaniel Micklem (*in loc.*) opinou que os capítulos 11 a 15 de Levítico são os *menos atrativos* da Bíblia toda. Essa passagem aborda toda variedade de assuntos potencialmente desagradáveis, como os animais limpos e imundos (Lev. 11); o parto e suas alegadas complicações religiosas (cap. 12); as doenças de pele e as vestes manchadas (cap. 13); os ritos de expurgo dos problemas de pele (14.1-32); a lepra nas casas (14.33-57); os fluidos do organismo e os problemas que eles causam (cap. 15). Uma atenção assim pormenorizada acerca de tais coisas são estranhas para o nosso estado de espiritualidade e de culto religioso. Portanto, quando examinamos essas coisas, várias idéias nos sobem à cabeça: 1. Queremos uma compreensão histórica das coisas; pois todo conhecimento é útil. 2. Essas coisas devem ser sombras e tipos da fé cristã que no futuro haveria de manifestar-se. 3. Preocupa-nos corretamente o pecado e seu poder destruidor. Precisamos fazer distinções entre o santo e o iníquo, entre o limpo e o imundo, embora nossas idéias se tenham modificado no que diz respeito ao que está envolvido.

Alguém já afirmou que nossa geração não tem objetos santos. Deveras, o que é profano tomou conta de tudo em uma proporção alarmante. Assim, malgrado o fato de que não sejamos especialmente instruídos por meio do conteúdo dos capítulos que passamos a considerar, ainda assim precisamos revitalizar nossa sensibilidade espiritual, para melhor sabermos o que é certo e errado. A mente dos hebreus, não obstante, esteve sempre vitalmente envolvida na tentativa de fazer tais distinções, e isso com um interesse que talvez nos deixe perplexos.

Poderíamos supor que o *limpo* e o *imundo* deste décimo primeiro capítulo nada tenha a ver com questões morais, nem mesmo com questões meramente físicas, pois apenas envolveriam um conceito *ritualista*. Não nos esqueçamos, porém, de que a mentalidade hebréia não separava o que era moral, do que era físico e ritual; para eles, era tudo a mesma coisa. Os capítulos diante de nós envolvem algumas idéias primitivas sobre higiene, coisas que os homens haviam descoberto, pela pura experiência diária, serem boas ou más. Essas coisas, pois, assumiam certo sentido moral, e, então, eram interpretadas segundo moldes ritualistas, recebendo certas qualidades religiosas. As pessoas podem comer carne de cavalo, sendo ela tão boa, como nutriente, como qualquer outra carne; mas até hoje há pessoas que evitam comer carne de cavalo. Por quê? Os hebreus descobriam um *porquê*, embora não necessariamente uma razão genuína e científica. A ingestão de carne de porco, quando mal cozida, é um perigo para a saúde; mas provavelmente os israelitas não sabiam dizer por qual motivo. Eles meramente observavam os animais enlameados e não tinham estômago para comer de sua carne. E essa observação levou-os a considerar o porco um animal imundo, cerimonialmente impuro. Por outra parte, algumas daquelas leis, sem dúvida, refletem boas medidas de profilaxia, aprendidas mediante a vivência diária. E assim, o que era uma boa higiene tornou-se também uma boa regra religiosa. Isso reflete certo bom senso, mas os exageros impedem que possamos compreender muitas dessas regras mosaicas.

Seja como for, o *Novo Testamento* anulou totalmente preceitos dessa ordem, mesmo aqueles que envolvem a ingestão da carne dos animais mais repelentes (Atos 10.11 ss.; Rom. 14.2; I Tim. 4.4,5). A própria circuncisão, que, conforme tem sido comprovado, é uma boa medida de higiene e que servia de sinal do Pacto Abraâmico (ver as notas a respeito em Gên. 15.18), acabou ficando pelo caminho. Conforme avança a verdade, o que é antigo vai cedendo terreno ao que é novo, e assim sempre será. O avanço do conhecimento de Deus, entre os homens, será um processo eterno (II Cor. 3.18).

Capítulo 11. Este capítulo é quase idêntico ao trecho de Deuteronômio 14.3-21, e contém a maior parte da legislação dietética do livro de Levítico. Cf. o capítulo 17. Apesar de que havia (e continua havendo) algumas razões profiláticas por trás desses preceitos que começamos a considerar, as reais distinções (na maioria dos casos) parecem ser teológicas, posto que nem sempre nos pareça claro que tipo de teologia havia por trás desses conceitos. Há uma *túplice* classificação de animais: 1. Limpos. 2. Imundos. 3. Sacrificáveis. Quanto aos animais que podiam ser usados nos sacrifícios, ver as notas sobre Lev. 1.14-16. Um detalhado estudo sobre animais *limpos* e *imundos* tem lugar na exposição deste capítulo. É significativo que os dois principais capítulos que tratam dos alimentos puros e impuros ou começam (Deu. 14.1,2) ou terminam (Lev. 11.44,45) com uma afirmação de que Israel era um povo eleito, pelo que precisava ser uma nação santa e separada, fazendo contraste com as nações pagãs. E isso coloca a questão toda dentro do contexto das razões teológicas.

Conceitos Principais

1. *Animais imundos não podiam ser comidos,* mas não havia punição alguma para quem fizesse tal coisa. Havia mesmo animais imundos, ou não? O que tinha sido ordenado por Yahweh, se fosse desobedecido, sem dúvida mereceria medidas corretivas.
2. *As pessoas que tocassem em animais imundos* eram consideradas impuras em termos de adoração religiosa; mas havia regras que tornavam essa condição apenas temporária.
3. *Objetos caseiros* podiam entrar em contato com animais imundos, e assim também ficavam imundos (vss. 32-38); mas havia medidas que revertiam essa condição.

11.1

Falou o Senhor. Essa expressão ou algo similar foi usado pelo autor do Pentateuco a fim de introduzir novas seções, embora ela também nos faça lembrar da inspiração divina das Escrituras. Ver Lev. 1.1 quanto a notas expositivas a respeito, e Lev. 4.1 quanto a idéias adicionais.

11.2

São estes os animais que comereis. Diante da pergunta: O que um homem pode comer? O Novo Testamento replica: Qualquer coisa, contanto que seja recebido com ação de graças (Atos 10.11 ss; Rom. 14.2; I Tim. 4.4,5). Essa é uma excelente resposta, mas não era a resposta dada pelo Antigo Testamento. Havia inúmeras regras que governavam quais animais podiam ser comidos e quais não; e isso não por motivos meramente higiênicos ou ritualistas. Também havia nessas regras dietéticas certo sentido moral, segundo já mostrei na introdução a esta seção. A mente dos hebreus via razões teológicas por trás dessa questão de comer ou não comer. Ver os vss. 44 e 45 deste capítulo, que mostra como Israel era uma nação santa e consagrada a Yahweh. E em parte isso tinha por base quais animais os filhos de Israel comiam ou não, em contraste com as nações gentílicas.

Três Tipos de Animais: 1. Limpos; 2. imundos; 3. aqueles que podiam ser usados nos sacrifícios. Este capítulo aborda essas classificações.

Alguns têm argumentado que o *vegetarianismo* era o regime alimentar do homem antes da queda no pecado, e que o abate de animais para servirem de alimento reflete um aspecto da condição decaída do ser humano. Ver as notas sobre Gên. 1.29. A ciência moderna parece confirmar a sabedoria do vegetarianismo, *se* puder ser achado um bom suprimento de proteínas, sem termos de recorrer a comer carne de animais. Os vegetarianos também acham razões morais para não comer carne, associando isso ao problema do sofrimento. A mente hebréia encontrava razões morais para não comer certos tipos de animais.

Mas o Novo Testamento ensina que aquilo que contamina moralmente a um homem não é o que ele come, e, sim, a sua condição moral, refletida em seus atos e em suas palavras (Mat. 15.11). Contudo, o conceito dos hebreus não correspondia a esse ensino, o qual já reflete um avanço espiritual considerável.

"As leis dos capítulos 11 a 15 aparecem após a tradição sobre a ordenação (capítulos oitavo a décimo) porque uma das tarefas dos sacerdotes era o de estabelecer a distinção entre o puro e o impuro (10.10)" (*Oxford Annotated Bible, in loc.*).

Os hebreus dividiam o reino animal como segue: 1. Animais terrestres; 2. animais marinhos; 3. aves do céu; 4. animais que vivem em enxames, como os insetos. Também havia preceitos que governavam todo esse reino de maneira genérica, e, na minoria das vezes, de maneira específica.

Animais Terrestres (11.3-8)

A *regra geral* incluía *duas* regras sobre quais animais podiam ser comidos: 1. A pata precisava ser *realmente partida,* tanto em cima quanto embaixo. Ver Deu. 14.6. O boi, o carneiro e o bode qualificavam-se, e eram todos eles animais sacrificáveis. Mas outros animais, como o cão, o gato e o leão, embora tendo patas fendidas no alto (pois têm dedos separados), por baixo esses dedos são unidos por meio de membranas, pelo que não são animais de "patas verdadeiramente fendidas", não servindo para a alimentação do homem. 2. Além disso, o quadrúpede também precisava ser um *ruminante.* De modo geral, os animais que não têm os dentes de cima eram considerados ruminantes. Estudos demonstram que os hindus e os egípcios têm observado regras similares.

Na prática, considerando-se as espécies de animais existentes na Palestina, podiam ser comidas nove espécies: o touro, o carneiro, o bode, a gazela, o veado, a cabra montês, o íbis, o antílope e o carneiro montês. Todos os demais animais eram considerados imundos e não podiam ser comidos. Animais como o camelo (Lev. 11.4); o arganaz (vs. 5) e a lebre (vs. 6), embora fossem abundantes na região da Palestina e adjacências, deviam ser evitados. Estes últimos animais falhavam em um teste ou outro. O javali, por exemplo, embora tenha a pata fendida, não rumina.

Essas leis não seguiam critérios puramente científicos, porque o arganaz e a lebre (vss. 5 e 6) não ruminam, embora *pareçam* fazê-lo e embora os hebreus assim pensassem. Mas ficavam desqualificados diante da regra acerca da pata.

11.3,4

Os animais qualificados precisavam ter ambas as qualificações. O camelo, para exemplificar, rumina, mas o casco de sua pata não é realmente dividido. Há certo tecido, na planta da pata, que liga os artelhos uns aos outros. Ademais, o camelo era um animal indispensável como transporte; e bastaria essa razão para que não devesse ser comido. Mas não era *essa* a razão pela qual o camelo não fazia parte do cardápio dos israelitas. Os egípcios, os hindus e algumas tribos do deserto não comiam o camelo. Mas os persas, os antigos árabes e os islamitas apreciam tanto a carne quanto o leite do camelo. Aristóteles elogiou o leite de camela (*Hist. Animal.* 1.2 c. 1) como também Plínio (*Hist. Nat.* 11. c. 41). Estrabão (*Bibliothec.* 1.2 par. 137) descreveu que o camelo era consumido por diversos povos da antiguidade.

Por quê? Essa dupla regra, prevalente entre os hebreus, permitia que alguns animais fossem usados na alimentação, mas outros não. Impõe-se assim a pergunta: *Por quê?* No caso de alguns desses animais podemos aduzir uma resposta moderna, devido ao avanço do conhecimento científico. Mas do ponto de vista da antiguidade não podemos aduzir nenhuma resposta. E nem a legislação mosaica oferece-nos qualquer *razão* dessas proibições. O Novo Testamento, por sua parte, rejeita simplesmente a questão toda, conforme já vimos nas notas sobre o segundo versículo deste capítulo. Talvez haja uma razão *teológica* no Antigo Testamento. Seria bom fazer distinções entre o que é puro e o que é impuro, entre o moral e o imoral. Sendo isso correto, também seria bom os homens contarem com lições objetivas ou exemplos concretos de tais distinções. Assim eles teriam algum ensino concreto sobre como se deve acolher o bem e rejeitar o mal. Não importa se há ou não alguma razão *intrínseca* para não comer carne de camelo. Tal animal serve apenas de lição objetiva de uma escolha. Se isso não é uma razão válida, então teremos de nos ficar debatendo com a pergunta *por quê?* Talvez houvesse outras razões. Mas essas razões não foram expressas.

11.5,6

Os dois animais mencionados nesses dois versículos, o *arganaz* (*Hyrax syriacus*), uma espécie de coelho das rochas, e a *lebre* (*Lepus syriacus*), ou, talvez, uma dentre outras três espécies, não ruminam, embora pareçam fazê-lo. Falta de maior investigação científica levou os hebreus a confiar em meras aparências, em vez de se apoiar em fatos. Fosse como fosse, ambos os animais seriam desqualificados devido às suas patas não fendidas, ainda que fosse autênticos ruminantes. No *Dicionário* ofereço artigos sobre o *arganaz* e sobre a *lebre.*

Alguns estudiosos supõem que a observação de que esses animais estivessem sujeitos a muitas doenças os tornava impróprios para o consumo humano, mas não há nenhum indício nesse sentido na legislação mosaica. Portanto, fica de pé o problema em torno das patas fendidas e da capacidade de ruminar, conforme discuti no quarto versículo deste capítulo.

11.7

O porco. Não devemos pensar aqui no porco doméstico, tão comum em nossa cultura ocidental, e, sim, no *javali.* Esse tornou-se o campeão de todos os animais imundos (I Macabeus 1.47). Esse animal não passaria no teste da capacidade de ruminar, mas tem as patas fendidas. Os eruditos pensam que, nesse caso, pelo menos, há alguma evidência em favor de sua classificação como animal imundo, fora à parte daquelas duas regras. É possível que o porco, só por ser usado nos ritos sacrificiais pagãos, já fosse suficientemente repelente para os hebreus. Além disso, na mente de alguns povos antigos, era também um animal sagrado, ou seja, um objeto de adoração idólatra. Algumas nações gentílicas consideravam o porco um emblema dos poderes de reprodução e sacrificavam-no para suas divindades protetoras da fertilidade e do solo. Os egípcios costumavam oferecê-lo em honra a Ísis e a Osíris, uma vez por ano, por ocasião de lua cheia. Algumas religiões gregas que destacavam o fator mistério também empregavam o porco em seus ritos secretos, tal como o faziam os gregos beócios e os primitivos romanos. Por outra parte, eles eram repulsivos para muitos povos antigos, devido aos seus hábitos imundos. Assim, o egípcio Maneto (*Apud Aelian. de Animal.* 1.10. c. 16) pensava que tomar leite de porca podia provocar a lepra. Solino (*Plyhistor.* c. 46) diz-nos que os árabes evitavam o porco e proibiam que alguém trouxesse tal animal para seus territórios.

O porco era, virtualmente, um sinônimo de contaminação (ver Sal. 65.4; 66.3,17; Pro. 11.22), e comer da sua carne era tido como um ato de apostasia. Assim, Antíoco Epifânio sacrificou uma porca sobre o altar do templo de Jerusalém, forçando os sacerdotes a comer a carne do animal. E aqueles que se negaram a fazê-lo foram executados. Ver II Macabeus 6.18,19.

Ver no *Dicionário* o artigo intitulado *Porco,* que acrescenta muitos detalhes ao que já foi dito aqui. O porco é um animal transmissor de várias doenças; mas os hebreus nada sabiam sobre seus parasitas intestinais. Portanto, a proibição acerca da ingestão de carne de porco não estava baseada em alguma enfermidade conhecida, mas nos hábitos imundos do próprio animal, o que lhe emprestava uma má reputação, inteiramente à parte da regra das patas fendidas e da ruminação.

11.8

Este versículo resume as regras acerca dos *animais terrestres* que podiam ou não ser usados na alimentação dos hebreus. A regra aqui fica ainda mais severa, passando do "não comereis" para o "nem tocareis no seu cadáver". Durante os dias do segundo templo, essa proibição tornara-se tão definida que nem mesmo a menor quantidade de carne desses animais podia ser usada na alimentação. Assim, se alguém comesse de tais carnes um pedacinho tão minúsculo como é uma azeitona, era espancado. E também podemos pensar que mesmo nos dias de Moisés os ofensores recebiam alguma espécie de castigo, embora o livro de Levítico nada nos informe a respeito, excetuando uma exclusão temporá-

ria do grupo dos cerimonialmente limpos, conforme se vê a seguir. Um animal imundo, enquanto vivo, aparentemente podia ser tocado sem que transmitisse qualquer contaminação; mas não um desses animais mortos. Mas quem ficasse impuro por esse motivo, dispunha de meios para purificar-se. Ver no *Dicionário* o artigo *Limpo e Imundo,* em seu quinto ponto, *Modos de Purificação.* Uma pessoa impura não podia participar do culto religioso enquanto não fosse purificada. Logo, tornava-se uma espécie de pária temporária, visto que a fé religiosa era o principal fator religioso em Israel. Por isso mesmo, tal pessoa não podia manter os contatos sociais normais. Ver os vss. 24-38 deste capítulo quanto a uma expansão das leis sobre a questão. A imundícia afetava utensílios (vss. 32 ss.), da mesma maneira que coisas santas transmitiam santidade às coisas em que tocassem (Lev. 6.27,28).

Peixes Limpos e Imundos (11.9-12)

11.9

Os hebreus dividiam o reino animal como segue: 1. Animais terrestres; 2. animais marinhos; 3. aves; 4. insetos. E estes eram categorizados em *três* tipos: limpos; imundos; e próprios para os sacrifícios.

Tal como havia um duplo método de testar os animais terrestres (patas fendidas e ruminação), assim também havia um duplo teste para avaliar os peixes: *era mister que tivessem tanto* barbatanas quanto escamas. Mas essas duas últimas regras ainda deixam os intérpretes mais perplexos do que no caso dos animais terrestres. Dez animais terrestres eram aprovados na Palestina e eram usados na alimentação humana. Quanto à classe dos peixes, não aparece nenhum exemplo positivo ou negativo. A lei original, pois, foi deixada em um estado genérico. Os hebreus não eram um povo dedicado ao mar. A cada indivíduo cabia respeitar a lei.

O Talmude, no entanto, definiu essa lei com maior exatidão:

1. Os peixes dotados de escamas geralmente também têm barbatanas; porém há espécies com barbatanas, mas que não possuem escamas.
2. Assim, quando um israelita fosse ao mercado, precisava ter em mente essas condições, aprendendo quais espécies tinham tanto barbatanas quanto escamas, limitando suas compras a essas espécies.
3. Tudo quanto era preciso ver era *escamas.* E, então, o comprador saberia, automaticamente, que também havia barbatanas, mesmo que um pedaço adquirido não exibisse barbatanas.
4. Se alguém visse barbatanas, isso não seria suficiente. Também seria necessário verificar se o peixe tinha escamas.
5. Os peixes limpos possuem colunas vertebrais completas; mas os peixes imundos têm juntas simples, unidas por cordas gelatinosas. O Talmude alistava várias espécies que passavam em todos os testes. E também alistava peixes imundos. Assim, o cação, o esturjão, a enguia etc. ficavam eliminados.
6. A cabeça dos peixes limpos *tende por ser larga, ao passo que os peixes* imundos têm cabeça pontiaguda, como a enguia e outras espécies de peixes de pele.
7. A bexiga natatória dos peixes limpos é arredondada em uma das extremidades e apontada na outra. Mas a dos peixes imundos é ou arredondada ou pontiaguda em ambas as extremidades. Ver Mat. 13.48 quanto à separação entre peixes limpos e imundos.

Há referências literárias dentre autores egípcios e romanos que também rejeitavam na alimentação os peixes destituídos de escamas. Não sabemos dizer qual a razão dessa distinção. Heródoto diz-nos que os sacerdotes egípcios não comiam peixe sob hipótese alguma, e que outro tanto sucedia entre os sírios e os gregos (*Plutarch. Sympos.* par. 730).

Maimônides procurou deduzir algumas razões para essas regras: as escamas protegem os peixes de defeitos e doenças, pelo que os peixes com escamas são mais saudáveis. As barbatanas são os remos dos peixes, e isso lhes empresta movimento, e o movimento é saudável. (*Hilchot. Maacolot Asurot,* 1,1 sec. 24). Mas não sabemos dizer se Moisés ter-se-ia escudado em razões dessa natureza.

11.10

Este versículo reitera as regras do versículo anterior, acrescentando que os peixes imundos deveriam ser considerados *abominações* para os filhos de Israel, o que mostra os fortes sentimentos ligados à questão. ". . .devem ser aborrecidos e detestados, sendo muito desagradáveis e doentios; e conforme observou um sábio: as espécies proibidas, de modo geral, pertencem às que vivem em lagos, rios e mares e que têm movimentos lentos, e, por causa dos movimentos lentos de seus corpos, não são bem digeridos quando sua carne é comida; e com isso podemos comparar os mamíferos quadrúpedes que só têm um ventre; e são tão doentios quanto esses" (John Gill, *in loc.*). Vemos assim que os intérpretes envidam esforços heróicos para encontrar motivos para as proibições bíblicas, quando a própria Bíblia não oferece nenhuma explicação. Pense nisto: todos os chamados *frutos do mar,* como os moluscos e os crustáceos, como o camarão, a lagosta etc., hoje em dia considerados acepipes, eram proibidos nos dias de Moisés.

11.11

Este versículo repete a informação dos vss. 9,10, apenas adicionando que as carcaças eram abominações e deviam ser evitadas. Tocar em um peixe imundo, morto, contaminava cerimonialmente a um israelita, tal como no caso de certos animais terrestres (vs. 8). Ver as notas sobre esse oitavo versículo, quanto às conseqüências práticas para quem entrasse em contato com os corpos sem vida de animais imundos.

11.12

Este versículo repete a informação dada nos versículos anteriores, sem adicionar coisa alguma, pois é uma espécie de síntese do que fora dito. O Targum de Jonathan também proibia qualquer outro produto feito com base nessas espécies. Plínio ajuntou que os judeus faziam uma espécie de "pickles" de peixes sem escamas (*Hist. Nat.* 1.31 c.8), e sem dúvida, para muitos deles, isso feria o espírito dessa lei.

Aves Limpas e Imundas (11.13-19)

11.13

É incerta a identificação correta, científica das várias aves mencionadas neste e nos versículos que se seguem; mas podemos ter certeza de que os hebreus não achavam dificuldade em fazer as identificações devidas. As *aves* constituíam a terceira das quatro classes de animais, de acordo com o pensamento dos hebreus. Ver as notas sobre isso no segundo versículo deste capítulo, a divisão que inicia com as palavras *Os hebreus dividiam o reino animal.* Havia três tipos de animais: limpos, imundos e os que podiam ser usados nos sacrifícios.

Questões indiferentes. As leis dietéticas foram rejeitadas no Novo Testamento, conforme aprendemos em Rom. 14.2; Atos 10.15 e I Cor. 10.31. Tais coisas tornaram-se parte das coisas consideradas espiritualmente *indiferentes.* Faça se assim quiser! Não faça se não quiser! Mas mostre-se paciente, e não crítico, diante daqueles que não concordarem com você. A fé religiosa envolve questões mais sérias do que isso. Naturalmente, dentro das coisas indiferentes, sempre que algo ponha em jogo a nossa saúde física, então devemos fazer o que for melhor para o corpo, visto que o corpo é uma preciosa dádiva de Deus e deve ser tratado com respeito (ver I Cor. 3.16,17). No entanto, para o povo de Israel, as leis dietéticas eram e continuam sendo questões sérias.

Os versículos diante de nós não baixam *regras específicas* acerca de como separar as aves limpas das imundas. Grosso modo, as aves de rapina, que se alimentam de carcaças, eram proibidas, mas essa regra (se é que isso era uma regra) não explica todas as aves imundas. A lista, pois, fica essencialmente reduzida às listas de aves boas e de aves más. Um hebreu consciente memorizaria as listas e não indagaria *o porquê.* Maimônides disse que vinte e quatro aves foram proibidas, ao que adicionou que todas as aves que *não* se acham na lista negra podem ser comidas (*Maacolot Assurot,* c. 1, sec. 14,15). Mas as que aparecem na lista são *abominações* (tal como sucedia nos casos dos animais terrestres e dos peixes, vs. 10).

O trecho de Levítico 11.13-23, que inclui animais voadores, aves e insetos, alista vinte animais vedados na alimentação dos filhos de Israel. Mas isso inclui o morcego, o qual, estritamente falando, não é uma ave, mas um mamífero. Estão alistadas quase todas as aves de rapina. Elas comem a carne ainda com seu sangue, o que era proibido para o homem (cap. 17), pelo que bastaria isso para essas aves serem eliminadas do cardápio dos israelitas. As aves limpas eram a rola, o pombo, a codorna e o pardal. Dentre os insetos, quatro tipos de gafanhotos eram permissíveis (Lev. 11.22). Animais específicos são mencionados como imundos, sendo de presumir que espécies semelhantes também eram proibidas.

Nos dias do segundo templo, as regras já haviam sido definidas com mais clareza. As *aves imundas* tinham uma destas características:

1. Elas apanham seu alimento ainda no ar, devorando-o ali mesmo.
2. Elas apanham a presa com suas garras e despedaçam-na com suas garras e bico.
3. Elas têm patas com dois artelhos para a frente e dois artelhos para trás, quando pousam sobre um galho ou outro objeto no qual se empoleirem. Mas as aves limpas têm três artelhos para frente e um para trás.
4. Seus ovos são estreitos e igualmente arredondados em ambas as extremidades, e a clara do ovo no meio, ao passo que a gema fica em torno da clara.

Os vs. 13 a 19 deste capítulo alistam vinte espécies de aves, mas deixando claro que devemos entender que as aves das *mesmas espécies* também eram proibidas para os israelitas. Se todas fossem alistadas, o rol seria consideravelmente aumentado.

Segundo já foi dito, várias das aves aqui arroladas ainda não foram identificadas sem nenhuma sombra de dúvida, pelo que os nomes dados nas traduções podem conter erros. Acompanho aqui a lista da versão portuguesa que é aqui usada.

Águia. Ver no *Dicionário* sobre essa ave. Ela é uma ave de rapina, comedora de carniça, o que bastaria para desqualificá-la para fazer parte da mesa servida aos filhos de Israel, pois comia carne ainda com o seu sangue.

Quebrantosso. Uma ave vigorosa, capaz de despedaçar ossos. No hebraico, seu nome significa "quebrador". Ver Deu. 14.12. Era uma ave parecida com o abutre, também chamada de águia-abutre. Essa ave solta sua presa morta de grande altura, quebrando-a assim em pedaços, o que facilita a sua ingestão.

Águia marinha. É mencionada também em Deu. 14.12. Era uma ave de grande porte, que alguns estudiosos pensam pertencer à espécie do abutre. Mas há quem pense que ela se alimenta de peixes. Como o peixe não é abundante na Palestina, essa espécie era um tanto rara. Além disso, tal ave, por ser ictiófaga, deveria pertencer à espécie dos gaviões. Isso explica a versão portuguesa, *águia marinha.*

11.14

Milhano. No hebraico, *daah,* ou seja, "rápida", "majestática". Esse pássaro é um abutre comum na Síria. Alimenta-se de carcaças e de lixo. Ver Isa. 34.15. Algumas tribos orientais usam o milhano como alimento, mas isso era estritamente vedado aos hebreus.

Falcão. Ver no *Dicionário* uma descrição detalhada dessa ave. No hebraico, o nome *ayah* significa "gananciosa". Uma ave sagaz, sangüinária e voraz.

Espécie. As duas aves mencionadas por nome *e* suas respectivas espécies eram proibidas.

11.15

Corvo. Ver no *Dicionário* um artigo detalhado sobre essa ave. Qualquer tipo de corvo era proibido para os filhos de Israel. Era inteiramente negro (Can. 5.11). Alimenta-se de carniça (Pro. 30.17), o que a desqualificava. É ave voraz que enche o ar de bulha, com seus crocitos, quando busca comida (Sal. 147.9; Jó 38.41). Ver também I Reis 17.4,6. Deus deu a essas aves um apetite voraz porque elas são os lixeiros e incineradores da natureza. Se os homens acabassem com elas, não haveria mais os lixeiros naturais. Talvez esse seja um dos princípios divinos pelos quais essas aves não podiam ser comidas.

11.16

Avestruz. Ver o detalhado artigo sobre essa ave no *Dicionário.* Essa é a maior e mais veloz ave quando caminha. Na mente dos hebreus, estava ligada aos terrores do deserto. Alguns povos antigos pensavam (erroneamente) que o avestruz é um híbrido monstruoso entre ave e quadrúpede. Também consideravam-na muito estúpida, pelo que era usada para ilustrar quão universal tornar-se-ão o louvor e as ações de graça quando as coisas forem espiritualmente corrigidas, pois até uma ave tão embotada haverá de acrescentar os seus louvores (Isa. 43.20). Os romanos comiam os miolos dessa ave e julgavam-nos um acepipe.

Coruja. Ver no *Dicionário* o artigo detalhado sobre essa ave. A essa ave atribui-se falsamente a sabedoria, quando a verdade é que ela é uma implacável caçadora e ave de rapina que aterroriza todos os pequenos animais que buscam alimentos à noite. Como sucede a várias aves de hábitos noturnos, ela pode ver as *auras* (campos luminosos) dos animais, que brilham tanto à noite. Assim, a coruja pode caçar facilmente à noite, mesmo na maior escuridão. No hebraico, seu nome, *tachmas,* quer dizer "cruel" ou "violenta", o que concorda com seus brutais hábitos rapaces. A identificação da espécie exata de coruja é que constitui problema.

Gaivota. Os animais não matam por esporte, e, sim, para se alimentarem. Mas já se observou a gaivota matar por pura diversão. Há um artigo detalhado a respeito dessa ave, no *Dicionário.* Mais de vinte espécies de gaivotas habitam ou visitam a Palestina. Seu nome em hebraico, *shachaph,* quer dizer "magra", "esguia" ou "cadavérica". A gaivota é o corvo do mar. Alimenta-se de peixes, insetos, lixo e mesmo carniça. Seus ovos eram e são comidos por vários povos orientais, mas isso foi proibido aos hebreus.

Gavião. Ver no *Dicionário* o detalhado artigo sobre essa ave. É o símbolo da crueldade e do apetite voraz. O *netz* (seu nome em hebraico, que significa *vôo veloz*) era identificado como um pássaro de arribação (Jó 39.26). Há várias espécies, abundantes na Palestina. Algumas tribos nômades comem o gavião, mas isso era proibido aos hebreus. Plínio alistou dezesseis espécies dessa ave (*Hist. Nat.* 1.10 c. 8).

11.17

Mocho. Temos aí uma espécie de coruja, também mencionada em Deu. 14.16 e Sal.102.6. Alimenta-se de insetos e de pequenos roedores, mas vez por outra apanha um ganso ou pato. Algumas tribos orientais pensam que sua carne é saborosa e excelente como alimento, mas não os hebreus. Seu nome em hebraico, *kos,* significa "taça". É possível que essa ave tenha recebido seu nome devido ao fato de que, ao pousar, se assemelha a uma taça.

Corvo marinho. Ver no *Dicionário* o detalhado artigo sobre essa ave. No hebraico, seu nome é *shaiak,* "que se atira", talvez em alusão ao fato de que se atira ao mar quando quer apanhar um peixe. Tal nome favorece uma ave marinha. Deuteronômio 14.17 é a única outra referência a essa ave no Antigo Testamento. Mas há dúvidas quanto à sua exata identificação. Nossa versão portuguesa prefere essa denominação, "corvo marinho". Há uma ave, chamada *phalacrocorax,* abundante na Palestina, mas muitos eruditos indagam se seria a mesma *shalak.*

Íbis. Uma espécie de coruja, também conhecida como *coruja grande* ou *coruja noturna.* No hebraico, seu nome é *yanshuph,* que significa "ave noturna". Ver também Deu. 14.16 e Isa. 34.11. Ocupava lugares remotos, como o corvo e outras aves lúgubres. Sua cabeça se parece com a de um gato, o que não a ajuda muito em sua reputação. Outros dizem que ela se parece com um gato com bochechas humanas, aumentando o terror por ela causado. Se alguém visse uma *yanshuph* em sonho, isso era considerado de muito mau agouro. Sua caça favorita é o rato, e inevitavelmente suas fezes contêm esqueletos de ratos, de aspecto revoltante para as pessoas que as observam. De modo geral, ninguém, mormente um hebreu, ousaria comer carne de uma dessas aves. Mas outros eruditos pensam que devemos pensar aqui em alguma espécie de *jaburu,* da família das pernaltas, e não em uma coruja. De fato, *íbis* era um pássaro da família das garças, considerado sagrado no Egito. Mas a identificação da *yanshuph* com uma garça dificilmente ajusta-se ao seu nome em hebraico, que significa "ave noturna". Esse é um daqueles casos em que nossa versão portuguesa parece que saiu pela tangente, na identificação de alguma espécie de planta ou animal.

11.18

Gralha. Ver no *Dicionário* o detalhado artigo sobre essa ave. Seu nome hebraico é *tinshemeth,* sobre cujo sentido há muitas dúvidas, conforme se vê pelas traduções, que variam desde o "morcego", passando pelo "íbis", pelo "jaburu" e até o "ganso" etc. O nome hebraico quer dizer "que respira fundo", o que em nada nos ajuda a identificar a espécie. Alguns estudiosos têm pensado não em uma ave, mas, sim, em uma espécie de batráquio ou lagarto.

Pelicano. Ver a respeito no *Dicionário.* Seu nome hebraico, *qaath,* quer dizer "vomitador", o que sugere uma ave faminta, imunda, comedora de carniça, que dificilmente seria o pelicano, mas, antes, alguma espécie de abutre. Todavia, o pelicano regurgita para alimentar seus filhotes, e, talvez, daí lhe venha o nome. Essa ave alimenta-se principalmente de ostras, e depois regurgita as carapaças. Os filhotes alimentam-se enfiando a cabeça na garganta de seus pais.

Abutre. Ver no *Dicionário.* No hebraico, *racham,* que significa "ternura", "afeto". Alguns dão a esse nome o sentido de "misericordioso". Esse tipo de abutre era sagrado para os egípcios, mas uma abominação para os hebreus. No Egito, era um caçador tão grande de carniça que chegava a impedir epidemias, o que explica sua boa reputação naquele país. É extremamente afetuoso com seus filhotes, e isso lhe pode ter valido o nome. Essa ave, conforme dizem, chega a golpear-se para dar seu sangue como alimento aos filhotes, quando não há outro suprimento alimentar. Contudo, é um terrível pássaro carniceiro, apesar de algumas qualidades positivas, como vimos.

11.19

Cegonha. Ver no *Dicionário* o artigo detalhado sobre essa ave. No hebraico, seu nome é *chasidah,* que quer dizer "leal", "constante", "piedoso". Tal ave é um símbolo de afeto e ternura maternal. Já se observou que a mãe prefere perecer nas chamas a abandonar a seus filhotes, quando apanhados em meio a um incêndio. Constrói seu ninho em lugares elevados, como árvores, ribanceiras, e, talvez, isso tenha algo a ver com seu nome hebraico, mas seus cuidados maternais devem ter sido a principal influência na escolha de seu nome. É uma ave migratória pontual, o que se reflete em Jer. 8.7. Alimenta-se de peixes, répteis e toda espécie de lixo e entranhas de animais.

Garça. Ver no *Dicionário* informações sobre essa ave. Seu nome hebraico é *anaphah,* "irado". Essa ave tem má disposição e uma natureza feroz. Defende-se até de cães, mesmo depois que suas pernas são quebradas a tiros. Reside em áreas pantanosas e alimenta-se de peixes, rãs, lagartos, ratos do campo e muitas espécies de insetos. Há várias *espécies* de garças, todas proibidas como alimento para os hebreus. Há muitas histórias a seu respeito (Aelianus, *De Animal.* 1.5 c.36), como aquela de que era treinada no Egito como um animal de estimação, que atacava a quem falasse contra seu dono, como se fosse um cão. Histórias assim são difíceis de acreditar.

Poupa. Ver no *Dicionário* sobre essa ave. No hebraico, seu nome é *dookeefath,* de significado desconhecido. Mas o que se sabe é que é a mais imunda de todas as aves, pois faz seu ninho de montões de fezes. Mas lembremo-nos de que as fezes contêm sementes e pequenos fragmentos de coisas comestíveis, pelo que essa ave se mostrava apenas conveniente. Essa ave nunca toma banho e sempre cheira mal, de tal modo que ninguém se aproxima de seu ninho para furtar algum ovo ou filhote. Ademais tem um cheiro de choco que ninguém tolera. Aqueles que ousam comer de sua carne informam que esta tem o sabor de carne de codorna e que é realmente deliciosa; mas nenhum hebreu se aventurava a experimentá-la.

Morcego. O morcego é um mamífero, mas age como se fosse uma ave. Esse mamífero volante tem dado origem a toda espécie de fábulas (algumas das quais podem ser verdadeiras). Ele fascina e assusta o homem. Muitos homens ousam comer o rato, mas apenas algumas almas muito corajosas atrevem-se a comer o morcego. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Morcego,* um artigo bastante detalhado, que o leitor faria bem em examinar. Esse animal tem a pior reputação dentro de todo o reino animal. Parte disso é merecido, mas parte, não. Ele tem sido apodado de voraz, libidinoso e violento. Uma de minhas fontes informativas diz que esse animal encerra *aptamente* a lista de animais que voam e não podem ser comidos, por ser a mais *vil* de todas as criaturas. Além de infestar todos os lugares onde vive o homem, tem forte mau cheiro. Contudo, alguns antigos ousavam comer o rato. Ora, se o rato tem bom sabor, que é um morcego senão um rato voador? Assim também têm indagado alguns. É verdade que o morcego ama as trevas, e não a luz, e assim, ele tem má reputação na Bíblia, desde o início. "Eles representam devidamente aqueles que vivem uma vida de impureza" (John Gill, *in loc.*). Seu nome hebraico, *atallef,* indica uma criatura que voa em meio às trevas. Há mais de vinte espécies de morcegos na Palestina. Se a maioria delas come insetos, pelo que são benéficas, outras sugam sangue e podem até transmitir a temida raiva. Também há aqueles que associam o morcego com os vampiros. Como é claro, hoje em dia ninguém mais acredita em vampiros. Mas em uma noite escura, quando um morcego passa zunindo perto de nossa orelha, soltando guinchos de tom tão alto que são quase inaudíveis, quem pode garantir que ele não esteja a serviço de algum vampiro?

Insetos, Limpos e Imundos (11.20-23)

11.20

Temos aqui as quatro classes de animais. Ver sobre o segundo versículo deste capítulo. Essas quatro classes eram divididas em três categorias: limpos, imundos e limpos que podiam ser usados nos sacrifícios. De todo o imenso mundo dos insetos, a legislação mosaica permitia que se comesse apenas das várias espécies de gafanhotos. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Praga de Gafanhotos,* quanto a um detalhado artigo sobre esse inseto.

Que anda sobre quatro pés. *Nenhum inseto tem quatro patas, pelo que* aqui devemos entender uma maneira de dizer. Existem insetos que se arrastam ao redor, muitos deles extremamente repelentes. E a maioria das pessoas nem pensaria em comê-los. E se pusermos um desses insetos sob o microscópio veremos que eles são ainda mais repelentes, portadores de seus próprios parasitas. Tais animais são abomináveis, conforme o nosso texto diz. Cf. os vss. 10,12,13,23,41,42, onde outro tanto é dito acerca de outras criaturas. Algumas pessoas têm perguntado por que Deus teria criado os insetos. Há quem diga que não foi Ele quem os criou, mas que são resultantes da evolução ou das leis naturais. Os insetos têm uma fantástica capacidade de reprodução, e seus ovos sempre acabam produzindo um enxame de outros insetos, sem importar quais as condições atmosféricas. Alguns indagam por que Noé teria preservado os insetos na arca, quando aquela era a oportunidade áurea de livrar-se deles todos de uma vez para sempre. Os insetos são as mais persistentes de todas as criaturas, e alguns acreditam que serão os herdeiros finais do globo terrestre. Conheci um homem que comia toda variedade de insetos. E garantiu-me que eles são gostosos. Nem todas as afirmações e teorias devem ser submetidas a teste.

11.21

O autor sagrado poupa-nos de uma longa lista de insetos que não podiam ser comidos, provavelmente porque somente *uma* espécie era comestível: o gafanhoto. Os intérpretes têm-se debatido em torno da *razão* dessa exceção. É possível que os homens já viessem comendo gafanhotos desde muito antes de Moisés. Assim, ele nada fez para contradizer um costume muito antigo. Quando olho para um gafanhoto, só vejo ali coisas que me dão repulsa. Mas quando os povos antigos contemplavam um gafanhoto, preparavam a panela para cozinhá-lo. Não há como justificar o gosto de algumas pessoas.

O autor sacro nos fornece uma breve descrição do gafanhoto, como aqueles insetos que "têm *o terceiro par de pernas mais traseiras mais longo e mais forte* do que os insetos ordinários. Esses insetos, pois, em cujas pernas mais traseiras a segunda junta é bem maior e mais forte, em vista do que são capazes de saltarem ou se elevarem com grande força, pulando a grande distância sobre o solo... esses são os gafanhotos" (Ellicott, *in loc.*).

Nos dias do segundo templo, a *lei* descrevia como segue esse inseto: 1. quatro patas dianteiras; 2. quatro asas; 3. duas patas saltadoras; 4. asas largas que lhes cobrem a maior parte das costas. *Tendo um inseto essas quatro características,* era limpo, mas apenas algumas espécies de gafanhotos estavam qualificadas para serem comidas.

11.22

Quatro espécies de gafanhotos são mencionadas como próprias para fazer parte do cardápio humano; mas a expressão geral, "segundo a sua espécie", permite outras possibilidades:

Arbeh (iocusta). Esse era o gafanhoto da praga do Egito (Êxo. 10.4-19), um grande inseto migrador. Essa era a espécie consumida por João Batista (Mat. 3.4).

Solam (gafanhoto devorador). Essa espécie ainda não foi identificada acima de qualquer dúvida.

Chargol (grilo). Uma pequena espécie de gafanhoto com corcunda e cauda. As mulheres judias usavam os ovos desse inseto como remédio contra dor de ouvidos. Talvez a espécie não dispusesse de asas.

Chagab (gafanhoto). Outro pequeno gafanhoto, mas grande devastador das plantações. Tinha cauda, mas não corcunda. Esse nome hebraico tornou-se a designação geral de todas as espécies de gafanhotos.

De acordo com a informação dada por Keil e Delitzsch (*in loc.*), os gafanhotos eram e continuam sendo um prato popular, vendido nos mercados por peso ou por medida, e também pendurado em fios. São guardados em sacolas, para serem consumidos durante o inverno. Há várias maneiras de prepará-los: Algumas vezes o pobre bicho era mergulhado vivo em água fervente, cozinhado, e, então, comido, depois de removidas as partes mais duras. Também eram assados sobre brasas, fritos na manteiga e temperados com sal, especiarias e vinagre, depois que lhes eram arrancadas a cabeça e as asas. Também eram secos e pilados formando uma farinha que era então usada para fazer bolos. João Batista comia gafanhotos com mel de abelhas. Mas não sabemos se ele misturava as duas coisas ou se as comia separadamente. Alguns dizem que o gafanhoto tem gosto de camarão. Se você estiver curioso, experimente prová-lo.

11.23

Todos os demais insetos eram tabu para os filhos de Israel. Eram repelidos à mesa, como todos os animais imundos (ver os vss. 10,12,13,23,41,42).

11.24-28

Estes versículos agem como uma espécie de recapitulação das quatro classes de animais limpos e imundos. Ver as notas sobre o segundo versículo deste *capítulo quanto às quatro classes de animais, divididos em três categorias.*

"Um animal imundo, quando morto, transmite imundícia ao toque, mas pode ser manuseado com segurança enquanto estiver vivo. Ademais, o contágio da imundícia, tal como no caso de seu oposto, a santidade (Lev. 6.27,28), afetava vasos, objetos etc." (*Oxford Annotated Bible, in loc.*).

Vs. 24. Entrar em contato com o corpo morto de um animal imundo tornava a pessoa impura para o resto do dia, ou seja, até cair a noite. Ver também Lev. 23.32. Durante essas horas de imundícia, não podia entrar no átrio do santuário, tocar em coisa sagrada, aproximar-se de outras pessoas; e isso porque, se chegasse a tocar em alguém, esse alguém também ficaria cerimonialmente impuro. Em outras palavras, sofria uma exclusão temporária. Não podia adorar em público nem movimentar-se a seu bel-prazer. Era como se tivesse ficado leproso por algumas horas.

Vs. 25. Uma pessoa imunda tinha de fazer duas coisas: 1. tomar um banho e lavar as próprias roupas; 2. esperar até anoitecer, quando ficaria livre de sua imundícia. Entre os judeus, o *dia* começava às 18 horas. Nessa hora terminava a imundícia cerimonial, e a pessoa podia começar limpa um novo dia. Este versículo não prescreve o banho, mas supomos que a lavagem da roupa não fosse tudo quanto estava envolvido. O trecho de Lev. 17.15 refere-se ao *banho,* o que, sem dúvida, se aplica aqui também. Os vss. 39 e 40 deste capítulo também deixam de fora o banho pessoal. Mas a versão samaritana do Pentateuco adiciona o banho

neste versículo, como também o fazem alguns manuscritos em hebraico. Nos dias do segundo templo, o banho fazia parte inseparável do ritual. Ver também Núm. 19.19.

Tipologia. A água do banho limpava a sujeira do corpo. Por igual modo, o sangue de Cristo nos limpa espiritualmente, tanto nossa alma como nossas vestes (conduta) (Apo. 7.14).

Vs. 26. Este versículo recapitula a questão da imundícia mediante o toque em uma carcaça de *animal terrestre* (ver o vs. 8 e suas notas expositivas). Animais imundos *vivos* não representavam um problema, podendo ser manuseados facilmente. Assim, cavalos, jumentos e camelos podiam ser usados no transporte de pessoas e de cargas. Mas se algum deles morresse, então que a pessoa se mantivesse afastada! Ver I Crô. 12.40; Zac. 14.15; Mat. 21.2; Luc. 13.15. Nos tempos do segundo templo, os saduceus assumiram uma posição por demais estrita sobre a questão, proibindo o contato até mesmo com animais imundos, *vivos*; mas os fariseus aplicavam a regra que diz: "somente quando mortos". Outros pensavam que somente a *carne* de tais animais, quando morriam, contaminavam, e que os ossos, os chifres, o couro etc. podiam ser manuseados e utilizados. É o que nos diz a *Misn. Edaiot,* c.6, sec. 3.

Vs. 27. Este versículo enfatiza a regra das patas fendidas. Esses tipos de animais que se locomovem sobre *patas macias,* mas não sobre unhas fendidas, eram imundos. Isso recapitula as instruções dadas nos vss. 3, 4 e 8 deste capítulo, mas menciona apenas uma das duas condições que faziam de um animal qualquer um animal limpo. Esses animais podiam ser manuseados e utilizados enquanto vivos, mas não se morressem, conforme fica entendido nos vss. 8 e 26. Ver sobre o vs. 26 quanto a diferentes atitudes. Os animais de *patas* macias poderiam incluir espécies de macacos, leões, ursos, lobos, raposas, cães, gatos etc. Somente dez animais terrestres escapavam das duas regras que os tornavam imundos. Ver as notas sobre Lev. 11.3.

Vs. 28. Este versículo repete o que foi dito no vs. 25, deixando novamente de lado a questão do banho pessoal (o qual reaparece em Lev. 17.15 e Núm. 19.19). Ver as notas sobre o vs. 25 deste capítulo. O versículo aplica-se à questão dos animais terrestres, mas por extensão entendemos todos os animais imundos. O mero *toque* era suficiente para fazer uma pessoa tornar-se cerimonialmente imunda; mas carregar um animal morto agravava a imundícia, e era considerado algo pior ainda. Fosse como fosse, a pessoa ficava igualmente imunda até o anoitecer. Ver o artigo detalhado sobre a questão, chamado *Limpo e Imundo,* em seu quinto ponto, *Modos de Purificação.*

11.29

Dos *vss. 29 a 38,* o autor elabora a questão, fornecendo-nos uma lista complementar de animais terrestres imundos. É incerta a identificação da maioria deles, mas falham todos diante do duplo teste das unhas fendidas e da ruminação (ver as notas no vs. 3 deste capítulo). O vs. 32 refere-se às espécies pestíferas que invadem as habitações humanas e caminham por sobre as vestes, os utensílios domésticos e entram nas gavetas, infestando tudo. Os animais imundos já eram imundos em si mesmos e também, diante da sua *morte,* poluíam tudo com seu toque; pois, se já eram imundos vivos, então, de acordo com a mentalidade hebréia, muito mais imundos ficavam ao morrer.

O enxame de criaturas. Certas espécies terrestres mostram-se de tal modo abundantes e ficam arrastando-se ao redor em quantidades tão prodigiosas que são como os insetos em seus enxames. Algumas poucas espécies pestíferas foram merecedoras de menção especial por parte do autor sagrado. Ver o vs. 20 quanto aos *enxames* de insetos. Oito espécies de insetos enxameadores terrestres são mencionadas nos vss. 29 e 30. Os vss. 20-23 contêm os insetos enxameadores alados.

Doninha. No hebraico, *choled,* que tem o sentido de "deslizante". O nome acha-se somente aqui em toda a Bíblia. Ver no *Dicionário* quanto a completas descrições desse animal.

Rato. No hebraico, *archbar,* "destruidor de grãos" ou "campo". O rato é um animal extraordinariamente fértil e destruidor das plantações de cereais. Nos hieróglifos egípcios, era o próprio símbolo da destruição. As referências bíblicas a esse animal ficam aqui e em I Sam. 6.4,5,11,18 e Isa. 66.17. É provável que mais de uma espécie desses roedores esteja em pauta, incluindo os ratos de campo, que também gostam de invadir as residências humanas, pois ali acham alimento fácil, que roem enquanto seus moradores dormem.

Nos dias do segundo templo, os ratos infligiram tão grande dano às plantações que foi dada ordem para eles serem destruídos por quaisquer meios. Os ratos precisam ficar roendo o tempo todo, pois seus dentes crescem como uma unha; e assim, quando não estão comendo, estão roçando os dentes, e ambos os atos são prejudiciais aos seres humanos. Nos dias do segundo templo, os ratos chegaram a invadir o santuário para roer os sagrados pães da proposição! Os judeus consideravam-nos maus, e hoje em dia o *rato* é símbolo do indivíduo destrutivo e desleal.

Têm-se comido ratos em muitas culturas, até mesmo em dias modernos. Os que gostam do prato, chamam-no de delicioso, mas a maioria das pessoas ignora o rato. Alguns romanos chegavam a criá-los, para que tivessem muitos ratos para comer! (Varro *de re Rustic.* 1.3 c. 14). Nas Índias Ocidentais, os ratos são vendidos nos mercados.

Lagarto. No hebraico, *tzab,* que significa "inchado" ou "inflado". Algumas traduções dizem aqui *tartaruga.* Mas o mais provável é que tenhamos aqui alguma espécie de lagarto. Temos aqui a única ocorrência da palavra na Bíblia. Dou um artigo completo a respeito no *Dicionário,* levando-se em conta suas várias espécies. Há estudiosos que pensam aqui no *sapo,* considerado muito contaminador, mas não a *rã,* conforme diziam alguns, como Maimônides (ao comentar sobre Lev. 11.29,30). Mas outros rejeitam tanto um quanto o outro, como animais imundos. Ver Êxo. 8.2 ss. quanto à praga das rãs, no Egito. Há comentários sobre a *rã,* nas notas sobre Êxo. 8.2.

11.30

Geco. No hebraico, *anakah,* nome que indica um animal com "espinhos agudos". As autoridades não concordam quanto à identificação do animal em questão, mas o *geco* tem recebido vários votos. John Gill (*in loc.*) diz que esse nome lhe vinha dos seus "gritos agudos", e isso deixa de lado o geco. Uma espécie de lagarto, de acordo com Plínio (*Hist. Nat.* 1.29, 3.4), era capaz de emitir gritos agudos, e isso parece ajustar-se bem ao texto.

Crocodilo. No hebraico, *khoach,* que significa "força". Alguns dizem estar em pauta o *camaleão,* mas a maioria dos estudiosos prefere pensar mesmo no crocodilo. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Crocodilo.* O camaleão alimenta-se de insetos e pequenos animais. Era um animal comum nos países do Oriente Próximo e Médio. Algumas tribos da Síria e da Palestina comiam-no cozido. Pode mudar sua cor externa para mimetizar-se melhor no meio ambiente, pelo que é símbolo de pessoa que muda fácil, usualmente por motivo de hipocrisia, de fingimento.

Um *crocodilo,* dentro do mundo dos hebreus, era um animal poderoso, pelo que a alusão aqui poderia ser a esse animal. Alguns egípcios consideravam-no sagrado; mas os hebreus abominavam-no. Também poderíamos pensar no *leviatã* de Jó 41.1. Quanto a outras informações, ver o citado artigo.

Lagartixa. No hebraico, *l'taah,* "esconder-se", uma espécie de lagarto. Este é o único lugar onde figura essa palavra na Bíblia. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Lagarto.* Talvez o animal em foco seja aquele que os árabes denominam *wahara,* um lagarto venenoso.

Lagarto de areia. No hebraico, *chomet,* "deitar baixo". Aqui é o único lugar onde temos essa palavra na Bíblia. Alguns pensam que está em pauta o *caracol,* mas parece tratar-se de alguma espécie de lagarto. Nem os judeus nem as autoridades modernas concordam quanto à sua identificação. Os caracóis eram abundantes no Oriente, e havia muitas espécies deles. Algumas delas eram comidas, consideradas um acepipe. Outras populações usavam-nos com propósitos medicinais. Na Silésia, eram criados para servir de alimento. Mas o animal em foco aqui, mui provavelmente, é uma espécie de lagarto que talvez deva ser identificado com aquele que os árabes chamam de *chulaca,* um lagarto das regiões arenosas.

Camaleão. Quanto a esse nome, ver o segundo animal a ser mencionado neste versículo, que os hebreus chamavam de *khoach.* A maioria dos eruditos pensa que este é exatamente o camaleão, e, portanto, o segundo da listagem do vs. 30. No hebraico temos *tinshemeth,* "aquele que respira fundo". A mesma palavra é usada no vs. 18, para indicar uma espécie de ave imunda. Plínio (*Hist. Nat.* 1.8 c. 33) diz-nos como o camaleão senta-se com sua boca escancarada, parecendo estar ávido por ar, o que poderia ajustar-se ao termo hebraico. O Targum de Jonathan diz que está em foco a *salamandra,* mas outros preferem pensar na *toupeira.* Mas essas já parecem ser opiniões secundárias. Contudo, Onkelos e Jarchi pensam estar em pauta a toupeira.

11.31

Esta lista suplementar de oito animais (vss. 29,30) envolve animais impróprios para o consumo humano, não devendo ser tocados quando mortos, pois isso tornaria cerimonialmente impura a pessoa que neles tocasse (ver os vss. 8 e 26). São animais abomináveis. Ver os vss. 10,12,13,23,41,42.

Será imundo até à tarde. Ver os vss. 24 e 25, onde a questão é comentada. Ver também a introdução ao capítulo 11 de Levítico, quanto a uma discussão

geral sobre a questão de animais limpos e imundos. Ver também, no *Dicionário,* o artigo intitulado *Limpo e Imundo.*

11.32

Este versículo refere-se àqueles animais imundos que invadem as residências humanas e os lugares onde os seres humanos trabalham, infestando as vestes, sacolas de alimentos e utensílios domésticos etc. São os animais pestíferos que se tornam inconvenientes para os homens. Quando *morriam,* eles tornavam imundos todos os objetos e utensílios em que tocassem, o que significa que precisavam ser lavados. Embora não fossem pessoas, esses objetos eram capazes de adquirir imundícia cerimonial, tornando-se inúteis para uso até a chegada da noite, e até serem bem lavados. Ver as notas no vs. 24 (vss. 24-28), sobre como os objetos ficavam contaminados, da mesma maneira que podiam ficar santificados mediante o toque de coisas santas. Cf. Lev. 6.27,28. As regras que eram consideradas boas para a época do segundo templo diziam que somente a carne desses animais era contaminadora, mas não seus pêlos, ossos, couro, chifres, cascos etc. De fato, partes desses animais eram usadas no fabrico de utensílios. Essa prática era aceita pelos fariseus, mas não pelos saduceus. Para estes últimos, desses animais não se podia fazer nenhum tipo de produto.

Vaso de madeira. Esses vasos ficavam dentro da mesma categoria de objetos feitos de papiro (Isa. 18.2), de várias espécies de fibras, de vime. Podemos pensar aqui em muitos objetos feitos de madeira, móveis e vasos de guardar mantimentos.

Veste. Roupas feitas de qualquer tipo de tecido, como lã, linho etc. Nos dias do segundo templo, vestes feitas de produtos marinhos estavam isentas da regra do limpo e do imundo.

Pele. De todos os tipos de animais, sem importar o uso a que se destinavam, ainda que, em tempos posteriores, peles de animais marinhos também eram isentadas da regra do limpo e do imundo.

Saco. Receptáculos feitos de tecido ou outros materiais. Cf. Núm. 31.20. Posteriormente, as peles que não fossem transformadas em vestes ou receptáculos também ficavam isentas da regra do limpo e imundo.

11.33

Se uma rã morresse dentro de um prato, se feito de barro, teria de ser destruído. Essa regra existia provavelmente porque a louça é porosa, não podendo ser limpa totalmente, por ser absorvente. Ver Lev. 6.28 quanto a um versículo paralelo. Os que gostam de tipologia vêem nisso a dissolução do frágil corpo humano, atacado, debilitado e alquebrado pelo pecado e pela idade avançada. O corpo parte-se, e o espírito fica livre. Ver no *Dicionário* o artigo geral chamado *Vaso, Receptáculo.*

11.34

Se um vaso de barro contivesse alguma carne, que deveria ser preparada com água, então a carne não podia ser comida, porque entrara em contato com o animal que tinha morrido dentro do vaso, tornando-o imundo. Outro tanto aplicava-se a qualquer coisa no vaso que fosse ser bebida. Tal líquido também ficara poluído pelo animal morto, pelo que tinha de ser jogado fora. As autoridades judaicas pensam que a palavra *água,* aqui empregada, indicava qualquer tipo de líquido usado na preparação de alimentos, e falavam em sete líquidos: água, orvalho, azeite, vinho, leite, sangue e mel. Naturalmente, o sangue não podia ser usado pelos hebreus no preparo de nenhum alimento. A carne não ficaria poluída se não houvesse "água" no vaso. Mas se houvesse água, e esta acabasse secando, o alimento ficaria contaminado (*Misn. Machshirin,* c. 6, sec. 4).

11.35

Todos os vasos e utensílios envolvidos na preparação ou no armazenamento de alimentos ficavam poluídos mediante o toque com a carcaça de algum animal imundo. Os vasos feitos de cerâmica precisavam ser quebrados. A maioria dos fornos era feita de argila. Ver as notas sobre II Sam. 12.31, acerca de *Fornos de Tijolos.*

O fogareiro de barro. Uma espécie de braseiro, de forma oblonga, feito de modo a poder conter duas panelas. Por isso mesmo, algumas traduções dizem aqui "forno de potes", tradução literal do hebraico, que, ao que tudo indica, descreve o tipo de fogareiro aqui envolvido. Um dos potes servia para cozer o pão, e o outro para cozinhar carnes.

11.36

A fonte ou cisterna. Não ficariam essas coisas poluídas por um animal morto, nem quaisquer outras estruturas feitas para conter água. Em primeiro lugar, a freqüência de pequenos animais imundos que caíssem nessas estruturas era tão grande que seria mister uma contínua destruição e reparação. Ademais, eram vitais como suprimento de água potável em uma terra sedenta. Acresça-se que uma fonte viva estaria isenta da regra, pelas mesmas razões. No entanto, se alguém retirasse um rato morto de uma cisterna, esse *alguém* ficaria imundo, e teria de ser purificado de acordo com as normas (vss. 24 e 25). Ver no *Dicionário* o verbete chamado *Cisterna.* A isenção, nesse caso, não cobria vasos de argila, usados para transportar água, mas apenas aquelas estruturas feitas permanentemente no solo.

11.37,38

Alguma semente. Esta, se permanecesse seca, estava isenta da lei da poluição, visto que era vital para a agricultura e a continuação da vida. A legislação sobre o limpo e o imundo não tinha por fito prejudicar a vida e a economia, e as coisas vitais estavam isentas da intrincada legislação. Mas as *sementes molhadas* (vs. 38), que assim absorveriam a poluição, não estavam isentas. Antes, o grão que tivesse absorvido água ficava contaminado, ficando na mesma classe dos vasos de cerâmica, que são porosos (Lev. 6.28). Neste caso, uma vez mais, *água* refere-se aos sete tipos de líquido alistados no vs. 34. Se alguém estivesse preparando algum cereal para ser cozinhado, e o tivesse imergido em algum líquido, e, então, algum animal imundo caísse dentro, a coisa toda tinha de ser jogada fora. Não se podia secar a massa para então utilizá-la. O fato de que se tinha molhado, e, então, contaminado, deixava tudo permanentemente imundo.

11.39

Na Palestina havia dez animais terrestres aptos para servir de alimento, que satisfaziam à regra das unhas fendidas e da ruminação. Ver essa lista em Lev. 11.3. Se um animal limpo chegasse a morrer, por acidente ou por doença, tornava-se também impróprio como alimento, pois seu sangue não fora devidamente drenado. Ninguém podia comer um animal morto em seu próprio sangue. Isso era contra as leis acerca do sangue. Ver Lev. 3.17. Além disso, se um homem ao menos *tocasse* em um animal, então ficava imundo, visto que até a carcaça de um animal limpo, que não fosse devidamente abatido, era imunda.

Nos dias do segundo templo, essa lei era aplicável somente aos quadrúpedes, mas não às aves e aos peixes. Ver Lev. 7.15 quanto a um versículo paralelo que acrescenta alguns pormenores.

Essa legislação envolvia somente a *carne* dos animais. Outras porções desses animais podiam ser usadas para o fabrico de utensílios, vestes, tendas etc. Os ossos, o couro, os chifres seriam úteis. Mas os saduceus proibiam o uso de animais imundos em qualquer sentido, embora os fariseus o permitissem.

11.40

Este versículo é igual ao vs. 25, onde há notas expositivas a respeito. O *banho pessoal* não é mencionado, como naquele versículo, mas é requerido em Lev. 17.15 e Núm. 19.19, e isso parece ter sido sempre a regra.

Quem do seu cadáver comer. Devemos pensar aqui *ignorantemente,* pois uma transgressão voluntária não podia ser expiada dentro do sistema levítico. Ver Núm. 15.30 e Deu. 14.21. Os pecados voluntários eram punidos com a pena de morte; eles faziam as pessoas serem *eliminadas* (Lev. 7.20). Ver Heb. 10.26 quanto à aplicação neotestamentária dessa lei.

Há notas detalhadas sobre os pecados de ignorância (e voluntários) em Lev. 4.2, onde são discutidos os problemas teológicos levantados pela questão.

11.41

Este versículo é uma espécie de recapitulação do que já vimos nos vss. 29,30, onde oito animais terrestres, que vivem em enxames, foram vedados como alimentos, e que não podiam ser tocados, uma vez mortos. É como se o autor sagrado tivesse dito: "e quaisquer animais semelhantes, além dos que alistei". Não havia como ele fazer uma lista completa, pelo que fez uma declaração genérica que cobre todos os casos possíveis. Nos tempos do segundo templo, ficaram isentas as minhocas, pois elas não se arrastam à superfície do solo. Parasitas que costumam infestar os alimentos e os frutos, ou penetrar sob a pele de peixes, não tornavam imundos a esses alimentos, se fossem comidos por engano, pois não poluiriam a pessoa. Mas, se um verme saísse de uma maçã, caísse no chão e continuasse a se arrastar, então tal *verme* deveria ser tido como imundo. Mas, se alguém mordesse uma maçã e, inadvertidamente, comesse com ela um verme, esse *verme* seria limpo. Os judeus pensavam em tudo. Cf. Deu. 14.19.

11.42

Este versículo amplia o versículo anterior, ao informar-nos no que consistem os animais que se *arrastam*. Esses são os animais que deslizam sobre o ventre e que, sem importar quantas pernas tenham, se arrastam sobre a superfície do solo. As palavras, "tudo o que anda sobre quatro pés" são apenas um modo de exprimir a questão (ver sobre os vss. 20 e 21).

Classes Destacadas. 1. *Os que deslizam de ventre*, como as serpentes (ver Gên. 3.14), além de muitas espécies de vermes que fazem o mesmo. 2. Outras espécies que se *arrastam* em enxames, dotados de um número indefinido de patas, embora se fale aqui em *quatro*, visto que todas elas têm mais de quatro patas. A maioria dos insetos dispõe de seis pernas. 3. Animais de *pernas curtas*, que dão a impressão de se arrastar sobre o solo, e que terminam por fazê-lo em parte, apesar de suas pernas, como as lagartas, as centopéias e todos os insetos semelhantes.

Esses animais eram *abomináveis*, o que é dito aqui e nos vss. 10,12,13,23, 41 e 42 deste capítulo. Ver as notas sobre o vs. 10, quanto a outras idéias. Isso posto, não podiam ser comidos, e ninguém podia tocar em suas carcaças sem ficar imundo (vs. 25).

Sempre houve comedores de serpentes. Assim faziam os antigos árabes (Com. 1. par. 6). Plínio (*Hist. Nat.* 1.5 c.8) fala sobre outros povos consumidores de serpentes. Os espanhóis, em suas viagens pelo mundo, encontraram populações que comiam cobras, como aquelas das Índias Ocidentais e de Cuba. E os corajosos espanhóis que ousavam fazer parte desses banquetes disseram que as cobras eram, de fato, deliciosas. Diodoro Sículo (*Bibliothe.* 1.3. pág. 141) descreveu os comedores de serpentes. Na parte ocidental dos Estados Unidos da América, em alguns estados desérticos, as cascavéis são consideradas um prato delicioso. Não faz muito tempo que passei por ali. Os restaurantes anunciavam seus deliciosos pratos feitos à base de cobras. Senti-me tentado a fazer uma experiência, mas não consegui chegar os bocados à boca. Os nativos do Zaire, na África, comem cobras, e meu irmão, que foi missionário evangélico naquele país, experimentou uma cobra local. E disse que o gosto parece com o de peixe.

11.43

Aquele que come o que é abominável, torna-se abominável, ou seja, imundo e repelente, por haver ousado fazer algum ato tão estúpido. As palavras deste versículo são deveras fortes: *abomináveis, contaminareis, imundos*. Esses termos exibem a aversão do autor sacro diante desses alimentos proibidos. ". . . não somente era um *desgosto* comer daquelas abomináveis criaturas, mas suas carcaças também eram contaminadoras, aviltando o indivíduo que entra em contato com elas, impedindo-o de entrar no santuário e de participar da refeição sacrificial" (Ellicott, *in loc.*). De fato, tal indivíduo tornava-se um pária social temporário, visto que quem tocasse nele também ficava imundo.

11.44

Os vss. 44 e 45 dão *razões teológicas* para essas regras dietéticas. O autor sacro não dá a impressão que estava tratando de *tabus irracionais*, conforme alguns têm chamado as regras constantes neste capítulo décimo primeiro de Levítico. A aceitação do Novo Testamento dessas coisas como alimentos, contanto que sejam recebidas com gratidão (ver I Tim. 4.3-4), mostra-nos que tais coisas não eram intrinsecamente imundas, abomináveis ou contaminadoras. Em Atos 10.11 ss. aprendemos a mesma lição. O que antes era tido como imundo, agora Deus havia purificado. E a regra acerca de certos animais na alimentação humana ilustra o fato de que os gentios, antes imundos, agora eram ouvintes dignos do evangelho. Apesar disso, não há que duvidar de que o autor do livro de Levítico pensava que tais animais fossem *intrinsecamente* imundos, abomináveis e contaminadores. Ainda assim temos de reconhecer que as razões apresentadas para essas proibições são de natureza, *em sua maioria*, teológicas. Moisés, ao requerer que os israelitas fizessem diferença entre o limpo e o imundo, ilustrou o grande princípio espiritual que algumas coisas realmente devem ser evitadas, e outras podem ser recebidas. O homem espiritual será um homem dotado de discernimento. Existem coisas boas em si mesmas, ao passo que outras são más. Há princípios morais a serem observados, benéficos para os homens; e há atos que devem ser evitados, por serem prejudiciais. Compete-nos fazer distinções entre o que é certo e o que é errado. Na introdução ao capítulo décimo primeiro de Levítico expus tais idéias, e o que ficou registrado ali tem aplicação neste ponto.

Yahweh é Senhor e Deus. Ele tinha baixado as ordens. E o tinha feito a fim de separar e consagrar para Si mesmo a um povo. Um dos sinais de sua separação seriam suas regras dietéticas, pois evitavam a carne de certos animais. O homem separado seria um homem *santo*. É de presumir-se que ele estaria observando a legislação mosaica *inteira*, incluindo os Dez Mandamentos (ver a respeito no *Dicionário*), e não só as regras dietéticas. Assim, observando o que era menor, estaria também fazendo o que era maior. *Nisso*, pois, eles seriam santos, e não apenas porque evitavam certos alimentos.

Aquele que fosse tão sensível que obedecesse às regras dietéticas, evitando os animais que podiam tornar uma pessoa cerimonialmente impura, também teria sensibilidade bastante para obedecer à legislação mosaica em sua inteireza. A *lei* é que separava o povo de Israel das demais nações do mundo.

O trecho de I Pedro 1.15,16 emprega este versículo em um contexto cristão. Um Deus Santo requer um povo santo. Estamos sendo transformados segundo a imagem moral de Deus, o que significa que estamos entrando na posse de Sua natureza metafísica. Ver Rom. 8.29; I João 3.2 e II Ped. 1.4 quanto a esse conceito. Ver também os comentários sobre Gên. 1.26, acerca da *Imagem de Deus*.

11.45

Eu sou o Senhor. Se Deus se importava, então também nos devemos importar. Ele importava-se tanto com Seu povo que o livrou de uma escravidão mais de duas vezes secular que eles vinham sofrendo no Egito. Libertos do Egito, não podiam agora ser escravos morais, fazendo coisas que Yahweh havia proibido. Uma vez libertos da servidão, deveriam aspirar compartilhar da santa imagem de Deus, tal como se vê no vs. 44. Deus havia agido de maneira admirável; e o Seu povo deveria agir de maneira admirável. Ver II Sam. 7.23. Ele tinha direitos especiais sobre Israel, por causa de seu tratamento gracioso com eles; e eles deveriam corresponder a isso de maneira positiva.

"Esse assinalado ato de redenção é repetidamente evocado nas Escrituras, tanto para mostrar a obrigação que os israelitas tinham de estar sob os mandamentos de Deus, como para mostrar a ingratidão deles (Deu. 8.14; 13.6; 20.1; Jos. 24.17; Juí. 11.12 etc.)" (Ellicott, *in loc.*).

"É realmente significativo, para a compreensão da religião de Israel, que o motivo aqui prescrito não é o temor ao *tabu*, e, sim, a honra de Deus, cuja mão é vista na história" (Nathaniel Micklem, *in loc.*).

A motivação era o *relacionamento do pacto* que havia entre Yahweh e Israel. Ver sobre o *Pacto Abraâmico* nas notas em Gên. 15.18 e sobre o *Pacto Mosaico*, na introdução à passagem de Êxo. 19.1. "Como um povo santo e consagrado (Êxo. 22.31), os israelitas deveriam evitar toda sorte de impureza a fim de que o Deus santo pudesse armar tenda em meio a eles (Lev. 15.31; 18.1-5; 20.22-26; 26.11,12) (*Oxford Annotated Bible, in loc.*).

11.46,47

Estes versículos recapitulam todo o capítulo 11 de Levítico, mas sem entrar em detalhes. As leis de Yahweh proibiam a ingestão da carne de vários animais das quatro classes: muitos animais terrestres; muitas aves; muitos animais marinhos; e muitos insetos e animais que se arrastam em enxames sobre o solo. Deus fez uma distinção entre três categorias de animais: os limpos, os imundos e os limpos que podiam ser comidos. Ao homem compete observar essas *diferenças* (vs. 47). As leis baixadas eram compreensíveis, embora algumas vezes fossem complicadas. O homem espiritual haveria de dedicar tempo para aprender essas leis e segui-las.

Para fazer diferença. Era tudo uma questão de conhecimento. É digno de nota que os hebreus que verdadeiramente quisessem levar a sério a fé de seu povo, eram forçados a *saber* de muitas coisas. Portanto, o conhecimento fazia parte definida do todo. Os dois grandes alicerces da espiritualidade são o conhecimento revelado e a lei do amor.

Deus criou a mente, o intelecto, para serem usados para o bem. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Antiintelectualismo*, que serve de aflição para algumas pessoas religiosas.

Capítulo Doze

A Purificação da Mulher Após o Parto (12.1-8)

Ser um casal sem filhos em Israel constituía uma grande calamidade (Gên. 15; I Sam. 1). Assim, pode parecer uma contradição que uma mulher fosse considerada imunda após o parto, para ela o ato mais glorioso possível. Às vezes a *esterilidade* era utilizada como um juízo (Lev. 20.20; Deu. 28.18). Como, pois, poder-se-ia reconciliar a *bem-aventurança* do ato de dar à luz com a *imundícia* da mãe, após o parto? A resposta está no fluxo de sangue que a mulher emitia após o parto, e não por ocasião do parto. Ver Lev. 12.5,7. Esse fluxo fez uma mulher cerimonialmente imunda por um período entre quarenta e oitenta dias. O raciocínio por trás da questão provavelmente fosse que ao corpo feminino estava faltando certa higidez, ao menos durante esse período. Ademais, o sangue continua

matéria morta, e isso seria o suficiente, em si mesmo, para fazer a mentalidade dos hebreus pensar em "imundícia".

Na lei mosaica não há nenhum indício da idéia de que o sexo seja algo sujo, pensamento esse estranho para a mentalidade dos hebreus. O que era imundo era a descarga de sangue (vs. 7; 15.19-27); e a *mulher, ao entrar em contato com* esse sangue, tornava-se também imunda pela lei que dizia que "quem tocar no imundo também ficará imundo". Ver Lev. 11.24-38. Ver também Lev. 6.27-28 quanto a essa questão.

Também não há indício do ponto de vista maniqueísta de que existe algo de inerentemente maldoso na carne. Apesar disso, a menstruação era tida como uma enfermidade, pelo menos como algo indesejável, servindo assim de agência de imundícia. Ver Lev. 15.14-29, quanto a regras sobre fluxos que escorriam do corpo, que eram considerados indesejáveis e/ou enfermidades ou circunstâncias desnaturais que faziam uma pessoa ser considerada *imunda*.

12.1

Disse mais o Senhor. Essa é uma expressão utilizada pelo autor do Pentateuco para introduzir alguma nova seção; mas é mais do que mero artifício literário, pois era usada para lembrar-nos de que Yahweh era o verdadeiro autor do Pentateuco, conferindo autoridade aos Seus mandamentos e orientações. Ver Lev. 1.1 quanto a notas expositivas sobre essa expressão, e notas adicionais em Lev. 4.1.

12.2-4

Será imunda sete dias. Isso no caso de a mulher ter dado à luz a um menino. Ver a introdução a este capítulo quanto a informações sobre a questão da imundícia causada pelo parto, bem como as *razões* supostas para isso. O problema estava no fluxo de sangue, e não no sexo, no parto ou no corpo humano, e isso é explicado naqueles comentários.

O período de imundícia consistia em dois períodos: 1. o período anterior à circuncisão; 2. e o período após a circuncisão. Haveria sete dias antes da circuncisão; e então trinta e dois dias após o ato (vs. 3). E isso perfazia um total de quarenta dias de imundícia por causa de uma criança do sexo masculino. E, então, a mãe teria de passar pelo processo de purificação (vs. 4). O total de quarenta dias provavelmente foi estabelecido para dar um amplo período de tempo para o fluxo de sangue estacar, considerando-se as variações que pode haver entre as mulheres.

O número quarenta, como é claro, é o número dos testes e provações. Mas não parece que é isso que fica entendido no caso atual. Ver no *Dicionário* o artigo intitulado *Quarenta*. O número quarenta, neste caso, provavelmente tivesse por intuito livrar a mulher de qualquer forma de conduta sexual durante esse tempo, a fim de proteger a saúde dela, pois, como é óbvio, enquanto ela fosse considerada imunda, *nenhum homem poderia aproximar-se dela*.

Os persas (*Lib. Shad-der* port. 86) e os gregos (*Censorinus* apud Grotium) tinham um costume similar de quarenta dias de inatividade sexual para a mulher, depois de ela ter dado à luz, o que também carregava implicações religiosas. Nos templos gregos não se permitia a entrada de uma mulher que tivesse dado à luz enquanto não se passassem quarenta dias depois do parto.

Vs. 3. A *circuncisão* era o sinal de que a criança havia sido incorporada à comunidade israelita. Dali por diante, a criança assumia as responsabilidades próprias da fé em Yahweh. A circuncisão era o sinal do *Pacto Abraâmico* (ver Gên. 15.18 e suas notas expositivas). Tendo nascido sob a legislação mosaica, a criança tornava-se parte do *Pacto Mosaico* (ver as notas a respeito, na introdução a Êxo. 19). Ver em Gên. 17.4 ss. a circuncisão como sinal do Pacto Abraâmico. Ver o artigo geral sobre o assunto, no *Dicionário*.

Vs. 4. Purificação. O fluxo menstruai, após o parto, usualmente cessa depois de duas ou três semanas; mas o período de quarenta dias dá margem a casos excepcionais. Uma mulher imunda não podia tocar em coisas santas, como as primícias e itens das oferendas. Os objetos em que ela tocasse eram tidos como imundos, e quem quer que tocasse nesses itens também passava a ser considerado imundo. Tendo-se banhado no fim dos *sete dias* (vs. 2), ela se livrara em parte de sua imundícia, e agora era apta para participar nos segundos dízimos; e visto que o fluxo de sangue que continuava era chamado de *puro sangue*, agora ela não era mais considerada uma mulher contaminadora. Mas os saduceus e os samaritanos interpretavam a questão mais estritamente, fazendo a imundícia dela continuar, e sob todas as condições adversas, pelo período inteiro dos quarenta dias. Os vss. 6-8 descrevem os ritos envolvidos na purificação propriamente dita. Ver o artigo intitulado *Limpo e Imundo*, em seu terceiro ponto no *Dicionário*. Vemos ali os vários tipos de purificação que cuidavam de pessoas e objetos impuros. Ver também no *Dicionário* o verbete chamado *Parto*.

12.5

Se tiver uma menina. Se a criança fosse uma menina, então as coisas ficavam mais complicadas. Além dos catorze dias iniciais de impureza, sessenta e seis dias adicionais eram requeridos para terminar o período total de imundícia, perfazendo o grande total de oitenta dias, *em lugar dos quarenta no* caso de um menino. Nenhuma razão é dada para esse período mais dilatado; e os intérpretes têm tentado várias explicações possíveis, embora talvez sejam falsas: 1. Sendo a *criança uma menina*, algum dia ela estaria sujeita à lei da impureza, pelo que a questão se acentuava. 2. As antigas crenças hebréias favoreciam menos a mulher do que o homem. Alguns chegaram a duvidar de que a mulher tivesse alma (quando essa doutrina, finalmente, entrou na teologia dos hebreus), pelo que, apesar de ser uma bênção, uma menina representava uma espécie de evento secundário e mais poluidor do que um menino. 3. Os antigos acreditavam (falsamente) que o desarranjo do corpo feminino é maior no caso do nascimento de uma menina, pelo que um período mais longo seria mister para que a mãe voltasse ao normal. 4. O menino, por ser circuncidado ao oitavo dia, mediante esse ato cumpria em parte a exigência de expurgo, pelo que o período de imundícia da sua mãe podia ser abreviado.

No caso do nascimento de *gêmeos* (o que não é coberto pelo texto), se fossem ambos meninos, então a regra era como se fosse o nascimento de um só *menino; se fossem ambos meninas, então a regra era como se fosse uma só* menina; mas se fosse um menino e uma menina, então os oitenta dias da menina eram suficientes para ambos.

12.6

Os ritos envolvidos na purificação (exceto as diferenças na duração da impureza), os quarenta dias para o menino, e os oitenta dias para a menina, eram idênticos. Um cordeiro era trazido como *holocausto*. Ver sobre esse tipo de oferta em Lev. 1.3-17 e 6.9-13. Uma das duas espécies de aves que se permitia sacrificar (ver Lev. 1.14-16 quanto a esses animais) era trazida como *oferta pelo pecado* (ver sobre esse tipo de oferta em Lev. 4.1-35 e 6.25,30). A expiação afetava a pureza cerimonial (Lev. 12.7), e assim a mulher era reintegrada à comunidade e aos ritos sagrados do yahwismo. Ver o caso de Maria, mãe de Jesus (Luc. 2.22-24). Quanto a notas adicionais sobre ela, ver no vs. 8 deste capítulo.

O cordeiro não era usado na oferenda feita pela mãe, porque aos *pobres* (vs. 8) permitia-se oferecer aves, e não os animais de maior porte, e, portanto, mais dispendiosos. Assim, *quatro* aves eram oferecidas, *duas* no caso de cada oferenda, o holocausto e oferta pelo pecado. Ver as notas sobre essa questão no *Novo Testamento Interpretado, in loc.*

À porta da tenda da congregação. Ou seja, pelo lado de dentro da primeira cortina, que atuava como folha de porta. Ver os *três véus* do tabernáculo, e ver as notas sobre Êxo. 26.36.

Não é fácil explicar a necessidade de oferta pelo pecado em razão do nascimento de uma criança. Talvez o raciocínio seja que sendo todos os homens pecadores, ao assumirem eles a responsabilidade de criar crianças, deveriam começar isso pela renovação da santidade e por uma nova determinação de seguir as leis do Senhor. No mesmo espírito dedicamos nossos bebês ao Senhor e renovamos os nossos votos. Outros batizam seus infantes, pensando que isso fará algum bem à criança. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Batismo Infantil*. O nascimento de uma criança é uma ótima oportunidade para renovar os nossos votos, aguçar o nosso interesse espiritual e tomar novas resoluções espirituais, porque é algo temível levar uma nova vida através de todas as tribulações, dificuldades, retrocessos e quedas que todos, inevitavelmente, enfrentamos. Mas também é uma *gloriosa oportunidade* realizar um dos maiores de todos os projetos humanitários. E para isso precisamos de toda a ajuda divina de que formos capazes. Oh, Senhor, concede-nos tal graça!

Os intérpretes judeus destacavam os pecados que a mulher poderia ter cometido por ocasião da concepção e do parto; ou a relação da mulher com Eva, que iniciou toda essa questão do pecado; ou a natureza corrupta natural da criança recém-nascida; ou a tendência para o desvio de seus pais. Foi desse modo que eles tentaram explicar a necessidade da *oferta pelo pecado*.

O holocausto, por outra parte, era uma ação de graça que servia para demonstrar a gratidão pela chegada da criança, porquanto ter filhos era considerado uma dádiva de Deus (Sal. 127.3-5).

12.7

Este versículo recapitula a questão das oferendas, excetuando o caso das mais humildes ofertas que os pobres podiam fazer (vs. 8). A expiação deixava a mulher pura. A impureza era causada pelo fluxo de sangue, conforme este versículo deixa claro, e não porque o parto fosse um ato pecaminoso, ou o corpo humano, ou o ato sexual. Os mesmos ritos prevaleciam no caso do nascimento de menino ou de menina, conforme este versículo reitera (ver o vs. 6).

12.8

Os cinco animais sacrificáveis (ver Lev. 1.14 e suas notas) eram valorizados conforme o poder econômico dos ofertantes. Os mais ricos traziam o touro, mais caro; os homens da classe média traziam o carneiro ou o bode; e os mais pobres uma das

duas espécies de ave permissíveis: a rolinha ou a pombinha. Portanto, o sistema não saía excessivamente dispendioso. Quando eram usadas aves, *duas* delas eram usadas como holocausto e *duas* como oferta pelo pecado, conforme fez Maria, mãe de Jesus (Luc. 2.22,24). O *herdeiro* ao trono de Davi, o Messias, foi dado à luz pela pobre Maria. Embora Ele fosse o Cordeiro de Deus (João 1.29), foi oferecido por Ele não um cordeiro; mas antes, devido à extrema pobreza, humildes avezinhas.

Capítulo Treze

Leis acerca da Praga da Lepra (13.1-59)

É cientificamente óbvio que vários dos sintomas descritos neste capítulo não se aplicam à hanseníase ou lepra. Mas é igualmente óbvio que a lepra verdadeira precisa ser incluída, visto que essa era uma enfermidade muito comum no Oriente, precisando ser coberta pelas leis levíticas. Portanto, várias afecções da pele são descritas sob o termo hebraico *sara'at*, geralmente traduzido por "lepra". A Septuaginta traduziu o hebraico como *lepra*, e passou para todas as traduções subseqüentes. Mas a medicina dos hebreus era vaga e inexata, sem falar que o vocábulo hebraico também é vago em seu sentido.

A *legislação mosaica* era inadequada na compreensão tanto dos problemas médicos quanto dos problemas espirituais. Do ponto de vista médico, é provável que *muitas* pessoas tenham sido isoladas (enviadas para fora do acampamento, vs. 46), que não tinham necessidade disso, pois a maioria dos casos envolvia doenças não-infecciosas, que nada tinham a ver com a lepra. O avanço da medicina tem ajudado a eliminar a inadequação dos tratamentos médicos, e, em Cristo, toda inadequação espiritual foi neutralizada.

Os capítulos 13 e 14 de Levítico dão o diagnóstico, o tratamento e a purificação cerimonial de várias doenças de pele infecciosas nas pessoas (Lev. 13.2-46; 14.1-32), nas vestes e em outros objetos (Lev. 13.47-58) e nas casas (Lev. 14.33-53). Visto que várias enfermidades estão em pauta, a tradução *lepra*, para todas elas, sem dúvida é ilusória. As primeiras traduções para o vernáculo perpetraram equívocos; e esses eram quase inevitáveis, pois o conhecimento do hebraico era superficial, além de que o próprio hebraico é vago. Algumas traduções mais modernas dizem algo como "infecções cutâneas e mídio" (vs. 57).

Seja como for, tantas enfermidades formavam um problema complicado, capaz de perturbar a adoração. Portanto, surgiu toda uma legislação para ajudar a resolver o problema.

Identificações possíveis de enfermidades, a partir dos sintomas: *Psoriasis* (vss. 2-28); *tinha favosa* (vss. 29-37); *vitiligo* (leucodermia, vss. 38,39). Alguns eruditos supõem que a lepra nem ao menos esteja em vista, entre outras doenças, neste capítulo 13 de Levítico. Para que tivéssemos certeza acerca da questão da lepra (entre outras doenças, neste capítulo), seria mister enviar um médico, especializado nessa doença, que, transportado em uma máquina do tempo, fizesse o preciso diagnóstico. O que sabemos é que, em tempos posteriores, a lepra tornou-se uma doença muito disseminada na Palestina. Mas se já o era assim nos dias de Moisés é algo para o que não temos resposta segura. A leitura do texto revela-nos que estão envolvidas bem mais do que três doenças e condições patológicas. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Lepra, Leproso.*

13.1

Disse o Senhor a Moisés. O autor do Pentateuco usava essa expressão para introduzir novas seções. Portanto, era um artifício literário. Mas essa expressão também nos faz lembrar de que as Escrituras foram produzidas pelo fenômeno da inspiração divina. Ver as notas a esse respeito em Lev. 1.1 e 4.1.

13.2

De acordo com algumas modernas autoridades médicas, a doença descrita nos vss. 2-28 deste capítulo é a *psoríase*, e não a lepra. Mas em séculos posteriores, a Septuaginta traduziu o termo hebraico correspondente para "lepra", e daí passou, virtualmente, para todas as traduções. Ver as notas introdutórias a este capítulo quanto a uma discussão acerca das várias enfermidades em foco neste capítulo. A *psoríase* é uma inflamação cutânea não-contagiosa, aguda ou crônica, caracterizada por manchas avermelhadas e escamas esbranquiçadas. O termo grego por trás disso é *psoriaein*, que significa "coçar". Sem dúvida as descrições dadas, certamente não por autoridades médicas, incluíam *outras* infecções da pele, além da psoríase e da lepra.

Os Processos Envolvidos. Seis condições genéricas são descritas aqui, mas certamente há mais de seis diferentes doenças: 1. Havia um exame preliminar dos sintomas (vss. 2,7,9,12 etc.); 2. a pessoa infectada era apresentada aos sacerdotes para a confirmação da enfermidade (vss. 3,10,13,15); 3. eram declarados os sintomas específicos (vss. 3,11,13,15 etc.); 4. o sacerdote dava o seu diagnóstico, pronunciando a pessoa limpa ou imunda (vss. 3,8,11,15 etc.); 5. o isolamento era imposto (vss. 44-46), ou então, se a inspeção inicial não fosse conclusiva, era imposto um prazo de sete dias (vss. 4,21); e então havia outra inspeção (vss. 5,26); 6. então havia outro dignóstico, e, em alguns casos, uma nova quarentena (vss. 6,33).

Portanto, temos aqui um triste espetáculo de um homem a manusear com forças que ele não entendia e contra as quais era essencialmente impotente. Isso tem acontecido praticamente em todos os séculos, embora essas forças possam ser alteradas. A pobre vítima sempre acabava sendo considerada *imunda*, e isso de forma permanente, a menos que houvesse alguma reversão espontânea de seu caso.

Tipologia. A lepra e outras doenças talvez sejam descritas neste capítulo como tipo do pecado e de seus efeitos daninhos, crônicos, contaminadores. Em Cristo, os imundos pecadores são purificados, por meio de Sua expiação (ver a respeito no *Dicionário*) e por meio de sua comunhão com o Espírito. O homem cerimonialmente impuro, de acordo com as leis levíticas, para todos os propósitos práticos, era excluído do convívio social. Assim também os estrangeiros, os estranhos e os desprezados são remidos em Cristo. A lepra é um bom tipo simbólico do pecado, por ser incurável por meios humanos. A própria ciência moderna continua estudando o problema. A lepra é crônica e vai-se agravando. E isso retrata a natureza e as operações do pecado.

As seis situações genéricas, ou tipos de enfermidades: 1. vss. 2 ss.; 2. vss. 18 ss.; 3. vss. 24 ss.; 4. vss. 29 ss.; 5. vss. 38,39; 6. vss. 40-44. Por certo mais de seis enfermidades específicas estão envolvidas sob o termo geral *sara'at.*

13.3,4

Ver o vs. 2, segundo parágrafo, quanto ao processo envolvido que levava ao pronunciamento do limpo e do imundo. Temos aqui o *segundo* passo. A pessoa infectada era levada à presença do sacerdote, para confirmação e diagnóstico. Ver também os vss. 10,13,15. Os sacerdotes levitas não eram médicos treinados, mas podiam identificar afecções cutâneas locais por meio de seus sintomas. Se a condição se resolvesse por si mesma, o que algumas formas de lepra, ao que tudo indica, são capazes de fazer, somente para depois voltar; então o homem imundo podia ser subseqüentemente declarado limpo, para voltar a ter uma vida normal. De outra sorte, ele continuava em seu estado de exclusão. Ver as notas introdutórias ao capítulo quanto às doenças que podem estar em foco no capítulo 13 de Levítico, e, mais especificamente, no seu segundo versículo.

Vs. 4. Exame de Sintomas Específicos. Um dos *principais sintomas,* nesse caso, era o cabelo que estava ficando com tufos brancos, um sintoma fácil de averiguar. Mas isso não sucede no caso da lepra. Um teste mais autêntico é a da sensibilidade à dor. A área afetada pela lepra perde sua sensibilidade, e uma agulha pode ser espetada ali sem que a vítima acuse dor alguma. Mas esse diagnóstico precisava ser confirmado *sete dias* mais tarde (vs. 6). A esperanç que a condição poderia melhorar em tão breve tempo também serve de indicação de que não estava em foco a lepra. Logo, os inchaços, erupções e pontos *esbranquiçados, além do cabelo que estava ficando branco, eram indicações* de alguma outra enfermidade. É possível, porém, que a verdadeira lepra fosse assim diagnosticada, posto que erroneamente, não de acordo com os seus verdadeiros sintomas. A lepra verdadeira pode ter sido considerada uma enfermidade um tanto atípica, embora ainda assim classificada entre as doenças assim descritas.

O *sacerdote,* incapaz em sua função de médico, não podia fazer melhor, sob as circunstâncias, curando a enfermidade ou trazendo algum alívio ao enfermo. Ele se assemelhava mais a um inspetor de saúde, que tinha o poder de isolar casos de contágio, para benefício da comunidade inteira. Falando em sentido *espiritual,* essa *incapacidade* foi eliminada em Cristo. E falando *fisicamente,* a ciência médica continua trabalhando quanto a casos sem controle, e, ocasionalmente, consegue irromper alguma barreira. Aqueles que assim labutam certamente servem a Deus e têm missões de cura específicas a realizar.

A *legislação mosaica* era inadequada, do ponto de vista da medicina e do ponto de vista espiritual. Sem dúvida, *muitas* pessoas foram isoladas (tendo de viver fora do arraial, vs. 46) sem necessidade, por não terem nenhuma doença transmissível. Muitas manifestações da temida *sara'at* não requeriam isolamento. A *psoríase* não é uma doença contagiosa. A ciência médica tem ajudado a espantar a inadequação médica da legislação mosaica, e Cristo anulou a sua inadequação espiritual. O conhecimento avança.

Os judeus pensavam que a maioria das doenças se altera, ou para melhor ou para pior, no período de sete dias; e essa crença talvez estivesse por trás da regra dos sete dias. Por outro lado, *muitas* doenças da pele não mostram nenhuma alteração dentro de tão pouco tempo.

13.5

A lepra, naturalmente, não se altera em sete dias; nem isso sucede à maioria das enfermidades cutâneas. Se a enfermidade, sem importar qual o sacerdote

estivesse examinando, não se alterasse em sete dias, sete dias adicionais de quarentena eram determinados. Presumivelmente, nesse estágio, se a condição piorasse, o sacerdote já havia declarado que o homem estava *imundo.*

O mesmo sacerdote deveria acompanhar o caso. Se o sacerdote morresse naquele período de sete dias, outro sacerdote tomaria seu lugar, mas o processo teria de começar de novo. Se o período de exame caísse em um sábado, então teria de ser adiado até o dia seguinte. Não poderia haver exames durante a noite, nem em dias enevoados, nem à meia-noite. Em tempos posteriores, as horas designadas eram às quatro, às cinco, às oito e às nove horas do dia.

13.6

Catorze dias após a inspeção original, ocorria um terceiro exame. Se a condição do enfermo tivesse melhorado, então poder-se-ia supor que a praga estivesse cedendo, e o homem seria pronunciado limpo. Mas se sua saúde tivesse piorado, então o veredito seria: *"Imundo!".* Mas se fosse pronunciado limpo, então teria de lavar suas vestes, como uma espécie de ritual simbólico de purificação. Talvez a lavagem também tivesse por intuito varrer qualquer vestígio de infecção deixada nas vestes pela doença. Mas nada é dito aqui sobre um banho tomado pelo próprio indivíduo, conforme seria de esperar que ele fizesse. Ver Lev. 17.15 e Núm. 19.19.

O fato de que as enfermidades sob exame podiam melhorar com a passagem de catorze dias, o que sem dúvida deve ter acontecido, para justificar o tipo de instrução que temos aqui, mostra-nos que várias enfermidades estão em mira, e não apenas a lepra.

13.7,8

Estes versículos descrevem aqueles casos nos quais a condição, em apenas catorze dias, tinha obviamente piorado. Os sintomas tinham-se acentuado; a *pústula* tinha-se estendido; os demais sintomas continuavam ou tinham piorado. E, então, o caso era considerado avançado, e o homem era declarado *imundo,* entrando assim em exclusão durante todo o período de tempo em que a enfermidade continuasse. Os *casos antigos* sempre poderiam ser reexaminados se a condição de saúde tivesse melhorado. Os excluídos eram forçados a viver fora do arraial (vs. 46).

13.9

Os vss. 9-17 tratam das afecções da pele (talvez incluindo a lepra verdadeira) que haviam sido pronunciadas limpas, mas tinham voltado. Nesse caso, o homem tinha uma doença antiga, crônica, recorrente. Nesses casos, o modo de proceder era ligeiramente diferente. O primeiro procedimento era o mesmo que o do caso anterior, ou seja, o primeiro caso a ocorrer. O homem precisava ser examinado pelo sacerdote, sem importar se já havia sido examinado ou não, conforme a descrição do segundo versículo deste capítulo.

13.10

De acordo com os que deveriam ter conhecimento de doenças, a *psoríase* continua em foco neste versículo, e não a lepra. Ver a introdução a este capítulo, no seu terceiro parágrafo, quanto a uma possível identificação das doenças envolvidas neste capítulo 13. Ver as notas sobre Lev. 13.2 quanto à *psoríase.* Nessas notas especulo que a lepra verdadeira poderia estar entre as possíveis muitas afecções da pele, com sintomas um tanto similares, que em hebraico se designava pelo termo geral *sara'at.*

Os sintomas descritos nesse *caso antigo* eram um tanto diversos daqueles dados nos vss. 2-4. Temos aqui *carne viva na inchação.* Sim, aqui há uma inflamação com *intumescência.* Mas alguns entendem esse sintoma como um bom sinal, e traduzem essas palavras *como carne sã, uma carne de aparência normal* em meio à carne esbranquiçada. Porém, o mais provável é que estejam em foco *pústulas em carne viva.*

13.11

Os sintomas acentuados, a piora de condições, não davam margem a dúvidas. A doença estava aumentando e era perigosa. Mas o homem não seria posto em quarentena, como no primeiro caso (vss. 4,5). Meramente era pronunciado imundo sem tardança e ia para o isolamento, sem passar pelo modo de proceder anterior. Tais pessoas ficavam *fora do arraial* (vs. 46).

Tipologia. O pecado é incansável e repetitivo. Mas Cristo pode curar casos antigos, que parecem sem esperança. Jesus curou lepra literal de maneira dramática (ver Mar. 1.40,41). Não menos dramática é a cura da alma. Jesus não hesitou em tocar no leproso, embora isso fosse uma transgressão contra a letra da lei. Os párias não eram párias para Ele. Os que foram mandados para *fora do arraial* (vs. 46) são trazidos novamente para dentro.

13.12,13

Estes versículos abordam algum tipo de doença da pele (alguns dizem que é *lepra branca*) que atingira um estágio não-contagioso, evidenciado pela ausência de carne viva em meio à carne esbranquiçada. Se um homem passasse para *esse estágio, então, malgrado seu desfiguramento e aparência repelente, ele não* era considerado perigoso para a sociedade, e era pronunciado *limpo.* A condição aqui descrita dificilmente pode ser a da *psoríase.* E assim, a menos que ainda haja outro tipo de doença de pele que possa ter esses sintomas, estamos tratando de alguma forma de lepra. Por outra parte, pode-se indagar se a lepra realmente assume essa aparência, e, *nesse caso, se* torna não contagiosa em qual estágio. Os especialistas continuam a negar que a lepra verdadeira seja descrita até este ponto do capítulo 13. A enfermidade aqui descrita poderia ser um caso acentuado de *vitiligo* (leucodermia).

13.14

Se na condição totalmente esbranquiçada da pele de um homem, de súbito aparecesse um ponto de *carne viva,* então a doença era considerada ativa novamente, e o homem precisava ser enviado para o isolamento (vs. 46). Na época do segundo templo, esse exame não podia ocorrer em certos dias: durante os sete dias de núpcias; durante o tempo de peregrinações nacionais a Jerusalém, e durante as festas da Páscoa e dos Tabernáculos.

13.15

O sacerdote que procedesse o exame veria a piora das condições do enfermo, ou seja, a parte em carne viva entre a porção esbranquiçada, e era forçado a pronunciar o homem imundo, enviando-o para a quarentena, fora do arraial (vs. 46). A doença era a *sara'at,* a temida doença da pele que exigia que um homem fosse isolado da sociedade humana.

13.16,17

Mas se, subseqüentemente, desaparecesse a carne viva, e o homem voltasse a ter a aparência geral esbranquiçada, então o sacerdote julgaria que seu caso havia recuado de novo a um estágio não-contagioso, e o homem seria considerado *limpo,* podendo voltar de sua quarentena. Em tais casos, a afecção podia ficar brincando de pingue-pongue durante bastante tempo. Desconhecia-se qualquer tratamento, e o enfermo era deixado à própria sorte, implorando pela ajuda divina. Por sua vez, o pobre sacerdote nada conhecia sobre a enfermidade (ou enfermidades) com a qual estava manuseando, e via-se reduzido a meramente examinar os sintomas. A vítima, por seu lado, era tão embotada quanto o sacerdote, *ficando sujeita a esse horrível jogo de pingue-pongue religioso e físico.* Em contraste com isso, em Cristo a triste sorte do pecador e toda a sua desgraça são debeladas.

Tipologia. Debaixo da lei, o pecador não achava solução para os seus problemas espirituais. Estava preso a um sistema inadequado. Em Cristo, entretanto, há uma solução definitiva para o problema do pecado. Ademais, há crescimento na espiritualidade, por meio do ministério do Espírito Santo, de tal modo que o crente sobe de um estágio de glória para outro, perpétua e eternamente, porquanto a glorificação será um processo eterno. Ver II Cor. 3.18, nas notas do *Novo Testamento Interpretado (in loc.).* Aquele que fora relegado a ficar fora do arraial é recebido no seio da família de Deus, e passa a participar da imagem do Filho (Rom. 8.29; I João 3.2) e da natureza divina (II Ped. 1.4).

13.18,19

Temos aqui outra manifestação da temida *sara'at,* embora ainda não a lepra, posto que ocasionalmente se manifestasse a lepra verdadeira. Alguns pensam que na laceração debilitada de uma queimadura ou de um golpe contundente, poderia vir a manifestar-se um tumor, usualmente devido à infecção por estreptococos ou estafilococos. Mas quem sabe qual tipo exato de ferida devemos pensar aqui? Seja como for, sarado o ferimento, apareciam sinais da *sara'at.* O vs. 19 é virtualmente igual aos vss. 2-4 deste capítulo, o que explica o retorno da descrição comum, exceto a menção à úlcera. Um novo sintoma, pois, pode ter começado a manifestar-se como uma condição branco-avermelhado, no local da úlcera agora cicatrizada, sem importar qual a natureza exata dessa ferida. *O local agora assumia uma nova aparência. Alguns pensam* que haveria tiras brancas e vermelhas, como se um homem tivesse posto sangue sobre o leite. Não fica claro qual seria a aparência exata da afecção, mas devemos pensar em alguma espécie de úlcera cicatrizada, que agora tomava a semelhança da temida *sara'at.*

Seis situações genéricas ou tipos de enfermidades, portanto, parecem ser classificadas pelo nome genérico *sara'at:* 1. Vss. 2 ss., casos espontâneos; 2.

vss. 18 ss., a condição iniciada a partir de uma úlcera; 3. vss. 22 ss., o caso iniciado a partir de uma queimadura; 4. vss. 29 ss., casos surgidos em áreas peludas do corpo; 5. vss. 38,39, manchas brancas, estranhas, não-identificadas; 6. vss. 40-44, vários tipos de calvície.

13.20

As traduções variam aqui entre "mais funda" (uma área debilitada) e "de cor mais profunda", ou seja, uma coloração mais escura. Seja como for, se aparecessem pêlos brancos na área afetada, então considerava-se que a pessoa tinha apanhado a praga, e ela era pronunciada imunda. A enfermidade havia irrompido na área afetada.

13.21

Mas se não aparecessem pêlos brancos na área afetada, então o caso permaneceria na dúvida. Igualmente se não houvesse área debilitada mas somente uma descoloração da pele, ainda seria cedo demais para um diagnóstico seguro. Por conseguinte, o homem era deixado em quarentena de sete dias (ver os vss. 4,5). E um novo exame deveria ser feito ao fim desses dias.

13.22

Temos aqui a ocorrência da piora de condições, pois a infecção se espalhava, indicando que uma temível praga havia tomado conta do organismo daquela pessoa, e que ela estava imunda. A declaração supõe que esse agravamento de condições se dera durante aquele período de quarentena de sete dias. Alguns estudiosos supõem que devamos pensar aqui em uma úlcera crescente, com sintomas que faziam lembrar a praga temida. Mas o vs. 23 fala em uma "mancha lustrosa", no qual caso não seria a lepra, e o sacerdote deveria declarar o homem limpo.

13.23

O local lustroso agora era identificado com uma úlcera cicatrizada. A afecção não se tinha espalhado. Não era a temível praga. O homem estava limpo. A condição era apenas uma ex-escoriação cutânea de alguma espécie, e não a temida *sara'at.* O sacerdote via toda espécie de afecção cutânea e procurava fazer distinções entre elas, embora com pouca habilidade. Sem dúvida, os sacerdotes mandaram para fora do arraial (vs. 46) muitas pessoas que não tinham nenhuma doença transmissível. Provavelmente uma minoria de enfermidades, classificadas como *sara'at,* fosse realmente perigosa para a saúde da comunidade. Ocasionalmente, embora não saibamos dizer com qual freqüência, os sacerdotes separavam como deviam a algum verdadeiro caso de lepra.

13.24,25

Ao que parece, temos aqui uma queimadura que acabara transmutando-se em alguma forma de *sara'at.* Assim como uma *úlcera* podia infeccionar (vss. 18 e 19), assim também podia suceder a uma queimadura. Sintomas similares podiam aparecer em uma região queimada, tal como no lugar onde tinha havido uma úlcera. A área podia ficar debilitada, e dali começariam a despontar pêlos brancos. E haveria alguns trechos em carne viva. Tudo podia parecer uma antiga afecção de *sara'at* que voltara a manifestar-se sob outra forma, e por causa de outra injúria. E assim um homem podia ser considerado imundo, quando o que ele tinha era apenas uma área queimada que muito se infeccionara, por falta de cuidados devidos. E assim um homem com uma queimadura infeccionada estava vivendo fora do arraial (vs. 46). Isso ilustra, uma vez mais, quão inadequada era a legislação mosaica. Mas essa inadequação tem sido corrigida pela ciência médica (quanto às questões físicas), e por Cristo e Sua morte expiatória (quanto às questões espirituais).

Quantos casos de autênticas enfermidades contagiosas, e quantos verdadeiros casos de lepra teriam sido detectados por esses métodos de diagnóstico primitivo? Ninguém saberia responder. O número não pode ter sido muito grande. E assim havia uma subcomunidade e uma subcultura vivendo fora das portas de Israel. Mas em Cristo, espiritualmente falando, todas essas subcomunidades e subculturas são convocadas por Ele para viverem higidamente, mormente no sentido espiritual.

Seis situações genéricas, ou tipos de enfermidades são cobertas no capítulo 13 de Levítico, e todas representando formas variadas de *sara'at,* infecciosas ou não. Encontramos aqui o terceiro desses casos - condições patológicas provocadas por alguma simples queimadura! Ver as notas sobre os vss. 18 e 19 deste capítulo, em seu último parágrafo, quanto à lista completa dessas situações.

13.26

Mas se a *queimadura* não adquiria as características próprias da praga, que o autor já havia repisado por tantas vezes neste capítulo, com pouca variação na linguagem, então a vítima precisava esperar por mais sete dias, até que pudesse haver nova inspeção. Este versículo reitera o vs. 21, que procura esclarecer um caso de úlcera.

13.27,28

A nova inspeção talvez revelasse que a condição da afecção tinha piorado; e, então, a temida *sara'at* havia tomado conta de toda aquela área. Todavia, se a condição tivesse permanecido estável, o homem escaparia de ter de retirar-se do arraial. As normativas dadas nestes dois versículos são as mesmas dos vss. 23 e 24, cujas notas expositivas aplicam-se também aqui. Pode-se ver que havia uma diferença no modo de proceder, no caso de o problema começar com uma úlcera ou uma queimadura. E também o problema parece que se iniciara espontaneamente, conforme se vê no começo deste capítulo. Nesse caso, *dois* períodos de quarentena de sete dias cada eram requeridos para os casos duvidosos. Mas nos outros casos, deveria haver apenas *um* período de quarentena. Assim sucedia porque, provavelmente, os casos de causas conhecidas eram mais fáceis e mais seguros de diagnosticar.

13.29

As quatro situações até este ponto: 1. O surgimento espontâneo da *sara'at* (vss. 2 ss.). 2. O caso iniciado com uma úlcera (vss. 18 ss.). 3. O caso iniciado com uma queimadura (vss. 24 ss.). 4. E agora, a praga surgida em uma área peluda do corpo, como a cabeça ou a barba. Isso podia acontecer com *homem* ou com *mulher* (embora o sexo da vítima não seja especificado). Esse tipo de caso é abordado nos vss. 37-39 deste capítulo. As autoridades médicas dizem que aqui, o mais provável é que se tratasse de um caso de *favo,* e não de lepra. O *favo* é uma doença contagiosa de áreas peludas, como é o caso da calvície, por muitas vezes causada por um fungo. Cientificamente, o nome dessa doença é *Achorion schonllini.* Produz escamas amareladas, achatadas, que progridem para a calvície. Doenças similares, juntamente com esta, estavam entre aquelas que os hebreus chamavam de *sara'at.* E todas elas faziam uma pessoa ser declarada *imunda.* Talvez alguns casos verdadeiros de lepra estivessem entre as áreas cabeludas afetadas. Alguns estudiosos pensam que está em foco a infestação por *tinha,* nome dado popularmente a várias doenças causadas por fungos.

Seis situações genéricas em que estaria envolvida a temida *sara'at* dos hebreus. Quanto a isso, ver o último parágrafo das notas sobre os vss. 24 e 25 deste capítulo.

13.30

Sintomas. A área escamosa formava uma depressão, mais baixa que a carne circundante; ali cresciam pêlos branco-amarelados. Se apenas um desses sintomas estivesse presente, o homem era confinado por sete dias, após os quais havia um novo exame. O modo de proceder seria duplicado, tal como na primeira situação (ver o segundo versículo), se os sintomas continuassem em dúvida.

Pêlo amarelo fino. Os médicos judeus interpretavam essas palavras como pêlos *curtos,* supondo que a condição debilitasse os pêlos, tornando-os curtos, por se tornarem quebradiços. E esses pêlos curtos adquiriam uma coloração amarelada, um sinal fatal. (Ver *Negaim,* c. 10, sec. 1).

13.31

O *exame* revelava que não se tinha formado uma área infectada debilitada, mas, apesar desse sinal encorajador, não havia pêlos normais, de coloração escura (conforme era a cor normal dos cabelos dos hebreus). Em conseqüência, permanecia de pé a suspeita de que o homem tinha de ser separado por sete dias, à espera de um novo exame. É provável que a afirmativa de que não havia cabelos pretos significasse que havia pêlos amarelados, ou seja, que *um dentre dois* sintomas estivesse presente. A Septuaginta alterou a cor de preto para amarelo, para deixar o texto mais claro, e apesar de, talvez, ser isso era o que se pretendia dizer, não era o que o original hebraico dizia. *Cabelos negros* queria dizer que nenhuma praga estava presente (vs. 37).

13.32,33

O *segundo exame* mostrou-se encorajador. As escamas não se tinham espalhado, nem havia pêlos amarelados na afecção, nem havia uma área afetada mais baixa. No entanto, as escamas continuavam presentes, pelo que mais sete dias se faziam necessários para que houvesse um diagnóstico seguro. A completa remoção de pêlos era então determinada, embora a própria escamação não pudesse ser tocada.

Um bom *fungicida,* conforme hoje se compra em qualquer drogaria, teria resolvido a questão ali mesmo, mas os povos antigos ficavam à mercê de enfer-

midades que hoje em dia são curadas com tanta facilidade. Podemos ser agradecidos por isso. A boa saúde do corpo é algo maravilhoso, e a ciência médica moderna nos tem proporcionado essa bênção. E existe o poder de Deus para curar casos impossíveis. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Medicina (Médicos).*

Durante toda a sua história, os hebreus-judeus sempre viram a medicina com certo ar de suspeita, não exibindo fé na classe médica. Dependiam inteiramente da intervenção divina, tal como fazem alguns evangélicos mais radicais de nossos dias. Mas nada há de errado, nem de falta de fé, quando um crente tira vantagem do que a ciência médica tem provido, para benefício da humanidade. Lembro-me de ter tido uma severa infecção na garganta. Por diversos dias orei para que a doença fosse removida. Mas minhas orações não funcionaram e fui ao médico. Ele me mandou dar uma única injeção de penicilina; e *esse* foi o milagre de que eu precisava. Minha condição de saúde melhorou da noite para o dia. Lembro-me de que, quando era missionário em Manaus, no Amazonas, a esposa de um missionário teve um severo caso de ulcerações na cabeça. Outros missionários reuniram-se para orar por ela, pedindo a remoção da infecção. Suas orações foram longas e em altas vozes. Mas tudo fracassou. Então veio uma enfermeira e aplicou na senhora várias injeções de penicilina. E logo as ulcerações desapareceram, como se tivesse havido um milagre. Concluo assim que esperar a cura para *tudo,* mediante a intervenção divina, é apenas outro caso de fanatismo. Não podemos duvidar, porém, que os *milagres* ocorrem todos os dias. Ver no *Dicionário* o artigo intitulado *Milagres.*

13.34

O *terceiro exame* revelou que, embora a escamação continuasse presente, outros sintomas estavam ausentes, pelo que era seguro pensar que a *sara'at* não fizera outra visita indesejável. O homem ouviu a palavra abençoada, *limpo,* e voltou para casa, regozijando-se, esperando dentro de mais alguns dias ver-se livre da tal *tinha.* Seu caso provavelmente era idêntico ao do homem que tinha ouvido a temida palavra, *imundo,* mas cuja condição acabou por não se agravar, não aparecendo os sintomas fatais da *sara'at.*

Agora, restava-lhe lavar suas roupas (vs. 6) e, mui provavelmente, tomar um banho, conforme podemos deduzir de Lev. 17.15 e Núm. 19.19. Estava cerimonialmente puro e havia escapado de tornar-se um pária da sociedade (vs. 46), embora ainda ostentasse sua afecção cutânea.

13.35,36

Se o *terceiro exame* revelasse os sintomas temíveis, mesmo que somente a propagação da afecção, então o homem estaria, de fato, imundo. Nem seria preciso o sacerdote procurar por pêlos amarelados. O simples fato de que a escamação tinha aumentado era suficiente. Isso queria dizer que o sistema de imunização não fora capaz de parar o avanço do fungo (como no caso do vs. 34), e, então, isso fizera dele um pária (vs. 46). Ele tornara-se parte de uma subcomunidade e de uma subcultura, e agora só lhe restava sofrer as conseqüências. A legislação mosaica não incluía os avanços do conhecimento inerentes na moderna ciência médica, pelo que vários tipos de tragédia resultavam disso. Nesse aspecto, a legislação era deficiente. Também havia deficiências espirituais na legislação mosaica, pelo que Cristo veio para tanger os convertidos a novas alturas de espiritualidade. Talvez, vez por outra, o modo de proceder conseguisse detectar algum caso autêntico de lepra, mas precisamos lembrar que muitas afecções da pele eram classificadas pelo termo genérico *sara'at,* e muitas daquelas condições não requeriam isolamento.

13.37

Este versículo repete os elementos do vs. 32, agora que se tinham passado catorze dias desde que a condição patológica fora encontrada, um período breve demais para ajuizar quanto a qualquer enfermidade. Alguns poucos pêlos negros eram vistos a crescer na área afetada. Posteriormente, a lei requeria que houvesse pelo menos *dois* desses pêlos. *Pêlos poderosos,* que faziam o homem ser declarado limpo. O versículo dá a entender que essas condições, algumas vezes, autocuravam-se em catorze dias. A afecção talvez já tivesse desaparecido, ou pelo menos parecesse estar a caminho de desaparecer. Pelo menos estava *curada,* mesmo que ainda não estivesse inteiramente ausente.

13.38

Chegamos agora ao *quinto caso.* Ver as notas sobre o vs. 29 quanto aos quatro casos anteriores. Sem dúvida, maior número de enfermidades estava envolvido nesses casos do que somente cinco; mas havia ali o envolvimento de cinco situações genéricas, até este ponto do capítulo. Os estudiosos dizem estar aqui em foco uma forma benigna de lepra, que não requeria isolamento. Mas era outro caso de afecção cutânea, outro caso de *sara'at,* que não era a verdadeira hanseníase. Talvez esteja em pauta uma forma de *vitiligo* (leucodermia), até os vss. 38 e 39. Ver as notas introdutórias ao capítulo 13, sob o título *Identificações Possíveis* quanto a especulações acerca das enfermidades abordadas neste capítulo.

O *vitiligo* é uma afecção cutânea assinalada pela perda parcial de coloração em forma de pontos, que acabam juntando-se para formar grandes manchas descoloridas. A tendência destas manchas é aumentarem de tamanho. Um nome popular é *leucodermia.* Trata-se de um defeito no mecanismo de pigmentação da pele, e não é contagioso. Somente agora, no fim do século XX, é que a ciência moderna está obtendo algum sucesso no tratamento dessa condição (mediante drogas caras e bastante tóxicas).

Seis condições genéricas de *sara'at* são ventiladas neste capítulo 13 de Levítico. Mas sem dúvida estão envolvidas mais de seis doenças específicas. Ver o último parágrafo das notas sobre os vss. 24 e 25, quanto a essa lista.

13.39

A alusão aqui é à impigem, manchas de dimensões desiguais, de um branco descolorido, de um nível levemente mais alto que o do resto da pele circundante. Esse colorido vai desde o branco (vs. 3) até o amarelado (vs. 30). A afecção não era considerada maligna. Não era a lepra, embora o olho destreinado pudesse pensar assim. Portanto, temos aqui um caso em que a temível *sara'at* não fizera sua visita indesejável. O indivíduo com impigem ficava ligeiramente desfigurado, mas cerimonialmente *puro,* e não precisaria ser isolado (vs. 46).

13.40

Os vss. 40-44 deste capítulo apresentam o *sexto* e último caso de situação genérica de afecção cutânea. Ver as notas sobre o vs. 29 quanto a quatro casos; o vs. 38, quanto ao quinto caso. E este sexto caso envolve vários tipos de calvície, provavelmente incluindo a calvície natural, uma condição que indica alguma afecção cutânea, embora não desabilitadora nem considerada *imunda.* Embora a calvície fosse considerada uma condição indesejada, podendo até ser tida como um castigo divino (ver II Reis 2.23; Isa. 3.17; Jer. 48.37), não era identificada com a virulenta *sara'at,* ou lepra. Também não era um daqueles casos de afecção da pele que requeria isolamento. Não havia aqui nenhuma forma de lepra, e o termo hebraico *sara'at* não cabia neste caso, embora talvez cobrisse um largo espectro de enfermidades, que incluíam até mesmo a verdadeira lepra.

Quanto às *seis condições genéricas* de tipos de *sara'at,* surgidas de diferentes maneiras, ver a lista nas notas sobre os vss. 18,19, último parágrafo.

A queda de cabelos não era considerada uma praga, a menos que fosse acompanhada por um inchaço branco-avermelhado (vss. 42-44). Em outros casos, qualquer que tenha sido a causa da calvície, natural ou patológica, o homem não era reputado imundo. Ver o vs. 41 quanto a outros comentários que se aplicam a este versículo.

13.41

O vs. 40 deste capítulo, segundo intérpretes hebreus, indica que a área calva ficava na parte posterior da cabeça, ao passo que a deste versículo ficava na parte anterior. Fosse como fosse, se não houvesse o inchaço avermelhado (vs. 42), então o homem seria pronunciado limpo. Uma queda de cabelos na parte da frente da cabeça era "antecalva", em nada diferente do outro caso (vs. 40), que atingia do alto da cabeça para trás. Os hebreus sabiam que as mulheres raramente são atingidas pela calvície; e explicavam isso pensando que a mulher tinha muita umidade em seu sistema, pelo que os cabelos sempre cresceriam viçosos, como sucede à relva em uma terra bem irrigada. Eles não levavam em conta os fatores genéticos. Por isso, para eles, toda calvície resultava de alguma causa adversa, sendo desconhecida por eles a possível causa genética. Mas os homens, visto terem um sistema mais seco, seriam mais sujeitos à calvície. O fato de que os homens são destacados (e as mulheres nem são mencionadas) nesta seção sugere que quase todos os casos de calvície tratados aqui fossem do tipo genético, nada tendo a ver com a lepra.

13.42

Afecções cutâneas da testa ou do escalpo eram incluídas na *sara'at,* a praga que fazia as pessoas ser consideradas *imundas.* A doença aqui descrita não se assemelha à lepra. Antes, devem estar em pauta várias formas de doenças do escalpo, provocadas por fungos; e talvez até bactérias estivessem envolvidas em algumas dessas condições, mas nunca o bacilo da lepra, visto que os sintomas mencionados não são os da lepra. Supunha-se assim que a infecção (talvez concebida como uma só enfermidade) pudesse desenvolver-se a partir de alguma *úlcera* (vs. 18), *queimadura* (vs. 24) ou da mera *calvície* (vs. 42). Os autores da Mishnah supunham que tal infecção pudesse florescer em tão pouco tempo quanto duas semanas, mas sabemos atualmente que a lepra é uma doença de evolução muito lenta, levando as vezes anos para manifestar-se, depois de o indivíduo

tê-la contraído. Todavia, as enfermidades que eles chamavam de *sara'at* (pelo menos algumas delas) talvez pudessem florescer depois de tão curto contágio.

No caso da calvície, associada à *sara'at,* nenhum período de quarentena de sete dias é mencionado. E com base nisso podemos supor que, sem importar qual doença ou quais doenças estivessem envolvidas, dificilmente exibiam alguma tendência para melhoria no período de apenas catorze dias. Assim, nesses casos, o sacerdote simplesmente despachava a vítima para uma vida de subcultura fora do arraial (vs. 46), sem determinar nenhuma quarentena preliminar.

13.43,44

Se as condições antecipadas pelo vs. 42 fossem confirmadas pelo sacerdote, quando examinasse a cabeça do pobre homem, então ele proferiria a temida palavra *imundo,* pois o homem estaria em estado de impureza levítica, e teria de ir para o seu exílio particular (vs. 46). Nenhum período de quarentena era ordenado nos casos de *sara'at* da cabeça. Tais casos eram julgados sem solução desde que detectados. Nunca melhoravam no período de catorze dias, pelo que o juízo recaía de pronto sobre eles. Os *três* sintomas - a calvície, a propagação da calvície e a afecção branco-avermelhada - eram fatais, e o juízo era um só: *imundo.*

13.45

Quatro resultados para quem fosse pronunciado *imundo,* de acordo com *este versículo:*

1. *As vestes do leproso eram rasgadas.* Não somos informados se o próprio indivíduo rasgava as suas vestes, ou se o sacerdote ou alguma outra pessoa fazia esse trabalho. Fosse como fosse, as vestes eram rasgadas. Nos dias do segundo templo, as mulheres vítimas de *sara'at* eram poupadas do vexame, provavelmente por motivo de modéstia. A *sara'at* era encarada como uma visitação ou julgamento divino contra o pecado, pelo que era motivo de grande consternação. Rasgar as vestes era um sinal de luto pelos mortos (Lev. 10.6), de contrição, de tristeza ou de humilhação. Ver Joel 2.13. Há um verbete no *Dicionário* chamado *Vestimentas, Rasgar das,* o qual explana detalhadamente essa questão. O ato de rasgar as vestes, nesse caso, talvez incluísse a idéia de que elas, tal como quem as vestia, estavam infectadas pela praga, pelo que deveriam ser destruídas. Os quatro resultados alistados neste versículo aplicavam-se a todas as vítimas descritas neste capítulo 13, e não apenas às que apresentassem calvície na cabeça.
2. *Seus cabelos eram desgrenhados.* Temos aqui a tradução de nossa versão portuguesa. Era também um sinal de luto pelos mortos ou de profunda consternação. Ver Lev. 10.6. As mulheres vítimas também eram poupadas desse ato, nos dias do segundo templo. Alguns estudiosos pensam aqui no ato de rapar a cabeça, mas isso não concorda com os costumes dos hebreus. Alguns intérpretes judeus pensavam apenas na proibição de pôr qualquer coisa sobre a cabeça, como um véu. O homem ou a mulher precisavam andar sempre de cabeça descoberta, sob qualquer circunstância, e esse era um dos sinais da praga.
3. *O bigode era coberto.* Às vezes eram cobertos ambos os lábios, e não somente o de cima. Usualmente usava-se para isso um pano de linho jogado sobre o ombro, uma ponta do qual se estendia para encobrir o lábio superior ou ambos os lábios. O propósito evidente era o de filtrar o hálito da vítima, a fim de que ninguém apanhasse a praga por aproximar-se demais de seu hálito. Esse era, igualmente, um sinal de lamentação (Eze. 24.17; Miq. 3.7). A maior parte dos hebreus usava barba, e o tal pano cobria a barba. Ora, encobrir a barba também era um sinal de lamentação. Adam Clarke pensava que o pano servia para segurar o maxilar da vítima, tal como o maxilar de um morto também é amarrado. A vítima da *sara'at* era um homem virtualmente morto, morto para sua vida passada, para a sua família, isolado fora do arraial.
4. *Ele clamava: Imundo, imundo!* Se qualquer pessoa limpa se aproximava, o leproso precisava avisá-la a manter-se longe, mediante esse grito humilhante e doloroso. Assim, a miséria da vítima tornava-se mais profunda. Tal pessoa era um autêntico pária social. A própria entrada de uma vítima de *sara'at* em um ambiente fechado fazia com que o lugar e tudo quanto ali houvesse ficasse imundo. Talvez um arauto tivesse de ir ao acampamento das vítimas, por alguma razão. Ou, talvez, algum membro misericordioso da família tivesse de fazer uma visita, a distância. E assim, ocasionalmente, alguém se aproximava do acampamento dos leprosos, somente para ser saudado por aquele grito de miséria.

E assim a vítima afastava-se como alguém por quem já se lamentava como se tivesse morrido: suas vestes rasgadas; seus cabelos desgrenhados; sua barba coberta, e sempre forçado a soltar aquele lamentoso grito *imundo!* O morto por quem ele lamentava era ele mesmo.

13.46

Quinto Resultado. Ver as notas sobre o versículo anterior, quanto aos outros *quatro* resultados. A vítima da *sara'at* ficava para sempre isolada das demais pessoas. Somente alguma inesperada remissão da doença, ou a morte, poderia libertá-la de sua miséria. Visto que algumas das doenças descritas neste capítulo treze não eram crônicas permanentes, algumas poucas vítimas acabavam escapando de seu isolamento.

Sua habitação será fora do arraial. As vítimas da praga organizavam-se e mantinham uma espécie de comunidade auto-sustentada, a qual, na verdade, vivia na mais abjeta pobreza e miséria. A morte era a visitante e libertadora mais constante, pois ali havia doenças que seguiam seus cursos fatais; não havia nenhum tratamento médico; a alimentação era inadequada; as condições de higiene eram as piores possíveis. A comunidade dos leprosos era a pior favela que o mundo poderia imaginar. A *sara'at* era uma morte em vida, considerada uma horrenda punição divina (II Reis 5.7; II Crô. 26.20). Mas a maioria dos casos envolvidos não era de doenças socialmente transmissíveis, que qualquer pessoa poderia contrair, e, na maioria dos casos, nada tinha que ver com a hanseníase.

Tipologia. Ver o artigo chamado *Lepra, Leproso,* quanto ao simbolismo dessa enfermidade. O pecado, que é renitente e incurável, que se propaga e é infeccioso, e, finalmente, que é fatal, é assim simbolizado. Os pecadores, pois, estão fora do acampamento de Deus, mas a graça pode produzir um tremendo milagre de amor e misericórdia, incorporando-os na comunidade (reino) de Deus. Ver I Cor. 5.7,11.13; Apo. 21.27; Efé. 2.17,18.

13.47

Os vss. 47-59 prosseguem a fim de dizer-nos como a *sara'at* podia infectar vestes e peles de animais usadas no vestuário humano. Novamente somos alertados para o fato de que a palavra hebraica traduzida por *lepra,* devido à influência da Septuaginta (de onde a tradução passou a todas as versões subseqüentes), era um termo lato, genérico, que se aplicava a muitas condições e enfermidades. Estamos aqui tratando de certos tipos de mídio ou fungo, do tipo que afeta materiais usados para fazer vestes, paredes de casas, cortinas etc. A evidência científica é absolutamente contrária à possibilidade do bacilo de Hansen afetar tecidos ou objetos inanimados. Provavelmente, os hebreus pensavam que uma única enfermidade, a *sara'at,* fizesse todo o estrago descrito neste capítulo treze de Levítico, incluindo a desfiguração de tecidos e couros. Isso devia-se à ignorância dos fatos científicos em que viviam. O *conhecimento cresce,* e também nossa compreensão sobre as coisas físicas e espirituais, conforme vamos aprendendo. A verdade nunca fica estagnada, embora seja um truque favorito dos homens a estagnarem em sua própria mente. Os limites que as pessoas vêem são apenas os limites impostos por sua própria mente, e não verdadeiras limitações.

"Como enfermidades cutâneas infecciosas, o mofo e o mídio podem *desfigurar* a superfície externa de certos artigos, levando-os a descascar ou descamar. Esta seção contém *três casos* em que artigos mofados eram diagnosticados como imundos (vss. 47-52; vss. 53-55; vss. 56,57)" (F. Duane Lindsey, *in loc.*).

A ignorância em que as pessoas viviam as levavam a isolar tais objetos, tal como no caso de pessoas (vs. 50). Em casos persistentes, o mofo ou o mídio continuavam espalhando-se, fazendo com que os objetos fossem, finalmente, incinerados (vs. 52). Casos em que a condição não se espalhava requeriam somente lavagem (vs. 54). Locais infectados do tipo que não se propagava, após lavagem, eram arrancados dos tecidos (vs. 56). Os casos persistentes significavam que o artigo afetado precisava ser queimado (vs. 57). Tais regras, para nós, com nosso avanço científico, parecem ridículas, exceto quanto à *tipologia* que representavam. Um homem precisa usar vestes limpas, livres de qualquer mácula do pecado. Seu corpo, sua mente e seu espírito devem estar isentos da poluição da praga do pecado. Todo pecador precisa lavar suas vestes no sangue do Cordeiro (Apo. 7.14).

Os *comentadores mais antigos* tentavam convencer-nos de que a lepra realmente pode afetar tecidos e outros materiais, mas o conhecimento mostra que isso é impossível. Aquilo que os hebreus chamavam de *sara'at* afetava até materiais têxteis, mas tratava-se de um termo genérico que incluía muitas enfermidades e até mesmo fungos. É ridículo tentar ver a lepra na maioria dos materiais apresentados neste décimo terceiro capítulo de Levítico.

John Gill (*in loc.*), no esforço de preservar aqui a lepra, mesmo no caso de vestes, sugeriu que isso pudesse ser causado por intervenção divina, manifestações miraculosas e extraordinárias que faziam até mesmo objetos se tornar leprosos. Mas temos aí um caso em que a *fé* consiste em acreditar em algo que simplesmente não é verdade. A maioria dos intérpretes mais antigos, para os quais a lepra não saía do pensamento, supunha que as vestes ficassem naturalmente infectadas mediante o contato com os leprosos.

A lã e o linho são destacados como materiais usados nas vestes que podiam ser afetadas pela lepra. Coisa alguma é dita sobre o algodão e a seda; mas isso é apenas circunstancial. Mas as fontes informativas de Mishnah dizem-nos que a *sara'at* afetava somente o linho e a seda (*Misn. Celaim,* c. 9 sec. 1). É necessário um técnico em fungos e mofos para dizer-nos quantos tipos de materiais têxteis

podem ser afetados por essas coisas. Minhas fontes informativas não incluem esses especialistas.

A lã e o linho eram materiais têxteis comumente usados no fabrico de vestes, entre os egípcios, os gregos e os hebreus, embora não fossem usados com exclusividade. Cf. Deu. 22.11; Osé. 2.5,9; Pro. 31.13. Em tempos posteriores, *outros* materiais, afetados pela alegada *sara'at,* como o pêlo de camelo, não eram considerados imundos.

13.48

Este versículo acrescenta a *pele* de animais (essas peles eram usadas para fazer vestes, tendas, cortinas, receptáculos etc.) à lã e ao linho, referidos no versículo anterior, como materiais que podiam ser afetados pela *sara'at.* Tal infecção podia atingir tanto a urdidura quanto a trama; e as mesmas regras eram aplicáveis.

13.49

Mofos Esverdinhados ou Avermelhados. Para os hebreus, isso significava que os tecidos e as peles (de vários animais, incluindo peixes) mencionados haviam contraído a temida *sara'at,* e não somente pessoas. Os comentadores judeus deixaram longos comentários sobre a natureza das cores aqui referidas, e apresentaram diversas idéias. Se esses tecidos tivessem sido tingidos com essas cores, isso não fazia deles imundos. Essas cores teriam de surgir pela força de alguma estranha infecção. Se as regras aqui existentes fossem aplicadas em Manaus, na Amazônia (onde o clima é quente e úmido), metade da cidade e das coisas seriam condenadas como imundas!

"O cânon judaico definia a cor verde como um sintoma parecido com o das ervas, e o do vermelho como o do carmesim claro" (Ellicott, *in loc.*).

13.50

Encerrará por sete dias. Os objetos eram sujeitados a quarentenas, tal como se fazia com as pessoas (ver os vss. 4,5,21,26,31,33). E assim temos a ridícula situação em que um sacerdote israelita fazia um pano mofado ficar recluso em algum lugar, para ver se o fungo ou mofo desapareceria no espaço de sete dias! Se pusesse o tecido ao sol, ou lavado o mesmo em vinagre, a *praga* seria eliminada em pouco tempo. Mas o que não tem sentido para nós, por causa de nosso avançado conhecimento, era uma questão grave para os antigos hebreus, com sua grande preocupação diante da *sara'at* e suas inúmeras manifestações.

13.51,52

A propagação do fungo fazia um artigo tornar-se imundo, sem nenhuma outra chance, e tal artigo tinha de ser queimado. O cânon judaico dizia que, se a infecção fosse esverdinhada, mas então se espalhasse com a coloração avermelhada; ou se fosse avermelhada, e então se espalhasse com a coloração esverdinhada, isso em nada ajudaria a questão. A infecção, em ambos os casos, seria declarada *sara'at.* (Ver *Misn. Malmôn.* e *Bartenora.)* Essa praga era chamada *maligna,* um caso ruim, sem nenhuma possibilidade de remédio. Isso produziria uma maldição e corrupção que precisavam ser cortadas pronta e radicalmente (*Hierozoic.* par. 1.1.2 c. 45). O item infectado com a praga, tal como no caso de uma pessoa, fazia com que quem nele tocasse ficasse imundo, pelo que era um serviço prestado à comunidade livrar-se de tal objeto.

Tipologia. Somente uma operação radical pode livrar-nos do pecado e suas conseqüências. Não é curável por nenhum meio humano. Não desaparece o pecado, mesmo que designado por outros nomes. Somente a *expiação em Cristo* (ver a respeito no *Dicionário*) e a atuação do Espírito Santo pode resolver o problema do pecado.

13.53,54

O mofo ou mídio não se havia espalhado pela roupa ou pela pele, nem pelo lado de dentro nem pelo lado de fora; e assim, a veste ou pele eram lavadas. Depois, seriam de novo examinadas, para averiguar se tinha havido alguma mudança de cor. Mas somente uma quarentena de sete dias seria apropriada para a mudança de cor. O próprio sacerdote não fazia a lavagem, mas ordenava que outros o fizessem. No cristianismo, porém, é o próprio Sumo Sacerdote quem (metaforicamente) lavava as vestes pecaminosas (Apo. 7.14; I João 1.7; Zac. 13.1).

13.55

O tecido ou pele eram examinados após os sete dias de espera. Se o artigo tivesse de ser pronunciado limpo, então não teria de haver uma coloração mais desbotada, além do que o mofo não poderia espalhar-se. Mas se esses *dois* sinais não se tivessem patenteados, então o caso não tinha remédio e o artigo teria de ser queimado. Uma mancha daquelas, na urdidura ou na trama, seria suficiente para a condenação do objeto.

13.56-58

Se a lavagem produzisse uma cor mais desbotada, então a mancha descolorida teria de ser cortada fora, e isso livrava o tecido ou pele de toda praga. Presume-se que a mancha tivesse desaparecido e que nenhuma outra parte do artigo fora afetada. Mas se aparecesse outra mancha, depois de a primeira ter sido eliminada, então seria uma *sara'at* "que se espalha", e o tecido ou pele teriam de ser queimados. Mas se a mancha não reaparecesse, então o objeto seria lavado segunda vez, e então seria considerado limpo. Tal objeto então poderia ser usado como peça de roupa, como odre, como parte de uma tenda, ou como qualquer outra coisa. E um pedaço que tivesse sido cortado fora teria de ser queimado, e tal material não poderia ser usado com nenhuma finalidade.

Talvez cheguemos a sorrir diante de tantos cuidados com mofos e mídios, mas não nos olvidemos de que os antigos hebreus não tinham conhecimento suficiente sobre essas coisas, e havia um temor pânico da *sara'at* que, conforme eles criam, potencialmente podia afetar pessoas e coisas. Estavam fazendo o melhor possível, com o pouco conhecimento de que dispunham. O conhecimento vai aumentando. *Nossa época* será considerada um período de trevas da ignorância, por alguma geração futura. E também não devemos esquecer que os antigos hebreus acreditavam que as pessoas podiam transmitir a praga para meros objetos, e que esses objetos infectados, por sua vez, podiam transmitir a praga às pessoas. Assim, havia um temor constante, *algumas vezes* justificado, embora com certa raridade.

13.59

Esta é a lei da praga. Os sacerdotes eram funcionários públicos, e não médicos. A eles fora entregue um problema de saúde pública, e precisavam seguir rigidamente a lei do capítulo 13 de Levítico, sob pena de não estarem cumprindo o seu dever. O propósito deles era proteger o público em geral, isolando os poucos que tivessem o infortúnio de apanhar a praga, a qual, na verdade, era um largo espectro de afecções, algumas delas contagiosas e perigosas, e outras totalmente neutras.

Inspiração. A frase bastante reiterada, *Yahweh disse,* encabeça blocos ou seções de material que apontam para a idéia da inspiração divina das Escrituras, não sendo apenas um artifício literário, como ajuda mnemônica. A inspiração divina é um fato bíblico, mas sempre será restrita pelas limitações humanas, pela nossa falta de conhecimento e pela nossa fragilidade. Somente Deus é perfeito. Todas as demais coisas têm suas imperfeições. Se isso não fosse verdade, o Novo Testamento não teria podido anular grandes porções do Antigo Testamento. O tratado aos Hebreus é um manual de anulações, por assim dizer, devido à revelação maior que nos foi dada por meio de Cristo, cujo Novo Pacto simplesmente anulou, e não apenas suplementou, o Antigo Pacto. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Inspiração.*

A Lepra e os Sintomas do Capítulo 13 de Levítico:

1. A lepra assumia duas formas, a *tuberosa* e a *anestésica.* A primeira apresentava manchas avermelhadas, onde mais tarde apareciam tubérculos escuros. Finalmente, surgiam distorções no rosto e nos membros. A lepra anestésica, por sua vez, afetava os troncos nervosos, particularmente os das extremidades. E as porções afetadas finalmente perdiam toda sensação e vitalidade.
2. Quando as autoridades médicas lêem o capítulo 13 de Levítico, não detectam ali a lepra. Dizer que havia formas antigas da doença que são desconhecidas atualmente é argumentar com base na ignorância, sendo rejeitado esse argumento por quem tem algum conhecimento autêntico de medicina.
3. O termo hebraico *sara'at* era um termo genérico que envolvia muitas afecções da pele, como até mesmo mofos e mídios que afetam os têxteis, as peles de animais e as casas. A versão da Septuaginta foi a primeira a traduzir esse termo por *lepra*; e foi através dessa tradução equivocada que as versões posteriores também identificaram como "lepra" todas as condições descritas neste capítulo 13 do livro de Levítico. Essa interpretação forçada, que a qualquer preço defende a noção que a lepra está em pauta, esconde o fato de que estão em foco várias enfermidades e afecções *identificáveis,* que nada têm a ver com a verdadeira hanseníase.
4. Os intérpretes históricos, mediante referências literárias e descobertas arqueológicas, informam-nos que, na época de Moisés, a lepra não era uma doença generalizada pelo Oriente Próximo e Médio, se realmente havia alguns casos raros, sem dúvida o décimo terceiro capítulo de Levítico não ataca essa enfermidade.
5. *A rede e os muitos peixes.* Os sacerdotes hebreus lançavam uma rede de pesca chamada *sara'at,* e ela recolhia muitos peixes (doenças e afecções),

dos mais diversos tipos, alguns deles contagiosos e perigosos, mas muitos deles não-contagiosos e socialmente neutros. *Um* dos peixes, ocasionalmente apanhado, podia ser algum caso autêntico de lepra.

6. A miséria humana era acentuada pela ignorância e, se o método do isolamento era a única arma de que os antigos dispunham para proteger a população geral de certas enfermidades, incluindo a lepra, a ignorância geral acerca dos fungos, bactérias e vírus produzia a propagação da miséria mais do que o necessário.
7. O mundo médico e o mundo teológico já ultrapassaram em muito o Antigo Testamento; e temos motivos para ser gratos a Deus por isso. A verdade nunca fica estagnada, e haverá revelações maiores ainda. E *sempre haverá* maiores revelações à nossa espera.

Capítulo Catorze

Lei acerca do Leproso Depois de Curado (14.1-32)

O termo hebraico traduzido por *lepra* é *sara'at*. Foi a versão da Septuaginta que nos deu essa tradução; e dali, essa tradução *errônea* entrou em todas as outras traduções, excetuando somente as mais modernas. A NIV (New International Version) diz "doenças cutâneas infecciosas e mildio", em lugar de "lepra". Na minha introdução ao capítulo 13 de Levítico, dou várias sugestões quanto à identificação dessa *sara'at* dos hebreus. O trecho de Lev. 13.47 ss. certamente trata de mofos e míldios. Talvez algum caso raro de lepra fosse apanhado pela grande rede genérica chamada *sara'at*, mas não é a lepra que está em pauta nos capítulos 13 e 14 de Levítico. Sem dúvida, os hebreus pensavam que a *sara'at* era uma única enfermidade, que se manifestava nas pessoas e em objetos vários. Mas estavam errados quanto a esse parecer, e a ciência médica moderna já nos fez avançar para muito além dessa noção primitiva.

Visto que a verdadeira lepra, que é incurável, não está em evidência nos capítulos 13 e 14 de Levítico, não nos admiramos por ler, no capítulo 14, que muitos casos curavam-se espontaneamente, sem nenhum tipo de tratamento. Assim sucedia porque várias afecções cutâneas estavam em pauta, e algumas delas, naturalmente, eram curadas com o tempo. E assim criou-se a circunstância em que era preciso cuidar de *casos de cura*; e é este capítulo 14 que nos fornece as regras que governavam essa questão. O próprio fato de que havia curas é prova de que a lepra não estava em mira, excetuando, talvez, alguns raros casos.

No fim das notas sobre o capítulo 13, apresentei uma síntese de idéias sobre a questão, que podemos considerar antes de nos lançarmos ao estudo do capítulo 14 de Levítico.

Uma pessoa isolada podia ser readmitida à sociedade pela autoridade de um sacerdote. Uma pessoa, ao pensar que tinha sido curada, mandava um recado ao sacerdote. Este saía ao encontro da pobre vítima para examiná-la. E examinava os sintomas, tal como tinha feito antes. Seguiam-se ritos e regras, e isso preparava o homem para seu recebimento pela sociedade. "Essa readmissão e purificação ritual envolviam dois estágios: (a) um ritual que envolvia duas aves, fora do arraial (Lev. 14.3-7); (b) uma série de sacrifícios no santuário, oito dias mais tarde (vss. 10-20). Um ritual alternativo era provido para os mais pobres (vss. 21,22)" (F. Duane Lindsey, *in loc.*).

A seqüência de sacrifícios assemelhava-se muito à que dizia respeito à consagração de sacerdotes. Ver o oitavo capítulo de Levítico. A cerimônia acerca de indivíduos curados de *sara'at* continha elementos arcaicos que fogem a qualquer explicação, embora os intérpretes tenham lutado para remover as dúvidas.

14.1

Disse o Senhor. Uma expressão muito repetida que indica, como um artifício literário, o início de alguma nova ação. Mas também ressalta a fé na inspiração divina das Escrituras. Ver Lev. 1.1 e 4.1, em suas notas expositivas, quanto a esclarecimentos a respeito. *Moisés* continuava sendo o redator de todos os ensinos e tradições.

14.2,3

O processo de restauração da vítima de *sara'at*, até que ela fosse declarada limpa, era muito elaborado, e ocupa os versículos 2 a 32 deste capítulo. Alisto abaixo *dezenove passos* envolvidos. Ver as notas sobre o quinto versículo quanto à lista desses passos. Na exposição que se segue, nos versículos individuais, são acrescidos detalhes.

Novos regulamentos faziam-se necessários, diante da circunstância que alguém fora vitimado pela *sara'at* mas agora recebera uma cura espontânea. Isso sucedia porque a palavra hebraica envolvida não aponta para a verdadeira hanseníase ou lepra, conforme mostrei na introdução ao capítulo 13 de Levítico, bem como nos últimos sete parágrafos dos comentários sobre aquele capítulo. Seria instrutivo para o leitor examinar esses comentários agora. Certa variedade de afecções cutâneas era coberta pelo termo, e até mesmo mofos e míldios. Ver a introdução ao capítulo 14 de Levítico. Assim, era natural que algumas das enfermidades chamadas *sara'at*, no hebraico, se curassem espontaneamente, após algum período de tempo, ultrapassando em muito os poucos sete ou catorze dias de quarentena que as regras determinavam (ver Lev. 13.4,5,21,26,31,33).

Uma pessoa que tivesse contraído a praga não podia aproximar-se do acampamento ou da cidade. Mas haveria meios de fazer chegar um recado até o sacerdote, anunciando que a doença fora curada. Então o sacerdote saía ao encontro da vítima, a fim de examiná-la ali. E o sacerdote, tendo examinado a vítima, se verificasse que a cura realmente ocorrera, então passaria a efetuar o ritual apropriado, começando fora do acampamento e concluindo com os sacrifícios e cerimônias no tabernáculo.

Cf. o segundo versículo deste capítulo com Mar. 1.44, que é um incidente do Novo Testamento que seguiu as regras deste capítulo. Ver antes do começo da exposição, em Lev. 1.1, a lista de quarenta citações do livro de Levítico no Novo Testamento.

O homem vitimado pela praga provavelmente recebia visitas ocasionais da parte de amigos e parentes. Esses poderiam ser os seus mensageiros, como também aqueles que proviam o necessário para as cerimônias e sacrifícios.

14.4

Os amigos ou parentes do homem recebiam ordens da parte do sacerdote e proviam o material necessário para os ritos:

1. *Aves limpas*, fossem pardais, rolas ou pombinhos, ou, no dizer de alguns intérpretes, quaisquer aves classificadas entre os animais cerimonialmente *limpos*. Ver no *Dicionário* o artigo intitulado *Limpo e Imundo*. O capítulo 11 de Levítico discute longamente sobre a questão. Nos dias do segundo templo, a ave exigida era o *pardal*. Parece que esse costume baseava-se na superstição que a *sara'at* era um freqüente castigo divino contra a *calúnia*, e o pardal era uma ave que vivia trinando, tal como o caluniador não cala a boca. E assim o pardal, mediante essa observação, tornou-se a ave *ideal* para ser sacrificada em casos de *sara'at*.
2. *Pau de cedro*. Uma acha com cerca de 45 cm de comprimento. Parece que o cedro era escolhido por causa de seus supostos valores medicinais. Também era contado entre os "cedros de Deus" (Sal. 2.13; 27.24; 80:1(Amós 2.9). Na qualidade de uma árvore *altaneira*, poderia simbolizar a mente arrogante do maledicente, pelo que era apropriado que uma árvore arrogante fosse derrubada e usada na purificação do homem atingido pela praga. Essas são explanações encontradas na antiga literatura judaica; mas é impossível determinar as razões de Moisés quanto a isso. Ver *Misn. Negaim* c. 14 sec. 6 quanto às regras e aos simbolismos das diversas árvores.
3. *Estofo carmesim*. Talvez um pedaço de madeira tingido dessa cor, ou um fio dessa cor, usado para amarrar o hissopo (ver item seguinte) ao pedaço de cedro. Em tempos posteriores, os regulamentos aumentaram, de tal modo que esse estofo carmesim ou fio precisava ter certo peso, a saber, igual a trinta e dois grãos de cevada. Isso era tido como símbolo do sangue *agora* curado e purificado da vítima. Pelo menos assim pensavam alguns intérpretes judeus. Naturalmente, a maior parte das formas de *sara'at* não consistia em doenças do sangue, tal como a lepra também não o é; mas os antigos hebreus não sabiam disso.

   O cedro e o tecido carmesim estavam ligados à purificação no caso de vítimas da *sara'at*. Os estudiosos só podem especular sobre as *razões* de tal uso. Esses mesmos itens estavam ligados à idéia de purificação, em outros casos (Núm. 19.6; Sal. 51.7), mas desconhecem-se os motivos exatos desses materiais.
4. *Hissopo*. Nos dias do segundo templo, esse item precisava ter cerca da largura de uma mão em seu comprimento. Não podia ser o chamado hissopo ornamental, grego ou romano. Nem podia ser usado o hissopo silvestre. Tinha de ser uma variedade de hissopo, cultivado em jardins, mas essas regras não existiam ainda nos dias de Moisés. Um ramículo desse arbusto era usado na cerimônia da aspersão do sangue. E assim, com o altaneiro cedro e com o humilde arbusto, hissopo, a vítima da *sara'at* era purificada. E ambas as coisas simbolizavam o estado de pecaminosidade e de humilhação, debaixo do juízo divino. O indivíduo tinha-se mostrado arrogante como o cedro, mas fora humilhado como o modesto hissopo. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Hissopo*. Continuamos na dúvida quanto à identificação exata desse arbusto.

Processo de Restauração das Vítimas de Sara'at (14.5-32)

Esse processo era longo e complexo, e é descrito até o vs. 32 deste capítulo. *Dezenove passos* estavam envolvido, incluindo um processo de purificação realizado em dois estágios: 1. *civil* (passos 1 a 7); e 2. *religioso* (passos 8 a 19). Neste ponto, apresento o processo inteiro, para depois adicionar informações a cada versículo comentado:

1. *A cerimônia das duas aves.* Esse era o primeiro estágio da purificação: o estágio civil.
2. *A segunda ave era solta.* Ver as notas sobre isso, nos vss. 6 e 7, quanto a detalhes e símbolos.
3. O indivíduo lavava suas roupas.
4. O homem rapava todo o pêlo do corpo.
5. O homem se banhava, imergindo o corpo todo na água.
6. Em seguida, podia *entrar no arraial,* do qual ficara isolado, enquanto a praga se mostrara ativa em seu corpo.
7. Embora já estivesse no acampamento, tinha de se manter distante de sua tenda, sem tocar em sua esposa. Estava socialmente restaurado, mas não religiosamente.
8. Ao sétimo dia, tinha de rapar de novo todo o pêlo de seu corpo.
9. Tinha de lavar de novo as suas roupas.
10. Tinha de tomar outro banho ritual.
11. Vários sacrifícios e ofertas precisavam ser feitos para restaurar o indivíduo cerimonialmente impuro.
12. A vítima da praga entrava no átrio do tabernáculo, a cena dos sacrifícios, o que lhe dava uma restauração preliminar em sentido religioso. Esse passo é descrito no vs. 11.
13. Eram efetuados os sacrifícios requeridos. Ver o ponto décimo primeiro da exposição sobre o vs. 10. Isso incluía uma *oferta movida* (comentada em Êxo. 29.23,24).
14. O sacerdote oficiante e os membros masculinos de sua família tomavam a sua porção dos sacrifícios e tinham uma refeição comunal na área do átrio. Ver as notas sobre o vs. 13 quanto a esse passo.
15. Era realizado o rito da aspersão do sangue. Ver as notas sobre o vs. 14 quanto a esse passo.
16. Era efetuada a cerimônia com o azeite. Ver as notas sobre o vs. 16 quanto a esse passo.
17. Certas partes do corpo da vítima eram bezuntadas com azeite; e o resto do azeite era derramado sobre a sua cabeça. Ver as notas sobre os vss. 17 e 18 quanto a esse passo.
18. Materiais alternativos para os sacrifícios e cerimônias eram permitidos no caso de pessoas pobres. Ver as notas sobre os vss. 21 a 29 quanto a isso. Excetuando os materiais, o modo de proceder era o mesmo.
19. O resultado final desse complexo cerimonial era que o indivíduo era pronunciado *limpo* e então era restaurado ao convívio da sociedade, civil e religiosamente falando. Ver as notas sobre os vss. 30 a 32.

14.5

Temos aqui, neste versículo, *o primeiro passo*

Primeira Ave. Uma das aves (uma ave limpa, ver as notas sobre o vs. 4), em tempos posteriores o *pardal,* era morta, para que seu sangue pudesse ser usado no ritual. Um vaso de barro era usado para aparar o sangue. Primeiro uma pequena quantidade de água corrente era posta no vaso. Então a ave era sacrificada por sobre o vaso, e o sangue escorria para dentro do vaso, misturando-se com a água. Essa mistura era então usada na cerimônia da aspersão, descrita nos vss. 6 e 7. Não podia ser usada água que estivera estagnada, nem água que tivesse sido usada com qualquer outro fim. A carcaça do pássaro era sepultada, enquanto a vítima da *sara'at* contemplava a cena. Isso aludia ao fim da antiga vida de *impureza,* bem como o começo de sua *nova* vida. O homem tinha voltado da morte para a vida.

14.6

Aqui, no sexto versículo, temos o *segundo passo.*

A Cerimônia das Duas Aves. O sangue de uma delas é usado; a outra ave é solta.

A Estranha Mistura. O pano ou fio carmesim ligava a ave ainda viva e o hissopo e o pedaço de cedro. Esse conjunto era mergulhado no sangue misturado com água corrente. O agente aspergidor, estendido sobre seu cabo de cedro, ficava assim preparado para ser usado. Alguns eruditos dizem-nos que a ave não era amarrada com o resto, mas antes, era imersa em separado no sangue. Mas outros insistem (mais em consonância com o fraseado do texto) que todos os itens eram amarrados juntamente. Assim disse, enfaticamente, Ben Gerson.

14.7

O sangue era salpicado por sete vezes sobre a vítima restaurada, enquanto o sacerdote a declarava *limpa. Seu grande teste havia terminado.* Regras posteriores exigiam que fossem aspergidas as costas de sua mão e a sua testa. *Sete* significa que a purificação era divina e estava completa (cf. Lev. 6.6). Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Número (Numeral, Numerologia),* onde, entre outros números, é discutido o número *sete.*

A Outra Ave era Solta. Os intérpretes vêem aqui dois símbolos ou significados.

a. O homem, aprisionado em sua favela degenerada, fora da cidade, agora podia retornar, livre, à sociedade humana. O morto havia retornado. O homem que soltasse a ave volvia o rosto na direção do campo aberto. A ave saía a voar. Que visão deve ter sido aquela para a ex-vítima da *sara'at.* Quão belo era ver a ave partir em vôo veloz para a liberdade, sabendo que aquele era um quadro simbólico de sua recém-achada liberdade. A ave é um símbolo tradicional da alma. Portanto, achamos aí um quadro da libertação da alma de sua prisão, de sua miséria. Temos aqui o vôo da alma em sua liberdade, a alma remida, livre de toda preocupação.

b. Outros eruditos vêem aqui um quadro do bode expiatório, o *azazel* de Lev. 16.21, *que era solto e se punha a correr pelo deserto, levando o pecado do povo* de Israel. Nesse caso, então a ave simbolizava que a praga da vítima tinha sido levada, causada pelo pecado e pelo julgamento divino. O teste havia chegado ao fim. Ver I Tim. 3.16 e Col. 3.1,2 quanto a aplicações tipológicas no Novo Testamento.

A ave *morta* e a ave *viva,* em sua tipologia, podem simbolizar a morte e a ressurreição de Cristo.

Jesus, descanso na alegria
daquilo que Tu és;

Estou achando a grandeza
de Teu coração amoroso.

. . . e Tua beleza enche a minha alma.

(Jean Sophie Pigott)

14.8

Prossegue o Elaborado Ritual da Purificação. Embora já declarada limpa, e embora já tivesse passado pelos ritos originais fora do arraial, a vítima da *sara'at,* agora supostamente livre da praga, teria de sujeitar-se a um ritual quase interminável, cuja descrição cobre vários versículos.

Terceiro Passo. Ele tinha de *lavar* suas vestes, simbolicamente, mas até talvez literalmente, lavando quaisquer vestígios deixados pela praga que se tivessem apegado às suas roupas. Cria-se que as vítimas da praga podiam contaminar às suas vestes (Lev. 13.47 ss.). Cf. Lev. 6.20 e 11.25.

Quarto Passo. Ele precisava *rapar* todo tipo de pêlo, do corpo todo, até mesmo das partes secretas. Talvez se julgasse que a *sara'at* fosse capaz de afetar as áreas peludas (Lev. 13.40), pois, embora aparentemente limpo, um homem podia abrigar a praga em seus pêlos. Cf. Núm. 8.7.

Quinto Passo. Ele precisava tomar um banho de corpo inteiro. Talvez a praga se tivesse apegado à sua pele, embora aparentemente derrotada. Esse banho era de imersão. O corpo inteiro precisava ser coberto pela água. Cf. Lev. 17.15 e Núm. 19.19.

Sexto Passo. Em seguida, ele podia *entrar no arraial,* de onde havia sido retirado para o seu isolamento, devido à praga.

Sétimo Passo. Embora já no arraial, precisava ficar *fora de sua tenda.* As autoridades judaicas dizem-nos que o propósito principal dessa proibição é que o homem ainda não podia reiniciar a atividades sexuais com sua esposa, para que não viesse a contrair alguma outra impureza. Ver Lev. 15.10. Diz a versão caldaica: "Ele se assentará fora da tenda da casa de sua habitação, e não se chegará à sua esposa por sete dias". No fim desse tempo, ele estaria socialmente restaurado, ainda que não para participar da adoração no tabernáculo.

14.9

Segundo Estágio da Purificação. O homem já havia sido socialmente restaurado, posto que ainda não religiosamente falando.

Oitavo Passo. No sétimo dia, ele precisava repetir o processo da *rapagem* de todos os seus pêlos. Ver o vs. 8, ponto quarto, onde damos razões para isso. As instruções aqui elaboram um pouco mais: precisavam ser rapadas a cabeça, a barba e as sobrancelhas, e mesmo *todo* pêlo do corpo.

Nono Passo. Tinha de lavar novamente as suas vestes. Ver o vs. 8, em seu terceiro ponto, quanto a notas expositivas.

Décimo Passo. Tinha de tomar outro *banho* ritual. Ver Lev. 17.15 e Núm. 19.19. No tempo do segundo templo, havia uma câmara especial de banhos

ritualistas, na esquina noroeste do átrio das mulheres, que era chamada "câmara da *sara'at*".

14.10

Décimo Primeiro Passo. Vários sacrifícios e ofertas precisavam ser efetuados, restaurando a purificação religiosa da vítima. Em outras palavras, o homem agora podia participar dos ritos e dos sacrifícios do tabernáculo, tal como qualquer outra pessoa. Dessa forma, a sua restauração estava completa.

Três sacrifícios tinham de ser feitos em seu favor: uma *oferta pela transgressão* (ver Lev. 7.1-7; 5.1-13 e 6.1-7); uma *oferta pelo pecado* (ver Lev. 6.25,30; 4.1-35); um *holocausto* (ver Lev. 1.3-17; 6.9-13;). O cordeiro da oferta pelo pecado, como sempre sucedia, não podia ter nenhum defeito (Lev. 1.3) e devia estar dentro de seu primeiro ano de idade (Lev. 12.6).

Em adição, cada uma das três oferendas tinha de ser acompanhada por uma oferta de manjares ou de cereal. Usualmente, a oferta de manjares não acompanhava a oferta pela transgressão nem a oferta pelo pecado, e a quantidade de cereais, no caso da *sara'at,* era maior. Ver a maneira de preparar a oferta de manjares em Lev. 6.14-18.

Esse ritual especial envolvia o oferecimento de todos os quatro tipos obrigatórios de sacrifícios (pela culpa, pelo pecado, holocausto e oferta de manjares). Os capítulos primeiro a sétimo ocupam-se na sua descrição. Destarte, a purificação de uma vítima da *sara'at* era considerada uma questão trabalhosa, porquanto os ritos envolvidos eram muito complexos e todo-inclusivos. O uso do azeite lembra-nos do culto de ordenação de Arão e seus filhos (cap. 8).

Três dízimas de um efa de flor de farinha. Uma décima parte do efa era chamada *ômer* (Êxo. 16.36). Era igual a quarenta e três ovos ou cerca de dois quilogramas. Isso significa que a farinha total trazida era de cerca de seis quilogramas. Portanto, o homem precisava prover três cordeiros e seis quilogramas de farinha. Um homem pobre, entretanto, precisava trazer somente um cordeiro e dois quilogramas de farinha. Ver sobre o vs. 21. O sextário de azeite permanecia o mesmo. As autoridades diferem quanto à avaliação das várias medidas mencionadas.

Um sextário de azeite. Esse azeite era usado na cerimônia de aspersão e unção, mencionada nos vss. 15 ss. O *sextário* é mencionado por quatro vezes na seção (vss. 10,12,15,21), mas em nenhuma outra parte da Bíblia. Nos dias do segundo templo, essa medida tinha o peso de seis ovos de galinha, o que alguns calculam em cerca de meio litro.

14.11

Temos aqui o *décimo segundo* dos dezenove passos. Prossegue o processo da purificação da vítima da *sara'at.* A vítima era trazida ao tabernáculo para os sacrifícios e cerimônias apropriados. Desse modo, a pessoa já havia adquirido a *restauração preliminar* à adoração religiosa, depois de ter obtido sua restauração social (vss. 2-10). Os sacrifícios e rituais dar-lhe-iam direitos religiosos permanentes, e, então, seria um homem livre.

Porta da tenda da congregação. Em outras palavras, por dentro da *primeira cortina,* que atuava como porta que levava ao interior do átrio. Ver sobre os três véus do tabernáculo em Êxo. 26.36. O altar dos holocaustos achava-se ali, no átrio, do lado de fora da segunda cortina, que conduzia ao Lugar Santo. Ver as notas sobre o altar de bronze, em Êxo. 27.1. A fim de ser purificado, o homem mantinha o rosto voltado na direção do Lugar Santo, isto é, "diante do Senhor". Essa cortina ficava na entrada do tabernáculo. Ver o diagrama sobre a *planta* do tabernáculo, em Êxo. 25.1, na introdução àquele capítulo. Um gráfico é apresentado com propósitos de ilustração. Essa cerimônia era uma espécie de apresentação pública do homem. Ninguém podia duvidar da pureza do tal homem, depois de tudo isso realizado.

14.12,13

Décimo Terceiro Passo. Os sacrifícios referidos, descritos sob o passo décimo primeiro (vs. 10), estavam realizados. O ritual incluía uma *oferta movida* (ver Êxo. 29.23,24).

Oferta pela culpa. Esse tipo de oferta é comentado em Lev. 7.1-7. Ver também Lev. 5.1-13 e 6.1-7. A teologia dos hebreus era fraca quanto a causas secundárias, pelo que sempre enfatizava Yahweh, *a causa de tudo.* Assim sendo, as enfermidades, mormente qualquer forma de *sara'at,* eram vistas como juízos divinos por causa de alguma transgressão ou pecado, conhecido ou desconhecido. O homem enfermo era considerado em estado de pecado. Mas se a enfermidade fosse curada, então isso evidenciava o perdão divino. Mas oferendas tinham de fazer expiação pelo erro. Dessa forma, tanto misericórdia quanto legalismo estavam envolvidos na questão. *Jó,* sem dúvida, era um pecador, mas não tinha consciência de nenhum pecado que houvesse cometido e que fosse a causa das calamidades em que se via metido. Mas de modo geral as enfermidades demonstravam que ele havia pecado em algum ponto da vida do indivíduo. A declaração de Jesus de que o homem que nascera cego não devia isso nem a algum pecado seu nem a algum pecado de seus pais, foi um conceito revolucionário. Ver também Luc. 13.4,5.

Diferenças. "Havia uma notável diferença no rito da oferta pela culpa de um leproso e a oferta regular de culpa, descrita em Lev. 5.6 etc. No caso à nossa frente, não somente havia o acompanhamento de *azeite,* mas também a oferta pela culpa e o azeite eram movidos pelo sacerdote, o que não ocorria em nenhuma outra ocasião, em conexão com as ofertas pela culpa e pelo pecado" (Ellicott, *in loc.*).

Vs. 13. Usualmente, aquele que trazia os animais a serem sacrificados era quem os abatia, e, então, o sacerdote oficiante fazia o trabalho diante do altar. Mas no caso do homem que estava sendo purificado da *sara'at,* visto que ainda não estava religiosamente limpo, ele não podia abater os animais. Essa tarefa era reservada a amigos ou parentes, que agiam em lugar dele. Ver as notas sobre Lev. 1.5. O próprio indivíduo precisava impor as mãos sobre o animal, e assim fazer uma transferência simbólica. E, então, o animal (ou animais) sofria(m) por aqueles pecados. Ver Lev. 1.4.

No lugar. O abate ocorria no átrio do tabernáculo, ao norte do altar de bronze (Lev. 1.11; 6.25). O altar ficava no centro do átrio, antes da segunda cortina, aquela que barrava a entrada ao Lugar Santo.

Décimo Quarto Passo. O sacerdote e os membros masculinos de sua família tinham uma refeição comunal na área do tabernáculo, comendo aquelas porções que lhes pertenciam.

A Refeição. As porções dos sacerdotes, comidas na área do tabernáculo, eram chamadas *santíssimas.* Ver Lev. 2.3 quanto às designações *santíssimas* e *santas.*

14.14

Décimo Quinto Passo. Partes do corpo da vítima, que estava em processo de ser purificada, precisavam ser bezuntadas com sangue. Essas partes eram a ponta da orelha direita; o polegar da mão direita e o artelho grande do pé direito. Alguns estudiosos supõem que, originalmente, isso tivesse por intuito manter afastados quaisquer poderes demoníacos, e o sangue passado sobre o corpo tinha essa virtude. Ou, talvez, o demônio físico da *sara'at* tivesse assim de se manter afastado do indivíduo restaurado. As partes escolhidas para essa operação com o sangue, em cada caso ao lado direito do corpo, representavam o homem inteiro, bem como todos os seus atos possíveis.

Ver a exposição sobre Êxo. 29.20 quanto a sentidos que também têm aplicação aqui. O homem sempre deveria ouvir (a orelha) a Yahweh; sempre deveria trabalhar (a mão) para Ele; e sempre deveria andar nos caminhos (o pé) do Senhor. Desse modo, o homem era totalmente dedicado a Yahweh, de modo simbólico. Quanto a significados do sangue, ver as notas sobre Lev. 3.17.

14.15

Ver sobre o vs. 10 acerca do *sextário de azeite,* que agora passa a figurar na cerimônia. O azeite era posto sobre a palma da mão esquerda do sacerdote, um lugar conveniente para dali transferi-lo, mediante a mão direita, para as várias partes do corpo do homem (vss. 16 e 17). As referências na Mishnah dizem que um sacerdote punha o azeite na mão de outro sacerdote, mas não parece que houvesse um preceito da lei mosaica que assim requeresse. Ver *Negaim,* c. 14, sec. 10. Assim também disse Maimônides (*Mechosre Capharah* e Bartenora em *Mish. Negaim,* conforme visto acima). Parece que um sacerdote podia fazer sozinho o trabalho, ou podia pedir a ajuda de outro sacerdote, quanto a esse aspecto da cerimônia.

14.16

A Cerimônia da Aspersão de Azeite. Temos aqui o *décimo sexto passo* dos ritos de restauração da vítima de *sara'at.* O azeite não era levado ao interior do lugar Santo; mas o sacerdote, de rosto voltado naquela direção, mergulhava seu dedo indicador direito no azeite e salpicava-o por sete vezes sobre o chão do átrio. Tendo-se virado na direção do Santo dos Santos, o lugar da manifestação de Yahweh, ele assim agia "diante do Senhor". O dedo era mergulhado no azeite a cada ato de salpicar. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Número (Numeral, Numerologia)* quanto ao sentido do número *sete.* Esse era o número da perfeição divina, pelo que Yahweh ficava totalmente satisfeito com o que fora feito, e o homem era considerado totalmente restaurado à pureza cerimonial e religiosa.

Ver outros usos do número *sete* em Lev. 4.6,17; 8.11,33,35; 12.2; 13.4,5,21,26. Alguns desses versículos aludem ao ato de aspersão.

14.17,18

Décimo Sétimo Passo. Certas partes do corpo da vítima eram ungidas com azeite. As mesmas partes ungidas com azeite eram as que tinham sido bezuntadas com sangue (ver o vs. 14), e esse azeite era posto por sobre o sangue, de tal modo que as duas substâncias se misturavam. Em tipologia, temos o sangue da expiação e o azeite do Espírito, ambos válidos para o perdão e a purificação.

A cabeça da vítima era ungida com o que restava do azeite (vs. 18), pelo que a unção do Espírito tornava o homem *apto* para a adoração religiosa, tendo sido anulado o seu isolamento. A *sara'at* podia afetar a cabeça (Lev. 13.44), e assim o homem, mediante partes representativas, estava totalmente purificado. A expiação, a santificação e o poder estavam simbolicamente envolvidos. Nos dias do segundo templo, a unção com azeite era tida como uma parte especial da expiação. Os pecados do homem tinham atraído contra ele a *sara'at*, de acordo com a teologia dos hebreus. Ver acerca da oferta pela culpa, em Lev. 14.12,13, onde essa teologia é explicada. A teologia dos hebreus era inadequada quanto a causas secundárias, pelo que a Yahweh se dava o crédito ou o descrédito no tocante a todos os efeitos.

Fará expiação. Quanto aos vários tipos de sacrifícios envolvidos no rito, ver as notas sobre Lev. 14.10, em seu segundo parágrafo. Naquele ponto, dou referências onde podem ser obtidas as informações pertinentes.

14.19

Em Lev. 14.10, segundo parágrafo, dou os vários tipos de sacrifícios oferecidos pelo homem que estava sendo restaurado. Este versículo menciona dois desses sacrifícios, a oferta pelo pecado e o holocausto. As notas aludidas dão referências que ajudam o leitor a entender essas questões. As notas sobre Lev. 14.12,13, segundo parágrafo, explicam a teologia hebréia por trás desses ritos e sacrifícios.

Vss. 19,20. "O processo de ritos estava completo, tendo sido feita a oferta pelo pecado, com uma cordeira (vs. 10), e o holocausto (vs. 19), com um cordeiro. Esses eram acompanhados pela oferta de manjares (vs. 20)" (F. Duane Lindsey, *in loc.*).

14.20

Oferta de manjares. Ver Lev. 2.1-16 e 6.14-18.

Expiação. Ver sobre esse tema no *Dicionário.*

A combinação dessas duas formas de oferenda concluía o segundo e último estágio de purificação da vítima de *sara'at.* Isso lhe devolvia a pureza religiosa.

14.21

Décimo Oitavo Passo. Materiais alternativos para os sacrifícios e cerimônias eram permitidos para os pobres que não pudessem gastar com animais maiores.

Cf. esta passagem com Lev. 5.7,11 e 12.18 quanto a provisões similares em favor dos pobres. Os materiais referidos antes eram constituídos por *três cordeiros* e *três décimas* de um efa de farinha de trigo, ou seja, cerca de seis quilogramas, ou três *ômeres.* O ômer, a décima parte de um efa (ver Êxo. 16.36), era igual a cerca de 43 ovos de galinha, quanto ao peso. Ver as notas sobre o vs. 10 quanto a essa regra. O homem pobre, em contraste com isso, trazia apenas um cordeiro e terça parte dessa quantidade de farinha de trigo.

Sextário de azeite. Esse item é comentado no vs. 10 deste capítulo. O homem pobre tinha de trazer a mesma quantidade de azeite, como qualquer outra pessoa.

14.22

Duas rolas, ou dois pombinhos. Isso o homem pobre podia trazer, em lugar dos dois cordeiros. Aves eram abundantes e fáceis de obter. Cf. Lev. 1.14. Ver Lev. 1.14-16 em suas notas expositivas, quanto aos cinco animais que deviam ser sacrificados, e que incluem as duas espécies de aves mencionadas aqui.

Assim sendo, o homem pobre podia substituir e reduzir materiais, mas o resto da cerimônia era o mesmo, tanto para ricos quanto para pobres.

14.23

O homem pobre passava pelos mesmos ritos de purificação social (primeiro estágio) que cumpriam os outros homens. Coisa alguma é dita aqui sobre a *cerimônia das duas aves* (vss. 3-6), que o autor supôs que houvessemos de lembrar aqui, no caso de um homem pobre. Isso posto, o vs. 23 tem paralelo nos vs. 10 e 11, onde são dadas as notas expositivas.

14.24

Este versículo tem paralelo no vs. 12, onde são dadas as notas expositivas.

14.25

Este versículo tem paralelo nos vss. 13 e 14, onde são dadas as notas expositivas.

14.26

Este versículo tem paralelo no vs. 15, onde são dadas as notas expositivas.

14.27

Este versículo tem paralelo no vs. 16, onde são dadas as notas expositivas.

14.28

Este versículo tem paralelo no vs. 17, onde são dadas as notas expositivas.

14.29

Este versículo tem paralelo no vs. 18, onde são dadas as notas expositivas.

14.30,31

Décimo Nono Passo. Estes versículos são paralelos aos vss. 19 e 20, excetuando a substituição dos dois cordeiros por duas aves. Ademais, o material usado (farinha de trigo), no caso de um homem pobre, era uma terça parte apenas do que se exigia de um homem abastado. Ver as notas sobre o vs. 21 quanto a esse particular.

14.32

A lei geral havia sido declarada, com suas provisões variegadas, e, com essa observação, o autor interrompeu suas descrições. Cf. Lev. 13.59, onde achamos o mesmo tipo de afirmação concludente. Este versículo conclui as regras dos vss. 21-31 (os ritos do homem pobre). Os ritos do homem mais abastado não contavam com uma declaração concludente dessa natureza, e esta declaração é válida quanto a ambas as seções, ou seja, Lev. 14.10-20 e Lev. 14.21-31.

Lei acerca da Lepra em uma Casa (14.33-57)

Meu esboço diz lepra, mas devemos entender que os capítulos 13 e 14 de Levítico não estão descrevendo a hanseníase. Antes, vários tipos de afecções cutâneas estão em vista, além de mofos e míldios, em têxteis e em casas. No hebraico, a palavra sara'at apontava para uma única enfermidade, capaz de afetar pessoas e coisas. Mas essa enfermidade não era a lepra, embora lepra verdadeira pudesse ser ocasionalmente detectada pelos métodos utilizados. Discuti amplamente sobre essas questões nas notas introdutórias ao capítulo 13, e ofereci um diagrama nas notas sobre Lev. 13.59. Naquela referência discuto vários problemas envolvidos, incluindo o problema teológico. Ver também as notas introdutórias ao capítulo 14 de Levítico.

É indiscutível que a lepra não afetava nem afeta casas. Os intérpretes mais antigos, iludidos pela tradução da Septuaginta, lepra, procuravam afirmar que essa enfermidade pode infectar paredes. Mas isso se devia à ignorância deles. Estamos tratando aqui com mofos e míldios, isto é, condições provocadas por fungos, e não por bactérias causadoras de hanseníase. Nos dias de Moisés, as casas eram tendas feitas de peles de animais. Portanto, esta seção é apenas uma extensão do trecho de Lev. 13.47 ss., onde é discutida a questão da invasão da sara'at em tecidos e peles de animais. Posteriormente, as paredes de adobe podiam ser afetadas por fungos, que criavam manchas descoloridas. Os hebreus, ao contemplarem tal coisa, diziam: "A sara'at entrou na parede!" Mas era tudo apenas mofo e míldio.

Em Manaus, Amazonas, onde o clima é quente e úmido, o mofo ataca as paredes de madeira das casas feitas desse material. O vinagre mostra-se bastante eficaz na remoção dos fungos. Em Israel, entretanto, não eram conhecidos métodos eficazes de remoção, e assim, uma tenda ou casa podia ser condenada e destruída (vs. 45), por haver sido atacada pela temida sara'at.

14.33

Disse mais o Senhor. Essa fórmula muito repetida servia de artifício literário para introduzir novas seções. Mas também nos faz lembrar da inspiração divina das Escrituras. Ver as notas em Lev. 1.1 e 4.1.

14.34

Esta seção amplia a seção de Lev. 13.47-59, que tratou da sara'at em roupas e peles de animais. As tendas eram feitas de peles de animais, que também podiam ser infectadas pela praga, embora agora saibamos que mofos e míldios é que estão envolvidos nessas coisas, ou seja, fungos, e não o bacilo da temida lepra moderna. Casas feitas de pedras, de tijolos de argila e de massa também podem adquirir mofos, e isso se aplicava a Israel, uma vez que os filhos de Israel chegaram à terra de Canaã (vss. 34,42). O modo de proceder aplicado às casas era muito parecido com o que se dava com as pessoas e suas vestes, incluindo as quarentenas (vs. 38). As partes infectadas de uma casa não eram limpas, mas, antes, eram removidas e substituídas (vss. 39-42). Mas se o míldio tivesse tomado conta de uma casa, ela era simplesmente destruída (vss. 44,45). Se as medidas tomadas tivessem sucesso, então a casa passava por uma cerimônia de purificação e era declarada limpa, como se fosse uma pessoa. Ver os vss. 48-53 e cf. com os vss. 3-7.

Terra de Canaã. Os críticos vêem aqui um anacronismo, afirmando que os regulamentos aqui cobrem casas feitas de pedras, tijolos de argila e massa, o que refletiria um tempo em que o povo de Israel já se tinha estabelecido na Terra Prometida. E que a menção a esses materiais foi escrita naqueles tempos, e não por Moisés, por antecipação. Alguns eruditos conservadores vêem um aspecto profético nesta seção; mas outros tratam este trecho como uma adição subseqüente ao texto. Nesse caso, esta seção seria um adendo.

E eu enviar a praga da lepra. A praga da sara'at. A mente hebréia não pensava em uma invasão de microorganismos, visto que nada sabiam a esse respeito. Antes a praga era algum mal, talvez enviado por Yahweh diante de seu desprazer por causa do pecado. Assim sendo, se um homem tinha mofo em sua casa, talvez isso se devesse a algum pecado em sua vida, de acordo com a teologia da época. A sara'at era uma questão espiritual para os hebreus, e não apenas uma questão de saúde pública. Por isso no texto lemos que Yahweh enviava a praga da lepra.

Terra da vossa possessão. Assim chamada porque Canaã era a Terra Prometida a Abraão, no Pacto Abraâmico. Ver Gên. 15.18 e suas notas expositivas quanto ao Pacto Abraâmico. As tribos ali achadas foram expulsas, e assim Israel veio a possuir a terra de Canaã como sua legítima herança da parte do Senhor.

A versão caldaica de Jonathan fala sobre um homem que edificou uma casa com material furtado. Essa seria uma razão pela qual Yahweh haveria de amaldiçoar a tal casa com a temível praga da *sara'at*.

Os intérpretes antigos, influenciados pela tradução errônea da Septuaginta, *lepra,* insistiam, tolamente, em que a lepra é capaz de infectar uma casa. Alguns deles chegaram ao extremo de afirmar que tal praga ocorria somente na Palestina, devido à maldição de Yahweh, a fim de explicarem por que a lepra não continua atacando casas hoje em dia.

Temos, pois, o seguinte triste comentário: "Esse tipo de lepra provinha da mão imediata de Deus e era sobrenatural e miraculoso, conforme afirmaram os escritores judeus" (John Gill, *in loc.*).

14.35

Tal como o homem afetado pela praga tinha de apresentar-se ao sacerdote, se lhe surgissem os sintomas da *sara'at,* assim também fazia parte dos deveres civis e religiosos de um homem dar notícia de uma casa que, ao que parecia, havia apanhado a praga (*Misn. Negaim,* c. 5; Jarchi, *in loc.*). E era dever do *sacerdote* averiguar a questão, pois a praga, de acordo com a teologia da época, era um sinal do desprazer divino. Ademais, os sacerdotes eram aqueles que punham em vigor os regulamentos e eram os melhores conhecedores dos sintomas.

14.36

Temos aqui uma norma humanitária. Se a casa fosse primeiramente esvaziada, então, ao ser feita a inspeção, e a palavra *sara'at* fosse proferida, nesse caso os móveis e utensílios não seriam considerados imundos, ainda que (talvez) por longo tempo estivessem naquele lugar imundo. Mas se os móveis não fossem removidos, e a palavra *imundo* chegasse a ser proferida pelo sacerdote inspetor, então todo o mobiliário também seria considerado imundo, e tudo teria de ser destruído. Não somente os móveis, mas também *tudo* quanto estivesse no interior da casa, até mesmo um punhado de gravetos para fazer fogo (*Misn. Negaim,* sec. 5).

14.37

Faixas esverdeadas ou avermelhadas que corressem em manchas pelas paredes, parecendo formar baixo-relevo, ou formando depressões, tal como no caso de afecções cutâneas em seres humanos (ver Lev. 13.3), eram sinais seguros da *sara'at.* Sabemos que eram ataques de fungos, como mofo ou míldio. Mas os hebreus pensavam, equivocadamente, que isso seria uma "doença", como a que afetava os seres humanos. Os intérpretes mais antigos continuam insistindo aqui na "lepra", algo enviado diretamente por Yahweh, de forma sobrenatural etc., posto que tal maneira de pensar se originasse na ignorância dos fatos.

As *manchas,* de acordo com as regras em vigor na época do segundo templo, não precisavam ser muito grandes; manchas do tamanho de um feijão eram suficientes.

O caruncho (*Merulius lacrymans*) podia ser a afecção, em determinados casos. Trata-se de um fungo que transforma a madeira em pó. E deixa buracos e endentações.

14.38

A quarentena da casa por sete dias (ver Lev. 13.4, onde o número *sete* é explicado; ver também Lev. 13.4,21,26,50,54) ocorria como no caso de pessoas afetadas pela *sara'at.* Mas, como é claro, a mera espera por sete dias era totalmente inadequada para resolver qualquer condição. Sem dúvida, nenhum ataque de fungo cederia por si mesmo durante esse tempo, apesar das expectações. Mas os sacerdotes criam que, se Yahweh não tivesse afligido a casa, então a *sara'at* haveria de ceder nesse período. Cf. Lev. 13.50, onde o mesmo modo de proceder era usado no caso de vestes e peles de animais.

14.39,40

Terminado o período de sete dias, o sacerdote fazia nova inspeção, tal como sucedia no caso de pessoas ou de têxteis (ver Lev. 13.5 ss; 13.51). Se a condição tivesse persistido, então as partes infectadas seriam removidas e deixadas em um lugar aberto, fora da cidade, como coisas imundas. Cria-se que isso podia fazer parar a praga, e que a casa poderia ser usada sem ser considerada imunda, pois isso significaria sua total destruição. Seria mister algum tempo para que o fungo voltasse a atacar; mas o mais provável é que a umidade do meio ambiente viesse a produzir novo ataque de fungo. No entanto, se a infecção tornasse a *brotar na casa* (vs. 43), então esta seria tida como um caso perdido e teria de ser destruída. Mas se os hebreus antigos contassem com desinfetantes, os locais poderiam ser lavados e o fungo seria eliminado. Nosso conhecimento, até mesmo nosso conhecimento teológico, precisa ser renovado, e não apenas as paredes de nossas casas. A verdade é uma *aventura,* e não algo que se adquire de uma vez só. Deus mesmo guia-nos nessa aventura.

14.41

Uma Precaução Adicional. Embora agora invisível (pois as manchas de fungo haviam sido removidas), talvez a *sara'at* ainda estivesse oculta nas paredes. Por conseguinte, a casa era toda raspada por dentro e por fora, e todo o material assim recolhido era deixado fora da cidade, em montões. Essa raspagem provavelmente ajudava a casa a passar muito tempo antes que houvesse a próxima invasão por fungo, que reiniciasse todo o processo.

14.42

As pedras removidas eram substituídas por *outras* pedras; os lugares raspados recebiam nova argamassa. Assim sucede a toda a verdade. Idéias antigas são rejeitadas; idéias novas vêm tomar o seu lugar. O Novo Testamento substituiu o Antigo Testamento quanto a muitos pontos importantes. Deus está sempre removendo pedras antigas e substituindo-as por pedras novas. Trata-se de um processo eterno. Suas revelações nunca cessam. O avanço no conhecimento e na verdade é um processo eterno, pois ninguém chegará a conhecer toda a verdade de Deus, mas sempre estaremos avançando nessa direção. A estagnação, todavia, toma conta da vida e da mente dos homens que se recusam a permitir que as antigas pedras sejam removidas. Mas isso deixa a estrutura condenada. A verdade deixou para trás tal indivíduo.

14.43-44

Se a praga tornar a brotar. Nada nos é dito sobre a possibilidade de uma pedra, aqui e acolá, ou de uma peça de madeira, aqui e acolá, ser novamente infectada. Talvez em um caso médio desses, houvesse de novo o processo de remoção e substituição. Mas se a praga se tivesse *espalhado,* então a casa era simplesmente condenada, por causa de sua "lepra maligna", o que também acontecia no caso de vestes (ver os vss. 51 e 52 deste capítulo).

Um Caso Sem Esperança. É triste quando a nossa resistência ao bem e a Deus torna-se tão persistente e obstinada que não há mais remédio. E, então, tal casa corre o perigo de demolição. Oh, Senhor, livra-nos de tão grande estupidez!

Normas posteriores afirmavam que nenhuma casa, a menos que tivesse quatro paredes e fosse edificada com pedras, adobe e madeira, podia ser afetada pelas regras atinentes à *sara'at.* Muitas, muitíssimas casas, perderam-se. Mas casas feitas de tijolos e de mármore não estavam sujeitas à regra acerca da *sara'at.*

14.45

Derrubar-se-á, portanto, a casa. Era a demolição total. Seus escombros, talvez com a ajuda de animais, eram levados para um montão de imundícias, fora da cidade. Normas posteriores podem ter modificado o que prevalecia nos dias de Moisés. Para que uma casa fosse assim condenada, era mister que fosse feita de madeira, de pedras ou de tijolos. Casas assim, se manifestassem uma praga generalizada, estavam condenadas. Mas outros materiais usados não eram considerados afetados (*Misn. Negaim, c. 12, sec.* 2).

A Malignidade Moral. "Portanto, se, depois de terem escapado das contaminações do mundo, mediante o conhecimento do Senhor e Salvador Jesus Cristo, se deixam enredar de novo e são vencidos, tornou-se o seu último estado pior que o primeiro. Pois, melhor lhes fora nunca tivessem conhecido o caminho da justiça do que, após conhecê-lo, volverem para trás, apartando-se do santo mandamento que lhes fora dado" (II Ped. 2.20,21). Naturalmente, estão aqui em destaque os gnósticos, os quais corromperam a Igreja cristã primitiva. Ver na *Enciclopédia de Bíblia, Teologia e Filosofia* o artigo intitulado *Gnosticismo.* Mas a corrupção do espírito pode levar-nos a assumir características próprias dos gnósticos. Todavia, a graça de Deus, se for buscada por nós, será suficiente para impedir-nos disso.

14.46

A referência deste versículo é duvidosa. Parece referir-se a um período adicional de quarentena, de sete dias, embora tal período não seja mencionado. No caso de pessoas (ver o vs. 5 deste capítulo), uma quarentena adicional era imposta em casos duvidosos. Os cânones posteriores falavam em um período de três semanas. Durante esse tempo, ninguém podia entrar na casa suspeita; e, se o fizesse, era declarado imundo, e devia submeter-se ao longo processo de purificação. Ver no *Dicionário o* artigo *Limpo e Imundo, em seu quinto ponto,* quanto a esses ritos. Ver Lev. 11.24 e 23.32. O trecho de Lev. 11.25 nos mostra como era o processo de purificação.

Alguns estudiosos crêem que a quarentena aqui referida era de sete dias, mencionada no vs. 38. Nesse caso, temos aqui uma espécie de pensamento adicional por parte do autor sacro, que se lembrou da quarentena quando já ia bem adiantado em suas descrições.

O homem que entrasse em uma casa sob regime de quarentena tornava-se imundo mesmo que, segundo podemos imaginar, a casa fosse pronunciada limpa. Ou, então, o autor sagrado antecipa aqui que *esse* pronunciamento seria inevitável. Uma vez pronunciada imunda, ao menos tocar na casa *pelo lado de fora* era suficiente para fazer tal pessoa tornar-se imunda.

14.47

Se um homem ao menos entrasse em uma casa sob quarentena, seria considerado imundo (vs. 46). Mas se um homem dormisse ou comesse ali, então um contato tão prolongado serviria somente para complicar a sua situação. Não somente tal homem era reputado imundo, mas também suas roupas, e ele teria de lavá-las como parte da cerimônia de purificação. Presumimos que ele também tivesse de tomar um banho. Ver Lev. 11.25 quanto a explicações. Normas posteriores são ridículas. Se um homem entrasse em uma casa sob quarentena, mas comesse apenas meio pão de trigo branco, então não ficaria imundo. Mas se tivesse comido mais do que isso, ou seja, se realmente tivesse comido ali uma refeição, então seria tido como imundo, por ter ficado ali por tempo demais (*Misn. Negaim, c.* 13, sec. 8,9).

14.48

Se tivesse dado certo o trabalho de renovação, e se a praga *não se tivesse* manifestado de novo, então teria havido sucesso. A casa seria pronunciada *limpa,* e os ocupantes poderiam voltar a habitar nela. Os intérpretes pensavam que essa inspeção seria efetuada após a *segunda* semana de sete dias, e não após a quarentena original (vs. 39). Ver as notas sobre isso, no vs. 46. Tipicamente, isso ressalta a possibilidade da renovação moral. Algumas vezes, os homens conseguem dominar os seus vícios. A graça divina é necessária para isso.

14.49

Um sacrifício de purificação tinha de ser oferecido a Yahweh, fonte originária de todas as coisas, eventos e condições, pois a casa havia sido infestada pela *sara'at.* Os mesmos ritos são prescritos para a purificação da casa, conforme sucedeu ao indivíduo afetado. Ver os vss. 3-7. A diferença era que nenhum sacrifício de animal, ou seja, além das aves, tinha lugar. Este versículo tem paralelo em Lev. 14.4, onde são dadas as notas expositivas.

14.50

Este versículo tem paralelo em Lev. 14.5, onde são dadas as notas expositivas.

14.51,52

Estes versículos têm paralelo em Lev. 14.6,7, onde são dadas as notas expositivas.

14.53

Este versículo tem paralelo em Lev. 14.7, onde são dadas as notas expositivas.

14.54

Os vss. 54-57 atuam como uma espécie de declaração final sobre a matéria dos capítulos 13 e 14 de Levítico, sem mencionar cada item que foi apresentado.

Toda sorte de praga de lepra. Uma frase generalizadora, que não destaca cada manifestação por vez. As normas agora estavam determinadas, e era mister obedecer às ordens de Yahweh, a origem de todo conhecimento e moralidade. O vs. 54 refere-se à *sara'at* que afetava pessoas, longamente descrita em Lev. 13.2-46.

14.55

Este versículo menciona como foram dadas as regras concernentes à praga nas vestes (Lev. 13.47-59) e nas casas (Lev. 14.34-57).

14.56

Este versículo leva-nos de volta à questão da praga em pessoas (tal como no vs. 54), mostrando-nos os sintomas básicos de como a *sara'at* manifestava-se em seres humanos. Este versículo repete o trecho de Lev. 13.2, onde as notas expositivas devem ser examinadas.

14.57

O grande propósito moral de todas essas complexas regras é reiterado aqui. Os homens precisavam distinguir entre o que é *limpo* e o que é *imundo.* Cf. Lev. 11.47. O homem espiritual deve aprender a distinguir entre o bem e o mal, entre o que é próprio e o que é impróprio. O *conhecimento* e o *amor* são as duas grandes pedras fundamentais da espiritualidade. Essa é a atitude oposta à do *antiintelectualismo.* Ver a esse respeito no *Dicionário.* O conhecimento estava envolvido na distinção entre o limpo e o imundo. Esse discernimento sempre fará parte importante da fé religiosa, e não há nenhuma contradição entre o intelecto e as experiências místicas.

"Aben Ezra observou que um dos deveres dos sacerdotes era *ensinar* os homens; e eles, mediante as leis e regras dadas acima, eram instruídos sobre como julgar casos (de *sara'at*), e, através disso, estavam capacitados a decretar que pessoas ou coisas eram limpas ou imundas" (John Gill, *in loc.*). Ver na *Enciclopédia de Bíblia, Teologia e Filosofia* o verbete chamado *Ensino.*

Capítulo Quinze

Lei acerca das Excreções de Homens e Mulheres (15.1-33)

O *sexo* é uma atividade supremamente *física.* Essa é a atividade física em que algumas pessoas encontram seu maior prazer (talvez excetuando meios artificiais de prazer mórbido, como os alucinógenos). Algumas pessoas vivem exclusivamente para o sexo. Na verdade, há pessoas que são meros animais sexuais, e, na mente delas, tudo na vida gira em torno do sexo. Talvez por causa de o sexo ser uma questão *física* suprema alguns homens, que procuram ser *espirituais,* chegam a pensar que existe algo de imundo, vil ou, pelo menos, inferior, na vida sexual. Desse sentimento foi que surgiu a prática do celibato, em muitas esferas religiosas, como se fosse um sinal de superioridade, próprio do homem espiritual. Assim, dos padres da Igreja Católica Romana espera-se que vivam uma vida celibatária, embora poucos consigam realizar esse ideal. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Celibato.*

Minhas fontes informativas não concordam entre si quanto a essa particularidade. Um senso de *desgosto natural* no tocante ao sexo tem invadido a mente subconsciente de muitos homens espirituais, talvez até da *maioria* deles. Por outra parte, nossa razão mostra-nos que isso é um exagero. Alguns intérpretes negam que os hebreus pudessem ter tais sentimentos. Em conseqüência,

obtemos comentários como aquele que diz: "Não nos é sugerido (cap. 15) que essas secreções (sexuais) sejam más, ou que o sexo seja tabu. Em ocasiões santificadas, como na adoração (Êxo. 19.15), ou na condução de guerra santa (I Sam. 21.4-6), era requerida a abstinência sexual" (*Oxford Annotated Bible, in loc.*, comentando sobre Lev. 15.16-18). Também vemos esse sentimento inerente nas seguintes citações:

"*Religião e Sexo.* Este capítulo volve-se para as secreções ligadas aos órgãos sexuais. Podemos concordar com o comentário de Christopher North de que 'no seu todo, a verdadeira religião consiste em sã higiene'. E *também* podemos salientar, juntamente com Driver e White que certo senso de *desgosto natural* e pejo tem-se desenvolvido em conexão com a religião e o sexo, pois ambos pertencem à esfera do que é sagrado. Há aqueles que têm tentado viver como se o sexo não tivesse papel em suas vidas. Isso apenas conduz ao desastre. E não menos desastrosa é a noção puramente materialista ou física do sexo. O homem nem é um anjo nem é uma fera, e, sim, uma pessoa composta de corpo e alma, em *união* indissolúvel, que perdura enquanto perdura a própria vida. . . Um princípio normativo para os crentes é que a natureza sexual do homem deve ser francamente reconhecida e aceita por ele, e o sexo deve ser mantido dentro de seus devidos limites, mediante a reverência diante de sua natureza espiritual" (Nathaniel Micklem, *in loc.*).

"Este capítulo define *quatro casos* de polução cerimonial, um caso crônico e um caso periódico masculino e um caso crônico e um caso periódico feminino. Todos os quatro casos referem-se a emissões provindas dos órgãos sexuais (embora alguns eruditos pensem que os vss. 2-12 aludam a hemorróidas). Quanto a possíveis motivos pelos quais essas emissões eram consideradas contaminadoras, ver os comentários sobre Lev. 12.1-5" (F. Duane Lindsey, *in loc.*).

15.1

Disse mais o Senhor. Uma fórmula literária freqüente no Pentateuco. Ela introduz alguma nova seção, como um artifício literário dotado de função. Entretanto, também faz-nos lembrar de que estava em operação a divina inspiração das Escrituras. Ver Lev. 1.1 e 4.1 quanto a notas completas sobre isso e suas implicações teológicas.

15.2

Primeiro Caso: *vs. 2-15.* Um caso crônico de fluxo seminal. Provavelmente a gonorréia ou alguma enfermidade venérea similar.

Moisés *continuava instruindo* o povo. Uma grande massa de legislação acompanhava os dez mandamentos originais (ver Êxo. 20) e chegou a fazer parte da legislação mosaica, a *Carta Magna* de Israel. Ver nas notas introdutórias a Êxo. 19 os comentários sobre o *Pacto Mosaico.* Entre essas instruções havia as leis concernentes às quatro secreções sexuais, descritas neste capítulo, que poderiam ser contaminações ou imundícias cerimoniais. Ver minha discussão sobre os problemas básicos de tal conceito, nas notas introdutórias ao presente capítulo.

Fluxo seminal. Os estudiosos não concordam quanto ao que seria essa secreção. Alguns dizem *hemorróidas,* descritas nos vss. 2-12 deste capítulo, mas essa condição dificilmente pode ser chamada de *secreção.* Outros pensam que alguma *doença venérea* está em foco, em que o pus era erroneamente interpretado, pelos antigos hebreus, como uma espécie de fluxo seminal. Outros falam em *ejaculação descontrolada,* uma condição que afeta alguns poucos homens. Disse F. Duane Lindsey (*in loc.*): "A *secreção* crônica ou a longo termo, aqui descrita, provavelmente fosse a *gonorréia*". Naturalmente, existem outras doenças venéreas que causam alguma secreção crônica; mas afinal não tem muita importância a identificação exata da doença venérea. Qualquer uma das doenças venéreas deixava o homem imundo, bem como as coisas que fossem tocadas por tal homem. Ver no *Dicionário* o artigo *Limpo e Imundo.*

A Septuaginta diz aqui *gonorréia,* palavra derivada de *gonos* (semente) e *rheein* (fluir). Naturalmente, daí vem o nome dessa bem conhecida doença venérea.

As normas hebréias antecipavam que esses fluxos eram oriundos de uma vida debochada, ou, pelo menos, nesse caso, a razão da imundícia era óbvia. O Targum de Jonathan também antecipava um fluxo não-crônico, que acabaria cessando. Assim, se um homem tivesse apenas três incidentes de fluxo, seria considerado limpo. Mas se o fluxo persistisse, então era declarado *imundo* (*Zabim,* c. 1, sec. 1; *Maimônides* e *Bartenora,* c. 5, sec. 1). Se lhes faltava conhecimento, em qualquer sentido científico, sobre as doenças venéreas, os hebreus, mediante a observação e a experiência, tinham consciência de que certas condições anormais eram causadas pelo sexo. E o melhor que podiam fazer era pôr tais coisas dentro do contexto religioso, declarando que essas condições eram imundas. As pessoas assim infectadas sofreriam o impacto das leis sobre o limpo e o imundo.

15.3

Duas condições possíveis são aqui descritas. Em *primeiro lugar,* temos a gonorréia de fluxo livre, ou alguma outra doença venérea que causava fluxo. Em *segundo lugar,* temos uma condição de *obstrução,* na qual o fluxo era impedido de sair. A gonorréia pode causar total obstrução do pênis, pois a invaginação interior do órgão sofre aderências que fecham completamente o canal. Os comentários mais antigos passavam por cima dessa passagem em virtual silêncio, devido a um embaraço pudico. Um homem era declarado imundo em ambas essas condições. Isso o impedia de manter relações sexuais, o que tinha algum valor para impedir a propagação da doença.

15.4

O pobre sujeito com gonorréia contaminava onde quer que se deitasse ou sentasse. Uma boa dose de penicilina teria resolvido a questão toda, mas isso teria de esperar pelos meados do século XX D. C. O indivíduo afetado poluía tudo: sua cama (vs. 4), sua cadeira (vs. 6), sua própria pessoa (vs. 7), aquele sobre quem cuspisse (vs. 8), sua sela de montar (vs. 9) e qualquer coisa que entrasse em contato com o seu fluxo. Em certos sentidos, sua capacidade de poluir era maior que a dos que tinham a *sara'at* (a praga; ver capítulos 13 e 14 de Levítico).

Seus contatos eram poluidores, de acordo com as leis posteriores, e podiam ser transmitidos por qualquer posição imaginável que ele assumisse, como ficar de pé, deitar-se, pendurar-se ou apoiar-se. Se se pusesse de pé sobre duas camas, um pé em uma e outro, em outra, ambas ficariam poluídas. Mas havia uma exceção: se um homem se sentasse sobre um balde emborcado, não o poluiria, pois esse não era um lugar usual para as pessoas ali se sentarem (Maimônides e Bartenora, em *Misn. Niddah,* c. 6, sec. 3).

A antiga prostituição religiosa, através dos devotos de Astarte e Baal-Peor, muito contribuiu para propagar as doenças venéreas nos tempos antigos. O povo de Israel, ao entrar em contato com esses cultos, sem dúvida, trouxe muitas enfermidades dessa natureza para suas fileiras. O grande poder poluidor dessa enfermidade, de acordo com as leis cerimoniais dos hebreus, provavelmente estava escudado sobre a idéia da natureza vil da questão, originária da prostituição, em um sentido ou outro.

15.5,6

Qualquer pessoa que fosse tocada por um homem poluído ficaria imunda até a tarde, e teria de passar pelos ritos de purificação. Mas até mesmo qualquer *objeto* podia poluir uma pessoa sã, *se* algum homem contaminado tivesse tocado tal objeto. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Limpo e Imundo,* em seu quinto ponto, sobre os ritos cerimoniais. No caso em pauta, três coisas estavam envolvidas: 1. As roupas precisavam ser lavadas. 2. O próprio indivíduo precisava banhar-se completamente, mergulhando em um tanque com esse propósito, ou em algum outro lugar que tivesse água abundante. 3. O homem tinha de esperar até a tardinha (o fim de um dia e o começo de outro) para estar livre de sua imundícia. Cf. Lev. 11.24,25,27; 14.46; 15.5-7,10,16,17 etc.; 17.15 e 22.6.

O indivíduo sexualmente imundo, por causa de sua secreção, ficava separado da comunidade. Sua vida sexual havia chegado ao fim, e assim não continuaria espalhando a doença. Desse modo, pelo menos *algumas* doenças sexualmente transmissíveis eram refreadas por meio do isolamento, tal como se dava com a *sara'at* (afecções cutâneas), descrita nos capítulos 13 e 14 de Levítico.

15.7

Temos aqui os regulamentos atinentes ao ato de tocar no próprio indivíduo afetado. A palavra *tocar,* neste caso, inclui o contato sexual, mas sem dúvida qualquer tipo de *toque* era suficiente para poluir uma pessoa ainda não contaminada. (*Zabim,* c. 5, sec. 1,7). Qualquer pessoa que tocasse em um homem assim contaminado precisava submeter-se aos ritos de purificação, conforme descrito nos vss. 5 e 6 deste capítulo.

15.8

A saliva do homem imundo também era considerada contaminada. É possível que os antigos hebreus pensassem que a saliva de um homem contaminado estivesse poluída, tal como o fluxo da gonorréia, e tal como modernamente a AIDS satura todos os fluidos do corpo, incluindo a saliva. A gonorréia não faz isso, mas os antigos não tinham como saber desse fato. Mas sem importar se eles sabiam ou não se a saliva continha a praga, isso não fazia diferença para eles. Algo tão pessoal quanto a saliva, sem dúvida, seria um agente poluidor, com doença ou sem doença. Assim, quem entrasse em contato com a saliva de um homem infectado teria de passar pelo rito de purificação, descrito nos vss. 5 e 6 deste capítulo.

A transferência de saliva poderia ser propositada ou acidental. Um homem podia tossir ou espirrar, e, então, uma casa inteira ficava poluída. Ou, então, ele

teria um defluxo nasal, e o fluxo que saísse de seu nariz também seria poluidor (*Hilchot Metame Mish.* c. 1, sec. 16).

Tipologia. Nesta passagem seria retratada a poluição e a contaminação causadas por um homem através do uso da boca, dos pecados da língua, como a maledicência. Ver Tia. 3.5 ss. Ver a *Enciclopédia de Bíblia, Teologia e Filosofia quanto ao verbete intitulado Linguagem, Uso Apropriado da.*

15.9

Até mesmo o veículo (sua montaria) de um homem e a sela que usava sobre o animal ficariam contaminados por ele, pelo que ninguém podia ao menos aproximar-se do cavalo do homem, se sobre ele estivesse a sela do homem contaminado. A mesma regra aplicava-se a qualquer animal de carga sobre o qual ele se sentasse. Regras posteriores incluíam qualquer acessório que pertencesse a seus animais e que ele tocasse. A palavra *sela* é disputada neste ponto. Poderia significar *carruagem* ou qualquer veículo usado como transporte. A palavra *cobertura* também tem sido sugerida. Qualquer coisa que um homem pusesse em um veículo ou sobre um animal ficava contaminada por seu toque.

"Quando ele montava sobre qualquer *animal de carga*, cavalo, jumento ou camelo, *qualquer coisa* posta sobre a criatura e sobre a qual ele se sentasse, como a sela, ou qualquer coisa pertinente a ela, os acessórios, *tornavam-se imundos*, impróprios para uso" (John Gill, *in loc.*).

15.10

Este versículo é propositadamente *geral*, dizendo que qualquer coisa que o homem contaminado viesse a tocar (ao sentar-se) tornava-se imunda; e qualquer pessoa que tocasse no objeto imundo ficava, ela mesma, imunda. A preposição *debaixo* limita a questão. A parte do corpo que senta, onde havia a emissão imunda, *essa* era a parte que poluía. Todas as pessoas poluídas, se não mesmo as que estivessem enfermas, teriam de passar pela purificação ritual, descrita nos vss. 5 e 6 deste capítulo.

15.11

Se um homem com gonorréia *tocasse* em outrem *com sua mão*, a pessoa tocada também ficaria imunda, a menos que pouco antes a pessoa que fizesse o toque tivesse lavado suas mãos em água corrente. Talvez a idéia dessa regra fosse que o homem contaminado poderia ter tocado na emissão com a sua mão, ao urinar, e assim a secreção agora estivesse em sua mão. Essa mão poluída, se tocasse em outra pessoa, haveria de contaminá-la. A mesma regra aplicava-se a objetos. Um objeto tocado pela mão não-lavada de um homem imundo também ficava imundo. Esse é o único caso, dentro da legislação mosaica, em que a lavagem das mãos exerce um presumível poder de prevenir doenças. Mas talvez a questão da higiene não esteja em vista aqui, mas tão-somente a impureza cerimonial. A questão talvez fosse vista do ponto de vista religioso e não do ponto de vista da higiene pessoal.

Nesta altura, Adam Clarke (séculos XVIII e XIX D. C.) informou-nos que as autoridades médicas de seus dias pensavam que a gonorréia se propagava por meio da saliva e do suor da pessoa enferma.

15.12

Vasos poluídos, feitos de barro, capazes de absorver as infecções, precisavam ser quebrados. Mas vasos de madeira e de metal podiam ser lavados e limpos, pois não são feitos de material absorvente. O mesmo regulamento valia nos casos de *sara'at*, nas doenças cutâneas descritas nos capítulos 13 e 14 de Levítico, sem falar em outros modos de transmissão de imundícias. Ver Lev. 6.28 e 11.33. Os judeus, ao comprarem instrumentos para sua casa, literalmente batizavam-nos para livrá-los das poluções que tivessem adquirido "lá fora". Temos aqui uma boa prática do ponto de vista da higiene, e não apenas do ponto de vista da religião. Ver o interesse em lavar as coisas, nos dias de Jesus (Mar. 7.4), que Ele considerou um exagero, como se alguém estivesse dando grande valor a coisas de somenos, ao mesmo tempo em que eram negligenciadas coisas de grande peso espiritual.

15.13

Fica aqui entendido que o sacerdote inspecionou as condições e descobriu que o fluxo havia cessado. Talvez a condição não fosse verdadeiramente venérea, ou, talvez, tivesse retrocedido; ou, então, como também sucede, a doença continuasse presente, mas sem algum fluxo óbvio. Muitas pessoas apanham gonorréia sem apresentar sintomas, mas estão infectadas, afinal. Nosso sistema de imunização pode vencer os sintomas, mesmo sem a doença. Assim, o homem examinado talvez não estivesse realmente livre de sua enfermidade, mas apenas parecesse estar. Todavia, a antiga sociedade hebréia estava reduzida a trabalhar com meros *sintomas*, visto que não dispunha de laboratórios de análise clínica.

Contar-se-ão sete dias. Tal como no caso da *sara'at* (ver Lev. 13.5,21,26,31,33,50,54; 14.8,38), esse era um período de *quarentena.* Se, durante esse período, o fluxo começasse de novo e então cessasse uma vez mais, um novo período de quarentena começaria a ser contado. Podemos supor com razão que muitos homens com gonorréia voltassem ao convívio social, parecendo que sua enfermidade tinha sido curada. E assim, a gonorréia acabava infeccionando a muitas mulheres inocentes, conforme sempre tem acontecido nos casos de doenças venéreas. *Sete* era o número divino da perfeição. Ver sobre esse número no artigo do *Dicionário* chamado *Número (Numerai, Numerologia).*

Se, ao fim do período de sete dias, o fluxo não tivesse voltado, então tinha começo o rito de purificação. O *primeiro passo* consistia em lavar as roupas e efetuar o banho ritualista, quando o homem era inteiramente imerso em água. Ver os vss. 5 e 6 deste capítulo. *Em seguida*, havia os *sacrifícios*, que faziam parte do ritual (vss. 14 e 15).

15.14

Ver Lev. 1.14-16 quanto aos *cinco* animais que podiam ser sacrificados. Entre eles estavam as duas espécies de aves aqui mencionadas. Essas aves eram usadas como oferendas pelos pobres, que não podiam gastar com animais de grande porte, como o touro, o carneiro e o bode. No presente caso, porém, não parece estar envolvida a questão financeira. Esse sacrifício simplesmente não requeria as grandes despesas feitas com os animais maiores. Aves eram suficientes.

O trecho de Lev. 5.8-10 mostra-nos o modo de proceder com as aves a serem sacrificadas, e o leitor pode ver, naquele ponto, as notas sobre a questão. Ver também Lev. 12.8; 14.22.

Perante o Senhor. Ou seja, posicionado diante do altar dos holocaustos, defronte da segunda cortina, que fechava o Lugar Santo para quem estava no interior do átrio. Do outro lado dessa cortina ficava o Lugar Santo. E então, separando o Lugar Santo do Santo dos Santos, havia a terceira cortina. Era no Santo dos Santos que se manifestava especialmente a presença divina. Ver o gráfico sobre a *planta* do tabernáculo, antes da exposição sobre Êxo. 25:1, onde apresento um gráfico ilustrativo. Os sacrifícios eram feitos com as pessoas voltadas em direção ao Santo dos Santos, ou seja, "perante o Senhor".

À porta da tenda da congregação. Ou seja, a primeira cortina, que separava o átrio do mundo exterior. Ver as notas sobre as *três* cortinas do tabernáculo, em Êxo. 26.36.

15.15

Este os oferecerá. Quanto ao modo de proceder com os sacrifícios das aves, ver as notas sobre Lev. 5.8-10.

Oferta pelo pecado. Ver Lev. 6.25,30 quanto a notas expositivas, e cf. Lev. 4.1-35.

Holocausto. Ver Lev. 6.9-13 quanto à exposição, e cf. Lev. 1.3-17. Ver as notas sobre Lev. 1.3 quanto à *tipologia* e outros detalhes envolvidos nessas oferendas.

Os sacrifícios eram requeridos porque se pensava que aquele que tivesse apanhado tal enfermidade estava sendo castigado por Yahweh e precisava ter seus pecados perdoados. Em tempos posteriores, a questão era tratada com grande severidade. Um homem assim afligido era isolado fora do arraial (Núm. 5.1-4). E durante os dias do segundo templo, não podia participar da refeição pascal e era banido da área da cidade santa. Davi, ao invocar uma maldição contra os seus inimigos, desejou que eles apanhassem gonorréia (II Sam. 3.29)!

15.16

Segundo Caso: vss. 16-18. Purificação do homem com fluxo periódico. Aqui os psicólogos se divertem. O contato sexual, mesmo entre pessoas legalmente casadas, fazia tanto o marido quanto a mulher envolver-se em *imundícia.* Eles não *pecavam* ao assim fazerem; pois se essa fosse a idéia, então eles teriam de trazer sacrifícios (conforme se vê nos vss. 14 e 15). Mas ficavam impedidos de participar da adoração religiosa, e tinham de passar pelas purificações ritualistas. Já discuti sobre o problema do sexo em relação à fé religiosa, na introdução a este capítulo, pelo que não repito aqui a matéria.

A mente hebréia via algo de imundo na emissão seminal normal. Podemos pensar nas emissões noturnas, comuns e sem nada de patológico, que todos os homens experimentam, ou podemos pensar na emissão que ocorre no sexo normal. Os reservatórios do fluido seminal têm somente certa capacidade. Quando cheios (por não serem esvaziados pela atividade sexual normal), devem ser esva-

ziados. Isso ocorre à noite, enquanto o homem dorme. Um sonho erótico, com freqüência, ajuda o fenômeno a ter lugar. Podemos supor que outras emissões (não-patológicas) também estejam incluídas neste texto, como a ejaculação prematura, ou mesmo a masturbação, embora pareça que aí já teríamos casos considerados pecaminosos, que alguns chamam de pecado de onanismo, embora a masturbação não seja a mesma coisa que o *coitus interruptus.* O *coitus interruptus* sem dúvida está incluído na lei dos fluxos, mas estou admitindo aqui o que também era considerado pecaminoso. Ver Gên. 38.4 ss. Mas devemos lembrar que Onã estava desobedecendo à lei do levirato (ver no *Dicionário* o artigo chamado *Matrimônio Levirato). Esse* foi o pecado dele. Mas talvez a interrupção do ato sexual, para impedir a gravidez, também fosse considerado um ato pecaminoso. Cf. este versículo com Deu. 23.10.

Sem importar como ocorresse a emissão de fluidos seminais, e sem importar se o ato era considerado pecaminoso ou não, a própria emissão tornava imundos tanto o homem quanto a mulher. Precisavam tomar o banho cerimonial e ficavam imundos até o anoitecer. Ver Lev. 15.5 quanto a notas e referências concernentes a ficar alguém imundo até o cair da noite.

Imaginemos quanta água foi usada no deserto, somente porque as pessoas levavam vidas sexuais normais! Cada banho cerimonial precisava ocorrer em um tanque grande o bastante para que a pessoa pudesse imergir o corpo inteiro. Podemos supor que a água fosse usada novamente.

A ciência tem-nos mostrado que o homem que se lava após o contato sexual tem chances muito maiores de evitar o câncer do pênis, visto que as bactérias não removidas podem dar margem a essa condição patológica. Mas os costumes em Israel parecem ter sido que um homem não se lavava senão já no dia seguinte. Tomava seu banho pela manhã e, então, ficava cerimonialmente imundo até a noite. Ritos similares ocorriam em outras culturas. Os sacerdotes egípcios consideravam-se contaminados quando tinham sonhos que provocavam emissões noturnas. E precisavam banhar-se para ficarem limpos. Todo islamita precisa tomar o seu banho, se praticou o sexo, antes de oferecer as suas orações. Ver o *Alcorão* 4.46. Esse também era o hábito entre os sacerdotes judeus. O trecho de Deu. 23.10,11 determina um banho à noite, mas a prática foi aparentemente modificada em tempos posteriores.

15.17

As leis que se aplicavam às pessoas também eram aplicadas a vestes e a peles de animais, sem importar com que propósito fossem usadas. Esses objetos eram considerados imundos enquanto não fossem lavados e não chegasse a noite, quando terminava o dia e tinha começo um novo dia. A lei era geral, aplicando-se a qualquer objeto que porventura entrasse em contato com o fluido seminal. Quanto a uma aplicação metafórica de *vestes imundas,* ver Jud. 23. Cf. Lev. 13.48.

15.18

A lei que se aplicava a pessoas e a objetos inanimados, como é óbvio, também se aplicava às mulheres. Elas tomavam seu banho cerimonial e permaneciam imundas até o anoitecer. A abstinência de deveres conjugais era considerada uma preparação necessária para a realização de deveres sagrados. Ver Êxo. 19.15 quanto a essa atitude. A refeição sagrada não podia ser tomada se a pessoa tivesse praticado sexo recentemente e não houvesse passado pela cerimônia de purificação (I Sam. 21.5,6). Alguns eruditos pensam que parte da razão de tudo isso era moderar o sexo, até mesmo dentro das relações do matrimônio. Um homem que tivesse de tomar um banho de cada vez em que praticasse o sexo, sob pena de não poder participar de funções religiosas por esse motivo, provavelmente teria menor número de contatos sexuais. Idênticos regulamentos ocorriam entre os egípcios, os babilônios e os indianos, e, em tempos posteriores, entre os muçulmanos.

É provável que muitas pessoas simplesmente ignorassem essas regras, tal como hoje em dia os católicos "fiéis" ignoram as ordens papais sobre o controle de nascimentos.

Havia um estranho costume na antiga Babilônia. O homem e a mulher que tivessem praticado o sexo tinham de se sentar ao lado do incenso sagrado, ato contínuo. E então, ao amanhecer, eles tomavam o banho ritualista, tendo o cuidado de não tocar em certos objetos enquanto não estivessem *limpos.* (Ver Heród. *Clio* sive, 1.1 c. 198).

15.19

Terceiro Caso: Purificação da mulher de sua imundícia causada pela menstruação.

O décimo quinto capítulo nos dá *quatro casos:* ver Lev. 15.2 ss.; 15.16 ss., quanto aos dois primeiros casos; e Lev. 15.19 ss. e 15.25 quanto ao terceiro e ao quarto caso. Ver a introdução a este capítulo quanto a uma discussão sobre como o sexo relaciona-se à fé religiosa, e como os antigos hebreus solucionavam a questão.

A mulher, em face de sua menstruação, era considerada imunda por *sete dias;* o contato com a mulher durante os dias de sua menstruação era algo estritamente proibido (Lev. 18.19; 20.18). Se, por acaso, o período começasse quando estava tendo sexo com seu marido, então ambos ficavam imundos. E assim cada qual ficaria imundo a seu modo, por terem praticado o sexo e porque a mulher tinha ficado menstruada (vs. 24). O trecho de Lev. 20.18 mostra-nos que a lei original era que o homem e a mulher que fizessem sexo, durante a menstruação dela, seriam ambos *executados.* A punição capital, porém, foi mitigada para os sete dias de imundícia (Lev. 15.24). Assim, Lev. 20.18 nos dá a lei mais antiga; e Lev. 15.24 nos dá a lei mitigada.

A mulher imunda deixava imundo tudo aquilo em que ela tocasse, pessoas e objetos. Esta passagem assemelha-se à que trata da gonorréia (Lev. 15.2 ss.).

15.20

A mulher imunda ficava em uma situação deveras embaraçosa. E o pior é que ela tinha de enfrentar isso em uma média de sete dias por mês! Tudo em que ela tocasse ficava imundo: seu leito, as coisas sobre as quais ela se sentasse etc. Era como se ela tivesse adoecido, sendo tratada como uma leprosa temporária, excetuando que ela não era enviada para fora do arraial. Na antiga literatura, achamos toda sorte de coisas estranhas no tocante à mulher menstruada. Acreditava-se que, se uma mulher, nessas condições, se sentasse sob uma árvore frutífera, os frutos da árvore cairiam. Acreditava-se que sua mera presença poderia estragar alimentos e fazer instrumentos de metal emitir um cheiro repelente. Os parses nem ao menos permitiam que uma mulher menstruada falasse com outras pessoas enquanto continuasse em tal condição. Para outros, até um pé-de-vento que passasse por uma mulher e fosse soprar sobre outra pessoa tornava esta última imunda. Em algumas culturas a mulher menstruada era isolada, sendo tratada como uma leprosa temporária.

15.21

A mulher poluía os objetos nos quais tocasse e, se alguém viesse a tocar em tais objetos, então, automaticamente, também ficava imundo. A pessoa teria de lavar suas roupas e então tomar o banho ritual, esperando até o fim do dia para ficar limpa. Cf. Lev. 15.5,6, onde as notas expositivas também têm aplicação aqui. As mesmas regras aplicavam-se neste caso, conforme já tínhamos visto no caso dos vss. 4-6 deste capítulo.

15.22

Este versículo amplia o material dado no vs. 21. O leito da mulher menstruada ficava imundo; e também tudo aquilo em que ela se sentasse, tal como no caso do homem com gonorréia (vss. 4-6). À mulher era dado algo para ela sentar-se com exclusividade, para impedir novas poluções; mas alguém, por acidente, ou por esquecimento, podia sentar-se sobre tal objeto (Targum de Jonathan).

15.23

Se o líquido menstruai gotejasse sobre qualquer coisa, então, como é óbvio, essa coisa ficava imunda, e quem tocasse na coisa também ficava imundo. Plínio pensava que o fluido menstrual era muito infeccioso, transmissor de várias enfermidades (*Hist. Nat.* 1.7 c.15). Mas mesmo que não houvesse tal líquido, qualquer coisa em que uma mulher tocasse, durante os dias de sua menstruação, ficava igualmente imunda, e quem tocasse em tal objeto também ficava imundo.

15.24

Podemos considerar de vários ângulos este versículo, especialmente quando o confrontamos com Lev. 20.18. Esta última passagem requer a pena de morte para o homem e a mulher que ousassem praticar o sexo durante o período de sua menstruação. Isso posto, o trecho de Lev. 15.24 poderia refletir uma lei posterior e mitigada, que veio a substituir a lei original, mais severa. Ou, então, o vs. 24 refere-se a casos *acidentais* nos quais um homem tenha sexo com uma mulher menstruada, antes de surgirem evidências externas; ou, talvez, o período dela se iniciasse exatamente no momento do contato sexual. Nesses casos acidentais, ambas as pessoas ficavam simplesmente imundas. Mas os que assim fizessem, *a propósito,* seriam punidos mediante a execução capital, provavelmente por meio de apedrejamento. Naturalmente, muitas pessoas estavam praticando o sexo nesses momentos críticos, mas nada diriam a ninguém. Isso seria algo que ninguém gostaria de propagar. Os casos acidentais incluíam ter sexo com uma mulher quando se pensava que seu período menstruai já havia terminado, mas não era verdade. A contaminação assim adquirida perdurava por sete dias (Lev. 15.24).

Havia toda espécie de superstição acerca dos resultados maléficos de fazer sexo com uma mulher menstruada. Os filhos porventura gerados por tais atos podiam contrair a lepra ou outras condições patológicas. Uma de minhas fontes informativas diz que esse era "um ato grosseiro e presunçoso". Outra chama o ato de "grosseira impiedade". Somente uma delas diz que o ato era apenas "inconveniente". E outra ainda diz que o "bom senso" recomenda que deixemos de lado tais mulheres, durante os dias de sua inconveniência.

15.25

Quarto Caso: Purificação de uma mulher com um fluxo menstruai crônico (provavelmente de origem patológica). Ver sobre os outros três casos em Lev. 15.2 ss.; 15.16 ss. e 15.19 ss. A condição descrita nesta seção poderia ser muito difícil e longa, embora não fosse uma menstruação patológica. Mas sem dúvida estavam incluídos aqueles fluxos de sangue a nada têm que ver com a menstruação, sendo condições patológicas do útero, como tumores benignos e malignos, causadores dessas emissões. Uma das curas *miraculosas* de Jesus foi precisamente a de uma mulher que era vítima de um fluxo de sangue fazia muitos anos (Mar. 5.25-34; Luc. 8.43-48). Considerando-se as regras levíticas acerca da condição da mulher, não admira que aquela mulher tivesse ficado tão perturbada quando Jesus revelou a presença dela e as suas condições, para aqueles que se acotovelavam com ela em meio à multidão!

Em casos crônicos, a mulher simplesmente permanecia imunda, enquanto persistisse o fluxo, e *todas* as condições impostas à mulher que tinha menstruação normal eram-lhe impostas. Ela ficava permanentemente imunda se suas condições fossem permanentes.

15.26

Este versículo tem paralelo nos vss. 20 e 21. As notas expositivas dali aplicam-se também aqui.

15.27

Este versículo tem paralelo no vs. 22. As notas dadas ali se aplicam também aqui. Ver as notas sobre Lev. 15.5,6 quanto à cerimônia de lavagens rituais.

15.28

Se o fluxo menstruai finalmente cessasse, então marcar-se-ia um período de sete dias, para verificar se ele não se reiniciaria. Em caso *negativo,* então os sacrifícios requeridos seriam feitos, e a mulher ficava livre de seu isolamento e imundícia (vss. 28 ss.). *Sete* era o número divino da perfeição e de qualquer coisa completa. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Número (Numeral, Numerologia).* Por todos os capítulos 13 a 15 de Levítico esse número figura de forma proeminente, como o período divino de testes de condições patológicas. Ver Lev. 12.2; 13.4,5,21,26,33,50,54; 14.38; 15.13,24,28.

15.29,30

Os vss. 28-30 deste capítulo são paralelos aos vss. 13-15, que dizem respeito ao homem afetado por gonorréia. O vs. 29 tem paralelo no vs. 14; e o vs. 30 tem paralelo no vs. 15. As notas são dadas nesses versículos paralelos.

15.31

Este versículo mistura os interesses da saúde espiritual com os da saúde física. As palavras "para que não morram" envolviam as doenças transmissíveis, mas também apontam para a morte por decreto divino, quando os homens desobedeciam às leis referentes ao limpo e ao imundo. Para impedir ambas as formas de morte, era requerida a separação de toda imundícia. O corpo das pessoas não deveria ser contaminado; a alma das pessoas também não deveria ser contaminada. O tabernáculo, lugar da presença de Yahweh, não deveria ser contaminado. Um Deus santo exigia um povo santo, embora o estágio de revelação do Antigo Testamento não permitisse uma santificação aos moldes do Novo Testamento, mas atinha-se a questões que tencionavam ensinar aos israelitas a necessidade de os servos de Deus viverem santamente.

Este versículo, mui provavelmente, endereça-se aos sacerdotes levitas, que tinham a responsabilidade de proteger o culto divino, cuidando que as regras fossem obedecidas. O primeiro versículo deste capítulo dirige-se a Moisés e Arão, e eles eram os principais responsáveis. A principal razão das instruções era proteger a natureza ímpar do tabernáculo, como lugar da manifestação principal de Yahweh. Muitos judeus modernos salientam que, visto que o tabernáculo (o templo) não mais existe, essas leis também não estão em vigor, a menos que pensemos que certos contágios físicos continuam precisando ser evitados.

15.32,33

Estes dois versículos apresentam, de forma bem abreviada, as leis que foram expostas por extenso no capítulo 15 de Levítico: Os *quatro casos*: Lev. 15.2-15, impureza devido à gonorréia ou doenças venéreas similares. Lev. 15.16-18, impureza devido a fluxos seminais. Lev. 15.19-24, impureza devido à menstruação ordinária das mulheres. Lev. 15.25-30, impureza devido a fluxos sanguíneos patológicos das mulheres. O vínculo entre as questões sexuais e a fé religiosa, conforme era visto pelos olhos dos antigos hebreus, e no que tange aos tempos modernos, é ventilado na introdução a este capítulo 15.

Capítulo Dezesseis

Instruções sobre como Arão Devia Entrar no Santuário (16.1-10)

Este capítulo inteiro está dedicado ao rito anual da expiação, o Dia da Expiação. No *Dicionário* há um detalhado artigo chamado *Dia da Expiação,* que toma o lugar de alguma longa introdução a este capítulo. O leitor é convidado a examinar aquele artigo que sintetiza tudo quanto está envolvido na questão. O artigo contém as principais seguintes seções:

1. *Tempo.* Originalmente, algum dia especial era marcado para tratar da questão. Em tempos posteriores, um dia específico, uma vez por ano, foi dedicado aos ritos envolvidos. Esse dia tornou-se o grande dia nacional de observâncias anuais.
2. *Cerimônias.* Quão complexas elas eram! Quão laboriosas! Esse artigo dá pormenores a respeito.
3. *Proibições e Normas.* Somente a mente hebréia era capaz de inventar e seguir todas as complexidades envolvidas.
4. *Outros Deveres do Sumo Sacerdote.* Nesse dia, o sumo sacerdote era o ator principal. Nesse dia o seu palco era o Santo dos Santos, e somente nesse dia era usada essa porção do tabernáculo.
5. *O Propósito.* Yahweh tinha um propósito específico. Os sacrifícios diários não bastavam. O dia de expiação nacional, uma vez por ano, era necessário para completar a questão. Nenhum pecado poderia deixar de ser expiado.
6. *Simbolismos.* O Antigo Testamento apresentava intermináveis símbolos e tipos, e, naturalmente, o Dia da Expiação era a principal prefiguração da *expiação* efetuada por Cristo, na cruz, por ser Ele o Cordeiro de Deus (João 1.29) (ver no *Dicionário* o artigo *Expiação*). Cristo é o nosso Sumo Sacerdote. E há muitos outros símbolos destacados naquele artigo.
7. *Observâncias Modernas.* Apesar de modificado em sua forma e em suas atividades, a essência do Dia da Expiação continuava viva no judaísmo moderno. Nesse artigo mostro como o *Yom Kippur* é observado hodiernamente.

O *Dia da Expiação* chegou a ser o evento supremo do calendário eclesiástico dos judeus. Ver no *Dicionário* o artigo intitulado *Festas (Festividades) Judaicas.* Havia três festas anuais:

1. *Páscoa,* observada em combinação com a festa dos pães asmos.
2. *Pentecoste,* também chamada festa das semanas ou da colheita. Veio a ser associada à outorga da lei, embora aparentemente tivesse uma forma mais antiga, como uma festa da colheita.
3. *Tabernáculos,* tempo para relembrar a difícil vida de Israel no deserto, quando tiveram de habitar em tendas, lembrando como a providência divina cuidara deles.

O *Dia da Expiação* não figurava entre as festas que requeriam a presença de todos os israelitas na capital, Jerusalém. Mas tornou-se, afinal, a mais importante das observâncias de Israel. Era um *jejum,* e não uma festividade alegre (Lev. 16.29; cf. Atos 27.9). Alinhava-se entre as observâncias anuais de Israel (Lev. 23). Tornou-se o mais santo dos dias do calendário judaico, observado como um jejum de vinte e quatro horas, desde às 18 horas do nono dia de tishri, até as mesmas horas do décimo dia de tishri. Era um *descanso solene* (Lev. 23.27-32). Após a queda do templo de Jerusalém, uma liturgia de orações substituiu as cerimônias sacerdotais. Nesse dia salientava-se a *confissão* de pecados, o *arrependimento* e a *reconciliação* de todo coração com Deus. Era o único jejum da legislação mosaica original. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Jejum.*

Quinze animais eram sacrificados no Dia da Expiação. Ver Lev. 16.7.

16.1

Falou o Senhor. Expressão usada como uma fórmula, no Pentateuco, para indicar o começo de nova seção de material. E também nos faz lembrar a divina inspiração das Escrituras. Ver as notas em Lev. 1.1 e 4.1 quanto a explicações completas.

Os dois filhos mais velhos de Arão morrerem ao oferecer fogo estranho, e o autor lembra-nos disso aqui. Nadabe e Abiú cometeram erros fatais. Aproximaram-se de Yahweh de forma não-autorizada, cumprindo seus deveres de maneira contrária a certos mandamentos. Ver Lev. 10.1,2 quanto a detalhes completos. Em

contraste com suas atitudes e atos errados, este capítulo 16 apresenta as atitudes e atos corretos, as ordens de Yahweh acerca de Seu serviço. O importante Dia da Expiação requeria cuidados especiais. Não podia haver equívocos. O sumo sacerdote tinha de ser um especialista sobre tais questões, a fim de agir corretamente. Se o sumo sacerdote se aproximasse do Santo dos Santos sem ter aprendido a lição dada a Nadabe e Abiú, também poderia morrer, como eles morreram.

16.2

Moisés, por todo o Pentateuco, era aquele que recebia as ordens da parte de Yahweh. Essas instruções eram então transmitidas a Arão, para serem executadas, visto ser ele o sumo sacerdote. Os caminhos de Deus têm uma hierarquia de autoridade que precisa ser seguida. Ninguém é uma ilha que faz o que bem entende.

Tratar com a presença de Deus era um negócio sério. Para tanto, era mister ter sido nomeado para esse fim. Ele precisava seguir as regras baixadas. Precisava estar preparado na mente e no corpo. As gerações modernas têm perdido o respeito profundo pela presença de Deus. A fé religiosa mostra a tendência de ser repetida e profana. As experiências místicas são desprezadas, e a própria expressão, "experiências místicas", não é entendida. Ver no *Dicionário* o artigo intitulado *Misticismo.*

> *É meu Criador — ousarei permanecer?*
> *Meu Salvador está aqui,*
> *ousarei ir-me embora?*
>
> (John Keble)

O véu do templo foi rasgado; o acesso a Deus estava aberto. Em Cristo temos acesso, todos nós (Rom. 5.2; Efé. 2.18; 3.12; Heb. 10.19). Porém, é mais fácil ler a Bíblia e orar, esquecendo as dimensões maiores da espiritualidade. Em Jesus, o Cristo, o Logos veio armar tenda entre os homens (João 1.14). Mas a maioria dos homens mostra-se capaz de não reconhecê-Lo. Hoje em dia, na Igreja, onde continua uma repetição interminável de coisas básicas e onde a música mundana tem reduzido as igrejas locais a meros "clubes noturnos", a presença de Deus se tem afastado.

Acesso Limitado. O próprio sumo sacerdote não podia entrar no Santo dos Santos a qualquer momento em que quisesse. Ver o gráfico contendo a *planta* do Tabernáculo, na introdução a Êxo. 25.1. A glória *shekinah* (ver a esse respeito no *Dicionário*) veio repousar sobre o propiciatório, a tampa da arca. A presença consumidora de Yahweh estava ali. Somente no momento determinado o sumo sacerdote podia aproximar-se da arca da aliança. Este texto não diz assim, mas o sumo sacerdote só podia aproximar-se dela uma vez por ano, no Dia da Expiação. Alguns pensam ser possível que, nos dias de Moisés, houvesse maior freqüência nessa aproximação. Mas os vss. 29 ss. especificam o dia *único* em que esse rito podia ser observado, pelo que temos aí um evento anual. Alguns eruditos supõem que isso reflita alguma regra posterior sobre a questão. Seja como for, a abordagem à presença de Deus era um evento muito raro, embora Deus pudesse revelar-se aos homens sempre que achasse por bem fazê-lo. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Acesso.*

Para dentro do véu. Ou seja, no Santo dos Santos. Ver a esse respeito no *Dicionário.*

Na nuvem. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Shekinah,* como também as notas sobre Êxo. 25.22.

Sobre o propiciatório. Ver a esse respeito no *Dicionário.*

Nos dias do segundo templo, em preparação para o Dia da Expiação, o sumo sacerdote separava-se de sua esposa. Os anciãos e representantes do povo exortavam-no a cuidar de seus deveres, lendo, entre outros trechos, o capítulo 16 de Levítico. Ele *praticava* os ritos na presença deles, a fim de certificar-se de que, quando viesse a *coisa real,* ele não incorreria em nenhum engano. Na noite anterior, ele não podia dormir, a fim de que não tivesse algum sonho poluidor que o tornasse imundo. E lia os livros de Jó, Daniel e Crônicas. Se não soubesse ler direito (o que não era obrigatório), outros liam para ele. E então chegava o Dia da Expiação. E o sumo sacerdote era conduzido ao batistério, onde tomava banho de corpo inteiro. E, depois disso, podia dar início aos ritos.

16.3

O Sumo Sacerdote passava pelo seguinte processo: os sacrifícios, os ritos, as vestimentas etc., preparando-se para aproximar-se do Santo dos Santos. O versículo seguinte diz-nos que o banho ocorria antes do sacrifício, e antes de o sumo sacerdote vestir seus trajes sumo sacerdotais.

Ver sobre os *cinco* animais que podiam ser sacrificados, nas notas sobre Lev. 1.14-16. Temos aqui o novilho de dois anos (Êxo. 29.1), para a oferta pelo pecado, bem como o carneiro para o holocausto.

Oferta pelo pecado. Ver as notas completas em Lev. 6.25,30 e notas adicionais em Lev. 4.1-35.

Holocausto. Ver as notas completas em Lev. 6.9-13, e notas adicionais em Lev. 3.1-17.

O sumo sacerdote precisava comprar esses animais com seu próprio dinheiro. Primeiramente ele precisava oferecer expiação *por seus próprios pecados* (o que explica a regra do vs. 3), e, então, pelos pecados do povo (vs. 5). Ver Heb. 9.7,12. Cristo, nosso Sumo Sacerdote, não precisou oferecer expiação por Seus próprios pecados, e o Seu sacrifício *único* foi suficiente para todos os tempos, não precisando ser repetido. Ver as notas sobre o vs. 7 quanto aos *quinze* animais sacrificados no Dia da Expiação.

16.4

Os *quatro* itens de vestuário, mencionados aqui, deviam ser sem defeito, feitos de linho. Há notas completas sobre os vários itens das vestes do sumo sacerdote, em Êxo. 28.4-10. Ele vestia *seis* peças distintas. Na confecção dessas peças foram usados materiais especiais, algumas delas sem nenhuma costura. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Sacerdotes, Vestimentas dos.* Algumas ilustrações, dadas naquele artigo, ajudam o leitor a visualizar essas roupas. Algumas das peças das vestes sumo sacerdotais recebem artigos separados no *Dicionário,* e a passagem do capítulo 28 de Êxodo as alista.

Banhará o seu corpo. Antes de começar a vestir-se, antes de oferecer os sacrifícios, o sumo sacerdote tomava seu banho ritual, de corpo inteiro. Ele precisava tomar um banho assim cada vez que mudava de roupas, e isso ocorria por *cinco vezes* durante o Dia da Expiação. Outrossim, ele tinha de lavar mãos e pés por dez vezes, na *bacia de bronze,* cujas notas expositivas aparecem em Êxo. 30.17. As lavagens ritualísticas simbolizavam como o pecado e a impureza, cerimonial e literal, eram lavados.

16.5

Esses sacrifícios adicionais de animais (além daqueles mencionados no vs. 3) eram em favor do povo. Mas os do vs. 3 eram em favor do próprio sumo sacerdote. Dois bodes peludos (ver Lev. 4.23) eram usados, além de outro carneiro. Tanto a oferta pelo pecado quanto o holocausto tinham de ser efetuados como no vs. 3, onde são dadas referências a notas expositivas acerca desses tipos de oferendas. Esses animais eram comprados a partir do fundo público, algum tempo antes do Dia da Expiação, e permaneciam aguardando. Durante os dias do segundo tem- pio, os dois bodes precisavam ter mais ou menos o mesmo valor, tamanho e cor.

Ver no *Dicionário* os artigos chamados *Expiação* e *Sangue.* Os *cinco* animais que podiam ser oferecidos em sacrifício são comentados em Lev. 1.14-16, e os *tipos* de oferendas em Lev. 7.37. Ver na *Enciclopédia de Bíblia, Teologia e Filosofia* os dois artigos intitulados *Expiação pelo Sangue* e *Expiação pelo Sangue de Cristo.*

16.6

O Sumo Sacerdote oferecia um novilho por seus próprios pecados e pelos de sua casa. Ver Heb. 9.7,12 quanto à aplicação neotestamentária desse fato. Arão representava todos os sumos sacerdotes que se seguiriam, estabelecendo o padrão de ação. O termo *sua casa,* aqui usado, provavelmente refere-se a todo o sacerdócio aarônico. Nesse caso, a família natural e a família espiritual tinham seus pecados expiados nesse sacrifício. Ou, então, a família natural do sacerdote era coberta mediante as oferendas em favor do povo. Ver Heb. 7.27. Ver as notas sobre o versículo seguinte quanto ao sacrifício dos *quinze* animais abatidos no Dia da Expiação.

16.7

Está em mira a oferta feita em favor do povo, os dois bodes. A *porta da tenda da congregação* indica a primeira cortina, aquela que separava o átrio do mundo exterior. Ver as notas sobre as *três* cortinas em Êxo. 26.36. Ver o gráfico sobre a *planta* do tabernáculo, logo antes das notas sobre Êxo. 25:1.

Congregação. O povo de Israel, coletivamente considerado. O tabernáculo pertencia a eles, e os rituais visavam seu benefício. Os sacrifícios também eram oferecidos em favor deles.

O sumo sacerdote, tendo oferecido sacrifício por si mesmo (vss. 3 e 6), assistido por dois sacerdotes, chegava ao lado norte do altar. Ver as notas sobre o *Altar de Bronze,* em Êxo. 27.1. Esse era o grande altar dos holocaustos. Ali, no lado norte desse altar, um dos companheiros do sumo sacerdote, o próximo em importância depois dele, ficava à sua mão direita. O outro sacerdote, que ocupava o ofício de "cabeça das famílias dos sacerdotes" (I Crô. 24.6), ficava à sua esquerda. Então eram apresentados os *dois* bodes. O rosto deles voltava-se para o ocidente,

localização do Santo dos Santos, pelo que estavam "diante da presença" de Yahweh. Um dos bodes era sacrificado, e o outro era o bode *emissário ou azazel* (vs. 8). Os estudiosos de tipologia vêem nos dois bodes as duas naturezas de Cristo, a divina e a humana; mas isso parece bastante remoto. Talvez também estejam em foco Suas posições como Salvador e Mediador. Ou, então, haja um símbolo da morte e da ressurreição de Cristo. E há outras idéias tão remotas quanto essas.

Os Quinze Animais Sacrificados no Dia da Expiação. "Os sacrifícios matinal e vespertino eram oferecidos como de costume: além de um novilho, de um carneiro e de sete cordeiros, todos eles holocaustos; e um bode como oferta pelo pecado, que era comido à tarde. Então um novilho como oferta pelo pecado, e um carneiro, ambos holocaustos. Esses dois animais, em favor do sumo sacerdote. Em seguida, vinha o carneiro oferecido em favor da congregação (vs. 5), que é chamado carneiro do povo. E também traziam, em favor da congregação, os dois bodes: um como oferta pelo pecado e outro como bode emissário. Desse modo, todos os animais oferecidos naquele dia solene eram *quinze:* dois sacrifícios diários; um novilho; dois carneiros; sete cordeiros, todos como holocaustos. E, então, dois bodes como ofertas pelo pecado: um oferecido e comido à tarde, e o outro oferecido em holocausto; e um novilho como oferta pelo pecado, em favor do sumo sacerdote. Todos esses quinze animais eram oferecidos naquele dia somente pelo sumo sacerdote" (Maimônides, citado por Ainsworth, *in loc.*).

16.8

Lançará sortes. Esses eram objetos, provavelmente feitos de madeira, com inscrições. Um deles dizia: "para o Senhor". E o outro: "*para o bode emissário*". O primeiro era sacrificado, e o segundo era deixado solto no deserto. As sortes eram sacudidas em um receptáculo, e tiradas dali pelo sumo sacerdote, simultaneamente, *uma com a mão esquerda, e a outra com* a mão direita. A sorte tirada pela mão direita era posta sobre o bode à sua direita; e aquela tirada pela mão esquerda era posta sobre o bode à sua esquerda. O que estava escrito naquelas sortes determinava o destino dos animais. Aquele sobre quem ficava escrito "para o Senhor" era sacrificado; e o outro era solto no deserto.

As sortes, nos dias de Moisés, eram feitas de madeira; mas nos dias do segundo templo eram feitas de ouro, guardadas em uma caixa de madeira, só podendo ser usadas de ano em ano, no Dia da Expiação.

O bode emissário. Ver no *Dicionário* o artigo intitulado *Azazel,* onde dou *quatro* idéias principais que interpretam o que está em pauta. Não há certeza absoluta sobre a questão. O que é claro é que os pecados de todo o povo de Israel eram vistos como que levados por esse bode, embora não fique claro de que maneira exata. Talvez o nome que lhe davam no hebraico, *azazel,* indicasse Satanás ou algum outro elevado poder demoníaco que recebia o pobre bode e, juntamente com ele, todos os pecados do povo de Israel, embora haja outras idéias acerca desse bode. Cf. Lev. 17.7; Isa. 34.14. No livro de Enoque, Azazel é um chefe de espíritos malignos (8.1; 10.4), mas isso pode ser um desenvolvimento posterior. Então temos os *lugares altos* dos demônios ou peludos, os espíritos de lugares ermos (II Crô. 11.15). Cf. Apo. 18.2 e Mat. 12.43.

16.9

Um dos bodes tornava-se uma *oferta pelo pecado.* Ver Lev. 1.3-17 e 6.25,30. Ver as notas sobre o vs. 7 quanto aos quinze animais sacrificados no Dia da Expiação. Ver no *Dicionário* o verbete chamado *Expiação.* Aquele que era "para Yahweh" recebia uma fita vermelha atada em torno do pescoço. E aquele que ia para Azazel tinha um fio escarlata atado à cabeça ou aos chifres. O vs. 15 descreve o sacrifício do animal "para o Senhor", o que é antecipado aqui.

16.10

O outro bode tornava-se o animal enviado ao deserto, a Azazel. Ele também era um bode expiatório, conforme este versículo deixa claro. Ele levava sobre si os pecados de Israel, *em uma maneira descrita nas notas sobre o vs. 8* deste capítulo e no artigo do *Dicionário* chamado *Azazel.* Nesse bode, os pecados eram simbolicamente *levados para longe,* indicando que as pessoas por quem se fizera expiação estavam livres da presença do pecado.

Tipologia: Os Dois Bodes

1. O sumo sacerdote, no Dia da Expiação, oferecia todos os animais. Outro tanto fez Cristo, nosso Sumo Sacerdote. Ver Heb. 1.3.
2. O bode sacrificado falava da morte expiatória de Cristo (Rom. 3.24-26).
3. O bode vivo, enviado para o deserto, falava sobre a obra de Cristo mediante a qual Ele "aniquilou" o pecado de uma vez para sempre (Heb. 9.26; Rom. 8.33,34).
4. O sumo sacerdote entrava no Santo dos Santos, um emblema de Cristo em Sua obra intercessória, no céu, com base na virtude de Seu próprio sangue (Heb. 9.11,12).
5. Por meio de Cristo, foi-nos aberto acesso ao céu. Os sacerdotes do Antigo Testamento desfrutavam acesso limitado; mas o véu (terceira cortina) foi rasgado de alto a baixo (Mat. 27.51; Heb. 10.19,20), indicando que agora total acesso foi conferido aos crentes, os quais tiram proveito dos efeitos da morte de Cristo como sacerdotes dotados de direito de acesso total. Ver no *Dicionário* o verbete chamado *Acesso.*

O Sacrifício pelo Próprio Sumo Sacerdote (16.11-14)

16.11

O sumo sacerdote precisava oferecer sacrifício primeiro por si mesmo, visto que, embora estivesse em elevada posição religiosa, era também um pecador. Antes de tudo era mister que seus pecados lhe fossem perdoados, antes que pudesse realizar o ritual da expiação em favor do povo de Israel. Ver Heb. 7.27 que contrasta esse aspecto da obra dos sumos sacerdotes com a obra de Cristo, nosso Sumo Sacerdote, que não tinha necessidade de oferecer sacrifício por Si mesmo. Ver na *Enciclopédia de Bíblia, Teologia e Filosofia* o artigo chamado *Impecabilidade de Jesus.*

O rito aqui efetuado era muito parecido com aquele dado em Lev. 4.3-12, que descreve as ofertas pelo pecado ordinárias, em favor do sumo sacerdote, exceto os *lugares* envolvidos, que eram diferentes. No primeiro caso, o sangue era aspergido defronte da cortina, sobre o altar do incenso (como em Lev. 4.6,7); mas neste caso, *era aspergido sobre o propiciatório, dentro do Santo dos Santos* (Lev. 16.14).

Essa oferta era feita em favor do próprio sumo sacerdote e sua *casa,* o que talvez aponte para todo o sacerdócio aarônico, a sua casa espiritual. O termo, porém, poderia incluir a sua família natural. E caso não fosse assim, então a família imediata do sumo sacerdote tinha os seus pecados expiados quando dos sacrifícios gerais por todo o Israel. Já vimos o sacrifício do *novilho,* no vs. 6, onde o versículo é essencialmente igual ao vs. 11, e onde há notas adicionais que se aplicam aqui. Ver as notas sobre o vs. 7 quanto aos *quinze* animais mortos no Dia da Expiação.

Oferta pelo pecado. Ver as notas sobre isso em Lev. 1.3-17 e 6.25,30. No Dia da Expiação, o sumo sacerdote sacrificava pessoalmente todos os animais, posto que, em outras ocasiões, aquele em favor de quem estava sendo feito o sacrifício é que abatia o animal.

16.12

"Esse era o momento supremo dos ritos do Dia da Expiação: o sumo sacerdote, depois de fazer expiação por si mesmo e por sua casa, entrava no Santo dos Santos, para além do véu" (Nathaniel Micklem, *in loc.*). Ver o gráfico sobre a *planta* do tabernáculo, na seção introdutória a Êxo. 25.1.

O sumo sacerdote, no Dia da Expiação, entrava por quatro vezes no Santo dos Santos. Na *primeira vez* com o incensário cheio de brasas extraídas do altar. Sobre essas brasas ele queimava o incenso, preparado segundo uma fórmula especial, divinamente determinada (Êxo. 30.34-36). Essa mistura criava uma fumaça que impedia que o sacerdote olhasse para a glória *shekinah* do Santo dos Santos. Desse modo, era evitado que ele tivesse morte repentina. O vs. 14 mostra-nos sua segunda entrada no Santo dos Santos. O vs. 15, a terceira. E o vs. 23, a quarta entrada. Essas várias entradas ocorriam todas no mesmo dia, e somente uma vez por ano (vs. 29).

"Depois do abate do novilho, *mas antes da aspersão com seu sangue, o* sumo sacerdote tomava o incensário, que nessa ocasião era feito de ouro, e o enchia com brasas vivas tiradas do altar, onde o fogo crepitava sem cessar, *voltado para o lado ocidental, na direção do Santo dos Santos, onde o Senhor* habitava. Esse é o sentido que a lei canônica dava à expressão que aqui lemos, 'diante do Senhor'" (Ellicott, *in loc.*).

16.13

Porá o incenso sobre o fogo. (Ver Êxo. 30.34-36). E isso criava uma nuvem de fumaça protetora, para que o homem não visse a glória *shekinah* de Deus, no Santo dos Santos. Se o sumo sacerdote visse essa glória, provavelmente morreria instantaneamente. Em tempos posteriores, após sair do Santo dos Santos, o sumo sacerdote proferia uma bênção especial, por ser esse um momento propício: "Que Te agrade, ó Senhor, meu Deus, se este ano tiver de ser um ano de seca, que seja um ano de chuvas. Que não morra aquele que governa a casa de Judá. Que o Teu povo não sofra necessidades, de modo que um não implore o pão de outrem, nem de estrangeiros; e não deixes que as orações dos viajantes cheguem até Ti" (talvez porque estrangeiros pediriam que não chovesse, o que os ajudaria em suas viagens). Acredita-se que a oração é mais poderosa do que a profecia, pois eventos preditos em profecias podem ser alterados *por meio da oração.* Cf. este versículo com Êxo. 33.20.

16.14

Embora isso não seja dito especificamente, é de presumir-se que, terminada a cerimônia do incenso (vss. 12 e 13), o sumo sacerdote deixasse o Santo dos Santos. Mas então ele voltava, sendo essa a sua *segunda entrada*. Havia *quatro* dessas entradas naquele dia (vss. 12,13; vs. 14; vs. 15 e vs. 23).

Ele precisava obter sangue do novilho sacrificado. Então ele trazia esse sangue até o interior do Santo dos Santos, onde realizava o rito da aspersão do sangue. Derramava um pouco sobre o propiciatório e salpicava sangue por sete vezes. O sangue era trazido em uma espécie de taça, e era constantemente mexido para evitar sua coagulação. Temos aqui o sacrifício antecipado no vs. 11, e as notas dali também se aplicam aqui.

Nos tempos do segundo templo, o sumo sacerdote salpicava o sangue uma vez *para cima,* e sete vezes *para baixo*, pelo que oito salpicos formavam uma linha contínua sobre o chão. Ele tinha de contar cada um desses atos, para que realizasse o rito exatamente conforme lhe fora ordenado. Tudo isso estava envolvido no sacrifício do sumo sacerdote por si mesmo e pela sua casa (vss. 6 e 11). O uso do resto do sangue do novilho é descrito nos vss. 18 e 19. As regras concernentes a essa questão aparecem em *Misn. Yoma*, c. 5, sec. 3.

O Sacrifício pelo Povo (16.15-28)

16.15

Tendo feito expiação por si mesmo e por sua casa (vss. 6,11,13,14), o sumo sacerdote em seguida sacrificava por todo o povo de Israel (vss. 15-28). Ele saía do Santo dos Santos a fim de abater o *bode* da oferta pelo pecado. E, então, trazia para dentro o seu sangue, em uma taça, a fim de realizar ainda outro rito, dessa vez em favor do povo. Essa era a sua *terceira* entrada no Santo dos Santos, naquele dia. Vemos que ele entrava por quatro vezes: vs. 12 (primeira vez), vs. 14 (segunda vez), vs. 15 (terceira vez) e vs. 23 (quarta vez).

O bode era morto pelo sumo sacerdote, pessoalmente, tal como se dava com todos os outros catorze sacrifícios daquele dia. Ver as notas sobre o vs. 7 deste capítulo quanto a esse total de quinze sacrifícios. Em outras ocasiões, o ofertante por quem se fazia o sacrifício é que tinha de abater o animal. O abate tinha lugar ao norte do altar de bronze (dos holocaustos). Esse bode era aquele que tinha sido marcado, por sorte, "para o Senhor". Essa era a *oferta pelo pecado* (ver as notas em Lev. 1.3-17 e 6.25,30). Ver as notas sobre os vss. 7-10 quanto aos *dois* bodes do ritual.

As manipulações com o sangue eram *as mesmas* que aquelas envolvidas com o novilho (vs. 14, cujas notas expositivas também se aplicam aqui).

16.16

Várias purificações eram efetuadas: Israel era culpado de inúmeros pecados. A transgressão deles contaminava não somente a nação, mas também tudo quanto usavam, incluindo o próprio santuário e todo o seu equipamento. O pecado é retratado como algo que fazia todas as pessoas e coisas imundas, em necessidade de purificação. Assim, esses ritos visavam santificar coisas, e não apenas pessoas.

Durante os tempos do segundo templo, o sumo sacerdote misturava o sangue do novilho com o sangue do bode, e com essa mistura efetuava os ritos em que salpicava e derramava o sangue.

Expiação pelo santuário. Devemos pensar aqui no Santo dos Santos. Esse era o alvo mesmo dos ritos cruentos.

16.17

O tabernáculo inteiro em todos os seus recintos tinha de ficar vazio de pessoas, enquanto o sumo sacerdote realizava seus ritos de purificação, a fim de que alguém, que ali entrasse, não provocasse novas poluções. Nem sacerdote nem pessoa comum podia aproximar-se do tabernáculo, nem mesmo entrar no átrio. O sumo sacerdote operava absolutamente sozinho. Visto que ninguém podia vê-lo a realizar o seu trabalho, garantindo que ele faria tudo de acordo com as regras, na véspera do Dia da Expiação ele recebia uma solene exortação da parte dos sacerdotes e dos anciãos do sinédrio: "Nós te exortamos, por Aquele que fez o Seu nome habitar nesta casa, que não alteres coisa alguma de tudo quanto te foi dito".

Tipologia. Somente Cristo, nosso Sumo Sacerdote, pode realizar a purificação. Ninguém pode purificar a si mesmo nem oferecer sua própria expiação. Alguns *lugares* são santos. Coisas profanas não podiam penetrar no tabernáculo. Por igual modo, a Igreja não pode ser conduzida em seus cultos mediante música mundanas, vestes imodestas e atitudes frívolas.

16.18

Altar. Podemos pensar aqui tanto no altar de bronze quanto no altar do incenso. Um ou outro, ou mesmo ambos, tinham de ser purificados mediante o sangue aspergido ou bezuntado. O sangue do novilho, talvez misturado ao sangue do bode, era passado sobre os chifres do altar de bronze. No tempo do segundo templo, o altar de incenso em foco era considerado o altar de incenso, que ficava no Lugar Santo, diante da cortina que separava o Lugar Santo do Santo dos Santos. Ver o gráfico sobre a *planta* do tabernáculo, nas notas introdutórias sobre Êxo. 25.1. Ver no *Dicionário* o artigo intitulado *Altar do Incenso.* Ver sobre o *Altar de Bronze* nas notas sobre Êxo. 27.1. Cf. Êxo. 29.35-37. Ver também Êxo. 30.10.

"Começando pela esquina nordeste, o sumo sacerdote ia para a esquina noroeste, então para a esquina sudoeste, e, finalmente, para a esquina sudeste" (Ellicott, *in loc.*). Seguindo essas orientações, ele teria purificado o altar do incenso, após sair do Santo dos Santos (vs. 16). *Misn. Yoma,* c. 5, sec. 5 comenta sobre o que determina este versículo.

16.19

O dedo indicador direito era usado na cerimônia de aspersão do sangue, o que era feito por *sete* vezes, o número divino da perfeição e de algo completo. Ver no *Dicionário* o verbete chamado *Número (Numeral, Numerologia).* O sangue era primeiramente bezuntado sobre os chifres do altar (vs. 18) e, então, era aspergido por sete vezes. Simbólica e cerimonialmente, o altar tornava-se assim um lugar santo, purificado das contaminações que o povo causava. Permaneceria puro por mais um ano, quando o processo teria de ser repetido (Êxo. 30.10). O que sobrava do sangue, por não ter sido usado para bezuntar os chifres, ou durante a cerimônia de aspersão, era derramado no lado sudeste do altar, onde um dreno levava-o até o ribeiro do Cedrom. Pelo menos esse era o processo, em tempos posteriores. Mas no deserto é difícil dizer como os israelitas dispunham desse excesso de sangue. Há descrições em *Yoma,* c. 5, sec. 6.

16.20

As purificações estavam completas: o Santo dos Santos, o Lugar Santo e o átrio. Antes o sumo sacerdote havia feito expiação por si mesmo e pela sua casa (vss. 6 e 11). E também havia feito expiação pelo povo (vs. 15). Uma vez terminados esses ritos, então vinha a libertação do segundo bode, que era solto no deserto (vss. 21,22). Ver as notas sobre os vss. 7 e 8, quanto aos *dois bodes* e suas respectivas funções. O envio desse bode ao deserto completava os ritos e sacrifícios ligados à expiação pelos pecados do povo.

16.21

O sumo sacerdote impunha ambas as mãos sobre o bode vivo, voltado na direção do deserto. Todos os pecados de Israel eram postos vicariamente sobre esse animal. As palavras "ambas as mãos" acham-se somente aqui, na descrição de todos os ritos, e isso alude às idéias de solenidade e algo terminado. Oferendas já tinham sido feitas em favor do sumo sacerdote (vss. 3 ss.; vss. 7 ss.). O bode que era solto no deserto completava a cerimônia de expiação.

Todas as iniqüidades. A saber, do próprio sumo sacerdote, do sacerdócio aarônico e de todo o povo de Israel, pois esse passo final era todo-inclusivo. A imposição de mãos ocorria juntamente com a confissão de pecados e o pedido de perdão. Nos dias do segundo templo, as palavras proferidas pelo sumo sacerdote eram as seguintes:

"Ó Senhor, o Teu povo, a casa de Israel, tem pecado e praticado iniqüidades e transgressões diante de Ti. Ó Senhor, rogo-Te que cubras os pecados, as iniqüidades e as transgressões de Teu povo, que a casa de Israel tem pecado, tem agido de forma iníqua e tem transgredido diante de Ti, conforme está escrito na lei de Teu servo, Moisés" (referindo-se a Lev. 16.30). Os sacerdotes e outros, de pé no átrio, que ouviam essa oração, então respondiam, prostrados de rosto no chão: "Bendito seja o nome de Seu glorioso reino, para todo o sempre". Então o bode era enviado em sua deplorável condição, portador dos pecados da nação inteira.

Yoma 6.2-8, na Mishnah, confere-nos um dramático quadro falado do envio do bode vivo, que aqui sumario:

O bode era entregue à pessoa que o levaria embora. Ao longo da rota marcada, o povo zombava do pobre bode, gritando para ele, puxando seus pêlos e dizendo coisas como 'Leva nossos pecados e vai-te embora!'. Cabanas ou estações eram armadas ao longo do trajeto, e o bode ia de estação para estação, escarnecido ao longo do caminho. A cada estação havia algum alimento e água para sustento do bode. E assim se aproximava cada vez mais do deserto. Vigias tinham sido postados a intervalos, garantindo que o bode era visto a seguir na direção do deserto, nunca parando em algum lugar ao longo do caminho. Os vigias abanavam toalhas enquanto o bode passava,

para que todos os outros vissem onde o bode já tinha chegado. E assim o bode seguia a rota especificada, de Jerusalém a Beth Haroro, a cinco quilômetros de distância. Finalmente, ia-se. Tinha chegado ao lugar especificado do deserto.

E assim o povo, crendo que o bode havia chegado a seu destino, sentia-se aliviado. O bode tinha-se ido; tudo agora estava terminado; os pecados estavam cobertos; Yahweh havia contido a Sua ira.

Algumas autoridades crêem que o bode, em sua fuga, era morto, sendo então jogado por sobre um *precipício rochoso* (e o nome *Azazel* pode ter esse significado). Mas nada existe no próprio texto bíblico que sugira que, finalmente, o bode era morto assim. Ademais, nos dias de Moisés, esse elaborado modo de proceder, acima descrito, não era adotado. Os israelitas já estavam no deserto, e o bode era meramente deixado fora do arraial, separado do povo.

16.22

Este versículo repete as idéias do versículo anterior, exceto pelo fato de que aqui nos é dito especificamente que o animal era *solto.* O bode não era morto no deserto, conforme alguns têm pensado. Simplesmente o bode era deixado solto no deserto. Ninguém habitava ali, mas somente os demônios e o príncipe deles, *Azazel.* Ver o artigo desse nome no *Dicionário,* quanto a várias idéias sobre o sentido dessa palavra e suas implicações. Lemos que, durante os dias do segundo templo, as autoridades cuidavam para que o bode fosse morto, o que nos é sugerido nas notas sobre o vs. 21; mas isso não fazia parte da prática original. A morte do animal era saudada com gritos de júbilo, e as notícias iam-se espalhando. O Targum de Jonathan também diz que o bode era morto, mas por juízo de Yahweh, o qual enviava um forte vento que provocava a queda do animal de um precipício.

Existem paralelos curiosos em outras literaturas e nos costumes de outros povos. Os kaffirs, da África do Sul, contam com uma cerimônia semelhante, que também envolve um bode. Um homem enfermo, para livrar-se do pecado e da enfermidade (resultante do pecado), confessava seus pecados sobre o bode, salpicando-o com algumas poucas gotas de seu próprio sangue. Então o animal era conduzido a algum lugar desconhecido. James G. Frazer coletou grande número de paralelos como esse (*The Golden Bough,* Nova Iorque, 1922). Heródoto relatou algo similar, praticado entre os egípcios (*Euterpo,* 1.2 c. 39). Plutarco também tinha histórias nesse sentido (*De Iside and Osir*).

16.23

Quarta entrada do sumo sacerdote no Santo dos Santos. O sumo sacerdote entrava no Santo dos Santos por *quatro* vezes: 1. Ele entrava para fazer expiação por si mesmo e pelos de sua casa (vss. 12 ss.). 2. Ele tinha de levar o sangue para a cerimônia naquele lugar (vs. 14), pelo que ele saía, apanhava o sangue e reentrava. 3. Ele entrava novamente, após ter sacrificado o primeiro bode, trazendo seu sangue para a cerimônia da expiação em favor do povo (vss. 15 ss.). 4. Este versículo menciona a quarta dessas entradas. "O objetivo dessa quarta entrada dele no Santo dos Santos era apanhar o incensário e a taça de incenso que ele havia deixado entre as duas varas (vs. 12). Para fazer isso, ele tinha de banhar-se novamente, o que sempre acompanhava uma muda de vestimentas, e vestia-se de sua túnica branca. Visto que isso não fazia parte do culto real do dia, o texto não descreve plenamente essa parte. Esse era o último ato do Dia da Expiação, que o sumo sacerdote realizava em seus trajes brancos" (Ellicott, *in loc.*).

E ali as deixará. Tendo encerrado seus deveres, o sumo sacerdote deixava suas vestes em um lugar especial, uma câmara usada com essa finalidade. Os quatro conjuntos de vestimentas, usados no Dia da Expiação, não seriam usados senão dentro de mais um ano. Serviam somente a esse propósito.

A Transferência do Pecado. É patente que os pecados de um ser humano não podem ser transferidos para um bode. Matthew Henry (*in loc.*) comentou sobre o primitivismo desse rito e anotou: "Seria uma *afronta* a Deus, se Ele mesmo tivesse ordenado tal transferência". Assim, quando muito, a cerimônia inteira com o bode era uma sombra da eficácia do perdão que haveríamos de receber em Cristo. Nossos pecados são verdadeiramente transferidos a Ele (ver I Ped. 2.24). Uma vez unidos com Cristo, temos união com o Pai, e nossos pecados são tirados de nós.

Olha, Pai, para Seu rosto ungido,
E só olha para nós estando nós Nele.

(William Bright)

Ver Heb. 10.19,20 quanto à aplicação que o Novo Testamento faz desse ato emblemático.

16.24

Outro banho ritual tinha lugar. Precisava ser um completo banho de imersão. Nos dias do segundo templo, havia um batistério construído com essa finalidade. Ficava no telhado de um edifício dentro do terreno murado do templo.

O sumo sacerdote mudava de roupa, deixando seus trajes de linho branco na câmara sagrada. E, então, ele vestia seus trajes sacerdotais ordinários. Ato contínuo, ele passava a oferecer outro *holocausto,* em favor de si mesmo e do povo. Ver sobre isso notas em Lev. 6.9-13, e notas adicionais em Lev. 1.3-17. De acordo com alguns eruditos, essa oferta não fazia parte do Dia da Expiação, mas era algo complementar. Ver as notas sobre o sétimo versículo deste capítulo, quanto aos *quinze* animais sacrificados naquele dia. Três animais eram então sacrificados, a saber, dois carneiros e um novilho. Cf. Núm. 29.8.

Algumas autoridades, incluindo aquelas dos dias do segundo templo, dizem-nos que o vs. 23 está fora de lugar, e que deveria seguir-se às oferendas descritas nos vss. 24 ss., como parte do cerimonial do Dia da Expiação, e não como mero suplemento. Isso é lógico, porque é difícil imaginar *por qual razão,* depois de toda a maciça matança de animais, no Dia da Expiação, ainda houvesse mais sacrifícios suplementares. Seja como for, as vestes brancas não eram usadas pelo sumo sacerdote nesses serviços, e, sim, as vestes douradas. As descrições destes versículos quase certamente indicam que os sacrifícios aqui descritos faziam parte regular do Dia da Expiação.

Parece que esses sacrifícios, em favor do sumo sacerdote e em favor do povo, não eram os mesmos que são aludidos nos vss. 11 ss. e 15 ss., onde tais sacrifícios já tinham sido efetuados. Antes, eram sacrifícios adicionais. Mas outros estudiosos supõem que os sacrifícios aqui mencionados sejam os mesmos, e a presente descrição nos forneça a verdadeira cronologia. Assim, os versículos anteriores *antecipavam* este versículo e o que se segue. Nesse caso, nós, pobres leitores, ficamos à mercê da confusa mente hebraica, que não exibia as informações de modo a podermos segui-las de uma maneira uniforme.

16.25

A gordura pertencia a Yahweh. A gordura era considerada uma delícia, e não podia ser dada a homem algum. Ver as descrições sobre a gordura e o sangue nas notas em Lev. 3.17. Pertencente a Yahweh, tinha de Lhe ser dada sobre o altar de bronze, sendo totalmente queimada. Cf. o vs. 6, que talvez se refira aos mesmos sacrifícios, conforme foi discutido nas notas sobre o vs. 24. A gordura do bode também era queimada, embora o texto nada nos diga de específico sobre isso. Cf. Núm. 29.11.

16.26

Um mensageiro era enviado junto com o bode emissário, até certa distância, para certificar-se de que o animal se internara no deserto. Ver o vs. 10. Visto que ele tinha acompanhado o animal sobrecarregado simbolicamente de pecados, o homem ficava contaminado e precisava tomar um banho ritual, de corpo totalmente imerso na água. Nos dias do segundo templo, tal homem precisava ficar na última cabana, a pouco mais de um quilômetro e meio de Jerusalém, até o pôr-do-sol, quando então podia voltar ao convívio social. O sacerdote que fizera a consagração também tinha de tomar um banho, pois também ele era considerado imundo, devido a seu contato com o bode.

16.27

O novilho e o bode eram *ofertas pelo pecado* (ver Lev. 4.1-35 e 6.25,30), em favor do sumo sacerdote, de sua casa e do povo em geral. Cf. os vss. 5,6,9,11,14,15. O sangue dos animais era usado nos ritos no interior do Santo dos Santos. O que restasse, a carcaça, o couro e os excrementos, era queimado fora do arraial, no montão de cinzas, para isso designado.

Durante os dias do segundo templo, quatro sacerdotes eram nomeados para a tarefa de carregar as partes dos corpos dos animais que deviam ser queimadas fora do arraial. Duas varas eram utilizadas nesse transporte. Cf. Lev. 4.11,12 quanto às mesmas informações no que toca às partes não utilizadas dos animais. Enquanto os pedaços das vítimas eram queimados fora do arraial, o sumo sacerdote lia (no átrio das mulheres) a liturgia apropriada do Dia da Expiação (a saber, Lev. 23.26 e Núm. 29.7-11). A congregação ouvia a leitura. E, então, eram proferidas *oito* bênçãos: 1. sobre a lei divina; 2. sobre a adoração pública; 3. sobre a confissão de pecados; 4. sobre o perdão dos pecados; 5. sobre Jerusalém; 6. sobre o templo; 7. sobre Israel; 8. sobre o sacerdócio. Naturalmente, nos dias de Moisés, as coisas eram bem mais simples.

16.28

O homem (quatro homens nos dias do segundo templo) que havia tirado as partes não usadas do animal, a fim de queimá-las fora do arraial, tinha de passar pelo banho ritual, o corpo totalmente imerso em água. A idéia é que eles contraíam a imundícia dos animais oferecidos como ofertas pelo pecado, e agora

precisavam de purificação. A Mishnah (*Yoma*, c. 6, sec. 7) diz-nos que eles eram tidos como imundos até a noite. Naquele tempo, no início de um novo dia (de acordo com os costumes hebreus, às 18 horas), as pessoas ficavam livres de suas contaminações cerimoniais.

Festa Anual das Expiações (16.29-34)

Veio a fazer parte da legislação mosaica que o Dia da Expiação fosse observado de ano em ano como um sábado de descanso solene. Era um dia de jejum, e, de fato, tornou-se conhecido como *o jejum* (Atos 27.9). Era o único jejum ordenado pela legislação mosaica, ainda que houvesse muitos jejuns tradicionais. O Dia da Expiação era fielmente observado, a cada ano, no décimo dia do sétimo mês (tishri, nosso outubro-novembro). As cerimônias precisavam ser acompanhadas por um arrependimento genuíno, sob pena de se tornarem inúteis. Portanto, havia o envolvimento do lado humano e do lado divino. Ver no *Dicionário* o verbete chamado *Arrependimento*.

16.29

Isso vos será por estatuto perpétuo. Os hebreus não antecipavam um tempo quando seu elaborado sistema de leis e ritos seria substituído por algo superior. Será sempre um vício das religiões e denominações atrelar a palavra "perpétuo" aos seus sistemas e crenças. Mas o tempo produz uma evolução espiritual, e o antigo é descartado e substituído pelo novo. Sempre será assim. De outro modo, a humanidade jamais poderia aproximar-se mais de Deus, obtendo melhor acesso à deidade. As *mudanças* permitem a evolução da espiritualidade. O conhecimento é algo que aumenta. A estagnação não faz parte do vocabulário divino. O livro aos Hebreus, no Novo Testamento, é uma elaborada declaração de como Cristo tomou o lugar da inteira legislação do Antigo Testamento, em seus conceitos e em suas práticas. E haverá novos livros, como a epístola aos Hebreus, que trarão novas eras, novos desenvolvimentos, novas revelações. Quando e como isso sucederá, precisamos deixar à vontade de Deus, de acordo com Suas determinações. Essas revelações sempre são assinaladas por grandes transformações históricas.

Ver Lev. 3.17; Êxo. 29.42 e 31.16 quanto aos estatutos perpétuos, onde apresento outras notas a respeito.

Afligireis as vossas almas. Talvez estejam em foco o jejum (Isa. 58.3,5,10; Sal. 35.13) e outros exercícios de humilhação e arrependimento. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Jejum*. Esse jejum era total. Havia a abstinência de banho, unção com óleo, uso de calçados, e até o sexo era proibido. Ademais, todos os sinais externos de ostentação eram banidos. Cf. Eclesiástico 9.10. Cf. isso com as palavras de Jesus, em Mat. 6.17, que proíbem o jejum de *ostentação*.

Nenhuma obra fareis. Pois aquele dia era um *sábado* ou descanso solene. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Sábado*. O sábado do sétimo dia era o *sinal* da legislação mosaica. Ver sobre o *Pacto Mosaico*, na introdução a Êxo. 19.1. Naquele ponto, entro na teologia da questão, do ponto de vista cristão. Ver a proibição quanto a todo trabalho, em Lev. 23.3,28,31 e Núm. 29.7.

O estrangeiro. Nenhum estrangeiro podia trabalhar no campo (posteriormente, em Israel) naquele dia, pois isso seria uma afronta contra toda a comunidade. Isso incluía aqueles que fossem residentes permanentes e aqueles que apenas peregrinassem em Israel. Ver Êxo. 12.19 e 20.10 quanto ao mesmo mandamento. Alguns afirmam que somente os convertidos ao judaísmo (originalmente, ao yahwismo) é que estavam obrigados a obedecer a esse preceito; mas podemos ter certeza de que a nação inteira de Israel cessava, naquele dia, todas as suas atividades.

16.30

Se fará expiação por vós. Mediante o uso desse simples substantivo, o autor sacro sumariou a substância do capítulo 16, onde se descreve o sacrifício de quinze animais (ver as notas sobre o vs. 7), com todas as complexidades acompanhantes. Mediante essa *expiação* (ver a esse respeito no *Dicionário*), cada um dos israelitas era considerado limpo. Ao longo do ano havia os sacrifícios diários, sem falarmos naqueles, inumeráveis, que os sacerdotes efetuavam em favor dos que traziam oferendas por seus pecados. Mas *naquele* dia, o que ainda faltasse, era compensado. Aquele era *o dia* do calendário judaico. Cf. o equivalente neotestamentário, em Col. 1.22 e Apo. 14.5. Ver na *Enciclopédia de Bíblia, Teologia e Filosofia* o artigo *Expiação pelo Sangue de Cristo*.

E sereis purificados. O pecado deve ser visto como algo que polui e corrompe, cerimonial, moral e espiritualmente. O senso dos hebreus sobre a natureza corruptora do pecado era muito intenso, o que explica a legislação quase fanática sobre a questão. A epístola aos Hebreus informa-nos como a consciência do crente é purificada em Cristo. Cristo remove o pecado e a sua mácula. E nisso obtemos a *reconciliação* (ver a esse respeito no *Dicionário*).

16.31

Este versículo reitera *três elementos* que já tínhamos encontrado em Levítico:
1. O sábado ou descanso do Dia da Expiação. Ver o vs. 29 e as referências dadas naquele ponto.
2. A aflição de alma, que envolvia, principalmente, o *jejum*. Ver o vs. 29.
3. O estatuto perpétuo. Ver o vs. 29 e as referências a outras passagens onde essa expressão também ocorre.

Cf. Heb. 4.3,10. O *descanso*, no Novo Testamento, consiste no céu, na glorificação da alma, onde esta descansa na bem-aventurança divina.

É sábado de descanso solene. Ou seja, um dia de descanso solene, um sábado de sábados. Cf. Êxo. 16.23; 31.15; 35.2; Lev. 23.3,32. Em Lev. 25.4, a alusão é ao descanso do jubileu. Essa expressão alude ao Dia da Expiação, em Lev. 16.31 e 23.32.

Almas em perigo, olhai para cima
Jesus salva completamente;
Ele vos exaltará pelo Seu amor;
Para fora do alcance das ondas raivosas.
Ele é o Senhor dos mares.

(James Rowe)

16.32

A Continuidade Fora Garantida. Estamos falando sobre a continuidade do ofício sumo sacerdotal. Cada novo sumo sacerdote não era *ungido* por sua vez. Os sacerdotes comuns não precisavam receber, cada qual, a sua unção, mas apenas herdavam seus ofícios e começavam a servir. Por isso mesmo, o sumo sacerdote também era chamado "sacerdote ungido". Visto que sempre haveria um sumo sacerdote, assim também sempre haveria o Dia da Expiação sobre o qual ele oficiaria. Ver as notas sobre a questão da unção em Êxo. 28.41 e 29.9,24. Ver Lev. 4.3 quanto ao *sacerdote ungido*.

O sucessor, que recebia seu ofício, vestia suas *vestes de linho branco*, tal como seu antecessor tinha feito, qualificando-o para efetuar os ritos do Dia da Expiação. Ver as notas sobre Lev. 16.4 quanto a essas vestes, uma parte necessária do ofício do sumo sacerdote.

O sucessor do sumo sacerdote, embora fosse seu filho, não ganhava o ofício meramente por ser seu descendente. Ele precisava ser aprovado em sua espiritualidade e em sua moral. Nos dias do segundo templo, o sinédrio precisava dar-lhe a sua aprovação. *O filho* de um sumo sacerdote era a primeira opção, mas ele precisava ter outras qualificações necessárias.

16.33

Este versículo sumaria os tipos de expiação e purificação que deviam ser efetuados no Dia da Expiação. Seu paralelo são os vss. 6 ss. deste capítulo (expiação pelo sumo sacerdote e seus familiares, pelo sacerdócio aarônico, e, talvez, por sua família imediata). É trecho paralelo a Lev. 16.15 ss. (a expiação feita por Israel em geral). E também é passagem paralela a Lev. 16.16 ss. (a expiação feita em favor do próprio tabernáculo, com seus móveis e altares). Este versículo, pois, ressalta a natureza toda-inclusiva das purificações feitas naquele dia: *o povo inteiro*, sem importar suas classes; *todas as coisas* pertinentes ao culto divino. E todos os sumos sacerdotes, à semelhança de Arão, o antepassado espiritual de todos eles, deveriam continuar a ocupar-se nesse serviço todo-inclusivo.

16.34

Temos aqui outro *versículo de sumário*. A questão do *estatuto perpétuo* é repetida, o que é mencionado e comentado no vs. 29, e que também inclui referências a outros lugares onde a expressão ocorre, e onde há notas detalhadas. A expiação por todo o povo de Israel é novamente mencionada, bem como o fato de que o Dia da Expiação era um evento anual (o que já foi destacado e comentado no vs. 29 deste capítulo).

Moisés, o Servo Obediente. Ver o comentário do Novo Testamento, em Heb. 3.2 ss., sobre a extraordinária obediência de Moisés a Yahweh.

Quando andamos com o Senhor
À Luz de Sua Palavra,
Que glória Ele derrama,
Em nosso caminho!

(J. H. Sammis)

Moisés operava por meio de seu irmão, Arão, o qual cumpria os deveres de sumo sacerdote. Isso posto, a menção à obediência de Moisés é, ao mesmo

tempo, um lembrete de que Arão estava realizando a sua tarefa de acordo com tudo quanto lhe fora ordenado. Ver Êxo. 12.50 quanto a um versículo similar, que aborda outras questões, mas salientando o mesmo serviço espiritual.

"A epístola aos Hebreus revela o cumprimento de todos os sacrifícios típicos do Dia da Expiação, salientando que o sacrifício de Cristo pelos pecados do povo, quando Ele morreu na cruz, não foi um evento *anual,* e, sim, *de uma vez para sempre* (Heb. 9.11,12,24-26; 10.12)" (F. Duane Lindsey, *in loc.*).

Capítulo Dezessete

Direções para Manter um Relacionamento com Deus (17.1 — 27.34)

O Lugar do Sacrifício (17.1-9)

Para muitos estudiosos, o trecho de Lev. 17-26 representa uma unidade literária que antes formava uma seção à parte, mas que depois foi incorporada ao livro de Levítico, embora haja (supostas) porções encontradas em outras passagens. Os eruditos britânicos têm usado a abreviatura *H,* letra inicial da palavra inglêsa *holiness* (santidade), para indicar essa unidade. Alguns pensam ser essa uma unidade literária, distinta da alegada fonte informativa *P (S).* Em inglês, "P" é a sigla de *pristly,* "sacerdotal". Ver no *Dicionário* o artigo chamado *J.E.D.P.(S).*

O Código de Santidade. Temos aí uma alegada fonte literária do Pentateuco, parte do material que foi incluído nos cinco primeiros livros da Bíblia, por algum compilador ou editor. Refere-se a certa porção do livro de Levítico (caps. 17-26), além de passagens paralelas, como Êxo. 21.13,14; Lev. 11.43,45 e Núm. 15.37-41. Conforme essa teoria afirma, tornou-se esse código uma coletânea de leis, que mais tarde foi incorporada no que se denomina Código Sacerdotal. Os eruditos aludem a esse código como *S,* de *sacerdotal.* Esse *código* teria sido inspirado pela *escola de Ezequiel,* advertindo contra as transgressões morais, as corrupções rituais e as influências pagãs, fazendo valer as advertências apropriadas de juízo divino, se o povo de Israel não obedecesse às normas desse código.

Alguns eruditos são capazes de perceber distinções entre *H.(S.)* e *P.(S.),* como seções separadas, embora fontes relacionadas ao Pentateuco, em seu conteúdo e impacto. Podemos acompanhar isso mediante os sete pontos abaixo:

1. A ordem para amar os forasteiros (Êxo. 22.21; 23.9; mas especialmente Lev. 19.34) reflete uma atitude que alguns eruditos pensam não constar na fonte *P.(S.).*
2. A expressão "eu sou o Senhor" encerra muitos mandamentos. Essa expressão ocorre por cerca de cinqüenta vezes nos capítulos à nossa frente.
3. A expressão "o Senhor, que vos santifica", ocorre por sete vezes nesta seção, mas somente por três vezes mais, no resto do Antigo Testamento (Êxo. 31.13; Eze. 20.12 e 37.28).
4. Uma palavra diferente para *forasteiro* é usada por onze vezes nesta seção, e apenas mais uma vez no resto da Bíblia.
5. A expressão *meus sábados* ocorre por três vezes, e por dez vezes no livro de Ezequiel, mas somente por mais duas vezes no resto do Antigo Testamento.
6. A expressão com que os ídolos são chamados, "coisas de nada", aparece somente por uma vez nesta seção, em todo o Pentateuco, e, então, somente em Isaías (19.4 e 26.1).
7. A expressão "seu sangue será sobre eles" seria peculiar a *H.(S.),* e, então, somente em Ezequiel. Portanto, o autor desta seção, de acordo com alguns eruditos, estaria vinculado à escola de Ezequiel. Muitos estudiosos supõem que esse código tenha sido escrito durante os dias do exílio babilônico, e que então foi adicionado ao Pentateuco. Os eruditos conservadores, entretanto, objetam a essa fragmentação daquela coletânea, ainda que lhes faltem argumentos específicos acerca das alegadas marcas de estilo e usos literários, que separe esta passagem (ou fonte informativa) de outras. Alguns estudiosos pensam que esta seção foi escrita antes mesmo do exílio babilônico. Diferentes marcas de estilo literário fariam parte da versatilidade de um autor.

Todos os diversos elementos desse código combinam-se na concepção de um povo santo que vivia em uma terra santa, servos do Deus santo. As palavras "santificai-vos, e sede santos, pois eu sou o Senhor vosso Deus" (Lev. 20.7) são o conceito subjacente que unifica a passagem toda.

A Legislação Mosaica era extremamente complexa, detalhada, e algumas vezes deixa o leitor perplexo. Um conjunto adicional de preceitos ajuda a esclarecer alguns pontos, mas a seção que ora comentamos introduz bastante material novo.

Sumário de Conteúdo (caps. 17 — 26):

1. Restrições acerca dos sacrifícios (cap. 17).
2. Casamentos ilegítimos e ofensas sexuais (cap. 18).
3. Mandamentos morais (cap. 19).
4. Mandamentos contra o culto a Moloque, a necromancia, as ofensas sexuais e ordens positivas para as pessoas honrarem a seus pais (cap. 20).
5. Um manual para os sacerdotes (caps. 21 e 22).
6. O calendário eclesiástico (cap. 23).
7. Azeite para as lamparinas; regras acerca dos pães da proposição; questões sobre blasfêmia e danos (cap. 24).
8. O ano sabático e o ano de jubileu (cap. 25).
9. Exortação final (cap. 26).

Ver no *Dicionário* o verbete intitulado *Ética do Antigo Testamento.*

17.1

Disse o Senhor. Essa expressão é um artifício literário empregado para introduzir alguma nova seção. Mas também nos faz lembrar a inspiração divina das Escrituras. Ver as notas completas em Lev. 1.1 e 4.1. A *fonte informativa H.(S.)* foi assim introduzida. Ver a introdução a este capítulo 17.

17.2

Moisés, a autoridade suprema, comunicava as ordens de Yahweh a seu irmão, Arão, que era o sumo sacerdote. *Os filhos de Arão* formavam o sacerdócio aarônico, e eram os auxiliares de Arão no culto divino. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Sacerdotes e Levitas.* Todos os filhos de Israel, ou seja, a *nação inteira,* eram os recebedores e beneficiários das leis divinas, pois elas tinham sido dadas visando ao bem, e não como uma maldição. O segundo versículo deste capítulo atua como uma elaborada introdução a muitos mandamentos, ritos, regulamentos e ordenanças que se seguirão nos capítulos 17 a 26. O capítulo 26 é uma espécie de apêndice. O capítulo dezessete contém a expressão "qualquer homem da casa de Israel" (vss. 3,8,10,13) que introduz seções, havendo quatro dessas seções neste capítulo.

Fórmulas de Introdução:

1. Somente a Moisés eram dadas as mensagens (Lev. 5.12,14-20; 8.1; 14.1), supondo-se que aquilo que lhe era dito fosse transmitido a outros.
2. Mensagem dada a Moisés, para transmiti-la a Arão (16.1).
3. Mensagem dada a Moisés, para transmiti-la a Arão e seus filhos (6.1,17).
4. Mensagem dada a Moisés, para transmiti-la aos filhos de Israel (1.1; 4.1; 7.28; 12.1; 18.2).
5. Mensagem dada a Moisés e a Arão, não sendo dito que eles deveriam *comunicá-la* aos filhos de Israel (13.1; 14.33).
6. Mensagem dada a Moisés e a Arão, a ser transmitida aos filhos de Israel (10.8).
7. Mensagem dada somente a Arão (10.8).
8. Mensagem dada a Moisés, que devia transmiti-la a Arão, aos filhos deste e a todo o povo de Israel. Essa expressão foi usada somente por mais duas vezes, em Lev. 21.24 e 22.18, o que poderia ser outra característica do Código de Santidade (*H.S.*). Ver a introdução a este capítulo, quanto a informações sobre essa suposta fonte informativa do Pentateuco.

17.3

Qualquer homem. Ou seja, "qualquer israelita", uma expressão usada por quatro vezes neste capítulo 17, conferindo-lhe uma espécie de esboço geral. (Ver os vss. 3,8,10 e 13). Ordens particulares eram dadas assim a qualquer hebreu que desejasse praticar sua fé religiosa de maneira correta.

Enquanto Israel não entrasse na terra de Canaã, não haveria abates não-religiosos de animais. A matança não-sacrificial era virtualmente tida como uma forma de homicídio (vs. 4). Ver Lev. 1.14-16 quanto aos tipos de animais que podiam ser usados nos sacrifícios. Três animais de grande porte são especificados: o touro, o carneiro e o bode. Isso deixa de fora as duas espécies de aves que também podiam ser usadas nos sacrifícios de natureza religiosa. O ofertante podia participar em uma porção das refeições sagradas, pelo que ele tinha um suprimento alimentar ao fazê-lo. Ademais, havia *outros* animais limpos, não usados em propósitos sacrificiais, e esses podiam ser utilizados na alimentação. Mas era estritamente proibido matar quaisquer dos três animais mencionados, meramente como alimento. Esses estavam reservados exclusivamente para fins religiosos.

Mas, uma vez que Israel estava na Terra Prometida, essa lei passou a ser ignorada, provavelmente por causa da grande multiplicação desses três tipos de animais, que então se tomaram parte do cardápio comum de Israel. Ver Deu. 12.20-28 quanto à modificação na lei. E mesmo então esses três tipos de animais eram sacrificados no santuário. Ver Lev. 17.5 e cf. Lev. 7.11-34 quanto ao uso desses animais na alimentação, embora tivessem de ser sacrificados primeiro em um sentido religioso.

17.4

À porta da tenda da congregação. Está em pauta a primeira cortina, que formava uma porta que fechava o átrio do mundo exterior. Ver as notas sobre

Êxo. 26.36 quanto às *três cortinas* do tabernáculo. Ver o gráfico sobre a *planta* do tabernáculo, na introdução ao capítulo 25 do livro de Êxodo. O santo sacrifício tinha de ser realizado no lado norte do altar de bronze. Esse era o lugar determinado. Qualquer homem que ousasse matar um dos três animais sacrificiais mencionados no vs. 3, para uso comum, era culpado de algo parecido com o homicídio. Assim o era, não porque fosse errado abater animais, mas porque esses três animais pertenciam a Yahweh e ao seu culto.

Eliminado do seu povo. Ou seja, executado, provavelmente por meio de apedrejamento. O indivíduo que matasse um dos animais de Yahweh pagaria pelo erro com a própria vida. Não porque tivesse matado a um animal, mas por ter matado a um animal que pertencia exclusivamente a Yahweh. Alguns estudiosos pensam que temos aí uma palavra que significa "exclusão", mas isso não é provável. Está em mira a idéia de *culpa de sangue*, uma forma de homicídio, um crime que somente a execução capital era capaz de reparar o erro presunçoso. Ver também Lev. 17.9,10,14. Cf. Êxo. 30.33,38; Lev. 7.20,21; 20.17,18; Núm. 15.30,31. Alguns estudiosos não vêem aqui a execução capital, e, sim, que o culpado sofreria algum acidente ou enfermidade fatal. Mas a *execução capital* provavelmente está em pauta. Talvez o décimo versículo deste capítulo aponte para o juízo divino, à parte de atos impostos pela lei.

Demonismo? Outros eruditos vêem aqui outra razão contra o oferecimento desses animais em campo aberto. Presume-se que essas ofertas em campo aberto podiam envolver a ação de poderes demoníacos. Ver as notas sobre o sétimo versículo deste capítulo. Assim, se um homem não estivesse envolvido em uma forma pagã de adoração, não deveria imitar o ato.

17.5

Sacrifícios pacíficos. Ver as notas sobre Lev. 7.11-33 e, quanto a idéias adicionais, ver Lev. 3.1-17. Esse tipo de oferecimento permitia que um homem e sua família participassem das porções designadas do animal. Portanto, se um homem se cansasse de comer carne de veado, gafanhotos e outros animais limpos, não banidos pela lei do vs. 3, então podia trazer o necessário para uma oferta pacífica (de comunhão), podendo assim comer carne de boi, de carneiro ou de bode. E também teria a vantagem de ter realizado um ato religioso. Ver o gráfico sobre os vários tipos de ofertas e como se podia participar delas nas refeições comunais, no material introdutório antes de Lev. 1.1. Os demônios do campo aberto, desse modo, sairiam perdendo (vs. 7). O homem evitaria toda a aparência de mal, e ainda teria seu delicioso rosbife.

17.6

O ritual comum de sacrifício seria realizado. O animal era morto no lado norte do altar de bronze (ver sobre isso em Êxo. 27.1). Os rituais de sangue eram efetuados. A gordura e o sangue pertenciam a Yahweh, de acordo com as informações dadas em Lev. 3.17. Ver sobre a expressão *aroma agradável,* em Lev. 1.9; Êxo. 29.18. Ver as notas sobre Lev. 1.5 quanto ao ritual seguido. Visto que se tratava de uma oferta pacífica, o adorador e seus familiares podiam ter uma refeição comunal de porções designadas. Ver Lev. 7.15 quanto a notas sobre aqueles que podiam participar, nessa ocasião.

17.7

Oferendas feitas em *campo aberto,* distante do santuário, eram efetuadas aos sátiros, os *peludos* (no hebraico, *seirim*). Essa palavra também era usada para indicar os bodes hirsutos. Mas o mais provável é que aqui estejam em pauta demônios concebidos como se fossem tipo bode. Os egípcios e outras nações antigas adoravam o bode, e, por trás desse animal, forças demoníacas que o usavam como seu representante.

No célebre templo de Themuis, capital do Nomos Mendesiano, no Baixo Egito, havia uma forma especial de idolatria que envolvia o bode, e esse templo estava dedicado a tal forma de adoração. À imagem de Pan eles chamavam de *Mendes.* Era uma figura que representava a fertilidade, e pequenas estatuetas desse animal foram achadas em muitos lugares do Oriente. Os gregos e os romanos também tinham seus demônios-bodes e um culto voltado a essas falsas divindades. Os hebreus trouxeram do Egito essa forma de idolatria (entre outras), e este versículo talvez aluda à sua continuação, no meio do povo de Israel, no deserto, onde não havia quem estivesse inspecionando. Ver Jos. 24.14; Eze. 20.7; 23.3; Isa. 34.14; II Crô. 11.15. Heródoto descreveu a adoração ao bode no Egito (*Euterpe,* 1.2 c. 46), tal como o fez Diodoro Sículo, o que, segundo ele afirmou, tornou-se um costume grego (*Bibliothec.* 1. pars. 58,79). Ver Jer. 31.32; Eze. 16.26. No Novo Testamento, ver I Cor. 10.20; Apo. 9.20 e 11.15.

O Estatuto Eterno contra a Idolatria. Essa lei não admitia nenhuma forma de idolatria, incluindo aquela praticada em campos abertos, que caracterizava outros povos. Ver o artigo detalhado, no *Dicionário,* chamado *Idolatria.*

17.8,9

Esses dois versículos sumariam a questão, repetindo o que já tinha sido dito nos vss. 3 e 4, onde são dadas as notas expositivas. A esse material é acrescentada a proibição de que nem mesmo os estrangeiros que estivessem vivendo entre os israelitas (que se tinham convertido ao yahwismo), nem mesmo os forasteiros, que estivessem ali apenas de passagem, podiam violar as leis sobre os sacrifícios não-religiosos que envolviam os três animais vedados no vs. 3. Os violadores, fossem eles hebreus ou não, seriam executados, conforme se vê no quarto versículo deste capítulo. O castigo podia ser a exclusão, o juízo divino através de acidente ou enfermidade, ou a execução capital, de acordo com um processo judicial. Mas parece que a terceira dessas possibilidades é a que está em foco aqui, mesmo no caso de estrangeiros. Envolver-se em práticas idólatras era uma questão muito séria em Israel. Um estrangeiro talvez sofresse um castigo divino, mas dificilmente poderia ser excluído, a menos que fosse um prosélito. Alguns duvidam de que os hebreus executassem judicialmente a estrangeiros, mas outros eruditos não vêem nenhuma dificuldade nisso. Jarchi referiu-se a uma morte *violenta e prematura* dos violadores, mas ele representa uma opinião muito antiga.

A Proibição de Ingerir Sangue (17.10-16)

Sob nenhuma circunstância um israelita, ou alguém que vivesse na comunidade de Israel, como um prosélito, podia incluir sangue na sua dieta. Todo sangue dos animais abatidos precisava ser totalmente drenado. Nenhum animal que tivesse morrido acidentalmente podia ser usado como alimento, pois a drenagem do sangue não poderia ser devidamente observada. Animais estrangulados ou enfermos também não podiam ser usados na alimentação. O sangue era virtualmente identificado com a *vida* biológica; e toda vida pertence a Yahweh, que foi quem a deu. Ninguém, pois, podia tomar a vida para si mesmo, mesmo que fosse a vida de um animal. O sangue pertencia exclusivamente a Yahweh. Ver as notas sobre Lev. 3.17 quanto à lei sobre a gordura e o sangue, onde as notas expositivas também têm aplicação aqui.

Era impossível que o sangue de touros e bodes tirasse pecados (Heb. 10.4). Mas os hebreus faziam uma idéia, a respeito do sangue, que só fará sentido para nós se virmos ali algum tipo ou sombra, cujo antítipo seja a morte expiatória de Cristo. O perdão nos é estendido por meio da virtude da cruz de Cristo. A teologia fala sobre o precioso sangue de Cristo. Ver no *Dicionário o* artigo intitulado *Sangue,* e, na *Enciclopédia de Bíblia, Teologia e Filosofia* o verbete denominado *Expiação pelo Sangue de Cristo.*

17.10

A Ingestão de Sangue É Proibida. Ver a introdução antes deste versículo décimo e Lev. 3.17 quanto às leis sobre a gordura e o sangue. O Pentateuco contém sete proibições acerca da ingestão de sangue. Ver Gên. 9.4; Lev. 3.17; 7.26,27; 17.10-14; 19.26; Deu. 12.15,16,23,24; 15.23. Ver o vs. 11 deste capítulo quanto a *duas razões* dessa proibição.

Algum sangue. Sangue humano, sangue de animais, sangue de aves etc. Estava tudo coberto pela lei geral.

A Iracunda Face Divina. Se alguém desobedecesse a esse preceito, tão importante para os hebreus, podia ter a certeza de que enfrentaria a irada face de Yahweh, que prometia morte súbita, enfermidade e uma vida perturbada. Juízos divinos lhe sobreviriam. Um modo desse castigo seria através da execução judicial, o que provavelmente está em foco na expressão *eliminado.* Ver as notas sobre isso no vs. 4. Se tal pessoa escapasse disso, por certo enfrentaria a irada face de Yahweh a olhar para ele, garantindo-lhe um mau fim.

A metáfora da *face irada* ocorre por duas vezes neste livro de Levítico. Ver Lev. 20.3,5 e 26.17. Todavia, a palavra *face,* por si só, pode falar de ira. Ver Gên. 30.29 (no hebraico, "aplacar sua face"). Lam. 4.16. Cf. I Ped. 3.12. Ver também Sal. 34.16. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Antropomorfismo.* Como é óbvio, a palavra *face* (no hebraico, *panim*), mas que não aparece em nossa versão portuguesa, pois lemos ali apenas "contra ele me voltarei e o eliminarei", deve ser entendida metaforicamente.

17.11

Este versículo fornece-nos *duas razões* para a proibição sobre a ingestão de sangue:

1. O sangue era considerado *sagrado* em si mesmo, sendo a sede da vida biológica, de alguma maneira misteriosa (de acordo com a mente dos hebreus), mas que não entendemos. Sabemos agora que a verdadeira vida é a *alma;* mas a antiga teologia dos hebreus, conforme refletida no Pentateuco, não dispunha de nenhuma doutrina da alma, embora ela fosse antecipada na doutrina da "imagem de Deus", em Gên. 1.26,27. Em contraste com isso,

Platão acreditava que toda e qualquer vida é psíquica ou imaterial, e que os corpos físicos são apenas veículos das várias espécies de vida, incluindo a vida humana. Ver no *Dicionário* os verbetes chamados *Alma* e *Sangue*. Na teologia posterior dos hebreus, na época dos Salmos e dos Profetas, começou a ser salientada a doutrina da alma; mas, *mesmo então, não de maneira* definida e profundamente teológica. Porém, se imaginarmos que os hebreus atribuíam vida ao sangue, conforme agora atribuímos à alma, então obteremos alguma idéia de como o sangue era considerado tão sagrado.

2. Ademais, era o sangue que fazia *expiação*, ao ser vertido sobre o altar de Yahweh. A razão disso é que uma *vida* Lhe estava sendo oferecida. Isso Ele honrava e, ao honrá-lo, também perdoava o pecado. Uma vida (a do sangue do animal sacrificado) fora oferecida em lugar da vida humana, que merecia morrer por causa de seu pecado. Na expiação, entretanto, a pessoa obtivera a vida, e não a morte, porquanto seus pecados foram perdoados. Em conseqüên-cia, qualquer pessoa que cresse nessa teologia, mostrar-se-ia absolutamente destituída de respeito se viesse a *ingerir sangue*, em qualquer de suas formas. O sangue era por demais sagrado para ser usado na alimentação. Era visto como inerentemente sagrado e virtuoso quando se tratava de perdão de pecados.

Alguns intérpretes, exibindo conhecimento sobre a vitalidade e a natureza absolutamente necessária do sangue, tentam isso fazer valer no que tange a este versículo. Mas o autor sacro não estava pensando nesses termos. Ele estava pensando no sangue como uma espécie de sangue, não em algo que cuida da nutrição da vida biológica. Assim comentou Aben Ezra sobre o presente texto: ". . .vida por vida; alma por alma. . .". Na Ceia do Senhor, o sangue de Cristo é bebido em um sentido metafórico. E não devemos ter dúvidas de que textos como Lev. 17.11 estavam por trás da formulação original dessa teologia. Ver I Cor. 10.16 e 11.23 ss.

O sangue era a base do sistema sacrificial levítico. E essa idéia foi transferida para o Novo Testamento, sob a forma do sangue de Cristo. Prevalece no Novo Testamento a idéia da expiação vicária, embora de outra maneira. Ver no *Dicionário* o artigo *Expiação* quanto às diversas teorias teológicas sobre a questão. Ver Heb. 9.22. ". . .a *vida* do sacrifício expiava pela *vida* do ofertante" (Ellicott, *in loc.*). Um pouco antes ele tinha dito: "(o sangue) constituía a alma da vida animal".

17.12

Este *versículo reitera*, para efeito de ênfase, *a proibição* absoluta que vigorava contra a ingestão de sangue. As *razões* para isso são dadas nas notas do vs. 11. Tanto hebreus quanto estrangeiros estavam incluídos nessa lei, conforme já vimos e comentamos no vs. 10 deste capítulo. Os apóstolos retiveram esse preceito, não por causa de alguma justiça inerente, mas para agradar os judeus que se tornavam cristãos e que se ofenderiam diante da ingestão de sangue por parte de crentes gentílicos. Ver Atos 15.20,29; 21.25.

17.13

A lei do sangue aplicava-se a todos os animais, incluindo as aves, que eram limpos e podiam ser comidos pelo homem. Se algum sangue *não fosse oferecido* em sacrifício a Yahweh, então precisava ser drenado do animal e *enterrado*. Esse sepultamento, mui provavelmente, era outra forma de oferenda feita a Yahweh. O sangue sepultado ia para Ele, e não para os estômagos humanos. Havia muitos animais limpos que não eram oferecidos em sacrifício, cujo sangue jamais seria aspergido sobre o altar. Mas o sangue de tais ânimais também era sagrado.

A Terra. A terra é a mãe de todos nós. Ela confere vida; e, então, recebe o corpo, por ocasião da morte física. Yahweh criou a terra como um lugar frutífero, como a fonte de toda vida biológica. Ver Gên. 1.24. O sangue era, pois, devolvido à terra, como a fonte da vida.

Enterrar o sangue também impediria que os animais selvagens viessem a lamber o sangue, usando-o como alimento, profanando assim o que é sagrado. Ademais, o costume de "passar em redor um vaso com sangue", para ser bebido, não podia ser praticado em Israel. Alguns povos antigos punham sangue em um vaso, ou em um buraco, e as pessoas sentavam-se em redor para ingerir o sangue. O vaso de sangue era usado para alimentar pessoas, como se fosse parte do cardápio. Tal prática era abominável para os filhos de Israel.

Formalização. Em tempos posteriores, o ato de enterrar o sangue foi formalizado como um direito a uma bênção apropriada: "Bendito és Tu, ó Senhor nosso Deus, Rei do mundo, que nos tens santificado por Teus preceitos e nos tens dado mandamento acerca de como cobrir o sangue" (*Maimônides*).

Caça. Ver no *Dicionário* o artigo intitulado *Caça*. Um território com cerca de sessenta *por cento de deserto não era* bastante produtivo para permitir aos hebreus o luxo de não terem de apelar para a caça. Ali a caça não era praticada como um esporte. Antes, era uma fonte vital de alimentos. Muitos animais limpos, que eles podiam caçar, eram usados na alimentação. Ver Gên. 25.27; Pro. 12.27. Embora Israel fosse uma nação essencialmente agrícola, a caça tinha seu papel como suprimento alimentar. Meu artigo sobre o assunto provê detalhes.

17.14

Uma das características literárias do autor sacro do Pentateuco era a repetição, que achamos por toda parte. Assim, este versículo repete o que já tinha sido apresentado desde o vs. 10, e nada acrescenta de novo. Ver as notas sobre o vs. 11 quanto a *duas razões* pelas quais o sangue não podia ser usado como alimento, e cf. Lev. 3.17, onde são dadas notas adicionais.

17.15

Um animal (normalmente apropriado para a alimentação, mas que havia morrido ou tinha sido morto acidentalmente, ou fora morto por outro animal) não podia ser comido. Casos assim não permitiam que o sangue do animal fosse devidamente drenado. Comer da carne de tal animal, pois, era ingerir sangue, e isso era contrário à lei descrita a começar pelo décimo versículo deste capítulo.

Mas se, por ignorância, alguém viesse a comer da carne de tal animal, tinha de passar pelas cerimônias de purificação. Precisava lavar suas roupas e tomar um banho ritual. Ver Lev. 11.24-28 quanto às cerimônias envolvidas. Ver Lev. 15.5 quanto a *ficar imundo até a tardinha.* Um homem que ao menos tocasse na carcaça de um animal imundo ficava imundo e precisava seguir as mesmas regras de purificação.

Mesmo que alguém comesse um pedaço minúsculo da carne desse animal, do tamanho de uma azeitona, ficava imundo. A abstinência da carne de animais que tinham morrido por causas desconhecidas ou por acidente, ou por terem sido mortos por algum outro animal, também era observada por outros povos. Assim disseram Laércio (*In Vit. Pythagor.* 1.8) e Aeliano (*Var Hist.* 1.4 c. 17). Porfírio diz-nos que a regra era virtualmente universal (*De Abstinentia*, 1.3 sec. 18).

Mas um hebreu podia doar ou vender um animal assim a um não-hebreu, e tal pessoa podia comer de sua carne, e o hebreu não teria culpa por isso (Deu. 14.22). Mas tal animal, quer fosse de um homem quer fosse de um estrangeiro que vivesse na terra, não podia ser consumido pelos hebreus. Os hebreus eram um povo separado e diferente, que estava na obrigação de obedecer às leis de Yahweh (Deu. 14.21).

A lei era guardada com todo o rigor. Ver I Sam. 14.32-35; Eze. 14.4; 44.31. Animais "sufocados" não podiam ser comidos, pelas mesmas razões dadas acima; e o concílio de Jerusalém (Atos 15.20) confirmou essa regra por causa da consciência de judeus cristãos.

17.16

O indivíduo que deixasse de lavar suas roupas e tomar o banho ritual (vs. 15, ver as referências ali) permanecia imundo e não podia participar do culto divino, ficando temporariamente excluído. Jarchi diz-nos que tal homem sofreria sua devida punição, como um bom espancamento. Essa lei de açoites prosseguiu até os dias do segundo templo.

Capítulo Dezoito

Casamentos Ilícitos (18.1-18)

O Problema do Incesto. Meus amigos, recentemente (1992) servi na junta examinadora de um candidato a doutorado pelo Instituto de Psicologia da USP. A tese que ele escreveu dizia respeito ao *incesto*. Fui convidado como pessoa conhecida por "especialista religioso" para servir nessa comissão. Essa tese informou-nos quão crítico é o problema do incesto no Brasil. Os corpos de crianças inocentes não são respeitados nem pelos seus pais. As porcentagens envolvidas eram estonteantes. A tese requeria mudanças na legislação brasileira para ajudar a enfrentar a situação. Ficou claro que a situação está abalando a sociedade moderna. Mas podemos ficar surpreendidos que esse era um dos grandes problemas *de Israel*. O gráfico que ofereço logo antes dos comentários sobre Lev. 18.1 foi preparado como parte de minha participação na junta examinadora da tese mencionada, e sumaria importantes aspectos do pensamento dos hebreus sobre a questão, conforme ela nos é exposta nos capítulos 18 e 20 do livro de Levítico.

Israel era proibido de pôr em prática os costumes abomináveis dos povos pagãos (vs. 30), e alguma forma de execução capital era o resultado para quem ignorasse as leis.

INCESTOS: TIPOS PROIBIDOS E SEUS DEVIDOS CASTIGOS

Definição: União sexual ilícita entre parentes consangüíneos ou proximamente relacionados.

Pecado sexual: O incesto é uma forma agravada de fornicação ou adultério.

Aberração social: O incesto, embora quase universalmente praticado, é também quase universalmente repudiado, na opinião dos povos do mundo.

O Antigo Testamento: proibia relações sexuais de um homem com uma mulher a ele relacionada por algum grau de parentesco. Ver o gráfico abaixo.

Tipos de Incesto	Referências Bíblicas	Castigo Ameaçado
Mãe	Proibido: Lev. 18.7	Não mencionado, mas entendido em Lev. 20.11: apedrejamento, segundo a interpretação da maioria; alguns dizem fogueira. O Código de Hamurabi (157) exigia a fogueira.
Madrasta	Proibido: Lev. 18.8	Apedrejamento? Ver Lev. 20.11. (punição capital). Cf. Lev. 20.4,5.
Irmã (meia-irmã)	Proibido: Lev. 18.9; 20.19	Apedrejamento? Ver Lev. 20.17. (punição capital). Cf. Lev. 20.4,5.
Sobrinha	Proibição entendida: este tipo de incesto não é mencionado em Lev. caps. 18 e 20, nem em Deu. cap. 28, mas nos códigos da igreja. Talvez deva ser entendido nas proibições de Lev. 18.6	
Neta	Proibido: Lev. 18.10	Não mencionado. Presumivelmente apedrejamento.
Tia (de consangüinidade)	Proibido: Lev. 18.12,13	Infertilidade por maldição divina: Lev. 20.19; ou, segundo alguns intérpretes, os filhos nascidos de tais uniões não teriam os mesmos direitos dos filhos legítimos.
Tia de afinidade	Proibido: Lev. 18.14	Infertilidade por maldição divina. Ver Lev. 20.20.
Nora	Proibido: Lev. 18.15	Apedrejamento? Ver Lev. 20.12.
Cunhada	Proibido: Lev. 18.16	Infertilidade. Ver Lev. 20.21.
Uma mulher (sua filha ou neta)	Proibido: Lev. 18.7	Não mencionado; presumivelmente apedrejamento. Ver Lev. 20.14, que poderia incluir morte na fogueira.
Duas irmãs	Proibido: Lev. 18.18	Não mencionado.
Sogra	Proibido: Lev. 20.14 e Deu. 27.23	Fogueira. Ver Lev. 20.14.

"Na qualidade de um povo santo, separado para ter uma ligação especial com o Senhor, Israel não podia imitar as práticas de outros povos (vss. 24-29; 11.44,45)" (*Oxford Annotated Bible, in loc.*).

A Legislação Mosaica tinha por intuito separar o povo de Israel dos costumes e das atitudes dos pagãos. Ver as notas introdutórias em Êxo. 19.1, *na parte* chamada *Pacto Mosaico.*

"Natureza e Lei. Por muitas vezes têm-se pensado que 'a volta à natureza' significa repudiar todas as convenções e proibições quanto a questões sexuais. Mas de fato, povos primitivos tendem por ser excessivamente estritos quanto às regras e proibições atinentes ao casamento. Entre eles, o matrimônio é cercado de tabus. A promiscuidade não é natural para os seres humanos. As proibições deste capítulo seriam meras convenções e tabus, ou representam a lei de Deus? A lei de Deus não pode ser outra senão o cumprimento da natureza com que Deus nos brindou, e as convenções obrigatórias das sociedades primitivas devem ser reputadas como o esforço do homem por entender essa natureza. As proibições constantes neste capítulo abordam aquilo que é desnaturai, ou seja, vícios" (Nathaniel Micklem, *in ioc.*).

Ver no *Dicionário* os artigos chamados *Incesto e Ética do Antigo Testamento.*

18.1

Disse mais o Senhor. Essa expressão é um artifício literário, usado pelo autor sagrado, a fim de introduzir novas seções. Porém, também lembra-nos continuamente da inspiração divina das Escrituras. Ver notas completas a respeito em Lev. 1.1, com adendos em Lev. 4.1.

18.2

Fala aos filhos de Israel. Moisés, o mediador, foi instruído a falar ao povo de Israel, onde havia toda espécie de incesto, por mais espantoso que isso possa parecer, sendo eles "o povo da lei". Quanto às várias *fórmulas de introdução* às seções, ver as notas sobre Lev. 17.2, onde apresento oito dessas fórmulas. Aquela aqui seguida é a quarta daquela lista, a qual também pode ser achada em Lev. 1.1; 7.28 e 12.1.

Eu sou o Senhor vosso Deus. Alguns eruditos pensam que essa expressão é um sinal do *Código de Santidade (H.S.),* que teria sido a fonte informativa seguida pelo autor-editor na compilação de seu livro. Alegadamente, essa fonte é que deu origem ao trecho de Lev. 17-26. Na introdução ao cap. 17 apresento uma discussão completa sobre a questão, onde figuram outras características dessa alegada fonte.

A expressão deste versículo também ocorre nos vss. 4-6, 21 e 30, sendo usada para finalizar declarações ou instruções solenes, ou para introduzi-las (como aqui). Cf. Êxo. 20.2 e Deu. 5.6, onde estão em vista os Dez Mandamentos e onde é utilizada uma expressão quase idêntica. O povo, cujo Deus é Yahweh, precisava observar leis que os distinguia dos povos gentílicos. Ver Lev. 11.44, onde a expressão é usada em conexão com a necessidade de Israel ser um povo consagrado e santo, "santo como Deus é santo". A *autoridade* de Deus exigia uma conduta ética apropriada.

18.3

Não fareis segundo as obras. Já tinha havido maus exemplos suficientes, no Egito e na terra de Canaã, no tocante aos costumes sexuais. Tais maus exemplos deviam ser *repudiados,* e não seguidos. A *falácia naturalista* é a suposição que diz: "o que é, deveria ser". Mas existem muitas coisas que são, e, no entanto, não deveriam ser. Ver os vss. 21-23 quanto a violações contra o costume apropriado, instigadas pelo paganismo. Mas o capítulo inteiro refere-se àquelas coisas que os pagãos praticavam, mas que eram proibidas em Israel.

Terra de Canaã. Alguns expositores valem-se dessas palavras como se fossem um anacronismo, visto que Israel ainda não tinha entrado na Terra Prometida. Por isso, supõem que o texto à nossa frente tenha sido escrito após a entrada na Terra Prometida. De fato, eles extrapolam de indícios assim e pensam que o Pentateuco inteiro foi escrito em data posterior, e não nos dias de Moisés. Ver a introdução ao livro de Levítico, em sua segunda seção. Ver sobre o vs. 30 quanto a uma referência geral a errados costumes pagãos, que o povo de Israel não podia seguir. Entre esses costumes destacam-se as práticas incestuosas, abordadas nos trechos de Lev. 18.1-18 e Lev. 20.

18.4

A legislação mosaica era complexa e exigente. Antes de tudo foram dados os Dez Mandamentos (anotados em um detalhado artigo sobre o assunto, no *Dicionário).* Vieram então adições e complexidades quase infindas. Mas o homem que as estudasse podia captar a essência dessas leis. Ademais, os sacerdotes eram mestres cujo dever era prestar informações aos israelitas. Acima de tudo, Israel era uma nação da *Lei.* Notemos a importância do estudo e do ensino. Há todo um corpo de conhecimentos que nos convém dominar, e esse corpo de conhecimentos deve ser ensinado. Isso é contra o *antiintelectualismo* (ver a respeito no *Dicionário*). E também revolta-se contra a idéia de que todo ensino precisa ser feito por inspiração divina direta, noção essa que contradiz o bom senso e exagera a importância de *um* dos modos de tomarmos conhecimento das coisas.

Fareis. . . guardareis. Existe o corpo de conhecimentos revelados para ajudar-nos a saber como devemos "andar", ou seja, como nos devemos conduzir na vida da melhor maneira. *Andar* é uma expressão metafórica que exprime a conduta. Ver no *Dicionário* o verbete *Andar,* quanto a plenas explicações.

Eu sou o Senhor vosso Deus. Essa expressão ocorre por seis vezes (com alguma modificação) neste capítulo. Ver as notas sobre seu sentido e usos, no segundo versículo deste capítulo. Está em mira uma *autoridade* que requer uma correta conduta ética.

18.5

Cumprindo os quais, o homem viverá por eles. Vivia-se, vivendo corretamente. A vida consistia na guarda da lei. Este versículo é muito empregado para mostrar que os hebreus esperavam obter a vida eterna mediante a guarda da lei. Posteriormente, os judeus interpretavam-no nesse sentido. Mas foi essa a questão central que o apóstolo Paulo combateu e repudiou, em Gál. 3.21,22. Disse ele: ". . . se fosse promulgada uma lei que pudesse dar vida, a justiça, na verdade seria procedente de lei. Mas a Escritura encerrou tudo sob o pecado, para que mediante a fé em Jesus Cristo fosse a promessa concedida aos que crêem".

Mas em Lev. 18.5, "vida" não é a vida eterna. Em parte alguma do Pentateuco temos a promessa de vida além-túmulo para os que vivessem retamente, nem temos ameaças de juízo, além-túmulo, para os que não vivessem retamente. O Pentateuco não contém a doutrina da alma, embora ela seja antecipada na doutrina da *imagem de Deus,* em Gên. 1.26,27. Séculos mais tarde, nas mãos de Paulo, essa doutrina tornou-se muito importante, como centro da vida e natureza da alma eterna (Rom. 8.29 ss.; I João 3.2). Tal *desenvolvimento teológico,* contudo, não começou nos dias de Moisés. A idéia da alma começa nos Salmos e nos Profetas; mas o assunto da bem-aventurança ou da punição eternas, além-túmulo, ainda precisou de muito mais tempo para ser consolidado dentro da teologia dos hebreus. Simplesmente temos de admitir que a teologia judaica, nesse particular, era deficiente, sendo esse um dos pontos que a revelação cristã veio aprimorar.

Não há que duvidar, sem embargo, de que, posteriormente, quando os judeus vieram a crer firmemente na existência da alma imortal e imaterial, o trecho de Lev.18.5 passou a ser empregado para mostrar que a vida eterna viria através da guarda da lei. E isso armou o palco para o repúdio a tal ensino, por parte de Paulo.

A *vida* referida em Lev. 18.5 é uma vida física abundante, abençoada por Yahweh. Uma vida boa, mediante a observância dos mandamentos, mas que termina na morte. É melhor alguém viver bem do que ao contrário, e a guarda da lei fazia parte integral de uma vida boa e longa sobre a terra, sob a bênção de Yahweh.

"A obediência às leis de Deus produzia, em Seu povo, vidas felizes e realizadas (cf. Lev. 26.3-13; Deu. 28.1-14)" (F. Duane Lindsey, *in loc.*).

"As autoridades religiosas dos dias do segundo templo interpretavam essa cláusula no sentido de que quem obedecesse a essas leis teria a vida eterna. Por isso mesmo, as antigas versões caldaicas traduziam-na como "terá a vida eterna". Essa passagem foi citada tanto pelos profetas (Eze. 20.11; Nee. 9.29) quanto pelo apóstolo Paulo (Rom. 10.5 e Gál. 3.12), o qual contrastou essa promessa, baseada nas obras, com a promessa do evangelho, baseada na fé" (Ellicott, *in loc.*). O argumento paulino, naturalmente, era que viver a lei, obedecer aos seus conceitos, é algo realmente acima da capacidade humana. Por isso mesmo, o homem precisa de um sistema diferente do da lei, o sistema da graça-fé.

Eu sou o Senhor. Uma forma abreviada da fórmula "Eu sou o Senhor vosso Deus" (vs. 2). Essa expressão figura por seis vezes neste capítulo 18 de Levítico. Ver as notas sobre a força dessa declaração, no segundo versículo deste capítulo. Alguns eruditos pensam que essa expressão era uma característica do chamado *Código de Santidade,* conforme salientei na introdução a este capítulo.

18.6

Nenhum homem se chegará. Temos aqui as leis contra o incesto. Os capítulos 18 e 20 dão-nos os graus de parentesco que excluíam o casamento ou as experiências sexuais. Primas e sobrinhas são deixadas de fora da lista, dando a entender que casamentos com parentas assim não eram proibidos. Mas talvez a declaração geral deste versículo envolva até mesmo as sobrinhas. Ver o gráfico, mais acima, que ilustra a questão inteira, completa com as drásticas punições que os incestuosos sofriam sob a legislação mosaica.

Chegará. . . para lhe descobrir a nudez. Essas expressões eufemísticas significam "ter sexo com" e/ou "casar-se com". Nem relações sexuais ocasionais nem casamento podiam ser mantidos com as parentas mencionadas nos versículos que se seguem. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Incesto.*

Parenta da sua carne. No hebraico, literalmente, "carne de sua carne", apontando para parentas próximas. Ver Sal. 73.26; 78.20,27; Miq. 3.2,3. Cf. os vss. 12 e 13, onde temos a palavra "parenta". Essas expressões, conforme veremos no decurso do estudo, significam tanto consangüinidade quanto afinidade (esta última, parentescos por meio de casamento, mas não por sangue).

Os vss. 6-18 deste capítulo contêm *doze* proibições. Cf. as doze maldições do capítulo 27 de Deuteronômio, onde o mesmo assunto é ventilado. Ver o gráfico antes da exposição sobre Lev. 18.1 (na introdução ao capítulo), que ilustra os parentescos em foco. No ponto *quarto* alistei "sobrinha", o que não é especificamente mencionado no texto, aumentando assim a lista para treze possibilidades, onde explico a origem dessa proibição.

Essas leis eram interpretadas de modo a incluir os *gentios,* os quais eram assim advertidos a também evitar o *incesto,* embora o texto não tenha sido especificamente escrito para os não-hebreus. (*Talmude Bab. Sanhedrin,* fol. 57.2; advertidas, e não somente os homens, ainda que, do começo ao fim, essas regras tenham sido endereçadas aos homens).

18.7

A nudez de teu pai. Não temos aqui a proibição acerca de homossexualismo com o próprio pai. O homossexualismo é proibido em outros lugares. Ver Lev. 18.22 e 20.13. Paulo manifestou-se a respeito, em Rom. 1.27. Ver na *Enciclopédia de Bíblia, Teologia e Filosofia* o artigo *Homossexualismo.* A proibição que temos aqui é contra as relações sexuais com a própria mãe. As duas frases significam a mesma coisa: "a nudez da mãe" é "a nudez do pai". A nudez da mãe pertencia a seu marido, e não podia ser violada. Alguns eruditos vêem na primeira cláusula a proibição de uma mulher casar-se ou ter sexo com seu próprio pai, ou de um homem casar-se ou ter sexo com sua própria mãe. Mas talvez isso não esteja em pauta, embora fossem ambos atos incestuosos. Nos dias do segundo templo, a proibição era entendida como dirigida tanto a uma filha quanto a um filho: mães e pais não podiam casar-se nem ter sexo com seus filhos e filhas. Ver os casos escandalosos de Ló e suas filhas (*Gên.* 19.31-38). Também há os casos lendários de Édipo e Jocasta, ou o caso de Nero e sua mãe.

Tua mãe. Este versículo proíbe o incesto com a própria progenitora.

Entre os magos, entre os persas, e até entre os persas em geral, havia casamentos e experiências sexuais entre filhos e suas mães (*Sex. Empir. Phrrh.* 1.3 c. 24). Várias fontes informativas dizem-me sobre outras nações *orientais* onde tais coisas aconteciam com freqüência, embora não dêem referências. Teodoreto (*Quest.* xxiv) menciona a prática entre os egípcios, os cananeus e outras nações pagãs, o que continuou sucedendo até primórdios da era cristã. Entre os japoneses, a prática é quase uma tradição.

Punição. O castigo por esse crime provavelmente era o apedrejamento, conforme as autoridades judaicas nos adiantam. O código de Hamurabi (157) exigia a fogueira, como também no caso de outras sérias ofensas morais. Ver Lev. 20.11, provavelmente uma alusão ao apedrejamento, que, por implicação, dá a entender esse tipo de incesto.

18.8

Nudez da mulher de teu pai. Está em pauta a madrasta. O incesto com tal pessoa é proibido nesse versículo, incluindo tanto o casamento quanto algum contato sexual ocasional. Um homem jamais poderia tocar na mulher de seu pai, mesmo que essa mulher ainda fosse noiva de seu pai, de acordo com as leis vigentes na época do segundo templo. Temos o notório caso desvairado de Rúben (provavelmente ataque sexual) que envolveu Bila, uma das mulheres de Jacó, mas que não era mãe de Rúben. Ver Gên. 35.22. Houve também o caso de Absalão com as mulheres de Davi, seu pai (II Sam. 16.20-23; I Reis 2.17). Esse caso envolveu adultério, embora, ao mesmo tempo, houvesse atos incestuosos. E no Novo Testamento há o registro de um caso assim, em I Cor. 5.1-4, provavelmente envolvendo uma madrasta, talvez depois da morte do pai. Uma mulher casada com um homem não podia fazer sexo com nenhum dos filhos dele, estivesse ele vivo ou morto. Casamentos com madrastas eram comuns na cultura árabe, até que isso foi estritamente proibido pelo *Alcorão* (4.27). Antes disso, nas polígamas sociedades árabes, quando o homem mais idoso (o pai) não podia mais satisfazer o seu harém, as mulheres mais jovens do harém eram simplesmente entregues aos filhos. A mesma coisa ocorre em algumas culturas africanas, até hoje.

O trecho de Deu. 27.23 amaldiçoa o homem que ousasse abordar sua sogra. Cícero (*Orat. 14* pro. A. Cluentio Avito) denunciou tais casamentos e práticas sexuais, como instâncias de concupiscência desenfreada e singular falta de vergonha.

Punição. O trecho de Lev. 20.11 requeria a pena de morte, provavelmente por apedrejamento. Cf. Lev. 20.27 quanto à identificação do tipo de execução em pauta, pois as palavras coincidem nos dois versículos.

18.9

A nudez da tua irmã. O fraseado do versículo dá a entender uma meio-irmã, ou seja, irmã só de pai ou só de mãe. Este versículo proíbe o incesto com tais pessoas.

Tradicionalmente, o tipo mais comum de incesto, nos tempos antigos ou modernos, é esse que envolve irmãos e irmãs. Se uma irmã é membro da família, ainda assim ela é uma mulher, e os irmãos estão cônscios desse fato.

O patriarca Abraão casou-se com sua meia-irmã, Sara (Gên. 20.13); e não se pode duvidar de que isso encorajou outros hebreus a fazer o mesmo, nos séculos que se seguiram. A prática de homens casarem-se com suas irmãs de pai e de mãe pravaleceu entre várias nações antigas. No Egito, havia o casamento sagrado das famílias reais, que *requeria* que um irmão se casasse com sua irmã, pois pessoas que não pertenciam à família real não podiam *perturbar* a unidade *divina.* Os Faraós eram considerados divinos. Os atenienses casavam-se com suas meias-irmãs, pelo lado do pai; os espartanos casavam-se com meias-irmãs, pelo lado da mãe. Amom teve sexo com Tamar, e desejou casar-se com ela, o que, aparentemente, poderia tê-lo feito (II Sam. 13.13,16,20).

Circunstâncias Variadas. Uma meia-irmã poderia nascer no mesmo lar: de um casamento polígamo. Também podia estar vivendo em outra casa. Podia ter nascido de um estrangeiro, e estar vivendo fora da comunidade. Podia ser uma filha legítima ou ilegítima. Sem importar quais as circunstâncias, um seu meio-irmão não podia tocar nela. E que dizer sobre as *irmãs por afinidade?* Ver os comentários sobre o próximo versículo.

O Caso de Abraão, no Gênesis, não é comentado pelo autor sagrado. Abraão viveu antes da legislação mosaica, em uma época na qual casamentos entre irmãos e irmãs eram comuns em muitas culturas. Mas se Abraão tivesse vivido nos dias de Moisés e tivesse feito a mesma coisa, teria sido executado. Por outro lado, se Abraão tivesse vivido nos dias de Moisés, não se teria casado com Sara, sua meia-irmã. Essas circunstâncias nos fazem lembrar de que a revelação divina vai crescendo. O que era permissível nos dias de Abraão não era mais tolerado nos dias de Moisés. Por semelhante modo, o Novo Testamento ab-rogou muito da teologia do Antigo Testamento, ultrapassando-a quanto a muitos aspectos. O conhecimento cresce; "estagnação" é uma palavra desconhecida no vocabulário divino.

Ver Deu. 27.22 quanto à maldição contra aqueles que se casassem com sua irmã ou meia-irmã.

Punição. Execução capital, provavelmente por apedrejamento. Ver Lev. 20.17. Cf. Lev. 20.4,5.

18.10

A nudez da filha do teu filho. Está *em pauta uma neta.* A legislação mosaica proibia estritamente o incesto com uma neta. O texto pode apontar para uma neta por consangüinidade ou por afinidade, tal como no caso de uma irmã (vs. 9). Alguns eruditos não pensam que a *afinidade* esteja em pauta nesses textos. Mas se uma irmã ou neta adotadas estavam em mira, então elas estão eliminadas no vs. 17 deste capítulo. O texto, como é óbvio, implica que um homem não podia casar-se com sua própria *filha,* o que não é especificamente proibido nos capítulos 18 e 20 de Levítico. Mas se era um crime casar-se ou fazer sexo com uma neta, então é evidente que outro tanto se dava com uma filha. O vs. 17 proíbe casamento ou relações sexuais com uma neta por afinidade, mas coisa alguma é dita acerca de uma filha por afinidade. Uma filha por afinidade, entretanto, estava vedada. Se tanto uma neta quanto uma filha por afinidade eram proibidas, então é razoável pensarmos que uma irmã por afinidade também o estava. O autor sacro não teve o cuidado de considerar todas as ramificações do problema, mas somente nos forneceu uma lista *representativa mais ou menos completa.*

Alguns críticos textuais acreditam que o vs. 10 proibia, originalmente, casamento ou sexo com uma filha, ou com uma nora, mas que o texto sofreu um erro primitivo.

Porque é tua nudez. O sentido dessa palavra é que tais pessoas são nossa carne e sangue, tão próximo é seu parentesco.

Punição. Não é mencionado nenhum castigo, mas pode-se presumir que o castigo fosse execução por apedrejamento.

18.11

A maioria dos eruditos considera que este versículo é mera repetição do vs. 9, onde são dadas as notas expositivas. Todavia, a expressão pode falar de uma irmã por afinidade, sobre o que discuti no vs. 10. Contra essa opinião, porém, temos o resto do versículo, "gerada de teu pai". Alguns estudiosos, insistindo sobre uma irmã por afinidade, supõem que essas palavras, "gerada de teu pai", sejam uma glosa marginal que acabou penetrando no texto, fazendo este versículo 11 dizer a mesma coisa que o versículo 9. A maior parte dos estudiosos rejeita esse parecer e pensa que temos aqui uma simples repetição, sem sentido, o que parece ser a opinião correta. Algumas autoridades judaicas faziam esse versículo referir-se a uma filha por *adoção,* mas isso requer uma interpretação metafórica das palavras "gerada de teu pai", *como se ele fosse o pai, mas não em sentido* biológico. Todas as *outras* interpretações procuram desculpar o autor por ter feito uma repetição inútil, mas parecem falhar.

18.12,13

Tias por consangüinidade estavam fora do alcance sexual de um homem, sem importar se fossem tias paternas ou maternas. Outro tanto se dava no caso de tias por afinidade (vs. 14). A interpretação da injunção desses versículos era bem ampla nos dias do segundo templo, incluindo as meias-irmãs do pai, e até mesmo filhos polígamos e ilegítimos, extensivos até o avô, e não meramente o pai. O próprio *Moisés* casara-se com uma tia, Joquebede (Êxo. 6.20), que era irmã do pai dele. Os críticos argumentam que essas leis devem ter sido baixadas depois dos dias de Moisés, pois, de outra sorte, ele teria sido forçado a desfazer-se de sua esposa. Não temos nenhuma informação sobre a questão.

A lei incluía meias-irmãs proibidas, da mãe, incluindo filhas ilegítimas. Naor (irmão de Abraão) casou-se com Milca, filha de seu irmão, Harã (Gên. 11.29). Mas é claro que não havia regras contra tais casamentos, nos dias de Abraão. Otniel, filho de Quenaz, casou-se com sua sobrinha, Acsa, filha de Calebe, irmão de seu pai (Jos. 15.17; Juí. 1.13). Portanto, temos aí outra instância de desobediência à lei, se ela já estivesse em vigor antes da época de Moisés. Herodes Antipas casou-se com Herodias (Mat. 14). Herodes era, ao mesmo tempo, tio e cunhado dela. Herodes mandou executar João Batista porque ele o havia criticado em vista dessa união ilegítima. Heródoto (*Erato,* 1.6 c. 71) e Tácito (*Annai.* 1.12 c. 5-7) informam-nos que os persas, os gregos e os romanos casavam-se com tias.

Punição. Infertilidade, por maldição divina. Ver Lev. 20.19.

18.14

Tias por Afinidade. Embora não houvesse laços de sangue, a legislação mosaica proibia casamento com tias por afinidade. Uma tia assim era uma mulher com quem o irmão do pai de um homem tinha casado, posto que não fosse parenta de sangue da família. A despeito disso, ela estava fora do alcance sexual de um homem. O sobrinho, outrossim, não podia casar-se com tal mulher mesmo que seu tio tivesse morrido. A expressão "a nudez do irmão de teu pai" significa que a "nudez" pertencia a ele, por ser dele a mulher. Não está aqui em pauta o homossexualismo, embora alguns antigos intérpretes judeus, e alguns eruditos modernos, assim tenham pensado. Esse pecado de homossexualismo é condenado em Lev. 18.22 e 20.13. Ver as notas e as referências sobre essa questão, no vs. 7 deste capítulo. A lei incluía o casamento de sobrinhas com seus tios, embora isso não seja mencionado especificamente.

Punição. Infertilidade, por maldição divina. Ver Lev. 20.20.

18.15

Tua nora. Era uma abominação um homem tocar em sua nora. Nos dias do segundo templo, era bem ampla a interpretação dessa lei. Um homem não podia tocar em uma nora futura (noiva de um seu filho); nem podia ter coisa alguma com ela, mesmo que seu filho tivesse morrido ou se tivesse divorciado dela.

Punição. Execução, provavelmente por apedrejamento. Ver Lev. 20.12.

18.16

A nudez da mulher de teu irmão. Na verdade é bastante comum essa forma de incesto, causando um sem-fim de contendas e ódios. Era algo estritamente proibido pela legislação mosaica. Entretanto, uma exceção a isso era o casamento levirato, de acordo com o qual um homem podia ficar com a *viúva* sem filhos de um seu irmão, a fim de levantar prole para a linhagem de seu irmão. Ver sobre isso em Deu. 25.5-10. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Matrimônio Levirato,* quanto a completa descrição sobre a questão. Uma cunhada, mesmo que se divorciasse, não podia ser procurada para efeito de sexo.

Um caso curioso aconteceu no tempo em que Jeudá era o presidente do sinédrio. Morreu o irmão de um homem, deixando um harém de doze esposas. O pobre homem viu que, com doze esposas (devido ao casamento levirato) e o grande número de filhos que se seguiriam, ele estaria liquidado. Mas o sinédrio insistiu em que o homem ficasse com as doze esposas sem filhos de seu irmão. Isso pode parecer uma situação interessante, mas em breve havia trinta e seis filhos! O homem estava carecendo de uma intervenção divina somente para sustentar família tão numerosa, e isso ocorreu mediante a ajuda do próprio Jeudá.

Herodes tornou-se culpado do pecado referido neste versículo (ver Mat. 14.3,4), e foi repreendido por João Batista. Vários autores pagãos condenaram a sedução de mulheres por parte de seus cunhados. Haliearnassensis (*Hist.* 1.4), Plutarco (*In Vita M. Carssi*) e os *Cânones Apostólicos* (cap. 19) mencionam casos e condenam a prática.

Punição. Infertilidade por meio de decreto divino. Ver Lev. 20.21.

18.17

Uma Mulher e Sua Filha ou Neta por Afinidade. Embora houvesse apenas parentescos por afinidade, esses casamentos eram proibidos e considerados incestuosos. Se um homem tivesse de casar-se com duas mulheres, não poderia fazê-lo com uma mãe e sua filha (por meio de outro homem), nem a filha da mulher com quem ele se casasse (nascida de um casamento anterior dela) estava à disposição dele para experiências sexuais. E também precisava evitar suas parentas próximas, como uma neta, embora essas parentas não fossem parentas dele, por serem descendentes de um ex-marido da mulher. Se a mulher em questão viesse a morrer, ainda assim o homem não podia casar-se com uma filha dela ou com uma parenta de sangue próxima. A lei proibia certos tipos de poligamia, antes de tudo, mas o efeito da lei ia além disso. Posteriormente, se um homem chegasse a deflorar uma mulher, mas não se casasse legalmente com ela, então podia casar-se com uma filha dela — uma situação estranha, mas legal. Mas algumas autoridades negavam esse direito, e assim os intérpretes judeus não estavam concordes quanto à questão.

Punição. Os casos específicos do vs. 17 não são mencionados nos versículos que descrevem a punição contra o incesto. Talvez a morte por apedrejamento fosse o castigo para os incestuosos. Provavelmente o trecho de Lev. 20.14 aplicava-se ao caso presente, visto que fala contra o casamento de um homem com uma mulher e a mãe dela (ou seja, com sua própria sogra). Nesse caso, a execução na fogueira tinha lugar.

18.18

E não tomarás com tua mulher outra. . . Assim diz nossa versão portuguesa no começo deste versículo. Mas o original hebraico diz: ". . .não tomarás com tua mulher a irmã (*achoth)* dela. . .". Proíbe-se aqui, portanto, que um homem se casasse com duas irmãs ao mesmo tempo, o que era uma forma de poligamia. Jacó casou-se com Lia e Raquel, mas isso ocorreu antes da legislação mosaica. Ver Gên. 29.28. Nos dias do segundo templo, mesmo que um homem se divorciasse de uma mulher, nem por isso poderia casar-se com sua irmã. Mas, se a esposa de um homem morresse, então, sim, o homem poderia casar-se com uma irmã dela. Era até considerado uma virtude um homem casar-se com a irmã de uma esposa falecida.

As irmãs são rivais naturais, até onde diz respeito a homens. Assim, se um homem também se casasse com a irmã de sua esposa, imediatamente iniciaria grande rivalidade entre elas: rivalidade acerca dos filhos que nasceriam; rivalidade acerca da herança. O caso de Lia e Raquel ilustra isso de modo magnífico. Ver Gên. 29.30.

Punição. Nenhum castigo é mencionado. Provavelmente houvesse execução capital por apedrejamento, embora alguns eruditos pensem que isso seria um castigo excessivo para tal caso.

Sogra. Esse tipo de incesto não é mencionado neste capítulo 18 de Levítico, mas aparece em Lev. 20.14 e Deu. 27.23. Era um crime punido com a morte na fogueira (Lev. 20.14). Ver o gráfico que ilustra o problema inteiro do incesto, com referências, proibições e punições, na introdução a este capítulo.

Uniões Abomináveis (18.19-30)

Deixamos aqui para trás os pecados sexuais que envolvem *incesto,* e passamos para outros tipos de sexualidade errada, considerados *abominações* (vs. 22). Temos aqui proibições contra o tipo de imoralidade que os israelitas podiam observar entre os povos vizinhos, e que deviam evitar. Ver Lev. 15.19-24; 20.18 e II Sam. 11.4, que abordam algumas das proibições que temos à frente.

18.19

Os textos bíblicos chamam a menstruação feminina de "enfermidade" (Lev. 20.18). E algumas versões, seguindo mais de perto o original hebraico, dizem no presente versículo "imundícia" (no hebraico, *tumah*), onde a nossa versão portuguesa diz apenas "menstruação". Ver Lev. 15.19 quanto às leis sobre a imundícia atinentes a essa questão. Naquela seção há coisas que nos deixam estonteados, o que foi tudo devidamente comentado. Tudo em que uma mulher tocasse ficava imundo, como também o homem que ousasse ter sexo com ela durante os dias de sua menstruação.

Durante a sua menstruação. Durante esses dias, a mulher ficava reclusa. Ver Lev. 15.19. Ela ficava imunda pelo espaço de sete dias. E um homem que praticasse o sexo com ela, durante esse período, ficava imundo, como se tivesse contraído uma enfermidade. Ter contato sexual propositado com uma mulher, durante os dias de sua menstruação, provocava a *execução* (Lev. 20.18). Mas se o contato fosse meramente acidental (ela estava apenas no começo de sua menstruação, mas ele ignorava o fato), exigia apenas os ritos necessários de purificação (Lev. 15.24).

"Ezequiel refere-se à transgressão dessa lei como um dos pecados hediondos perpetrados pelo povo de Israel (Eze. 18.6; 22.10)" (Ellicott, *in loc.*). Ver no *Dicionário* o artigo intitulado *Limpo e Imundo.*

18.20

Com a mulher de teu próximo. Temos aqui a menção ao adultério, o que repete um dos Dez Mandamentos, o de número *sete.* Ver Êxo. 20.14 quanto a esse mandamento. E ver também, no *Dicionário,* os artigos chamados *Dez Mandamentos* e *Adultério,* este último um completo e detalhado estudo.

O código de Hamurabi (157) requeria a pena de morte por esse pecado, como também o requeria a legislação dos hebreus, a saber, a morte por apedrejamento (Lev. 20.10). Ver no *Dicionário* o artigo *Apedrejamento.* Cf. Deu. 22.22-24.

As leis sexuais entre os hebreus eram bastante liberais, excetuando quanto às questões do adultério e do incesto. A poligamia era uma prática social comum, e uma mulher podia ser contratada para experimentar a poligamia "temporária", sem ao menos ter de fazer parte de um harém. Mas tocar a esposa de outro homem era algo estritamente proibido. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Poligamia.*

O adultério envolvia o sexo com uma mulher casada ou mesmo noiva de outro homem. No Egito, os adúlteros não eram executados, mas recebiam o severíssimo castigo de mil chibatadas, o que, em alguns casos, era fatal. E uma mulher culpada de adultério, naquela cultura, tinha seu nariz decepado. Entre os beduínos, a mulher adúltera era executada por seu próprio marido, pai e irmão, e nenhuma misericórdia era demonstrada. Tem havido alguns casos modernos disso, entre os árabes. Em várias nações orientais, esse pecado também é punido mediante execução sem misericórdia. O trecho de Pro. 6.32,33 nos dá alguma noção de como a mente hebréia abominava esse pecado.

Fazer sexo com uma jovem solteira era considerado um crime menor, e não era punido por meio da execução capital. Ver Êxo. 22.16,17 e Deu. 22.28,29. Ver na *Enciclopédia de Bíblia, Teologia e Filosofia* o artigo chamado *Fornicação.*

18.21

Para dedicar-se a Moloque. Há um detalhado artigo chamado *Moleque, Moloque,* no *Dicionário.* Uma das antigas barbaridades da humanidade eram os sacrifícios humanos; e, dentre esses sacrifícios, o mais cruel de todos era a morte sobre o altar dessa divindade pagã. Somente uma grande perversidade interior poderia levar um homem a sacrificar um filho seu de tal maneira. Crianças inocentes eram passadas pelo fogo (II Reis 16.3; 17.17; 21.6). Tofete, no vale de Hinom, era um local associado a essa prática (II Reis 21.6). Israel pode ter misturado essas práticas malignas com aqueles que, presumivelmente, honravam a Yahweh. Mas isso era uma alta traição contra o yahwismo.

No entanto, temos o tencionado sacrifício de Isaque por parte de seu pai, Abraão (Gên. 22.1-19). E nenhuma apologética tem podido liberar o episódio de sua perversidade. A teologia cresce; o conhecimento cresce; e, nesse crescimento, algumas perversidades são arrancadas de nossa maneira de pensar, quanto ao que Deus requer de nós. Os homens, de fato, podem ser inocentes quanto a certas perversidades, pensando até serem coisas certas. A despeito disso, são perversidades. A perversidade sempre fez parte das práticas religiosas. Mas o tempo mostra a tendência de limpar tanto a mente quanto os atos dos homens. Essa purificação ocorre na própria teologia!

Moloque era o deus nacional dos amorreus (I Reis 11.7; cf. II Reis 23.10; Jer. 32.35). Meu artigo contém detalhes a respeito da questão, incluindo certas dúvidas que circundam a sua natureza exata.

Alguns eruditos interpretam as palavras "dedicar-se a Moloque" como a entrega de crianças para que se dedicassem à prostituição cultuai. Mas parece haver evidências literárias e arqueológicas suficientes que mostram que isso significa sacrificar as crianças *no fogo* (ver II Crô. 28.3).

18.22

Com homem não te deitarás. Temos aqui a condenação do homossexualismo. Ver na *Enciclopédia de Bíblia, Teologia e Filosofia* o artigo chamado *Homossexualismo.* Se apenas cerca de quatro por cento das populações modernas se compõem de verdadeiros homossexuais, uma horrenda taxa de vinte por cento é de bissexuais. O tratamento dado por Paulo à questão, em Rom. 1.26,27, é muito esclarecedor. Alguma moderna evidência médica parece mostrar que os cérebros dos homossexuais são, em certos aspectos, diferentes dos cérebros dos heterossexuais. Portanto, poderia haver mesmo um *terceiro sexo.* Essa condição pode ser produzida pela alma de certos indivíduos, que assim *pervertem* as suas condições físicas. Ou, então, na opinião de outros, essa condição poderia ser uma triste piada da natureza. Naturalmente, existem muitos homossexuais que a si mesmo se fizeram tais. Nem todos os homossexuais demonstram essa tendência desde a meninice. A medicina e a teologia devem continuar trabalhando em cima de problemas dessa ordem, especialmente para ver se tal condição, mesmo que não seja inerente, nem adquirida, pode ser alterada para a condição da heterossexualidade.

Ver Gên. 19; Lev. 20.13; Juí. 19.22; Rom. 1.26,27; I Cor. 6.9, onde é discutido o problema da homossexualidade.

Punição. Havia execução judicial dos homossexuais em Israel. Ver Lev. 20.13. Provavelmente era aplicado o método do apedrejamento.

18.23

Nem te deitarás com animal. Temos aqui o pecado da *bestialidade,* que merece um artigo no *Dicionário.* Cf. Êxo. 22.19; Lev. 20.15,16 e Deu. 27.21. A *punição* para quem praticasse sexo com animais era a execução capital. Ver Lev. 20.15,16 e Êxo. 22.19. O método de execução mais provável era por apedrejamento, quer o culpado fosse homem, quer fosse mulher. Esse pecado repelente é chamado aqui de *confusão,* ou seja, uma desordem na natureza. *Hiichot Issure Biah,* c. 1 sec. 16 da Mishnah comenta sobre esse preceito bíblico. John Gill adjetivou esse ato por uma série de descrições negativas: detestável, chocante, horrível, espantoso. Muitos autores antigos mencionaram e condenaram tal prática: Aelinus (*De Animal,* 1.7 c.19); Estrabão (*Geograph.* 1.2 c. 46); Heródoto (*Euterpe* 1.2 c. 46); Bochart, baseando-se em Plutarco (*Hierozoic.* par. 1).

A despeito da repulsa que esse ato provoca na maioria das pessoas, sempre foi uma prática popular. O Relatório Kinsey sobre o sexo mostrou que entre quarenta e cinqüenta por cento da população *rural* dos Estados Unidos têm cometido atos dessa natureza. Mas nas áreas urbanas a taxa de pessoas envolvidas é de somente quatro por cento. Quarenta e nove dos cinqüenta estados americanos têm leis contra a bestialidade, e, em alguns desses estados, o resultado pode ser o aprisionamento.

O *Épico de Gilgamés* (a história do Noé babilônico) fala sobre Enkidu, o caçador, a fazer sexo com animais. Ver no *Dicionário* o artigo intitulado *Gilgamés, Epopéia de.*

18.24

As nações tinham-se contaminado com toda forma de atos sexuais ilícitos, como o incesto, o homossexualismo e a bestialidade. Mas Israel, como uma nação separada, não deveria imitar os gentios. O *Yahwismo* tinha padrões morais muito superiores a isso.

Que eu lanço fora de diante de vós. Notemos o verbo no tempo presente, como se a expulsão das nações que ocupavam a Terra Prometida já tivesse começado. O autor sacro antecipou assim o acontecimento. Mas os estudiosos da Alta Crítica (ver sobre esse tema no *Dicionário*) tiram proveito desse verbo para dizer que essa expulsão já era história quando este texto foi escrito, pois eles são pragmáticos incrédulos. Esse ponto de vista parece confirmado pelo presente versículo que fala sobre a *Terra Prometida* como se ela já estivesse sob o controle de Israel, e até já estivesse sendo contaminada pelos israelitas. Sem dúvida, está em pauta a Palestina. Os eruditos conservadores, por sua parte, afirmam que esses supostos anacronismos são proféticos, ou, então, são notas de rodapé feitas por editores posteriores, não crendo que a autoria mosaica sofra assim algum prejuízo.

Ver o trecho de Êxodo 33.2 quanto a uma lista de nações que deveriam ser expelidas da terra de Canaã. Pecados como aqueles alistados neste capítulo 18 de Levítico *causaram* a expulsão das tribos cananéias. Mas Israel não pôde ali entrar enquanto a taça da iniqüidade dos cananeus não estivesse cheia. Somente então sobreviria um justo juízo divino. Quanto a isso ver as notas sobre Gên. 15.16, onde os amorreus representam os vários povos que ocupavam a *terra.*

18.25

O termo *terra* sem dúvida aponta para a Palestina, o lar *futuro* de Israel, e não o deserto onde Israel vagueou durante quarenta anos, e que não sustentava

as nações gentílicas em pauta. No entanto, por enquanto, Israel ainda não havia entrado na terra. Os críticos comentam que o autor sagrado *esqueceu-se,* por um momento, de que ele estava escrevendo como se estivesse vivendo nos dias de Moisés. Os conservadores vêem aqui uma declaração profética ou uma nota de rodapé, feita por algum editor posterior do texto original. Discuto sobre o problema da data do *Pentateuco* no artigo sobre aquele assunto. Ademais, cada introdução dos cinco livros do Pentateuco contém alguma discussão adicional. Ver também sobre a teoria das fontes múltiplas do Pentateuco no artigo chamado *J.E.D.P.(S.),* no *Dicionário.* Ver as notas sobre os vss. 23 e 24, os quais participam do suposto anacronismo.

Problemas como esses não nos deveriam impedir de aceitar a lição contida nesses versículos. A terra *vomita* os povos que se deixam envolver em atividades sexuais pervertidas e em relacionamentos pessoais proibidos. Um povo fica contaminado em face de seus maus costumes, e o decreto de Yahweh vomita-os como se o território tivesse ficado *enjoado* deles. Foi exatamente o que aconteceu, séculos mais tarde, com Israel, quando foram expulsos da Terra Prometida pelos cativeiros assírio e babilônico, como se tivessem sido vomitados pela terra. Ver no *Dicionário* o artigo intitulado *Cativeiro (Cativeiros).*

18.26

Os vss. 26-30 deste capítulo reforçam as proibições contra as práticas sexuais ilícitas, com admoestações e ameaças. Estes versículos continuam a supor claramente um tempo quando Israel já se achava ocupando a Terra Santa, e os comentários sobre os vss. 24 e 25 deste capítulo aplicam-se à seção inteira.

O *yahwismo,* através da legislação mosaica, provia para o povo de Israel um código moral superior, que condenava a muitas práticas repelentes das nações pagãs que circundavam Israel. Um homem espiritual e sábio haverá de dar atenção a esse aprimoramento, direcionando sua vida de acordo com esse avanço moral. A terra pode *prantear* (Isa. 24.4,5) ou pode *exultar* (Sal. 96.11-13), dependendo de como agirem os seus habitantes. Ver Apo. 3.16, onde temos uma metáfora do Novo Testamento como aquela do presente texto.

Abominações pecaminosas fizeram a Terra Prometida adoecer. Nesses casos, operações radicais atuam, a fim de curar a terra. Os juízos divinos são sempre remediais; mas algumas vezes o remédio é amargo. Aqueles que quisessem viver em companhia de Israel, ou seja, estrangeiros que passassem a residir permanentemente entre eles, eram forçados a seguir o mesmo código ético de Israel, sem importar o pano de fundo formativo de onde provinham.

18.27

O autor sacro continuava a escrever do ponto de vista de Israel já na Terra Prometida. Quanto a esse "anacronismo", ver os vss. 24 e 25. Este versículo reitera o que já vimos nos vss. 25 e 26, exceto pelo fato de que agora Yahweh relembrava a Israel que as nações que tinham habitado na Palestina antes deles eram praticantes das *abominações* que o Senhor havia proibido. Eles seriam estúpidos se imitassem os atos pecaminosos daquelas nações. Achamos algo similar em Gên. 15.16, mas ali a ameaça de Yahweh foi que as nações perderiam seus territórios, uma vez que a taça de iniqüidade delas se enchesse. Assim também aconteceria com Israel, se o povo de Deus imitasse os anteriores habitantes da Palestina. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Cativeiro (Cativeiros).* Um povo contaminado contamina o seu território. E um território contaminado termina por vomitar para longe os seus habitantes contaminados (Lev. 18.25 e 26).

18.28

Este versículo prossegue no "anacronismo" iniciado no vs. 24. O escritor via Israel como se já estivesse na Terra Prometida, e até em perigo de ser vomitado para fora, tal como tinha sucedido às nações cananéias, antes deles. É reiterada a metáfora do vs. 25, a do vômito pela terra, que comentei naquele ponto. A metáfora do vômito mostra quão detestáveis para Yahweh eram os pecados que Ele proibira. Estão particularmente sob enfoque as práticas sexuais dos povos gentílicos, que não deveriam ser imitados pelo povo de Israel.

18.29

A palavra aqui usada, *eliminados,* poderia significar uma destas coisas: 1. Um juízo divino; algum acidente ou enfermidade que tirasse a vida do indivíduo antes do tempo certo. 2. Exclusão. 3. Mais provavelmentre, porém, a punição capital, judicialmente aplicada, o que normalmente ocorria por meio de apedrejamento, embora a fogueira também fosse usada no antigo povo de Israel. Ver o gráfico no começo deste capítulo, que dá as punições específicas determinadas para cada desvio sexual.

18.30

Conclusão. São evidentes as drásticas conseqüências das práticas sexuais dos pagãos. Isso faz parte da própria queda das civilizações, e não meramente da destruição de indivíduos. Essas conseqüências poderiam ser facilmente evitadas se os israelitas dessem atenção, aprendessem e pusessem em prática o código moral ensinado por Yahweh. Por isso tornou-se comum dizer que a retidão protege uma pessoa ou um povo.

Eu sou o Senhor vosso Deus. Essa expressão é usada com freqüência para encerrar instruções, no *Código de Santidade.* Ver a introdução ao capítulo 17 de Levítico, acerca dessa questão. Supostamente, teria havido uma fonte informativa separada para o Pentateuco, que explicaria os capítulos 17 a 26 de Levítico, e uma das características dessa fonte informativa seria essa expressão. No capítulo 18, a expressão figura nos vss. 2,4-6,21 e 30. Os nomes divinos envolvidos são *Yahweh* e *Elohim,* ambos os quais recebem artigos no *Dicionário.* Ver também ali o artigo *Deus, Nomes Bíblicos de.* Este capítulo, pois, começa e termina com essa expressão. Comentei sobre suas implicações nas notas sobre o segundo versículo deste capítulo.

Capítulo Dezenove

Reiteração de Diversas Leis (19.1-37)

"A diversidade de material neste capítulo reflete quão variegada é a vida. Todos os aspectos da existência humana estão sujeitos às leis de Deus" (Wenham, Levítico, *in loc.*). A santidade de Deus é a fonte e a inspiração da santidade humana, um princípio enfatizado neste capítulo. De acordo com alguns eruditos, este capítulo faz parte do chamado *Código de Santidade,* sobre o qual comentei na introdução ao capítulo 17 de Levítico. Esse código seria uma espécie de manual de santidade do antigo povo de Israel. Muitas repetições acham-se aqui, iguais ou similares a outros trechos do livro de Levítico. A repetição é uma característica literária do autor do Pentateuco.

Este capítulo deixa claro que precisamos levar em conta os motivos por trás dos atos, e não apenas os próprios atos (vss. 17,18). Os princípios básicos dos Dez Mandamentos (ver a respeito no *Dicionário*) foram incorporados neste capítulo, embora não na mesma ordem. Ademais, por meio de analogia, há consideráveis elaborações dos mandamentos.

A expressão "eu sou o Senhor", modificada também para a forma "eu sou o Senhor vosso Deus", aparece por *dezesseis* vezes neste capítulo 19. A repetição seria uma das características literárias do *Código de Santidade.* Ver sobre isso e sobre várias outras características, na introdução ao capítulo 17 de Levítico. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Ética do Antigo Testamento.*

"O capítulo 19 contém uma miscelânea de leis, todas elas voltadas para a santidade na conduta. Muitas dessas leis são diretamente éticas, de acordo com as linhas dos Dez Mandamentos; outras abordam o tratamento que os israelitas deveriam dar à terra; ainda outras ventilam a questão dos sacrifícios, a ingestão de sangue e vários costumes pagãos a que os israelitas se inclinavam" (Nathaniel Micklem, *in loc.*).

19.1

Disse o Senhor. Essa expressão era usada como artifício literário que o autor usava para introduzir novas seções. Mas também nos faz lembrar da divina inspiração das Escrituras. Ver notas completas a esse respeito em Lev. 1.1 e 4.1.

19.2

Moisés era o instrumento imediato de Deus. Algumas vezes, a mensagem era dada a Arão, por meio de Moisés, ou, então, ao sacerdócio e ao povo em geral. De outras vezes, a mensagem era dada diretamente por Moisés ao povo, talvez com a mediação dos sacerdotes, que atuavam como mestres. Ver as notas sobre Lev. 17.2 quanto às várias formas de tratamento pessoal, usadas em Levítico.

Santos sereis, porque eu. . . sou santo. Consideremos os sete pontos abaixo:

1. Deus é a fonte de toda a santidade.
2. Deus implanta no homem a Sua própria santidade, mediante as operações do Espírito.
3. A natureza humana, através do ato divino criativo, tornou-se paralela da natureza moral divina, pelo que, malgrado a queda, o homem possui, inerentemente, tanto o conhecimento como resquícios da moralidade de Deus.
4. A lei deu aos homens conhecimento sobre o que se espera deles, eticamente falando. A lei traz conhecimentos que nos permitem viver de modo mais consentâneo com a ética, em nosso relacionamento com Deus e em nosso relacionamento com os semelhantes.
5. A santidade de Deus serve tanto de exemplo quanto de inspiração à santidade humana.

6. Leis específicas ajudam-nos a saber como agir em circunstâncias específicas; e este capítulo 19 especializa-se nessas leis específicas.
7. Na dispensação do evangelho, vamos sendo transformados segundo a imagem de Cristo (Rom. 8.29; I João 3.2), de modo que vamos participando da natureza divina (II Ped. 1.4), pois nos foi implantada a própria natureza moral de Deus. A transformação metafísica é efetuada mediante a transformação moral.

"Essa afirmativa casa para sempre a ética com a teologia. A moralidade humana parecia estar fundamentada sobre a natureza imutável de Deus. . . Deus chamou Israel para ser uma nação santa" (F. Duane Lindsey, *in loc.*).

Cf. Lev. 11.44,45 quanto à mesma formulação. As notas expositivas dali aplicam-se também aqui.

19.3

No *Dicionário* apresento um detalhado artigo sobre os *Dez Mandamentos.* Este versículo reitera os mandamentos quinto e quarto, do decálogo. Ver Êxo. 20.8,12, quanto à exposição desses dois mandamentos. Vida longa é prometida aos que honrassem a seus progenitores. A guarda do sábado era o *sinal* da *legislação mosaica.* Ver a introdução ao capítulo 19 de Levítico quanto a essa legislação. A circuncisão, por sua vez, era o *sinal* do Pacto Abraâmico. Ver as notas em Gên. 15.18 sobre esse pacto. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Pactos.*

A santidade começa no lar, onde os filhos temem e honram a seus pais. Portanto, isso é uma condição prévia para estágios mais avançados da santidade. Paulo (em Efé. 6.2) chama esse mandamento acerca da obediência aos pais, de "primeiro mandamento com promessa". Somente em três lugares do Antigo Testamento a mãe é mencionada antes do pai, quando ambos aparecem juntos. Ver Gên. 44.20, aqui e Lev. 21.2. A mãe é o primeiro agente na criação de uma criança, a pessoa que fica constantemente com a criança. Ela deve ocupar o primeiro lugar no respeito e na honra da criança. Os pais são representantes de Deus, pelo que devem ocupar o lugar Dele na rotina diária da vida da criança. Devem ser respeitados por motivos divinos. Deus deve ser honrado (Pro. 3.9; Deu. 6.13), e também os pais, por seus filhos (Êxo. 19.3; 20.12). Aquele que blasfemasse de Deus era executado (Lev. 24.16); e aquele que blasfemasse de seus pais também era executado (Lev. 20.9).

Guardará os meus sábados. Temos aqui a palavra no plural, *sábados,* pois outros sábados eram extensões daquele dia de descanso. Ver no *Dicionário* o artigo intitulado *Sábado,* quanto a uma discussão completa. Ver na *Enciclopédia de Bíblia, Teologia e Filosofia* os verbetes chamados *Sabatismo* e *Observância de Dias Especiais.* Ambos esses artigos discutem a alegada *natureza obrigatória* desse dia para os crentes do Novo Testamento.

Visto que a guarda do dia de sábado era *o sinal mesmo* da legislação mosaica, a obediência a esse conceito era um *sine qua non* da obediência dos hebreus. Esse era o *quarto* dos mandamentos do decálogo. Ver Êxo. 20.8-11.

Eu sou o Senhor vosso Deus. Ver Lev. 18.30 e 19.4 quanto a essa expressão, que aparece por dezesseis vezes neste capítulo 19 de Levítico.

19.4

Não vos virareis para os ídolos. Este versículo põe diante de nós o *segundo* dos Dez Mandamentos. Ver Êxo. 20.3-5 quanto a notas expositivas completas. Ver também o artigo detalhado do *Dicionário,* intitulado *Idolatria.* O yahwismo produziu o *monoteísmo* (ver a respeito no *Dicionário*), embora não somente isso. Produziu o *yahwismo monoteísta,* um tipo especial de monoteísmo, definido dentro da legislação mosaica, e, então, com maiores detalhes, no resto do AntigoTestamento. A promoção do yahwismo anulava qualquer forma de idolatria que quisesse destruir o próprio alicerce da fé que se estava desenvolvendo em Israel, a qual fé o cristianismo tomou, ampliou e aprofundou.

Os ídolos. No hebraico, o termo significa "nada", ou seja, uma "não-entidade". Esse vocábulo hebraico acha-se somente aqui e em Lev. 26.1, em todo o Antigo Testamento. Por isso mesmo é que Paulo escreveu: ". . .sabemos que o ídolo de si mesmo nada é no mundo. . ." (I Coríntios 8.4). Nos dias do segundo templo, era proibida ao menos a contemplação de um ídolo, quanto mais fabricar um desses objetos de culto pagão. Quanto às *imagens fundidas,* ver Êxo. 20.4-6. Ouro, prata e bronze eram os metais usados pelos fabricantes de ídolos.

Eu sou o Senhor vosso Deus. Essa expressão é usada por dezesseis vezes, só neste capítulo. Ver as notas a respeito em Lev. 18.30. Pudemos ver, no primeiro versículo deste capítulo, que esse *Senhor,* que é o nosso Deus, é *santo,* e devemos imitar essa santidade. Essa é a mensagem principal deste capítulo 19.

19.5

Sacrifício pacífico. Ver, antes da exposição sobre Lev. 1.1, dois gráficos que ilustram os vários tipos de oferendas e sacrifícios, as normas atinentes a cada um deles, seus significados e os ritos específicos. Ver Lev. 3.1-17 e 7.11-33 quanto a notas sobre as *ofertas pacíficas.* O autor sagrado empregou o *Código de Santidade* (Lev. 17-26) e não removeu as repetições. A repetição era uma das características literárias do autor sacro.

Os vss. 5 ss. parecem dar a entender que os hebreus acabaram por usar certos ritos pagãos, sacrificando aos ídolos e consumindo certos animais imundos. Ao assim fazerem, desobedeceram a muitos preceitos mosaicos. Os três animais que podiam ser sacrificados, o touro, o carneiro e o bode, não podiam ser sacrificados e consumidos na alimentação dos israelitas, mas eram reservados para o culto divino. Ver Lev. 17.3 ss. Em alguns tipos de ofertas, porém, inclusive nas *ofertas pacíficas,* o ofertante podia comer certa parte dos citados animais, acompanhado pelos sacerdotes. Mas não se podia simplesmente matar um boi para comê-lo. Essa lei foi relaxada, mais tarde (ver Deu. 12.20-28).

Para que sejais aceitos. Todas as oferendas precisavam ser oferecidas de tal modo que os ofertantes fossem aceitos de acordo com as provisões baixadas por Yahweh. Desse modo, o próprio indivíduo ofertante seria aceito. Ver Lev. 1.3, que contém a mesma mensagem. O sétimo versículo deste capítulo mostra que havia uma maneira errada de oferecer um sacrifício, e também um intuito errado, que fazia de um sacrifício uma abominação. O yahwismo não podia ser misturado com o paganismo. Ficou assim condenado o *sincretismo* (ver a respeito no *Dicionário*). Os vss. 5-8 deste capítulo mostram-nos como a carne devia ser disposta quando das ofertas pacíficas (de comunhão). Aquele que ofendesse nesse ponto seria executado (vs. 8), por ter-se tornado culpado de profanação.

19.6

No dia em que o oferecerdes. Em Lev. 7.15, encontramos o requisito de que um animal assim oferecido tinha de ser totalmente consumido no mesmo dia. Este versículo afirma que também no dia seguinte podia-se comer da carne de um animal sacrificado, mas o que sobrasse teria de ser queimado. Os estudiosos vêem aqui duas possibilidades quanto a uma alegada discrepância entre este versículo e o de Lev. 7.15. *Em primeiro lugar,* havia duas leis, um tanto ou quanto diferentes, e o *Código de Santidade* (Lev. 17 - 26) refletia uma lei um tanto diferente da do sétimo capítulo deste livro. Ou, então, com a passagem do tempo, certas modificações passaram a ser feitas. Nesse caso, este capítulo 19 seria uma modificação alicerçada sobre o sétimo capítulo. Ou, então, desde o princípio, havia dois tipos de ofertas pacíficas, e o trecho de Lev. 7.15 reflete um desses tipos, ao passo que este capítulo 19 reflete o outro tipo. Todavia, quem pode ter certeza de como as coisas aconteceram? Ver Lev. 7.15,16 quanto aos dois tipos de ofertas, correspondentes aos trechos de Lev. 7.15 e Lev. 19. O vs. 15 tem o requisito de que a carne devia ser comida no mesmo dia; mas o vs. 16 permitia que algo fosse comido no segundo dia. O vs. 17 ordena que o que sobrasse fosse queimado. É possível, portanto, embora não haja certeza quanto a isso, que a segunda das duas oferendas possíveis esteja em foco neste capítulo décimo nono. Nesse caso, Lev. 19.16 tem paralelo em Lev. 7.16. A *primeira* explicação, entretanto, é a que me parece mais razoável.

As chamas consumiam os restos de um animal oferecido como oferta pacífica, a fim de que não fossem profanados por algum homem ou animal que deles comesse, de uma maneira ilegal. Ver as notas sobre Lev. 7.18 quanto a essa lei.

19.7

O prolongamento do rito causaria sua anulação e o tornaria uma abominação. Ninguém podia comer da carne de um animal sacrificado, no terceiro dia. As chamas deveriam consumir o que restasse, no terceiro dia. A glutonaria não devia ser praticada sob o disfarce de um serviço prestado a Yahweh. Cf. Lev. 7.18, onde as notas expositivas também se aplicam a este versículo.

19.8

Este versículo repete a mensagem do versículo anterior, exceto pelo fato de que impõe uma pena aos que desobedecessem à lei, a saber, eles seriam *eliminados,* isto é, executados, provavelmente por meio de apedrejamento. O paralelo, em Lev. 7.18, não especifica qual poderia ser essa punição, mas Lev. 7.20 determina a punição capital para o indivíduo que ousasse participar de um sacrifício estando em condição de *imundícia* cerimonial. Esse ser *eliminado* poderia indicar a exclusão ou algum castigo divino, por meio de um acidente ou enfermidade. Mas isso já indica uma interpretação menos provável.

O fato de que o trecho de Lev. 19.8 requer execução, ao passo que Lev. 7.18 deixa a questão um tanto vaga, pode ser outra indicação de que estamos tratando com códigos levemente diversos, a respeito da mesma questão, um sendo o *Código de Santidade,* e o outro derivado de alguma fonte que foi empregada no livro de Levítico. Ver a discussão nas notas sobre Lev. 19.6.

19.9

A Lei da Generosidade. Os pobres, sempre os teremos conosco, conforme disse Jesus. Em uma sociedade agrícola, como era a de Israel, depois da entrada deles na Terra Prometida, ser generoso com os produtos agrícolas era parte essencial da benevolência para com o próximo necessitado. A provisão de Deus é para todos (Sal. 145.15,16). Os pobres tinham certos direitos legais, incorporados na legislação mosaica. As leis dos vss. 9 e 10 figuram entre esses direitos. O direito dos pobres a uma parcela do produto do solo, embora não funcionasse em um sentido individual, cobria a questão da caridade privada. Era uma espécie de caridade social que permitia que um homem pobre não se sentisse demasiadamente humilhado.

A Colheita. Nos dias do segundo templo, a colheita era definida de acordo com estes pontos:

1. Todas as plantas comestíveis e nutritivas.
2. Todas as plantas cultivadas, e não aquelas que medrassem pela própria natureza.
3. Não plantas como o cogumelo etc., que dependiam somente da umidade do meio ambiente, sem precisar de cultivo.
4. Aquelas plantas que amadureciam ao mesmo tempo, a cada ano (safras anuais), ficando assim excluído o figo e certas outras frutas, que são colhidas durante certo período de tempo a cada ano, conforme vão amadurecendo.
5. Produtos agrícolas que podiam ser guardados em silos, ficando assim excluídas certas verduras e legumes.

O canto do teu campo. Fica sem definição o quanto do canto tinha de ficar reservado para os pobres. Os proprietários mais generosos deixavam áreas bastante grandes; os proprietários de mão fechada deixavam cantos pequenos em seus campos plantados. A lei do amor (a mais alta expressão de espiritualidade) operava em cada coração em graus diferentes. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Amor.* Mais tarde, foi estabelecido um mínimo, não podendo ser menos do que uma sexta parte de todo o território cultivado. Talvez apenas um canto fosse deixado sem ser colhido, mas precisava ter essa dimensão mínima.

Tempo. Os pobres podiam vir fazer a colheita do canto plantado do campo ou pela manhã, ou ao meio-dia, ou à tardinha. Desse modo, todos os pobres tinham sua oportunidade, incluindo mães com filhos pequenos, cujo tempo era muito limitado.

Respigas. Ou seja, espigas de cereal que caíssem no solo, por ocasião da sega. Leis minuciosas, em tempos posteriores, governavam a questão do que constituía a respiga. Espigas extras de cereal permaneciam nas plantas mesmo depois da colheita. Um fazendeiro não deveria limpar de modo absoluto o seu campo plantado, mas deixar algum cereal para ser colhido pelos pobres. Dessa maneira, os pobres podiam *tanto* ter a sua própria colheita, nos cantos, como podiam colher algum cereal extra, do resto do campo que não havia sido colhido inteiramente. O fazendeiro que não deixasse respigas era castigado, mediante açoites.

Notemos o anacronismo. O autor sagrado escreveu como se soubesse das leis agrícolas que funcionavam em favor dos pobres, como se seus dias de vida fossem depois da entrada de Israel na Terra Prometida. Alguns estudiosos conservadores vêem nisso um elemento preditivo, ou então uma nota de rodapé adicionada ao documento original. Ver as notas expositivas sobre esse problema, em Lev. 18.25.

19.10

Não rebuscarás a tua vinha. Aquele que colhesse suas uvas, deveria deixar algumas em cada videira, pensando no pobre que não tinha trabalho, nem meio de subsistência, nem campos para plantar. Um modo de proceder era cortar os cachos maiores, mas deixar os menores, que ainda não se tinham desenvolvido. Os ramos que tinham uma ou duas uvas eram deixados para os pobres. Outra provisão para os necessitados era não juntar as uvas que tivessem caído no chão, ou pela força do vento, ou pelos vinhateiros. Assim, as regras que governavam a vindima eram semelhantes às que governavam a colheita do cereal. Uma parte era deixada intocada; e o que ficasse no solo também fazia parte dessa provisão. Em tempos posteriores, as normas da Mishnah envolviam a questão da videira até os mínimos detalhes. Não se colhia até a última espiga ou até o último bago de uva. Sempre deviam ser deixadas algumas uvas, aqui ou acolá. Mas se mais de três uvas fossem deixadas, então elas pertenceriam ao proprietário. Duas uvas juntas perfaziam o que os judeus chamavam de *peret*, pertencente aos pobres. Assim explicaram Maimônides e Bartenora em *Misn. Peah.* c. 5 sec. 5.

Eu sou o Senhor vosso Deus. Por dezesseis vezes, neste capítulo, encontramos essa fórmula que pontua de vez em quando o texto sagrado, lembrando ao povo que Yahweh baixara tais ordens, e que Ele é tanto o Senhor e Deus, devendo ser obedecido. Ver as notas a esse respeito em Lev. 18.30.

19.11

De súbito, o autor sacro volta aos *Dez Mandamentos* (ver a respeito no *Dicionário*). Ele não revisa esses mandamentos na mesma ordem em que aparecem no capítulo 20 do livro de Êxodo, nem usa o mesmo fraseado, mas preserva a sua essência. Alguns estudiosos pensam que estamos aqui tratando do modo de apresentação do *Código de Santidade*, uma fonte separada do livro de Levítico, além de outras pequenas passagens do Pentateuco. Ver as notas de introdução ao capítulo 17 de Levítico, quanto a esse código.

Não furtareis. Temos aqui o *oitavo* dos dez mandamentos. Ver as notas expositivas em Êxo. 20.15. Uma das maneiras de furtar seria não deixar alguma coisa para os pobres colherem e se alimentarem, desobedecendo assim às leis agrícolas dos vss. 9 e 10 deste capítulo. O furto é uma violação violenta da lei do amor.

Nem mentireis. Isso envolve o *nono* dos Dez Mandamentos. Ver as notas sobre Êxo. 20.16. No atual contexto, a honestidade nos negócios está em pauta, bem como no trato com os pobres (vss. 9 e 10). Uma pessoa pode mentir por meio de suas palavras de falsidade, ou pode mentir usando de astúcia no comércio, ou em muitos outros aspectos da vida. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Mentir (Mentiroso).*

19.12

Este versículo é uma maneira diferente de exprimir o *terceiro* dos Dez Mandamentos. Ver Êxo. 20.7 quanto a notas expositivas. Dois aspectos são aqui apresentados: a) o uso impróprio do nome de Deus em juramentos; b) qualquer tipo de profanação do nome divino, que também podia incluir a questão dos juramentos. Ver no *Dicionário* o artigo *Juramentos.* Nas notas sobre o capítulo 20 de Êxodo apresento vários modos pelos quais o nome divino pode ser profanado, pelo que não repito aqui aquela informação.

Eu sou o Senhor. Uma forma simplificada de "eu sou o Senhor vosso Deus", expressão usada por dezesseis vezes neste capítulo 19. Ver Lev. 18.30 quanto a outras explicações.

19.13

Este versículo apresenta *ramificações* do *oitavo* mandamento do decálogo. Ver Êxo. 20.15 e Lev. 19.11. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Dez Mandamentos.* A ordem para não *furtar* é contra qualquer forma de opressão ou desonestidade quanto a questões monetárias. Ver Luc. 3.14 quanto a uma aplicação do que aqui é dito, no Novo Testamento. Um modo de furtar e oprimir é tratar desonestamente com os empregados. O texto proíbe estritamente *adiar* o pagamento do salário de um empregado. Precisamos lembrar que a maioria dos trabalhadores consistia em *diaristas*, que eram pagos no fim de cada dia de trabalho. Um empregador, pois, não podia reter consigo esse dinheiro, nem mesmo até o dia seguinte, quanto mais por algum prazo ainda mais dilatado. Cf. Deu. 14.14,15; Jer. 32.13; Mal. 3.5 e Tia. 5.4. *Nos dias do segundo templo, a regra era a seguinte:* "Aquele que trata com dureza a um contratado peca tão gravemente como se tivesse tirado uma vida e transgredido a cinco preceitos". Esses preceitos mosaicos fazem oposição tanto ao capitalismo selvagem quanto ao comunismo empobrecedor. Ver Mat. 20.1-16 que reflete o costume de pagar um trabalhador por cada dia de trabalho.

19.14

Este versículo apresenta aspectos do que se tornou o *segundo maior* mandamento dos dias do Novo Testamento, o amor ao próximo. Ver o vs. 18 deste capítulo. O amor a Deus vem em *primeiro lugar:* esse é o maior de todos os mandamentos; mas o amor ao próximo vem em *segundo lugar:* e esse é o resultado natural e a contingência do primeiro.

É um ato infantil perseguir a uma pessoa incapacitada. É assim que as crianças agem, em sua criancice e crueldade. Um adulto, como se estivesse brincando em um joguinho infantil, talvez amaldiçoe a uma pessoa surda, visto que, como é óbvio, o surdo não pode ouvir o que lhe está sendo dito. Ademais, uma criança ou jovem pode pôr algum obstáculo no caminho de uma pessoa cega, fazendo-a tropeçar e cair, e, então, podem rir-se como se fosse uma coisa engraçada. As coisas aqui mencionadas são apenas exemplos da crueldade com que muitas pessoas tratam a seus semelhantes.

"Insultar a um surdo, que assim não pode vindicar a si mesmo, é uma manifestação indizível de maldade e perversidade. . . de acordo com as autoridades da época do segundo templo, pois *toda forma de maldição* era proibida por essa lei" (Ellicott, *in loc.*).

Deut. 27.18 amaldiçoa o indivíduo que guiasse a um cego por caminho errado. Isso se aplica a qualquer tipo de ato que engana a outrem, ou que corrompe outra pessoa. Nos tempos do segundo templo, essa lei tinha tanto uma aplicação literal quanto uma aplicação metafórica. Essa lei proibia qualquer forma de engano ou prejuízo contra o homem ignorante, dando-lhe conselhos errados ou iludindo-o em qualquer outro sentido. Ver Rom. 14.13 quanto a uma aplicação desse princípio no Novo Testamento.

Aplicação Metafórica. Todos os homens são ignorantes e incapazes. É errado cometer um erro contra alguém. Todos os homens são fracos e sujeitos a quedas e abusos. Um homem precisa respeitar o próximo. "Não temos de tratar apenas com nossos semelhantes; em todas essas questões, precisamos tratar com Deus" (Nathaniel Micklem, *in loc.*).

19.15

Com justiça julgarás o teu próximo. Na aplicação da justiça deve haver eqüidade. Deve haver uma só lei para ricos e pobres, igualmente. Dinheiro, posição social e poder político nada têm a ver com a administração da justiça. Essas considerações não deveriam fazer a menor diferença nos tribunais e nos relacionamentos pessoais.

Os juízes, bem como outras pessoas que ocupam posições de autoridade, não devem abusar de outras pessoas em face de seu poder, nem devem distorcer o juízo por causa de dinheiro e poder de que porventura tenham sido investidos.

Nenhuma pessoa deve ser honrada somente por causa do que ela é ou representa. Se algum assunto tiver de ser levado a tribunal de justiça, a justiça deve ser feita sem que se atenda a nenhuma daquelas considerações. "Os jurados judeus, em seu extremo desejo de ser imparciais, chegaram ao extremo de exortar que, quando estivesse sendo julgado um caso que envolvesse um pobre e um rico, ambos se vestissem do mesmo modo; que ambos se levantassem ou sentassem ao mesmo tempo; que ambos tivessem o direito de expressar-se; a ambos o juiz deveria dirigir-se da mesma maneira cortês" (Ellicott, *in loc.*). A atitude do Novo Testamento quanto a isso aparece em Tia. 2.2-4,6,7. Ver Maimônides, *Hilchot Sanhedrin,* c. 21, quanto às regras que guiavam a administração da justiça, cuja essência foi dada na citação de Ellicott, acima.

19.16

Este versículo apresenta ramificações do *nono* mandamento, que exige *veracidade.* Ver Êxo. 20.16 quanto ao mandamento e preceito básico. Ver no *Dicionário* o artigo *Mentir (Mentiroso).* O *próximo,* contra quem não devemos iniciar nenhuma campanha de mexericos, é aqui um compatriota hebreu. Jesus, entretanto, ampliou a aplicação disso a todos os nossos semelhantes (ver Luc. 10.29 ss.). Cf. Êxo. 23.4,5. Nos vss. 33 e 34 deste capítulo, o conceito de "próximo" inclui os forasteiros.

"Não deve haver campanhas de maledicência (vss. 16-18). Não devemos tentar fazer o próximo cair em dificuldades. Devemos tratar com ele face a face, em espírito de boa-vontade. Nunca deveríamos dizer: 'Sou o guardador de meu irmão?' conforme fez Caim. Deveríamos estar genuinamente interessados pelo bem-estar temporal e espiritual de outras pessoas, como se fosse nosso mesmo. Por quê? *Eu sou o Senhor.* Essa é, de fato, a ordem sagrada, física e moral, que deve haver neste mundo" (Nathaniel Micklem, *in loc.).*

Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Mexerico.* A maledicência geralmente termina em calúnia. Isso torna-se um hábito extremamente perigoso no caso de certas pessoas, e as mulheres, especialmente, deleitam-se nesse vício. E assim, vidas inocentes são destruídas. Ver I Sam. 22.9,18; Eze. 22.9. A versão caldaica, de acordo com o Targum de Jonathan, diz aqui: "Não seguirás a língua três vezes amaldiçoada, pois ela é mais fatal do que a espada devoradora de dois fios". Ver na *Enciclopédia de Bíblia, Teologia e Filosofia* o artigo intitulado *Linguagem, Uso Apropriado da.*

Antes de Falar

Faz tudo passar diante de três portas de ouro:
As portas estreitas são, a primeira: É verdade?
Em seguida: É necessário? Em tua mente
Fornece uma resposta veraz. E a próxima
É a última e mais estreita: É gentil?
E se tudo chegar, afinal, aos teus lábios,
Depois de ter passado por essas três portas,
Então poderás relatar o caso, sem temeres
Qual seja o resultado de tuas palavras.

(Beth Day)

19.17

Os vss. 17 e 18 dão-nos vários aspectos da *lei do amor,* o princípio normativo de todas as leis justas e de toda conduta apropriada. Há *duas grandes colunas* que são o sustentáculo da estrutura da espiritualidade: a lei do amor e a lei do conhecimento. O décimo terceiro capítulo de I Coríntios é a expressão neotestamentária mais eloqüente da lei do amor. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Amor.*

Por outra parte, a lei do mal é o *ódio.* Ver no *Dicionário* o verbete intitulado *Ódio.* O ódio é a grande antilei da antiespiritualidade. Aqueles que tratam com casos de possessão demoníaca dizem-nos que essa possessão é quase impossível sem o fator ódio. O ódio é o oposto do amor, e serve ao reino das trevas. Se alguém diz que ama a Deus, mas odeia a seu irmão, é um mentiroso (I João 4.20). O ódio é uma forma de assassinato (Mat. 5.21,22). O ódio é um dos vícios que Paulo alistou em Gál. 5.19 ss.

O ódio em teu coração, ou a inveja,
A levantar a feia cabeça,
É um desejo secreto de ver
alguém morto.

(Russell Champlin)

Repreenderás o teu próximo. Palavras duras ofendem. Aquele que odeia vive usando palavras ofensivas. As palavras levam à ação, pelo que o homem que ofende com suas palavras inevitavelmente passará a atos ofensivos. Tal pessoa injuria e peca. Tal pessoa é destrutiva. Cf. Luc. 17.3. Mas existe uma *repreensão positiva,* que ajuda o próximo a evitar atos pecaminosos e prejudiciais, e este versículo salienta isso. Um homem peca quando não repreende a quem erra. Mas a repreensão deve ser feita da maneira correta. Esse é um bom princípio, do qual muitos abusam com freqüência. Vemos pessoas, com uma falsa retidão, repreendendo a outros, como se os estivessem corrigindo, mas, na verdade, o tempo todo estão manifestando o seu ódio. Ver Rom. 1.32; Efé. 4.26; I Tim. 5.20,22 quanto a versículos paralelos no Novo Testamento.

19.18

Não te vingarás. Ver no *Dicionário* o verbete chamado *Vingança,* o qual aborda longamente a mensagem deste versículo. Manter rancor é cultivar certa forma de ódio no coração. Algumas vezes, indignamo-nos por motivos legítimos, e não imaginários. Mas o homem espiritual procurará viver acima de todo ódio e rancor. O amor é o poder que descobre o caminho certo.

Nos dias do segundo templo, havia a seguinte aplicação do conceito expresso neste versículo: "Aquele que, por ocasião de reconciliar-se com seu adversário, realmente perdoa as transgressões deste, verá prontamente perdoadas as suas próprias *transgressões* no dia do julgamento".

Amarás o teu próximo como a ti mesmo. Essa é a Regra Áurea. Cada um deve amar o próximo como a si mesmo. Esse é o *segundo grande* mandamento, de acordo com a avaliação do Novo Testamento, que só perde em importância para o amor a Deus. Jesus citou este versículo e exaltou os princípios em que ele está alicerçado. Ver Mar. 12.31. A lei mosaica inteira repousa sobre esses dois princípios. Ver o artigo geral, no *Dicionário,* sobre o *Amor,* que ilustra o presente texto. A lei do amor é a primeira lei da espiritualidade, e, de fato, a essência da espiritualidade (I Cor. 13). É fruto da regeneração (I João 4.7).

Teu próximo. De acordo com a definição rabínica, um compatriota hebreu. Mas notemos que até este capítulo inclui o estrangeiro (vss. 33 e 34). Jesus falou de modo que entendêssemos que próximo é qualquer outro ser humano (Luc. 10.29 ss.).

Quando de Hillel foi solicitado, por um discípulo em potencial, que dissesse a essência da lei, estando de pé sobre somente um dos pés (em tempo breve, portanto), ele apresentou, sob forma negativa, o conceito à nossa frente: "O que não quiseres que outros te façam, não faças a outros". Mas Jesus apresentou uma versão positiva desse mesmo princípio, em Mat. 7.12: "Tudo quanto, pois, quereis que os homens vos façam, assim fazei-o vós também a eles". Cf. Rom. 13.8-10.

O oposto da injustiça não é a justiça,
é o Amor.

Limites de pedra não podem conter o amor.
O que o amor pode fazer,
isso ousa fazer.

(William Shakespeare)

O amor é a prova da espiritualidade.

Todos nós nascemos para amar. . .
Esse é o princípio da existência e sua
única finalidade.

(Benjamin Disraeli)

19.19

Separação. Animais diferentes de trabalho não podiam ser misturados numa mesma parelha. Outro tanto se dava com os têxteis das vestes. Ver Deu. 22.9-11. "A mistura de espécies era tida como uma violação das *diferenças* que *Deus* havia ordenado" (*Oxford Annotated Bible,* sobre Deu. 22.9-11). Metaforicamente, temos aqui a lei da separação. Ver na *Enciclopédia de Bíblia, Teologia e Filosofia* o artigo chamado *Separação do Crente.*

Raças, tipos e *espécies* de animais não deveriam ser misturados. Ver Lev. 18.22,23 quanto a algo similar. Essas misturas eram consideradas *confusões* desnaturais. Nos dias de Davi e Acabe lemos acerca de *mulas* e, apesar de nada ser dito ali contra os pobres animais, podemos ter certeza de que essas espécies mistas abusavam da lei expressa em Lev. 19.19. Ver II Sam. 18.9; I Reis 1.33; 18.5.

Não semearás semente de duas espécies. O trigo não devia ser semeado de mistura com a cevada, por exemplo. Os tipos tinham de ser mantidos separados. A colheita seria primeiro de uma espécie vegetal; e depois poderia haver a colheita de outra espécie, em outro campo. A idéia aqui é que não se deveria provocar confusão na natureza. Estão em pauta produtos alimentares, ou seja, alimentos que resultavam do plantio. Mas sementes que não tivessem por alvo servir na alimentação, com as ervas amargosas, usadas com propósitos medicinais, ou híbridos de espécies diferentes de animais, estavam isentos dessa lei. Essa lei também proíbe a prática do *enxerto*, tão comum na agricultura moderna, como o enxerto laranja-lima.

Roupa de dois estofos misturados. Cada fibra deveria ser tecida sem mistura com outro tipo de fibra. Todavia, uma pessoa podia vestir uma peça de linho e outra de lã, por exemplo. Essa lei, se fosse aplicada hoje em dia, seria muito prejudicial para a indústria do vestuário. Mas temos aqui uma lei extremamente antiga. A mistura de tipos de têxteis era considerada uma violência contra a natureza.

Posteriormente, fibras misturadas chegaram a ser uma característica das vestes dos praticantes das artes mágicas da pior modalidade, como também as vestes dos sacerdotes pagãos seguiam essa regra de fibras misturadas. Naturalmente, isso associava a questão das fibras misturadas com a idolatria, motivo mais do que suficiente para que o povo de Israel fosse proibido de fazer a mesma coisa.

19.20

Um Caso de Adultério Menos Grave. Ver Lev. 18.20 e suas notas expositivas acerca do *adultério.* Ver no *Dicionário* a respeito desse assunto, como também Êxo. 20.14, o sétimo mandamento. A pena pelo crime de adultério era a execução por apedrejamento (Lev. 20.10). O código de Hamurabi também impunha a pena de morte nesses casos (157). Mas se a mulher fosse uma escrava (como é aqui sugerido), mesmo que ela estivesse comprometida com outro homem, teria sido cometido um adultério menos grave, que não requeria execução capital. O castigo de açoites era suficiente. Executar uma mulher escrava furtaria seu proprietário de uma propriedade sua, pois ela lhe pertencia. Em outras palavras, os direitos de propriedade eram mais importantes, nesse caso, do que a moral sexual.

Não nos devemos esquecer de que, mesmo tendo nascido livre, uma mulher hebréia podia ser reduzida à servidão, ao menos por algum tempo. Nem todas as escravas concubinas eram estrangeiras. Embora uma mulher fosse hebréia, ela entrava em uma esfera moral diferente quando reduzida à escravidão.

A mulher em foco podia ser comprometida (noiva) ou casada. O noivado era antigamente considerado um primeiro passo para o casamento, e não apenas uma vaga promessa de "Casar-me-ei contigo algum dia", conforme se vê hoje em dia.

Ver o trecho de Êxo. 21.2 ss. quanto à libertação de escravos hebreus. Um pai podia vender sua filha hebréia como escrava. Talvez mais tarde, ele mesmo (ou alguma outra pessoa) houvesse de redimi-la e pô-la em liberdade. Mas, enquanto não fosse redimida, seria apenas uma propriedade, embora fosse uma mulher hebréia.

Durante os dias do segundo templo, o noivado de uma mulher escrava não era considerado o primeiro passo no casamento, como se dava com uma mulher livre, pelo que, legalmente, seduzir uma escrava cabia mais dentro da categoria de fornicação do que dentro da categoria de adultério.

19.21,22

Fica entendido que a mulher consentira com o ato, pois não tinha sido violentada. Portanto, merecia os açoites que recebera. Mas o homem também recebia outro tipo de castigo: tinha de oferecer os sacrifícios devidos, enquanto os sacerdotes saberiam, o tempo todo, por qual razão ele estava ali. E o homem gastava algum dinheiro, pois tinha de trazer um carneiro como oferta pela culpa.

Oferta pela sua culpa. Ver sobre esse tipo de sacrifício em Lev. 7.1-7, com notas adicionais em Lev. 5.1-13 e 6.1-7. Não se faz aqui menção de nenhum tipo de restituição que o homem tivesse de pagar ao homem com quem a mulher estivesse comprometida. Provavelmente, o homem envolvido também fosse um escravo, e nada receberia. Ver Êxo. 21.7-11 quanto a uma situação similar.

À porta da tenda da congregação. Ou seja, defronte da *primeira cortina,* que separava o átrio do tabernáculo do mundo exterior. Ver as notas sobre Êxo. 26.36 quanto às *três cortinas* ou véus do santuário.

O *carneiro* trazido seria sacrificado no lado norte do altar de bronze, pelo próprio ofensor. Ver as notas em Lev. 1.14-16 quanto aos *cinco* tipos de animais que podiam ser oferecidos em sacrifício.

O homem era um *pecador,* conforme nos mostra o vs. 22. O que ele tinha feito era moralmente errado, mas seu pecado não era tão grande que requeresse execução capital. Havia expiação para tal pecado. Ver no *Dicionário* o verbete intitulado *Expiação.* Desse modo, o homem recebia o *perdão.* Ver sobre esse termo, no *Dicionário,* como também Lev. 4.20,26.

19.23

Uma Curiosa Metáfora sobre a Circuncisão. Para melhor entender o que está envolvido aqui, consideremos os quatro pontos abaixo:

1. O original hebraico e algumas versões dizem aqui que, por três anos, o fruto de uma árvore nova seria considerado *incircunciso* para os israelitas. Nossa versão, para evitar uma dificuldade de compreensão, interpretou isso como se esse fruto ficasse *vedado* por três anos para os israelitas. Durante três anos, esse fruto seria considerado impróprio para consumo humano. Somente quando a árvore fosse *circuncidada* os israelitas podiam comer-lhe o fruto. A circuncisão de uma árvore dar-se-ia no momento da primeira *colheita* de frutos tendo em vista o seu consumo.
2. Havia uma circuncisão literal (ver as notas a respeito, no *Dicionário*), que era o sinal do *Pacto Abraâmico* (ver as notas expositivas sobre Gên. 15.18). O trecho de Rom. 2.25 ss. mostra-nos que até mesmo essa circuncisão literal servia de metáfora espiritual, porquanto a verdadeira circuncisão (a espiritual) é a do coração, que afeta a alma.
3. No trecho de Êxo. 6.12,30 os lábios são chamados *incircuncisos* quando um homem não usava de uma linguagem santificada, dirigida por Yahweh, não devidamente dedicada ao uso do Senhor.
4. Em Jer. 6.10 lemos sobre *ouvidos* incircuncisos, alusão a um povo desobediente, que não queria dar ouvidos a Yahweh, a fim de ser-lhe obediente.

Leis da Árvore Frutífera Incircuncisa. Por três anos, o fruto de uma árvore frutífera não podia ser consumido pelos filhos de Israel. Portanto, não podia ser vendido. Se alguém comesse de tal fruto, seria açoitado com quarenta açoites menos um (nos dias do segundo templo). No quarto ano, o fruto era colhido e dedicado a Yahweh, como oferta pacífica (de agradecimento). Somente no quinto ano seu fruto podia ser colhido e comido.

Razões. Alguns estudiosos pensam que havia em jogo razões naturais, como se o fruto produzido nos três primeiros anos não fosse próprio para o consumo humano. Mas outros vêem por trás disso apenas um tabu, pensando eles que por três anos os frutos eram deixados para os espíritos que pululavam nos campos. Ou então que tal fruto era assim deixado, a fim de propiciar os espíritos da fertilidade. É possível que existissem tais superstições, mas a razão dada no Antigo Testamento quanto a isso, e a idéia que prevalecia nos dias de Moisés e mais tarde, era a de que Yahweh assim tinha ordenado, ficando anuladas todas as possíveis superstições. Era mister haver uma espécie de processo de circuncisão das árvores, para que seu fruto pudesse ser consumido legitimamente pelos filhos de Israel. Todas as coisas são sagradas; todas as coisas estão debaixo do controle de Yahweh.

19.24

No quarto ano. Toda a produção de frutos de uma árvore, no seu quarto ano de produção, era dedicada a Yahweh, como um ato de agradecimento. Esse era o começo da circuncisão simbólica de uma árvore, o que se completava quando, no quinto ano, seu fruto era *colhido* a fim de ser consumido pelos filhos de Israel.

A Oferenda do Quarto Ano. Os frutos de uma árvore, nesse ano, eram tirados e levados ao santuário (ou ao templo, quando este foi construído). O proprietário da árvore e os pobres tinham então uma espécie de refeição comunal, em honra a Yahweh, a fonte originária de todas as coisas boas. A generosidade do Senhor era assim reconhecida, por meio dessa refeição. Ele era o convidado invisível que estava vendo todas as coisas. E o que não fosse consumido, ficava para os sacerdotes.

Primícias. As primícias envolviam três coisas: A messe dos campos (Êxo. 34.19,20; Deu. 15.19); os primeiros frutos das árvores frutíferas (esta passagem); os filhos (Êxo. 13.2; Núm. 8.16-18). Um proprietário podia *redimir* os produtos agrícolas pagando uma quinta parte de seu valor; e então esses produtos estavam à sua disposição, para ele usá-los como melhor entendesse. Ver no *Dicionário* o artigo detalhado chamado *Primícias.* Esse artigo preenche muitos detalhes que não foram ventilados nesta exposição, além de aclarar várias metáforas envolvidas.

19.25

No quinto ano. Nesse ano, a árvore era *desnudada* de seu fruto, ficando assim completa a circuncisão da árvore. Dali por diante, o fruto daquela árvore pertencia ao proprietário, para uso próprio ou para comercialização. Daquele ano em diante, por assim dizer, a árvore ficava santificada. Tinha sido devidamente reconhecido que Yahweh é que havia dado aquela árvore. Deus é a origem de todas as coisas boas (Tia. 1.17). Aquela árvore frutífera havia sido remida mediante o processo dos quatro anos, e não se exigia mais nenhum tipo de redenção além disso. Supunha-se que, se fossem seguidas essas regras acerca da disposição dos frutos de uma árvore, isso garantia a sua *produtividade*, tal como o pagamento de dízimos é considerado um meio que garante a prosperidade material.

Eu sou o Senhor vosso Deus. Essa expressão, em sua íntegra, como aqui, ou em forma abreviada: "Eu sou o Senhor", ocorre por dezesseis vezes, neste capítulo 19 de Levítico. Essa expressão é usada para acentuar que Yahweh era Senhor e Deus dos filhos de Israel, Aquele que controlava todas as coisas. Ver Lev. 18.30 quanto a outras notas expositivas; e quanto ao chamado *Código de Santidade,* ver a introdução ao capítulo 17 de Levítico. Esse código presumivelmente continha essa expressão muito repetida, como uma de suas características literárias.

19.26

Continuam aqui as muitas *leis miscelâneas* (reunidas neste capítulo 19 de Levítico). Este versículo contém três dessas leis, a saber:

Não comereis cousa alguma com sangue. Parece que essa lei não equivale a "não comer carne que não tenha sido drenada de seu sangue". Aos israelitas era vedado ingerir sangue sob qualquer forma (ver Lev. 3.17). Mas não é isso que está em destaque aqui. Antes, parece haver alusão a uma antiga prática pagã, embora isso não seja aqui explicado. Os zabis, para obterem favor diante de deuses, semideuses ou demônios, recolhiam o sangue dos sacrifícios oferecidos a tais entidades, punham-no em um vaso (ou escavavam um buraco no chão, e ali vertiam o sangue) e então sentavam-se *ao redor,* a fim de comerem o sangue. Esse era um rito supersticioso do paganismo, que honrava a falsos deuses. E Israel não podia imitar tais superstições pagãs.

Nos dias do segundo templo, essa primeira proibição recebia cinco aplicações:

(a) Aquela que acabamos de descrever.

(b) Um animal sacrificado não podia ser comido de imediato, mesmo que seu sangue tivesse sido devidamente drenado, se porventura exibisse qualquer sinal de vida, estando o corpo ainda tremendo.

(c) A carne de um animal sacrificado não podia ser comida enquanto o sangue ainda estivesse em um vaso, isto é, antes de o sangue ser vertido ou aspergido sobre o altar. Essas coisas tinham de ocorrer primeiro.

(d) Um tribunal de justiça que tivesse ordenado uma execução capital não podia comer no dia em que o condenado sofresse sua pena. O dia inteiro era um dia de jejum total.

(e) Um homem não podia agir como um glutão, começando a comer do sacrifício antes que o sangue fosse usado na aspersão, ou seja, enquanto ainda estivesse no vaso que o continha.

Não agourareis. Essa é a segunda coisa proibida neste versículo. Ver no *Dicionário* os artigos intitulados *Encantador; Encantamento de Serpentes* e *Presságio.* Nos dias do segundo templo, entendia-se que isso proibia augúrios, fossem eles bons ou maus, baseados em pequenos incidentes como: uma criança chamava; um objeto perdido era achado; o cobrador de impostos batia à porta; uma serpente cruzava o caminho de alguém; uma raposa corria pelo lado esquerdo de um caminho etc. Diante de pequenas coisas como essas, um indivíduo supersticioso poderia dizer: "Isso é um bom agouro". Ou então: "Isso é um mau agouro". Mas o homem espiritual não se envolve com tais superstições. Mas há estudiosos que pensam que está aqui em foco a adivinhação por meio de serpentes. Ver no *Dicionário* o verbete intitulado *Adivinhação.*

Nem adivinhareis. No original hebraico, a palavra correspondente está ligada a "aves". Por isso mesmo, alguns têm pensado que seria uma adivinhação dependente do vôo e de outros pequenos atos das aves. Mas nos dias do segundo templo, estava em pauta a proibição acerca da noção de dias de sorte ou de falta de sorte, de estações ou meses apropriados etc. Estariam em foco superstições como: "Hoje é dia de sorte, porque é segunda-feira". Ou então: "Hoje é dia de má sorte, porque é sexta-feira, dia treze". Cf. Gên. 30.7 e 44.5. Isso nos faz lembrar de práticas supersticiosas modernas, como a astrologia, os horóscopos, as cartas de tarô, e coisas semelhantes, tudo o que é estritamente proibido na Bíblia. Ver Lev. 19.31; 20.6,27 e Deu. 18.10.

19.27

Não cortareis o cabelo. Estão em evidência certas maneiras de cortar ou aparar os cabelos, que tinham base nos ritos pagãos em que os cabelos eram cortados e oferecidos a falsas divindades. Também havia cortes especiais de cabelos, representando certas adorações idólatras. O cabelo era cortado em redor das têmporas e a cabeça era deixada calva, excetuando uma espécie de coroa baixa (mais ou menos como fazem atualmente os hindus). Esse tipo de corte de cabelo era adotado pelos adoradores do deus Orotal, das tribos árabes. Assim, os árabes eram chamados "aqueles que cortam os cabelos nas têmporas", o que é refletido em Jer. 9.25,26; 25.23 e 49.32.

As extremidades da barba. Também havia aqueles que desfiguravam a barba, dando-lhe alguma aparência desnaturai, um ato que também envolvia costumes idolátricos. Os hebreus e outros povos antigos consideravam a barba o maior ornamento masculino, algo a que davam grande valor, tal como os cabelos longos e belos de uma mulher são um dos fatores de sua beleza. Quanto a notas expositivas completas sobre essa questão, com referências bíblicas, ver no *Dicinário* o artigo intitulado *Barba.* Os pagãos cortavam sua barba e apresentavam seus cabelos às divindades, como um sacrifício precioso, por mais que isso nos pareça difícil de entender.

19.28

Não ferireis a vossa carne. Essa é uma proibição contra as mutilações. Muitos povos pagãos lamentavam-se desse modo pelos mortos. Quem lamentava por um morto cortava-se como se fosse um sinal de consternação pela morte de um parente ou amigo, pensando que isso adicionava algo à sinceridade de sua lamentação. Tais atos eram estritamente proibidos em Israel. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Lamentação.* Há alusão a tal prática em Israel, em trechos como Jer. 16.6 e 41.5. Ver no *Dicionário* o artigo *Sepultamento, Costumes de.* O homem espiritual não pode desfigurar o seu corpo, o qual é uma dádiva de Deus para servir de veículo da alma. Ver Lev. 21.5 e Deu. 14.1.

Nem fareis marca nenhuma sobre vós. Isso condena a tatuagem, que é outra forma de mutilação, posto que superficial. A tatuagem era praticada entre várias nações antigas, algumas vezes em conexão com as práticas da idolatria. Figuras, marcas ou letras eram tatuadas sobre a pele mediante a injeção de tintas na epiderme. Queimar com ferro em brasa era outra maneira de tatuar. Um escravo tinha a marca de seu proprietário impressa sobre ele; as prostitutas também eram assim marcadas; palavras sagradas eram tatuadas na pele dos adoradores pagãos. O homem espiritual, porém, evita todas as práticas dessa ordem, porquanto reconhece que foi criado à imagem de Deus (Gên. 1.26,27), e seu corpo não pode ser desfigurado, pois pertence somente a Yahweh. Ver Isa. 44.5; Apo. 13.17; 14.1.

Eu sou o Senhor. Essa forma, como aquela mais completa, "eu sou o Senhor, vosso Deus", assinala divisões no livro de Levítico, o que acontece por dezesseis vezes, só neste capítulo dezenove de Levítico. Ver Lev. 18.30 quanto a uma explicação sobre seu uso. No *Código de Santidade,* sobre o que falamos na introdução ao capítulo dezessete de Levítico, essa frase seria uma de suas características literárias.

19.29

Contra a Prostituição Cultual. As prostitutas antigas, tal como as de nossos dias, queriam dinheiro. Se um homem, em desesperada situação financeira, quisesse explorar uma filha sua como prostituta, o que está em pauta neste versículo, provavelmente a fizesse tornar-se uma prostituta cultual. A garota ficaria à disposição dos homens em algum templo pagão, que eram os antigos bordéis, e ganhava dinheiro para benefício do culto, para sua manutenção. Alguns intérpretes

supõem que ambos os atos estejam em vista, ou seja, a prostituição cultuai e a prostituição privada. Se tal atitude pudesse ser aceita no povo de Israel, em breve haveria toda uma população de adolescentes femininas, entregues por seus pais aos templos pagãos, ganhando dinheiro. A adoração a Astarte (no Antigo Testamento, *Astarote*, ver a respeito no *Dicionário*) era um culto pagão popular da época, que atraía muitas jovens para a prostituição cultual.

Justino diz-nos que as mulheres cipriotas eram comumente entregues à prostituição por seus próprios maridos, a fim de que elas ganhassem dinheiro para eles. Agostinho adiantou que os fenícios davam dádivas em dinheiro, a Vênus, dinheiro ganho mediante a prostituição de suas próprias filhas (*De Civit. Dei.* liv. xvii. c. 5).

19.30

Guardareis os meus sábados e reverenciareis o meu santuário. A adoração a Deus não podia ser nem abusada nem negligenciada. As leis baixadas por Yahweh precisavam ser postas em vigor, com sanções penais. No terceiro versículo deste capítulo já vimos e anotamos algo sobre a lei do sábado. Naquele ponto várias outras referências são dadas, onde existem outras notas expositivas. Além disso há outros artigos, no *Dicionário,* sobre essa questão. A guarda do sábado era o *quarto* mandamento do decálogo. Ver Êxo. 20.8-11. Era o *sinal* do *Pacto Mosaico,* o que é salientado na introdução ao capítulo 19 do livro de Êxodo.

Santuário. O tabernáculo com todos os seus ritos, laboriosamente descritos no livro de Levítico. O autor sagrado, talvez o autor do chamado *Código de Santidade* (ver a respeito na introdução ao capítulo 17), exigia que seus leitores *observassem tudo* que *ele dizia acerca do* tabernáculo e seu culto, porquanto esses preceitos tinham sido ordenados por Yahweh.

Os israelitas costumavam freqüentar o santuário nos dias de sábado (Êxo. 36.3). A reverência pelas instituições ordenadas por Yahweh haveria de salvar os hebreus das *muitas* poluções descritas desde o capítulo 17 de Levítico até este ponto.

19.31

Necromantes. . . adivinhos. Algumas traduções dizem aqui "espíritos familiares", ou seja, espíritos de qualquer categoria que entravam em termos amigáveis com um "médium", tornando-se, por assim dizer, membro da família, em relação íntima com algum ser humano. A *necromancia* supostamente entra em contato e consulta os mortos. Ou talvez algum espírito demoníaco se faça passar pelo morto. Ver no *Dicionário* o artigo sobre esse assunto. Ver ali, igualmente, o artigo intitulado *Magia e Feitiçaria.* Os *adivinhos,* por sua vez, apelavam para meios como a rabdomancia (varetas ou flechas atiradas ao ar), hepatoscopia (exame do fígado de animais mortos), terafins (imagens de antepassados mortos, que parece ter sido uma espécie de espiritismo), astrologia (com base nas posições dos astros), hidromancia (que sempre envolvia a água, talvez em uma taça cheia desse líquido), sonhos (interpretados conforme idéias supersticiosas), sortes (por muitas vezes lançadas no regaço de uma pessoa), e um sem-número de outros métodos, todos eles errados, principalmente por rejeitarem aquela orientação que o crente deve buscar no Deus vivo.

Saul apelou para a necromancia (I Sam. 28.3). E o rei Manassés consultava alegados espíritos de mortos. Josias, porém, proibiu tal prática. Ver II Reis 21.6 e 23.24.

É difícil entendermos exatamente o que foi proibido nos dias de Moisés, embora a interpretação de suas proibições se tenha tornado mais fácil uma vez que a doutrina da alma veio fazer parte da teologia dos hebreus, já no tempo dos Salmos e dos Profetas.

Observações:

1. A antiga teologia dos hebreus defendia a crença no Ser Divino (Yahweh) e em seres angelicais, ou elevados poderes espirituais, tanto positivos quanto negativos. Eles pensavam que o contato com esses seres angelicais era possível, e o contato com Yahweh é descrito como algo bastante comum no Pentateuco. O *misticismo* (ver a esse respeito no *Dicionário*) era algo comum e aprovado, embora, como é óbvio, existam formas falsas e prejudiciais de misticismo, que devem ser evitadas. Ao consultar o referido artigo, o leitor obterá compreensão sobre como essa palavra, "misticismo", é usada na teologia e na filosofia. O contato com algum poder maior que nós mesmos é um dos aspectos do misticismo, algo pelo que devemos buscar, contanto que da maneira certa, ensinada na Bíblia. Assim o misticismo (quando é legítimo) não é proibido neste texto, nem em qualquer outra porção da Bíblia. Pelo contrário, as Escrituras nos encorajam a buscar o Espírito (o que é a forma correta de misticismo).
2. A teologia hebréia do *Pentateuco* não incluía a crença na alma imaterial do homem. Não há ali nenhum aviso àqueles que se conduzissem mal, para "depois desta vida", de que pagariam por isso; nem havia promessa alguma de bem-aventurança aos que se dedicassem ao bem, para "depois desta vida". Tais doutrinas começaram a participar da teologia hebréia no tempo dos Salmos e dos Profetas, e foram ainda mais bem desenvolvidas no período intermediário (entre o Antigo e o Novo Testamento), nos livros apócrifos e pseudepígrafos. Mas nos dias de Moisés não podiam estar em foco os chamados *espíritos familiares* (se estes tivessem de ser considerados espíritos *humanos* desencarnados). Mas poderíamos pensar em algum tipo de espírito demoníaco, alguma espécie de espíritos relacionados aos anjos, ou talvez espíritos angelicais caídos, embora essa doutrina também tenha sido elaborada *após* a época de Moisés.
3. Depois da época de Moisés, espíritos, atraídos por meios mediúnicos, eram vistos como espíritos humanos desencarnados. Alguns desses espíritos seriam bons, e outros seriam maus. Fosse como fosse, a prática de invocar os espíritos era condenada. Ver no *Dicionário* o verbete intitulado *Necromancia,* que fornece abundantes ilustrações.
4. Com a passagem do tempo, os espíritos que pudessem ser invocados para ajudar a um médium eram concebidos como anjos caídos. Mas isso já foi um desenvolvimento da teologia posterior dos hebreus. *Ambas* essas idéias, pois, foram herdadas pelo cristianismo.
5. *Uma deficiência na teologia hebréia.* Os hebreus, que desconheciam praticamente tudo sobre os fenômenos psíquicos, não ofereceram descrição exata sobre como seria a alma humana, quais as suas capacidades etc. Os hebreus não concebiam que toda forma de alegados fenômenos com *espíritos* pudesse ser manifestação da pessoa *humana.* As pesquisas psíquicas têm mostrado, de forma inequívoca, que coisas como a telepatia, a psicocinese, o conhecimento prévio, a retrocognição, as curas e muitos outros poderes psíquicos são *inerentes* à própria personalidade humana. Isso posto, um chamado "médium" podia ser uma pessoa que tinha aprendido a manipular seus próprios poderes inatos. Esses poderes são neutros em si mesmos, mas podem ser usados positiva ou negativamente. Os estudos sobre os sonhos mostram que temos entre vinte e trinta sonhos por noite, e que todo o nosso futuro é coberto por esses sonhos, em sentido literal ou simbólico. Isso posto, todas as pessoas conhecem o seu futuro e, se pudéssemos aprender como sondar os nossos sonhos, então entraríamos, de maneira natural, no conhecimento acerca do futuro. O homem é apenas um pouco menor do que os anjos, e é naturalmente dotado de muitos poderes. Ademais, se não fosse um fenômeno psíquico, uma pessoa nem ao menos poderia mover o seu corpo físico. Um ato de *psicocinese* (a matéria movimentada pelo poder psíquico) torna-se mister para respirarmos, movermos um artelho ou andarmos. Muitos evangélicos modernos têm permanecido no mesmo nível deficiente da antiga teologia dos hebreus, conseguindo manter-se na ignorância dos grandes avanços do conhecimento humano, espiritual ou não, ignorância essa que faz a teologia dos antigos hebreus ser obsoleta para nós, em diversos sentidos. A epístola aos Hebreus, no Novo Testamento, dá a entender a natureza obsoleta de muito da teologia dos hebreus. E essa teologia também é obsoleta quanto a *outros assuntos* que não foram abordados pela epístola aos Hebreus.
6. *Outra deficiência* da teologia dos hebreus (também compartilhada por muitos crentes modernos) era que eles não percebiam quão limitadas eram as definições que ofereciam sobre os "seres espirituais invisíveis". Há muitas formas de seres espirituais que os termos *anjos* (seres espirituais bons) e *demônios* (seres espirituais malignos) não incluem. Há evidências que mostram que existem *muitas* espécies de seres espirituais que não podem ser cobertas por essas definições simplistas. Alguns desses seres são inferiores, na escala, aos espíritos humanos, e outros são superiores aos espíritos humanos. Várias dessas espécies poderiam explicar o contato de *espíritos* com os chamados "médiuns", embora não fique garantido, de antemão, que o contato será "bom" *ou* "mau". Estou afirmando que várias espécies de entidades podem ser *casos contatados.* E esses contatos podem ser bons ou maus. E também podem não ser nem úteis nem daninhos. Por isso, para evitarmos maus contatos, nossa recomendação é: "Não se envolva com essas coisas". Era o que determinavam as proibições mosaicas.
7. *O mundo intermediário.* Devemos ressaltar ainda outra deficiência da teologia dos hebreus no tocante aos "espíritos lá fora", pois ela não oferecia nenhuma definição precisa sobre esses espíritos (quando eles não eram mesmo totalmente ignorados). Existe um mundo intermediário de seres humanos, puros espíritos humanos, que se acham em um estado intermediário. Algumas almas humanas negativas poderiam ser chamadas, com todo o direito, de *demônios.* Mas outras são apenas o que foram neste mundo, um misto de bem e de mal, pelo que dificilmente podem ser classificadas como "demônios". Há provas de que é possível o contato com vários níveis morais de almas humanas. Mas nem por isso o contato com elas é desejável, a menos que, em casos excepcionais, sob a permissão de Deus (ver o caso que envolveu o rei Saul e o profeta Samuel, já morto, em I Sam. 28.1-25). Muitos crentes têm-se mantido dentro desse nível ultrapassado da teologia hebréia, pelo que só podem ver as coisas em branco e preto. Mas o mundo espiritual não pode ser

reduzido à simplicidade dessa revelação hebréia, que não dispunha das revelações que a teologia cristã nos dá.

8. Chamar os fenômenos psíquicos de *ocultismo* equivale a dizer que todos nós estamos envolvidos no ocultismo, pois todas as pessoas passam, *constantemente,* por experiências psíquicas. Além disso, rotular as investigações científicas sobre o que faz parte do campo do psíquico como se fossem intromissões no ocultismo, resulta da ignorância, da desinformação. *Que as pesquisas continuem.* A ignorância não traz vantagem nenhuma.

Conclusão. Consideremos os pontos abaixo:

a) O versículo que ora comentamos, Lev. 19.31, *não pode* ser legitimamente usado como texto de prova contra fenômenos psíquicos legítimos, e muito menos que não devemos pesquisar as questões psíquicas. É tão legítimo pesquisar a psique humana e de outras entidades, como é legítimo pesquisar disciplinas como a biologia ou a fisiologia.

b) Os fenômenos psíquicos são neutros em si mesmos, quando produzidos por seres não-malignos, incluindo o homem, como *características humanas inerentes.* Naturalmente, seres malignos, que também possuem esses poderes, usam-nos com maus propósitos, procurando enganar os homens.

c) Em uma época em que havia pouco conhecimento disponível, era *sábio* que a legislação mosaica proibisse contato com espíritos e "médiuns" de qualquer tipo, pela simples razão de que uma proibição geral impediria maus resultados. Quando erguemos uma antena sintonizada com o mundo desconhecido dos espíritos, qualquer coisa pode acontecer. A menos que haja conhecimento suficiente, é melhor não erguer nenhuma antena. O contato com espíritos malignos polui e desvirtua. Por isso mesmo, até mesmo nós, do Novo Testamento, sem desprezar o verdadeiro misticismo (o contato com o Espírito de Deus), não devemos buscar ativamente o contato com o mundo dos espíritos. Os resultados freqüentemente serão negativos. Ver, por exemplo, I Tim. 4.1 ss.; II Tim. 3.13; I João 4.1-6.

d) Também devemos lembrar que aqueles que manuseavam essas coisas, proibidas no presente versículo, pertenciam a *cultos antiyahwisticos.* Estavam fora da fé revelada a Israel. Promoviam o paganismo e a idolatria, enganando aos homens. Não eram simples indivíduos que exerciam seus poderes psíquicos. Portanto, o contato com os espíritos foi proibido. E teria mudado o quadro, hoje em dia, no mundo incrédulo lá fora? Daí as advertências bíblicas não cessam no Novo Testamento. Antes, elas têm o mesmo tom de urgência que se via no Antigo Testamento.

e) Contudo, *pesquisas* devem prosseguir em *todos* os campos do conhecimento e das atividades humanas. Mas é *errado* fazer do psiquismo uma *religião.* Nossa fé religiosa deveria atingir alturas superiores ao mero contato com espíritos de qualquer variedade.

f) Parte do moderno movimento carismático, infelizmente, vê-se envolvida em coisas que Lev. 19.31 condena, mas nem por isso devemos repelir o movimento inteiro. Investigações precisam continuar, sob a égide dos ensinos bíblicos. Buscar o contato com o Espírito de Deus jamais será errado; buscar contato com espíritos em geral será sempre algo ilícito e pecaminoso para o crente no Senhor Jesus. Ver na *Enciclopédia de Bíblia, Teologia e Filosofia* o verbete chamado *Movimento Carismático.* Também foram apresentados ali outros artigos esclarecedores no tocante às questões psíquicas. Ver, por exemplo: *Parapsicologia; Espiritismo; Experiências Perto da Morte* e *Projeção da Psique.*

Eu sou o Senhor vosso Deus. Uma expressão repetida por dezesseis vezes neste capítulo 19 de Levítico. Ver as notas completas sobre Lev. 18.30 quanto às suas implicações.

19.32

Diante das cãs te levantarás. A mensagem deste versículo é o respeito aos mais velhos. Cf. Jó 12.12; 32.7. O próprio Deus é intitulado de Ancião de Dias (Dan. 7.9,13,22). Fica entendido que, pelo tempo em que um homem envelhece, terá obtido sabedoria suficiente para merecer o respeito dos jovens. Ele pode ter coisas aproveitáveis para dizer; ele pode advertir contra maus caminhos. E mesmo que isso não seja verdade no caso de todos os anciãos, tal pessoa é fisicamente débil, pelo que devemos e ajudá-la. Nos dias do segundo templo, havia bênçãos especiais proferidas sobre aquele que cuidasse de membros idosos de sua família. Até hoje, quando um homem idoso entra em um recinto, os judeus piedosos levantam-se, para mostrar-lhe respeito. Ver Gên. 48.12, o caso de José que se inclinou diante de Jacó.

No entanto, sempre que a humanidade está em grave crise moral, manifesta-se aqui que se convencionou chamar de "choque de gerações", e isso em uma escala altíssima. Foi o que sucedeu quando o Antigo Testamento se estava encerrando (ver Mal. 4.5,6). É o que está profetizado para os últimos dias, pouco antes do segundo advento de Cristo (ver II Tim. 3.1 ss).

19.33

O estrangeiro... não o oprimireis. É fácil perseguir aquele que é diferente. Um estrangeiro traz coisas, idéias e práticas diferentes. Torna-se, pois, alvo fácil de maus tratos. Esse "estrangeiro", neste caso, provavelmente represente aqueles que se convertiam ao yahwismo, ou aqueles que se tornavam residentes permanentes em Israel, pessoas que provavelmente se converteriam ao judaísmo. Isso já era um motivo religioso para um bom tratamento, mas o aspecto humanitário é o principal. Qualquer homem é um irmão. Deveria ser tratado como tal. Ver a atitude de Jesus, em Luc. 10.29 ss.

Dos estrangeiros esperava-se que observassem a legislação mosaica, e isso também os beneficiaria. Um estrangeiro convertido tinha de prometer lealdade a Yahweh, observando os preceitos levíticos. Assim, religiosamente falando, tornava-se um hebreu, mesmo que não o fosse racialmente. Ver Lev. 16.29; 17.8,9; 22.18. Ver também Lev. 18.26 e 24.16-22.

A opressão a um estrangeiro podia dar-se de modo verbal, judicial, financeiro, religioso, racial, ou através de atos de perseguição, inspirados pelo preconceito. A lei geral do amor deveria prevalecer, conforme encarece o versículo seguinte.

19.34

Amá-lo-eis como a vós mesmos. Todo homem é objeto de amor, o primeiro e maior dos princípios da espiritualidade. Deus amou o *mundo* (a humanidade), e não apenas Israel (João 3.16). Deus interessou-se até pelo gado de Nínive, e quanto mais de seus habitantes humanos (ver Jon. 4.11).

Temos aqui o *segundo* maior mandamento da lei, segundo a avaliação de Jesus. Ver Lev. 19.18. Naquele versículo nos fora recomendado o amor altruísta pelo próximo e, agora, pelo estrangeiro. Ver as notas sobre aquele versículo, que também têm aplicação aqui. Ver no *Dicionário* o verbete chamado *Amor.* Os dois grandes sustentáculos da espiritualidade são o amor e o conhecimento.

Estrangeiros fostes na terra do Egito. A experiência do povo de Israel no Egito foi essencialmente negativa. Israel sofreu perseguições no Egito. Houve uma experiência dolorosa, inspirada pelo ódio. Israel, pois, não deveria imitar esse mau exemplo. O apelo à experiência de Israel como estrangeiros no Egito, aparece por *quatro* vezes no Pentateuco. Ver Êxo. 22.21; 23.9; aqui e em Deu. 10.19. Cada um desses apelos contém uma admoestação para que os israelitas tratassem bem aos forasteiros, como um dever civil e religioso. Que o leitor examine o resto de meus comentários a respeito em Lev. 19.18.

19.35

Injustiças Comerciais. Enganar em questões financeiras, usar de desonestidade nos negócios, são fraquezas humanas comuns que afetam as multidões, incluindo um número inacreditável de crentes. Mas "a honestidade nos negócios exemplifica a santidade prática que o Senhor espera de nós (cf. Deu. 25.13-16; Pro. 11.1; 16.11; 20.10,23; Amós 8.5; Miq. 6.11; Osé. 12.8" (F. Duane Lindsey, *in loc.*). A desonestidade que envolve dinheiro é uma forma de *furto,* o que é condenado no vs.11 deste capítulo.

Aquele que usasse de desonestidade nos pesos e nas medidas, em sua atividade comercial, era julgado tão culpado quanto um juiz corrupto que *vendesse* suas decisões para quem tivesse mais dinheiro para pagar. Pesos e medidas justos foram determinados por Yahweh (Deu. 25.13,15; Eze. 45.10-12).

Na época do segundo templo, a desonestidade nos negócios e pesos incorretos faziam um homem tornar-se culpado em *cinco* sentidos: 1. Ele contaminava a terra. 2. Ele profanava o nome de Deus. 3. Ele fazia a glória *shekinah* ir-se de Israel. 4. Ele fazia os israelitas perecerem à espada. 5. Ele contribuía como causa dos cativeiros de Israel.

19.36

A fim de ilustrar pesos justos, requeridos pela lei mosaica, o autor sagrado apresenta dois casos: o *efa* (uma medida para secos) e o *him* (uma medida para líquidos). Um efa equivalia a dez *ômeres* (Lev. 14.10). Ver as notas sobre esse versículo, acerca de quanto essas medidas valiam em relação ao nosso sistema métrico decimal. Um *efa* era o equivalente a cerca de dois quilogramas. Em termos práticos, um *efa* equivalia a quarenta e três ovos de galinha; um *him,* a setenta e dois ovos. Portanto, um *him* valia quase quatro litros. Esses dois pesos eram os mais usados no comércio varejista, o que explica por que foram usados como ilustração.

19.37

Guardareis todos os meus estatutos. Os *Dez Mandamentos* originais (ver a respeito no *Dicionário)* foram sendo desdobrados naquilo que se tornou a complexa legislação mosaica. O livro de Levítico oferece-nos larga porção dessa legislação. O chamado *Código de Santidade* (que alguns pensam estar refletido nos capítulos 17 - 26 do livro de Levítico) talvez represente uma fonte informativa distinta do Pentateuco, tendo contribuído pesadamente para as leis contidas na

legislação mosaica. Como essa legislação foi dada por inspiração divina, ela era absolutamente obrigatória para seus destinatários, o povo de Israel. Ver sobre o *Código de Santidade* na introdução ao capítulo 17 do livro de Levítico.

Este sumário é similar aos dados em Lev. 18.4 e 18.30, cujas notas expositivas também têm aplicação a este versículo. Todos os três sumários terminavam com a fórmula que diz "Eu sou o Senhor vosso Deus", a qual empresta aspecto solene às injunções divinas. Ver as notas a esse respeito em Lev. 18.30.

Capítulo Vinte

Penas para Diversos Crimes (20.1-27)

O capítulo 20 depende muito do capítulo 18, repetindo grande parte de seu material. Mas este capítulo dá as *penas* impostas aos crimes mencionados. Este capítulo fala muito em punição capital, o que usualmente era feito mediante apedrejamento. Em contraste com o que se vê hodiernamente, quando os governos relutam em executar quem quer que seja, sem importar quão hediondo tenha sido o seu crime, a legislação mosaica nos surpreende com a prontidão e, algumas vezes, com tão pequenos motivos, com que um homem podia ser executado em Israel. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Punição Capital.*

O Código de Santidade. Certo número de eruditos pensa que os capítulos 17 a 26 de Levítico refletem uma fonte informativa distinta do Pentateuco, à qual eles denominam *Código de Santidade.* É de presumir-se que esse código também reflita algum outro material bíblico, fora daqueles dez capítulos de Levítico (17 - 26). Ver a introdução ao capítulo 17 de Levítico quanto a explicações sobre esse ponto. Ver também, no *Dicionário,* o artigo intitulado *J.E.D.P.(S.).*

Se este capítulo volta a dar atenção aos pecados de natureza sexual, mostrando os castigos respectivos, também faz requisitos adicionais acerca de coisas limpas e imundas. Ver no *Dicionário* o verbete chamado *Limpo e Imundo.*

"A severidade dos castigos baseava-se sobre a convicção de que Israel devia ser um povo santo, separado de todos os outros por meio de sua maneira de viver e de adorar (vss. 7,8,22-26)" (*Oxford Annotated Bible, in loc.*).

Os pecados aqui alistados, que requeriam punição capital, eram os que feriam a vida religiosa de Israel, a moral pessoal e certos atos hediondos. Entre esses estavam o homicídio premeditado (Êxo. 21.12; Núm. 35; Deu. 19); o homossexualismo (Lev. 20.10; Deu. 22.22); a blasfêmia (Lev. 24.13-16,23); a idolatria (Deu. 13.6-10); e a desobediência persistente às autoridades (Deu. 17.12; 21.8-21). Ver no *Dicionário* o verbete intitulado *Ética do Antigo Testamento.*

20.1

Disse mais o Senhor. Essa expressão é um artifício literário que foi usado pelo autor sagrado a fim de introduzir novas seções deste livro. Mas também lembra-nos da inspiração divina das Escrituras, pois estavam sendo apresentados recados enviados por Yahweh. Ver Lev. 1.1 e 4.1 quanto a amplas explicações a esse respeito. Ver a introdução a este capítulo (acima), quanto aos tipos de materiais apresentados no presente capítulo.

20.2

Também dirás aos filhos de Israel. Moisés era o mediador entre Yahweh e o povo de Israel. A ele foi ordenado que transmitisse a mensagem à comunidade de Israel. O livro de Levítico encerra *oito* diferentes maneiras ou fórmulas de tratamento, que alistei nas notas sobre Lev. 17.2.

Não só os israelitas, mas também os estrangeiros que habitavam no país, quase todos convertidos ao yahwismo, precisavam guardar as leis que se seguem; se não as guardassem, sofreriam as mesmas penas dos hebreus.

Moloque (também chamado Moleque). Ver o artigo detalhado sobre essa *divindade pagã, à qual eram sacrificadas crianças, passadas pelo fogo. Este* capítulo 20 de Levítico reitera grande parte do material constante no capítulo 18. Assim, já vimos sobre a questão de *Moloque,* em Lev. 18.21. Ali há notas que se aplicam aqui.

Punição. O indivíduo que cometesse o crime hediondo de oferecer um sacrifício humano, fazendo seu próprio filho sofrer tão dolorosa morte, a fim de "honrar" a uma divindade pagã, era executado por apedrejamento. Ver no *Dicionário* o verbete chamado *Apedrejamento.*

A grande abundância de pedras, na Palestina, fazia do apedrejamento a mais comum das punições capitais. Essa também era uma maneira conveniente de alguém exprimir sua ira ou ódio. O Senhor Jesus foi por várias vezes ameaçado de apedrejamento, com base em trechos bíblicos como Êxo. 17.4; Núm. 14.10 e I Sam. 30.6. Cf. João 10.31-33; 11.8. Isso também aconteceu com Paulo, segundo se vê em Atos 14.5,19. Há menção a apedrejamentos em I Reis 12.18; II Crô. 24.21 e Atos 7.58,59. Ver completas informações sobre esse modo de execução no artigo mencionado acima.

20.3

Este versículo expande as declarações do versículo anterior, e de novo ressalta a ameaça de punição capital. Note-se que o "eliminarei" mencionado neste versículo é igual ao "apedrejará" do versículo segundo. Essa expressão, quase sempre transmite a idéia de punição capital, e não apenas de exclusão. Naturalmente, a punição capital era a exclusão mais radical. Este versículo não ameaça apenas o juízo divino, sob a forma de alguma doença ou acidente. Antes, fala de punição capital *judicial.*

O pecado de oferecer um filho a Moloque contaminava o santuário do Senhor, pois *ali* era o lugar *legítimo* de oferecer sacrifícios. Qualquer outro tipo de sacrifício era uma afronta e uma contaminação contra o sistema sacrificial determinado por Yahweh. Além de contaminar o santuário de Deus, esses crimes nefandos também profanavam o bom nome de Yahweh, cujas leis se mostravam contrárias a atos tão bárbaros e primitivos.

Voltar-me-ei contra esse homem. Aquele que oferecesse um filho seu a Moloque teria de enfrentar a ira divina. Essa ira levá-lo-ia à morte. Ver também essa expressão, usada em Lev. 17.10; e 26.17. Há notas expositivas na primeira dessas duas referências. No original hebraico temos "voltarei minha face (*panim)* contra esse homem". Como é claro, "face" é uma expressão antropomórfica. Ver no *Dicionário* o artigo intitulado *Antropomorfismo.*

Os mesmos indivíduos que hoje cometiam o bárbaro crime de sacrificar seus filhos a Moloque amanhã chegavam ao santuário de Yahweh para oferecer um *sacrifício levítico.* Tais pessoas viviam coxeando entre dois pensamentos, mas, antes, estavam envolvidas em um pecaminoso *sincretismo.*

Se o povo de Israel não cumprisse seu papel, apedrejando o culpado de culto a Moloque, ou, se de alguma maneira, o tal conseguisse escapar à detecção, o próprio Senhor cuidaria para que ele tivesse um triste fim, conforme se lê e explica nos comentários sobre os vss. 4 e 5 deste capítulo.

20.4,5

O autor sacro demorou-se um pouco mais sobre o assunto, fazendo mais ameaças contra o pecado de sacrifício humano. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Sacrifício Humano.* Talvez o povo de Israel se mostrasse negligente. "Então um homem matou seu filho! Ainda bem que não foi *meu* filho. Vamos esquecer isso!" É *incrível quão indiferentes se mostram as pessoas diante de crimes* e pecados hediondos! Em meio a uma população indiferente, onde ninguém tomava a iniciativa para levar o homicida à justiça, o culpado talvez conseguisse escapar. Este versículo permite-nos entender que muitos conseguiam escapar, dessa maneira. Muitas pessoas "olhavam na outra direção", não querendo envolver-se. Isso tomou-se praxe em nossas grandes cidades modernas. As vítimas de assaltos não são ajudadas pelos circunstantes, que temem por sua própria segurança. Ameaças da parte dos malfeitores, com medo de violência potencial, impedem outras pessoas de denunciarem os matadores e outros criminosos.

Um caso notório desse tipo sucedeu na cidade de Nova Iorque, não faz muitos anos. Um cidadão, da janela de sua residência, viu um homem que atacava uma mulher. A mulher gritava, dizendo que o homem estava procurando matá-la. O homem, que via a cena da sua janela, *compreendeu* por qual razão ela estava pedindo socorro. Todavia, em vez de tentar impedir o homicídio, chamou o seu *advogado* pelo telefone, perguntando o que deveria fazer. O advogado aconselhou-o a não se envolver. A mulher foi morta defronte da janela do homem. Ninguém se importou com o que estava acontecendo com ela.

Mas o homem que escape à detecção em face de algum crime, embora o fato se torne conhecido, não tendo assim de enfrentar a justiça humana, nem por isso ficará livre. Yahweh prometeu que tal criminoso terá um fim lamentável. Algum acidente ou enfermidade acabaria por eliminá-lo.

Com todos os que. . . se prostituem com Moloque. A idolatria é uma prostituição espiritual. Essa era uma comum associação mental para os hebreus. Sacrificar um filho a uma divindade pagã fazia parte da prostituição espiritual. É significativo que a idolatria pagã atraísse a prostituição religiosa. As duas coisas correm paralelas. Triste é dizê-lo, mas até hoje é em redor de muitos templos católicos romanos, onde a idolatria é bem conhecida, que se juntam as prostitutas para anunciar que estão à disposição dos prostitutos. Quanto à idolatria como uma prostituição espiritual, ver as notas sobre Isa. 1.21; Jer. 13.27; Eze. 16.16 e Osé. 1.2. Ver também, no *Dicionário,* os dois artigos intitulados *Idolatria* e *Prostituição.*

20.6

A ameaçadora face de Yahweh também se voltaria contra aqueles que ao menos apelassem para os necromantes e os feiticeiros etc. E com o mesmo

resultado fatal: punição capital, a "eliminação" mencionada no vs. 3, um paralelo do apedrejamento, mencionado no vs. 2 deste capítulo.

Este versículo é paralelo ao de Lev. 19.13, onde apresentei *extensas* notas expositivas que também se aplicam aqui. A questão das pesquisas psíquicas científicas está incluída nas notas daquela referência. Ver I Crô. 10.13,14 quanto a uma execução da sentença. O vs. 27 deste vigésimo capítulo de Levítico retorna a essa questão e menciona especificamente a morte por apedrejamento como a punição merecida pelos culpados.

20.7,8

Santificai-vos, e sede santos. Há certas coisas que devem ser evitadas. Nossa geração tem bem poucos objetos sagrados. A profanação transformou-se em uma religião. As leis levíticas foram dadas para separar os israelitas dos povos pagãos. Precisamos reconhecer a diferença entre o bem e o mal; entre o moral e o imoral; entre o justo e o injusto. As Escrituras inspiradas nos fornecem as definições e distinções necessárias. *Leis específicas* ajudam-nos a fazer definições, e é isso que o oitavo versículo enfatiza. A ciência tem descoberto leis específicas que governam a atividade científica. Logo, existe muito valor em uma *ética de normas.* E se as regras não podem dar solução a todos os problemas da ética, elas servem para ajudar a conduta humana, tal como as leis científicas ajudam o avanço da ciência.

Ver as notas sobre Lev. 11.44, quanto a um verso mais elaborado, e que é, essencialmente, paralelo aos dois versículos à nossa frente. Um homem precisa santificar-se, pois cumpre-lhe ser santo como Deus é santo. Naturezas morais devem caminhar lado a lado: um homem precisa vir a compartilhar da natureza moral divina. Dessarte ele vai sendo transformado para que participe da própria natureza metafísica de Deus (II Ped. 1.4), por meio da participação na imagem de Cristo (Rom. 8.29; I João 3.2). Sem essa transformação moral não poderá haver a transformação metafísica.

"Em meio mesmo dessa lista de pecados capitais, Deus apresenta exortações graciosas para que aceitemos a moralidade de Seu pacto, motivados por Sua própria santidade" (F. Duane Lindsey, *in ioc.*).

Eu sou o Senhor vosso Deus. Nestes dois versículos, a expressão ocorre por duas vezes, uma expressão que alguns eruditos pensam caracterizar o chamado *Código de Santidade,* uma alegada fonte informativa distinta do Pentateuco. Ver a introdução ao capítulo 17 deste livro, quanto a esse código, e ver as notas sobre essa expressão em Lev. 18.30. Essa expressão empresta solenidade aos ensinos morais que vão sendo apresentados.

20.9

Este versículo é uma forma mais elaborada de Lev. 19.3. Ver as notas expositivas ali, que também se aplicam aqui. O mandamento de honrarmos pai e mãe é o *quinto* mandamento do decálogo (Êxo. 20.12, onde há outras notas que também se aplicam aqui).

Aquele que deixasse de obedecer ao quinto mandamento era sentenciado à morte por apedrejamento. Ver também Êxo. 21.17; Pro. 20.20. Ver no *Dicionário* o verbete *Apedrejamento.* A expressão "será eliminado" usualmente indica a punição capital. Ver as notas sobre o terceiro versículo deste capítulo.

20.10

Se um homem adulterar. Este versículo reitera Lev. 18.20, cujas notas expositivas também têm aplicação aqui. Esse é o sétimo mandamento do decálogo. Ver Êxo. 20.14. Para tal pecado, a morte por apedrejamento era determinada (ver Deu. 22.22-24). Mas alguns intérpretes judeus dizem que a expressão "será morto" indica morte por estrangulamento. Parece que essa era uma forma alternativa de execução. De acordo com os estudiosos, essa forma era recomendada para seis casos: 1. adultério; 2. bater no pai ou na mãe; 3. furto; 4. um ancião que se recusasse a obedecer aos decretos do sinédrio (Deu. 17.12); 5. um profeta falso; 6. quem profetizasse em nome de uma divindade pagã. Talvez esse estrangulamento fosse executado mediante enforcamento. Mas outros métodos de execução podem ter sido usados.

Os versículos 10 a 21 levam-nos de volta aos crimes sexuais proibidos no capítulo 18 deste livro. Mas agora nos são dadas as punições determinadas contra tais pecados. Ver o *gráfico* na introdução ao capítulo 18, que ilustra essa questão.

20.11

O homem que se deitar. O capítulo 18 denuncia várias formas de *incesto.* E este capítulo vigésimo nos mostra os castigos para esses crimes, embora o castigo não seja mencionado em vários dos casos.

Este versículo é paralelo de Lev. 18.8, onde o leitor deve buscar as notas expositivas. As palavras "seu sangue cairá sobre eles" significa a execução, provavelmente por apedrejamento, que deixava o corpo em uma polpa sangrenta. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Apedrejamento.* Ver também Lev. 20.27. Se um homem ousasse tocar em sua *madrasta,* seu fim seria triste. Neste versículo não é mencionada a mãe biológica de tal homem, embora fique entendido que, se nem uma madrasta servia de parceira de sexo, muito menos a mãe natural de um homem. Ver Lev. 18.7 quanto ao preceito contra o incesto com a própria mãe de um homem.

20.12

A nora. Este versículo é paralelo de Lev. 18.15, onde se acham as notas expositivas. Se a nora de um homem consentisse com o ato, então compartilhava de igual culpa com ele, e ambos deveriam ser executados, provavelmente por meio de apedrejamento.

Fizeram confusão. Ou seja, algo contra a ordem natural das coisas. Ver também essa expressão em Lev. 18.23.

20.13

Se. . . um homem se deitar com outro homem. Isso condena o homossexualismo. Este versículo tem paralelo em Lev. 18.22, onde aparecem as notas expositivas a respeito. Esse crime tanto causa *confusão* (ver o versículo anterior) quanto é uma *abominação* (este versículo e seu paralelo, Lev. 18.22). A palavra "abominação" é empregada por treze vezes em Levítico, classificando vários tipos de pecado. "Os israelitas não abandonaram de vez esse vício abominável (Juí. 19.22; I Reis 14.24), tão adotado que era pelos povos circundantes, e que se mostrava tão prevalente nos dias dos apóstolos (Rom. 1.27; I Cor. 6.9; Gál. 5.19; I Tim. 1.10). De acordo com a lei de Cristo, aqueles que se tornam culpados desse pecado estão excluídos do reino de Deus (I Cor. 6.9,10)" (Ellicott, comentando sobre Lev. 18.22). A *pena* consistia em execução capital, por apedrejamento.

20.14

Uma mulher e sua mãe. Ou seja, um homem ficava com sua mulher e com sua sogra. Esse tipo de incesto não é mencionado no capítulo 18 de Levítico, mas aparece na lista deste capítulo 20. Ver também Deu. 27.23. A *pena* era a morte na *fogueira,* conforme vemos neste versículo. Conforme alguns têm proposto, talvez primeiro o culpado fosse apedrejado, e então seu corpo fosse queimado na fogueira. Outros supõem que as palavras "queimarão com fogo" signifiquem apenas ser *marcados* com ferro em brasa. A cicatriz deixada, pois, exibiria a vergonha do homem que ousara fazer sexo com sua própria sogra. A versão caldaica dá a entender que o castigo era derramar chumbo derretido garganta abaixo do culpado.

Execução na Fogueira. Essa forma de execução (uma das *quatro* formas; ver o segundo versículo deste capítulo) podia ser empregada para qualquer um desses crimes, conforme nos informam textos da época do segundo templo: 1. O caso do texto presente. 2. A filha de um sacerdote que se deixasse envolver pela prostituição (Lev. 21.9). 3. O caso de um homem que praticasse sexo com sua própria filha (caso não mencionado no livro de Levítico). 4. O caso de um homem que praticasse sexo com uma neta, filha de um seu filho ou de uma sua filha. 5. O caso de um homem que praticasse sexo com uma enteada, filha de sua esposa, por meio de um casamento anterior. 6. O caso de um homem que praticasse sexo com uma neta de sua mulher, filha de um filho dessa mulher, ainda que não houvesse parentesco de sangue nesse caso. 7. O caso de um homem que praticasse sexo com a mãe da sogra. 8. O caso de um homem que praticasse sexo com a mãe do sogro.

20.15,16

Se. . . um homem se ajuntar com animal. Temos aqui o caso terrível de bestialidade. Estes dois versículos são paralelos a Lev. 18.23, onde aparecem as notas expositivas. Esse pecado é considerado uma *confusão* por quebrar a ordem natural das coisas. Ver essa palavra, que também é usada em Lev. 18.23 (versículo paralelo a este); e ver também Lev. 20.12, que destaca o pecado de incesto com uma *nora.*

20.17

Irmã por Parte de Pai ou por Parte de Mãe. Este versículo é paralelo a Lev. 18.9, onde dou o comentário. A pena imposta era a morte por apedrejamento. A expressão "levará sobre si a sua iniqüidade", que aqui encontramos indica que o culpado pagaria o devido preço pelo mal que havia praticado. Este versículo diz que o irmão viu a "nudez" da irmã, e vice-versa, e que isso é *torpeza.* Temos aqui um eufemismo para o ato sexual, embora também possam estar em pauta os preliminares desse ato.

Nem neste texto, nem naquele do capítulo 18 de Levítico há uma referência clara ao incesto com uma irmã de pai e mãe; mas esse caso fica subentendido na proibição, mesmo que não seja especificamente declarado.

20.18

Mulher no tempo da enfermidade dela. Deve-se entender aqui o período menstrual da mulher. Este versículo ressalta um caso de *ato propositado*. Se o contato sexual acontecesse, durante esse período, por acidente, então sacrifícios de purificação tinham de ser efetuados. Este versículo tem paralelo em Lev. 18.19, onde são dadas as notas expositivas. Ver também Lev. 15.24.

Esse ato era considerado um crime porque "descobria a fonte do sangue" da mulher. E o sangue era aquele elemento sagrado, pelo que isso era um abuso contra o sangue. Ademais, ela era considerada estar em um estado de "enfermidade" ou imundícia cerimonial, e isso impossibilitava qualquer atividade sexual para qualquer hebreu piedoso.

20.19,20

Tia. Tanto por parte do pai quanto por parte da mãe. Mesmo que alguém fosse tia de um homem, apenas por afinidade (por motivo de casamento), e não por consagüinidade (por laços de parentesco), praticar sexo com uma pessoa assim era estritamente proibido entre os hebreus. Ver Lev. 18.12-14. Estes versículos estipulam as mesmas proibições. Ver as notas sobre Lev. 18.12-14 quanto a completas informações a respeito. A pena era a *esterilidade*. Tais pessoas sofreriam uma maldição divina, que impediria que tivessem filhos. Alguns intérpretes, contudo, pensam que esse juízo era figurado, e não literal. Assim, talvez tivessem filhos, mas esses não deveriam ser aceitos na comunidade. Não teriam os direitos normais dos filhos legítimos.

20.21

Se um homem tomar a mulher de seu irmão. Ter contato sexual com uma cunhada era proibido, conforme vemos em Lev. 18.16, onde há notas expositivas completas. A punição era a esterilidade, literal ou metafórica, conforme explico nos comentários sobre Lev. 20.19,20, acima. Ver o *gráfico* na introdução ao capítulo 18 quanto às leis sobre o incesto, completo com as penas impostas aos infratores. O casamento levirato era uma exceção. Ver Deu. 25.5 ss.

20.22

Este versículo serve como uma espécie de sumário das leis do incesto. Contém os elementos de sumários similares. Ver Lev. 19.37, que contém referências a sumários semelhantes. Ademais, este versículo também inclui a metáfora da *terra que vomita* seus habitantes, segundo vimos em Lev. 18.25,28, cujas notas também se aplicam aqui. Aquela metáfora também está ligada a crimes sexuais, naquele capítulo, segundo também vemos neste ponto.

20.23

Este versículo é paralelo ao trecho de Lev. 18.27,28, onde a palavra de Yahweh advertiu a Israel que os povos que antes tinham ocupado o território (os *sete* povos distintos; ver Êxo. 33.2) sofreram expulsão violenta em face de juízo divino contra o pecado, incluindo os pecados sexuais. Com o tempo, Israel também sofreu *duas* expulsões violentas, foi vomitado por duas vezes, nos cativeiros assírio e babilônico. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Cativeiro (Cativeiros)*. Portanto, visto que os israelitas não obedeceram à palavra de Yahweh, o juízo ameaçado acabou tendo cumprimento.

20.24

Uma parte do *Pacto Abraâmico* era a promessa de uma Nova Terra. Essa promessa teve cumprimento quando da invasão e possessão da Terra Prometida. Ver as notas sobre Gên. 15.18 quanto a informações completas sobre esse pacto e suas provisões, incluindo a questão do território. Naquela exposição são dadas as dimensões desse território.

Terra que mana leite e mel. Ver Êxo. 3.8 quanto a explicações sobre essa metáfora. Minhas notas ali mostram que essa expressão é usada por onze vezes no Antigo Testamento.

Vos separei dos povos. Um povo assim distinguido requeria um código ético diferente. Yahweh tomara um povo para Si mesmo e santificara esse povo. A legislação mosaica outorgou, a um povo santificado, um código ético diferente. Havia muitas regras a serem seguidas como diretrizes, tal como vimos do capítulo 17 em diante de Levítico, onde aparecem inúmeras leis. A transformação moral de um homem produz a transformação metafísica, de modo que, afinal, tal homem venha a compartilhar da natureza divina (II Ped. 1.4), porque participa da imagem de Cristo (Rom. 8.29; I João 3.2; II Cor. 3.18). A santidade esperada era a própria santidade de Deus: "Sede santos, porque eu sou santo" (Lev. 19.2; 20.7,26).

20.25

Este versículo é uma espécie de síntese das leis referentes a coisas *limpas* e *imundas*. O autor sagrado esperava que seus leitores reconhecessem isso, embora os preceitos fossem muitos e a situação fosse complexa. Eles precisavam *tomar conhecimento*, a fim de que pudessem obedecer. O *conhecimento* é um dos dois grandes alicerces da espiritualidade. Esses dois alicerces são o conhecimento e o amor. Isso condena o *antiintelectualismo* (ver a respeito no *Dicionário*).

Ver o capítulo 11 de Levítico quanto aos muitos preceitos acerca de animais limpos e imundos. O capítulo 12 versa sobre questões de limpo e imundo no que concerne ao parto. As leis envolvidas eram complexas. O capítulo 13 aborda a imundícia da *sara'at*, doenças de pele, além de mofos e míldios. O capítulo 15 trata da imundícia causada por vários fluxos (fluidos) do corpo humano. Começando pelo capítulo 17 (o chamado Código de Santidade, que vide), reentra, vez por outra, essa questão de limpo e imundo, em várias leis miscelâneas. Ver o artigo *Limpo e Imundo* quanto a explicações completas a respeito. Um hebreu devia tomar conhecimento de todas essas provisões da lei mosaica sobre essa questão, seguindo de mente esclarecida o que ali aprendesse. Isso fazia parte de sua separação dentre as nações gentílicas, pois estaria evitando toda forma de imundícia, a que os demais povos não davam atenção. Cf. Dan. 1.8.

20.26

Este versículo é paralelo a Lev. 19.2 e 20.7,26, onde as notas também se aplicam a este ponto. Ver também Lev. 11.44,45, que contém a mesma fórmula e encerra notas além daquelas dadas em Lev. 19.2. Ver I Ped. 1.15,16 quanto à aplicação que o Novo Testamento faz desse princípio. Temos aqui a *ética normativa:* Yahweh foi quem deu essas regras. O homem as segue. A ética normativa não soluciona todos os problemas da conduta humana. *Leis* orais e escritas jamais serão suficientes, embora nada haja de errado com tais leis. Essas leis frisam princípios, alguns deles perpétuos, e alguns poucos, eternos. Ver na *Enciclopédia de Bíblia, Teologia e Filosofia* o artigo geral intitulado *Ética*. E ver no *Dicionário* o artigo *Ética do Antigo Testamento*.

20.27

O autor sacro retorna agora à questão dos espíritos familiares, dos feiticeiros etc., algo que ele já tinha abordado por duas vezes, dentro do chamado Código de Santidade (Lev. 17-26). Ver Lev. 19.31 quanto a notas completas sobre o assunto, incluindo o aspecto das pesquisas psíquicas científicas, acerca do ocultismo. Ver outra repetição do assunto nas notas sobre Lev. 20.6. A morte por apedrejamento estava reservada aos que desobedecessem a essas leis. Ver no *Dicionário* o verbete chamado *Apedrejamento*.

Capítulo Vinte e Um

Leis acerca dos Sacerdotes (21.1-24)

Muitos estudiosos pensam que os capítulos 17 a 26 de Levítico refletem uma fonte informativa distinta, que foi incorporada ao Pentateuco, mormente neste livro de Levítico. Todavia, outros trechos também teriam tirado proveito dessa fonte. Ver na introdução ao capítulo 17 o artigo *Código de Santidade*, o título dado a essa alegada fonte informativa. Ver também no *Dicionário* o artigo *J.E.D.P.(S.)*. Esse código repete muitas ordens e outros materiais dados em outras porções do Pentateuco. A *repetição* é uma característica literária do Pentateuco, algumas vezes para efeito de ênfase, mas às vezes sem razão evidente.

O capítulo 21 de Levítico dá-nos certa variedade de leis aplicáveis aos sacerdotes, acerca de questões como a maneira de se lamentarem pelos mortos, de se casarem e de impedimentos que os desqualificavam para seu ofício.

A própria santidade de Deus era o alicerce e a motivação da santidade do povo de Israel. Ver Lev. 19.2 e 20.7,26; e também I Ped. 1.15,16 quanto à aplicação neotestamentária desse princípio. Isso envolvia a assembléia inteira de Israel, e, portanto, também os sacerdotes (Lev. 21.1-9). Dizia respeito, especialmente, ao sumo sacerdote (vss. 10-15). Ver no *Dicionário* o verbete intitulado *Ética no Antigo Testamento*.

21.1

Disse o Senhor. Essa é uma expressão muito repetida no Pentateuco. O autor sacro usou-a para marcar o início ou o fim de novos materiais. E também ela nos faz lembrar da inspiração divina das Escrituras. Ver Lev. 1.1 e 4.1 quanto a amplas explicações sobre o seu uso.

Moisés era o mediador das mensagens enviadas por Yahweh. Neste caso, ele transmitiu a mensagem divina a Arão e seus filhos, ou seja, ao sacerdócio aarônico. No livro de Levítico achamos *oito* formas de tratamento a pessoas, e aqui encontramos uma dessas formas. Ver a lista em Lev. 17.2.

A imundícia cerimonial, mediante o toque em cadáveres é posta diante de nós, no tocante à palavra de Yahweh aos sacerdotes. O contato com cadáveres era uma daquelas coisas que tornavam *imundos* os sacerdotes. Uma vez imundo, um sacerdote não podia ocupar-se em seu ministério sacerdotal. Assim sendo, excetuando-se no caso de contato necessário com um cadáver, quando se tratasse de um parente muito chegado, ele precisava evitar todos esses contatos, e até as lamentações que os acompanhavam. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Limpo e Imundo.*

Leis complicadas foram elaboradas nos dias do segundo templo. Um sacerdote não podia tocar em um cadáver; não podia lamentar pelos mortos; não podia chegar a menos de dois metros de distância de um cadáver. Qualquer dessas coisas o deixava contaminado. Também não podia entrar em um recinto onde jazesse um cadáver; nem podia atravessar um cemitério. Ver Núm. 19.11-16, passagem da qual eles *deduziram* muitas dessas normas. Os sacerdotes egípcios também estavam proibidos de tocar em cadáveres, e tinham de ficar longe de cemitérios. Os romanos determinavam que um ramo de cipreste fosse preso à porta da casa onde houvesse um cadáver, para impedir que algum de seus sacerdotes, sem sabê-lo, entrasse ali e fosse assim contaminado. Isso eles faziam em imitação às leis judaicas.

21.2,3

Um sacerdote, contudo, não podia negligenciar o caso de um parente próximo que tivesse morrido. Nesse caso, era relaxada a regra de "não tocar" em cadáveres. Por tais parentes, um sacerdote podia contaminar-se. Mais tarde, submeter-se-ia aos ritos de purificação, embora isso não seja mencionado nesta passagem. Os sacerdotes egípcios ficavam desqualificados para seu ofício pelo espaço de sete dias, se entrassem em contato com algum corpo morto.

Contactos Permitidos. A mãe, o pai, um filho, uma filha, um irmão, uma irmã (virgem), pois esta ainda não se juntara a alguma outra família. Não se faz menção à esposa de um sacerdote, se ela viesse a morrer. O trecho de Ezequiel 25.15 ss. parece indicar que um sacerdote não podia lamentar-se por sua esposa falecida. O quarto versículo deste capítulo pode ser interpretado dessa maneira, mas tal interpretação é duvidosa. Sob as leis do segundo templo, era permitido aos sacerdotes lamentar-se por suas esposas, pois a frase "seu parente mais chegado" (vs. 2) era interpretada como se incluísse a esposa, embora ela não seja ali especificamente mencionada. O Targum de Jonathan assim interpretava, e essa interpretação foi incluída na versão caldaica do Antigo Testamento. Se a mãe de um sacerdote deve ser incluída, então eram permissíveis *sete* tipos de contato.

De acordo com as leis do segundo templo, um sacerdote não só tinha permissão de fazer-se presente aos ritos fúnebres por essas sete pessoas, mas também estava na *obrigação* de fazê-lo.

"Os ritos pelos mortos eram tidos como ritualmente contaminadores, devido à sua associação com um cadáver (Lev. 10.6; Êxo. 24.15-18)" (*Oxford Annotated Bible, in loc.*).

21.4

Temos aqui um versículo de difícil interpretação. Os *críticos textuais* supõem que o versículo tenha sido corrompido, de tal modo que não se pode extrair dele nenhum sentido exato. Alguns traduzem aqui a palavra hebraica *ba'al* por "chefe", mas outros preferem "marido". Se a interpretarmos por "marido", então talvez o versículo permita que um sacerdote se fizesse presente aos ritos fúnebres de sua mulher, pelo que ela deve ser adicionada aos seis contatos permissíveis dos versículos segundo e terceiro deste capítulo. Mas esta é uma interpretação incerta. O outro ponto de vista é que um *chefe,* isto é, metaforicamente, marido do povo, sofria restrições especiais por causa de suas funções. Portanto, um chefe não poderia contaminar-se com os mortos, conforme era permitido a outras pessoas, só podendo entrar em contato com as seis (ou sete) pessoas acima definidas, que tivessem morrido, *sem nenhuma outra exceção.* Mas ainda um terceiro grupo de estudiosos opina que este versículo permite que um sacerdote entrasse em contato com o cadáver de sua legítima esposa, ficando tal contato proibido no caso de possíveis concubinas. Essa é a interpretação do Targum de Jonathan e da versão caldaica do Antigo Testamento. Mas um quarto grupo pensa que este versículo é paralelo ao trecho de Eze. 25.15 ss., e assim pensam que um sacerdote não podia fazer-se presente aos ritos fúnebres de *nenhuma* esposa. Deste versículo, pois, não se pode extrair nenhuma interpretação indubitável. E, se porventura, o texto foi corrompido, então estamos desorientados desde o começo.

21.5

Nada de Lamentações à Moda Pagã. Um sacerdote de Israel nem ao menos podia lamentar pela morte de alguém, excetuando os *sete* casos mencionados na exposição dos versículos segundo e terceiro. Mas se viesse a lamentar pelos mortos, não podia seguir os costumes pagãos. Todos os elementos constantes neste versículo, já encontramos em em outros lugares, pelo que referências se apresentam onde as informações podem ser achadas.

Eram proibidas coisas como rapar os cabelos; cortar ou desfigurar os cantos da barba; mutilar-se. Ver Lev. 19.27,28. Naquele trecho, a regra aplicava-se a qualquer hebreu, durante tempos de lamentação pelos mortos.

"Os sacerdotes sentaram-se em seus templos, com suas vestes rasgadas, cabeças e barbas rapadas, sem nenhuma cobertura para a cabeça" (Baruq 6.30). Isso descreve a prática pagã. Cf. Deu. 14.1. Os israelitas ordinários (não-sacerdotes), entretanto, permitiam-se práticas assim (ver Jer. 16.6; Eze. 7.18; Amós 8.10).

21.6

Três motivos impediam que os sacerdotes de Israel não imitassem os costumes pagãos:

1. A santidade deles, cujo modelo era a santidade de Yahweh. Ver Lev. 15.2; 20.7,26 e I Ped. 1.15,16.
2. O propósito de não *profanarem* o nome de Yahweh, por meio de atos nitidamente pagãos, como se fossem sacerdotes de alguma divindade pagã.
3. O propósito de não contaminarem o culto santo, a adoração no tabernáculo.

Eles ofereciam sacrifícios sobre o altar de bronze; cuidavam dos pães da proposição. A palavra *pão,* neste versículo, significa *alimento.* Oferecer um sacrifício era algo concebido como oferecer alimento à divindade em questão. Mas nos dias de Moisés, mui provavelmente essa maneira literal de pensar já tinha cessado. Ver também Lev. 3.11 e 22.25. Em ambos esses lugares há notas adicionais.

Um sacerdote não podia adentrar o tabernáculo a fim de ministrar, se exibisse qualquer sinal de lamentação pelos mortos, pois isso profanaria o lugar. Ele entrava ali a fim de servir a Yahweh e oferecer-Lhe alimento, representado pelo sacrifício. "O pão de seu Deus reverbera fracamente a antiga noção de sacrifício como oferecimento de alimentos a uma divindade (Lev. 2.2,3). Aqui a linguagem é meramente tradicional" (*Oxford Annotated Bible,* comentando sobre Lev. 21.6).

21.7

Não tomarão mulher prostituta. Temos aqui restrições acerca do casamento de sacerdotes. Uma prostituta, mesmo reformada, não servia para ser esposa de um sacerdote. E nem uma mulher promíscua, ainda que nunca se tivesse entregue por questão de dinheiro ou só por prazer. Um sacerdote também não podia casar-se com uma mulher divorciada. O texto não destaca a possibilidade de uma viúva como esposa; mas, visto que um sacerdote tinha de casar-se com uma virgem, uma viúva também ficava excluída, com a possível exceção dada abaixo. Dessa maneira, simbolicamente, o sacerdote confirmava a sua posição de quem estava casado com Yahweh, sem entrar em alianças embaraçosas ou circunstâncias duvidosas. Eze. 44.22 reflete uma lei ainda mais estrita. Um sacerdote, em Israel, podia casar-se *somente* com uma mulher virgem. E ela também tinha de ser uma hebréia, e não uma estrangeira que tivesse vindo a fazer parte de Israel por ter-se convertido ao yahwismo. Todavia, havia uma exceção a essa regra; um sacerdote podia casar-se com a viúva de outro sacerdote. Casar-se com a viúva de um sacerdote, o qual, em vida, se casara com ela quando ainda virgem, equivalia a casar-se com uma virgem. Ver Lev. 21.13 ss. quanto a outros preceitos a esse respeito.

21.8

Os sacerdotes ocupavam um elevado ofício; eles precisavam ser ungidos para ocupar o cargo; e tinham de evitar coisas que eram permissíveis para outras pessoas. Ele precisava ter uma santidade à toda prova, cujo padrão era o próprio Yahweh. Ver as notas no vs. 6 e em Lev. 19.2; 20.7,26 e I Ped. 1.15,16.

Yahweh era tanto o padrão de santificação como Aquele que santificava. Esses conceitos figuram por três vezes neste capítulo, nos versículos 8, 15 e 23. Presumimos que essa santificação fosse tanto *cerimonial* (os sacerdotes eram ordenados para ocuparem seu ofício) quanto *espiritual* (o Espírito do Senhor santificava os sacerdotes). Ver no *Dicionário* o artigo intitulado *Santificação.*

"A orientação era dirigida à comunidade judaica. Deveriam cuidar para que os sacerdotes não contraíssem casamentos ilegais, santificando somente aos que agissem em obediência aos estatutos. Os sacerdotes hebreus, pois, eram postos sob a supervisão do povo" (Ellicott, *in loc.*). Medidas disciplinadoras seriam aplicadas, se necessário, para assegurar a santidade dos sacerdotes.

21.9

A morte na fogueira era o preço que a filha de um sacerdote tinha de pagar, caso se prostituísse. Nos dias do segundo templo, essa severa lei só era aplicada se a mulher em questão estivesse noiva, conforme diz a versão caldaica: ". . .filha comprometida". A filha de um leigo, que estivesse noiva, se viesse a prostituir-se, era executada mediante apedrejamento ou estrangulamento. Ver Deu. 22.23,24. Talvez a execução na fogueira fosse efetuada depois que a mulher tivesse sido estrangulada ou apedrejada, no caso de uma filha de sacerdote. Alguns eruditos pensam estar aqui em foco a *marca a ferro* em brasa, mas essa é uma interpretação menos provável.

As passagens paralelas parecem indicar que "prostituir-se" não era a mesma coisa que cair na vida de prostituição, ou tornar-se uma prostituta cultual, em algum templo pagão. Antes, parece que um único ato de adultério era suficiente para a execução.

A família de um sacerdote não podia envolver-se em infrações públicas. Isso destruiria o ministério do homem. Daí a severidade dessa lei.

21.10

O Sumo Sacerdote era chamado de "sacerdote ungido", visto que cada sumo sacerdote precisava receber a sua própria unção. Os sacerdotes comuns não precisavam ser consagrados. Bastava que fizessem parte da linhagem sacerdotal, pois a consagração original de Arão era suficiente para todos eles. Ver Lev. 4.3 quanto ao "sacerdote ungido". Ver também Lev. 8.12.

O sacerdote ungido tinha vestes especiais que o distinguiam dos sacerdotes comuns. O autor *identificou* o sacerdote em questão, ao mencionar sua unção especial e suas vestes especiais. Ver Lev. 8.7-11 quanto a essas vestes.

O sacerdote ungido não podia participar de lamentações pelos mortos, nem podia tocar ou aproximar-se de *nenhum* cadáver, não imitando os costumes pagãos quanto a isso. Assim, as normas eram mais severas acerca do sumo sacerdote do que acerca dos sacerdotes comuns, estando envolvidos os sacrifícios matinais e vespertinos.

Não desgrenhará os cabelos. Esse era um sinal comum de lamentação pelos mortos. O sumo sacerdote nem isso podia fazer. Ver Lev. 10.6. Arão não pôde lamentar nem por seus dois filhos mortos, Nadabe e Abiú. E seus sucessores também estavam proibidos de fazer isso.

21.11

A Regra Era Absoluta. Um sacerdote comum podia chorar por seis (ou sete) parentes chegados. Ver as notas sobre os vss. 2 e 3. Mas um sumo sacerdote não podia lamentar por ninguém. A sua *família* era o povo de Israel como um todo; a morte de meros indivíduos não podia alterar o ritmo de seu trabalho. Também não podia entrar em uma tenda ou casa onde houvesse um cadáver (Núm. 19.14), a fim de que não contraísse imundícia cerimonial. De acordo com a lei do segundo templo, um cadáver podia indicar qualquer porção, incluindo o sangue. Cf. Lev. 17.10-14. Tempos depois, uma exceção passou a ser permitida. Se um sumo sacerdote achasse um cadáver em um lugar isolado, onde não pudesse chamar ajuda, não somente tinha permissão de sepultá-lo, mas até estava no dever de fazê-lo. Mas então tinha de submeter-se aos ritos de purificação.

21.12

Este versículo não indica que o sumo sacerdote morava no santuário e não podia deixá-lo. Mas significa que, quando ele estava em serviço, não podia afastar-se dali. Ele tinha sido ungido para permanecer e trabalhar, e não para tirar folga. A unção era de Yahweh, pelo que era absoluta. Ninguém podia alterar essa regra.

Eu sou o Senhor. Essa expressão, ou sua forma mais longa: "Eu sou o Senhor vosso Deus", aparece com freqüência no Código de Santidade (capítulos 17-26) como uma de suas características literárias. O Senhor estava assim frisando a solenidade do estatuto que acabara de baixar. Ver as notas sobre isso em Lev. 18.30.

21.13,14

Um sumo sacerdote só podia casar-se com uma virgem *do seu povo* (vs. 14), ou seja, ou uma donzela hebréia ou, mais estritamente, da família sacerdotal. Os eruditos debatem a questão. *Todas as outras mulheres* não serviam como candidatas: nem viúvas, nem mulheres divorciadas, nem prostitutas, nem mulheres profanas, conhecidas por sua moral baixa ou por outros defeitos morais. Um sacerdote comum podia casar-se com a viúva de outro sacerdote, mas isso era vedado no caso dos sumos sacerdotes. Ver Eze. 44.22. Posteriormente, uma donzela ficava noiva de um sumo sacerdote quando ela estava com treze anos de idade. Mas se ele tivesse noivado com uma viúva, *antes* de sua consagração, ele podia ir avante e casar-se com ela, ao tornar-se sumo sacerdote. Estava isento do *Matrimônio Levirato* (ver a esse respeito no *Dicionário*).

21.15

Um casamento efetuado fora dessa regra significaria que ele teria profanado a sua *descendência*, ou seja, o seu filho mais velho. Se ele se tivesse casado com uma mulher não-virgem, aquele primeiro filho poderia ter sido gerado por outro homem. Para um sumo sacerdote, uma prole obtida por meio de uma mulher que não se tivesse casado virgem era tida como *profana.* Os filhos nascidos de tal casamento não podiam herdar o ofício sumo sacerdotal, nem mesmo podiam ser sacerdotes. O filho primogênito de um sumo sacerdote tinha de ter por mãe uma jovem que se casara virgem. O sumo sacerdote que assim não fizesse teria desgraçado o seu ofício mediante um casamento *inferior.*

21.16

Disse mais o Senhor. Essa expressão, tão freqüente no Pentateuco, assinala o começo de alguma nova seção. E também nos faz lembrar da inspiração divina das mensagens que se seguem. Ver Lev. 1.1 e 4.1 quanto a notas expositivas completas a respeito.

21.17

Moisés era o mediador, em todos os casos de comunicações feitas por Yahweh. Há oito fórmulas de discurso, que anotei em Lev. 17.2. Aquela que temos aqui apresenta Moisés como mediador, dizendo a Arão o que ele deveria fazer. Por sua vez, Arão deveria cuidar para que as ordens fossem cumpridas por seus filhos, o sacerdócio aarônico. Ver no *Dicionário* o artigo *Sacerdotes e Levitas.*

Nas suas gerações. Ou seja, aqueles que, no decurso das gerações, viessem a tornar-se sumos sacerdotes ou sacerdotes comuns.

Em quem houver algum defeito. Qualquer tipo de defeito físico. Seguem-se ilustrações nos vss. 18-20. Essa lista é apenas representativa.

Para oferecer o pão do seu Deus. Essa declaração, mui provavelmente, é paralela ao do oferecimento do "pão do seu Deus", no vs. 6 deste capítulo, onde são dadas as notas expositivas. Um sacerdote com defeito físico não podia oficiar no tabernáculo, para oferecer sacrifícios a Yahweh, metaforicamente, o seu *pão.* Nos tempos antigos, as pessoas levavam muito a sério essas questões. As oferendas, incluindo as de manjares, eram consideradas alimento para os deuses. Pela época de Moisés, porém, essa maneira literal de pensar já tinha ficado no passado. A idéia era a de que Yahweh se banqueteava com o Seu povo em refeições comunais.

21.18

Defeito. Essa palavra faz parte da lista representativa dos vss. 18-20. São incluídos defeitos do corpo, *genéticos*, causados por algum *acidente* ou *enfermidade.* Os gregos e os romanos tinham leis similares acerca de seus sacerdotes, e outro tanto se dava no caso dos antigos hindus.

Cego. No Oriente, as infecções oculares causavam muitos casos de cegueira. Nos dias do segundo templo, a lei acerca dos olhos se tinha tornado muito complexa. Um homem não podia ser cego nem mesmo de um só olho. Também não podia haver defeito no olho ou nas pálpebras. As regras incluíam vinte e seis tipos de defeitos nos olhos, todos os quais desqualificavam um homem para ser sacerdote.

Coxo. A lei tornou-se tão complexa que, nos dias do segundo templo, vinte diferentes defeitos eram alistados, envolvendo os membros ou a maneira de andar do candidato.

Rosto mutilado, ou desproporcionado. Por motivo de acidente, ou alguma deformação genética. As regras alistavam *nove* de tais defeitos.

Desproporcionado. Nossa versão portuguesa dá a entender que um rosto podia ser mutilado ou desproporcionado. Mas outras versões falam em rosto mutilado e em membro desproporcionado. A lei sobre membros desproporcionais aplicava-se a braços e pernas, mas também sobre falta de boas proporções em qualquer parte do corpo, como olho, ombro, coxa etc.

21.19

Pé quebrado, ou mão quebrada. Talvez o homem tenha sofrido um acidente, e seu corpo demonstrasse sinais da ocorrência. A medicina antiga não sabia

como cuidar corretamente de fraturas ósseas; e, pior ainda, na antiga nação de Israel era ignorada a medicina convencional. Qualquer tipo de defeito físico, causado por *acidentes,* estava incluído nessa regra.

21.20

Corcovado. Um defeito nas costas, ou por motivos genéticos, ou por acidente ou por alguma enfermidade. Algumas antigas autoridades judaicas pensavam que essa regra se referia às *sobrancelhas.* Por esse motivo, a versão caldaica refere-se àquele defeito genético em que as sobrancelhas ou as pálpebras ficam caídas sobre os olhos. Também poderíamos pensar em sobrancelhas por demais espessas, que interferem na visão.

Anão. Não era permitido que anões servissem no tabernáculo. Devemos lembrar que a teologia dos hebreus, fraca quanto a segundas causas, via que todas as coisas procediam de Yahweh. Portanto, se um homem fosse um anão, isso era considerado um julgamento divino. Um homem julgado por Deus dificilmente poderia tornar-se um sacerdote.

Belida no olho. Está em pauta a catarata, quando há uma fusão entre a parte branca e a parte colorida do olho. Dois defeitos possíveis são alistados por esse regulamento, nos dias do segundo templo, relacionados ao defeito aqui referido.

Ou sarna, ou impigens. Também poderíamos incluir aqui várias afecções da pele, como úlceras.

Testículo quebrado. Isso poderia ser causado por acidente, ou então por qualquer enfermidade ou deformação do aparelho genital masculino, por questão genética, enfermidade ou acidente.

Conspícuos por Ausência. Observe o leitor que nenhum dos fatores desqualificadores é de natureza moral ou espiritual. Antes, todos esses fatores eram *físicos.* Isso deve ser contrastado com a lista paulina de desqualificações dos anciãos das igrejas cristãs. Todos os *defeitos,* nessas listas, são de natureza espiritual e moral. Ver I Tim. 3.1 ss; Tito 2.1 ss. Devemos entender, contudo, que nos dias de Moisés, também dava-se atenção ao lado espiritual e moral dos sacerdotes de Israel. Os intérpretes judeus supõem que os defeitos físicos se referissem, por alegoria, a defeitos morais e espirituais. Portanto, ambas as idéias estavam incluídas.

Maimônides (*More Nevoch,* 45) disse que levitas defeituosos no seu corpo podiam realizar tarefas manuais, mas o aspecto espiritual do culto dos hebreus tinha de ser efetuado pelos sacerdotes de corpo físico perfeito.

Tipologia. Tudo quanto aqui estudamos aponta para Cristo como nosso perfeito Sumo Sacerdote, sem nenhum defeito, em qualquer sentido. Ver Heb. 7.26.

21.21

Aqueles que tivessem defeitos físicos (o que é representado na lista dos vss. 18-20) não podiam envolver-se nos sacrifícios, embora pudessem ocupar-se em tarefas manuais no átrio do tabernáculo. Quanto às diversas formas de *oferendas* ver as notas sobre Lev. 7.31, bem como o gráfico antes de Lev. 1.1, quanto aos sacrifícios e oferendas ilustrados. Aqueles que estavam envolvidos na questão precisavam estar absolutamente isentos de qualquer defeito físico.

O pão do seu Deus. Fica entendido o alimento cerimonialmente oferecido a Yahweh, visto que Ele participava das refeições comunais de Israel. Ver notas expositivas completas sobre essa questão, em Lev. 21.6,8, cujas notas também mencionam outros lugares onde essa questão é posta em destaque.

O autor sacro forneceu *doze* defeitos físicos, mas o fato é que também já vimos como os judeus multiplicaram esses defeitos. Esses doze defeitos eram apenas típicos e sugestivos. A lei indicava que os sacerdotes, em Israel, não podiam ter nenhum tipo de defeito físico, por motivos genéticos, por acidente ou por qualquer enfermidade. Nos dias do segundo templo as regras alistavam o número quase incrível de cento e quarenta e dois defeitos, todos os quais podiam desqualificar um candidato a servir no sacerdócio. Havia uma câmara especial no templo reservado para examinar os candidatos ao sacerdócio. O exame era prolongado e completo. Os examinadores eram sempre representantes do sinédrio. Os que eram desqualificados vestiam trajes negros; e os qualificados vestiam trajes brancos. Em seguida, havia uma solene celebração em favor dos sacerdotes qualificados. Pois em breve eles se juntariam a seus irmãos ministrantes. A bênção era proferida com alegria: "Bendito seja o Senhor, porque nenhum defeito foi achado na descendência de Arão, o sacerdote; bendito seja o Senhor porque escolheu Arão e seus filhos para se levantarem e servirem diante Dele em Seu santíssimo santuário". E então os candidatos desqualificados passavam a ocupar-se em trabalhos manuais como escolher madeira para os sacrifícios, fazer trabalhos de limpeza etc.

Tipologia. O ministério do evangelho requer homens qualificados, homens sem defeitos morais e espirituais, conforme Paulo nos instrui em sua lista de qualificações dos anciãos (ver I Tim. 3.1 ss. e Tito 2.1 ss.).

21.22

Comerá o pão do seu Deus. Os sacerdotes desqualificados, mesmo fora do trabalho religioso do tabernáculo, nem por isso ficavam totalmente eliminados. Eles participavam daquelas porções dos sacrifícios que podiam ser consumidas pelos sacerdotes e suas famílias, pois era desse modo que o sacerdócio era sustentado. Os sacerdotes desqualificados não deixavam de ser sacerdotes, mas o serviço e expressão deles ficavam *limitados.* Ver as notas em Lev. 2.3 quanto às porções dos sacrifícios que podiam ser consumidas pelos sacerdotes. Ver I Cor. 9.13,14 quanto ao fato de que o espírito dessas normas levíticas foi transferido para o cristianismo. Os ministros deveriam viver do ministério.

21.23

Até ao véu não entrará. Ao que parece, o *véu* é a segunda cortina do santuário, que separava o átrio do Lugar Santo. Como é óbvio, fica entendido que ele também não podia passar para além do *terceiro véu,* que separava o Lugar Santo do Santo dos Santos, porquanto somente o sumo sacerdote podia fazer isso, e mesmo assim somente uma vez por ano. Ver sobre as *três* cortinas ou véus do tabernáculo, em Êxo. 27.36. E um sacerdote desqualificado também não podia aproximar-se do altar que ficava no átrio do tabernáculo. O altar de bronze, dos holocaustos, está em pauta aqui. Ver as notas em Êxo. 27.1, quanto ao *Altar de Bronze.* Como é óbvio, os sacerdotes desqualificados não podiam servir no Lugar Santo, onde estava o *altar do incenso* (ver a respeito no *Dicionário*).

Excetuando-se nos círculos protestantes, onde qualquer coisa pode suceder, as denominações tradicionais antes não contavam com ministros com defeitos físicos óbvios, seguindo o conceito do Antigo Testamento. Mas com a passagem do tempo, essas normas têm sido relaxadas.

"Tal como os animais sacrificados não podiam ter defeitos (Lev. 22.17-25), assim também os sacerdotes não podiam ter defeitos físicos. As deformações físicas desnaturais são vistas com desconfiança, pois o corpo humano foi criado por Deus, feito à imagem divina (Gên. 1.26,27)" (*Oxford Annotated Bible,* comentando sobre os vss. 16-23).

21.24

Este versículo repete o que já vimos em Lev. 21.1. Moisés foi o mediador da mensagem. Algumas vezes, Moisés transmitia a mensagem somente a Arão, o qual transmitia então a mensagem aos israelitas. De outras vezes, Moisés transmitia a mensagem a Arão e seus filhos (o sacerdócio); e ainda de outras vezes, anunciava a mensagem à inteira congregação de Israel. Há *oito* formas diferentes de comunicação no Pentateuco, conforme comentei em Lev. 17.2. No caso presente, nos vss. 1 e 24, Moisés comunicou a mensagem de Yahweh a Arão e seus filhos, o sacerdócio. O capítulo 21 encerra uma mensagem especial para essa classe.

"As leis sacerdotais eram administradas e postas em vigor pelos anciãos do sinédrio, os quais eram os representantes do povo" (no tempo do segundo templo), conforme comentou Ellicott, *in loc.*

Cf. Efésios 5.27. Todos os crentes do Novo Testamento são sacerdotes do Senhor, e eles também não podem ter nenhuma mancha ou defeito moral e espiritual de nenhum tipo. Ver no *Dicionário* o artigo intitulado *Santificação.*

Capítulo Vinte e Dois

Leis acerca de Comer e Oferecer Sacrifícios (22.1-33)

Muitos eruditos opinam que os capítulos 17 a 26 do livro de Levítico refletem uma fonte informativa separada do Pentateuco; e a essa fonte chamam de *Código de Santidade.* Ver a introdução ao capítulo 17 de Levítico sobre essa questão. Ver também, no *Dicionário,* o artigo chamado *J.E.D.P.(S.),* quanto à teoria das fontes múltiplas do Pentateuco.

Uma das características literárias do autor do Pentateuco é a repetição. Algumas repetições servem para enfatizar certas questões importantes, mas grande parte dessa repetição não tem razão evidente. Assim é que quase todos os capítulos repetem alguma coisa que já tinha sido coberta. Esse é o caso do capítulo que passamos a comentar. Uma parte dos sacrifícios pertencia aos sacerdotes e era considerada santa. Já vimos isso em vários lugares. Ver Lev. 2.3 e

o gráfico que apresento antes de Lev. 1.1, que ilustra como certas porções das oferendas deviam ser usadas na refeição comunal dos sacerdotes e seus familiares. Esse princípio foi transferido para o Novo Testamento, pois os que pregam o evangelho têm o direito de viver do evangelho. Ver I Cor. 9.13,14. Porém, além das repetições, este capítulo acrescenta consideráveis detalhes acerca das oferendas sagradas.

22.1

Disse o Senhor. Essa fórmula era usada pelo autor do Pentateuco a fim de introduzir novos materiais. Mas ela também serve para lembrar-nos a inspiração divina das Escrituras. Ver as notas expositivas completas sobre isso, em Lev. 1.1 e 4.1.

22.2

O Pentateuco usa *oito fórmulas* de introdução, onde Moisés é retratado como o mediador das mensagens de Yahweh. Algumas vezes, Moisés transmitia suas mensagens somente a Arão e seus filhos (o sacerdócio aarônico), como se vê neste versículo; de outras vezes, a toda a congregação de Israel. Ver as notas sobre isso em Lev. 17.2.

Cousas sagradas. Uma expressão geral que aponta para todos os deveres dos sacerdotes: os dízimos, as primícias e os sacrifícios (cf. Núm. 18.8-19). "As oferendas de cereais, pelo pecado e pela culpa só podiam ser comidas pelos homens da ordem sacerdotal (ver Lev. 6.16,26; 7.6). Outras oferendas sagradas podiam ser compartilhadas pelos familiares dos sacerdotes. O que realmente importava era que os sacerdotes não podiam profanar o nome santo do Senhor, mediante abuso daquilo que o povo Lhe oferecesse" (F. Duane Lindsey, *in loc.*).

Que se abstenham. Ou seja, os sacerdotes não podiam comer das porções pertencentes ao Senhor, oferecidas pelo povo, incluindo a gordura e o sangue, para serem oferecidos sobre o altar dos holocaustos. Ver as notas sobre Lev. 3.17 quanto às normas acerca do sangue e da gordura. Ver gráfico antes de Lev. 1.1, quanto às *refeições comunais* que faziam parte do sistema sacrificial. Ver Lev. 7.20,21.

22.3

Tendo sobre si a sua imundícia. Embora um homem fosse um sacerdote qualificado (ver Lev. 21.17-21), pois não tinha no corpo nenhum defeito físico, se viesse a contrair qualquer forma de imundícia cerimonial não poderia aproximar-se do altar, nem envolver-se em nenhum serviço sagrado. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Limpo e Imundo*. Além disso, tal pessoa não tinha o direito de aproximar-se do altar para retirar aquela porção que pertencia aos sacerdotes; nem podia participar das refeições comunais. Os vss. 4 ss. nos dão uma lista parcial daquelas muitas coisas que podiam tornar imundo a um sacerdote. E ali encontramos repetições de regras que já haviam sido mencionadas no livro de Levítico. Os vss. 4, 6 e 12 mencionam especificamente a abordagem ao altar que deveria ser feita para que se retirassem do altar porções que podiam ser comidas.

As minuciosas e quase intermináveis regras acerca de animais limpos e imundos mantinham os sacerdotes sempre alertas. A eles cabia guardar um mandamento. Não podiam brincar com a sua fé religiosa. Precisavam *tomar conhecimento* de muitas coisas; precisam *estudar* muitos pormenores. Ver no *Dicionário* o artigo intitulado *Antiintelectualismo*.

22.4

Neste versículo são mencionadas certas coisas (cada uma delas complexa em si mesma) específicas, todas as quais já haviam sido abordadas minuciosamente pelo autor sagrado, em capítulos anteriores, a saber:

1. *Sara'at.* Os estudiosos traduziam regularmente esse termo como *lepra,* nas versões mais antigas. Mas o termo indica vários tipos de afecção cutânea, além de fungos e mídios que afetavam tecidos e até mesmo casas. É possível que tal norma envolvesse casos legítimos de lepra. Ver Lev. 13 e 14 quanto a intermináveis preceitos acerca da *sara'at.* Ver a introdução ao capítulo 13 quanto a informações sobre os tipos de enfermidade envolvidos nesse vocábulo de sentido muito geral, *sara'at.* A versão da Septuaginta foi a primeira a traduzir esse termo hebraico para o vocábulo grego que significa "lepra". E foi com base nessa tradução errônea que a tradução passou para todos os idiomas modernos, até que surgiram as versões mais recentes, que a abandonaram.
2. *Emissões de líquidos corporais.* Estão aqui em foco os fluidos sexuais, naturais ou patológicos, como também o fluxo das doenças venéreas, como a gonorréia. O capítulo 15 trata dessas emissões, tanto no homem como na mulher. Ver Lev. 15.2-18 quanto aos problemas do homem. Do vs. 19 em diante é enfocado o problema das mulheres.
3. *Toque em coisas imundas.* Ver Núm. 19.11-14. O capítulo 11 de Levítico fornece-nos uma lista incrivelmente longa de animais imundos. O vs. 39 daquele capítulo menciona o toque em um cadáver, o que era anátema para os sacerdotes de Israel. O artigo no *Dicionário,* intitulado *Limpo e Imundo,* fornece uma pesquisa sobre o problema.
4. *Fluido seminal.* Geralmente emitido durante relações sexuais normais, era uma das emissões que deixavam imundos os homens. Ver Lev. 15.16. Qualquer experiência sexual requeria que posteriormente se tomasse um banho completo, de imersão, tanto da parte do homem quanto da parte da mulher.

22.5

Seja qual for a sua imundícia. Quase todos os insetos (excetuando-se somente o gafanhoto) eram considerados imundos. Ver as notas expositivas sobre isso em Lev. 11.24-44.

Algum homem. Tocar em um homem imundo, sem importar a razão pela qual ele se havia contaminado, transferia a sua imundícia para quem tocasse nele. Talvez o homem estivesse imundo com a *sara'at* (ver Lev. 13.45) ou com alguma emissão corporal (ver Lev. 15.5). Mas também devemos entender qualquer coisa que fosse capaz de tornar um homem imundo: animais imundos, insetos, tocar em um cadáver etc. Bastava tocar em um objeto que tivesse sido tocado por uma pessoa imunda para que a pessoa ficasse imunda. Ademais, tocar em coisas santas era considerado um ato que transmitia santidade. Ver Lev. 5.23; 6.18,27; 15.22,27.

22.6,7

Até à tarde. Ver as notas sobre esse preceito em Lev. 15.5. Enquanto estivesse imundo, e até o fim da tarde, e enquanto não tomasse o seu banho purificador, um homem não poderia receber sua parte dos sacrifícios das refeições comunais. Ver o vs. 3. Quando terminava aquele dia e começava o próximo (de acordo com os costumes dos hebreus, o dia começava às 18 horas), então o homem, tendo efetuado todos os ritos de purificação, era restaurado aos seus privilégios sacerdotais, podendo então participar da refeição comunal. O homem, pois, poderia ficar com muita fome, porquanto aquele era o seu suprimento alimentar.

22.8

Essa lei tem paralelo em Lev. 17.15, onde aparecem notas expositivas completas. Tal ato era proibido aos israelitas comuns, quanto mais no caso de um sacerdote. Um sacerdote ofensor poderia ser executado, porquanto teria profanado a lei e o santuário. Ver o vs. 9.

22.9

Um sacerdote aarônico precisava conhecer bem o seu ofício. Certas infrações poderiam significar a pena de morte, ou por juízo divino, mediante um acidente ou uma enfermidade, ou por execução judicial. A razão teológica por trás dessa severidade era a permanente santidade de Yahweh, cujas ordens precisavam ser obedecidas. No tempo do segundo templo, este nono versículo era interpretado como um julgamento "pela mão celestial". A versão caldaica diz aqui: "Para que não sejam mortos por alguma chama chamejante", como sucedeu no caso de Nadabe e Abiú (ver Lev. 10.1 ss.).

22.10

Os vss. 10-16 formam uma breve seção dentro deste vigésimo segundo capítulo, que aborda a questão de comer de *coisas santas,* quem podia e quem não podia comê-las. Devemos lembrar-nos de que a porção dos sacerdotes perfazia a maior parte de seu suprimento alimentar. Esse suprimento tanto era limitado quanto santo, e não eram todas as pessoas que podiam dele comer.

Nenhum estrangeiro. Poderia estar em pauta alguém que estivesse apenas de passagem em Israel, um estrangeiro residente etc. Mas o mais provável é que esteja em vista qualquer *leigo,* ou seja, hebreus que não pertencessem à casta sacerdotal. Tais pessoas não podiam participar daquelas porções dos sacrifícios que serviam de suprimento alimentar para os sacerdotes.

O hóspede do sacerdote. Está em foco alguém que estivesse visitando o homem, mas não era membro de sua família. Nos dias do segundo templo, isso era interpretado como um escravo temporário *hebreu,* cuja orelha tinha sido perfurada, mas que poderia ser liberado no ano de Jubileu. Ver as notas sobre Êxo. 21.6.

Seu jornaleiro. Algum hebreu contratado para trabalhar por um tempo especificado. Ver as notas sobre Êxo. 21.2. Tal pessoa não era propriedade do sacerdote, nem da família deste. Tais pessoas não estavam qualificadas para comer das *colsas santas* (a porção que cabia aos sacerdotes), isto é, dos sacrifícios.

22.11

Comprar algum escravo com o seu dinheiro. Tal escravo passara a fazer parte da casa do sacerdote, e, sendo um não-hebreu que não estivesse sujeito à libertação, que se tinha convertido ao yahwismo e fora circuncidado, *tal homem* era um candidato a participar da refeição comunal. Nos dias do segundo templo, essa lei foi expandida para incluir um escravo que a esposa de um sacerdote tivesse adquirido.

Um *escravo,* nascido na casa de um sacerdote, quer fosse hebreu (um escravo que nascera como hebreu) quer não-hebreu (um escravo cujos pais fossem escravos), podia participar da refeição comunal. Pois tal escravo fazia parte da família, embora tivesse menos privilégios que um filho, mas pelo menos tinha esse privilégio.

22.12,13

Quando a filha do sacerdote. Mesmo que se tivesse casado com um estrangeiro, ainda assim ela poderia recuperar os direitos que tinha quando estava na casa de seu pai, ou seja, poderia participar das *coisas santas,* da refeição comunal. Mas, enquanto fizesse parte de uma família leiga, ela não podia participar dessa refeição. Os elementos humanitários constantes no texto mostram que não estavam em pauta meros tabus irracionais.

A palavra *estrangeiro,* usada em algumas traduções, deveria ser trocada pela palavra *leigo.* A idéia não é que a jovem tenha fugido com algum homem não-hebreu e, estando em companhia dele, não pudesse participar das coisas santas. Antes, ela meramente casou-se com um leigo (um hebreu, mas não da classe sacerdotal), e agora retornava à casa do pai dela. Não tendo filhos, que complicariam a situação, ela meramente retornava à casa paterna, como membro da casa de seu pai, o qual era sacerdote. Uma pobre mulher, viúva ou divorciada, que tivesse filhos, dificilmente encontraria uma maneira de sustentá-los. E a presença de filhos significava que esses filhos (e até a mãe) ainda pertenciam a uma família diferente, apesar da morte do pai, ou do divórcio. Naturalmente, havia um aspecto prático. A lei da refeição comunal não podia ser interminavelmente ampliada, incluindo um número cada vez maior de pessoas. Não há que duvidar de que o pai da mulher haveria de ajudá-la de outras maneiras, talvez até encontrando para ela outro marido apropriado. Por *refeição comunal* devemos entender sustento material, provavelmente não limitado apenas a comer carne e cereais.

22.14

Ajuntar-se-lhe-á a sua quinta parte. Os sacerdotes tinham a responsabilidade de gerenciar o consumo das ofertas sagradas. Eles deviam detectar as infrações.

Se alguém. Ou seja, um leigo que comesse das coisas sagradas inadvertidamente, aquelas porções das oferendas que pertenciam aos sacerdotes, então esse alguém estava obrigado a fazer restituição, adicionando a quinta parte da porção de que ele se apossara. Era uma espécie de multa e também podia ser cobrada sob a forma de um carneiro oferecido em sacrifício. Dessa forma, haveria uma oferta pela culpa, mas também seria devolvido certo suprimento alimentar aos sacerdotes. Ver as notas em Lev. 5.14-6.7 quanto à *oferta pela culpa.* Assim sendo, a coisa santa era devolvida, e uma *quinta parte* era acrescentada. Depois disso, o homem teria o cuidado de não ultrapassar de seus direitos.

Ver Lev. 5.16 quanto a como as multas eram calculadas, e também acerca do *carneiro para as ofertas pela culpa. Um erro* por inadvertência podia incluir o ato de consumir, por ignorância, animais, cereais, primícias etc. reservados para os sacrifícios ou por não se contribuir com o que era requerido.

22.15

Não profanarão as cousas sagradas. Poderiam estar em foco os sacerdotes como uma classe, pessoas leigas, ou ambos. Uma profanação causada por um sacerdote incluiria os casos em que ele fosse fazer seu serviço em estado de imundícia cerimonial, conforme foi discutido em Lev. 21.1, ou que realizasse os seus deveres de uma maneira ilegal. Ver também Lev. 22.3 ss. A pessoa comum profanaria o tabernáculo das maneiras referidas no vs. 14. Os sacerdotes tinham a responsabilidade de supervisionar a questão toda, resguardando-se de qualquer forma de profanação.

22.16

Este versículo volta ao assunto do vs. 14. Os sacerdotes eram responsáveis por tudo quanto acontecesse no tabernáculo, e também por ensinarem o povo acerca de suas responsabilidades. Dessarte, o povo aprendia a não comer das coisas sagradas; e também aprendia a não deixar de contribuir com os dízimos, as primícias e as oferendas, pois teria sido cuidadosamente instruído pelos sacerdotes. Desse modo, seria evitada aquela *culpa* advinda por um povo descuidado e mal instruído.

Yahweh atuava como um *santificador,* e essa santificação funcionava através da instrução. As leis de Yahweh santificavam, mas somente o homem bem versado nelas escaparia às poluções. A santidade cerimonial era garantida por meio da instrução e da supervisão apropriada por parte dos sacerdotes.

22.17

Disse mais o Senhor. Essa é uma expressão usada com freqüência no Pentateuco, a fim de introduzir alguma nova seção. Mas é mais do que um artifício literário, pois nos faz lembrar de que as Escrituras são divinamente inspiradas. Ver Lev. 1.1 e 4.1 quanto a notas completas a respeito.

22.18

Fórmulas de Comunicação. Oito diferentes expressões são usadas no Pentateuco para indicar alguma mensagem da parte de Yahweh. Moisés era sempre o mediador. Algumas vezes ele transmitia os recados a Arão; de outras vezes, a Arão e seus filhos; e, ainda de outras vezes, Moisés dirigia-se diretamente ao povo. Ver as *oito* fórmulas comentadas em Lev. 17.2.

Temos aqui a inclusão de *todos os elementos.* O povo de Israel, em sua inteireza, estava diretamente envolvido, pois todos tinham de utilizar o sistema de sacrifícios, ou como aqueles que vinham oferecer sacrifícios (o povo comum) ou como aqueles que os ofereciam (os sacerdotes).

Este versículo menciona, especificamente, os sacrifícios feitos como voto, como ofertas voluntárias e como holocaustos ou ofertas queimadas. Mas são aqui omitidas as ofertas pelo pecado e pela culpa, embora essas duas ofertas também estivessem sujeitas às mesmas regras. Visto que nenhum sacerdote em estado de imundícia cerimonial podia oficiar, assim também nenhum sacrifício imundo era aceitável. Os animais sacrificados tinham de ser perfeitos. Ver as notas sobre os *cinco* tipos aceitáveis de animais a serem sacrificados, em Lev. 1.14-16. Os animais sacrificados eram, por assim dizer, os sacerdotes do mundo animal; pois os sacerdotes levíticos eram *representados por eles,* da mesma maneira que os gentios eram simbolizados pelos animais *imundos,* ao passo que os hebreus eram representados, de modo geral, pelos animais *limpos.*

Só havia *uma exceção* a essa lei do limpo e do imundo, ou seja, as ofertas voluntárias. Pois um animal sacrificado como oferta voluntária não precisava ser sem defeito. Ver as notas sobre o vs. 23.

Em cumprimento de seus votos, ou como ofertas voluntárias. Ver as notas em Lev. 7.12,16 quanto a isso. Ver Lev. 7.37 quanto aos vários tipos de oferendas. Ver o vs. 23 deste capítulo. As notas de introdução a Lev. 7.11 oferecem uma discussão sobre os três tipos de ofertas, a qual mostra onde esses tipos são mencionados.

Ninguém era obrigado a oferecer uma oferta voluntária. Eram usados animais machos, embora, quanto a outras oferendas, como as ofertas pacíficas (de comunhão) e as ofertas pelo pecado, também se pudesse usar animais do sexo feminino (ver Lev. 3.1 e 4.32). As ofertas pacíficas podiam ser oferecidas em sinal de agradecimento, de votos feitos ou como simples atos de piedade religiosa, como também por pecados desconhecidos. Ver as distinções nas notas sobre Lev. 7.15,16 e Êxo. 3.1-17. Cada oferta de voto era uma oferenda voluntária, embora nem toda oferta voluntária representasse um voto. Mas *ambos* os tipos eram oferendas pacíficas ou de comunhão. As ofertas de votos incluíam algum voto com algum propósito específico. Uma oferta voluntária poderia ser, tão-somente, um ato de piedade ou de ação de graças.

Holocausto. Ver Lev. 6.9-13. Ver também Lev. 1.3-17 quanto a notas adicionais.

22.19

Os Três Grandes Animais Sacrificados. Esses animais eram o touro, o carneiro e o bode. Esses eram usados nos holocaustos e em outros sacrifícios. No caso dos holocaustos, somente animais machos podiam ser usados.

Macho sem defeito. O animal não podia ter nenhum defeito, da mesma forma que um sacerdote defeituoso não podia oferecer sacrifícios. Os sacerdotes aarônicos não podiam ter defeitos físicos (ver Lev. 21.18 ss.), nem os animais oferecidos em sacrifício (ver as notas a respeito em Lev. 1.3 e 4.3).

22.20

Todo o que tiver defeito. Essa questão de defeitos físicos afetava tanto os sacrifícios, como neste versículo, quanto os sacerdotes. Estes também precisavam não ter defeito físico. Ver Lev. 21.17 ss. Em Lev. 4.3 ver as notas atinentes à lei que os animais oferecidos em holocausto não podiam ter defeito. Essas notas provêm uma lista de referências sobre onde tal regra é reiterada. Não são mencionadas aves em conexão com esse preceito, embora elas também figurassem entre os *cinco* tipos de animais usados nos sacrifícios (Lev. 1.14-16). Na época do segundo templo, uma ave podia ser oferecida em sacrifício, exceto se houvesse algo de radicalmente defeituoso, como a falta de uma asa, por exemplo.

A lei da ausência de defeitos também aparecia na cultura egípcia (ver Heródoto, *Euterpe,* 12, cap. 38), na cultura grega (Homero, *Ilíada* 1, vs. 66) e na cultura romana (Servius em Virgílio, *Aeneida* 1.4), sem falar em várias outras. Cf. Mal. 1.8.

Tipologia. Cristo, nosso sacrifício, não tinha defeito, nem pecado, nem macula, razão pela qual Seu sacrifício foi aceito por Deus. Ver I Ped. 1.19; Heb. 9.14. O crente, como um sacrifício vivo, também não pode apresentar nenhum defeito (ver Rom. 12.1,2). Ver também Êxo. 12.5; 29.1; Lev. 1.3,10; 3.1.

22.21

Todas as oferendas de votos eram voluntárias, pelo que eram variantes de ofertas voluntárias. E ambas eram ofertas pacíficas (ou de comunhão). Ver as notas sobre o vs. 19, acima. Os seres humanos gostam de fazer promessas e votos, e pensam que se prometerem algo a um poder espiritual, que aquilo que pedem tem a tendência de ser concedido mais prontamente. Minha mãe costumava dizer: "Algumas vezes, podemos barganhar com Deus, mas de outras vezes, não". E assim as pessoas continuam barganhando, para ver se, "dessa vez", aquilo que esperam receber lhes será concedido.

Em cumprimento de voto. Ver as notas expositivas sobre as *ofertas pacíficas* em Lev. 7.11-33, com notas adicionais em Lev. 3.1-17. Ver Gên. 28.20-22 e Jon. 1.16, quanto a votos feitos aos poderes divinos, na esperança do recebimento da graça divina. Uma oferenda oferecida como voto era uma oferta voluntária, ou seja, não obrigatória, e, sim, algo extra, visando ao benefício do ofertante. E também poderia ser simples expressão de gratidão por uma vida boa, algo recebido da parte da graça divina etc., e podia incluir ou não alguma forma de voto ou promessa.

22.22

Este versículo repete os tipos de defeitos que um animal não poderia ter, se tivesse de ser usado como sacrifício. As coisas especificadas são as mesmas que aquelas que o próprio sacerdote não podia ter, se tivesse de servir diante do altar. Ver as notas em Lev. 21.18-20, exceto pelo fato de que ali a lista apresentada é mais longa. Ver Êxo. 22.9. O animal não podia ter nenhum osso quebrado. Também não podia ter nenhum tipo de *mutilação,* como injúrias, defeitos genéticos e sinais de nascimento. A palavra hebraica correspondente indica defeitos oculares; e isso faz paralelo com Lev. 21.20, no tocante aos sacerdotes levíticos. Porém, há estudiosos que vêem nessa palavra uma referência mais ampla de defeitos. A Septuaginta diz aqui "corte na língua", mas essa é uma tentativa de acertar o que o original hebraico diz. Porfírio (*De Abstinentia,* 1, 2, sec. 23) falou sobre qualquer tipo de mutilação. O que não é possível é qualquer tipo de *úlcera* ou *tumor,* lugares infectados na pele e tumores de qualquer gravidade. Alguns estudiosos pensam que aqui estão em foco infecções oculares, embora admitam que a pele pode estar envolvida. O Targum de Jonathan refere-se aos olhos, e isso forma um paralelo com Lev. 21.20. As enfermidades cutâneas são ali definidamente mencionadas, mediante os vocábulos "sarna" e "impigem", usados em nossa versão portuguesa. Os mesmos termos são usados para indicar sacerdotes com defeitos físicos, em Lev. 21.20, onde a questão é comentada com maiores detalhes.

Todos esses animais defeituosos, de acordo com a lista de defeitos possíveis, que é apenas representativa, não podiam ser utilizados nos sacrifícios, pois seriam sacrifícios profanos, insultuosos e inaceitáveis.

22.23

Prossegue a lista de defeitos possíveis nos animais. Os mesmos defeitos aqui mencionados nos animais também figuram na listagem dos defeitos possíveis nos sacerdotes. Logo, este versículo é paralelo a Lev. 21.18, onde aparecem as notas expositivas a respeito. Um animal não podia ter nenhuma desproporção, nem lhe faltar qualquer parte, nem como defeito genético nem em resultado de algum acidente.

A Exceção. Animais defeituosos só podiam ser oferecidos como simples oferendas voluntárias, como as ofertas de ação de graças, um ato de piedade religiosa. Mas se um voto ou promessa fosse adicionado a essa oferenda, então um animal defeituoso já não era elegível.

Uma Contradição? Os vss. 18-20 já tinham proibido enfaticamente o uso de animais defeituosos nas ofertas voluntárias se estas envolvessem algum voto. Mas agora surge uma evidente exceção. A fim de contornar esse problema, nos dias do segundo templo, essa *exceção* era interpretada como aqueles tipos de oferta trazidas para a manutenção do templo. Esses animais eram vendidos, e o produto da venda era doado para ajudar o ministério do templo. Todavia, nenhum animal dotado de defeito físico podia ser aproximado do altar. Alguns eruditos têm solucionado o problema ao suporem que o autor original, ou algum copista antigo, simplesmente tenha deixado de lado a negativa, por motivo de descuido. E isso significaria que nenhuma exceção é aberta no vs. 23. Tal disputa, entretanto, não tem solução definitiva.

22.24

Não oferecereis ao Senhor animal. . . Animais que tivessem sofrido algum acidente e tivessem sido desfigurados, também eram inaceitáveis como sacrifícios. Esses acidentes incluíam qualquer violência como esmagamento, quebra, machucadura ou golpe. Todos esses acidentes desqualificavam um animal para servir como sacrifício. A regra era universal. Não podia ocorrer na Terra Santa, nem mesmo no deserto, antes de o povo de Israel ter entrado na Terra Prometida. O Targum de Jonathan frisa os testículos como o órgão machucado (conforme também se vê em nossa versão portuguesa), mas muitos estudiosos crêem que devemos pensar em qualquer outro órgão, igualmente.

Por outra parte, todos os quatro termos eram usados, na antiguidade, para indicar um animal castrado. A lei mosaica proibia a *emasculação,* e é bem possível que este versículo seja uma forma elaborada de afirmar isso, em consonância com o Targum de Jonathan. John Gill (*in loc.*) informa-nos que a *maior parte* das autoridades judaicas entendia a questão dessa maneira. "Isso quer dizer que animais castrados, embora pudessem ser empregados nas fazendas, não podiam ser oferecidos como sacrifícios" (Nathaniel Micklem, *in loc.*).

22.25

Animais para sacrifício não podiam ser comprados da parte de estrangeiros. Quem sabe que tipos de corrupção um pagão poderia infligir a um animal? Os hebreus não podiam arriscar-se. Ademais, o simples fato que tal animal fora criado em um acampamento pagão bastava para desqualificá-lo para ser oferecido sobre o altar de Yahweh. Assim, animais "importados" eram um tabu. Tais animais estavam moralmente mutilados, ainda que, fisicamente, fossem perfeitos.

O *estrangeiro* em questão podia ser alguém convertido ao *yahwismo,* que estivesse trazendo um animal para ser sacrificado. Apesar disso, os sacerdotes de Israel não podiam tomar tal risco. O altar de Yahweh só podia acolher animal pertencente aos hebreus, depois de devidamente inspecionado.

Pão do vosso Deus. Ou seja, *alimento* simbolicamente a Yahweh, como sacrifício, para ser usado na refeição comunal. Ver as notas sobre Lev. 21.6 e 8 quanto a esse conceito. Ver também os vss. 17 e 21, onde essa expressão é repetida. As ofertas pacíficas permitiam que certas porções de um animal sacrificado fossem usadas nas refeições comunais. O sangue e a gordura eram oferecidos a Yahweh. Ver as leis sobre o sangue e a gordura, nas notas em Lev. 3.17. Outras porções desse animal iam para os sacerdotes e seus familiares, como suprimento alimentar diário. Era nas refeições comunais que as porções *santas* eram consumidas.

22.26

Disse mais o Senhor. Essa expressão é usada por muitas vezes no Pentateuco, a fim de introduzir novas seções. Mas também nos faz lembrar da inspiração divina das Escrituras. Ver notas completas sobre essa noção, em Lev. 1.1 e 4.1.

22.27

Sete dias estará com a mãe. Os três principais animais, oferecidos em sacrifício, não podiam ser separados de sua mãe durante sete dias. Esses animais eram o touro, o carneiro e o bode. Sete é o número divino simbólico da perfeição. Ver no *Dicionário* o artigo intitulado *Número (Numeral, Numerologia),* onde ofereço notas sobre os principais números usados simbolicamente na Bíblia, incluindo o número *sete.*

Um desses animais, no *oitavo* dia de nascido, quando sua vida nem bem começara, já tinha valor, podendo ser usado como sacrifício. Ver Plínio (*Hist. Natural,* 1, 8, cap. 51), que afirmou que um animal com essa idade já podia ser usado como sacrifício. Cf. Êxo. 22.30.

Explicações. O *sábado* (sétimo dia de vida do animal) tinha passado, pelo que o animal podia ser sacrificado. Deus terminou Sua criação material em sete dias; e assim, aquele animal fazia parte dessa criação terminada, e podia ser

usado sobre o altar de Yahweh. Ao oitavo dia, por assim dizer, efetuava-se a circuncisão do jovem animal, pelo que já podia ser oferecido sobre o altar. Ver Êxo. 22.29. Ademais, o animal, ao nascer, ainda estava fraco, e precisava de algum tempo para adquirir vigor. E então, de súbito, o animalzinho estava morto, tendo sido cortada a sua veia jugular! Graças a Deus pela *mudança* trazida por Cristo, que pôs fim a essas brutalidades!

22.28

Uma Lei sobre a Imolação de Animais. Um bezerro, um cordeiro ou um cabrito podiam ser mortos em sacrifício a partir do seu oitavo dia de vida. Talvez sua mãe também fosse usada como sacrifício. Nesse caso, havia uma estipulação que proibia que um animal e sua mãe fossem abatidos em um *mesmo* dia. A versão caldaica salienta o aspecto "humanitário" dessa lei: "Meu povo, filhos de Israel, assim como nosso Pai é misericordioso no céu, assim também sereis misericordiosos na terra". Na verdade, há um relacionamento sagrado entre mãe e filho, e isso, por analogia, estende-se aos animais. Esse relacionamento sagrado era violado quando se abatia um animal e sua mãe no mesmo dia! Mas o simples ato de matar não seria também uma profanação? Suspiramos de alívio diante das mudanças trazidas por Cristo. Ver na *Enciclopédia de Bíblia, Teologia e Filosofia* o artigo intitulado *Animais, Direitos e Moralidade dos.* Autoridades judaicas dizem-nos que a lei também se aplicava ao pai dos animais, e não somente à mãe. Mas há outros estudiosos que limitam essa medida à mãe dos animais.

22.29

Este versículo nos faz voltar ao tema do vs. 18, onde também oferecemos as notas expositivas. Algumas vezes, as ofertas voluntárias eram oferecidas em ação de graças. Eram oferendas voluntárias, visto que não eram requeridas de modo absoluto. Essas oferendas eram usadas nas refeições comunais (ver o vs. 30; ver também Lev. 7.15 quanto a outras notas). Uma oferta de voto era uma espécie de oferta voluntária; e ambas eram ofertas pacíficas ou de comunhão. Ver o gráfico existente antes de Lev. 1.1, que ilustra os vários tipos de ofertas e as suas principais características.

22.30

A Refeição Comunal Não Era um Banquete de Glutões. Não podia ampliar-se acima de um dia, conforme faziam os pagãos em suas orgias, onde a glutonaria era um dos principais fatores. Ver Lev. 7.15 quanto a essa mesma regra. Essa refeição comunal era uma oferenda de *primeira classe.* Outras refeições coletivas, contudo, podiam prolongar-se por mais de um dia. Ver Lev. 7.18. Ver as *três* classes de oferendas, nos comentários da introdução a Lev. 7.11.

Eu sou o Senhor. Essa é uma forma variante e mais breve da expressão "Eu sou o Senhor vosso Deus". Essa declaração era usada pelo autor sagrado para enfatizar ou solenizar algum ensino ou lei que aparecia amiúde no chamado *Código de Santidade* (ver a introdução a Lev. 17). Essa seria uma das características literárias desse código. Ver as notas expositivas sobre essa expressão em Lev. 18.30.

22.31

Alguma incumbência solene de guardar os mandamentos de Deus aparece vez por outra no livro de Levítico. As leis eram muitas e complexas. Um israelita deveria estudá-las, até dominá-las bem. Em seguida, cumpria-lhe *obedecer.* Não bastava conhecer as leis. Era preciso observá-las.

Enquanto cumprirmos sua boa vontade,
Ele continuará conosco;
E com todos que confiam
e obedecem.

(J. H. Sammis)

Eu sou o Senhor. Ver as notas sobre o versículo anterior.

22.32

Não profanareis o meu santo nome. Os israelitas evitavam essa profanação obedecendo às leis do Senhor. Realizar os sacrifícios de maneira errada, ou por motivos dúbios, era uma profanação. Em contraste com isso, Yahweh era um Deus santificador; Ele tinha separado Israel como um povo, e agora requeria santidade da parte deles (ver Lev. 19.1; ver também Lev. 11.44,45 quanto a comentários sobre essa fórmula). O pacto firmado entre Yahweh e o povo de Israel exigia santificação e separação. Ver sobre o *Pacto Abraâmico* em Gên. 15.18, e sobre o *Pacto Mosaico* na introdução a Êxo. 19.1. No *Dicionário* ver o artigo chamado *Santificação.* E em Lev. 21 ver os comentários sobre a profanação do nome de Yahweh. Estavam envolvidas práticas pagãs. A legislação mosaica sugeria uma vereda diferente daquela seguida pelos gentios.

22.33

... vos tirei da terra do Egito. O ato remidor, mediante o qual Yahweh livrou Seu povo do lugar e do estado de servidão, é usado aqui como motivo para a santidade e a obediência. Ver também Lev. 18.24-30; 19.36,37 e 20.22-26. Primeiramente, o povo de Israel foi libertado; em seguida, foi encaminhado à Terra Prometida. E as populações que ali residiam foram expulsas, porque a taça da iniqüidade delas agora estava cheia (ver Gên. 15.16). Finalmente, o povo de Israel entrou e se apossou da Terra Prometida. Esse ato de redenção, pois, deveria ter inspirado Israel a viver da maneira revelada por Deus. Ver Lev. 11.45 e Deu. 4.20 quanto a uma declaração similar àquela deste versículo.

O Sacrifício Sem Jaça

Deus, que me criou Ágil e
veloz de corpo;
Livre de três maneiras: Para correr,
montar e nadar;
Não quando me sinto sonolento,
Mas agora,
de coração alegre, Quero
lembrar-me Dele:
— Estou grato como um garoto.

(Henry Charles Beeching)

Capítulo Vinte e Três

Direções acerca das Festas Religiosas (23.1-44)

As Festas Solenes do Senhor (23.1-25)

Muitos eruditos pensam que Lev. 17-26 é trecho proveniente de uma fonte informativa distinta do Pentateuco, à qual chamam de *Código de Santidade.* Ver as notas na introdução ao capítulo 17. Ver também o artigo *J.E.D.P.(S.)* quanto à teoria das fontes informativas múltiplas do Pentateuco.

A legislação mosaica incluía tanto festividades individuais e nacionais quanto festividades que eram ocasiões de regozijo, sacrifício, solenidade e adoração. Muito daquilo que temos visto em Levítico (1-7) fala de ocasiões individuais, como ritos e sacrifícios oferecidos por indivíduos. Este capítulo 23, porém, alude às festas nacionais de Israel. E outras passagens detalham quanto à páscoa (ver Êxo. 12 e 13) e ao dia da expiação (ver Lev. 16). Este capítulo 23 de Levítico é o relato unificado mais completo das festividades, do ponto de vista de seu correlacionamento com o calendário religioso. O capítulo 28 de Números fornece-nos alguns detalhes que não aparecem aqui.

"Uma vez que Israel entrou na terra de Canaã, as três grandes festas do ano (a festa dos pães asmos, que acompanhava a páscoa e a festa da colheita ou dos tabernáculos, segundo se vê em Êxo. 23.14-17; 34.18-25 e Deu. 16.1-16) passaram a ser ocasiões de *peregrinação* ao santuário central, por parte de *todos* os varões israelitas. Assim, a palavra hebraica básica para festa, *hag* (por exemplo, Lev. 23.6,34,38; Deu. 16.16; II Crô. 8.13), inclui a idéia de peregrinação, podendo ser corretamente traduzida por *festa de peregrinação.* E outro termo, *moed,* "reunião marcada", ocorre no plural por quatro vezes, neste capítulo 23 de Levítico, podendo também ser traduzido por "festas fixas" (vss. 2,4,37,44)" (F. Duane Lindsey, *in loc.*).

Este capítulo 23 de Levítico apresenta *seis festas,* se distinguirmos a páscoa e os pães asmos (vss. 4-8) e não considerarmos as primícias (vss. 8-14) como uma festa separada.

Divisões das Festas por Estações do Ano:

1. *Primavera e começo do verão:* Páscoa; pães asmos; primícias; e então, cinqüenta dias mais tarde, festa das semanas.
2. *Outono:* Festa do sétimo mês, as trombetas; dia da expiação; festa dos tabernáculos.

Estamos tratando aqui das concentrações sagradas do povo de Israel, e não somente das festas individuais. Antes da entrada de Israel na terra de Canaã, as festas eram efetuadas em santuários locais. Quando Jerusalém se tornou a capital de uma nação *unida,* então essa cidade tornou-se o centro religioso. Quando Israel foi para o cativeiro, então as sinagogas tornaram-se pequenos centros; e, em tem-

pos posteriores, essas festividades eram efetuadas, de maneira simbólica, conforme até hoje se vê entre os judeus. Ver, no *Dicionário, Festas (Festividades).*

23.1

Disse o Senhor. Essa expressão é usada por muitas vezes, no Pentateuco, para introduzir novas seções. Mas ela também nos faz lembrar da inspiração divina das Escrituras. Ver notas completas a respeito em Lev. 1.1 e 4.1.

23.2

Fórmulas de Comunicação. Usualmente, após a fórmula introdutória "disse o Senhor", temos alguma fórmula de comunicação. Algumas vezes, Moisés entregava uma mensagem divina **a** Arão; de outras vezes a Arão e seus filhos; e, ainda de outras vezes, à inteira congregação de Israel. Em todos esses casos, Moisés agia como mediador entre Yahweh e o povo de Israel. Ver as *oito* fórmulas de comunicação, em Lev. 17.2. No presente caso, ele transmitiu a mensagem divina **a** todo o povo de Israel, visto que a nação toda estaria envolvida nas ocasiões sagradas descritas neste capítulo.

Santas convocações. Ou seja, reuniões sagradas e nacionais, de fundo religioso, cuja finalidade era o de ajudar o povo a unir-se em torno do yahwismo e sua nova maneira de viver. Essas eram as festividades de um povo separado: auxílios à espiritualidade. O termo "convocação" significa que o povo era chamado para "reunir-se".

As minhas festas. Essas reuniões eram assim chamadas, embora uma delas, o dia da expiação, não fosse exatamente um dia de festa, e, sim, de jejum.

O sonido da trombeta convocava os filhos de Israel (ver Núm. 10.2,3,8-10); e daí temos o nome "convocações". Essas ocasiões eram *santas* porque serviam para santificar o povo separado, instilando em sua mente os caminhos de Yahweh. Israel precisava contar com uma adoração nacional, e não apenas individual. Ambas essas formas de adoração tinham suas funções. A forma nacional unificava os adoradores, tornando-os uma única assembléia.

23.3

O sábado do descanso solene. Não nos devemos esquecer de que a guarda do sábado era o *sinal* do pacto mosaico. Ver as notas sobre esse pacto nas notas introdutórias ao capítulo 19 do livro de Êxodo. Ver no *Dicionário* o artigo intitulado *Sábado.* A observância do sábado formava o *quarto* dos *Dez Mandamentos.* Ver na *Enciclopédia de Bíblia, Teologia e Filosofia* os artigos *Sabatismo* e *Observância de Dias Especiais,* onde discuto sobre a alegada obrigação de que os cristãos teriam de guardar o sábado judaico. Essa questão também é discutida nos demais artigos mencionados.

O autor sagrado fala aqui sobre o sábado semanal, que era uma observância nacional, uma questão de importância primária. Outras festas derivavam-se dessa identificação fundamental de Yahweh com o Seu povo.

23.4

São estas as festas fixas. Ver a introdução a este capítulo no tocante às festividades de Israel. Este capítulo apresenta *seis* dessas festividades, se distinguirmos entre os pães asmos e a páscoa, e não considerarmos as primícias (vss. 8-14) como uma festa separada.

O *dia da expiação* não era uma festa, e, sim, um jejum. Ver no *Dicionário* os artigos chamados *Jejum* e *Festas (Festividades) Judaicas,* onde fazemos uma pesquisa geral acerca desses eventos.

Santas convocações. Ver as notas no segundo versículo deste capítulo.

A declaração introdutória (vs. 2) é reiterada aqui, visto que agora o autor falaria sobre as festas, pois o sábado (vs. 3) na realidade não era uma dessas festas, apesar de ser um dia semanal e nacional de santa convocação. Alguns estudiosos pensam que os vss. 1-3 deste capítulo consistem em uma adição editorial, pelo que a declaração introdutória aparece de novo neste quarto versículo, quando o autor dá início à enumeração das festas religiosas de Israel.

No seu tempo determinado. As festas eram festividades anuais, com datas fixas para sua observância. Também eram eventos nacionais, que seguiam o calendário religioso.

23.5

A páscoa do Senhor. Ver no *Dicionário* o artigo intitulado *Páscoa,* como também as notas sobre Êxo. 12.1-28, quanto a muitas informações adicionais, incluindo aquelas na introdução ao capítulo.

No crepúsculo da tarde. Ou seja, quando terminava um dia e começava outro, às 18 horas. No entanto, algumas autoridades antigas falam nas 12 horas, a saber, quando, para nós, começa a tarde. Ver as notas sobre Êxo. 12.6 quanto a essa questão. De acordo ainda com outros eruditos, estaria em pauta aquele fim de tarde em que as estrelas vão aparecendo, e até que se faz noite escura. Era naquele período em que o sangue do cordeiro pascal era aspergido.

23.6

Festa dos pães asmos. Ver no *Dicionário* as notas sobre essa festa. Ver também Êxo. 12.15-20 e 13.3-10, onde adiciono bastante informação. É provável que, originalmente, a festa dos pães asmos fosse uma festa separada, celebrada por ocasião da colheita do centeio. Mais tarde, isso foi transformado em uma festa anual, associada à páscoa. Tornou-se, assim, uma espécie de continuação natural da observância da páscoa, pelo que as duas festas acabaram sendo conhecidas por um só nome, no hebraico, o *mazzoth.* As duas festas são unidas no capítulo 20 do livro de Êxodo; mas em Lev. 23.6, a festa dos pães asmos aparece separada da outra. O trecho de Núm. 28.17 diz-nos que essa festa começava no dia quinze do mês de nisã. Mas o *primeiro dia,* quando era retirado todo fermento, era o dia catorze daquele mês, o dia da páscoa. Ver o trecho de Êxo. 12.3,6 quanto às designações de tempo. O mês de nisã (nosso março-abril) tornou-se, por causa da páscoa, o *primeiro* mês do calendário religioso de Israel. Mas de acordo com o calendário civil, mais antigo, esse era o sétimo mês do ano. Ver as notas sobre Êxo. 12.2 quanto a maiores informações a esse respeito.

Sete dias. Ver as notas sobre Êxo. 12.15,18-20.

23.7

No primeiro dia. Ver Êxo. 12.16. Era o primeiro dos sete dias, ou seja, o décimo quinto dia do mês de nisã. Ver as notas sobre o vs. 6, acima.

Nenhuma obra laboriosa podia ser feita nesse primeiro dia. Esse primeiro dia, pois, era uma espécie de sábado, embora não em sentido absoluto. Na época do segundo templo, o trabalho laborioso era identificado como edificar, derrubar estruturas, tecer, colher, debulhar, moer e joeirar, ou seja, as ocupações regulares que os homens de uma cultura essencialmente agrícola faziam todos os dias. Certas obras necessárias podiam ser efetuadas como matar animais, preparar a massa de trigo, cozer o pão, cozinhar qualquer coisa. Os violadores dessa lei não podiam ser executados por meio de apedrejamento. Ver no *Dicionário* o artigo intitulado *Apedrejamento.* Antes, eram castigados com quarenta açoites menos um, visto que aquele dia não era um sábado absoluto e regular.

23.8

"Uma oferta queimada deveria ser oferecida em cada um daqueles sete dias, a qual consistia em dois novilhos, um carneiro e sete cordeiros, além de uma oferta de cereais ou de manjares e uma cabra como oferta pelo pecado. Ver Núm. 28.19-24 quanto aos regulamentos bíblicos. Ao sétimo dia havia uma *santa convocação,* quando (tal como no primeiro dia) não se podia fazer nenhum trabalho servil" (John Gill, *in loc.*). Isso posto, havia dois semi-sábados, no primeiro e no sétimo dia. O primeiro desses sábados era observado para celebrar a libertação dos israelitas do Egito — o dia em que saíram do Egito era assim relembrado. Então havia o segundo semi-sábado, no sétimo dia, para relembrar o fato que o exército do Faraó morreu afogado, completando assim a *redenção* dos filhos Israel. Ver Êxo. 12.16.

O *intervalo* entre dois solenes dias de descanso era preenchido por diversões públicas, como danças, músicas, jogos etc., tudo em consonância com a *exultação* das comemorações. É conforme me disse certo amigo judeu: "O povo hebreu era um povo de cânticos e danças. Portanto, essa festa tinha aspectos solenes (os sábados), mas também seu lado jubiloso. No intervalo entre os dois sábados, eram permitidos todos os tipos de trabalho necessário".

23.9

Disse mais o Senhor. Essa expressão é freqüentemente usada no Pentateuco a fim de introduzir algum material novo ou alguma nova seção. E também nos faz lembrar da inspiração divina das Escrituras. Ver notas completas sobre isso em Lev. 1.1 e 4.1.

23.10

Usualmente, após a declaração "disse o Senhor", achamos alguma fórmula de *comunicação.* Há oito dessas fórmulas no Pentateuco. Ver as notas a respeito em Lev. 17.2. Nesta seção, Moisés, o mediador entre Yahweh e o povo de Israel, recebeu ordem de transmitir a mensagem divina ao povo em geral. Algumas vezes, a transmissão era limitada a Arão, ou então a Arão e seus filhos.

Os vss. 23.9-14 fornecem-nos a festa das *primícias*, que a maioria dos intérpretes entende como parte integral da festa dos pães asmos, e não como uma festa separada. Quando não se faz dela uma festa separada, então é preservado o número de *seis* festas religiosas apresentadas neste capítulo 23 de Levítico. Ver no *Dicionário* o artigo intitulado *Primícias*.

"Este parágrafo é tido por muitos como a *terceira* das festas fixas deste capítulo. *Messe,* sem dúvida, era o molho a ser movido, porquanto essa festa ocorria em março-abril, quando a cevada era colhida pela primeira vez no ano. O trigo só estava pronto para ser colhido mais tarde, em junho-julho. Este parágrafo, pois, prescreve uma cerimônia distinta, em que um molho de cevada era movido na presença do Senhor, em um dia específico, o dia após o sábado (vs. 11), normalmente compreendido como o décimo sexto, após o dia de descanso, o décimo quinto. Mas alguns estudiosos pensam que o dia do molho movido era o vigésimo primeiro. Todavia, parece natural considerar esse dia como uma *parte especial* da festa dos pães asmos, que então estava sendo celebrada" (F. Duane Lindsey, *in loc.*).

O Processo. Originalmente, talvez o próprio molho fosse movido, e essa prática tenha continuado. Mas a apresentação das primicias, para serem oferecidas sobre o altar, parece ter-se tornado parte da cerimônia. Um ômer era a décima parte de um efa, cheio de cevada, já moída. Era misturado com azeite e incenso, e assim se fazia uma oferenda a Yahweh sobre o altar. Ver Êxo. 16.36 quanto a notas sobre essas medidas. Ver Lev. 2.14,15 quanto à preparação das ofertas de cereais. Quanto às *ofertas movidas*, ver Êxo. 2.23,24. Algumas autoridades afirmam que, desde o começo, a oferta movida era feita com o produto final, a farinha e sua mistura, e não com os molhos de cevada. O ato de mover o *produto final* da oferta de cereais era chamado de "mover o molho".

23.11

Esse dia após o sábado podia ser o décimo sexto (após o primeiro sábado da festa dos pães asmos) ou depois do segundo sábado (no fim da festa, a saber, o vigésimo primeiro sábado). Ver uma completa discussão a respeito nas notas sobre o vs. 10. O sacerdote, devidamente qualificado e nomeado para a tarefa, movia a oferta de cereal antes de depositá-la sobre o altar de bronze, na presença de Yahweh, que então a aceitava. Não era uma oferenda de agradecimento por uma colheita abundante. Outro propósito chegou a ser atrelado ao ato, quando veio a tornar-se parte da páscoa, o que explico no *Dicionário,* no artigo chamado *Pães Asmos*. Quanto à aplicação do ato, no Novo Testamento, ver I Cor. 5.7,8.

"Ele movia o molho para frente e para trás, na presença do povo, e assim chamava a atenção deles para a obra da providência divina, excitando a gratidão deles a Deus, que os havia preservado e lhes dera bondosamente o fruto da terra. Ver Êxo. 29.27" (Adam Clarke, *in loc.*).

23.12

Em holocausto ao Senhor. Ver Lev.6.9-13 quanto a notas completas a respeito. Ver também Lev. 1.3-17. Ver o vs. 8 quanto a notas sobre as complexas ofertas oferecidas durante a semana dos pães asmos. O trecho de Núm. 28.19-24 contém as normas regulamentadoras. Quanto à exigência, *sem defeito,* ver Lev. 22.20. O sacerdote mesmo não podia estampar nenhum defeito físico (ver Lev. 21.17 ss.), tal como o próprio sacrifício. Era oferecido um *cordeiro*. Ver os *cinco* tipos de animais que podiam ser sacrificados, nas notas sobre Lev. 1.14-16. Carneiros e bodes também estavam envolvidos, conforme ficamos sabendo através do capítulo 28 de Números. Havia animais sacrificados em cada um dos sete dias de celebrações.

23.13

A sua oferta de manjares. Também conhecida como oferta de cereais. Ver as notas a respeito em Lev. 6.14-18, além de idéias adicionais, em Lev. 2.1-16. Eram usados dois décimos de um *efa* de farinha. Ordinariamente, apenas uma décima parte de um efa era requerida para esse tipo de oferenda. Ver Êxo. 29.40; Núm. 15.4; 28.9,13. Ver Êxo. 16.36 quanto às medidas envolvidas. Cerca de dois quilogramas estavam envolvidos nessa oferenda.

Sua libação. Ver Êxo. 29.40 quanto a isso. Um *him* era cerca de três litros, pelo que uma quarta parte era cerca de 0,75 litro. As libações eram derramadas sobre o topo do altar, e então escorriam pelos lados do altar, até a sua base. O vinho talvez represente o bom ânimo, a alegria que se deriva de quando servimos a Deus da maneira certa. Alguns estudiosos vêem nas ofertas de libação o sangue de Cristo, cujo resultado é a alegria advinda da expiação. A libação, tal como a oferta de cereais, era produto da terra, pelo que a libação tinha o mesmo simbolismo que o cereal. O fato de que era uma oferta movida relembrava ao povo de Israel da provisão divina e da necessidade de gratidão. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Libação*.

23.14

Não comereis pão. Ninguém podia ao menos provar dos cereais colhidos enquanto não fossem apresentadas a Deus as primicias. Yahweh precisava ser servido primeiro; em seguida, o Seu povo. O senso de gratidão, pois, era devido à contínua provisão de Yahweh. O Provedor era servido primeiro; em seguida, os beneficiários. O *pão,* neste caso, eram os pães asmos, que em breve os iraelitas estariam consumindo como parte da comemoração da festa. "Os pães asmos para o primeiro e o segundo dia da páscoa eram preparados com farinha da colheita do *ano anterior*, mas o pão dos dias que se seguissem só podia ser preparado com cereal da *nova colheita,* depois da sua dedicação formal ao Senhor" (Ellicott, *in loc.*).

Grãos torrados. Ver sobre isso nas notas sobre Lev. 2.14.

Ou verdes. No hebraico, *carmel,* que indica os grãos cheios. Ver Lev. 2.14. Cinco tipos de grãos eram assim designados: trigo, centeio, aveia e dois tipos de cevada. Está em foco cereal recém-colhido.

Estatuto perpétuo. Em outras palavras, por todas as gerações. Os hebreus não antecipavam um tempo em que a adoração, com todas as suas regras e exigências complicadas, chegaria ao fim. Conforme eles pensavam, Yahweh jamais haveria de mudar o conteúdo e o modo de proceder da adoração deles. Assim sempre aconteceu com religiões e denominações, as quais pensam poder estagnar Deus. Ver a idéia de estatutos eternos em Êxo. 29.42; 31.16; Lev. 3.17 e 16.29. Quanto à expressão *por vossas gerações,* ver Êxo. 29.42 e 31.16.

23.15

Contareis para vós outros. O Pentecoste (que reflete um termo grego que significa "cinqüenta") era uma festividade que envolvia sete semanas. Após a festa dos pães asmos, cinqüenta dias eram contados a partir do *primeiro sábado* daquela festa. A contagem começava no dia quinze do mês de nisã, conforme explica o Targum de Jonathan. Josefo (*Antiq.* 1,3 cap. 10, sec. 6) fornece-nos idêntica informação. A contagem começava à noitinha, de acordo com o costume hebreu de iniciar um novo dia às 18 horas. Passava-se o sábado, e então, à noitinha, no começo do novo dia, a contagem tinha início. Ver o vs. 16 quanto a essa particularidade. Ver no *Dicionário* os artigos *Pentecoste e o Pentecoste Cristão* e *Festas (Festividades) Judaicas*. Essa festa celebrava, originalmente, a colheita do trigo, mas acabou assinalando a outorga da lei, no monte Sinai, bem como a dádiva do Espírito, nos dias dos apóstolos de Cristo. Ver Núm. 28.26 e Deu. 16.10. Outros nomes dados a essa festa eram festa da colheita (ver Êxo. 23.16 e Deu. 16.10) e festa do "dia das primícias" (Núm. 28.26).

Sete semanas inteiras serão. A Septuaginta foi que nos deu o nome *pentecoste* (cinqüenta). E esse nome acabou atrelado à festa, de tal modo que esse era o seu nome nos dias do Novo testamento.

23.16

A informação dada no versículo anterior é reiterada aqui. Logo, ver as notas expositivas naquele versículo. Neste versículo, só aprendemos que havia ofertas de cereais envolvidas na oportunidade. Ver Lev. 6.14-18 quanto a esse tipo de oferenda, com notas adicionais em Lev. 2.1-16. Ver o gráfico antes de Lev. 1.1, que sumaria as características de todas as ofertas levíticas. Cereais eram incluídos porque, originalmente, essa festa celebrava a colheita do trigo. Alternativamente, essa festa era denominada "festa da colheita" (Êxo. 23.16).

23.17

Dois pães. Esse era o número de pães preparados para a *oferta movida* (ver Êxo. 29.24). Em cada pão entravam duas décimas partes de um *efa* de farinha de trigo, a mesma quantidade mencionada no vs. 13 deste capítulo, e onde apresentamos os comentários a respeito. Cerca de cinco litros estavam envolvidos nessa medida, pois o *ômer* (uma décima parte do *efa*) era equivalente a cerca de dois litros e meio. Cerca de dois quilogramas estavam envolvidos quanto ao peso. Essa oferenda, que era movida diante do Senhor, era de primícias, oferecida para agradar a Yahweh. Então o resto da colheita podia começar a ser usado pela inteira comunidade de Israel. Ver no *Dicionário* o artigo *Primícias*.

Levedados se cozerão. Essa era a única ocasião, em todo o calendário religioso de Israel, em que se oferecia sal sobre o altar de Yahweh. "O pão era levedado misturando-se na massa um bocado de fermento, extraído da cevada da colheita do ano anterior. Isso reenfatizava a íntima conexão entre as colheitas do trigo e da cevada, bem como as festividades associadas a essas colheitas" (F. Duane Lindsey, *in loc.*). O modo comum de proceder era evitar qualquer fermento

(Lev. 2.4,5,11). Os sacerdotes compartilhavam essa oferenda de cereais, tomando a porção deles na refeição comunal.

Esses pães eram oferecidos ao Senhor como representativos de primícias (ver Êxo. 34.17), o que explica o nome da festa,, em Núm 28.26, "dia das primícias".

23.18

As Três Oferendas: 1. *De cereais:* Descritas nos vss. 16 e 17. Ver também Lev. 2.1-16 e 6.14-18. 2. *Vários holocaustos:* Descritas em Lev. 1.3-17 e 6.9-13. 3. *Libações:* Descritas no vs. 13 deste capítulo. Ver também no *Dicionário* o artigo intitulado *Libação.* Essa festa da colheita requeria o sacrifício de nada menos que dez animais, quando eram usados todos os grandes animais próprios para sacrifício, a saber, o touro, o carneiro e o bode. Ver acerca dos *cinco* animais apropriados para os sacrifícios, nas notas sobre Lev. 1.14-16. Todos os animais oferecidos não podiam ter nenhum defeito (notas a respeito em Lev. 22.30). Todos eles envolviam o *aroma agradável* (ver as notas em Lev. 1.9 e Êxo. 29.18). Yahweh, por assim dizer, aspirava o aroma delicioso da carne que assava, e sentia-se satisfeito com a oferenda. Sem dúvida, essa crença, no começo, envolvia uma noção literal, mas acabou sendo entendida como uma expressão antropomórfica. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Antropomorfismo.* O Novo Testamento aceita a idéia em II Cor. 2.15,16 (a fragrância de Cristo nos crentes), como também em Fil. 4.18 (dádivas sobre a forma de dinheiro, dadas a Paulo, um sacrifício de dinheiro com vistas ao bem).

Uma vez que essas eram oferendas especiais, além daquelas que eram requeridas diariamente, nada menos do que vinte animais eram sacrificados naquele mesmo dia: três novilhos, três cordeiros, catorze carneiros. Isso de acordo com Maimônides (*Hilchot Tamidin,* cap. 8, sec. 1). Todavia, as autoridades judaicas não chegavam a um acordo quanto ao número desses animais, ainda que, sem dúvida, houvesse grande abate de animais.

23.19

Além daqueles animais mencionados no versículo anterior, havia ainda mais abates: um bode como *oferta pelo pecado* (ver Lev. 4.1-35; 6.25,30) e mais dois cordeiros como *oferta pacífica* (ver Lev. 3.1-17 e 7.11-33). Cf. Núm. 28.26,27,30. Nos dias do segundo templo, testemunhas oculares confirmaram para nós o número de animais sacrificados, o que, segundo se presumia, refletia um costume mais antigo. Josefo, por exemplo (*Antiq.* III.x.6) diz que eram abatidos catorze carneiros, três touros e três bodes. Isso concorda com os cálculos apresentados por Maimônides, conforme já mostramos nas notas sobre o vs. 18.

23.20

Porções dos cordeiros, juntamente com a correta oferta de cereais, eram movidas diante de Yahweh, a fim de atrair a Sua atenção, Sua bênção e Sua aceitação de tudo quanto fora feito naquele dia. Ver as notas em Êxo. 29.23,24 quanto às *ofertas movidas.*

Nos dias do segundo templo, o modo de proceder era o seguinte: Dois cordeiros eram trazidos ao templo. Estando eles ainda vivos, o sacerdote os movia diante de Yahweh. Então eram abatidos. O peito e o ombro de cada um deles era depositado ao lado dos pães. O sacerdote erguia ambas as mãos. Então movia a massa para frente e para trás, para cima e para baixo. Em seguida, a gordura era queimada sobre o altar. O resto tornava-se a porção que cabia ao sacerdote e seus familiares, para uma refeição comunal. Ato contínuo, eram trazidas as ofertas voluntárias, em meio a um espírito de júbilo. E os levitas, as viúvas e os pobres, como também os órfãos e os estrangeiros (prosélitos) compartilhavam da refeição comunal.

23.21

Santa convocação. Ver as notas sobre Lev. 23.2 quanto a essa expressão. Está em pauta um feriado *nacional.*

Nenhuma obra servil fareis. Certos tipos de atividade eram permitidas, mas outros não. Ver as notas no vs. 7 quanto a essa expressão. O dia era uma espécie de semi-sábado.

"Estatuto eterno em todas as vossas. . . gerações". Essa é uma expressão comum nos livros de Êxodo e Levítico, a fim de enfatizar a natureza *eterna* dessa ordenança, uma vez instituída. Tudo isso, entretanto, foi descontinuado pela era cristã, embora essas coisas continuem simbólicas no judaísmo. Ver. Êxo. 3.17; 16.29; 29.42; 31.16, quanto à questão do estatuto eterno; e ver Êxo. 29.42 e Lev. 31.16 quanto à questão da expressão "por todas as vossas gerações". É um vício comum das religiões, e até mesmo das denominações, pensarem que elas assinalam o *fim.* Mas todos os fins são apenas *instrumentais.* Em outras palavras, tornam-se meios para *novos começos.* Os limites são meros arroubos da imaginação dos homens. A verdade é uma progressão eterna, e nada tem que ver com a estagnação.

O Decálogo. A festa sobre a qual estamos discutindo assinalava o dia histórico da outorga da *lei.* Por meio dessa festa, os hebreus viam confirmada a sua noção de *estatutos perpétuos* e *imutáveis.* Não obstante, um novo e maior Legislador, Cristo, veio para substituir aquela antiga lei por uma nova lei. Essa é, precisamente, a mensagem de Romanos, de Gálatas e de Hebreus, no Novo Testamento.

No judaísmo, virtualmente cessou a natureza agrícola dessa festa, impondo-se a idéia de iei outorgada. Essa festa, celebrada nos dias sexto ou sétimo do mês de sivã, ou seja, entre a segunda metade de maio e a primeira metade de junho, tornou-se um evento religioso muito importante, a base mesma do judaísmo. As sinagogas e as residências eram decoradas com flores e ervas odoríferas. Os membros masculinos da comunidade purificavam-se mediante um banho por imersão, acompanhado pela confissão de pecados. Algumas vezes, cultos de noite inteira eram efetuados nas sinagogas.

Sem embargo, Paulo teve a coragem de afirmar que a justiça de Deus agora manifesta-se *sem lei* (Rom. 3.21 ss.), porquanto um Novo Caminho nos foi provido, suplantando o caminho antigo. O homem é justificado pela fé, sem as obras da lei (Rom. 3.28). Para os judeus da época de Paulo, essa era uma assertiva muito radical e herética. Mais herético do que isso seria impossível a você e a qualquer pessoa. Contudo, a ortodoxia de uma geração pode ser substituída por uma heresia, e essa *heresia* pode tornar-se uma *nova ortodoxia.* Isso posto, a verdade, mediante novas revelações ao entendimento, pode tornar-se progressiva, de geração em geração, sempre plena de surpresas, dando grandes saltos para diante. Deus revelou Sua verdade de uma vez para sempre, na Bíblia; mas Seu Espírito nos vai iluminando progressivamente.

23.22

A questão da *festa da colheita* levou o autor sacro a lembrar-se das provisões que precisavam ser feitas em favor dos pobres. Este versículo tem paralelo em Lev. 19.9, onde há notas expositivas completas sobre o assunto. Em meio ao regozijo da festa, os pobres e os estrangeiros não deveriam ser esquecidos. A legislação mosaica provia o necessário para todos. Ninguém precisava passar fome em Israel. Temos aí aquela espécie de religião prática que inspirou a epístola de Tiago, no Novo Testamento. O princípio supremo é a *lei do amor,* e isso requer que repartamos daquilo que possuímos com aqueles que pouco têm. As duas grandes colunas da espiritualidade são o amor e o conhecimento. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Amor,* e na *Enciclopédia de Bíblia, Teologia e Filosofia* ver o artigo intitulado *Conhecimento, Conhecer.*

Observe onde foi posta essa lei humanitária — bem no meio de grandes festividades. Os homens podem expressar sua gratidão, por terem abundância de bens, compartilhando com outras pessoas. Assim estipulavam as autoridades judaicas, em *Torat Cohenim,* apud *Yalkut, in loc.* e nos escritos de Jarchi.

23.23

Disse mais o Senhor. Temos aqui uma expressão muito comum no Pentateuco, que assinala a introdução de novos materiais. Mas ela também nos faz lembrar da inspiração divina. Ver notas descritivas completas, em Lev. 1.1 e 4.1.

23.24

Fórmulas de Comunicação. Moisés era o mediador entre Yahweh e o povo de Israel. As mensagens que ele recebia da parte de Deus eram passadas para Arão; para Arão e seus filhos sacerdotes; ou para a população em geral de Israel. Há *oito* fórmulas de comunicação no Pentateuco. Ver notas expositivas a esse respeito em Lev. 17.2. No presente caso, Moisés transmitiu uma mensagem a toda a congregação de Israel.

O trecho de Lev. 23.23-25 descreve a *Festa do Ano Novo.* "A festa das *trombetas* foi instituída para marcar o *ano novo civil,* em distinção ao ano eclesiástico. Ademais, há alguma evidência de que o ano eclesiástico original dos hebreus começava durante o outono. Assim, lemos em Êxodo 23.16 que a *festa da colheita* caía na 'saída do ano', ou seja, no começo do ano. Isso também fica entendido em Lev. 25.8,9, onde, como é óbvio, a abertura do 'ano do jubileu' era anunciada mediante trombetas, embora informes posteriores situem essa data no sétimo mês" (Mathaniel Micklem, *in loc.*).

Com sonidos de trombetas. Está aqui em pauta a festa das trombetas. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Festas (Festividades) Judaicas,* em II.4.f. O sonido das trombetas, literalmente traduzido, seria "sopro relembrador". Visto que o primeiro dia do mês de ethanim (assim chamado em I Reis 8.2) ou tishri (conforme séculos mais tarde os judeus passaram a chamar esse mesmo mês) dava início ao ano civil, tal festividade também passou a ser chamada de "festa do Ano Novo". Desde os dias do segundo templo, essa festa passou a ser considerada um tipo de preliminar do dia da expiação. Trombetas eram tocadas convocando o povo a um sábado ou descanso, para efeito de reflexão, arrependimento e santificação. Nas sinagogas, esse aspecto de memorial indicava mais que *Deus se lembrava* dos merecimentos dos patriarcas e da aliança que Ele estabelecera

com eles, a fim de que o povo de Israel em geral pudesse continuar a compartilhar aquelas bênçãos. Ver as notas em Gên. 15.18 sobre o *Pacto Abraâmico.*

As Trombetas de Prata. Essas trombetas eram sopradas no primeiro dia de cada mês; mas quando soavam, no primeiro dia de tishri (o sétimo mês), proclamavam uma festividade especial, em preparação para o dia da expiação (ver Lev. 23.26-32).

Santa convocação. Ver as notas sobre isso, no segundo versículo deste capítulo.

23.25

Nenhuma obra servil fareis. Isso aponta para tarefas laboriosas, cansativas, o trabalho comum a cada dia. Ver plenas explicações sobre isso nas notas sobre o sétimo versículo deste capítulo. Cf. o vs. 21. Essa expressão assinala uma espécie de semi-sábado.

Trareis oferta queimada. Ver Lev. 1.3-17 e 6.9-13 quanto às ofertas queimadas ou holocaustos, e suas normas. Ver também Núm. 29.1-6. "Visto que essa festa também caia em uma lua nova, era oferecido um *triplo* sacrifício, a saber: 1. O sacrifício diário ordinário era oferecido primeiro. **2.** Então era oferecido o sacrifício da lua nova (Núm. 28.11-15). 3. O sacrifício próprio dessa festa era então oferecido. Esse sacrifício consistia em um novilho, um carneiro e sete cordeiros do primeiro ano, com as oferendas de cereais usuais, e um cabrito como oferta pelo pecado (Núm. 29.1-6). . . Durante o oferecimento da libação e do holocausto, os levitas entoavam um cântico acompanhado por instrumentos de música, cantando o Salmo 81 e outros, ao mesmo tempo em que os sacerdotes, a determinados intervalos, irrompiam com poderosos sonidos de trombetas" (Ellicott, *in loc.*). Os festejos incluiam orações em favor de um Ano Novo próspero e espiritualmente abençoado. O arrependimento fazia parte das ocorrências, e os pecados cometidos no ano que estava passando eram abandonados. No fim, as pessoas conversavam umas com as outras, desejando um Ano Novo feliz e próspero.

O Dia da Expiação (23.26-44)

O autor queria que nos lembrássemos das informações que ele nos havia dado no capítulo 16 do livro de Levítico, que contavam os detalhes da *santa convocação* (ver as notas sobre o segundo versículo deste capítulo 23). Também forneci extensas notas sobre a questão do dia da expiação na introdução do capítulo 16, pelo que não repito aqui esse material. Aquele capítulo 16 está dividido em *sete* segmentos principais. Ver também no *Dicionário* o artigo intitulado *Dia da Expiação.* Ver também Núm. 29.7-11. Se há alguma diferença na apresentação em nossa frente (excetuando-se o detalhe maior do capítulo 16), então esta passagem enfatiza como os cidadãos comuns de Israel deviam observar esse dia. Os vss. 26-28 nos dão um sumário dos elementos que faziam parte da celebração.

23.26

Disse mais o Senhor. Temos aqui uma expressão usada de contínuo no Pentateuco, empregada para introduzir novos materiais. Ver completas informações nas notas expositivas sobre Lev. 1.1 e 4.1. E essa expressão também nos relembra a divina inspiração das Escrituras.

23.27

O dia da expiação. Esse dia ocorria no mesmo mês que a festa das trombetas (**ver** o vs. 24), embora no décimo dia desse mês. A festa das trombetas, a festa do Ano Novo, chegou a ser concebida como um procedimento introdutório ao *dia da expiação,* o maior de todos os eventos religiosos de cada ano. Esse era um dia de jejum, e não de festejos. Ver a introdução ao capítulo 16 de Levítico e, no *Dicionário,* o artigo *Dia da Expiação,* quanto a completas informações a respeito.

Tereis santa convocação. Ver as notas sobre o segundo versículo deste capítulo.

Trareis oferta queimada. Quanto a detalhes sobre essa forma de oferenda, ver as notas em Lev. 1.3-17; 6.9-13. Ver Núm. 29.8-11 quanto a detalhes que o autor sagrado ali registrou. Meu artigo fornece todos os ritos e cerimônias do dia, que o autor explorou tão superficialmente nesta seção.

Afligireis as vossas almas. Ver Lev. 16.29. Isso porque era um dia de jejum, de arrependimento, de tristeza, de desvencilhar-se de pecados antigos, de adotar novas atitudes. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Jejum.* Em Atos 27.9, esse dia é chamado de "o tempo do Jejum".

23.28

Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Sábado.* O dia da expiação era um sábado absoluto, e não apenas um semi-sábado, conforme eram as festividades descritas em outras porções deste capítulo 23 de Levítico. Ver a expressão "obra servil", usada no tocante aos semi-sábados, em Lev. 23.7,8,21,25 **e** 35.

Dia da expiação. Ver no *Dicionário* o artigo com esse nome. Esse era o único dia, em todo o calendário judaico, que, além dos sábados regulares, era um sábado absoluto. Ver as notas sobre o vs. 3 deste capítulo. Cf. Êxo. 16.23-30; Núm. 15.32-36. Nem mesmo pequenas tarefas domésticas podiam ser efetuadas nesse dia. Ver I João 2.2, como uma aplicação simbólica do mesmo no Novo Testamento.

23.29

O homem que desobedecesse às regras do dia da expiação, não observando o estrito descanso do dia nem se afligindo (vs. 27), mediante o jejum e outros exercícios religiosos, seria executado, provavelmente por meio de apedrejamento. O Targum de Jonathan pensa que temos aí uma ameaça das pragas de Yahweh contra tal homem, e não uma execução judicial. Mas a outra intepretação provavelmente é melhor. As leis de tempos posteriores abriam exceção para os que estivessem doentes e fossem idosos. Esses não precisavam jejuar.

23.30

A esse eu destruirei. Provavelmente por meio de execução por *apedrejamento* (ver a esse respeito no *Dicionário*), tal como sucedia ao homem que não obedecesse ao descanso sabático. Novamente, o Targum de Jonathan pensa que esteja em pauta uma pestilência enviada por Yahweh. Note-se a expressão "eu destruirei." Contudo, poderia estar em pauta a idéia de execução judicial, via apedrejamento. Aqui foi usado outro termo hebraico, que significa "destruir", e não "cortar". E alguns intérpretes pensam que a palavra traduzida por "destruir" é mais significativa que a outra. O dia da expiação era o dia mais solene de todo o calendário religioso dos judeus; e somente um insensato haveria de violar algum de seus preceitos. Trabalhar em um sábado regular era algo punido com a morte por apedrejamento. Ver Núm. 15.32-36. Ver também Êxo. 31.14,15; 35.2. Com muito maior razão um homem seria executado se violasse o dia da expiação, que era um sábado absoluto.

23.31

Estatuto perpétuo. Esse estatuto estendia-se pelas "vossas gerações", expressão essa usada no tocante a todos os preceitos levíticos. Tais palavras foram adicionadas para intensificar a solenidade daqueles preceitos. Os hebreus não aguardavam um ponto final para as suas leis. Muitos cristãos de hoje tentam transferir as leis sabáticas de Israel para o cristianismo; mas devemos lembrar que o sábado era o *sinal* do pacto mosaico, e não do Novo Pacto. Ver na *Enciclopédia de Bíblia, Teologia e Filosofia* os artigos intitulados *Sabatismo* e *Observância de Dias Especiais.* As revelações neotestamentárias, consideradas uma *heresia* pelos judeus (por causa da qual Jesus e Paulo foram executados), tornaram-se a nova *ortodoxia,* em substituição à revelação veterotestamentária. Ver as notas sobre *estatuto perpétuo* em Êxo. 29.42; 31.16; Lev. 3.17 e 16.29. E em Êxo. 29.42 e 31.16, ver as notas sobre *pelas vossas gerações.*

23.32

Este versículo reforça o elemento de descanso solene do dia da expiação, repetindo e sumariando toda a questão. Esse era um dia de sábado absoluto (ver o vs. 28); de aflição (incluindo o jejum; vs. 26); e devia perdurar por vinte e quatro horas, desde às 18 horas daquele dia, o nono, até as 18 horas do dia seguinte, do sétimo mês civil de Israel. Ver as notas sobre Lev. 16.31.

23.33

Disse mais o Senhor. Uma expressão muito usada no Pentateuco, empregada para apresentar novos materiais. Ver as notas sobre Lev. 1.1 e 4.1, quanto a completas informações a respeito. E também faz lembrar o fato de que as Escrituras foram produzidas por inspiração divina.

Fórmulas de Introdução e Comunicação. Moisés era o mediador entre Yahweh e o povo de Deus. Algumas vezes era-lhe ordenado transmitir uma mensagem a Arão; de outras vezes, a Arão e seus filhos; e, ainda de outras vezes, ao povo de Israel em geral, conforme se vê neste versículo. Ver as *oito* fórmulas de comunicação, anotadas em Lev. 17.2.

23.34

A festa dos tabernáculos. Ver o artigo com esse título, no *Dicionário,* bem como o artigo chamado *Festas (Festividades) Judaicas,* II.4.c., *Festa das Tendas ou Tabernáculos.* Esses artigos nos dão todas as informações necessárias sobre a questão, pelo que as notas abaixo foram abreviadas.

Os vss. 33-44 deste capítulo nos dão a descrição bíblica a respeito dessa festa. Essa celebração era chamada antes de "festa da colheita" (ver Êxo. 34.22; Deu. 16.13-15). A festa era celebrada durante uma semana inteira, e era um semi-sábado, no primeiro e no último dia. Originalmente, era uma festividade agrícola (tal como se vê na presente seção, vs. 43). Mas acabou sendo vinculada à história das jornadas dos antepassados hebreus pelo deserto, após o povo de Israel haver escapado da servidão no Egito. Alguns críticos supõem que essa nova interpretação, porém, só tenha começado a vigorar depois do exílio babilônico. Mas não há razão para duvidarmos de que essa interpretação venha desde os dias de Israel no deserto, quando o povo de Israel, ainda sem cidades, foi forçado a viver como estrangeiro e peregrino na terra, em tendas temporárias.

"A festa dos tabernáculos (vss. 33-44), tal como a Ceia do Senhor, na Igreja, tinha dois aspectos, um memorial e outro profético. Um aspecto *memorial,* no tocante à redenção para fora do Egito (vs. 43); e um aspecto *profético,* no que concerne ao descanso do reino de Israel, depois de a nação ter sido recolhida e restaurada, quando, de novo, a festa se torna um memorial, não apenas acerca da nação de Israel, mas também acerca de todas as nações (ver Zac. 14.15-21)" (*Scofield Reference Bibie,* comentando sobre Lev. 23.33).

Mês sétimo. Esse era um mês atarefado em Israel. Nesse mês ocorria a festa do Ano Novo ou das trombetas (vss. 23-25). Isso tinha começo no primeiro mês do ano civil, que correspondia ao primeiro mês do ano religioso, o mês de *tishri,* anteriormente chamado *ethanim.* Em seguida, havia também o *dia da expiação,* no décimo dia daquele mês (vss. 26-32). E havia a *festa dos tabernáculos,* que começava no dia quinze daquele mês.

Quando o povo de Israel já possuía casas permanentes, essa festa prosseguiu. E então o povo deixava suas residências confortáveis a fim de viver em tendas por sete dias. Essas tendas eram feitas de ramos de árvores. Isso os israelitas faziam a fim de relembrar as durezas por que passaram, mas também os cuidados divinos protetores e providenciais que beneficiaram seus antepassados no deserto.

Plutarco (*Symp.* livro iv. q.6) mencionou um costume parecido entre os gregos; e outro tanto fez Plínio, descrevendo costumes dos romanos (durante a festa de Anna Perenna; *Fast.* livro iii). Esses costumes revestiam-se de significação religiosa tanto para os gregos quanto para os romanos.

Tipologia. O Logos encarnado veio habitar entre os homens, temporariamente, como que em uma tenda (João 1.14). E os Seus discípulos são estrangeiros e peregrinos na terra (Heb. 11.13). Na *Enciclopédia de Biblia, Teologia e Filosofia* ver o artigo intitulado *Encarnação.*

23.35

Santa convocação. Ver o segundo versículo deste capítulo acerca disso. Essa festa era uma ocasião de celebração e de alegria. "Com grande regozijo e em meio a sonidos de trombetas, eles carregavam ramos de salgueiros ao interior do templo, de tal modo que as pontas ficavam penduradas, formando uma espécie de cúpula" (Ellicott, *in loc.*). As tendas eram preparadas para servirem de habitações pelo espaço de sete dias, e o povo habitava nelas em meio a demonstrações de alegria, lembrando-se de como Yahweh havia tirado o povo de Israel do Egito, provendo-lhes, no deserto, o necessário, embora então eles não dispusessem de residências fixas.

Um Semi-sábado. Ninguém podia ocupar-se em tarefas corriqueiras do dia-a-dia. Ver o sentido desse termo nas notas sobre o vs. 7 deste capítulo, um termo que também ocorre nos vss. 8,21 e 35. Somente o *dia da expiação,* dentre todas as festas e jejuns do ano religioso de Israel, servia de sábado absoluto, como se fosse um sábado qualquer.

"Tanto no *primeiro* como no *oitavo* dia (o dia final das festividades anuais, após os *sete dias* da festa dos tabernáculos), os israelitas tinham uma assembléia sagrada, e não podiam fazer nenhum trabalho pesado. As *oferendas* que deveriam ser trazidas eram as mais elaboradas e impressionantes do ano todo (cf. Núm. 19.12-38)" (F. Duane Lindsey, *in loc.*).

23.36

Ofertas queimadas. . . ofertas queimadas. Nos dias do segundo templo eram oferecidos os seguintes holocaustos: treze touros, dois carneiros, catorze cordeiros, com o acompanhamento das apropriadas ofertas de cereais, além de uma libação e de um bode como oferta pelo pecado (Núm. 29.12-39). Em seguida vinham as *ofertas pacíficas,* os votos, as ofertas voluntárias. Enquanto esses sacrifícios eram oferecidos, os levitas entoavam o *hallel* festivo, o que sucedia também nas festas da páscoa e do Pentecoste. O termo *hallel* significa "louvor", referindo-se aos Salmos 113-118. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Hallel,* quanto a completos detalhes. O processo era repetido em cada um dos sete dias da festa, exceto pelo fato de que o número de animais era menor. "À tarde do segundo dia, naquilo que era chamado de *festa secundária,* bem como em cada uma das cinco noites sucessivas, era celebrado o 'regozijo do transporte de água', no átrio do templo. Eram acesos quatro grandes candelabros de ouro, no centro do átrio e a luz que emanava deles tornava-se visível na cidade inteira. Em torno dessas lâmpadas homens piedosos dançavam diante do povo. . . cantando hinos e cânticos de louvor" (Ellicott, *in loc.*). Também eram usados instrumentos musicais. Presume-se que foi em meio a esse resplendor que Jesus, chamando a atenção do povo, intitulou a Si mesmo como a Luz do Mundo (ver João 8.12). Jesus veio a fim de iluminar o mundo inteiro, e não meramente o templo de Jerusalém.

Ao dia oitavo. Esse dia era outro semi-sábado, a fim de encerrar as celebrações. Ver as notas sobre o vs. 7, no que toca à proibição acerca de qualquer trabalho servil.

As ofertas deviam ser oferecidas de acordo com as diretrizes dadas nos capítulos 28 e 29 do livro de Números, conforme foi descrito acima. Quanto ao capítulo 29 de Números, ver especialmente os vss. 13-34.

Santa convocação. Nesse dia havia exercícios religiosos como orações, louvores, leitura da lei, muito cântico e regozijo. Ramos de palmeiras eram usados nessas tendas, embora outras árvores também fossem usadas (vs. 40).

23.37

As festas fixas. Essas festas fixas são aquelas mencionadas acima. Estão em pauta seis festas anuais, a saber: 1. A páscoa (vss. 4-14). 2. O Pentecoste (vss. 15-22). 3. O Ano Novo (trombetas) (vss. 23-25). 4. O dia da expiação (vss. 26-32). 5. Os tabernáculos (vss. 33-36). 6. A festa de conclusão (vs. 36). Assim sendo, essa lista das festas termina com a mesma fórmula mediante a qual tinham sido introduzidas no vs. 4 deste capítulo, onde o leitor deve consultar as notas expositivas.

Os tipos de oferendas são sumariados: *Queimadas* (holocaustos) (ver Lev. 6.9-13); de *cereais* (ver Lev. 6.14-18); de *libação* (ver Lev. 23.13,18). Ver também Êxo. 29.40; e, no *Dicionário,* o artigo intitulado *Libação.* O trecho de Números 28 e 29 nos confere detalhes sobre a maneira de proceder e sobre as oferendas.

23.38

Sábados do Senhor. A referência é aos vários semi-sábados que estavam envolvidos nas festas antes mencionadas (ver os vss. 7,8,21,25 e 36), bem como ao sábado pleno do dia da expiação (vs. 28); e, naturalmente, devemos entender os sacrifícios levados a efeito naqueles dias, e não meramente o descanso que era assim ordenado. Não há que duvidar de que também estão em foco os sábados regulares, ou seja, os sábados semanais, os quais tinham suas próprias exigências e sacrifícios.

Outros sacrifícios oferecidos eram as ofertas *voluntárias* e as ofertas *voluntárias-votivas,* ou seja, aqueles tipos de ofertas voluntárias que incluíam alguma forma de voto, bem como ofertas que expressavam um agradecimento piedoso. As festas e jejuns especiais, as celebrações anuais descritas neste capítulo, não excluíam os sábados regulares, nem as várias outras formas de ofertas. Ver Deu. 16.10,17; II Crô 25.7,8. As atividades comuns da vida podiam continuar normalmente, além da observância dos dias especiais de festa. Ver os comentários introdutórios a Lev. 7.11, *no seu último parágrafo, quanto aos três tipos de oferta* pacífica (de comunhão); e Lev. 7.11,16 quanto a notas expositivas. Cf. Lev. 3.1-17 e as notas introdutórias ao terceiro capítulo do mesmo livro.

Ver o gráfico existente antes de Lev. 1.1, quanto aos vários tipos de sacrifícios que figuram no livro de Levítico, com detalhes acerca de cada tipo.

23.39

Os dois versículos anteriores (37 e 38) são gerais, referindo-se às várias festividades anuais, bem como aos deveres religiosos regulares do sábado e seus sacrifícios. Todavia, os vss. 39-43 fazem-nos voltar à festa dos tabernáculos (cuja descrição fora interrompida no vs. 36).

Os elementos do vs. 39 são repetidos com base nos vss. 34-36, onde são oferecidas as notas expositivas. Em adição a isso, porém, este versículo identifica a festa em questão como uma celebração agrícola, visto que ocorria por ocasião da colheita dos frutos da terra. Estão em pauta a cevada, o trigo, o azeite e o vinho — os produtos usados em vários tipos de oferenda. Por essa razão, a festa é chamada de "festa da colheita" (Êxo. 23.16; 34.22). Essa festa ocorria durante o outono, quando a colheita já havia terminado.

23.40

Tal como os sacerdotes tinham de ser homens sem defeito (Lev. 21.17) e os animais sacrificados precisavam ser perfeitos (Lev. 22.20), assim também os ramos usados durante essa festa precisavam ser tirados de *árvores formosas*, precisavam ser *ramos de árvores frondosas*. Eram permitidos ramos de várias espécies vegetais: palmeiras, salgueiros e ramos de várias árvores frondosas, para que formassem um dossel espesso. Nos dias do segundo templo, as normas vigentes especificavam que, se os ramos tivessem sido tirados de "árvores incircuncisas" (Lev. 19.23) ou de primícias imundas (ver Núm. 18.11,12), ou se exibissem alguma forma de defeito, seu uso estaria vedado. Os ramos de *árvores frondosas* querem dizer árvores cuja folhagem cobre abundantemente os galhos. A versão caldaica, entretanto, diz aqui *murteira*.

Vos alegrareis. *Originalmente,* porque a colheita fora abundante; *posteriormente,* tanto por essa razão como também por estarem lembrando a redenção de Israel da servidão egípcia, após o que os filhos de Israel desfrutaram segurança e abundância no deserto, em face da providência de Yahweh. Ver os vs. 43, mais adiante. Essa alegria era expressa por meio de cânticos, danças, louvor, cerimônial música instrumental, leituras, agitação de ramos, gritos de Hosana etc. Estrabão descreveu festejos similares entre os pagãos (*Geografia* 1,10, par. 322), o que também fez Plutarco (*Sympos.* 1,1,3).

Tipologia. Ver João 7.38,39 quanto ao equivalente cristão. Ver João 1.14 quanto ao evento da encarnação, quando o Logos divino veio armar tenda entre nós.

23.41

Estatuto perpétuo, que envolveria todas as gerações de Israel, o que exigia que a festa dos tabernáculos nunca fosse descontinuada. Ver sobre *estatuto perpétuo* em Êxo. 29.42 e 31.16. E sobre *pelas vossas gerações* ver Lev. 3.17 e 16.29. Contudo, em Cristo, a lei do Espírito substituiu todas aquelas coisas que os hebreus pensavam que nunca cessariam. A epístola aos Hebreus, no Novo Testamento, foi escrita a fim de mostrar como *uma palavra só* cobre todos os ritos e sacrifícios, substituindo a *todos* eles, a saber, "Cristo". Assim, aquelas religiões e denominações que pensam que a verdade estagnou com elas nunca vão além de *suas* próprias limitações e incorrem em grave erro. A verdade está sempre amadurecendo, de acordo com o nosso ponto de vista, porquanto nós estamos sempre crescendo no conhecimento da verdade de Deus. A verdade é uma aventura, e não uma realização que se consegue de um único golpe. Quando o Messias veio armar tenda entre o Seu povo, a festa dos tabernáculos chegou ao seu cumprimento. Mas o Logos de Deus está *sempre* voltando para estar com os homens, de novas maneiras, mediante novas revelações. Os judeus empregavam o *sétimo* mês do ano para celebrar aquela festa, mas o Logos continua assinalando novas datas, conferindo-nos novas verdades.

23.42

Todos os israelitas, aqueles que estavam vivendo nos dias de Moisés, quando a festa foi instituída, como também aqueles que ainda nasceriam, em todas as gerações subseqüentes, deveriam continuar observando a festa. Este versículo reforça a declaração do vs. 41, sobre *estatuto perpétuo*. Ninguém deveria pensar que essa festa se limitava aos "tempos de Moisés". O versículo aponta para todos os "israelitas nativos". As crianças pequenas, que não eram capazes de resistir aos rigores da vida ao ar livre, por serem pequenas demais, estavam isentas, mas não as crianças em geral. A Mishnah isentava as mulheres em geral (*Mishnah Succah*, cap. 2, sec. 6), mas todos os israelitas do sexo masculino, mesmo que fossem pequenos, tinham de participar da festa. Jarchi afirmou que essa lei incluía até mesmo os prosélitos.

23.43

Este versículo vincula a festa original da colheita com o êxodo histórico, quando Israel foi livrado da servidão aos egípcios. A antiga festa da colheita, pois, assumiu um novo significado quando foi ligada à redenção de Israel do Egito. O agradecimento por um suprimento abundante, da parte de Yahweh, tornou-se um agradecimento específico pela redenção e pela provisão e cuidados protetores que o povo de Israel desfrutou em sua experiência no deserto.

Eu sou o Senhor vosso Deus. Essa é uma expressão freqüente do *Código de Santidade* (ver sobre isso na introdução ao capítulo 17 do livro de Levítico), ressaltando alguma declaração divina. Foi Yahweh, o Deus de Israel, quem determinou a questão, pelo que era mister obedecer. Ver sobre essa expressão nas notas expositivas sobre Lev. 18.30.

O povo de Israel, que veio a ocupar segura e felizmente a terra de Canaã, deveria relembrar-se de um período passado de provisões divinas especiais, quando seus antepassados estavam em necessidade, em perigos diversos, estrangeiros no deserto, quando Yahweh cuidou deles. Oh, Senhor, concede-nos tal graça!

Vem, ó Fonte de toda bênção,
Sintoniza meu coração,
para cantar a tua graça!
Rios de misericórdia, jamais cessem,
Invocando cânticos
e altos louvores.

(Robert Robinson)

23.44

Este capítulo 23 de Levítico termina assegurando-nos que Moisés, o mediador entre Deus e o povo de Israel, havia cumprido o seu dever, tendo transmitido tudo quanto lhe fora ordenado dizer aos filhos de Israel (ver o vs. 2). Cabia a Israel pôr em prática todos os complicados estatutos e mandamentos que o Senhor havia determinado.

Capítulo Vinte e Quatro

Direções para o Tabernáculo e para o Acampamento (24.1-23)

Lei acerca das Lâmpadas (24.1-4)

Prossegue o *Código de Santidade* (caps. 17-26). Ver sobre esse código na introdução ao capítulo 17 de Levítico. O capítulo à nossa frente nos dá as várias regras que governavam a questão do azeite das lâmpadas do santuário; a questão sobre os pães da proposição; um registro de uma blasfêmia cometida; a lei da retaliação, a *lex talionis*; e uma conclusão. Portanto, encontramos aqui várias regras miscelâneas sobre rituais e sobre ética. Em harmonia com o estilo literário do autor sagrado, a maior parte do capítulo reitera itens que já tinham sido ventilados em outras partes do livro. A legislação foi dada em contextos históricos a fim de satisfazer a certas condições históricas.

24.1

Disse o Senhor. Essa expressão é usada amiúde no Pentateuco, a fim de introduzir novos materiais. E também nos faz lembrar a inspiração divina das Escrituras. Ver Lev. 1.1 e 4.1 quanto a notas expositivas completas.

24.2

Fórmulas de Comunicação. Moisés, mediador entre Yahweh e o povo de Israel, entregava a várias pessoas ou grupos de pessoas as mensagens que recebia. Ora ele se dirigia a Arão; ora a Arão e seus filhos; e ora ao povo de Israel como um todo. Há *oito* diferentes fórmulas de comunicação. Ver Lev. 17.2 quanto a notas sobre essa questão. Neste versículo vemos Moisés entregando uma mensagem à inteira congregação de Israel, embora Arão fosse quem mais precisasse de instruções, por ser o sumo sacerdote e aquele que poria em vigor os mandamentos de Deus.

O candelabro. Ver o detalhado artigo sobre esse assunto, no *Dicionário,* e também Êxo. 25.31-40 quanto ao seu desígnio, e Êxo. 37.17-24 quanto à sua construção.

Azeite. Ver no *Dicionário* o artigo sobre esse elemento. Ver Êxo. 27.20,21. Quanto à fórmula do azeite de unção, ver as notas sobre Êxo. 30.34-38. Os elementos dessa fórmula faziam parte das ofertas trazidas pelos príncipes do povo (ver Êxo. 34.27,28).

Lâmpada acesa continuamente. Ver as notas sobre Êxo. 27.20. Nesse versículo damos tanto informações gerais quanto informações sobre os *tipos* simbólicos. O Targum de Jonathan assegura-nos que mesmo aos sábados a lâmpada continuava acesa. Garantir isso fazia parte da trabalho dos sacerdotes. A luz do Espírito de Deus é assim simbolizada. Ver no *Dicionário* o artigo intitulado *iluminação*. O santuário não recebia iluminação vinda de fora, pelo que o candeiabro era a única fonte de luz para aquele lugar. Assim também o mundo, o lugar que é ilu- minado pelo Espírito de Deus, fica em trevas sem a iluminação divina. Acerca de Cristo, é dito que Ele ilumina a todo homem que vem a este mundo, em João 1.9.

24.3

Fora do véu. O candelabro ficava no lado sul do Lugar Santo, diante do *segundo véu,* que fechava o Santo dos Santos. Havia *três* véus ou cortinas; e aqui é mencionado o segundo. Ver as notas sobre Êxo. 26.36 quanto a esses véus. Ver a planta baixa do tabernáculo nas notas sobre Êxo. 26.1, nas suas notas introdutórias. A tarefa de Arão, como sumo sacerdote, era cuidar da iluminação do Lugar Santo, garantindo que o candelabro permanecesse sempre aceso (vs. 2). Ele tinha de certificar-se de que sempre havia azeite; e também tinha de preparar as lâmpadas, inclusive limpando os pavios, para que a luz brilhasse fortemente.

Estatuto perpétuo. Ver as notas expositivas sobre isso em Lev. 3.17 e 16.29.

Pelas suas gerações. Ver sobre isso em Êxo. 29.42 e 31.16. Os estatutos concernentes às lâmpadas figuravam entre aqueles de aplicação perpétua. Mas quando chegou entre nós a Luz do mundo, Cristo (João 8.12), então meras sombras simbólicas passaram.

24.4

Jarchi asseverou que a *ordem* aqui mencionada dizia respeito à medida de azeite que tinha de ser vertida sobre as lâmpadas a cada dia, cerca da oitava parte de um litro, ou seja, 125 ml. As lâmpadas precisavam ser limpas e receber seu suprimento de azeite a cada dia. Ou ele precisava *arranjar* as lâmpadas depois de tê-las limpado, suprindo-as então com o azeite apropriado.

Lei acerca dos Pães da Proposição (24.5-9)

24.5

Os vss. 5-9 tratam das regras concernentes aos *pães da proposição* (ver a esse respeito no *Dicionário*) e sobre os cuidados com a mesa onde esses pães eram arrumados. O parágrafo diante de nós nos dá a informação essencial de Êxo. 25.23-30, onde notas mais completas foram providas para o leitor. O citado artigo fornece todos os detalhes necessários, pelo que não repito aqui aquelas informações.

Cada um dos *doze* pães tinha o peso de dois décimos de um *efa* de farinha de trigo. Isso equivalia a cinco quilogramas, o que significa que os pães eram grandes. Cada pão tinha cerca de 75 cm de comprimento, metade disso quanto à largura, e cerca de 12,5 cm de altura. O número *doze* falava sobre as doze tribos de Israel, as quais participavam dos benefícios desse rito.

24.6

A mesa de ouro puro. Ver as notas expositivas sobre essa mesa em Êxo. 25.23 ss., onde provi comentários completos. Ver também, no *Dicionário,* o artigo *Mesa.* Essa mesa ficava no Lugar Santo, em seu lado norte, diante do candeeiro, que ficava no lado sul. Ver a planta baixa do tabernáculo nas notas de introdução ao capítulo 26 do livro de Êxodo. A mesa era de madeira, recoberta de ouro puro, e era sempre mantida limpa e brilhante (ver Êxo. 25.24).

Perante o Senhor. Ou seja, em um lugar conspícuo no Lugar Santo, onde os pães estariam sempre diante da presença de Yahweh (ver Núm. 4.7). Algumas versões dizem, em Exo. 25.30, "pães de sua [de Deus] presença". Assim sendo, o povo de Israel estava sempre diante de Yahweh, preparado para receber o suprimento divino e a nutrição espiritual, simbolizados pelos pães.

Tipologia. Nutrição espiritual; os cuidados do Senhor; Jesus como o Pão da vida (João 6.32 ss.). Ver também, no *Dicionário,* os artigos intitulados *Maná* e *Pão.* Ver na *Enciclopédia de Bíblia, Teologia e Filosofia* os artigos *Pão da Vida, Jesus como.*

Os doze pães da proposição representavam a unidade nacional de Israel, e, nessa unidade, o beneficiário das bênçãos divinas. Ver I Reis 18.31,32. Originalmente, o simbolismo era o *oferecimento dos pães a Yahweh,* como uma expressão de agradecimento pelo contínuo suprimento divino. Ver Núm. 4.7; Lev. 24.5-9; I Crô. 9.32; Mat. 12.4. Pão (alimento) era oferecido a Yahweh. Ver notas expositivas sobre esse conceito em Lev. 21.6,8,17,21.

24.7

Porás incenso puro. Na verdade, o incenso era posto ao lado dos pães, e não sobre eles. Os eruditos debatem sobre a localização exata da mesa dos pães da proposição, onde o incenso puro também era posto. Talvez uma taça fosse posta no fim de uma das fileiras de pães, e outra taça posta na outra extremidade (ou pilha, conforme alguns pensam). Talvez o incenso fosse posto entre as duas fileiras de pães. Essa, pelo menos, era a prática que prevalecia nos dias do segundo templo. Mais tarde, esse incenso era queimado sobre o altar, como porção memorial (ver Lev. 2.2,9-16). Misturado com farinha de trigo e azeite, o incenso exalava um *aroma agradável* que agradava a Yahweh (ver Lev. 1.9; 29.18). Os pães eram comidos pelos sacerdotes, e novos pães eram colocados, a cada semana, sobre a mesa dos pães da proposição. O incenso era oferecido a Yahweh; os pães iam para os sacerdotes. "Desse modo, as orações dos filhos de Israel eram apresentadas em agradecida lembrança diante do Senhor (ver Lev. 2.2)" (Ellicott, *in loc.*).

24.8

O pão também simbolizava o *pacto* estabelecido entre Yahweh e Israel. A palavra pacto provavelmente tenciona incluir o *pacto abraâmico* (ver as notas a respeito em Gên. 15.18) e o *pacto mosaico* (ver as notas na introdução ao capítulo 26 de Êxodo). Israel era o povo do pacto com Deus, e a mesa e seus pães serviam de lembrete desse fato. Houve uma contínua renovação; os antigos pães tornavam-se uma provisão alimentar para os sacerdotes; e o incenso era queimado na presença de Yahweh. Portanto, havia comunhão e interação, onde cada qual desempenhava seu papel e cada qual recebia a sua parte. A semana toda, os pães eram oferecidos a Yahweh, expostos na presença do Senhor. Os pães recentes eram dispostos sobre a mesa, enquanto os antigos eram tirados, para que a mesa nunca estivesse sem pães. Vários sacerdotes se ocupavam nesse ato, ao mesmo tempo. Ver Êxo. 25.30.

Da parte dos filhos de Israel. Em outras palavras, o povo precisava doar esses itens como oferendas. E outro tanto sucedia no caso de vários outros itens usados no tabernáculo. As próprias ofertas, o sal para os sacrifícios, a lenha, o incenso, os pães, a novilha vermelha etc. Nos dias do segundo templo, as taxas cobradas do povo (ver Êxo. 30.11-16) serviam para manter os ritos e o sacerdócio. Os israelitas doavam de seus rendimentos; e o povo, por sua vez, recebia bênçãos espirituais. O *segredo* do suprimento consiste em *dar.* Conforme alguém já disse: "Ninguém pode dar demais a Deus, pois Ele devolve tudo".

Por aliança perpétua. Um dos aspectos de serem os israelitas o povo em pacto com Deus era que a eles cabia manter o tabernáculo e seu sacerdócio.

24.9

Durante toda uma semana, os pães da proposição ficavam na presença de Yahweh como uma oferta de pão. Cf. Lev. 21.6,8,17,21. Porém, no fim da semana, esses pães tornavam-se uma provisão alimentar para os sacerdotes. Esses pães precisavam ser consumidos no Lugar Santo, e não fora daí, pois o pão era *santo* e não podia ser profanado com contatos externos de qualquer espécie. Paralelamente, o incenso era queimado a Yahweh, quando os pães fossem consumidos (vs. 7). As palavras "cousa santíssima" apontam para aqueles tipos de oferendas que revertiam em benefício dos sacerdotes e só podiam ser consumidos dentro dos limites do tabernáculo. Ver sobre coisas "santas" e "santíssimas," nas notas sobre Lev. 2.3.

Como direito perpétuo. Os hebreus não esperavam que chegasse um tempo em que todos esses ritos do tabernáculo, incluindo aqueles referentes aos pães da proposição, chegassem ao fim. Ver as notas acerca desse conceito em Êxo. 29.42 e 31.16.

Oito diferentes porções eram dadas aos sacerdotes, dentre as oferendas que lhes eram entregues nas mãos:

1. O remanescente das ofertas em forma de cereais (Lev. 2.3)
2. A carne das ofertas pelo pecado (Lev. 6.26)
3. A carne das ofertas pela transgressão (Lev. 7.6)
4. O azeite para as ofertas de cereais (Lev. 14.10)
5. Um molho das primícias (Lev. 23.10,11)
6. As ofertas pacíficas (Lev. 3; 7.11-36)
7. Os doze pães (Lev. 24.8)
8. Os pães da proposição (Lev. 24.9).

Pena para o Pecado de Blasfêmia (24.10-23)

Esses catorze versículos apresentam um caso simbólico de blasfêmia, juntamente com a punição merecida. Deve ter havido muitos casos similares, mas um deles se tornou sobejamente conhecido na história de Israel. Teve lugar durante os dias de Moisés, sendo provável que em Israel todos o conhecessem bem. Por isso mesmo, tornou-se um *relato para servir de exemplo* acerca das coisas que não podiam ser feitas pelos que pertenciam ao povo em relação de pacto com Deus. Sua inserção, neste ponto, serve de lembrete de que as leis levíticas eram uma questão séria, e qualquer infração contra elas resultava em execução. O

nome do indivíduo culpado não é mencionado, mas o seu *ato* não passou esquecido. O homem havia ousado blasfemar do grande nome de Yahweh — o *Tetragrammaton*. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Tetragrama*. As quatro consoantes (o alfabeto dos hebreus não dispunha de vogais) eram YHWH. Posteriormente, nenhum judeu ousava pronunciar esse nome, e muito menos blasfemar contra ele. Quando eu era estudante já formado, na Universidade de Chicago, nas aulas de hebraico, quando se lia o texto do Antigo Testamento, nenhum estudante judeu pronunciava o nome *Yahweh*, nem mesmo *Elohim*. E quando surgiam no texto, eles pronunciavam Yahweh como "Adonai", ao passo que Elohim eles pronunciavam como "Elokim". Ver no *Dicionário* o artigo intitulado *Deus, Nomes Bíblicos de*.

24.10

Apareceu entre os filhos de Israel. Quanto às maldições contra Deus, ver as notas sobre Êxo. 20.7 e 22.28. O homem envolvido não era israelita puro, e, sim, filho de mulher israelita e pai egípcio. No entanto, parece que fora criado como hebreu, razão pela qual era responsável por seus atos, de acordo com a legislação mosaica. Há lendas que cercam este texto, como aquela que identifica o homem como filho daquele egípcio que Moisés teria morto (ver Êxo. 2.12). Juntamente com sua mulher hebréia, ele teria participado do êxodo. Porém, quem pode ter certeza dessas coisas? Talvez ele se tenha convertido ao yahwismo. Rebentou uma desavença entre esse homem e um hebreu, embora não saibamos o "motivo" do desentendimento. Há fontes judaicas que especulam que a questão girou em torno da guarda de preceitos levíticos, mas tudo não passa de especulação. Outros pensam que a questão foi acerca de negócios, ou, então, acerca dos direitos dos "estrangeiros", pois quiçá o egípcio-israelita fosse assim considerado. As tradições afirmam que a mãe do homem pertencia à tribo de Dã, e a disputa entre ele e o hebreu puro dizia respeito aos direitos de estrangeiros naquele território de armar suas tendas e compartilhar a terra. Talvez o seu direito de assim fazer estivesse sendo negado devido ao fato de que seu pai é que era estrangeiro, e não sua mãe. Se assim fosse, isso quereria dizer que o homem não teria nenhum direito em Israel, pois então os israelitas ainda seguiam a noção patriarcal, e não matriarcal, conforme se dá hoje em dia; pois a partir da época de Esdras e Neemias (que só aconteceu muitos séculos mais tarde que este episódio), passou a ser considerado israelita aquele que tivesse mãe israelita. Antes de Esdras e Neemias, porém, era considerado israelita quem tivesse pai israelita. A blasfêmia contra Yahweh, pois, teria sido causada por ele não aceitar as injunções levíticas, inspiradas por Yahweh. Quanto às razões do desentendimento, contudo, não temos nenhuma informação bíblica, e as tradições usualmente laboram em erro.

24.11

Blasfemou o nome do Senhor. O original hebraico diz apenas "blasfemou o nome". Os comentadores judeus também não se atrevem a dizer qual o nome, se Elohim, se Adonai ou se Yahweh. Havia vários nomes dados a Deus, cada qual destacando alguma qualidade divina, mas pelo menos os estudiosos judeus sugeriram que poderia ser o tetragrama YHWH. Ver as notas de introdução ao versículo anterior, quanto a uma discussão sobre a reverência em que o nome divino, Yahweh, era tido.

Também é possível que, subseqüentemente, escribas judeus tivessem temido identificar o nome divino em pauta. Pois posteriormente o termo "o Nome" passou a ser usado para substituir Yahweh, por motivo de reverência ou de temor. Proferir o nome secreto poderia trazer o julgamento divino contra quem assim fizesse.

E o amaldiçoou. Ver no *Dicionário* o artigo intitulado *Blasfêmia*, onde se explica o que estava envolvido nesse grave pecado.

Selomite. Esse era o nome da mãe do blasfemador. Há *sete* pessoas com esse nome que são mencionadas na Bíblia. No hebraico, esse nome significa "pacífica", "perfeita", "completa". A mulher era hebréia, mas casara-se com um egípcio. Não há nenhuma outra informação sobre ela na Bíblia, pelo que sobre ela só sabemos o que este texto diz. As tradições nada acrescentam de valor. Ela pertencia à tribo de Dã, e talvez a disputa tenha girado em torno do direito de estrangeiros naquela tribo, conforme já foi dito no versículo anterior.

Dibri. Esse era o nome do pai da mulher em questão. O nome significa "palavroso", indicando que ele era homem que falava muito. Coisa alguma se sabe sobre esse homem além do que se pode deduzir do texto; e as tradições nada acrescentam de valor.

Da **tribo de Dã.** Ver sobre essa tribo no *Dicionário*.

24.12

E o levaram à prisão. Os líderes de Israel puseram o homem sob custódia, até que se resolvesse, mediante instrução dada pelo Senhor, sobre o que fariam acerca do caso. Não há que duvidar de que alguns argumentaram de um modo, e outros de outro, e que várias sugestões tenham sido feitas. Mas todos estavam em dúvida sobre o acontecido e ninguém chegava a uma conclusão. Foi preciso que o próprio Yahweh se manifestasse (vs. 13), a fim de que o caso fosse decidido. O homem tinha quebrado o terceiro mandamento (ver Êxo. 20.7), e algum juízo severo teria de ser aplicado. O homem não somente havia proferido o Nome, mas também tinha abusado dele, amaldiçoando ao Senhor por Suas alegadas leis injustas. Talvez algumas dúvidas tivessem sido levantadas sobre a responsabilidade do homem diante da lei, sendo ele uma espécie de estrangeiro. Talvez tivesse sido espancado ou exilado. Moisés não sabia o que fazer, e precisou esperar pela orientação especial de Yahweh. Tal indecisão só foi manifestada por Moisés por *quatro* vezes. Ver aqui e Núm. 9.6-14; 15.32-36 e 27.1-11.

Algumas vezes, envolvemo-nos em circunstâncias que apresentam problemas que não sabemos como solucionar. Precisamos de iluminação, tal como sucedeu com Moisés, mas por muito mais vezes do que se deu no caso dele, sem dúvida. De outras vezes, as *circunstâncias* indicam como devemos decidir as questões. E, ainda de outras vezes, precisamos de orientação e suprimentos *divinos*, diretos. Oh, Senhor, concede-nos tal graça! Ver no *Dicionário* o artigo intitulado *Vontade de Deus, como Descobri-la*.

24.13

Disse o Senhor. Usualmente, essa expressão é usada no Pentateuco para introduzir materiais novos. Mas não foi essa a razão de seu uso, neste caso. Antes, em resposta às orações de Moisés, pedindo informação sobre um caso dificílimo, Yahweh falou e lhe deu uma iluminação direta. A sentença era punição capital (vs. 14). O pobre indivíduo serviria de *exemplo* de como não se deve agir. Não somos informados sobre como Moisés buscou a resposta divina. Mas pode ter sido por meio do Urim e do Tumim (ver a respeito no *Dicionário*). A resposta pode ter sido dada mediante uma visão, porquanto Moisés era homem de experiências míticas freqüentes.

24.14

A mensagem recebida declarava que o homem era digno de punição capital. Era responsável pela sua blasfêmia. O fato dele ser um semi-estrangeiro não conseguiu poupar-lhe a vida. Deveria ser apedrejado publicamente, um exemplo de como os israelitas não podiam agir. Não se podia blasfemar o Nome sagrado. A quebra do terceiro mandamento, pois, importava em punição capital (ver Êxo. 20.7); e esse precedente passou a vigorar desde então. Ver no *Dicionário* o artigo intitulado *Apedrejamento*.

Testemunhas foram chamadas para testificar contra ele, e impuseram-lhe as mãos, pronunciando-o culpado. Maimônides (*Hilchot Obede Cochabim*, cap. 2, sec. 10) informou-nos que a imposição de mãos sobre um acusado só ocorria em casos de blasfêmia. A palavra *todos*, que figura no versículo, mui provavelmente indica que os juízes também impuseram as mãos sobre o cupado.

Representantes da congregação apedrejaram o homem. A justiça foi feita prontamente. Foi constituído um tribunal, mas o réu não teve de esperar meses ou mesmo anos, conforme sucede em nosso moderno sistema judiciário. Cf. Lev. 20.12, onde lemos que um crime diferente foi punido por apedrejamento. Ver o gráfico na introdução ao capítulo 18 de Levítico, quanto aos vários modos de execução.

24.15

Qualquer que. . . O episódio transformou-se em *regra geral*. Tornou-se um precedente. Desde então, quem blasfemasse em Israel "levaria sobre si o seu pecado", sendo executado conforme determinasse a lei. No caso de blasfêmia, por apedrejamento. O caso também proveu uma *lei generalizada*. Todas as infrações da legislação mosaica seriam severamente punidas. Regras generalizadas produziram a execução por causa de diversos crimes (ver os vss. 17 ss.). Já pudemos ver, no capítulo 18 de Levítico, como vários modos de execução foram empregados, e isso por vários crimes, especialmente formas de incesto. A regra geral incluía *estrangeiros* (vs. 16).

O seu Deus. Essas palavras poderiam ter sido traduzidas como "o seu deus". Nesse caso, os pagãos que blasfemassem o nome de seus deuses falsos seriam executados por seus próprios povos, pois, presumivelmente, quem poderia confiar em um homem blasfemo? Ver as notas sobre o vs. 16 deste capítulo.

24.16

Este versículo fornece-nos informações adicionais sobre a *lei da blasfêmia* (vs. 15). A morte era efetuada por meio de *apedrejamento* (ver a esse respeito no *Dicionário*). O culpado deveria ser executado por toda a congregação, e não por

particulares. Também teria de haver o respaldo de testemunhas (vs. 14). Um *estrangeiro* não estava isento dessa lei. Devemos entender aqui qualquer estrangeiro que estivesse jornadeando em companhia do povo de Israel, e não somente um prosélito que tivesse aceitado o yahwismo. Ninguém, dentro das fronteiras de Israel, poderia escapar com vida, se chegasse a blasfemar do Senhor. Nenhum culpado desse crime poderia esperar misericórdia. A blasfêmia era um crime punido com o máximo rigor.

Alguns estudiosos supõem que um pagão que blasfemasse de seu deus (vs. 15) também seria executado por seus compatriotas; mas essa execução deveria ser encorajada pelos filhos de Israel. Porém, não há um único caso confirmatório em toda a história de Israel. A base dessa idéia é que não se podia confiar em um blasfemo, mesmo que fosse de deuses falsos. Em outras palavras, quem blasfemasse, mesmo que fosse de deuses falsos, seria um homem maligno, sem importar que deus fosse esse. É provável que, por causa da severidade da lei da blasfêmia, os hebreus temessem até mesmo proferir o nome divino.

24.17

Os vss. 17-21 nos fornecem vários atos errados e suas respectivas punições. Algumas vezes isso envolvia punição capital e, outras vezes, não. Esses versículos agem tanto como instruções sobre *o que fazer* como também instruções sobre *o que não fazer.* Nem todos os crimes podiam ser castigados mediante execução. Mas deveria haver uma justa *retaliação.* O autor sagrado não estava interessado em reformar a natureza dos julgamentos. O que ele quis dar a entender era que os crimes devem receber uma justa retaliação. Naturalmente, os conceitos ficam aquém daqueles ensinados no Novo Testamento, como se vê no Sermão da Montanha, onde está envolvida uma ética superior. Todavia, a legislação levítica mostra superioridade em relação à jurisprudência refletida no Cântico de Lameque (Gên. 4.23,24). Mas estes cinco versículos não tocam na adição de uma *quinta parte,* conforme se vê em Lev. 5.15,16, sendo bem possível que isso reflita uma diferente fonte informativa sobre leis de retaliação.

Quem matar a alguém. Ver Êxo. 20.13, o sexto mandamento, que requeria a execução capital do ofensor. Ver as notas na referência dada. Minhas notas dali discutem possíveis exceções. Ver no *Dicionário* o artigo *Punição Capital.* Ver também Gên. 9.6. A interpretação judaica posterior requeria que um israelita só fosse executado se tivesse morto a outro israelita; mas isso já representa uma perversão da legislação original.

24.18

Igual por igual. Temos aqui o ensino de que, se alguém matasse um animal, deveria devolver outro. Ou, então, teria de pagar o prejuízo de acordo com um preço justo. O trecho de Êxo. 21.31 ss. reflete uma legislação diferente, que levava em conta casos variegados que porventura surgissem.

24.19

Como ele fez, assim lhe será feito. Um homem poderia ferir a outro homem, sem que necessariamente lhe tirasse a vida. E a punição seria um ferimento similar. O revide não poderia chegar a ponto do assassínio, conforme fez Lameque (ver Gên. 4.23,24). Ver Êxo. 21.18,19 quanto a uma legislação parecida. O versículo seguinte a este amplia as estipulações do presente versículo.

24.20

Fratura por fratura, olho por olho, dente por dente. Temos aqui uma versão precisa da *Lex Talionis* (ver a respeito no *Dicionário*). No trecho de Êxo. 21.24,25 achamos idêntica regra, embora com uma lista levemente diferente de injúrias que poderiam ser infligidas. As notas naqueles versículos também se aplicam aqui. Era requerida uma satisfação absoluta, e as leis precisavam ser interpretadas de outras maneiras, impondo outros castigos, como multas etc.

24.21

Este versículo repete as mensagens constantes nos vss. 17 e 18, sem nenhuma idéia adicional. A repetição é uma das características literárias do autor sagrado do Pentateuco; e achamos esse fenômeno literário em cada capítulo desses cinco livros.

24.22

Uma e a mesma lei. A legislação mosaica era considerada uma só, obrigatória tanto para israelitas quanto para estrangeiros residentes em Israel. Neste caso, residentes são os convertidos ao yahwismo. Mas noutros casos (como no episódio referente à blasfêmia, vss. 14 ss.), está em pauta qualquer um que estivesse jornadeando na Terra Prometida, mesmo que não fosse um prosélito. O vs. 15 deste capítulo é interpretado dessa maneira por alguns estudiosos.

Eu sou o Senhor vosso Deus. Essa expressão é muito comum no *Código de Santidade* (Lev. 17-26 e a introdução ao capítulo 17 deste livro). Trata-se de uma característica literária daquele Código, reforçando e solenizando uma declaração qualquer. Ver as notas sobre isso em Lev. 18.30.

24.23

O autor sagrado, *querendo fazer uma recapitulação,* leva-nos de volta ao caso do homem que havia blasfemado, um episódio que começou a ser historiado no vs. 10 deste capítulo. O autor sagrado havia interrompido o relato, a fim de oferecer-nos uma série de leis que pertenciam à classe da *lex talionis,* retaliação olho por olho, dente por dente. Ver sobre esse termo no *Dicionário.* Ele nos diz que a sentença, dada diretamente por Yahweh (vss. 13 e 14), foi executada. Embora fosse uma tarefa desagradável, os filhos de Israel executaram a sentença, em obediência a Yahweh. Moisés era o *mediador* entre Deus e o povo de Israel, o que também vemos no vs. 13 deste capítulo. Essa lei, que estipulava a "execução dos blasfemos", tornou-se universal, sendo aplicada tanto aos filhos de Israel quanto aos estrangeiros (ver Lev. 24.15,16).

Capítulo Vinte e Cinco

Direções sobre a Terra (25.1-55)

O Ano Sabático (25.1-7)

O *Código de Santidade* (Lev. 17-26) continua. Ver sobre esse código na introdução ao capítulo 17. Alguns estudiosos supõem que tenhamos aqui uma fonte separada do Pentateuco. Ver no *Dicionário* o artigo *J.E.D.P.(S.)* quanto à teoria das fontes informativas múltiplas do Pentateuco. Cf. Lev. 25.1-7,20-22 com Êxo. 22.10,11. Esses textos apresentam a lei do ano sabático. Os vss. 8-23 deste capítulo apresentam algo similar, sobre o ano do jubileu, uma espécie de ano de descanso a cada cinqüenta anos.

O resto do capítulo parte daí para outros assuntos, como a redenção de terras (vss. 24-34), a proibição de cobrar juros dos pobres (vss. 35-38), leis concernentes à escravatura (vss. 39-55). Conforme se vê por todo o livro de Levítico, temos *muitas repetições* de materiais já dados em outros lugares, o que era uma característica literária do autor.

De modo geral, as várias leis baixadas neste capítulo tinham o propósito de controlar a exploração de terras e em favor de várias classes de pessoas. A possessão de terras é uma bênção dada por Deus; e os abusos contra as terras deviam ser evitados.

Tal como os israelitas deviam trabalhar seis dias por semana e descansar no sétimo dia, assim também a terra podia ser lavrada por seis anos e então descansar no sétimo ano. A produção espontânea de terras podia ser consumida por qualquer um, e não somente pelos proprietários, visto que isso era um caso de provisão divina universal. O ano sabático fazia cessar todas as atividades agrícolas normais. Por isso, era mister prover algo para o sétimo ano, com base na produção agrícola dos anos anteriores. *Cientificamente,* esse modo de proceder permitia que a terra recuperasse seus poderes produtivos. Não sabemos dizer se os hebreus compreendiam o valor desse método, ou não. Mas essa lei também era uma questão *teológica,* pois aplicava o descanso tanto às pessoas quanto às terras de plantio, visando a honra de Yahweh, o Criador, que também "descansou" de Sua criação (ver Gên. 2.2,3).

25.1

Disse o Senhor. Essa expressão é usada com freqüência no Pentateuco. Ela geralmente introduz novos materiais. Mas também nos faz lembrar da realidade da inspiração divina das Escrituras. Para completas notas expositivas examinar Lev. 1.1 e 4.1.

No monte Sinai. Ver no *Dicionário* sobre esse monte. Foi ali que se transmitiu a essência da substância original da revelação mosaica e que a lei e seus muitos preceitos e estatutos foram dados. Também foi ali que o povo de Deus prometeu obedecer às provisões do pacto mosaico (ver as notas na introdução ao capítulo 19 de Êxodo). Ver também Lev. 26.46.

25.2

Fórmulas de Comunicação. Moisés era o mediador entre Yahweh e o povo de Israel. Algumas vezes Moisés transmitia as mensagens divinas a Arão; de outras vezes a Arão e seus filhos; e ainda de outras vezes, como ocorre neste caso, ele se dirigia à congregação inteira do povo de Israel, talvez representada pelos sacerdotes. Há *oito* fórmulas de comunicação no Pentateuco. Ver as notas expositivas a esse respeito em Lev. 17.2.

Quando entrardes na terra. Ou seja, depois de o povo de Israel terminar suas vagueações pelo deserto, e depois de conquistar a Terra Prometida, tendo expulsado os vários povos que ali habitavam antes de Israel chegar. Essa estipulação fazia parte do *pacto abraâmico,* cujas notas expositivas figuram em Gên. 15.18. Naquele tempo, certas leis agrícolas tiveram de entrar em vigor. Uma delas era a *lei do sábado.* A cada sete anos, as terras precisavam ser deixadas sem nenhum cultivo. Como é óbvio, era preciso armazenar provisão de boca para o sétimo ano. Já pudemos ver isso em Êxo. 23.10,11, onde forneço notas detalhadas, pelo que não tenho de repeti-las aqui. A terra pertence a Deus, e não ao homem. O homem apenas a usa por algum tempo. A terra merece nossa atenção e cuidados. A terra não pode ser explorada de modo errado. O costume de permitir que a terra fique sem cultivo por algum tempo se encontra em muitos povos. Nas notas sobre Êxo. 23.10,11, apresento *razões* possíveis para essa lei, além da razão teológica.

Talvez bem no começo, a lei possa ter tido uma base parcial sobre a idéia de que os deuses dos campos e das terras tinham de ser apaziguados deixando-se os campos descansar. Ver Lev. 19.23-25. O descanso das terras reteve propósitos *teológicos;* pois o propósito de Deus era exatamente esse, visto que a terra inteira Lhe pertence, merecendo um período de descanso, conforme se dá também com as pessoas. Mas as superstições antigas provavelmente já haviam sido descontinuadas nos dias de Moisés.

As autoridades informam-nos que nos dias do segundo templo a lei do descanso de terras foi instituída no vigésimo primeiro ano depois que Israel conquistou a Terra Prometida. Havia três ciclos de sete anos: a. A conquista ocupou sete anos (ver Jos. 14.10); b. a divisão de territórios entre as doze tribos também precisou de sete anos (Jos. 18.1); c. e, então, Israel habitou na Terra Prometida por sete anos, e o sétimo desses anos tornou-se o primeiro ano sabático (vs.4).

25.3

Seis anos semearás o teu campo. O sexto ano de plantio foi abençoado de modo especial por Yahweh, para que a terra pudesse descansar no sétimo ano, sem que houvesse escassez de alimentos (ver o vs. 21), para que naquele ano as plantações pudessem produzir o equivalente a três anos. Destarte, Israel recebeu uma promessa de bênção e prosperidade especial, embora isso não deixasse de requerer responsabilidade da parte dos filhos de Israel.

Toda Forma de Atividade Agrícola. O plantio deveria proceder durante seis anos. Era mister a diligência. O armazenamento de cereais podia começar desde antes, mas a produção do sexto ano seria tão abundante que isso permitiria que a terra descansasse no sétimo ano, sem que houvesse escassez de alimentos (ver o vs. 21). Somente os diligentes merecem descanso.

Não há lugar na civilização para os ociosos.
Nenhum de nós tem direito ao lazer.

(Henry Ford)

Nada fazer é a coisa mais difícil do mundo.

(Oscar Wilde)

Ausência de ocupação
não é descanso;
Uma mente vazia é uma
mente agoniada.

(William Cowper)

25.4

No sétimo ano haverá sábado de descanso solene. Nenhum tipo de atividade agrícola era permitido no sétimo ano. Ver notas completas sobre isso no vs. 2 deste capítulo 25.

"Parece que a terra deixada inculta por um ano na Palestina não produziria uma safra *plena* enquanto não tiver sido arada por *dois* anos sucessivos. E assim, por dois anos após um ano sabático, a produção de cereais não era suficiente. E como podiam então sobreviver os filhos de Israel? Uma colheita *abundante* foi prometida no ano anterior ao ano sabático, uma colheita suficiente para *três anos* (vs. 21)" (Nathaniei Micklem, *in loc.*).

Para reforçar a lei, instrumentos agrícolas não podiam ser vendidos durante o ano sabático das terras (Mishnah, *Sheviith,* cap. 5, sec. 6). Além disso, animais usados para puxar o arado não eram vendidos, a fim de desencorajar mais ainda o plantio naquele ano. Ademais, ninguém tinha permissão de plantar árvores, de podá-las, de exterminar insetos, ou fazer qualquer outra atividade ligada à agricultura. Os ofensores eram severamente castigados com açoites.

25.5,6

Havia uma Produção Automática. Alguma produção ocorria espontaneamente, pois alguma semente já estaria no solo, deixada do ano anterior, que acabava germinando. O que o solo produzisse dessa maneira pertencia aos pobres e aos animais dos campos, e do que os proprietários das terras também poderiam compartilhar. Quanto a isso, ver também Êxo. 23.10. Mas os proprietários das terras não podiam fazer uma colheita normal, a fim de que os pobres tivessem acesso ao que fosse produzido espontaneamente. Fica entendido que no sétimo ano haveria uma produção de cereais suficiente para o proprietário, para os seus escravos, para os trabalhadores contratados, para os estrangeiros e para os pobres, como até mesmo para os animais do campo. E não nos esqueçamos de que também haveria a produção do sexto ano, que havia sido armazenada (vs. 21).

As leis referentes aos dias do segundo templo falavam especificamente sobre um consumo direto, proibindo qualquer armazenamento. Além disso, vender essa produção automática era algo proibido. Essa produção ficava nos campos, à disposição de qualquer um. Ver a Mishnah (*Maimônides* e *Bartenora*) que apresenta comentários sobre este texto.

Tipologia. A produção do sétimo ano pertencia a Yahweh, o verdadeiro proprietário de todas as terras; e aquilo que medrasse espontaneamente era *para todos,* até mesmo para os estrangeiros. E isso fala da absoluta e gratuita provisão da salvação para todos os seres humanos, em Cristo, porquanto é para "todo o que nele crê" (João 3.16).

25.7

Os próprios animais participavam da produção espontânea do sétimo ano, algo que também já foi dito em Êxo. 23.10. Por conseguinte, Deus interessa-se até mesmo pelos irracionais (ver Jon. 4.11). O *gado* (os animais domesticados) e os *animais que estão na sua terra* (os animais selvagens) podiam compartilhar dessa produção do sétimo ano. Posteriormente, a lei concernente aos animais passou a ser tão estritamente observada que, se parecesse que eles estavam famintos, os homens eram forçados a dar-lhes comida retirada de seus armazéns (Maimônides, *Hilchot, Shemitah, Vejobel,* 7, sec. 1).

Como uma medida humanitária adicional, as dívidas eram perdoadas nesse sétimo ano. Ver Deu. 15.1-3. Aos escravos dava-se liberdade (ver Deu. 15.12 ss.). E nos dias do segundo templo, a data oficial do começo do ano sabático correspondia ao primeiro dia do mês de tishri, que também era o começo do ano civil, o dia do Ano Novo, de acordo com a nossa terminologia. Eram lidas certas porções da lei (ver Deu. 31.10-13), como um gatilho que anunciava o começo do ano sabático. No fim do ano sabático, o sumo sacerdote entregava ao rei a lei mosaica, e o monarca lia certas porções, nada menos que sete delas, todas extraídas do livro de Deuteronômio: 1. 1.1-6.3; 2. 6.4-8; 3. 11.13-22; 4. 14.22-15.23; 5. 16.12-19; 6. 17.14-20; 7. 27.1-28.68. Ato contínuo, o rei proferia as mesmas bênçãos que haviam sido ditas pelo sumo sacerdote. E, então, o povo podia voltar aos seus campos de plantio, a fim de iniciar seu trabalho de cultivo do solo.

Pelo menos em um ano em cada sete, os pobres se sentiam em pé de igualdade com os que eram mais abastados, pois podiam valer-se da produção espontânea dos campos.

O Ano de Jubileu (25.8-22)

Provi um mui detalhado artigo no *Dicionário,* chamado *Jubileu, Ano do.* Esse artigo reúne todos os textos bíblicos e todas as informações históricas que dizem respeito a esse evento. Por causa disso, os comentários que se seguem são abreviados.

O Ano de Jubileu. Esse ano não é mencionado na Bíblia fora do Pentateuco. Há estudiosos que pensam que o ano de jubileu nunca foi posto eficazmente em operação. Outros, porém, supõem que não continue a ser mencionado em outros livros da Bíblia, porque passou a funcionar normalmente. Mas sabemos que Israel falhou, não observando os *anos sabáticos* (Lev. 26.34,35; II Crô. 36.20,21), sendo facilmente possível que o ano de jubileu tenha sido descontinuado em Israel devido à ganância de homens ambiciosos.

A palavra *jubileu* vem do vocábulo hebraico *yobhel*, que significa um chifre de carneiro, ou, então, o som produzido por um desses chifres, usado como trombeta. O sonido proclamava a jubilosa ocasião do ano do jubileu, com suas provisões humanitárias. Não achamos nenhuma menção a esse ano nos livros de Êxodo e de Deuteronômio, pelo que alguns eruditos têm posto em dúvida a sua antiguidade, por esse motivo. Por outra parte, o hábito que tinha o autor sagrado de reiterar não se estendia a todos os assuntos, mas somente a alguns.

Todos os cidadãos de Israel eram "estrangeiros e peregrinos" na Terra Prometida", a qual pertencia a Yahweh (vs. 23). Portanto, certos acontecimentos que criavam dificuldades não podiam perdurar para sempre. E por isso, havia na lei provisão para certo tipo de libertação generalizada: os escravos eram postos em liberdade; as dívidas eram canceladas; os empréstimos eram dispensados e as terras eram devolvidas a seus donos originais. Toda forma de situação opressiva, que se acumulara por cinco décadas, de súbito era anulada.

Os Setes. Segundo a analogia do descanso *semanal* do *último* dia da semana, cada sétimo ano (ver Lev. 25.1-7) foi designado como um período de descanso para as terras agricultáveis. Um *sábado de sábados* (quarenta e nove anos) deveria acontecer no ano do jubileu. Portanto, passavam-se cinqüenta anos para que houvesse um *novo ano de jubileu.* Naquele qüinquagésimo ano, pois, ocorria o seguinte:

1. O solo era deixado sem cultivo.
2. As terras eram devolvidas a seus proprietários anteriores.
3. Os escravos hebreus eram postos em liberdade.

Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Número (Numeral, Numerologia),* quanto ao simbolismo do número *sete.*

Tipologia. Ver completas explicações na oitava seção do artigo intitulado *Jubileu, Ano do.*

25.8

A Regra Geral. Sete anos, repetidos por sete vezes, levavam ao ano qüinquagésimo, o *Jubileu.* Ver as notas de introdução, acima, quanto às provisões e significados dessa instituição.

"Ao Senhor pertence a terra e tudo o que nela se contém" (Sal. 24.1). E assim, no ano do jubileu, eram descontinuadas condições opressivas que se tinham desenvolvido. Ver sob o título *Os Setes, na introdução acima, quanto às* provisões principais. "Os sete dias de cada semana correspondem a esse mesmo número de *anos,* pelo que as *sete semanas de anos formavam quarenta e nove* anos. . . A observância do jubileu, tal como a do ano sabático, só entraria em vigor quando os israelitas se tivessem apossado da Terra Prometida (ver o vs. 2); e, de acordo com certas autoridades, o primeiro ano sabático só ocorreu depois que os filhos de Israel já tinham conquistado a terra de Canaã fazia vinte e um anos (vs. 2). Isso posto, o primeiro Jubileu foi celebrado sessenta e quatro anos depois que Israel estava na Terra Prometida" (Ellicott, *in loc.*).

Os vss. 10 e 11 deste capítulo mostram que o ano do jubileu foi celebrado no qüinquagésimo ano, um ano depois de se terem passado quarenta e nove anos. O tempo, ao que tudo indica, começou a ser contado no primeiro dia do sétimo mês, tishri, ou seja, no dia do Ano Novo, visto que esse mês assinalava o começo do calendário civil. E o sonido de uma trombeta, no décimo dia, o dia da expiação, anunciou oficialmente esse período.

25.9

O ano havia começado no primeiro dia do mês de tishri, o dia do Ano Novo (ano civil), mas o anúncio oficial só ocorreu no décimo dia daquele mês (o sétimo mês do calendário religioso), mediante o sonido da *trombeta* (em hebraico, o *yobhel,* de onde proveio, mediante transliteração, a palavra portuguesa "jubileu"). Na passagem da Septuaginta para a Vulgata, e daí para as traduções modernas, chegou no português com essa forma. Essa palavra, em português, significa "júbilo", o que concorda com o espírito do ano do jubileu, quando eram aliviadas condições opressivas. O mês de tishri equivalia, mais ou menos, ao nosso setembro.

O sonido da trombeta ocorria por todo o território de Israel. Sem dúvida era um espetáculo dramático. Podemos ter a certeza de que o ano do jubileu era realmente jubiloso. Vários tipos de *prisioneiros* (por motivo de dívida, de falta de terra, por causa de escravidão), de súbito eram *libertados.*

Maimônides diz-nos que o *sinédrio* (ver a esse respeito no *Dicionário*), o supremo tribunal de Israel, é que ordenava que as trombetas fossem tocadas por todo o país *(Hilchot Shemitah Vejobel,* cap. 10, sec. 10,14).

Tipologia. Condições opressivas eram anuladas no ano do jubileu, tal como Deus Pai perdoa nossos pecados. Ver a seção VIII do artigo chamado *Jubileu, Ano do,* quanto a simbolismo e tipos daquele dia. Estavam envolvidas *libertações* de variegadas classes. Ver João 8.36, que diz: "Se, pois, o Filho vos libertar, verdadeiramente sereis livres".

O *dia da expiação* era um dia de jejum, e não um dia festivo. As pessoas arrependiam-se então de seus pecados. Cerimônias *solenes* tinham lugar, e soavam as trombetas da libertação, e grande júbilo sobrevinha a toda a nação de Israel. Ver no *Dicionário* o artigo intitulado *Dia da Expiação.*

25.10

As palavras-chave aqui são "liberdade" e "jubileu". O ano do jubileu representava uma intervenção divina. Durante quarenta e nove anos os homens, por meio do sistema deles, tinham criado várias formas de servidão econômica, literalmente falando. De súbito, os prisioneiros eram postos em liberdade. O lema do ano era: Liberdade! Propriedades pertencentes à família eram devolvidas aos seus proprietários originais; famílias eram novamente reunidas; escravos hebreus eram libertados; antigas dívidas simplesmente eram riscadas.

As Provisões do Vs. 10:

1. As propriedades de *uma família eram devolvidas* aos seus donos originais. Ver as normas a respeito nos vss. 4-16 e 23-28. As *terras* pertenciam a Yahweh, o qual apenas a dava por empréstimo temporariamente. Era com base nesse princípio que as terras *agrícolas* que fossem vendidas podiam ser recuperadas no ano do jubileu. Uma lei diferente, contudo, era aplicada às *casas* das cidades. Ver os vss. 29 e 30.
2. Os escravos hebreus eram postos em liberdade. Yahweh é o verdadeiro proprietário de todos os homens. Eles não podem ser deixados em estado de escravidão por toda a vida. Há redenção para os seres humanos. Os escravos eram postos em liberdade, em harmonia com o princípio de que nenhum homem é, na realidade, dono de outro homem. Ver no *Dicionário* o artigo intitulado *Escravo, Escravidão.* Ver os vss. 39 e 40 deste capítulo quanto às regras a esse respeito.

Dessa maneira eram preservados os direitos individuais e os direitos de propriedade. Cristo nos deu liberdade (ver Gál. 5.1; João 8.36) da servidão espiritual, a mais daninha forma de escravatura. Ao ser remido, o ser humano retorna à família de Deus (ver II Cor. 6.18; Efé. 1.5; 2.3; Gál. 4.5,6 e João 1.12). O evangelho faz soar a trombeta da liberdade.

25.11

Não semeareis nem segareis. Achamos aqui a lei sobre a agricultura. Temos aqui uma reiteração dos vss. 2-4, o *ano sabático.* O ano do jubileu também era um ano sabático, seguindo as normas de um ano sabático regular. Isso quer dizer que dois longos anos se passavam sem que houvesse nenhuma atividade agrícola. Logo, deveria haver provisão alimentar, de antemão, para que o povo de Israel pudesse enfrentar tão longo período improdutivo.

O quadragésimo nono ano era um ano sabático regular. Então o ano do jubileu era também um ano sabático, após um ano sabático regular — dois anos sabáticos sucessivos. Assim afirmaram Josefo (*Antiq.* iii.12, parte 3), Filo (ii.287-290), além de outros da época do segundo templo. As mesmas regras eram aplicadas a ambos os anos, conforme já foi dito na exposição dos vss. 2-4.

25.12

Haveria uma produção espontânea dos campos plantados, devido a sementes caídas no solo, no ano anterior, o que é salientado neste versículo. Portanto, haveria *algum* suprimento, enquanto o resto do suprimento necessário seria o que tivesse sido armazenado pela previdência determinada na Bíblia. Este versículo, pois, é paralelo aos vss. 5-7 deste capítulo, cujas notas também têm aplicação aqui.

25.13

Este versículo é paralelo ao vs. 10, quanto às suas informações. Um homem que tivesse vendido ou emprestado um terreno agora iria recebê-lo de volta. Ver sob o título *As Provisões. . .* nas notas sobre o vs. 10, primeiro ponto, quanto a completas informações. A Mishnah (*Becorot,* c. 8, sec. 10) e Bartenora dão-nos informações a esse respeito, incluindo a idéia da doação de terras.

25.14

Não oprimas a teu irmão. Onde houver o envolvimento de dinheiro, aí haverá opressão e desonestidade. O ideal para as famílias, em Israel, era manterem suas terras e nunca vendê-las. Mas quando tal venda fosse necessária, as provisões da legislação mosaica precisavam ser seguidas. Essa legislação requeria negócios honestos entre os homens. A lei que tinha aplicação à questão de preços justos nos é dada nos vss. 15 ss. O Targum de Jonathan também menciona bens móveis, e não apenas terras, nas provisões à nossa frente. A expressão *comprares da mão do teu próximo* indicava transações com bens móveis. Ver Maimônides e Bartenora em *Mishnah Bava Metziah,* c. 4, sec. 9.

Santificareis o ano qüinquagésimo e proclamareis liberdade na terra a todos os seus moradores: ano de jubileu vos será.

Levítico 25.10

São estes os estatutos que lhes proporás: se comprares um escravo hebreu, seis anos servirá; mas ao sétimo sairá forro, de graça.

Êxodo 21.1-2

***

LIBERDADE

A causa da liberdade é a causa de Deus.

William Bowles

Nenhum homem é livre se não é senhor de si mesmo.

Epicteto

Ninguém pode ser perfeitamente livre enquanto todos não forem livres.

Herbert Spencer

Nenhum homem é verdadeiramente livre.
É escravo das riquezas, da sorte ou das leis, ou mesmo outras pessoas impedem-no de agir em conformidade com a sua vontade apenas.

Eurípedes

O *próximo* era algum compatriota hebreu. Algumas autoridades vão tão longe que afirmam que não era errado enganar ou oprimir a gentios nas transações e negócios. Mas isso era tirar liberdade ante a ausência de estipulação legal, não sendo uma correta interpretação de leis existentes. Para algumas pessoas, fazer um *bom negócio* significa *enganar* a alguém, comprando algo a preço inferior a seu valor, ou vendendo algo a preço superior a seu valor. Ou, então, se um homem estivesse em necessidade, aproveitar-se da ocasião e comprar algo dele por preço irrisório, prejudicando-o ainda mais. Mas o *homem espiritual* não age desse modo. Mas há muita gente que se considera boa e religiosa, mas que, ao tratar-se de uma negociação qualquer, oprime a seus semelhantes.

25.15,16

O valor das terras era computado de acordo com os valores esperados das colheitas até dois anos antes do ano do jubileu. Logo, o que era realmente vendido era o dinheiro que se poderia esperar razoavelmente que aquelas terras haveriam de produzir, e não a área propriamente dita. Usei aqui a palavra "vendido", mas o que acontecia, de fato, é que um terreno estava sendo "alugado", e isso pelo valor de sua produção. De acordo com a legislação mosaica, a terra pertencia à família à qual havia sido dada. Cada família de Israel contava com alguma terra herdada, conferida por Yahweh. Talvez essa seja a lei agrícola mais justa e mais inteligente que já foi criada.

O valor das terras dependia de quantos anos restassem até o próximo ano do jubileu. Em conseqüência, se um terreno fosse vendido trinta anos antes do próximo ano do jubileu, teria bem mais valor do que se fosse vendido apenas dez anos antes desse mesmo evento. Normas posteriores estipulavam que a terra não podia ser alugada e, então remida, em menos de dois anos. (Ver *Mishnah Eracin*, cap. 9, sec. 1.)

"A Terra Prometida, de acordo com a lei, deveria ser dividida por sortes, em partes iguais, entre os israelitas. Um terreno que fosse possessão de uma família era, portanto, absolutamente inalienável, e para sempre continuava a ser possessão da família em pauta" (Ellicott, *in loc.*). Ver as notas sobre o vs. 27 deste capítulo quanto a um *exemplo* de como funcionava essa lei.

Os cálculos acerca do valor de um terreno não incluíam os anos sabáticos, quando não se permitia nenhum plantio. Nenhuma terra podia ser arrendada, a menos que houvesse ainda *dois anos produtivos* até o ano do jubileu. Isso posto, o valor de uma terra era *proporcional* à produção esperada, e não absoluto.

25.17

Não oprimais. Não poderia mesmo haver opressão se as normas determinadas nos vss. 15 e 16 fossem seguidas com honestidade. Se houvesse algum *erro de cálculo*, ou se a produção mostrasse ser maior ou menor do que se havia esperado, então tinham de ser feitos os ajustes necessários, ou em favor do vendedor ou em favor do comprador. Este versículo repete a mensagem do vs. 14 contra a opressão, mas acrescenta a solene declaração *Eu sou o Senhor vosso Deus*. Essa expressão é de uso freqüente no chamado *Código de Santidade* (ver as notas na introdução ao capítulo 17 deste livro), além de ser uma das características literárias do mesmo código. Ver as notas sobre essa expressão em Lev. 18.30. O Senhor vigiava tudo quanto sucedia com o território da Terra Santa, e Ele haveria de recompensar ou castigar os seus habitantes, de acordo com suas negociações.

Cf. I Tes. 4.6 quanto a um comentário similar ao que se vê aqui, no Novo Testamento. Yahweh pleiteia a causa dos oprimidos, e vinga toda injustiça (ver Lev. 19.13,14).

25.18

Observai os meus estatutos. Deus queria que houvesse justiça em todas as negociações na terra de Israel, inclusive nas transações de terras. Isso, por sua vez, conferiria segurança para os filhos de Israel. Aqui, como é natural, há um anacronismo. O autor retrata Israel como se esse povo já estivesse na posse de sua Terra Prometida, já dividida entre as famílias, e como se os indivíduos já estivessem negociando. Os críticos asseveram aqui que o autor "esqueceu-se" da época em que vivia, revelando o tempo real em que escreveu esta passagem. Mas os estudiosos conservadores vêem aqui uma visão profética do que haveria de acontecer no futuro. Os primitivos ocupantes da terra de Canaã tinham sido expulsos dali porque eles já haviam enchido a taça de sua iniqüidade (ver Gên. 15.16). O povo de Israel também foi expulso dali, finalmente, por ocasião dos cativeiros assírio e babilônico. Ver no *Dicionário* o artigo *Cativeiro (Cativeiros)*, onde há completas explicações a esse respeito.

Jarchi opinava que a violação do ano sabático foi uma das principais razões que levaram o povo de Israel a ser exilado da Terra Santa, ao interpretar o trecho de II Crônicas 36.21. Ele supunha que os setenta anos de exílio na Babilônia correspondessem aos setenta anos sabáticos que tinham sido negligenciados pelos israelitas.

Cf. o vs. 19 e Lev. 26.3.13 e Deu. 28.1-14. Os filhos de Israel, mui naturalmente, temiam a inatividade como algo potencialmente desastroso, e a tendência seria evitar os anos sabáticos. Ver o vs. 20.

25.19

A terra dará o seu fruto. A obediência traria a abundância, em todos os sentidos. No Novo Testamento também nos foi garantido que uma vida marcada pela obediência produz toda espécie de boa obra (ver II Cor. 9.8). Todavia, a mente dos homens *convida o desastre*, e isso por motivo de falta de confiança no Senhor. Yahweh prometeu que todo homem teria abundância de provisão de boca, que todos os israelitas desfrutariam segurança, sem importar as ameaças constantes lançadas por seus vizinhos semibárbaros.

Em conseqüência, o povo de Israel foi exortado a não negligenciar os anos sabáticos, ainda que isso parecesse representar uma ameaça de escassez. Costumamos ensinar que estar dentro da vontade de Deus automaticamente cuida de cada uma de nossas necessidades. Mas algumas vezes a nossa fé é por demais fraca para infundir-nos tranqüilidade.

As alternativas, em tempos de fome, eram ou lançar ataques contra as populações vizinhas, a fim de garantir suprimento alimentar, ou, então, ceder diante desses vizinhos, em seus atos de opressão, causada pela fome. E isso aconteceu durante toda a história antiga de Israel. Ver I Macabeus 6.49,53 e Josefo (*Antiq.* xiv.16, par. 2; xv.1, par.2). Esses acontecimentos eram sempre atribuídos a uma obediência apenas parcial ao Senhor e à retaliação divina contra o pecado.

25.20,21

Que comeremos no ano sétimo. . .? Uma pergunta assim refletia o medo. Era como se os filhos de Israel dissessem: "Se obedecermos a essa regra, passaremos fome". Um dos maiores poderes controladores sobre a humanidade é o temor. Apesar de não ser tão forte como o amor, o medo ocupa o segundo lugar. O amor perfeito expulsa o temor (ver I João 4.18); mas poucos conseguem atingir o perfeito amor. *Confiança* é a palavra-chave para o homem espiritual. Mas por muitas vezes a confiança é destruída por meio de *sombrias expectações* acerca do que o futuro nos reserva. O trabalho árduo remove o temor da necessidade; mas se isso falhar, devido ao desemprego, então o *medo* vem dominar a vida da pessoa. Foi somente por uma ocasião, em toda a minha vida, que passei pela experiência de total falta de dinheiro, quando não havia nenhum alimento estocado em casa. Mas então eu vivia em uma cidade que tinha muitas ofertas de emprego; e assim, o ter conseguido um trabalho, e alguma caça que fiz, solucionaram o problema. Muitas pessoas, porém, vivem no desespero; e o desespero gera o medo. As leis do ano sabático geravam o temor no coração de muitos filhos de Israel. Eles tiveram de depender de uma *promessa*, a saber, o *sexto* ano haveria de ser especialmente abençoado por Yahweh, em sua produtividade, pelo que eles poderiam estocar abundantes provisões de boca (vs. 21). Cf. Deu. 28.8; Sal. 42.8; 44.4 e 68.29.

Durante as vagueações do povo de Israel pelo deserto, ocorreu o mesmo tipo de provisão acerca do suprimento de maná, visto que os israelitas não podiam sair para recolher o maná aos sábados. Ver Êxo. 16.22-27. Por conseguinte, o ano sabático prometia uma provisão divina similar, ou seja, no sexto ano haveria uma produtividade três vezes maior que nos outros anos.

Para que dê fruto por três anos. Os três anos assim contemplados eram: 1. O restante do sexto ano, terminada a colheita; 2. o sétimo ano inteiro, ou ano sabático; 3. parte do oitavo ano, ou seja, aquela porção do ano que antecedia a colheita do ano. Se *essa* colheita falhasse, então ocorreria grande escassez. Por conseguinte, o povo de Israel tinha de continuar confiando na promessa de Yahweh. A cada sete anos haveria uma *crise de alimentos potencial*, causada pela inatividade.

25.22

Até que venha a sua messe, comereis da antiga. Com grande expectativa, Israel semeava de novo no oitavo ano; mas, enquanto estivessem esperando pela colheita, continuaria consumindo da *antiga produção*, que restara nos armazéns, recolhida no sexto ano. Essa condição prosseguiria até o nono quando, então, a colheita se tivesse normalizado. Ficava entendido que a superprodução do sexto ano seria suficiente até a festa dos tabernáculos, ou seja, até o mês de tishri do nono ano, o mês que era o primeiro mês do ano civil.

Israel tinha de depender da *intervenção divina* para vencer as dificuldades criadas pelo sétimo ano, onde os campos ficavam sem cultivo. Às vezes, somente a *intervenção divina* é suficiente para as nossas *necessidades*. Oh, Senhor, concede-nos tal graça! No mês de tishri ocorria uma jubilosa colheita da nova safra. *Nós* precisamos dessa colheita como fruto de nossos labores. Nenhum ser humano é independente de Deus. A colheita feita no mês de tishri assinalava o começo do Ano Novo para Israel. Também carecemos de nossos Anos Novos, para que o programa espiritual tenha prosseguimento.

Essas promessas encorajadoras dizem respeito tanto aos anos sabáticos regulares quanto ao ano do jubileu, pelo que se ajustam bem depois do vs. 7 deste capítulo, como também no lugar onde as encontramos aqui. A situação tornava-se especialmente crítica no período do ano do jubileu. Nesse caso, a colheita do sexto ano tinha de ser superabundante, a fim de que houvesse suprimento alimentar suficiente para o ano sabático regular, para o ano sabático do ano do jubileu, e para o ano seguinte, até o tempo da colheita. Somente no *nono* ano é que as coisas se normalizavam.

Redenção da Terra (25.23-34)

A terra pertencia a Yahweh. Mediante a graça divina, o território da Terra Prometida foi dado a cada família do povo de Deus, por meio das provisões da legislação mosaica. Daí por diante, cada segmento em que foi dividida a Terra Prometida pertencia a alguma família de Israel. As terras podiam ser vendidas, ou melhor, arrendadas; mas isso apenas temporariamente, a saber, até que chegasse o próximo ano do jubileu. Nesse ano, todas as terras eram devolvidas às famílias proprietárias, que eram os donos legítimos. A isso se chamava de redenção da terra. Essa redenção, porém, também podia ocorrer *antes* do ano do jubileu. E o parágrafo à nossa frente nos fornece as regras envolvidas nessa redenção antecipada.

"O dom de Deus do uso da terra estava vinculado ao pacto abraâmico (ver Gên. 15.7; 17.8; 24.7; Êxo. 6.4; cf. Lev. 20.24; 25.2,38 e Deu. 5.16). A provisão para a *redenção* da terra está contida nos versículos que se seguem" (F. Duane Lindsey, *in loc.*).

25.23

Visto que a terra era toda de Yahweh, o povo de Israel tomava a posição de *estrangeiros*, como se estivessem apenas passando por ela como "forasteiros" E outro tanto sucede a todos nós. Hoje em dia possuímos propriedades. Amanhã elas passam para os nossos filhos. Em algum ponto, ao longo do caminho, nossas terras e propriedades passam para mãos alheias. Aquilo que nos pertence, no dia de hoje, amanhã não é mais nosso, conforme o tempo se escoa e todas as coisas se modificam. Mas enquanto um terreno estivesse nas mãos de certas famílias, não podia ser vendido no sentido absoluto do termo. Antes, estava sujeito à lei da redenção, antes que chegasse o ano do jubileu; e quando chegava o ano do jubileu, então revertia aos seus proprietários originais.

"Pela fé [Abraão] peregrinou na terra da promessa como em terra alheia, habitando em tendas com Isaque e Jacó, herdeiros com ele da mesma promessa; porque aguardava a cidade que tem fundamentos, da qual Deus é o arquiteto e edificador" (Heb. 11.9,10).

A *vida do além* promete a estabilidade e a satisfação que aqui nos escapam. Continuamos crendo nessa promessa. O capítulo 11 de Hebreus ensina-nos que os homens *espirituais* mantêm os olhos fixos no outro mundo. Os demais homens vivem ocupados com as atividades ilusórias das coisas materiais transitórias, que logo passam.

Este versículo fornece-nos a *razão teológica* das leis sobre a terra. A terra pertence a Yahweh; e era arrendada a estrangeiros e peregrinos. Aqueles que reconhecem a natureza transitória de todas as possessões materiais são melhores crentes espirituais. O homem é totalmente dependente de Deus. A confiança é um fator muito importante. O justo viverá pela fé. Os *verdadeiros valores* são aqueles de ordem espiritual. Os *prazeres mais autênticos* são os mentais e espirituais.

25.24

Estritamente falando, ninguém podia vender ou comprar terras em Israel. A realidade do mercado era "arrendamento" em consonância com as provisões determinadas nos vss. 14-17. Nenhuma *opressão* era permitida, conforme se vê nesses quatro versículos. Um homem só podia "arrendar" suas terras em caso de necessidade financeira. E em caso de já tê-lo feito, podia esperar até o ano do jubileu, até que todas as terras revertessem às famílias que as tivessem arrendado, *ou, então,* se fosse financeiramente capaz disso, e assim quisesse fazê-lo, poderia redimir suas terras *antes* desse tempo. Um parente próximo também poderia redimir a terra. Um homem que tivesse "comprado" um terreno estava obrigado a devolvê-lo chegado o ano do jubileu. E o direito que um comprador tinha era que podia reter um terreno pelo período mínimo de *dois anos produtivos,* que não incluíssem um ano sabático. Depois disso, todavia, ele tinha de devolvê-lo, se o "proprietário" assim o quisesse fazer.

25.25

Se teu irmão empobrecer. Ou seja, se estivesse enfrentando dificuldades financeiras, um proprietário poderia "arrendar" a outrem as suas terras. Qualquer outra prática seria contrária ao espírito da legislação mosaica, que tinha provido terras para cada família em Israel. Ninguém podia "vender" suas terras somente para obter alguma vantagem financeira. Era mister que estivesse padecendo alguma necessidade. Ninguém podia mostrar-se frívolo quanto a essa questão. Terras eram um depósito sagrado, e não um instrumento de especulação.

A lei, nos dias do segundo templo, enfatizava que somente a pobreza servia de razão para a "venda" de terras. Em Israel não havia especulação imobiliária. Ver I Reis 21.3. Maimônides (*Hilchot Shemittah Vejobel,* cap. 11, sec. 3) informa-nos que um homem não podia vender suas propriedades somente para enfiar dinheiro no bolso, ou para adquirir outras possessões, como servos, gado ou qualquer outra coisa de valor. Com o dinheiro adquirido no "arrendamento", cumpria-lhe pagar suas dívidas e cuidar de suas *necessidades* básicas.

Seu resgatador, seu parente. Um parente chegado podia redimir um terreno, se o proprietário mesmo não pudesse fazê-lo (vs. 26). Ver o caso que é historiado no quarto capítulo do livro de Rute. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Goel (Remidor).* Entre os serviços possíveis que esse parente podia prestar estavam o direito de redimir propriedades da família que tivessem sido "vendidas" e também redimir da servidão um hebreu que tivesse vendido a si mesmo, para sair de sua miséria e obter dinheiro para saldar suas dívidas e necessidades básicas. E esse ofício de parente remidor também envolvia outros aspectos que aparecem no artigo mencionado acima.

Tipologia. Cristo é o nosso *Goel-Remidor,* o qual nos liberta de todas as dívidas e de toda a nossa miséria. Ver no *Dicionário* o artigo intitulado *Redenção.* Deus é o nosso *goel.* Ele é a fonte de toda vida e existência, o qual redime o homem da morte (ver Isa. 40-46; Jó 19.25; Sal. 19.14). O trecho de Pro. 23.11 chama Deus, especificamente, de o *goel* (em nossa versão portuguesa, "Vingador") dos órfãos. Abandonar o pecado é uma condição da redenção (ver Isa. 59.20).

25.26

Se alguém não tiver resgatador. Um "dono" de terras podia remi-las pessoalmente. De fato, dele esperava-se que assim o fizesse, se porventura tivesse "vendido" suas terras. Se tivesse sido revertida a razão pela qual ele tinha "vendido" sua propnedade, então ele também estava na obrigação de obter de volta as terras para a sua família. Mas um homem não podia *tomar emprestado* dinheiro a fim de remir uma propriedade sua, conforme nos informa a *Mishnah Eracin* (cap. 9.1) e outras fontes informativas.

25.27

Condições do Resgate de Terras. Essas condições eram governadas pela mesma lei que já vimos nos vss. 15,16, onde são dadas as notas expositivas sobre essa eventualidade. O número de anos em que a terra tivesse sido usada, tendo rendido certa quantia em dinheiro mediante as colheitas vendidas, seria deduzido do preço a ser pago. Digamos que restassem cinco anos até o ano do jubileu. Nesse caso, o dinheiro dado ao proprietário temporário seria o valor das colheitas esperadas durante aqueles cinco anos. De outro ponto de vista, o cálculo poderia ser feito como segue. Certa quantia havia sido paga pelo proprietário temporário ao proprietário original. Digamos que vinte anos se tivessem passado e ainda restassem cinco anos até o ano do jubileu. Nesse caso, 20/25 avos do preço original seriam deduzidos, e 5/25 avos seriam o preço que o proprietário original teria de pagar ao proprietário temporário. Essa transação, contudo, não poderia ser efetuada se o proprietário temporário não pudesse dispor das terras durante dois anos produtivos, sem contar o ano sabático. Ao que parece, essa lei não levava em conta nenhuma inflação possível, pois, se tivesse havido inflação, então as negociações justas, requeridas nos vss. 14-17, teriam de incluir a questão. Maimônides nos ofereceu um modo similar de cálculo, usando exemplos concretos (ver *Hilchot Shemittah Vejobel,* cap. 11, sec. 3). Fica entendido que o proprietário temporário não tinha nenhum direito de vender as terras a um terceiro, ainda que, presumivelmente, no caso de sua morte, a propriedade passasse para seus herdeiros. Nesse caso, seus herdeiros estariam sujeitos às mesmas leis de redenção de terras.

25.28

Se o homem ou seus parentes próximos não pudessem remir a terra, em acordo com as regras determinadas nos vss. 15, 16 e 27, então o caso ficaria sem solução até o ano do jubileu. E nessa oportunidade, o caso se resolveria por si mesmo, porque então o valor original pelo qual a terra fora vendida, nessa ocasião, seria calculado de acordo com o valor das colheitas. E assim, o proprietário temporário, por essa altura dos acontecimentos, teria obtido da terra o valor que ele quisera, e o proprietário original teria de volta o seu terreno, porquanto a propriedade pertencia à sua família, por decreto de Yahweh.

"O designio da lei era garantir, para cada família, um ganho *permanente* do solo, e também impedir o acúmulo de terras por parte dos gananciosos que estão sempre interessados em juntar campo a campo. . . Essa era a mesma finalidade das

leis sobre as heranças (ver Núm. 26.5-13 e 27.6-11). . . Sólon baixou uma lei dizendo que ninguém deveria adquirir tantas terras quanto quisesse fazê-lo; e Platão afirmou que nenhuma pessoa deve possuir mais do que quatro vezes a área de terras que o menor proprietário, que tinha apenas um terreno" (Ellicott, *in loc.*).

25.29-31

Moradia em cidade murada. As terras agricultáveis eram protegidas conforme vimos antes, a fim de que seus proprietários originais não as perdessem. Mas as *casas,* nas cidades muradas, eram controladas mediante um diferente jogo de leis. Elas podiam passar definitivamente de uma mão para outra. Se um homem chegasse a vender uma casa sua, podia remi-la pagando igual valor com que a tinha comprado; mas isso tinha de ser feito no prazo de um ano. Depois disso, o antigo proprietário mesmo assim podia comprá-la de volta, sob a condição que o novo proprietário quisesse desfazer-se dela, porquanto agora era o legítimo proprietário. Outrossim, as casas (ver o vs. 30) não eram afetadas pela legislação acerca do ano do jubileu; ou seja, não retornavam a seus proprietários originais. De fato, casas podiam passar de mão em mão por muitas vezes, antes de chegar o ano do jubileu.

Mas casas em aldeias (ver o vs. 31), ou seja, em áreas predominantemente rurais, onde não havia muralhas circundantes, eram governadas pelas mesmas normas que regulamentavam as terras. Essa lei, como é evidente, considerava que tais casas aldeãs eram extensões das terras agricultáveis, e até necessárias para o uso próprio daquelas terras. Por assim dizer, as casas campesinas eram acessórios das terras de plantio e, portanto, estavam sujeitas às mesmas estipulações que governavam as terras. Mas se um homem prosperasse financeiramente, abandonasse sua atividade agrícola e se mudasse para uma cidade murada, então sua casa em uma cidade murada passava a ser governada de acordo com as "leis das cidades". Em uma cultura agrícola, essas leis eram benéficas. Leis especiais sobre as propriedades rurais ajudavam a manter os campesinos nos campos, oferecendo-lhes certa medida de segurança. Casas em cidades muradas, portanto, estavam sujeitas a serem *comerciadas.* Mas casas e terras em regiões agrícolas dependiam da lei da *herança* das famílias.

25.32,33

Com respeito às cidades dos levitas. Os levitas não eram governados mediante as mesmas normas sobre heranças e terras pertencentes a famílias, conforme sucedia no caso de pessoas pertencentes às outras onze tribos de Israel. De fato, os levitas tinham deixado de ser uma tribo, no verdadeiro sentido da palavra, passando a ser uma casta sacerdotal. Nessa qualidade, eles não compartilhavam das leis comuns sobre o direito de propriedade rural. Ver Núm. 1.47 ss., e isso por causa das condições todas especiais dos descendentes de Levi. Ver no *Dicionário* os dois artigos intitulados *Levitas* e *Levitas, Cidades dos,* os quais nos fornecem completos detalhes sobre essa casta sacerdotal e sobre as leis que se aplicavam a eles.

Quarenta e oito cidades tinham sido entregues aos levitas (ver Núm. 35.1-8; Jos. 21). A tribo de Levi não recebeu um território regular (dividido em terrenos, cada qual pertencente a uma família), conforme sucedera às demais tribos (ver Núm. 18.20-24; 26.42; Deu. 10.9; 18.1,2; Jos. 18.7). Pois os levitas tinham sido separados para servir no recinto sagrado, e a herança deles era o próprio Senhor. O resto dos detalhes deixo ao leitor descobrir, nos dois artigos acima mencionados. *Seis* dessas quarenta e oito cidades eram *cidades de refúgio.* Ver no *Dicionário* o verbete que tem esse título.

Por conseguinte, as *casas* nas cidades dos levitas podiam ser arrendadas, mas não vendidas de forma permanente, tal como se dava no caso das terras de plantio de outras tribos. As casas vendidas podiam ser recuperadas a qualquer tempo, e, no ano do jubileu, eram devolvidas a seus donos originais (vs. 33). Para os levitas, as casas eram o que os campos plantados eram para os homens das demais tribos de Israel. Supomos que as regras dos vss. 14-17 deste capítulo fossem seguidas de modo geral. O valor pelo qual uma casa era vendida temporariamente seria o valor com que ela tinha de ser recuperada, quando de sua redenção. Nada somos informados no tocante a custos de manutenção, depreciação de propriedades etc. Tais coisas, que inevitavelmente acontecem com casas, teriam de ser levadas em conta, mas na Bíblia não há nenhuma nota escrita sobre a questão. A regra geral, em todas as transações financeiras, era que não podia haver nenhum tipo de *opressão* (vss. 14-17).

Levita. . . levitas. Em todo o livro de Levítico, é neste versículo que encontramos o único uso desse adjetivo pátrio. Naturalmente, todos os sacerdotes eram levitas, embora nem todos os levitas fossem sacerdotes.

25.34

... lhes é possessão perpétua. Este trecho refere-se a terras pertencentes aos levitas. Os levitas não ficaram absolutamente sem terras. As terras de pastagem que circundavam suas cidades lhes pertenciam permanentemente, embora essas terras não fossem divididas por lotes para cada família. Essas terras eram cultivadas pela comunidade e a esta pertenciam. Ver Núm. 35.4,5. As pessoas agiam como aquelas que plantavam em suas próprias terras. Por isso mesmo, não podiam ser vendidas ou arrendadas. Tais terras faziam parte do sustento do ministério, e não podiam servir como itens de comércio ou especulação. Os levitas, entretanto, podiam fazer *trocas* entre eles mesmos, e o direito de fornecer *pastagem* podia ser vendido. Mas isso eram negócios entre os próprios levitas, que não podiam incluir israelitas de outras tribos (ver Jer. 31.7-9).

Os subúrbios (áreas retiradas e distantes das cidades) estendiam-se por cerca de dois mil côvados (cerca de um quilômetro), em redor (ver Núm. 35.5), pelo que as terras em questão não eram muito extensas. Mas eram suficientes para algum plantio e para a criação de gado. Ver Maimônides (*Mishnah Eracin.* cap. 9, sec. 8). Os sacerdotes eram ministros, e não agricultores ou criadores de gado, pelo que não podiam empregar muito de suas vidas diárias nesses misteres seculares.

Não Tomar Usura dos Pobres (25.35-38)

"Porque os pobres sempre os tendes convosco. . ." (Mat. 26.11). Algumas vezes, a pobreza resulta de um gerenciamento faltoso, o que pode suceder até com pessoas inteligentes. De outras vezes, a causa é aquilo que as pessoas chamam de "má sorte". Mas algumas vezes, pessoas que não possuem dons intelectuais especiais, ou pessoas geneticamente defeituosas, mental ou fisicamente, sempre fornecem à humanidade uma fatia desproporcional ao seu número de pessoas, entre a população em geral. Nenhum programa governamental é capaz de resolver esse problema, ainda que tal condição possa ser remediada até certo ponto. As leis levíticas visavam ao alívio das circunstâncias adversas dos "necessariamente pobres".

"O orgulho não deveria impedir que um homem tratasse um seu compatriota pobre com a mesma hospitalidade que mostraria a um *estrangeiro* ou *residente temporário.* Nem deveriam ser cobrados juros de qualquer pessoa pobre (vss. 36 e 37). A generosidade de Deus para com o Seu povo deveria servir de exemplo que todos deveriam seguir" (F. Duane Lindsey, *in loc.*).

25.35

Se teu irmão. Ou seja, um compatriota hebreu. Imaginemos um homem que fosse empobrecendo cada vez mais, até atingir um estado de miséria. Tal homem deveria despertar-nos a generosidade. Tal homem deveria ser *sustentado* pelos mais afluentes, já que não era capaz de auto-sustentar-se. Logo, temos aqui uma espécie de caridade privada que, em tempos posteriores, veio a tornar-se um dos deveres dos governantes. Este versículo não estava falando em manutenção permanente. Mas um homem e sua família não deveriam ficar passando fome. Na *Enciclopédia de Bíblia, Teologia e Filosofia* ver o artigo *Liberalidade e Generosidade;* no *Dicionário* desta obra ver o artigo *Amor.* A generosidade é uma expressão de amor. A lei da doação serve de garantia de recepção. A lei da prosperidade eterna consiste em *dar.* Algumas pessoas acham que isso é uma lição difícil de aprender; e, no entanto, é uma lei espiritual. Ninguém pode dar demais a Deus, pois Ele sempre devolve com a mesma generosidade. Aquele que dá, recebe.

> *Mais bem-aventurado é*
> *dar que receber.*
>
> (Atos 20.35)

> *O que há de mais importante, em qualquer*
> *relacionamento humano, não é o que*
> *se obtém, mas aquilo que se dá.*
>
> (Eleanor Roosevelt)

Deus é o Grande Doador (ver João 3.16). Ele é um Pai que nos dá aquilo de que precisamos e que Lhe pedimos, tal como um pai terreno dá a seus filhos o que estes pedem, e não alguma pedra. (Ver Mat. 7.9).

Sob o Novo Pacto, nosso próximo não é algum irmão na fé, e, sim, qualquer pessoa que esteja em necessidade (Luc. 10.29 ss.). Ver Tia. 1.27. A verdadeira e pura fé religiosa produz a *generosidade.* Ver também Lev. 2.14 ss. Em primeiro lugar há a lei do amor: "Ama a Deus". E há uma lei que só é segunda em relação à primeira: "Ama o próximo". Esses são os dois maiores mandamentos, que servem de base tanto para a lei quanto para a graça. Ver Mat. 22.39.

Como estrangeiro e peregrino. Os pobres geralmente acabam marginalizados; mas não devemos permitir que isso aconteça. Não deveríamos tratar os pobres como um farrapo a quem ninguém presta atenção.

Alguns estudiosos entendem literalmente este versículo: o pobre homem pode ser um pagão convertido, que assim veio a tornar-se *um irmão.* E até mesmo um homem assim, embora um pagão de origem, deve ser objeto de nossa generosidade. *Qualquer* hebreu, por motivo de raça ou de conversão religiosa, deveria ser objeto de caridade, se estivesse passando necessidades. Até mesmo um homem pagão deveria ser capaz de *conviver* com um hebreu abastado, e receber ajuda da parte deste, se estivesse padecendo necessidades.

25.36

Não receberás dele juros nem ganho. Essa estipulação proibia a usura. Um homem pobre, devido ao seu orgulho pessoal, talvez relutasse em receber ajuda da parte de um homem abastado. Mas, ao ver seus filhos famintos, haveria de esquecer-se de seu orgulho, aproximando-se do homem abastado para pedir-lhe um empréstimo que, na maioria das vezes, acabaria por tornar-se uma doação. Ora, isso pode ser uma circunstância desagradável, mas a verdade é bem o contrário disso. Pois isso pode ser *a oportunidade* de o homem abastado *aumentar* as suas riquezas. Pois se alguém der com um coração aberto, Deus dará ao homem generoso muito mais do que ele tiver dado a algum homem pobre. Essa é uma lei espiritual, o que pode ser *comprovado* diariamente na vida de homens espirituais. O Senhor Jesus ensinou que devemos dar ou emprestar "sem esperar nenhuma paga" (Luc. 6.35). Há em reserva para os que assim fizerem uma grande recompensa da parte do Pai, conforme diz ainda o mesmo versículo, pois isso é um ato que mostra que quem assim faz é *filho* do Deus Altíssimo. Deus é o *Grande Benfeitor.* Paulo (ver Rom. 12.20) requeria que os crentes se mostrassem generosos até mesmo com os seus *inimigos.*

A lei menor é essa expressa no livro de Levítico: *Faz empréstimos* sem cobrar quaisquer juros. A *lei superior* estipula: *Dá.* E isso sem esperar recompensa; e também não emprestar. Dê, em vez de emprestar. Essas são evidências de espiritualidade. E ninguém pode dar demasiadamente diante de Deus, pois Deus devolve tudo, e mais ainda. O homem que faz sua prática ser o dar jamais acabará sendo aquele que é obrigado a pedir emprestado de outros. Ver Sal. 15.5 e Eze. 18.8,17 quanto a textos similares a este versículo de Levítico.

As leis do empréstimo se aplicavam não somente a questões monetárias, mas também à produção agrícola. Para exemplificar, um homem pobre não estava na obrigação de devolver mais cereal do que aquele que havia tomado por empréstimo.

25.37

Aos *israelitas* era permitido que negociassem com dinheiro ou com produtos agrícolas e outros, e isso mediante cobrança de juros, com os não-hebreus; mas este versículo parece eliminar tais práticas no tocante aos "irmãos", mesmo que estivessem envolvidos *hebreus* que *não* fossem pobres. Alguns eruditos pensam que este versículo reforça as declarações do versículo anterior, aplicando-se somente aos hebreus *pobres* (ver Êxo. 22.25, que proíbe que se cobrassem juros sobre empréstimos feitos aos *pobres,* mas deixando entendido que juros podiam ser cobrados de irmãos hebreus ricos). O trecho de Deu. 23.19 proíbe a cobrança de juros da parte de *qualquer* irmão hebreu. Mas o vs. 20 permite tal cobrança da parte de estrangeiros pagãos. Logo, parece que assim estipulava a lei geral, a qual, sem dúvida, com freqüência foi ignorada. Existe algo de obsceno nessa prática da cobrança de juros. O fato de que a legislação mosaica precisou regulamentar a questão mostra que muitos israelitas estavam explorando a seus compatriotas mediante cobranças excessivas de juros. Ver no *Dicionário* o artigo intitulado *Crédito, Credor.*

25.38

Eu sou o Senhor vosso Deus. Essas palavras formam uma expressão que aparece constantemente no *Código de Santidade* (Lev. 17-26), que aumentava a solenidade e o vigor de uma declaração que fosse apresentada. Ver as notas a esse respeito em Lev. 18.30. Yahweh é Deus, e Ele requer generosidade de nossa parte. Ele mostrou generosidade para com o povo de Israel, livrando-o da servidão aos egípcios. Sigamos, pois, o Seu exemplo. Outro aspecto da generosidade de Yahweh para com os filhos de Israel consistiu em abençoar ricamente a terra de Israel. Deus separou um povo para ser Seu povo, e a fim de que pudesse ser o Deus deles. E instilou na mente e no coração deles vários princípios éticos que os tornaram um povo diferente dos povos pagãos. Um desses princípios é precisamente a lei da generosidade e do amor.

O povo de Israel tinha sido pobre no Egito. Mas Deus os enriqueceu na terra que fluía leite e mel. O texto, como é óbvio, reflete um tempo quando isso já havia acontecido.

Escravidão (25.39-55)

Que um homem pudesse ser escravo de outro homem é uma afronta à decência e à moral. Mas os seres humanos, por meio da opressão econômica, continuam a escravizar seus semelhantes. Não é um erro falar, por exemplo, nos "escravos do salário mínimo". Um homem recebe um salário, mas tão exíguo que aquele homem não vive em condições melhores que as de um escravo. Ademais, ele não tem como libertar-se de sua condição, porquanto ele e seus familiares constantemente enfrentam uma pobreza extrema, que envolve até mesmo fome. Um caso assim é o de nosso querido Brasil, onde cerca de metade de sua população consiste em desnutridos.

A escravatura era uma instituição que infelicitava os homens tanto nos dias do Antigo quanto nos dias do Novo Testamento. Ficamos desolados porque nem o Antigo nem o Novo Testamento condenam enfaticamente essa horrenda instituição. É verdade que o Novo Testamento aplicou a lei do amor, lei essa que, com o tempo, acabou destruindo a escravatura. Mas sacudimos a cabeça, desolados, diante de evidências neotestamentárias de que até mesmo cristãos escravizavam a outros cristãos. A verdade é que o conhecimento moral e espiritual vai crescendo, e vivemos em uma época de maiores luzes do que no século I D. C. Esse aprimorado conhecimento, no entanto, não tem contribuído muito para livrar os "escravos do salário mínimo". No *Dicionário* apresento um detalhado artigo chamado *Escravo, Escravidão.*

Os hebreus também negociavam com escravos. Um hebreu podia ser reduzido à condição de escravo, ainda que, segundo tudo indica, não pudesse ser tratado com violência (vs. 46). Mas quem estava presente para evitar tal tratamento? Um homem que escravizasse a outro não hesitaria em tratá-lo com injustiça. O trecho de Êxodo 21.1-6 mostra-nos que um hebreu não podia ser escravo por mais de seis anos; mas o presente texto (vs. 40) só promete liberdade no ano do jubileu. Todavia, um hebreu podia ser remido (vss. 48-52). Se um hebreu viesse a tornar-se escravo de um estrangeiro, então os parentes e amigos do hebreu estavam na obrigação de redimi-lo logo que fosse possível. Não havia nenhuma lei que proibisse os hebreus de terem escravos estrangeiros (vs. 45). E tais escravos nunca podiam ser remidos (vs. 46), exceto por meio de algum ato extraordinário de generosidade.

25.39

Se teu irmão empobrecer. Um israelita empobrecido podia vender-se como escravo para outro hebreu, embora um escravo não tão absoluto como se dava com um escravo pagão. Não podia ser tratado com violência (vs. 46), um ideal que, sem dúvida, nem sempre era observado.

De acordo com a lei mosaica, até mesmo aos escravos pagãos era dada alguma proteção (ver Êxo. 20.10; Deu. 5.14); e era proibido maltratar a um escravo (ver Exo. 21.20,21; Deu. 23.15,16). O ideal era que um hebreu, que pertencia a Yahweh, não pertencesse a outro homem. Contudo, esse ideal nem sempre era corretamente observado (ver Lev. 25.55). Os escravos hebreus eram mais protegidos por estatutos limitadores do que o eram os escravos gentios. Ver os vss. 39-43. É provável que, na média, os escravos hebreus gozassem de condições melhores que as dos escravos pagãos; mesmo assim, um escravo é um escravo.

Tarefas degradantes não eram permitidas nos dias do segundo templo, como ter de ajudar a um homem a tomar seu banho, amarrar ou desamarrar os cordões de suas sandálias etc. Porém, fazer essas coisas ainda me parece mais honroso do que sobreviver com um salário escorchante.

25.40

Este versículo repete a mensagem do versículo anterior. Era mister que houvesse diferença de tratamento entre um escravo hebreu e um escravo gentio. O primeiro cabia dentro da classe de um servo contratado, o que também se dava com os estrangeiros forasteiros, contratados para trabalhar na propriedade de senhor hebreu. O mero fato de que uma lei dessa natureza precisou ser escrita mostra-nos que havia abusos que precisavam ser corrigidos. Um hebreu não podia continuar "escravo" para sempre, como sucedia aos escravos pagãos (ver os vss. 44 ss.). Ele podia ser remido (vss. 48 ss.). Porém, se não o fosse, receberia sua liberdade no ano do jubileu. Regulamentos posteriores (conforme se vê em Maimônides, em *Mishnah Kiddushin,* cap. 1, sec. 2) afirmam que um senhor hebreu não podia viver no luxo, comendo acepipes, enquanto seu escravo hebreu vivesse na miséria e sob uma dieta inferior. Um senhor hebreu não podia dormir sobre um colchão excelente, ao mesmo tempo em que seu escravo hebreu dormia diretamente sobre o chão. Não podia beber vinho bem curtido e deixar seu escravo hebreu ingerir vinagre. Era mister que houvesse alguma igualdade entre senhor hebreu e escravo hebreu, apesar de suas diferentes posições sociais na vida.

Até ao ano do jubileu. A lei dos *seis* anos mostra-se ausente desta passagem (ver Êxo. 21.1-6), pelo que é provável que estejam em foco diferentes fontes informativas, com normas de tratamento diferentes.

25.41

A libertação completa ocorria no ano do jubileu. Os escravos hebreus eram postos em liberdade, como também sua esposa e todos os filhos do casal. Ele

O CAMINHO DO DEVER

Fareis segundo os meus juízos, e os meus estatutos guardareis, para andardes neles: Eu sou o Senhor vosso Deus.
Portanto, os meus estatutos e os meus juízos guardareis; cumprindo os quais, o homem viverá por eles.

Levítco 18.4,5

****

O CAMINHO DA LUZ

Andai na luz!
Assim conhecereis aquela comunhão de amor,
Que somente Seu espírito pode dar,
E que reina na luz superior.

Andai na luz!
E nem mesmo o sepulcro terá sombra temível;
A glória espantará sua tristeza,
Pois Cristo conquistou também ali.

Bernard Barton

voltava ao seu lar ancestral e dava início a uma nova vida. E também recuperava o patrimônio que havia vendido.

Tipologia. Há uma completa libertação na redenção adquirida pelo sangue de Cristo. Ver no *Dicionário* os artigos intitulados *Redenção* e *Libertador, Libertação.*

Uma Omissão. Esta breve seção, que regulamenta a questão dos hebreus escravizados por outros hebreus, não toca na possibilidade de *redenção* antes do ano do jubileu. Todavia, precisamos supor que isso fosse possível, tal como os vss. 47-53 mostram que um hebreu vendido a um não-hebreu podia ser remido antes da chegada do ano do jubileu. Não há que duvidar de que regras *idênticas* eram aplicáveis à redenção no tocante a ambos esses tipos de escravidão.

25.42

Porque são meus servos. Essa é a *razão teológica* para a completa liberação: Todos os hebreus eram servos de Yahweh, e somente essa condição podia perdurar para sempre. Os filhos de Israel haviam sido escravizados no Egito; mas Yahweh os libertara dessa servidão; eles agora podiam tornar-se escravos de algum compatriota hebreu; mas Yahweh também os libertava disso. Porém, ser um israelita servo de Yahweh era uma condição permanente. Podemos comparar isso com a metáfora usada pelo apóstolo: "Paulo, servo de Jesus Cristo. . ." (Rom. 1.1). Quando Yahweh libertou os filhos de Israel da escravidão no Egito, Ele os redimiu para que fossem Seus servos. Um escravo pagão era vendido publicamente, amiúde em um mercado ou feira livre. Mas um escravo hebreu era vendido privadamente, mediante um acordo de cavalheiros. E ao chegar o tempo certo, o escravo hebreu recuperava a sua liberdade (conforme nos diz Maimônides, *Hilchot Abadim,* cap. 1, sec. 5). Portanto, a questão envolvia *algum* tratamento humanitário.

25.43

Não te assenhorearás dele. Leniência e gentileza, no trato com um escravo hebreu, são de novo destacadas, conforme já vimos nos vss. 39 e 42. Tal homem era um servo de Yahweh, e não podia ser um verdadeiro escravo de nenhum homem (vs. 42). O temor a Yahweh não permitiria que um hebreu reduzisse outro hebreu à miséria da escravidão (vs. 43). Os egípcios passaram a dominar cruelmente aos israelitas (ver Êxo. 1.13). Mas os egípcios não tinham temor a Deus, e sabiam quem era Yawheh (ver Êxo. 5.2). Os israelitas não poderiam repetir o que os egípcios tinham feito por ignorância. A tirania egípcia não poderia mesmo ser emulada em Israel, e isso pelos próprios hebreus.

25.44,45

Os vss. 44-46 abordam a questão da escravização de não-hebreus pelos hebreus, e também a questão da *compra* de escravos. As guerras contribuíam para o tráfico de escravos. Os homens eram mortos e as mulheres eram seqüestradas. E os homens que não eram mortos eram escravizados. Ademais, havia um ativo tráfico de escravos, vendidos e comprados, alguns deles originalmente escravizados por meio de jogos de guerra. Em uma sociedade agrícola, os escravos proviam trabalho barato. Afinal, um escravo produziria tudo o de que pudesse necessitar para si mesmo, pelo que praticamente não representaria despesas para seu senhor. Antes, era tido apenas como mais uma propriedade e até tornava-se parte integrante de heranças (vs. 46). O que nos deixa consternados é que nem o Antigo nem o Novo Testamento se rebelam, aberta e enfaticamente, contra a escravatura. E aqui até vemos a regulamentação do comércio com escravos, uma tremenda ausência de leis mais humanas. Ver no *Dicionário* o artigo intitulado *Escravo (Escravidão).*

As leis aqui registradas tiveram de ser ventiladas, pelo menos em parte, por causa das leis relativamente lenientes acerca dos escravos hebreus. É como se o autor sagrado estivesse dizendo: "Se vocês querem ter *escravos autênticos,* que façam o trabalho de vocês e nada custem, então deixem de lado os hebreus e se atirem ao tráfico de escravos estrangeiros". Mas dificilmente poderíamos pensar que tal conselho é altamente inspirador. Os hebreus encontrariam um fundo de escravos nas sete nações que viviam em redor deles como vizinhos (ver Êxo. 33.2), como também em outras nações, de lugares mais distantes. As ordens recebidas eram que os hebreus destruíssem as nações que viviam na terra de Canaã, antes da invasão dos israelitas (Deu. 20.16-18). Porém, muitos dos cananeus sobreviveram como escravos. Além dessas nações, eles poderiam conseguir escravos entre os idumeus, os moabitas e os sírios, seus vizinhos também, embora não tivessem sido enumerados entre as nações que deveriam ser destruídas.

25.46

Deixá-los-eis por herança. Os escravos não passavam de propriedades. Escravos não-hebreus podiam ser adquiridos nas guerras ou mediante compra. Não eram protegidos por leis humanitárias. Podiam ser vendidos ou comprados, e podiam ser transferidos para outras mãos como herança. Para os escravos estrangeiros era inexistente o ano do jubileu. Falando metaforicamente, a escravatura era um quadro simbólico da escravização ao pecado, aquela condição de miséria que, sem a intervenção do evangelho e da atuação do Espírito de Deus, envolve todos os seres humanos. Mas também serve de emblema da desumanidade dos homens contra seus semelhantes, e igualmente da baixa moral a que ficou reduzida a espécie humana. O mundo tem obtido algum progresso desde então, mas continua praticando a escravatura do *salário mínimo.*

Se um escravo fosse ferido e se tornasse incapaz de trabalhar, então era posto em liberdade (ver Êxo. 21.26,27), mas esse era um consolo bem pequeno. O aleijado fora libertado! E daí? Nos dias do segundo templo, foram baixadas algumas leis humanitárias, porquanto se tinham feito urgentemente necessárias; mas essas leis continuaram largamente ignoradas, na prática.

Este versículo se encerra com outro apelo para que os escravos hebreus fossem tratados com gentileza, segundo já vimos nos vss. 39, 42 e 43. A necessidade de um quarto apelo mostra-nos que os escravos hebreus não estavam sendo tratados muito melhor do que os escravos não-hebreus.

25.47,48

Hebreus Vendidos como Escravos de Pagãos ou Prosélitos. Muitos hebreus terminavam escravizados por causa de guerras, quando eles perdiam batalhas e a situação se invertia; ou, então, por terem sido comprados como escravos. Um hebreu podia até mesmo pôr-se à venda como escravo a um estrangeiro, sobretudo quando este último era um prosélito. Nesses casos, a família e os amigos do hebreu deviam sentir-se na obrigação moral de redimi-lo, assim que isso fosse possível. Sendo escravo de um estrangeiro, mui provavelmente esse hebreu não dispunha da vantagem dada pelo ano do jubileu; mas mesmo que dispusesse de tal vantagem, seus familiares deveriam ansiar por conseguir-lhe a liberdade no mais breve tempo possível. O vs. 50 deste capítulo mostra-nos que, se o proprietário estrangeiro de um escravo hebreu fosse um prosélito, então o escravo hebreu seria posto em liberdade no ano do jubileu. Mas, amiúde, essa lei era ignorada.

Alguém da família do estrangeiro. É provável que esteja aqui em pauta um descendente de um prosélito, alguém que vivia na terra de Israel, de algum modo ligado ao yahwismo; mas na maioria dos casos, alguém que continuava incircunciso, conforme diz o Targum de Jonathan. No entanto, várias autoridades judaicas falaram em *idólatras* como senhores. Nesse caso, estariam em vista pagãos declarados. (Conforme os Targuns de *Onkelos, Jonathan, Jarchi e Ben Melech, in loc.*).

Os Targuns de Jonathan e Jarchi referem-se à *obrigação* dos familiares de remir um escravo hebreu logo que possível. A expressão "teu irmão", conforme se vê no vs. 48, talvez inclua qualquer hebreu, e não apenas um parente de sangue. Os hebreus deviam cuidar de outros hebreus. Era quase uma *obscenidade* um hebreu ser escravizado por um pagão, e tal condição devia ser revertida prontamente. Nos dias do segundo templo, este versículo era interpretado de modo geral. Se a família de um hebreu escravizado não pudesse remi-lo, então tal obrigação recaía sobre toda a congregação de Israel. Pois a situação requeria um esforço comunitário.

25.49

Se o próprio escravo hebreu, de alguma maneira, conseguisse tornar-se auto-suficiente, então deveria pagar por sua própria alforria. Caso não pudesse fazê-lo, um parente seu estava nessa obrigação, ou mesmo toda a comunidade de Israel (conforme sucedia em tempos posteriores, conforme ficou comentado no versículo anterior). Fosse como fosse, a libertação de um escravo hebreu era tida como questão das mais urgentes, que deveria excitar o interesse de seus compatriotas hebreus. Realizar esse ato era considerado uma excelente obra, à qual estava atrelado muito louvor.

Nenhuma menção é feita ao pai do escravo hebreu, e isso por razões por nós desconhecidas. Estou apenas especulando que isso ocorreu por esquecimento do autor sagrado, o qual, afinal, estava dando apenas uma lista representativa de possibilidades. Alguns estudiosos têm sugerido que, *se* o escravo hebreu tivesse pai (e este ainda não tivesse morrido), o pai não teria permitido que seu filho fosse vendido como escravo; e, portanto, *se* tal homem fora vendido, então é porque não tinha mais pai. Mas essa opinião olvida o fato de que os hipotéticos pais envolvidos poderiam ser tão pobres como seus filhos escravizados, não podendo evitar assim a escravização destes. Em tempos posteriores, tais escravos eram remidos até mesmo mediante fundos públicos. Ver o trecho de Neemias 5.8, que parece sugerir essa eventualidade.

Os escritores judeus viam nesse texto um quadro do Messias esperado, o qual seria um Remidor de escravos do pecado, literal e moralmente. Os poderes do mal escravizam um homem, e, então, ele passa a precisar de ajuda externa.

25.50

Este versículo sugere que a compra de um escravo hebreu, dentro das fronteiras de Israel, estivesse sujeita aos mesmos tipos de leis que governavam as

propriedades (vss. 15 e 16), como também a compra de um escravo hebreu por outro hebreu (vss. 40 e 41). O valor da compra seria aquilatado de acordo com o número de anos que ainda restassem antes de chegar o ano do jubileu. Se um escravo hebreu fosse remido antes daquele ano, então o número de anos que ele tivesse servido seria proporcionalmente deduzido, e o preço da redenção só levaria em conta o número de anos que ainda restasse até o ano do jubileu. Como isso funcionava é ilustrado no vs. 27 deste capítulo. E assim o homem (se fora reduzido ao nível de uma mera propriedade), seria remido da mesma maneira como o seria um terreno qualquer.

Curiosamente, os versículos que abordam a questão em que hebreus compravam outros hebreus como escravos (25.39 ss.), não incluem comentários sobre a redenção desses escravos; mas devemos supor que esses escravos pudessem ser redimidos, e que o modo de proceder era o mesmo que se dava no caso de escravos hebreus que eram remidos de senhores não-hebreus.

25.51

O vs. 27 deste capítulo ilustra como essa lei funcionava. Se um homem se tivesse vendido como escravo dez anos antes do ano do jubileu, por cem peças de prata, e tivesse servido por cinco anos desse prazo, antes de ser remido, então ele teria servido cinco décimas partes, e seria remido por exatamente cinco décimas partes do preço originai, ou seja, pela metade. Em outras palavras, sairia livre quando cinqüenta peças de prata fossem entregues ao seu senhor.

A legislação mosaica tinha a honestidade como um de seus alvos, e requeria honestidade mesmo quando os filhos de Israel estivessem negociando com pagãos.

25.52

Este versículo repete as provisões contidas no versículo anterior, para efeito de ênfase. Mesmo que restassem alguns *poucos* anos, tudo tinha de ser feito de acordo com a lei. Um escravo não podia ser libertado senão através de negociações comerciais corretas. "A eqüidade era mantida entre o comprador e o vendedor, entre o liberado e o seu remidor" (John Gill, *in loc.*). "Nenhuma vantagem devia ser tirada do idólatra" (Ellicott, *in loc.*).

25.53

Não se assenhoreará dele com tirania. Tal como um senhor hebreu devia tratar bondosamente a um seu escravo hebreu (vss. 39, 42 e 43), assim também um senhor pagão deveria tratar bondosamente a um seu escravo hebreu. Seu dever era tratá-lo como se fosse um trabalhador contratado, por algum tempo estipulado, e não como um verdadeiro escravo, que era a regra que também se aplicava aos senhores hebreus (vs. 40). Podemos supor que os compatriotas hebreus do homem estivessem de olho no caso, podendo ajudar a garantir que um senhor pagão não maltratasse seu escravo hebreu.

À tua vista. Os hebreus deveriam monitorar tais casos, e não ser apenas espectadores indiferentes de maus-tratos. Cf. Êxo. 2.11,12. Temos ali o caso de Moisés, o qual chegou a matar a um egípcio que abusava de um escravo hebreu. Yahweh observou os egípcios e, misericordiosamente, finalmente libertou o seu *filho* (ver Êxo. 4.22,23) das mãos dos filhos de Mizraim. E os hebreus deveriam agora emular o exemplo dado por Yahweh.

25.54

Se desta sorte se não resgatar, porquanto ninguém o tivesse socorrido, nem seus familiares, nem seus amigos, nem a congregação de Israel, então ele ficaria aguardando pelo ano do jubileu. E chegado então aquele ano, o contrato que fora estabelecido estaria cumprido, e o hebreu, com sua família e o pouco que ele tivesse conseguido acumular, sairia livre. A lei, nesse caso, era a mesma que era aplicada a hebreus escravizados por outros hebreus. Ver o vs. 41, cujas notas expositivas também se aplicam aqui. Um pagão que vivesse dentro das fronteiras de Israel tinha de se submeter à lei do ano do jubileu, pois, caso contrário, sofreria alguma forma de vingança que faria sua desobediência sair-lhe muito cara.

25.55

Os filhos de Israel me são servos. O verdadeiro Senhor de todos é Yahweh. Portanto, nem gentio nem hebreu podiam escravizar permanentemente a um hebreu. Yahweh tinha livrado o povo de Israel da servidão no Egito precisamente por esse motivo. A escravização permanente de um hebreu seria imprópria. Este versículo repete os argumentos do vs. 42, cujas notas expositivas também têm aplicação aqui.

Tipologia. Israel serve de símbolo de todos quantos estão escravizados pelo pecado. Porém, usando o evangelho, Deus fez intervenção a fim de poder oferecer a libertação a todos os homens, visto que todos os homens são servos naturais de Deus (Rom. 1.1). Ver no *Dicionário* o artigo intitulado *Redenção.*

Eu sou o Senhor vosso Deus. Essa expressão, de ocorrência amiudada no *Código de Santidade* (ver Lev. 17-26; ver sobre esse código na introdução ao capítulo 17 de Levítico), tem por propósito confirmar e enfatizar uma declaração feita, emprestando-lhe autoridade. Ver as notas sobre essa expressão, em Lev. 18.30.

Uma Curiosidade Histórica. O ano do jubileu não é mencionado fora do Pentateuco, razão pela qual muitos eruditos supõem que ele nunca tenha sido realmente posto em vigor. Mas outros especialistas supõem que essa estipulação operasse muito bem, pelo que não foi preciso mencioná-la. Porém, sabemos que os israelitas não foram obedientes quanto à observância dos anos sabáticos (ver Lev. 26.34,35,43; II Crô. 36.20,21), sendo perfeitamente possível que o ano do jubileu também tivesse acabado vítima da cobiça humana.

Capítulo Vinte e Seis

Promessas e Advertências (26.1-46)

O *Código de Santidade,* uma das alegadas fontes informativas distintas do Pentateuco, ocupa os capítulos 17 a 26 de Levítico. Esse *código,* tal como o livro de Deuteronômio, termina com uma espécie de sermão recheado de ameaças e promessas. Diante do povo de Israel foram exibidos dois caminhos, o da vida e o da destruição. A eles cabia escolher. Neste capítulo 26 há muitos paralelos verbais próximos ao livro de Ezequiel, e alguns eruditos têm mesmo sugerido que Ezequiel escreveu esse capítulo, e, talvez, boa parte do *Código de Santidade.* Têm sido destacados *vinte e dois* desses paralelos, o que, de fato, representa um grande número de paralelos em tão pouco material escrito. Hoje em dia, porém, a própria integridade do livro de Ezequiel está sendo posta em dúvida, pelo que é difícil dizermos que "Ezequiel escreveu isto ou aquilo". Seja como for, há um paralelismo que não pode ser ignorado. Minhas notas na introdução ao capítulo 17 de Levítico fornecem alguns detalhes sobre essa questão.

C. R. North observou corretamente que tanto as bênçãos quanto as maldições referidas neste capítulo têm uma orientação materialista. Não há nenhuma ameaça de uma *vida pós-túmulo* má para os desobedientes; nem há promessa alguma de bem-aventurada *vida pós-túmulo* aos obedientes. Sabemos que o Pentateuco nunca alude iniludivelmente à imortalidade da alma. Isso fica apenas subentendido na doutrina da criação humana à imagem de Deus (ver Gên. 1.26,27). Mas essa doutrina só veio a tornar-se parte integrante da teologia dos hebreus na época dos Salmos e dos Profetas. O cristianismo, como é lógico, começou com essa doutrina já bem confirmada. Ver na *Enciclopédia de Bíblia, Teologia e Filosofia* o verbete *Imortalidade,* quanto a um estudo completo sobre esse ponto.

"No antigo Oriente Próximo e Médio era costumeiro concluir tratados de vassalagem com uma seção de bênçãos pela obediência e maldições pela desobediência. . . Outras passagens relacionadas às bênçãos e às maldições da lei mosaica incluem trechos como Êxo. 23.22,23; Deu. 28 e Jos. 24.20" (F. Duane Lindsey, *in loc.*).

26.1

Curiosamente, este capítulo não começa com o usual *disse o Senhor,* um artifício literário utilizado para introduzir novos materiais. Ver as notas em Lev. 1.1 e 4.1. No entanto, Yahweh continuava a falar por intermédio de Moisés, o mediador entre o Senhor e o povo de Israel. É neste capítulo 26 que se encerra o *Código de Santidade.* Ver a esse respeito na introdução ao capítulo 17 de Levítico e na introdução a este capítulo. Muitas leis individuais são reiteradas, que já tínhamos visto em Levítico, mas também há um bom número de preceitos novos. As bênçãos estão vinculadas à obediência; e as maldições estão vinculadas à desobediência.

Não fareis para vós outros ídolos. Ver sobre esse assunto no *Dicionário.* O final do *Código de Santidade* é introduzido com uma proibição quanto a qualquer forma de idolatria. Esse é o *segundo* dos Dez Mandamentos. Ver Êxo. 20.3-6, bem como o artigo sobre esse assunto no *Dicionário.*

Nem coluna. Era uma espécie de coluna idolátrica, algum tipo de obelisco, adornado com símbolos e imagens gravados. Ver no *Dicionário* o verbete *Obelisco.*

Porque eu sou o Senhor vosso Deus. Essa é uma expressão muito repetida no *Código de Santidade,* a fim de emprestar ênfase e solenidade a alguma declaração ou mandamento. Ver as notas a respeito em Lev. 18.30.

A ordem divina aqui é a completa dedicação a Deus. Todas as formas de idolatria deviam ser evitadas. O Yahwismo de a nova fé, outorgada ao povo de Israel. E seus preceitos e estatutos tinham que ser seguidos à risca. O legislador

solenemente reiterou a base da nova fé: não somente o *monoteísmo* (ver sobre o mesmo no *Dicionário*), mas também o *monoteísmo de Yahweh*. Ver no *Dicionário* o artigo intitulado *Yahweh*.

26.2

O mandamento referente ao sábado e aos demais descansos é muito repetido no Pentateuco, achando-se inerente nas Escrituras desde Gênesis 2.2,3. A guarda do sábado tornou-se o *quarto* dos *Dez Mandamentos* (ver sobre esse título no *Dicionário*; e também os artigos *Sábado; Sabatismo* e *Observância de Dias Especiais*). Ver as notas adicionais existentes em Êxo. 20.8. O plural, *meus sábados*, no presente texto, faz-nos lembrar os anos sabáticos e o primeiro ano do jubileu, que também eram sábados ou descansos.

O meu santuário. Está em destaque o tabernáculo, com todos os seus ritos e regulamentos, os quais também deveriam ser estritamente observados, o assunto central deste livro de Levítico. Inúmeros preceitos foram baixados, nenhum dos quais trivial, na estimativa do autor sacro. Essas leis deveriam ser conhecidas e postas em prática. É ordenada aqui uma total lealdade ao Yahwismo. Ver também Lev. 23.3 quanto às leis sobre o sábado; e Lev. 17.1-9, acerca do santuário. Ver também Lev. 19.30 quanto a uma ordem quase idêntica a esta, no que concerne aos sábados. O autor sagrado queria garantir uma proteção *eficaz* contra a idolatria (vs. 1), e isso poderia ser conseguido por meio da observância de tudo quanto foi ordenado neste livro de Levítico.

Bênçãos para os Obedientes (26.3-13)

26.3

As bênçãos foram condicionadas à guarda da lei, de seus estatutos e regulamentos. Yahweh controla as chuvas e as condições agrícolas, e Ele prometeu que essas condições seriam sempre favoráveis aos obedientes (vss. 4 e 5). A felicidade e a prosperidade material seriam acompanhantes dos obedientes. *Uma ausência conspícua* é qualquer menção à vida *pós-túmulo*. Isso não é mencionado em favor dos obedientes, como promessa de felicidade no outro lado da existência, nem é mencionado em ameaça aos desobedientes, como um lugar ou estado de punição. Tal doutrina só passou a ser claramente expressa no judaísmo a partir dos Salmos e dos Profetas, tendo sido desenvolvida de forma detalhada no período intermediário entre o Antigo e o Novo Testamento e nos livros apócrifos e pseudepígrafos. No *Dicionário* tecemos comentários plenos sobre esses livros. Ver também a introdução a este capítulo, em seu segundo parágrafo, quanto a uma declaração desse fato. As bênçãos e as maldições eram todas materialmente orientadas. Não nos devemos surpreender diante do fato que a teologia cresce, e esse crescimento acompanha o processo histórico, conforme as revelações divinas vão sendo dadas, ultrapassando as revelações divinas mais antigas. Ver os vss. 15 ss. quanto às maldições, igualmente baseadas em como um homem manuseasse (negativamente) a legislação mosaica.

"Preceitos de natureza tanto moral, cerimonial quanto judicial, que lhes haviam sido outorgadas, e que agora eram completamente registrados neste e no livro anterior (o Êxodo); pois aquilo que se segue, nos dois próximos livros (Números e Deuteronômio), consiste, principalmente, de *reiterações* daquilo que está contido em Êxodo e Levítico" (John Gill, *in loc.*). Verdadeiramente, há inúmeras repetições no Pentateuco, sendo essa uma das principais características literárias do autor sacro.

26.4

Darei as vossas chuvas a seu tempo. Se alguém quisesse gozar de sucesso na agricultura, em Israel, então que obedecesse à legislação que Yahweh transmitira por meio de Seu mediador, Moisés. Bênçãos temporais foram prometidas aos obedientes. A lista dessas bênçãos vai sendo desenrolada até o vs. 15 deste capítulo, onde começam as maldições (igualmente muitas) contra os desobedientes. O povo de Israel formava uma nação essencialmente agrícola, pelo que os tipos de bênçãos aqui prometidas se revestiam de interesse vital. Todo o bem e todo mal, em última análise, dependem de Yahweh. Os hebreus tinham uma teologia pobre quanto a causas secundárias. Isso posto, Yahweh era encarado como a primeira e única causa de tudo. Ver sobre as primeiras e as últimas chuvas do ano, em Deuteronômio 11.14. Esses dois períodos anuais de chuva eram necessários para que houvesse boas safras de cereais, como o trigo e a cevada. "Na Palestina a estação apropriada para as *primeiras* chuvas recaía entre meados de outubro até dezembro, preparando assim o solo para que recebesse bem a semente, ao passo que as *últimas* chuvas caíam nos meses de março e abril, pouco antes da colheita. Por igual modo, no pacto firmado entre Deus e o Seu povo, havia uma promessa similar: '. . . farei descer a chuva a seu tempo, serão chuvas de bênçãos' (Eze. 34.26)" (Ellicott, *in loc.*).

Haverá chuvas de bênçãos,
Envia-as sobre nós, oh, Deus!
Concede-nos agora refrigério,
Vem, e honra Tua Palavra!

(El Nathan)

26.5

A debulha. . . a vindima. Israel estava cercado por nações hostis, tanto as que circundavam o território da Terra Prometida como algumas nações mais distantes. Deus cuidaria de todas as condições adversas, em prol dos que obedecessem às Suas leis. As colheitas seriam abundantes, e os inimigos seriam mantidos imóveis.

As colheitas de cereais seriam abundantes, de tal maneira que aqueles empregados no mister de colher a safra não seriam capazes de completar sua tarefa antes da vindima, ou colheita da uva, que ocorria no tempo do ano equivalente ao nosso mês de julho. E, então, a vindima seria tão abundante que se estenderia até o tempo da semeadura, que tinha lugar no tempo equivalente ao nosso mês de outubro. Amós encerra uma promessa semelhante: "Eis que vêm dias, diz o Senhor, em que o que lavra segue logo ao que ceifa, e o que pisa as uvas ao que lança a semente. . ." (9.13).

Habitareis seguros na vossa terra. Um povo faminto atacaria um povo vizinho a fim de conseguir alimentos. Os vizinhos de Israel, embora vendo a grande prosperidade do povo de Deus, seriam contidos em seu lugar, sem atacar os israelitas, mediante a influência de Yahweh sobre sua mente. Destarte, Israel seria capacitado a *desfrutar* sua abastança, sem ter de passar pelas guerras sanguinolentas, tão características das tribos-nações daqueles tempos.

"A colheita da cevada na Judéia ocorria aí pelos meados de abril; a colheita do trigo, cerca de seis semanas mais tarde, no começo de junho. Após a colheita do cereal vinha a vindima; e, então, a colheita das frutas, já quase no fim do mês de julho. Moisés garantiu aos hebreus que, se eles se mostrassem fiéis a Yahweh, não haveria período de inatividade entre a colheita e a vindima, tão grande seria a produção agrícola deles" (Jamieson, *in loc.*).

26.6

Pela vossa terra não passará espada. Israel gozaria de paz com os povos à sua volta, e até os animais ferozes não atacariam os israelitas. Este versículo sexto amplia o versículo anterior. Israel vivia cercado de tribos hostis. Essas tribos eram excitadas a provocar matanças com grande facilidade. Mas Yahweh acalmaria as mentes desses gentios e reduziria os assaltos sanguinários. Os filhos de Israel poderiam deitar-se à noite sem receio; mas somente se fossem obedientes às leis de Moisés. Cf. Sal. 3.5 e 4.8. Ver Eze. 34.25 sobre como os animais ferozes eram um assunto que infundia grande preocupação entre os israelitas.

Há nada menos de *vinte e dois* paralelos entre este vigésimo sexto capítulo de Levítico e o livro de Ezequiel, o que provocou a opinião, emitida por alguns eruditos, que foi Ezequiel quem foi também o autor deste capítulo de Levítico. Ver a introdução a este capítulo, em seu primeiro parágrafo, sobre essa questão.

Condições favoráveis, na Terra Prometida, faziam parte do *Pacto Abraâmico*. Ver Gên. 17.7,8. E, em Gên. 15.18, ver as notas expositivas acerca do *Pacto Abraâmico*.

26.7

Cairão à espada diante de vós. Essa promessa divina garantia a vitória militar sobre os inimigos de Israel. Se viesse a guerra, presumivelmente por iniciativa de Israel, Yahweh lhes daria uma vitória fácil. Eles seriam os perseguidores, e não os perseguidos. Ver no *Dicionário* o verbete intitulado *Guerra,* onde se mostram as características das guerras antigas. Tribos selvagens, notando a prosperidade material de Israel, sentir-se-iam excitadas a atacar. Mas tais tribos seriam esmagadas.

26.8

Cinco de vós perseguirão a cem. E cem poriam em fuga a dez mil. E isso não porque o povo de Israel fosse formado de poderosos gigantes, mas porque Israel infundiria o terror no coração de todos os seus adversários. Cf. algo similar, dito em Deu. 32.30. Ali, *um* israelita desbarataria mil inimigos, e somente *dois* fariam a mesma coisa a dez mil.

Caiam mil ao teu lado, e dez mil à tua direita;
tu não serás atingido.

(Salmo 91.7)

Ver também Jos. 23.10 e Isa. 30.17 quanto a sentimentos similares. Quanto a exemplos de como Israel, com pequenos números, obteve retumbantes vitórias, ver Jos. 7.21,22; I Sam. 14.13,14; II Sam. 23.8-16.

26.9

Este versículo sumaria as promessas agrícolas que já haviam sido feitas. Ver os vss. 4 e 5. "Para vós outros olharei", indica como Deus seria favorável aos filhos de israel. Cf. II Reis 13.23; Sal 25.16; 69.17. O segredo de todo sucesso era o olhar de favorecimento de Yahweh; e Deus olhava favoravelmente para Seu povo quando eles se mostravam obedientes a Ele.

... vos multiplicarei. Essa porção deste versículo contém uma das principais promessas própria do *Pacto Abraâmico* (ver as notas expositivas a respeito em Gên. 15.18). israel haveria de multiplicar-se como as estrelas do céu, ou como as partículas de areia do mar. Ver Gên. 12.2; 13.16; 15.5; 22.17 e Êxo. 23.26 quanto a essa promessa.

26.10

Comereis o velho da colheita anterior. Temos aí alusão a armazéns. Haveria onde guardar muito cereal e outros produtos agrícolas. Esses armazéns nunca se esvaziariam. A fim de serem armazenados produtos novos, os restos de safras anteriores precisavam ser todos usados. Os estoques ficariam velhos devido à grande abundância reinante. Um armazém vazio é um símbolo de escassez. O problema de israel não seria a escassez, e, sim, onde armazenar tão grandes quantidades de produtos alimentícios.

Conforme Jarchi e Kimchi deixaram escrito, o cereal "velho" era aquele que já tinha três anos ou mais de colhido (ver *Sepher Shorash*). Não haveria necessidade de os israelitas comerem parcimoniosamente, com medo de algum período de fome futura (ver Pro. 11.26).

Tipologia. Embora todo este capítulo nada diga a respeito de bênçãos espirituais, incluindo aquelas próprias de além-túmulo, contudo, de acordo com a tipologia bíblica, entendemos que teremos sempre bênçãos materiais, a fim de que, desfrutando de toda a abundância em todas as coisas, possamos dedicar-nos a toda boa obra (ver II Cor. 9.11). E uma vez *enriquecidos,* podemos usar de grande *generosidade* com os nossos semelhantes, conforme a versão inglesa RSV traduz esse versículo. Essas coisas representam as bênçãos espirituais pertencentes à salvação. (Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Salvação.*) Mostrar-nos generosos com nossos semelhantes, por meio da abundância que usufruimos, é um labor espiritual, visto ser uma expressão da lei do amor. Ver no *Dicionário* o verbete *Amor.*

26.11

Nesse tempo, o tabernáculo já havia sido erigido. Mas o tabernáculo era apenas um objeto material. Contudo, a *presença de Yahweh* já se achava ali e em outros lugares com o povo de Israel, garantindo toda variedade de bênçãos, espirituais e materiais. Os obedientes dentre eles seriam amados, e não odiados; mas os desobedientes seriam odiados, e não amados. A presença divina servia de garantia de prosperidade e bem-estar, tanto material quanto espiritual. O *tabernáculo* terreno (ver a esse respeito no *Dicionário*) provia um local físico onde Deus manifestava a Sua *presença,* mormente no Santo dos Santos, onde ficava a arca da aliança. Ver a planta baixa do tabernáculo, nas notas introdutórias a Êxodo 26.1. Cf. Lev. 15.31. Diz o Targum de Jonathan: "Porei entre vós a glória shekinah". Ver no *Dicionário* o artigo intitulado *Shekinah.* Cristo, em Quem reside toda a plenitude de Deus, é a verdadeira glória shekinah entre os homens. Ver João 1.14; Col. 2.9; Heb. 8.2. Cf. os sentimentos que Paulo exprimiu em II Cor. 6.16-18 e 7.1. É possível que ele tenha tido em mente esta passagem de Levítico, quando escreveu as palavras daqueles trechos de II Coríntios.

26.12

Andarei entre vós. Essas palavras equivalem a acompanharei; serei vosso companheiro; abençoarei mediante contato pessoal; estarei interessado e ajudarei a vida diária de vocês. Paulo citou essa promessa em II Coríntios 6.16. "A presença contínua de Deus, no meio do povo de Israel, conforme se manifestava em Sua glória no tabernáculo, era uma bênção extra de Sua fidelidade ao pacto firmado com israel (vs. 11). Deus chegou mesmo a prometer que *andaria* com o Seu povo, conforme fez com os patriarcas antigos (ver Gên. 5.22,24; 6.9; 17.1; 24.40 e 48.15)" (F. Duane Lindsey, *in loc.*). Ver também ii Sam. 7.6, que reflete familiaridade e comunhão entre Deus e Seu povo antigo.

26.13

Eu sou o Senhor vosso Deus. Essa é uma expressão freqüente que aparece no *Código de Santidade* (Lev. 17-22). Ela é usada para ressaltar alguma declaração e emprestar-lhe solenidade e autoridade. Ver as notas a respeito em Lev. 18.30. Yahweh, o Deus de israel, foi Aquele que tirara o Seu povo da servidão aos egípcios, pondo fim à vida miserável que ali levavam. Esse fato era agora salientado para servir de incentivo, com base na gratidão, infundindo nos israelitas o senso de *obediência.* As bênçãos divinas eram múltiplas; foram ilustradas de vários modos. No passado, sob a forma de livramento da servidão; no presente, mediante condições favoráveis de plantio, e de muita abundância na Terra Prometida, sob a forma de rica produção agrícola.

Quebrei os timões do vosso jugo. Estão em vista certas peças de madeira que desciam do jugo, de cada lado da cabeça do animal, presas por meio de correias. Visto que o aparelho era feito formando uma peça pesada, o animal ficava aprisionado dentro dele. Metaforicamente, Deus quebrou esses símbolos da escravidão ao Egito.

Vários apelos ao livramento da servidão egípcia, e por diversos motivos, pontuam periodicamente o texto do livro de Levítico. Cf. Lev. 11.45; 18.3; 19.34,36; 22.33; 23.43; 25.38,42,55; 26.45. Ver outro paralelo em Eze. 34.27. Existem *vinte e dois* paralelos entre este capítulo de Levítico e o livro de Ezequiel. Ver sobre essa questão na introdução a este capítulo.

Maldições para os Desobedientes (26.14-45)

26.14

As maldições contra os desobedientes, aqueles que negligenciassem ou desobedecessem à legislação mosaica, eram orientadas *materialmente,* tal como se dava nas bênçãos para os obedientes. Ver os comentários a esse respeito nas notas sobre o primeiro parágrafo da introdução a este capítulo. Nenhuma vida além-túmulo bem-aventurada é prometida aos obedientes; e nada de punição, após esta vida, ameaça os desobedientes. A doutrina da alma imortal só entrou no judaísmo no tempo dos Salmos e dos Profetas, e mesmo ali ela não figura ainda de forma bem definida. Foi somente nos livros apócrifos e pseudepígrafos que essa doutrina foi mesmo desenvolvida. Ver na *Enciclopédia de Bíblia, Teologia e Filosofia* o verbete chamado *Imortalidade.* Apresento vários artigos sobre esse assunto, naquele ponto.

A Metáfora dos Ouvidos Moucos. Isso é repetido nos vss. 18, 21, 23 e 27. Ver também a metáfora daquele que não anda corretamente, nas notas sobre o vs. 21 deste capítulo.

O homem cujos ouvidos foram fechados, que não é capaz de ouvir a voz de Yahweh, esse se acha em grande dificuldade, que os versículos que se seguem descrevem com grandes detalhes. Ver as notas sobre o vs. 15. Um israelita tinha a obrigação de *saber* o que Moisés havia ensinado, embora os preceitos deste fossem quase intermináveis, e algumas vezes (aparentemente) opressivos. *Sabendo,* ele precisava obedecer. Ver no *Dicionário* o verbete chamado *Antiintelectualismo.* Um israelita precisava saber, precisava estudar, a fim de ser capaz de obedecer eficazmente à legislação mosaica. Pessoas intelectualmente preguiçosas fogem para um misticismo barato, como se fosse a única base de sua fé religiosa. Ver no *Dicionário* o artigo intitulado *Misticismo.* Por outra parte, as pessoas que apenas estudam perdem a oportunidade de ter experiências místicas verdadeiras e benéficas. Tanto o estudo quanto a experiência com a presença de Deus são necessários para uma experiência religiosa plena.

26.15

Desobedecer, ignorar ou desprezar a legislação mosaica era, ao mesmo tempo, rejeitar os pactos estabelecidos por Yahweh, como o pacto *abraâmico* (ver Gên. 15.18) e o pacto *mosaico* (ver a introdução ao capítulo 19 de Êxodo). Era rejeitado o yahwismo com todas as suas implicações. Isso era equivalente a nem ser um hebreu, e ter-se aliado ao paganismo.

"Se me não ouvirdes", no vs. 14 (ou seja, deixar de obedecer), é uma frase que ocorre por cinco vezes nesta passagem, introduzindo seções. Ver os vss. 14,18,21,23,27. E então Yahweh dizia: "Vou enviar esta ou aquela maldição", e isso contra os desobedientes.

Ver o gráfico nas notas sobre Amós 4.6, quanto aos vários tipos de *castigo* que poderiam atingir os desobedientes. Informações sobre esse gráfico são extraídas dos livros de Levítico, Deuteronômio e Amós. A desobediência a Deus atraía enfermidades físicas e mentais; desastres agrícolas; ataques por parte de inimigos; derrotas de toda forma por parte de adversários, incluindo a matança da guerra. Mas o autor sagrado nunca se refere a nenhum juízo para além do sepulcro. Ver sobre isso na introdução ao versículo 14 deste capítulo, bem como na introdução ao capítulo 14.

... se aborrecer. Visto que os desobedientes tinham cometido uma profunda apostasia e se tinham afastado para longe da misericórdia de Deus, desprezando os mandamentos do Senhor.

". . .um pecado agravado: negligenciar ouvir (vs. 14) os mandamentos do Senhor é algo muito ruim; não pô-los em prática ainda é pior; tratá-los com desprezo é ainda pior; mas 'se aborrecer dos meus juízos' é a pior coisa de todas" (John Gill, *in loc.*). Cf. Êxo. 24.7.

A Lei e as Palavras que a Expressam:

1. *Estatutos.* Algo especificamente *definido* e que precisava ser feito ou não. No hebraico, *chukkoth.*
2. *Juízos.* Algo destacado como uma *regra* ou *determinação.* No hebraico, *shaphatim.*
3. *Mandamentos.* Algo exigido ou ordenado por parte de algum legislador. No hebraico, *mitsvoth.*
4. *Aliança.* Um pacto feito entre pessoas; concebido como algo capaz de purificar, capaz de *separar* pessoas para serem diferentes. No hebraico, *berith.*

Outras palavras que não figuram no vs. 15:

5. *Testemunhos.* Algo que *ultrapassava,* referindo-se às leis rituais que iam além da legislação original. No hebraico, *edoth.*
6. *Ordenanças.* Algo que guardava em segurança, que *vigiava.* Apontava para aqueles elementos da legislação que exortavam os homens a vigiar seus caminhos, mantendo o coração nos caminhos de Yahweh. No hebraico, *mishmaroth.*
7. *Preceitos.* Cuidar, *prestar atenção a,* visitar. Fica entendido como algo que cuidava da espiritualidade dos homens, pois ficava alerta a observar os atos humanos. No hebraico, *pikkudim.*
8. *Verdade.* Aquilo que dá apoio, que *confirma,* que sustenta. No hebraico, *emeth.*
9. *Palavra do Senhor.* Suas palavras de instrução e orientação; Suas *exigências,* aquilo que Ele produz a fim de nos guiar. No hebraico, *dabar.*
10. *Fala.* Aquilo que se espalha, dando detalhes. No hebraico, *imrah.*
11. *Justiça.* O ato de usar pesos justos e medidas certas. No hebraico, *tsedakah.*
12. *Lei.* Os ensinos *tradicionais* da lei, com seus ritos e requisitos, o sistema legislativo inteiro, no hebraico, *torah.*

Mediante esses termos, são expostas no Antigo Testamento a variedade, a propriedade e a autoridade da legislação mosaica.

26.16

Então eu vos farei isto. Temos aqui as "ameaças do Senhor". Os desobedientes em Israel tinham de enfrentar uma grande variedade de juízos divinos:

1. *Terror.* Essa palavra vem do termo hebraico que significa *nomear.* Deus nomearia para eles toda forma de terror inesperado, como acidentes, guerras e enfermidades.
2. *Tísica.* Alguma forma de atrofia da carne ou dos órgãos vitais. Os intérpretes, alguns dos quais falam em tuberculose pulmonar, não conseguem identificar alguma enfermidade específica, mas sem dúvida estão em pauta enfermidades degenerativas.
3. *Febre ardente.* Infecções que provocam febres. Os antigos, que desconheciam os antibióticos, ficaram à mercê das infecções e das febres resultantes. O sistema de imunização biológica falhava, e as pessoas morriam em massa.
4. *Semente semeada em vão.* Enquanto aos obedientes era prometida abundante produção agrícola, as plantações dos desobedientes fracassariam, causando escassez e, talvez, até mesmo a inanição. E mesmo que os desobedientes conseguissem ter bons campos plantados, inimigos invadiriam os campos e roubariam seus produtos. Fosse como fosse, eles semeariam *debalde.*

Resultados. A luz de seus *olhos* desapareceria, devido à tristeza profunda que sofreriam. Cf. Deu. 28.65 e I Sam. 2.33. Está em foco alguma enfermidade literal, física, ocular, embora alguns estudiosos interpretem metaforicamente a questão. O *espírito* sucumbiria em meio a tantas reversões da sorte e enfermidades. Talvez estejam em foco os distúrbios mentais, porém o mais provável é que esteja em pauta um profundo desânimo do espírito. A própria vida diária tornava-se uma carga insuportável para aqueles que estivessem vivendo em meio a tantas misérias.

26.17

Quanto à idéia de Yahweh voltar Seu rosto contra alguém, por tê-Lo desagradado, ver Lev. 17.10. A metáfora do *rosto iracundo* ocorre em vários lugares. Ver também Lev. 20.3,5. As notas em Lev. 17.10 fornecem outros detalhes.

Sereis feridos diante de vossos inimigos. Uma das ameaças era a derrota em ações militares. Os desobedientes haveriam de colher sua maldade sob a forma de guerras e conflitos contínuos. Mas mesmo quando não estivessem sendo sujeitados a tais calamidades, eles correriam por nada, pois estariam vivendo em temor constante. Seus adversários haveriam de derrotá-los e escravizá-los. Aqueles que não quisessem perder a vida perderiam a liberdade, uma espécie de *morte em vida.* Em vez de estarem em companhia de seus amados, estariam sempre com aqueles que os *odiavam,* sofrendo de uma contínua opressão por parte deles. Cf. Núm. 14.2; Deu. 1.42; 28.25; Eze. 29.15 e 34.4. Note-se o leitor os paralelos com o livro de Ezequiel. Neste capítulo 26 de Levítico, há *vinte e dois* desses paralelos. Ver a respeito disso na introdução a este capítulo.

Alguns estudiosos pensam que estão em pauta os *cativeiros,* quando essas ameaças tiveram cumprimento cabal. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Cativeiro (Cativeiros).* Note-se o contraste entre os vss. 17 e 18 deste capítulo (onde aparecem as promessas feitas aos obedientes em Israel).

26.18

Tornarei a castigar-vos sete vezes mais. Os juízos divinos, uma vez descarregados contra os desobedientes, haveriam de despertá-los. O juízo e os sofrimentos haveriam de remediar a situação deles, e não apenas castigá-los por causa das maldades cometidas. Esses artigos tinham por propósito fazê-los "ouvir", se todas as providências anteriores tivessem falhado. Assim, o vs. 14 introduz as ameaças como uma convocação para que *ouvissem.* Yahweh haveria de forçá-los a dar-Lhe ouvidos, e isso para o bem deles, e não por querer tirar vingança dos pecados deles. Isso posto, todos os juízos de Deus são remediais, incluindo os juízos divinos contra os perdidos. Ver no *Dicionário* o verbete chamado *Julgamento de Deus dos Homens Perdidos,* quanto a uma ilustração desse princípio. Sem dúvida, Orígenes estava com razão ao afirmar que ver os juízos divinos como meramente retributivos é rebaixar-se e aceitar uma teologia inferior. O trecho de I Ped. 4.6 ensina um julgamento remediai para os perdidos, da mesma forma que o trecho de Heb. 12.5-8 ensina juízos remediais para os remidos.

Negligência. Essa atitude aumenta os julgamentos divinos, conforme é dito aqui. A miséria dos israelitas aumentaria sete vezes mais. Ver no *Dicionário* o artigo *Número (Numeral, Numerologia),* acerca do número sete, símbolo de perfeição, de algo completo, de cumprimento. Em um castigo abundante haveria um abundante *incentivo* para o arrependimento diante dos pecados cometidos. Ver também, no *Dicionário,* o verbete *Pecado.* Cf. Jó 5.19 e Luc. 17.4. A noção de deixar de *ouvir* é reiterada por cinco vezes, nos vss. 14, 18, 21, 23 e 27.

26.19

A soberba da vossa força. Por trás do poder arrogante dos homens encontra-se o seu orgulho. Quebrar esse poder é quebrar o seu orgulho. Miséria e desastre prolongado arrancam do pecador arrogante o seu orgulho. Uma das principais características do pecado é que este gera a arrogância, e a arrogância é apenas uma variação do orgulho. Por isso, os pecadores são caracteristicamente arrogantes e orgulhosos. Eles estão certos de que estão agindo corretamente. E também têm a certeza de que coisa alguma é capaz de prejudicá-los. E é somente quando sua sorte se reverte que eles *começam* a voltar ao bom senso. Os grandes assassinos, que matam a torto e a direito, choram quando sua vida é ameaçada. Os criminosos, quando chega o momento de serem executados, pedem que seus executores tenham misericórdia, em nome de Deus. No entanto, nem se lembravam de Deus quando, com grande afã, se dispunham a matar seus semelhantes. O próprio Satanás caiu devido ao seu pecado de orgulho, porquanto chegou a imaginar-se igual ao Deus Altíssimo. Ver Isa. 14.12 ss. Ver na *Enciclopédia da Bíblia, Teologia e Filosofia* o artigo chamado *Orgulho.*

Por outro lado, poder, riquezas e posição social elevada geram o orgulho. Esse é um círculo vicioso que serve de armadilha para os ímpios. Cf. Eze. 30.6; 33.28 quanto a paralelos com o presente versículo, e ver também a introdução ao capítulo quanto a como o livro de Ezequiel tem muitos paralelos com o capítulo 26 de Levítico.

Nos dias do segundo templo, a palavra "poder", usada neste versículo, era metaforicamente entendida como "santuário". Esse é o sentido de Eze. 24.21, e, talvez, esse seja o sentido da palavra, neste versículo. Poderiam estar em pauta a fé religiosa falsa ou formas diversas de idolatria. Mas vários Targuns ou comentários dos judeus opinam que a palavra *poder* aponta para o templo de Jerusalém, destruído primeiramente por Nabucodonosor e depois pelos romanos. A desobediente nação de Israel, pois, perdeu seu poderoso santuário, no qual confiavam debalde, para que os livrasse de desastres, *apesar* de seus pecados contínuos.

Os céus sejam como ferro. Em lugar de ser a fonte das chuvas, das quais dependem toda vida e toda agricultura, os céus ficariam duros como o ferro. Além disso, nenhuma oração chegaria até Yahweh. As orações, por assim dizer, apenas reverberariam contra a cúpula de ferro do firmamento.

A vossa terra como bronze. O solo, que deve produzir se os homens tiverem de sobreviver, tornar-se-ia como o bronze, incapaz de absorver a água e qualquer semente ali plantada. Daí resultariam a escassez e a fome. Ver Deu. 28.23 quanto à mesma metáfora, mas onde os metais aparecem na ordem inversa.

26.20

Vossa terra não dará a sua messe. A agricultura é uma ocupação trabalhosa, especialmente quando era praticada sem as máquinas modernas. Mas os

israelitas desobedientes, embora desgastassem suas forças em um labor cansativo, não obteriam resultados positivos.

Contraste-se essa situação com as bênçãos prometidas aos israelitas obedientes, onde lhes foi assegurada uma agricultura próspera (vss. 4 ss.). Uma larga porção da Palestina era composta de terras aráveis, a despeito do deserto circundante. Ali havia várias espécies de árvores frutíferas, como figos, romãs, uvas etc. Apesar das vantagens das terras, os filhos de Israel desobedientes haveriam de passar fome. Ver o trecho de Deu. 11.17, que também ameaça com desastres agrícolas, mais ou menos nos mesmos termos que achamos nesta passagem.

26.21

E não me quiserdes ouvir. Essas palavras foram dirigidas a desobedientes potenciais. Esses costumam "andar na direção contrária". Aqui é reiterado, em sua substância, o vs. 14 deste capítulo. *Não ouvir* é expressão usada por *cinco* vezes neste capítulo. Ver os vss. 14, 18, 21, 23 e 27. A metáfora do ato de *andar* é comum no Antigo e no Novo Testamento, como também em várias literaturas de fundo ético. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Andar,* no tocante a completas explicações a respeito. Além de ser um ato progressivo e produtivo, o ato de andar também é uma série de *quedas interrompidas* pelo passo seguinte, e isso sem dúvida caracteriza a vida moral da vasta maioria dos seres humanos.

A metáfora do andar ao contrário aparece nos vss. 21, 23, 24, 27, 28, 40 e 41 deste capítulo.

O ouvinte desatento e aquele que caminha ao contrário são ameaçados com um aumento, *sete vezes* maior, de pragas e castigos, conforme já vimos nas notas sobre o vs. 18 deste capítulo. Yahweh estava resolvido a *remediar* a vida dos desobedientes, e não apenas puni-los por suas infrações. Quanto a esse princípio remediador, ver as notas expositivas sobre o vs. 18 deste capítulo.

26.22

As feras do campo. Esses animais selvagens atacariam os israelitas desobedientes. Eles devorariam animais domésticos, mas também fariam vítimas entre a população humana. A Palestina dispunha de boa parcela de animais volumosos, como o urso, o leão e o lobo. Todas essas espécies constituíam uma ameaça, porquanto aumentavam enormemente em números, algumas vezes fugindo ao controle dos homens. Figuradamente, porém, alguns viam aqui povos inimigos de Israel, como os assírios e os babilônios, que desciam como se fossem hordas de animais ferozes, destruindo e levando em cativeiro aos filhos de Israel. Ver Êxo. 23.29; Deu. 32.24; II Reis 17.25; Isa. 13.21,22; Eze. 14.15, quanto a trechos paralelos deste texto.

Na literatura mórmon conta-se uma história lamentável sobre uma ocasião em que os mórmons, tentando chegar ao vale do Lago Salgado, naquilo que agora é o estado de Utah, nos Estados Unidos da América, encontraram muitos problemas com os animais selvagens, que virtualmente infestavam a parte ocidental da América do Norte, antes de o homem branco chegar ali. Em um momento de descuido, um garoto que fazia parte do grupo foi atacado por um lobo, foi morto e parcialmente devorado. Grandemente consternados, seus familiares tomaram o que restava do cadáver do menino e o sepultaram no deserto. E, então, o grupo seguiu adiante, deixando no deserto aquela cena miserável de um sepulcro isolado. No entanto, alguns anos mais tarde, o pai do garoto passou por uma experiência de quase morte. E, estando ele naquele estado, vários espíritos lhe apareceram, *incluindo* o espírito do menino que o lobo havia matado. Voltando do estado de quase morte, o pai foi capaz de garantir à mãe do rapazinho, bem como ao resto da família, que seu amado filho ainda estava vivo! Grandes são a misericórdia e o amor de Deus. A vida se assenhoreia da morte. Ver na *Enciclopédia de Bíblia, Teologia e Filosofia* o verbete *Experiências Perto da Morte.*

Os vossos caminhos se tornarão desertos. Cerca de quarenta e duas estradas antigas riscavam o mapa da antiga Palestina. Eram artérias por onde passavam o comércio e as riquezas. Mas o castigo divino haveria de deixar vazias essas estradas.

26.23

Já pudemos examinar a questão dos *juízos remediais,* no vs. 18. E aqui, uma vez mais, descobrimos o fato de que esses juízos divinos têm por escopo remediar a vida dos pecadores, e não meramente puni-los devido aos seus erros. A versão inglesa da Bíblia, RSV, usa aqui a palavra "disciplina". Essa disciplina tinha por propósito mudar a maneira de andar dos israelitas desobedientes. Isso está em consonância com o ensino bíblico de que Deus é amor, o grande Benfeitor de toda a humanidade. Não obstante, algumas vezes os desobedientes resolvem fixar-se em sua conduta errada, sendo essa a atitude que nosso texto descreve como *andardes contrariamente a mim.* Quanto a essa metáfora do *andar* de modo contrário a Yahweh, ver os comentários sobre o vs. 21 deste capítulo. Em lugar de se corrigirem e emendarem, eles só sentem prazer em sua perversidade. Essas pessoas amam os seus pecados. E até se ufanam deles. E assim cometem, habitualmente os seus erros, como uma maneira de viver. Essa atitude só pode resultar em desastre.

26.24

Eu **também serei contrário a vós.** O Senhor passaria a mostrar-se adverso aos que teimassem em andar em seus caminhos pecaminosos, e isso como uma atitude Sua. Temos aí retribuição *à altura,* uma espécie de divina *Lex Talionis* (ver sobre esse princípio no *Dicionário*).

Os juízos divinos se intensificariam *sete vezes* mais, algo que já fora dito nos vss. 18 e 21 deste capítulo, onde o leitor também deveria examinar as notas expositivas. A metáfora do "andar ao contrário" é repetida no vs. 28 deste capítulo, com sua ameaça de castigo sete vezes maior.

26.25

Este capítulo, como é óbvio, retrata Israel como se já estivesse vivendo em seu território pátrio, pelo que é um anacronismo. Alguns eruditos opinam que o autor sagrado escreveu *profeticamente,* considerando aquele tempo futuro quando Israel já tivesse ocupado a Terra Prometida, já estivesse vivendo em suas cidades, e, então, fosse atacado por exércitos externos, incluindo os assírios e os babilônios, que acabaram por levá-los para o cativeiro. Ver no *Dicionário* o artigo intitulado *Cativeiro (Cativeiros).* O fato de que os israelitas haveriam de obter êxito na conquista da Terra Prometida, expelindo as sete nações gentílicas que então a ocupavam (ver Êxo. 33.2), não servia de garantia de que as coisas sempre correriam favoravelmente aos filhos de Israel. Bem pelo contrário, o pecado haveria de estragar tudo, e os desobedientes não gozariam de um minuto de paz. Haveria ataques e cercos contínuos, matança e morte permanente. O pecado haveria de realizar sua obra deletéria.

A espada vingadora da minha aliança. Em outras palavras, embora o povo de Israel tivesse firmado um pacto com o Senhor, se os israelitas fossem desobedientes, então seriam *castigados* por sua desobediência, em lugar de serem protegidos em face da aliança. Se Israel viesse a ser um povo que quebrasse seu acordo com Deus, então mereceriam o castigo que viessem a receber. Ver as notas sobre o *pacto abraâmico,* em Gên. 15.18, e sobre o *pacto mosaico,* nas notas de introdução ao capítulo 19 do livro de Êxodo.

A *vingança* seria um fato inescapável, como parte integral dos pactos divinos, *se* estes não fossem obedecidos, *se* suas estipulações não fossem satisfeitas. Privilégios negligenciados produziriam desastre. Está particularmente em foco o pacto estabelecido ao pé do monte Sinai, o lugar de terror. A questão revestia-se da maior seriedade. A lei mosaica era resultante do pacto mosaico e servia de âmago mesmo desse pacto. A lei mosaica, uma vez quebrada, resultava em calamidade.

Nas vossas cidades. As tropas de Israel, derrotadas em campo de batalha, haveriam de abrigar-se nas suas cidades fortificadas. Ali encontrariam defesa por causa da espada. Mas Yahweh lhes enviaria a peste e a fome, de tal modo que aqueles que não tivessem perecido à espada seriam ceifados por meio de outras calamidades. Debilitados pela fome e pelas enfermidades, os poucos defensores das cidades fortificadas que restassem teriam de render-se aos seus inimigos. Os poucos que restassem nas cidades seriam mortos ou levados cativos.

26.26

A mais invencível dificuldade que os israelitas desobedientes teriam de enfrentar seria a falta de alimentos, causadora de *fome* (ver no *Dicionário* o verbete sobre esse assunto). Yahweh haveria de tirar-lhes "o sustento de pão". Cada residência tinha o seu próprio forno; mas também havia fornos públicos, onde várias mulheres podiam cozer seu pão ao mesmo tempo. Mas este texto aponta para um forno em uma *única casa.* O suprimento alimentar seria tão escasso que *dez* mulheres viriam cozer seu pão em um único forno. Pois a produção seria tão pequena que todos sofreriam fome. O que antes era consumido por uma única família teria de ser dividido entre dez famílias.

Aben Ezra diz-nos que era costumeiro uma dona de casa cozer seu pão uma vez por semana, produzindo pão para toda aquela semana. No Oriente Próximo e Médio preparar o pão era um trabalho feminino típico, incluindo a Palestina (Heródoto, *Polymnia,* 1.4, cap. 187). Ver no *Dicionário* os artigos *Fornos; Fornos de Tijolos e Pão.*

26.27

Os indivíduos arrogantes continuavam arrogantes; os desobedientes tinham feito da desobediência o seu estilo de vida; o pecado multiplicava-se, em vez de diminuir. Os ouvidos dos pecadores continuavam tapados, pelo que não podiam *ouvir.* A metáfora de não dar ouvidos à voz de Yahweh, cuja conseqüência era continuar contrário a Deus, é repetida por nada menos de *cinco* vezes neste

capítulo. Ver os vss. 14, 18, 21, 23 e 27. A metáfora do "andar ao contrário" também pode ser vista nos vss. 21, 23 e 24. E no vs. 24 vemos que, por esse motivo, Deus passaria a andar ao contrário em relação aos que andavam contrários a Ele. Ver no *Dicionário* o verbete intitulado *Andar.* Essa metáfora reaparece no vs. 28 deste capítulo, uma vez mais envolvendo Yahweh.

Cada *se* do texto aumenta a lista das ameaças divinas, porque essa preposição condicional mostra-nos que os desobedientes continuavam em sua desobediência. Por essa razão, as ameaças contra os desobedientes são muito mais numerosas do que as bênçãos prometidas aos obedientes. As *bênçãos* ocupam somente os vss. 4-13; e as *maldições* ocupam os vss. 15-43 deste capítulo.

26.28

Este versículo é virtualmente igual aos vss. 21 e 24, cujas notas também têm aplicação aqui. Este versículo adiciona o enfático "com furor", a fim de intensificar a ameaça. Emoções humanas são assim atribuídas a Yahweh. Mas isso deve-se ao nosso dilema teológico, pois temos de descrever Deus em termos de coisas que sabemos e compreendemos. Ver no *Dicionário* o artigo denominado *Antropomorfismo.*

26.29

Comereis a carne. Temos aqui a ameaça de *canibalismo.* Repetidos incidentes de canibalismo, ao longo da história, demonstram que as pessoas acabam apelando para comer carne humana. Pessoas chegam a matar outras para comer; ou comem pessoas mortas em algum acidente ou mesmo por causa de alguma enfermidade. Esse terrível acontecimento (também aludido em Deu. 28.53-57) aconteceu em Israel, durante o cerco da cidade de Samaria, por parte dos sírios (II Reis 6.28,29). Isso aconteceu de novo durante o cerco de Jerusalém, por parte dos caldeus, o que o profeta Jeremias lamentou amargamente (Lam. 4.10; cf. Jer. 19.9; Eze. 5.10; Zac. 11.9). E uma vez mais isso sucedeu quando os romanos, sob o comando de Tito, assediaram a Jerusalém. Josefo (*De Bello Jud.* 1.6, cap. 3) diz-nos que até mesmo os endurecidos soldados romanos ficaram horrorizados por encontrarem o corpo meio consumido de uma criança, quando eles tomaram conta da cidade, e que fora comida pela sua própria mãe. Os críticos vêem neste versículo uma observação feita após a ocorrência, anotada durante o período da monarquia, ao passo que os conservadores vêem aqui uma *profecia.*

O ponto destacado neste versículo é que o desobediente povo de Israel seria reduzido a atos desumanos, a atrocidades inconcebíveis, por causa de sua contínua rebeldia.

26.30

Destruirei os vossos altos. Uma menção à idolatria. Os israelitas desobedientes acabariam apostatando e promovendo a adoração pagã dos "lugares altos". Ver no *Dicionário* o verbete *Lugares Altos* quanto a notas completas sobre esse tipo de idolatria. O juízo divino cairia diretamente sobre tais pessoas, de tal modo que os corpos inúteis dos apóstatas seriam lançados sobre seus ídolos inúteis, um merecedor do outro. Ver no *Dicionário* o artigo geral acerca da *Idolatria.*

Os *lugares altos* tinham sido lugares onde Yahweh havia sido adorado (ver Juí. 6.25,26; 13.16-23; I Sam. 7.10; I Reis 3.2; II Reis 12.3), mas acabaram tornando-se locais de idolatria, imitando as práticas dos povos pagãos que viviam à roda de Israel (ver Núm 22.41; 33.52; Deu. 12.2; Jos. 13.17). Esses lugares de adoração idólatra seriam destruídos; os idólatras sofreriam a mesma sorte; os ídolos seriam derrubados e completamente espatifados.

"Quando os israelitas apóstatas sucumbiram diante da espada, da fome e da pestilência, nem ao menos receberam um sepultamento decente. Suas carcaças foram misturadas com os escombros de seus deuses despedaçados" (Ellicott, *in loc.*). Cf. Eze. 6.4,5 que é um paralelo bem próximo, havendo nada menos de *vinte e dois* desses paralelos naquele livro e neste capítulo **26** de Levítico. Ver sobre esse ponto na introdução a este capítulo.

26.31

Os lugares de adoração seriam demolidos, mas outro tanto sucederia às cidades dos israelitas desobedientes, e até mesmo aos santuários onde continuava preservada a adoração a Yahweh. Cf. estas ameaças com o que se lê em Jer. 4.7; 9.11; Eze. 6.6; 12.20; Nee. 2.17. A destruição dos santuários é mencionada em Jer. 51.51; Eze. 21.7; Amós 7.9; Sal. 68.36; 74.7. O autor sagrado enfatiza quão completo seria o aniquilamento. Não seria poupada coisa alguma, profana ou sagrada. Israel, durante a maior parte de sua história, esteve envolvido em guerras. Mas as destruições aqui mencionadas são mais bem ilustradas pelas destruições causadas pelos assírios, pelos babilônios e pelos romanos. Até o templo de Jerusalém foi arrasado, que era motivo de tanto orgulho espiritual para os filhos de Israel. Mas tão profano orgulho acabou perecendo.

Não aspirarei o vosso aroma agradável. Ver as notas em Lev. 1.9 e Êxo. 29.18. O aroma aqui referido é o aroma dos holocaustos, que agradava a Yahweh como se Ele estivesse participando das refeições comunais dos israelitas. Deus, pois, não aspiraria mais tal aroma, não se agradaria mais dos holocaustos, porque teria virado a cabeça para longe do culto religioso dos descendentes de Abraão. O autor sagrado usou aqui expressões antropológicas, como modos de expressão fracas, embora necessárias. Ver no *Dicionário* o verbete chamado *Antropomorfismo.*

26.32,33

Estes dois versículos reforçam e enfatizam o que foi dito no vs. 31. *Vastas* destruições foram prometidas aos desobedientes. Tão extensas seriam as destruições que até os inimigos de Israel ficariam espantados.

"Os vss. 32,33 e os versículos seguintes indicam familiaridade com a política de *deportação* dos povos conquistados, uma política eficazmente usada pelos assírios (II Reis 17) que anteciparam a conquista de Judá e o exílio dos judeus pelos babilônios, em 597-587 A. C. (Ver os vss. 34, 38, 39, 42, 43 e 44)" (*Oxford Annotated Bible,* acerca do vs. 32). Os críticos, portanto, vêem aqui um anacronismo, pois o autor estaria olhando para aquilo que já havia sucedido por ocasião do cativeiro assírio, mas os conservadores vêem nisso uma declaração profética. Fosse como fosse, somente tão vastas destruições e deportações poderiam explicar o fraseado desse texto. Guerras comuns não produzem o que está em vista aqui.

Espalhar-vos-ei por entre as nações. E isso por meio de deportação, como nos cativeiros encabeçados pelos assírios, pelos babilônios e pelos romanos. Ver no *Dicionário* o artigo *Cativeiro (Cativeiros)* quanto a completas explicações. O cativeiro assírio pôs fim ao reino do norte, Israel. Dali nunca retornou um remanescente. O cativeiro babilônico não foi tão severo, pois pelo menos voltou um remanescente do reino do sul, Judá. E foi por isso que os hebreus passaram a ser chamados judeus, ou seja, pertencentes à tribo de Judá. O moderno estado de Israel deriva-se, principalmente, dessa tribo.

Cf. a espantosa cena descrita por Jeremias (ver 9.16; 42.16-18). Cf. também Eze. 12.14.

26.34,35

A terra folgará nos seus sábados. Esses dois versículos mostram que Israel não estava observando os anos sabáticos (ver Lev. 25.2-7). Essa omissão foi inspirada, sem dúvida, por uma combinação de ganância e temor. As promessas concernentes a um mui produtivo sexto ano (ver Lev. 25.16) não impressionavam corações incrédulos. E assim, atividades agrícolas normais continuavam no sétimo ano, ano esse durante o qual não deveria haver nenhum plantio. Podemos supor que o ano do jubileu (Lev. 25.8 ss.) também não estivesse sendo observado. Por causa disso, Yahweh tirou vingança. Os israelitas foram deportados e o território de Israel pôde descansar, ou seja, teve seus sábados, na ausência deles. Alguns estudiosos vêem aqui os setenta anos do cativeiro babilônico, uma tentativa de oferecer uma exata apreciação sobre a questão. Calcula-se que, dos dias de Saul até aquele cativeiro, se passaram quatrocentos e noventa anos. Se Israel negligenciou todos os anos sabáticos, então foi negligenciada essa observância por setenta vezes. Ora, o cativeiro babilônico perdurou por setenta anos exatos. Em outras palavras, o povo de Israel "teve de devolver" tudo quanto devia, estando ausente da terra durante aquele período. Cada ano de exílio correspondeu a um ano sabático que deixara de ser observado. Sem importar se algo tão preciso seja lido no texto ou não, ainda assim o princípio tem aplicação.

Uma vez mais, porém, os críticos vêem nisso um anacronismo, pensando que o autor sacro estava olhando de volta para o cativeiro assírio, ao mesmo tempo em que antecipava o cativeiro babilônico. Mas os estudiosos conservadores vêem nisso a profecia em operação. Maimônides declarou que foi no fim de um ano sabático que foi destruído o primeiro templo de Jerusalém (*Hilchot Shemitah Vejobel,* cap. 10, sec. 3). Cf. estes versículos com os trechos de Jer. 34.17 e II Crô. 36.21.

26.36

Quanto aos que de vós ficarem. Os israelitas que não foram deportados foram poucos, e estrangeiros foram enviados para se misturarem com eles, para que não restasse nenhum hebreu autêntico. Os poucos que foram deixados na Terra Prometida ficaram muito atemorizados, o coração desmaiando. Eles tinham visto um extraordinário julgamento divino em operação. A arrogância deles fora esmagada. Eles tremiam como folhas secas ao vento. Fugiam mesmo quando ninguém os perseguia. Eles tinham pesadelos que envolviam a espada e seu poder cortante.

Yahweh implantou no coração deles a timidez e o temor. O mais leve ruído os deixava assustados. Eles viviam como se fossem zumbis. Cf. Deu. 28.65-67 e Pro. 28.1.

26.37

Cairão uns sobre os outros. Os que restassem, entre os israelitas desobedientes, haveriam de cair e tropeçar uns contra os outros, mesmo quando nenhum inimigo os estivesse perseguindo. Eles mesmos se perseguiriam e aterrorizariam. Apressar-se-iam para escapar de perigos imaginários. Não teriam nenhuma consideração por familiares ou amigos, pois só estariam pensando na sobrevivência pessoal. Escreveu Aben Ezra: "Não se importarão com parentesco ou amizade, mas cada qual procurará escapar conforme puder". Jarchi interpretou essas palavras como se todos caíssem por causa da iniqüidade de seus pais, um desastre comunitário e histórico que não dispensara a ninguém (ver *Torat Cohanim*, Yalk Yalkut, par. 1). Corações arrogantes que antes tinham oferecido resistência a qualquer ataque, agora fugiriam diante da própria sombra.

26.38

Perecereis entre as nações. Os israelitas deportados não achariam uma vida melhor nas terras estrangeiras para onde fossem. Antes, morreriam em terras estrangeiras, sob as mais miseráveis circunstâncias. Tendo sido expulsos da *terra* que Yahweh tinha dado a Abraão e seus descendentes, seriam consumidos pelas terras dos povos pagãos. Ali seriam maltratados, perseguidos e alvos de abusos. E enfermidades poriam fim aos que os homens não tivessem podido exterminar.

O fato de que eles seriam "consumidos" nas terras de seus perseguidores também inclui a idéia de *obliteração* de sua identidade. A mistura com povos pagãos e o fato de que um remanescente nunca retornou à Palestina bastaram para obliterar o reino do norte, Israel, a saber, as dez tribos que se tornaram cativas na Assíria. Jarchi opinava que este versículo se refere a como os israelitas morriam no cativeiro assírio, e é bem provável que isso seja o que está mesmo em destaque. O hebraico diz, literalmente, no começo deste versículo: "ficareis *perdidos* entre os pagãos". Verdadeiramente, era uma causa perdida, um triste *fim* para quase quinhentos anos de vida e existência em Israel. Cf. Deu. 22.3; I Sam. 9.3,20; Jer. 1.6; Eze. 34.4,16; 36.13; Sal. 119.176.

26.39

Aqueles que dentre vós ficarem. É provável que a referência aqui seja ao pequeno número de pessoas *não deportadas*, pois o autor sagrado, por assim dizer, voltava aos vss. 36 e 37. Mas talvez um pequeno número deles vivesse por bastante tempo entre os assírios. Sem importar se na própria terra ou no estrangeiro, os poucos sobreviventes viveriam durante o resto de sua vida em circunstâncias muito adversas. Iriam diminuindo gradualmente em número até se dissolverem como cera diante das chamas, e, então, morreriam, por causa de suas iniqüidades. Cf. Eze. 24.23 e 33.10. Há *vinte e dois* paralelos entre o vigésimo sexto capítulo de Levítico e o livro de Ezequiel. Ver a introdução a este capítulo quanto a comentários acerca dessa circunstância.

E pela iniqüidade de seus pais. Embora tão severamente castigados, eles prosseguiriam em suas práticas pecaminosas, "enchendo" a taça da iniqüidade de seus pais e demonstrando quão justa era a calamidade em que tinham caído. Cf. Mat. 23.32,33. Ver também Êxo. 20.5. Além de terem de pagar caro por seus próprios pecados, teriam de expiar pelos pecados de seus antepassados, pois eram a *geração terminal.*

26.40

Mas se confessarem. A confissão e o arrependimento ainda assim poderiam inverter a terrível cadeia de eventos que estava consumindo o povo de Israel, no cativeiro assírio, e o povo de Judá, no cativeiro babilônico. Portanto, o texto apresenta aqui uma "condição", um *se*. E então, logo adiante, são feitas promessas de paz, segurança e bem-estar (vss. 43 ss.). Todavia esse *se* era inútil, porquanto um temível curso de eventos já tinha sido posto em um inexorável movimento. Ninguém haveria de atender aos apelos de Yahweh; nenhum homem faria diferença. Ver no *Dicionário* o artigo intitulado *Arrependimento.* Confessar e dizer "eu estava errado" é o primeiro passo no arrependimento, porquanto mostra uma mudança de coração e o abandono da arrogância que acompanha o pecado habitual.

Israel estava *andando contra* Yahweh. Ver as notas sobre essa metáfora em Lev. 26.21. Neste capítulo, essa metáfora aparece nos vss. 21, 23, 24, 28 e 40. Cf. isso com a metáfora dos ouvidos que não queriam ouvir (cujas notas figuram em Lev. 26.14,15). Em razão de o povo de Israel estar andando na contracorrente, em relação a Yahweh, o Senhor também tinha começado a andar em sentido contrário ao de Israel (ver os vss. 24, 28 e 41).

26.41

Ver a metáfora do andar ao contrário no vs. 21 deste capítulo. O andar contrário de Yahweh, em oposição aos que andavam contra Ele, é mencionado nos vss. 24, 28 e 41. É esse andar contrário que tem sido descrito nos castigos radicais que o povo de Israel haveria de sofrer nos seus cativeiros (vss. 31 ss.).

Se o seu coração incircunciso se humilhar. O coração tão arrogante dos israelitas desobedientes, levando-os a rejeitar a espiritualidade, era semelhante à incircuncisão de coração dos pagãos. Tal coração precisava humilhar-se para poder arrepender-se verdadeiramente. Um arrependimento verdadeiro se fazia necessário para reverter o horrível curso de eventos a que a pecaminosidade constante tinha empurrado os filhos de Israel. Ver no *Dicionário* o verbete chamado *Circuncisão.* A circuncisão era o sinal do pacto abraâmico (ver Gên. 15.18 e suas notas expositivas), da mesma maneira que a guarda do sábado era o sinal do pacto mosaico (ver notas introdutórias a Êxo. 19). Ter sido circuncidado era uma promessa de levar um tipo diferente de vida diária, em relação ao que faziam os povos vizinhos de Israel. Mas quando o povo de Israel vivia como seus vizinhos, isso era garantia de desastre próximo. Ver as notas sobre o capítulo 17 do livro de Gênesis para ver como o sinal da circuncisão foi instituído para separar uma nação separada, um tipo distinto de povo. A desobediente nação de Israel havia anulado espiritualmente o seu pacto com Deus, e terminara dotada de *corações incircuncisos*, apesar do fato de serem literalmente circuncidados. Por isso mesmo, o apóstolo Paulo esclareceu que a verdadeira circuncisão é a do "coração" (Rom. 2.29). Ver no *Dicionário* o verbete intitulado *Humildade.*

26.42

A humildade que resulta no arrependimento seria a chave para inverter as espantosas profecias dos vss. 31 ss. deste capítulo. Essas condições faziam brilhar um raio de esperança quanto ao destino de Israel, revertendo totalmente as profecias ameaçadoras, antes de estas começarem a ter cumprimento. A oração é mais poderosa do que a profecia. Mas geralmente os homens acabam atolados em meandros pecaminosos, e descobrem que é impossível se livrarem sozinhos. O pecado habitual cria hábitos arraigados. Um homem, por abusar de seu livre-arbítrio, acaba sacrificando esse livre-arbítrio, pois sua vontade fica escravizada. Os homens, por meio da rebeldia, tornam-se *incapazes* de reverter essa rebeldia. Esses criam um curso de vida que inevitavelmente os leva até uma destruição bem merecida. Não obstante, Yahweh lhes fizera um oferecimento sincero, mas Israel não aceitou esse oferecimento.

Ó Mestre, deixa-me andar Contigo,
Em veredas humildes de serviço voluntário;
Ensina-me o Teu segredo, ajuda-me a suportar
A tensão do labor, e toda preocupação.
. . . . .
Em esperança que envia um raio brilhante
No futuro distante do caminho que se alarga;
Em paz como só Tu podes dar-me,
Contigo ó Senhor, permite-me viver.

(Washington Gladden)

As *alianças* de Deus com Jacó, Isaque e Abraão permaneceriam intactas. Israel permaneceria em paz em sua terra. Os cativeiros e suas deportações não teriam lugar. Todas as temíveis profecias dos vss. 31 ss. seriam anuladas. O futuro era plástico. Israel podia fazer com o futuro aquilo que quisesse.

Determinismo? Poderíamos fazer essa pergunta sobre as questões ventiladas nesta passagem. Não teria sido determinado por Deus que Israel fosse levado a cativeiros? Não seriam os cativeiros elementos necessários na história dessa nação? O texto diante de nós fornece a resposta *negativa.* Contudo, podemos encontrar outros textos que subentendem a resposta *positiva.* Um dos mais árduos problemas da filosofia e da teologia é a relação entre o determinismo e o livre-arbítrio. Ver no *Dicionário* os artigos *Determinismo (Predestinação)* e *Livre-Arbítrio.* Ver Êxo. 65.6 e Sal. 106.45 quanto a declarações similares às deste versículo.

26.43

"A solene advertência é aqui reiterada, de que antes de Deus lembrar-se de Seu pacto com os patriarcas, relembrando-se da Terra Prometida, esta deveria ser despovoada de seus habitantes rebeldes, desfrutando os sábados que lhes tinham sido negados pelos israelitas. Este versículo, pois, que é substancialmente uma repetição dos vss. 33 e 34, parece ter sido inserido aqui a fim de protestar mais solenemente contra a hediondez dos pecados deles" (Ellicott, *in loc.*).

Israel tinha desprezado os *juízos* e se aborrecido dos *estatutos* que Yahweh lhes havia dado na legislação mosaica. Ver as notas no vs. 15 deste capítulo quanto aos *vários* termos usados para aludir a essa legislação, incluindo os vocábulos usados neste versículo.

26.44

Os juízos divinos seriam tão severos que eliminariam, virtualmente, a nação de Israel. Mas como os pactos precisavam ser cumpridos, não haveria uma total extinção. Um remanescente voltaria do cativeiro babilônico, e a nação, agora formada por judaítas (da tribo de Judá, em sua maioria), haveria de prosseguir. Através dessa nação viria o Novo Pacto, firmado no sangue de Cristo; e esse Novo Pacto visaria ao bem e benefício espiritual eterno da humanidade inteira. E assim foi renovada a esperança por meio do Novo Pacto, embora *quase* tudo se tenha permitido por meio do Antigo Pacto. Ver Rom. 11.26,27 quanto a um comentário do Novo Testamento sobre os pensamentos deste versículo. Por causa do evangelho, Israel foi desprezado e quase se tornou inimigo de Yahweh. Mas um plano supremo estava em operação. A mensagem espiritual propagou-se universalmente, visto que Cristo veio a este mundo com uma missão universal. De fato, Ele exerceu (e continua exercendo) uma missão tridimensional: na terra, nos céus e no hades. Essa *universalidade* chegou a ter poderosos efeitos e poderes. Ver as notas sobre Efé. 1.10, no *Novo Testamento Interpretado;* ver no *Dicionário* o verbete *Mistério da Vontade de Deus;* e na *Enciclopédia de Bíblia, Teologia e Filosofia* o artigo *Missão Universal do Logos (Cristo).*

Eu sou o Senhor seu Deus. Essa é uma expressão muito repetida no chamado *Código de Santidade* (Lev. 17-26), que enfatiza a solenidade e a importância de alguma declaração. Ver as notas a respeito em Lev. 18.30.

John Gill informa-nos que os judeus gostavam de ler este versículo em voz alta, muito emocionados, pois as promessas nele constantes eram-lhes muito doces de ouvir. "Eles permaneceriam um povo distinto de outros povos, o que lhes parecia ser um bom presságio" (disse ele). Em nossos dias, estamos vendo de novo os filhos de Israel, em sua própia terra, apesar de séculos de dispersão.

26.45

Por amor deles me lembrarei da aliança. Existem as intervenções divinas. Apesar de Deus poder dar-nos dons e talentos, esperando que desenvolvamos nosso potencial, então retrocedamos um pouco para olhar e ver o que faremos, pois todos nós, *vez por outra,* precisamos das intervenções divinas em nossa vida. Assim aconteceu com o povo de Israel. Somente o poder de uma intervenção divina poderia fazer Israel sair do Egito. Chegou um ponto em que somente *outra* intervenção divina poderia salvar Israel, após os cativeiros assírio, babilônico e romano. Ver no *Dicionário* o artigo intitulado *Cativeiro (Cativeiros).* A outra intervenção divina é prometida neste versículo. *Abraão* era digno. O pacto (ver as notas a respeito, em Gên. 15.18) foi feito com ele. Por conseguinte, coisa alguma poderia impedir seu cumprimento final. Mas haveria temíveis vicissitudes e reversões antes que as promessas do Senhor se pudessem cumprir.

"Embora Israel tenha sido divinamente disciplinado por várias deportações e dispersões, as bênçãos do pacto abraâmico com a nação judaica, na Terra Prometida, em sua perpetuidade, aguardam o cumprimento do reino milenar, após o segundo advento de Cristo (ver Amós 9.11-15; Rom. 11.25-27)" (F. Duane Lindsey, *in loc.*).

26.46

Este versículo leva-nos de volta ao terceiro versículo deste capítulo, onde é dito algo similar do que achamos aqui. A referência especial é à seção de Lev. 25.1-26.45. Essa seção inclui o *Código de Santidade* (Lev. 17-26). Ver o versículo 15 deste capítulo quanto aos vários termos usados para aludir à legislação mosaica. Em um sentido amplo, os estatutos e juízos referem-se ao conteúdo essencial de Levítico. Essas eram as leis a que Israel tinha de obedecer, para evitar as maldições constantes nos vss. 31-43 deste capítulo. O caminho da vida e o caminho da morte foram ambos postos diante de Israel. Ver Lev. 18.5 quanto a idéias. No entanto, esses caminhos da vida e da morte, antes da época dos Salmos e dos Profetas, não falam de nenhuma bênção ou castigo na vida pós-túmulo. No judaísmo posterior, entrou essa idéia na teologia dos descendentes de Abraão, e passou, afinal, para o cristianismo. Ver a introdução ao capítulo presente, quanto a notas sobre essa questão. Ver na *Enciclopédia de Bíblia, Teologia e Filosofia* o verbete intitulado *Imortalidade.*

No monte Sinai. A essência e a substância original da revelação mosaica e da lei são dadas aqui. Foi ali que o povo de Israel prometeu obedecer às provisões do pacto mosaico (ver as notas na introdução ao capítulo 19 do livro de Êxodo). Cf. Lev. 25.1.

Conclusão. Este capítulo vinte e seis de Levítico marca a conclusão do *Código de Santidade,* que começara no capítulo dezenove. Ver as notas de introdução a esse código, no capítulo dezessete de Levítico. Já haviam sido dadas muitas leis: obedecê-las era vida; mas desobedecê-las a elas era morte em vida. *Bênçãos* foram prometidas aos obedientes (Lev. 26.2-13); *maldições* foram proferidas contra os desobedientes (Lev. 26.14-43).

Capítulo Vinte e Sete

Instruções sobre Votos e Dízimos (27.1-34)

O capítulo *26* de Levítico é, ao mesmo tempo, a conclusão do *Código de Santidade* (Lev. 17-26) e a conclusão *espiritual* do inteiro livro de Levítico. Ver as notas de introdução ao capítulo 17 daquele código. O capítulo 27 volta a ventilar outra lista repetitiva de leis miscelâneas, quase todas as quais leis já pudemos ver em outros lugares do livro. Este capítulo funciona definidamente como uma espécie de *apêndice* ao livro, e não como uma conclusão propriamente dita. Uma das características literárias do autor do Pentateuco é a repetição de materiais. Algumas vezes isso serve para enfatizar, mas de outras vezes há mera questão de repetição. Os críticos estão certos de que tanta repetição deve-se às muitas fontes informativas que o autor sagrado reuniu para compilar o seu livro. Ele não se incomodou em remover as repetições, para assim reduzir o volume da obra. Provavelmente, ele pensasse em todas as suas fontes como diferentes modos de comunicar a mensagem de Yahweh, além de ter temido reduzi-las ou mudá-las. E assim, incluiu tudo, com repetições e tudo mais. Ver no *Dicionário* o artigo intitulado *J.E.D.P.(S.),* quanto à teoria das múltiplas fontes informativas do Pentateuco.

Um dos principais assuntos deste capítulo é aquele acerca dos *votos.* Há cautelas contra votos precipitados (ver também Ecl. 5.4,5; Deu. 23.21-23; Pro. 20.25). A importância dada aos votos desencorajava a frivolidade a respeito (vss. 2-7). "Os assuntos dos votos (incluindo os pertinentes aos sacrifícios de animais) e das dádivas e dos dízimos para o santuário estão relacionados entre si, pelo que são reunidos em um bloco neste capítulo de um livro que *começou* com sacrifícios oferecidos no santuário" (F. Duane Lindsey, *in loc.*).

27.1

Disse mais o Senhor. Expressão constantemente repetida em Levítico, empregada para introduzir materiais novos. Também nos faz lembrar da questão da inspiração divina da Bíblia. Ver notas completas a esse respeito, em Lev. 1.1 e 4.1.

27.2

Moisés, que era mediador entre Yahweh e os israelitas, dirigiu-se aos filhos de Israel. Há *oito* fórmulas de comunicação que seguem às palavras "falou o Senhor" (vs. 1). Algumas vezes, a mensagem era endereçada a Arão; de outras vezes a Arão e seus filhos; ou, então, ao povo todo, como neste versículo. Ver as notas sobre essas oito fórmulas de comunicação em Lev. 17.2.

Quando alguém fizer voto. Todos nós já estivemos envolvidos em votos ou promessas. Algumas vezes, votar algo é um ato de piedade. "Senhor, eis a minha vida. Eu ta entrego". Isso exprime um voto sem condições. De outras vezes, um voto ou promessa é feito a fim de obter algo que desejamos. "Senhor, *se* fizeres isto para mim, então farei aquilo para Ti". Minha mãe costumava dizer: "Algumas vezes, podemos barganhar com Deus, mas nem sempre". O trecho de Juízes 11.30,31 fala do terrível voto feito por Jefté, o qual, quando envolvido em batalha encarniçada, votou sacrificar a Yahweh a primeira pessoa que viesse ao encontro dele, obtida a vitória. A vitória foi lograda. E a primeira pessoa que veio ao encontro de Jefté foi sua própria filha. E, de acordo com as condições de seu estúpido voto, ele a sacrificou! Ver no *Dicionário* o verbete *Jefté.* E também temos o caso de Ana, a qual prometeu que, se tivesse um filho, ela o dedicaria ao Senhor. Nasceu o filho dela, Samuel, que, desmamado, foi entregue ao tabernáculo, a fim de servir ao Senhor. Ver I Sam. 1.11 e seu contexto, bem como, no *Dicionário,* o artigo chamado *Ana.*

No texto à nossa frente, votos dedicavam vidas ao tabernáculo. Provavelmente, a maior parte dos votos fosse feito em troca de algo desejado, como nos casos citados anteriormente. Mas visto que o tabernáculo tinha seus próprios serviçais, o sacerdócio aarônico, era desnecessária qualquer ajuda extra. Por esse motivo, era mister regulamentar como *dispensar* um homem de seus votos.

Dispensa dos Votos. Isso só podia ser conseguido mediante o pagamento de certa quantia que era considerada uma redenção ou resgate. A dispensa, pois, era comprada. Daí vem a idéia de *redenção* (ver a esse respeito no *Dicionário*).

Voto Singular. Um voto incomum, feito com zelo extremo. Um homem podia votar dar a Yahweh ele mesmo, sua esposa, seus filhos, seu gado, suas propriedades, ou como um ato de dedicação ou em troca de algo desejado.

Os votos em vista aqui são atos *auto-impostos.* Nesse sentido, esses votos podiam ser desfeitos. Cf. Núm. 30; Sal. 56.12; 116.14; Lev. 7.16; 22.18,21 e o artigo geral no *Dicionário,* intitulado *Voto.*

27.3

Os vss. 1-8 tratam com *pessoas* dedicadas a Yahweh, envolvidas no serviço do tabernáculo ou em outros serviços não designados neste texto. Al-

guns pensam que está em vista o trecho de I Samuel 1.11. Idade e sexo estavam envolvidos na quantidade de dinheiro que resgataria uma pessoa de seu voto. Assim, neste versículo, um homem entre vinte e sessenta anos de idade poderia resgatar-se de um voto seu mediante o pagamento de cinqüenta siclos, siclos do santuário. Não há como calcular, de acordo com o poder de compra do dinheiro moderno, o que isso representaria. Mas dou vários artigos que nos fornecem alguma idéia. Ver no *Dicionário* os artigos *Siclo; Siclo Real; Siclo Sagrado* e *Siclo e Prata;* e também *Dinheiro.* Nas notas sobre Êxo. 30.13 ver sobre *siclo do santuário.* Estava *em foco um peso algo maior que o subseqüente* siclo babilônico. No *Dicionário* ver o verbete *Dinheiro,* IV.C.I. Nos dias de Moisés ainda não se cunhavam moedas, pelo que todo dinheiro consistia em pesos em metal. Todas as oferendas eram calculadas segundo o valor do siclo (ver Lev. 27.25). O siclo pesava vinte *geras;* uma gera era do peso de dezesseis grãos de cevada. E assim, um siclo era do peso de cerca de trezentos e vinte grãos de cevada.

Uma de minhas fontes informativas diz que cinqüenta siclos tinha o valor de *cinqüenta meses de salário.* Nesse caso, o sistema de votos e resgates tinha por finalidade evitar votos precipitados, o que, naturalmente, não se aplicava aos ricos.

A tua avaliação. Todo dinheiro de resgate de votos era empregado na manutenção do tabernáculo e seu culto. Durante o período grego, o siclo pesava cerca de duzentos e vinte grãos de prata, mas não podemos calcular isso em termos de poder aquisitivo moderno. E o que se sabe acerca do siclo, em um período mais anterior, ainda se torna mais difícil de interpretar.

Um homem entre vinte e sessenta anos de idade era o que pagava o resgate maior, pois correspondia ao período de trabalho mais produtivo de um homem.

27.4

Se for mulher. Sua idade não foi estipulada, mas o resgate de uma mulher, de um voto seu, era menor, pois ficava em apenas trinta siclos, ou seja, sessenta por cento do valor de um homem entre vinte e sessenta anos de idade (vs. 3). Este versículo não fala na idade da mulher, mas muitos estudiosos pensam que aquilo que é dito no versículo anterior, no tocante à idade, também se aplica aqui. Ora, trinta siclos era o preço de um escravo (ver Êxo. 21.32). Jesus foi vendido pela ridícula quantia de trinta siclos de prata (ver Mat. 27.9). Por essa pequena quantia, Jefté poderia ter remido a sua filha (ver Juí. 11.30). Por que ele não o fez, não sabemos dizê-lo. Talvez a lei do resgate não fosse universalmente praticada em Israel; ou talvez Jefté tenha pensado que seria um ato mais piedoso sacrificá-la do que redimi-la.

27.5

Cinco anos até vinte. Nesse caso, o preço do resgate de um homem era de vinte siclos. E mulheres da mesma idade pagavam apenas dez siclos. Pessoas de menos idade eram menos valiosas, pois também eram menos produtivas. Muitos pais, em seu zelo, *ou* em busca de vantagem financeira, dedicavam seus filhos ao santuário, a exemplo de Ana (ver I Sam. 1.11). Posteriormente, podiam mudar de idéia, mediante o amor paterno, não querendo que seus filhos fossem reduzidos a trabalhos braçais no tabernáculo. Havia uma maneira natural e legal de anular os seus votos, ou seja, pagando os resgates estipulados. Muitos votos eram tomados como atos de piedade, por parte de pessoas que, desde o começo, sabiam que o voto não seria cumprido. Assim sendo, sabiam que a qualquer momento poderiam pagar o resgate. Era um ato piedoso. Mas sem dúvida, para outros, era um ato de *ostentação.* As pessoas queriam que seus vizinhos mostrassem a sua "piedade" natural mediante a observação de como eles dedicavam até seus filhos pequenos ao Senhor.

27.6

De um mês até cinco anos. Até infantes podiam ser dedicados a Yahweh. Nesse caso, um menino valia cinco siclos, e uma menina, apenas três. Os preços eram deveras pequenos, e podemos ter certeza de que os oficiais do tabernáculo não queriam a responsabilidade de cuidar de infantes, que em nada podiam ajudar no trabalho deles no tabernáculo. Assim, era fácil para os pais *dedicarem* essas crianças, e depois *resgatá-las.* Podemos ter a certeza de que tal prática, desde o começo, visava liberar mais tarde as crianças; e também havia muita ostentação nessas dedicações.

27.7

De sessenta anos para cima. Tais pessoas já não valiam muito para o serviço de Deus. Assim sendo, um homem dessa idade era avaliado em quinze siclos, e uma mulher da mesma idade, em dez siclos, ainda menos que as pessoas entre cinco e vinte anos de idade. Essa é uma situação humilhante para todos nós que já atingimos os sessenta anos de idade! Podemos aliviar um pouco esse senso de humilhação mediante a observação de que agora as pessoas vivem mais do que antigamente e são mais produtivas com a mesma idade das pessoas antigas.

John Gill observou, com senso de humor (segundo penso) e de humanitarismo: "Quando um homem chega aos sessenta anos ou mais, está chegando na hora de aposentar-se!". No entanto, eis-me aqui, às vésperas de completar meu sexagésimo aniversário, a 22 de dezembro de 1993, dando início a um comentário versículo por versículo do Antigo Testamento. Assim sendo, oro: "Oh, Senhor, ajuda-me na minha idade avançada e ajuda-me a trabalhar esta obra; e, *se* assim fizeres, então dedicarei a Ti meus anos de outono e de inverno!". Senhor, concede-nos tal graça! Leitor, se você também se está tornando uma pessoa idosa, então haverá de entender que Yahweh me está sustentando. O próprio John Gill viveu até os setenta e quatro anos, e continuava escrevendo comentários da Bíblia quando faleceu. Ele queixou-se de não poder terminar um trabalho que havia iniciado, quando foi derrubado por sua última enfermidade. Todavia, ele havia produzido o primeiro comentário versículo por versículo sobre a Bíblia inteira em inglês, antes de soltar seu último suspiro. Logo, ele não se "aposentou" aos sessenta anos de idade!

Ver uma fotografia de John Gill, no artigo existente na *Enciclopédia de Bíblia, Teologia e Filosofia,* intitulado *Comentários sobre a Bíblia.*

27.8

Se for mais pobre do que a tua avaliação. Se um siclo representava o trabalho de um mês para um homem comum, então é óbvio que um homem pobre não podia pagar o preço de seu resgate. Nesses casos, o sacerdote avaliaria o resgate do homem segundo melhor considerasse, de acordo com o que pensasse que o homem poderia pagar. Esse sistema de votos e de resgates a preços elevados tinha por intuito desencorajar votos apressados e exibicionistas.

As avaliações, nos dias do segundo templo, cobravam um preço mínimo, ou seja, um siclo por um homem. Mas qualquer um que se recusasse ou negligenciasse a pagar o dinheiro do resgate tinha todos os seus bens confiscados pelos oficiais do templo. Porém, os instrumentos básicos da agricultura, ou que serviam ao homem em seu trabalho, não podiam ser-lhe arrebatados como pagamento de sua dívida. Ademais, também não podiam ser confiscadas as roupas de uma criança, alimentos de sustento para trinta dias, leite para doze meses e uma junta de bois, que eram considerados necessidades básicas para qualquer homem. O resto, todavia, estava sujeito a confisco.

27.9

Se for animal. O caso de animais oferecidos como voto e, então, resgatados aparece nos vss. 9-13. Partes desses animais eram oferecidas a Yahweh; e outras porções eram consumidas pelos sacerdotes. Também havia animais imundos, que eram usados para fazer certos trabalhos pesados, como o cavalo, a mula e o camelo, e não podiam ser oferecidos como sacrifícios, mas tinham valor como animais de trabalho pesado. Todos esses animais tinham valor e podiam ser oferecidos em votos; e alguns desses animais podiam ser resgatados. Os animais próprios para serem sacrificados eram considerados *santos,* ou seja, dedicados ao lugar santo, o santuário ou tabernáculo. Tais animais tinham de ser sacrificados.

Os animais maiores que eram sacrificados eram quadrúpedes, como o touro, o carneiro e o bode. Eram, por assim dizer, os "sacerdotes" do mundo animal, usados no culto divino. Ver as notas sobre os cinco animais que podiam ser sacrificados, em Lev.1.14-16. Também havia outros animais limpos, que podiam ser usados na alimentação humana, como o veado, o antílope, o gafanhoto. Mas nunca podiam ser usados nos sacrifícios. E também havia animais imundos, que não serviam para a alimentação humana, mas podiam ser usados como animais de trabalho. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Limpo e Imundo.* Logo, podia ser oferecida como voto uma grande variedade de animais.

Será santo. Os animais classificados como "santos" eram usados nos sacrifícios, mas não podiam ser resgatados, porquanto, uma vez dedicados, o voto não podia ser revertido. Necessariamente terminavam como sacrifícios oferecidos sobre o altar. E assim, ninguém dedicaria tais animais (o touro, o carneiro e o bode), a menos que se dispusesse a perdê-los.

27.10

Todo animal oferecido como *voto* tinha de ser sacrificado. Não eram permitidas substituições. Nem mesmo um animal inferior podia ser substituído por outro, superior. E caso houvesse substituição, *ambos* precisavam ser sacrificados. Assim, importava que um homem conhecesse bem a lei, a fim de não tomar votos apressados para depois tentar desfazê-los com atos ilegítimos. A troca podia envolver animais diferentes, como um carneiro por um novilho, ou um animal defeituoso podia ser substituído por outro, sem defeito. Mas em todos os casos, *ambos* os animais tinham de ser oferecidos.

Posteriormente, um homem pobre que tentasse trocar um animal por outro era castigado (ver Maimônides, *Hilchot Temurah,* cap. 1, sec. 1). E assim, em lugar de trocar um animal por outro, ele tanto perdia ambos quanto também era fisicamente punido.

27.11-13

Se for animal imundo. Esse caso era diferente. Um cavalo ou um camelo podiam ser dedicados ao santuário. Tais animais, porém, não podiam ser sacrificados; mas podiam ser postos a trabalhar em favor dos sacerdotes, ou podiam ser vendidos para que o dinheiro apurado revertesse em benefício do santuário. Nesse último caso, porém, havia uma multa de vinte por cento acima do dinheiro apurado (vs. 12). Essa multa era cobrada para evitar votos precipitados ou por puro exibicionismo. Ademais, não era recomendável votar algo a Yahweh, para depois pedi-lo de volta, mesmo nos casos em que isso era possível. Quem assim fizesse era castigado por sua falha.

Imundo. Algumas autoridades antigas incluíam nessa classe animais para sacrifício com algum defeito físico. Nesse caso, podiam ser remidos, mas não sem algum acréscimo ao seu valor. Um animal imundo não podia ser oferecido, mas os sacerdotes podiam vendê-lo e assim conseguir algum dinheiro para o tabernáculo, para sua manutenção.

Quem quisesse comprar o animal (excetuando-se o seu proprietário) teria de pagar o preço cobrado pelos sacerdotes. Mas se o seu *dono* quisesse redimi-lo, então teria de pagar uma multa de vinte por cento sobre seu valor.

27.14

No ano do jubileu o campo tornará. Casas existentes em cidades muradas podiam ser vendidas e compradas (ver Lev. 25.29 ss.), embora os campos pertencessem às famílias, não podendo passar definitivamente para outras mãos. Mas podiam ser arrendadas até o ano do jubileu (ver Lev. 25.28). Casas também podiam ser arrendadas. E assim, se em um momento de piedade um homem votasse doar uma casa ao santuário, tal propriedade podia ser vendida ou alugada pelos sacerdotes. De qualquer modo, o dinheiro entraria para um fundo coletivo para sustento do tabernáculo.

O sacerdote fazia o *orçamento* da casa. O proprietário da casa não podia estabelecer o seu preço.

27.15

Se um homem que tivesse doado uma casa mudasse de parecer, sem importar as razões que tivesse, podia redimi-la legalmente, mas com um acréscimo de vinte por cento, tal como no caso de um animal que tivesse sido doado para então ser redimido (vs. 13).

No tempo do segundo templo, o termo *casa* incluía tudo quanto estava ligado a ela, como o terreno, os móveis e as melhorias. O negócio era feito como um pacote. Nenhuma casa obtida por meio de fraude podia ser dedicada ao santuário. Se fosse descoberto que tinha havido fraude, a negociação toda seria anulada. Se alguém se equivocasse ao doar uma casa, então o negócio ficava anulado, mas era preciso provar que tinha havido um equívoco.

Maimônides informa-nos que casas existentes em aldeias também podiam ser vendidas (ver Lev. 25.31); mas elas estavam sujeitas às leis do ano do jubileu, pois eram tratadas como campos plantados. Ver *Hilchot Eracin,* cap. 5, sec. 3 e 4.

27.16

"A dedicação de terras da família era algo mais complicado, pois estava sujeita às leis do ano do jubileu (ver Lev. 25.23-28). O sistema de avaliação do preço de terras começava pelo custo da quantidade de semente para quarenta e nove anos; e, então, esse preço sofria uma redução de acordo com o número de anos de colheita que ainda restavam até o próximo ano do jubileu (ver Lev. 27.17,18). A redenção requeria o pagamento da avaliação e mais um quinto (vs. 19). Se tais terras não fossem remidas até o ano de jubileu, disso resultava a perda permanente delas, em favor dos sacerdotes (vss. 20 e 21)" (F. Duane Lindsey, in loc.)

Parte. Ninguém podia oferecer como voto todo o patrimônio de sua família sob a forma de terras. Mas qual proporção podia ser doada não é definida. Mas podemos supor que ao sacerdote coubesse tomar tal tipo de decisão.

Um ômer pleno de cevada. Essa medida equivalia a cerca de três litros. Algumas versões dizem aqui um "chomer". Mas isso é um equívoco, pois um chomer tinha cerca de trezentos litros.

Será avaliado. Nesse caso, o preço da terra não correspondia à sua produção até o ano de jubileu. Antes, seu preço era apenas o preço da semente necessária para quarenta e nove anos de plantio. Isso significa que o preço da terra era bastante baixo, e não seu verdadeiro valor. Assim, podia ser facilmente redimida antes do ano do jubileu, conforme se esperasse que acontecesse.

Siclos. O elevado custo da semente, *cinqüenta siclos,* equivalente ao trabalho de cinqüenta meses de um homem, servia de aviso contra votos precipitados que envolvessem terras.

A terra aqui envolvida (vs. 16) fazia parte do patrimônio de uma família. Após a entrada de Israel na Terra Prometida, o território foi dividido entre as famílias, embora pudesse ser arrendado ou mesmo dedicado ao santuário, conforme vemos aqui. Esse território era distinto de algum mero terreno que um homem pudesse comprar (vs. 22).

27.17

Se um homem dedicasse suas terras *logo* depois do ano do jubileu, então o valor incluiria todos os quarenta e nove anos, ou seja, o preço *total* da semente de cevada mencionado no vs. 16.

27.18

Se um homem dedicasse terras alguns anos depois do ano do jubileu, então o valor delas seria calculado de acordo com o número de anos que restava até o próximo ano de jubileu. Para exemplificar, digamos que trinta anos se tinham passado desde o último ano do jubileu. Nesse caso, teríamos uma fração de 20/50 restantes, até o próximo ano do jubileu. Nesse caso, o valor da terra seria de vinte siclos (vs. 16). O preço era calculado a um siclo por ano.

27.19

Dalgum modo o quiser resgatar. Nesse caso, o resgate requeria, além da proporção discutida no versículo anterior, a multa de uma quinta parte, ou seja, dez siclos. Contudo, não nos é informado se a multa incidia sobre os cinqüenta siclos ou se sobre a parte que restava, visto que vários anos se tinham passado. O Targum de Jerusalém apresenta um caso como aquele do vs. 17. Se um homem dedicasse suas terras, mas então *logo* em seguida quisesse remi-las, então teria de pagar cinqüenta siclos, e o acréscimo de dez siclos. Nesse caso, parece não haver nenhum problema de proporções, dependendo dos anos que já se tivessem escoado desde o último ano de jubileu. É de presumir-se, pois, que, se o homem não se envolvesse em um resgate imediato, então seriam aplicadas as regras ilustradas no versículo 18 deste capítulo.

Mas a maior parte dos intérpretes pensa que a multa era aplicada a qualquer resgate de terras, em qualquer ocasião. Talvez tal multa fosse proporcional. Mas visto que o texto sagrado não dá normas a respeito, parece melhor supor que dez siclos fixos fossem sempre adicionados ao preço. Ficando com a ilustração do vs. 18, um homem que tivesse dedicado suas terras trinta anos antes, ao redimi-las teria de pagar vinte siclos (pelos vinte anos restantes, até o ano de jubileu), e *mais* dez siclos, o que atingiria um resgate total de trinta siclos.

Nos tempos do segundo templo, as regras também eram aplicadas aos herdeiros de um homem, se este tivesse morrido durante o tempo escoado entre dois anos de jubileu.

27.20

Se o homem resolvesse redimir as terras, ou, então, se, ilegal e ardilosamente as vendesse a outrem, ocultando o fato de que já as havia dedicado ao santuário, então tais terras não podiam mais ser redimidas; automaticamente elas ficavam com os sacerdotes. No primeiro caso, o homem poderia ter agido de maneira piedosa; ele tinha dedicado as terras e tinha resolvido deixá-las para os sacerdotes. No segundo caso, ele se envolveu em algum tipo de negócio desonesto. De qualquer maneira, aquelas terras não mais podiam ser resgatadas. E visto que elas eram apenas "parte" do patrimônio total, a família do homem não teria recebido nenhum golpe sério. Ver as notas sobre o vs. 16 deste capítulo.

Alguns intérpretes também pensam que o *primeiro* caso envolveu um ato vil. Do homem *esperava-se* que remisse as terras. O preço era baixo, e isso tinha por propósito encorajar a redenção.

27.21

Mas o homem, não tendo remido o campo, permitira que este ficasse com os sacerdotes; e assim o campo se tornara *santo,* ou seja, para uso dos sacerdotes e para sustento do tabernáculo e seu culto. E assim permanecera um campo dedicado, por haver sido doado mediante um voto solene. Durante o período do segundo templo, havia um tesoureiro do templo, o qual era o administrador financeiro, incluindo coisas como as terras aqui mencionadas. Parece que o homem até poderia adquirir tais terras; e, se ele resolvesse assim fazer, o proprietário anterior não podia recebê-las de volta, chegado o ano de jubileu. E se isso nos

soa injusto, parece que essa era a prática corrente. Mas se *isso* chegasse a acontecer, então os sacerdotes tinham de pagar uma indenização, de acordo com o valor dessas terras. Tais terras passavam a ser uma propriedade coletiva, e não individual. Assim estipula a Mishnah, *Bartenora,* sec. 3.

27.22

Um homem podia comprar um campo que não pertencesse ao patrimônio de sua família. E ele também podia devotar esse campo ao tabernáculo. Tais terras, pois, chegariam a pertencer a alguma família, mas no ano do jubileu voltaria a ser da família proprietária, embora fosse vendida, nesse entretempo, por alguém que não era membro da família. Ver Lev. 25.25-28. Nesse caso, as regras eram diferentes *no tocante ao valor* das terras, o que nos e dito nas notas sobre o vs. 23.

27.23,24

O campo, descrito no vs. 22 deste capítulo, não teria o valor dos cinqüenta siclos, conforme lemos no vs. 16. Antes, um sacerdote podia valorizá-lo levando em conta o valor das colheitas que o tal campo haveria de produzir até o ano do jubileu. Esse preceito é idêntico ao de Lev. 25.25-28. Essa era a lei regular acerca de terras, e aplicava-se aos casos de terras que caíssem nas mãos de alguém que não fosse membro da família originalmente proprietária, então passasse para o santuário, em virtude de algum voto, e, finalmente, fossem devolvidas ao seu proprietário original, no ano do jubileu. Eram terras *santas* (para uso dos sacerdotes) até o ano de jubileu, quando então voltavam a ser terras comuns, ou seja, parte do patrimônio de alguma família. Tais terras não voltavam ao comprador intermediário, e, sim, ao seu proprietário original. Assim determinava a Mishnah, *Hilchot Eracin,* cap. 4, sec. 26.

27.25

O autor sacro define aqui o *siclo do santuário.* Nos tempos antigos, esse siclo valia o equivalente a cerca de um mês de trabalho de um homem comum. Isso é o cálculo mais próximo que nos é possível. O chamado *siclo santo* valia mais do que isso nos dias do império babilônico. Tinha o peso de vinte *geras.* Esse era um peso babilônico posterior, pelo que este versículo tenta fornecer-nos um valor comparativo com os valores posteriores. Ver as notas sobre Êxo. 30.13, quanto ao que se sabe acerca desses pesos. A declaração sobre *gera* é um anacronismo, a menos que este versículo tenha entrado no texto sagrado por via de um comentário editorial. Esse siclo sagrado era o peso padrão em comparação com o qual todos os pesos do tabernáculo precisavam ser aferidos. ". . .o padrão conservado no santuário para tentar regulamentar todos os pesos na terra de Israel" (Adam Clarke, *in loc.*)

27.26

Era impossível santificar ou doar ao tabernáculo, mediante voto, o *primogênito* de um animal a ser sacrificado, visto que já pertencia a Yahweh. Ver os *cinco animais* que podiam ser sacrificados, que incluíam os três quadrúpedes volumosos, o touro, o carneiro e o bode, em Lev. 1.14-16. Os *primogênitos* desses animais pertenciam, automaticamente a Yahweh, mas os animais posteriormente nascidos podiam ser dedicados ao tabernáculo, conforme já vimos nas notas dos vss. 9 ss. Ver Êxo. 13.2 quanto à lei acerca dos primogênitos.

O escritor sagrado nos forneceu *quatro* classes de coisas que podiam ser dedicadas ao tabernáculo por meio de votos, e que então podiam ser remidas mediante o pagamento de uma certa soma em dinheiro, a saber: (1) pessoas (vss. 2-8); (2) animais (vss. 9-13); (3) casas (vss. 14-15) e (4) terras (vss. 16-25).

Em seguida, ele mencionou *duas* coisas que não podiam ser santificadas (doadas mediante voto) ao culto, a saber: (1) os primogênitos de animais a serem sacrificados, que já pertencessem a Yahweh, mediante uma lei distinta (vs. 26); e (2) coisas devotadas (vss. 28 e 29). Ver as notas sobre esses versículos.

27.27

Os animais primogênitos de animais imundos podiam ser dedicados ao serviço do tabernáculo ou para uso por parte dos sacerdotes, porque não eram animais próprios para servir de sacrifício, pelo que já não eram automaticamente santificados para o culto divino. E também podiam ser remidos. Já pudemos ver as regras sobre isso nos vss. 11-13, cujas anotações também se aplicam aqui. Essas mesmas regras se aplicavam aos primogênitos dos animais imundos, considerados uma classe geral, pelo que nenhuma distinção é feita, em contraste com animais limpos, que eram usados nos sacrifícios. A lei que temos aqui é diferente daquela que figura em Êxo. 13.13 e 34.20. É provável que se derive de alguma fonte diferente, ou venha de algum período histórico diferente.

Nos dias do segundo templo, essa contradição era resolvida aplicando-se a lei deste versículo apenas à tarefa específica de fazer reparos no tabernáculo. Mediante esse *truque,* as duas leis foram separadas uma da outra. Escreveu John Gill, in loc.: "Não devemos entender aqui estarem em foco os primogênitos de animais imundos, que deveriam ser redimidos com um carneiro, e não a dinheiro (conforme diz o texto de Êxodo). . . mas somente os que fossem santificados ou dedicados para reparos feitos no santuário".

27.28

Os eruditos lutam com o sentido deste e do versículo seguinte. Podemos solucionar parte do problema se traduzirmos aqui, em lugar de "consagrada", *banida.* Nenhuma coisa banida podia ser redimida. Assim, diferente dos casos anteriores das quatro coisas que podiam ser votadas e então remidas, as coisas banidas não podiam ser remidas. "As coisas assim devotadas eram 'santíssimas', no sentido não-ético de serem *vedadas* a todo uso humano" (Nathaniel Micklem, *in loc.*). O termo hebraico correspondente é *cherim,* algo assim devotado tornava-se absolutamente incapaz de ser redimido. Um homem exercia direitos absolutos sobre sua família, seus escravos e suas propriedades. E podia consagrar qualquer dessas coisas ao serviço do tabernáculo. "Todas as coisas dedicadas, sob interdição, tornavam-se propriedades dos sacerdotes. Ver o vs. 17 e Núm. 18.14; Eze. 44.29" (Ellicott, *in loc.*).

O vs. 28, pois, apresenta um tipo diverso de voto, em relação ao que aparece neste capítulo. Um homem amaldiçoava uma coisa ou pessoa que se tentasse libertar da santificação ou voto em questão. Tal tipo de voto, pois, era absoluto e irrevogável. Em Israel, os homens exerciam uma *autoridade despótica* sobre suas propriedades, incluindo seus familiares e escravos (*Bartenora,* sec. 5). Ver as notas em Lev. 2.3 quanto a coisas *santas* e *santíssimas.* As coisas santíssimas eram de uso *exclusivo* dos sacerdotes, fossem elas alimentos, outros objetos ou pessoas.

27.29

Este versículo tem ocasionado alguma dificuldade de interpretação. Várias idéias a respeito têm sido sugeridas:

1. Alguns dizem que o versículo apenas reflete um tempo quando os *sacrifícios humanos* ainda eram aceitáveis como um rito religioso, o que, mais tarde, foi modificado. Nesse caso, a morte da pessoa devotada era exatamente isso, um assassinato, tal como os animais dos sacrifícios terminavam mortos sobre o altar. Jefté envolveu-se em um ato dessa natureza. Ver Juí. 11.30.
2. Outros aceitam o versículo em um sentido *metafórico:* a pessoa que sofresse o interdito ou dedicação absoluta para o tabernáculo e seu culto ficava *morta para a comunidade* onde ela vivesse. Ficava absolutamente removida daquela comunidade mediante a sua "morte" para ela, e ficava absolutamente dedicada em sua nova vida de serviço no tabernáculo.
3. Ainda outros dizem que a morte aqui mencionada é *literal,* mas imposta somente contra os *criminosos notórios, idólatras* etc. Nesse caso, o interdito servia, na verdade, de uma ordem de *execução.* Essa era a interpretação comum durante o tempo do segundo templo; e era o Sinédrio (ver a respeito no *Dicionário*) que pronunciava o banimento temido e fatal, como se fosse uma espécie de sacrifício negativo oferecido a Yahweh. Cf. I Samuel 15, que pode ser usado para ilustrar o tipo de coisas que pode estar aqui em pauta. Ver também o trecho de Êxodo 22.19, que se aplica à bestialidade.
4. No contexto de Israel, antes do segundo templo, a matança dos *inimigos* de Israel, todos os quais eram idólatras, fica entendida como algo permitido pelos ditames deste versículo. Assim, Jericó foi destruída (ver Jos. 6.17), como também os amalequitas (ver Deu. 25.19 e I Sam. 15.3). Nisso achamos uma forma de justificação divina para as *guerras santas* e para as matanças de povos idólatras e pecaminosos. Isso sempre fez parte da história e da prática de Israel, sem importar se gostamos ou não. Versículos como o de Lev. 27.29 eram usados como textos de prova de quão apropriadamente ético eram aqueles atos de violência.

Sacrifícios humanos eram proibidos em passagens como Deu. 12.30,31; Sal. 106.37,38; Jer. 7.31 e Eze. 16.20,21. Aqueles que argumentam em favor da primeira dessas interpretações, dadas acima, dizem que esses versículos refletem uma legislação posterior. Ver no *Dicionário* o artigo intitulado *Sacrifício Humano.*

27.30,31

Estes dois versículos abordam a questão dos dízimos. Cf. Mal. 3.8-10. "As dízimas das *terras* podiam ser resgatadas mediante os cento e vinte por cento padronizados; mas as dízimas sobre animais não podiam ser remidas" (F. Duane Lindsey, *in loc.*)

O vs. 30 deve ser contrastado com o vs. 32. O vs. 30 trata com o que medrava no solo, a produção agrícola. Os dízimos, tais como os primogênitos dos animais a serem sacrificados (vs. 26), já pertenciam a Yahweh, por meio de uma legislação distinta. Assim, precisavam ser entregues automaticamente, pelo que não podiam ser *devotados.* Mas os dízimos sobre terras podiam ser remidos, embora não os dízimos sobre animais. Tudo podia ser dizimado, como produtos agrícolas, animais, despojos de guerra etc. Havia *três tipos* de dízimos que eram cobrados: (1) Dízimos para o sacerdócio. Desse dízimo era tirado um dízimo para o sumo sacerdote. Era uma espécie de dízimo dos dízimos. (2)

Dízimos para as festividades religiosas. (3) Dízimos para os pobres. Isso ocorria a cada três anos, e eram os únicos dez por cento adicionais. Quanto a uma completa discussão sobre essa questão, ver no *Dicionário* o artigo intitulado *Dízimo.*

Um homem que quisesse obter de volta os produtos agrícolas, ou vinho, azeite etc., podia pagar por isso, pagando cento e vinte por cento de seu valor. Mas a mesma regra não se aplicava no caso de animais (vss. 32-35). Nos dias do segundo templo, um homem podia redimir os dízimos de *outra* pessoa, pagando apenas cem por cento de seu valor.

Desde o começo, um homem podia pagar cento e vinte por cento e assim não ter de entregar os produtos que normalmente pertenciam aos sacerdotes. Dinheiro podia ser pago com essa finalidade. E assim um homem podia reter consigo os seus produtos agrícolas. Mas se o fizesse, tinha de pagar uma multa de vinte por cento do valor.

27.32

Tudo o que passar debaixo da vara do pastor. Os animais de criação eram enumerados fazendo-os passar sob a vara do pastor ou de quem cuidasse dos rebanhos. Assim, este versículo aplica-se aos dízimos sobre animais. Uma décima parte dos animais limpos era separada para o culto do tabernáculo, para sustento dos sacerdotes. Só se podia dizimar sobre animais limpos (conforme esclareceu Maimônides, *Hilchot Becorot,* cap. 6, sec. 1). Ele mencionou especificamente os camelros e os novilhos. Algumas vezes, o ato de separar os animais se fazia forçando os animais a passar por uma porta. Cada décimo animal era então separado. Ver Jer. 33.13 quanto ao uso da vara de um pastor. Ver o uso metafórico da expressão, em Eze. 20.37.

27.33

Quando os animais eram separados, não se fazia nenhum esforço para selecionar os bons dos defeituosos, ou os imaculados dos maculados. Mas somente animais fisicamente perfeitos podiam ser eventualmente usados nos sacrifícios. Quanto a essa lei, examinar Lev. 22.20.

Nem o trocará. Não eram permitidas trocas. Um homem não podia dirigir-se a um sacerdote e tentar trocar um animal que tivesse dado por outro, diferente. Ver as notas sobre isso no vs. 10 deste capítulo. Se um homem tentasse fazer uma troca de animais, então como pena, ele perdia tanto o animal que trouxera para trocar pelo outro, como o primeiro animal. Em conseqüência disso, ele perdia *ambos* os animais.

Não serão resgatados. Os dízimos sobre os animais pertenciam ao Senhor e não estavam sujeitos a redenção. Não pertenciam a nenhum homem. Assim, *em contraste* com os produtos agrícolas, os quais podiam ser remidos (vss. 30,31), os animais não estavam sujeitos a redenção. Aquilo que pertencia a Yahweh era chamado "santo", porque só podia ser usado pelos sacerdotes, representantes Dele.

27.34

Este versículo é um sumário que nos fornece uma minúscula conclusão ao livro de Levítico, o que é típico desse livro. Fornece-nos os fatos básicos: Yahweh falou; Moisés foi o mediador; isso aconteceu no monte Sinai; os israelitas receberam a mensagem divina. Cf. Lev. 26.46 que diz virtualmente a mesma coisa. Ver as notas ali. Essa conclusão é a melhor conclusão espiritual, vindo depois das bênçãos e das maldições que caberiam aos obedientes e aos desobedientes, respectivamente.

"As leis. . . impunham um jugo pesado (ver Atos 15.10). No entanto, no período de infância da Igreja, a lei servia de *aio,* para conduzir-nos a Cristo (ver Gálatas 3.24,25)" (Jamieson, in loc.)